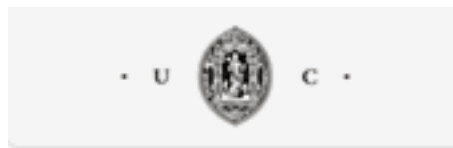


Faculdade de Letras



Universidade de Coimbra

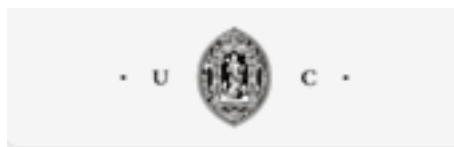
Egas Moniz: Representação, Saber e Poder

Manuel da Encarnação Simões Correia

2010

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

Faculdade de Letras



Universidade de Coimbra

Egas Moniz: Representação, Saber e Poder

Manuel da Encarnação Simões Correia

Tese de Doutoramento em História da Cultura apresentada à Faculdade de Letras da
Universidade de Coimbra sob a orientação da Professora Doutora Ana Leonor Pereira e
do Professor Doutor João Rui Pita

Resumo

A singularidade de um cientista de um país semi-periférico como Portugal, ter conseguido, em 1949, a maior distinção científica do Século XX – o Prémio Nobel – tem suscitado a questão de saber que diferenças no seu trajecto, no alcance dos resultados das suas investigações científicas, e nas condições em que viveu, explicam um tão elevado grau de reconhecimento de que foi objecto, em contraste com outros cientistas portugueses, ao longo do século passado.

Sem embargo da profusa e interessante bibliografia disponível, designadamente resultante da investigação encetada pelo Grupo de História e Sociologia da Ciência do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra – CEIS20, no âmbito do qual desenvolvemos o presente trabalho, foram identificados, nesse acervo bibliográfico, três tipos de fragilidades relativamente aos quais importava aprofundar a investigação, de modo a produzir um conhecimento mais satisfatório.

Em primeiro lugar, as circunstâncias em que Egas Moniz foi nomeado para o Prémio Nobel, referidas vaga e incompletamente na literatura disponível; em segundo lugar, o evitamento generalizado das polémicas que acompanharam as descobertas científicas de Egas Moniz, o seu papel estimulante para o entendimento dos problemas que elas se propunham resolver; em terceiro lugar, a mitificação da figura, por via de um enviesamento biográfico que omitia ou referia mitigadamente aspectos centrais das suas práticas sociais, culturais e políticas.

A investigação levada a cabo nos arquivos da fundação Nobel revelou um conjunto de documentos inéditos que veio acrescentar informação indispensável para a compreensão do processo de avaliação e recompensa científica que dominou o século XX. Foi, de facto, o Prémio Nobel que promoveu e consolidou internacionalmente a figura de Egas Moniz. É um

aspecto central para a história e sociologia da ciência, quer na óptica da representação de Egas Moniz, quer na perspectiva do estudo dos dispositivos de avaliação e recompensa científica do século XX. Por isso, as sucessivas nomeações de Egas Moniz para o prémio Nobel, as razões invocadas da parte dos seus pares para o nomearem, em contraposição às apreciações e comentários dos avaliadores do Comité Nobel, fornecem uma boa base para a compreensão das práticas e dos valores associados à cultura dos cientistas.

À luz da nova documentação revelada fica patente um conjunto de limitações derivado de adaptações discutíveis do legado de Alfred Nobel e de normas de organização institucional que impedem o escrutínio tempestivo dos actos do comité Nobel. Como se pode depreender a partir da análise do *dossier* de Egas Moniz, a espécie de moratória de 50 anos que impede a divulgação dos fundamentos para aceitação ou recusa de cientistas nomeados, a margem de arbitrariedade, decisões injustificadas e métodos duvidosos, afectam as deliberações do Comité Nobel.

Assim, ao longo do nosso trabalho, pretendemos Primeiro, desmontar parte do intricado processo de nobelização; Segundo, contestar a ideia difusa de que o alcance e o investimento de Egas Moniz na sua carreira política foram despiciendos e, Terceiro, propor a recomposição do perfil biográfico de Moniz, agregando-lhe os aspectos que lhe conferem maior densidade social, cultural e histórica, sublinhando os principais pontos de contacto entre o indivíduo e a sua época, que o mesmo é dizer, entre o ser individual e as instituições; Moniz nas suas *figurações*, nos termos caros a Norbert Elias, ou, ainda, de acordo com Wright Mills, nos *pontos de intersecção entre estrutura social e biografia*.

Egas Moniz surge, pois, no texto que aqui submetemos, como um conjunto de representações – construídas, pensadas e dadas a ler – que registámos sob as denominações categoriais de *fragmentação identitária*

(persistência de biografias lacunares) e de *poder biográfico* (condicionamento deliberado das versões biográficas).

A nossa proposta consiste na valorização de uma série culturalmente relevante de elementos biográficos (ou biografemas) e da sua integração na narrativa acerca de Egas Moniz com vista ao que chamamos uma historiografia inclusiva.

Abstract

Egas Moniz: Representation, Knowledge and Power

From a semiperipheral country as Portugal, the scientist's singularity of attaining, in 1949, the greatest scientific award of the 20th century – the Nobel Prize – has raised the issue of what sort of differences can be found in his path, in the reach of the results of his scientific work and in his life conditions could explain a such a high degree of recognition, when contrasted to other Portuguese scientists all the century along.

In spite of the large, weighty and interesting available bibliography, including the Group of History and Science of the *Interdisciplinary Centre of Studies of the 20th Century* - CEIS20 published research, and under the scope of which we developed the present work, we have noticed three kinds of weaknesses to be deeply addressable and aiming to a more satisfying knowledge.

Firstly, the circumstances surrounding the nominations of Egas Moniz to the Nobel Prize have been referred to the literature in a loose and incomplete way;

Secondly, the generalised avoidance of polemics associated to the scientific discoveries Egas Moniz undertook, as well as of its stimulating role in the grasping of the problems these discoveries should be able to overcome;

And thirdly, the mythmaking of Egas Moniz through a biographical bias omitting or barely referring to some central features of his social, cultural and political practices.

The research undertaken in the Nobel Archives displayed a set of inedited documents containing vital information shading light on the process of evaluation and scientific rewarding that dominated the 20th century. It has been, in fact, the Nobel Prize that international consolidator of Egas Moniz's the image. This is a central aspect to the history and sociology of science, under the optic of Egas Moniz's representation, or under the perspective of the studies about scientific evaluation and rewarding devices during the 20th century. That is why the series of Egas Moniz nominations for the Nobel Prize and the reasons their peers invoked to nominate him must be confronted with the comments and appreciations signed by the Nobel Committee evaluators provide a good basis for the understanding of values and practices associated to the scientists's culture.

Under the uncovering of the new revealed documentation it is a set of limitations become apparent. All of which derive from unclear adaptations of the Nobel's will and of institutional and organizational norms do not allowing an in time verification of the Nobel Committee acts. As well as one can guess in analyzing Egas Moniz *dossier*, the delay of 50 years impeding the public revelation of the founding for acceptance or refusal of nominated scientists, the arbitrary margin, the unjustified decisions and doubtful methods, all in all, have affected the Committee Nobel deliberations.

Thus, we are aimed along our present work to 1st unmount (decompose) the intricate process of nobelization; 2nd pledge against the loose idea about the feeble political reach and engagement of Egas Moniz career; 3rd propose a redoing (recomposition) of the biographical profile in adding to it some features entailing a greater social, cultural and historic deep, underlying the main contact points between the individual and his epoch or to put it in another way, between the individual and the institutions; Moniz on his *figurations*, in the terms of Norbert Elias, or in the words of Wright Mills, in the intersection points between social structure and biography.

Egas Moniz appears in ours present text as a set of representations – built, thought and given to be read – which we registered under the categorical denominations of *identity fragmentation* (referring to the persistence of lacunar biographies) and *biographical power* (deliberated conditioning of biographical versions) .

Our proposal is based on the valorization of a culturally relevant series of biographic topics (what we call biographemes) and on their integration in the narrative about Egas Moniz, aimed to what we call an inclusive historiography.

ÍNDICE GERAL

| | |
|---|----|
| Prefácio | 13 |
| 1. Introdução..... | 21 |
| 1.1 A relevância do tema..... | 24 |
| 1.2 – Fragmentação identitária | 29 |
| 1.3 – O Poder Biográfico | 33 |
| 1.4 Egas Moniz em livre exame | 35 |
| 1.5 Os acervos documentais | 38 |
| 1.6 Prémio Nobel à 5ª nomeação | 43 |
| 1.7 Para uma historiografia inclusiva..... | 44 |
| 1.8 Tomando o sujeito à história | 49 |
| 2. No princípio, era o nome | 54 |
| 2.1. Arquitectura da identidade | 55 |
| 2.2 Poder baptismal..... | 56 |
| 2.3 No colégio dos jesuítas..... | 60 |
| 2.4 Presidente da Tuna | 65 |
| 2.5 O Partido Progressista e a Vida Sexual | 67 |
| 2.6 A Casa do Marinheiro e o <i>Ex-Libris</i> | 68 |
| 2.7 Os seguros de vida e a Nestlé..... | 71 |
| 2.8 O político e o cientista | 72 |
| 2.8.1 Sombra por omissão | 73 |
| 2.8.2 Sombra por glorificação..... | 75 |
| 2.8.3 ...e a luz da crítica | 76 |
| 2.9 Dois enigmas..... | 77 |

| | | |
|------|--|-----|
| 2.10 | Regresso à Política, em força..... | 89 |
| 2.11 | Equilíbrios táticos | 99 |
| 2.12 | Superação de obstáculos | 101 |
| 2.13 | Místico da objectividade | 102 |
| 2.14 | As psicoses sociais | 104 |
| 2.15 | Organicismo e corporativismo | 111 |
| 2.16 | As doutrinas de Exeter | 115 |
| 2.17 | O mundo na cabeça..... | 123 |
| 2.18 | ...Ou a cabeça no mundo | 126 |
| 3. | O Prémio Nobel..... | 127 |
| 3.1 | Memórias | 129 |
| 3.2 | O cérebro à vista | 132 |
| 3.3 | Nobelizados: elite das elites..... | 135 |
| 3.4 | Primeiros passos (1928-1933)..... | 136 |
| 3.5 | Segundo passo: emergência da <i>psicocirurgia</i> | 145 |
| 3.6 | Terceiro passo (1937): A leucotomia pré-frontal | 147 |
| 3.7 | Quarto passo (1944): O discípulo nomeia o mestre | 153 |
| 3.8 | Quinto passo (1949): O Prémio | 162 |
| 3.9 | Depois do Prémio. Mudar o passado?..... | 174 |
| 3.10 | Alguns estudos desfavoráveis | 177 |
| 3.11 | A ideia de desnobelização em campanhas | 184 |
| 3.12 | A Fundação responde..... | 189 |
| 3.13 | O “enigma periférico” e o alçapão chauvinista | 192 |
| 3.14 | O leito de Procusto..... | 194 |
| 3.15 | Direito à memória | 197 |
| 3.16 | Versões complementares | 199 |
| 4. | Ilusão biográfica e ideal historiográfico:a construção de Egas Moniz | 203 |
| 4.1. | Construção biográfica: Ilusão e poder | 204 |
| 4.2. | O político na sombra do cientista..... | 207 |
| 4.3. | Duelos e Maçonaria: <i>noblesse oblige</i> | 210 |
| 4.4. | Vida empresarial. A indesejabilidade de um perfil. | 212 |
| 4.5. | A afinidade com Ramón y Cajal | 215 |
| 4.6. | Os <i>biografemas</i> que ficaram | 220 |
| 4.7 | Um exemplo do exercício do poder biográfico | 223 |
| 4.8. | O Abade Faria: hipnotismo, ciência, psiquiatria e poder | 228 |

| | |
|---|-----|
| 4.9. Júlio Dinis: um precursor da psicanálise? | 233 |
| 4.10. Camilo Castelo Branco: um título abusado..... | 240 |
| 4.11 O Poder (auto) Biográfico | 244 |
| 5. Devolvendo o sujeito à história | 249 |
| 5.1 Biografia, Autobiografia e historiografia | 249 |
| 5.2 Fragmentação narrativa e comunidades de sentido | 253 |
| 5.2.1 Um aspecto de entre os demais | 254 |
| 5.2.2 Comunidade de sentido..... | 255 |
| 5.2.3 Fragmentação identitária..... | 255 |
| 5.3 Celebração e silêncio | 257 |
| 5.4 Herói nacional, figura omissa e ferida narcísica | 262 |
| 5.5 Cultura científica..... | 267 |
| 5.5.1 Separação de funções e de poderes | 268 |
| 5.5.2 Gestão da imagem: tempestividade e primazia | 271 |
| 5.5.3 A Vida Sexual..... | 272 |
| 5.5.4 Eugénismo, filosofia e política (bom para o paciente; mau para a espécie?)..... | 276 |
| 5.5.5 Entre cientismo e intuições espantosas | 280 |
| 5.5.6 Os pintores da loucura | 282 |
| 5.5.7 Discussões surdas (Cajal, Babinski, Sobral Cid e Sigmund Freud)..... | 287 |
| 5.6 O défice teórico..... | 292 |
| 5.7 O défice ético | 297 |
| 5.8 O alheamento de Walter Hess | 298 |
| 5.9 A imprecisão histórica e a pressão mitificadora..... | 300 |
| 6. Conclusões | 304 |
| 6.1 Do défice de protagonismo político ao político na sombra do cientista..... | 305 |
| 6.2 Do heroísmo científico às cinco nomeações para Prémio Nobel. | 312 |
| 6.3 Dos enigmas monizianos ao exercício do Poder Biográfico | 317 |
| | |
| FONTES E BIBLIOGRAFIA | 322 |
| Fontes Manuscritas | 325 |
| Fontes Impressas Periódicas | 326 |
| Outras Fontes | 357 |
| Bibliografia de Egas Moniz | 360 |
| 1. OBRAS CIENTÍFICAS (VOLUMES PUBLICADOS)..... | 360 |

| | |
|---|-----|
| 2. MEMÓRIAS E TRABALHOS CIENTÍFICOS | 362 |
| 3. ENSAIOS POLÍTICOS E OUTROS..... | 382 |
| Bibliografia acerca de Egas Moniz | 386 |
| Bibliografia Geral | 400 |

Índice de Figuras

| | |
|--|-----|
| Fig. 1 - António Caetano de Abreu Freire Egas Moniz | 14 |
| Fig. 2 - Manuscrito de Egas Moniz (fac simile) | 18 |
| Fig. 3 - Mesa em madeira utilizada para as provas da Angiografia Cerebral. Hospital de Santa Marta. | 22 |
| Fig. 4 - Mesa em madeira utilizada para as provas da Angiografia Cerebral. (Pormenor da Figura Nº 3). Hospital de Santa Marta..... | 23 |
| Fig. 5 - Notícia da eleição de Egas Moniz para lente de Escola Médica de Lisboa | 32 |
| Fig. 6 - Egas Moniz aos 19 anos, em Coimbra | 34 |
| Fig. 7 - Monumento a Egas Moniz. Entrada principal do Hospital Infante D. Pedro em Aveiro..... | 36 |
| Fig. 8 - Caricatura de Egas Moniz publicitada pelos Laboratórios Urol. | 42 |
| Fig. 9 - O Boletim da CP assinala a atribuição do Prémio Nobel ao seu médico especialista Egas Moniz. | 44 |
| Fig. 10 - Registo do Serviço de Pessoal da CP. Egas Moniz, Médico Especialista. | 53 |
| Fig. 11 - Convento de São Fiel..... | 62 |
| Fig. 12 - A Tuna Académica da Universidade de Coimbra..... | 65 |
| Fig. 13 - Pormenor da fotografia anterior..... | 66 |
| Fig. 14 - Capa da 2ª edição de A Vida Sexual, Physiologia. | 68 |
| Fig. 15 - Ex libris de Egas Moniz..... | 69 |
| Fig. 16 - Alçado frontal da Casa Museu Egas Moniz em Avanca..... | 70 |
| Fig. 17 - Notícia de Conferência política de Egas Moniz, a poucos dias do golpe de Estado de Sidónio Pais..... | 73 |
| Fig. 18 - Notícia da morte de Egas Moniz..... | 129 |
| Fig. 19 - Selo alusivo à Angiografia Cerebral, comemorativo do 1º Centenário do Nascimento de Egas Moniz. | 133 |
| Fig. 20- 1ª página do Diário de Notícias de 9 de Julho de 1927..... | 163 |
| Fig. 21 - Notícia da expectativa acerca da atribuição do Prémio a Egas Moniz. (Quadrante inferior esquerdo.)..... | 173 |

| | |
|--|-----|
| Fig. 22 - Capa da obra em que Egas Moniz faz a recensão das críticas ao método leucotómico. | 177 |
| Fig. 23 - Estátua de Egas Moniz. Faculdade de Medicina de Lisboa. | 205 |
| Fig. 24 - Capa da 1ª edição de Júlio Dinis e a sua obra, num só volume. | 238 |

Índice de Gráficos

| | |
|---|-----|
| Gráfico 1 - Produção Científica de Egas Moniz | 161 |
| Gráfico 2 - Avaliação dos resultados 6 meses após a operação..... | 181 |
| Gráfico 3 - Evolução do estado de saúde dos leucotomizados. | 181 |
| Gráfico 4 - Marcos da Carreira Científica de Egas Moniz | 314 |

Índice de Tabelas

| | |
|--|-----|
| Tabela 1- Catamnese de Nunes da Costa..... | 180 |
|--|-----|

Prefácio

A singularidade de um cientista de um país semi-periférico como Portugal, ter alcançado, em 1949, a maior distinção científica do Século XX – o Prémio Nobel – tem suscitado a questão de saber que diferenças no seu trajecto, no alcance dos resultados das suas investigações científicas, e nas condições em que viveu, explicam um tão elevado grau de reconhecimento de que foi objecto, em contraste com os outros cientistas portugueses ao longo do século passado.

Tal singularidade foi já objecto de uma vasta produção literária, e de bom número de estudos e investigações.

A nossa abordagem tira, evidentemente, partido do acervo bibliográfico existente, propondo-se contribuir para a fileira de que se ocupa o Grupo de História e Sociologia da Ciência do CEIS20¹, coordenado pela Prof^a. Ana Leonor Pereira e pelo Prof. João Rui Pita, que são, em simultâneo, orientadores deste nosso trabalho de doutoramento.

¹ Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra – CEIS20.

De facto, este grupo de investigação produziu alguns dos estudos mais significativos acerca de Egas Moniz e do respectivo contexto cultural, político e científico. *Egas Moniz em Livre Exame*² e *Retrato de Egas Moniz*³ são dois expoentes bibliográficos de um denso e continuado trabalho de investigação e sistematização de fontes, nos domínios da saúde, farmácia, política e publicidade, cujas conclusões foram distribuídas por um elevado número de livros, teses, artigos, nótulas e entradas em dicionários e enciclopédias.



Fig. 1 - António Caetano de Abreu Freire Egas Moniz

A contribuição que demos, na linha do trabalho desenvolvido pelo grupo, orientou-se para a reelaboração da narrativa acerca de Egas Moniz, desembaraçando-a, em primeiro lugar, do peso repetitivo do ritual celebracionista; em segundo lugar, descontando os exclusivismos e

² PEREIRA, Ana Leonor e PITA, João Rui, (Org.), *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, Minerva, 2000.

³ PEREIRA, Ana Leonor, PITA, João Rui e RODRIGUES, Rosa Maria, *Retrato de Egas Moniz*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1999.

fragmentações identitárias a que deram lugar apropriações grupais; e, em terceiro lugar, recusando as simplificações forçadas do emparcelamento biográfico a que foi sujeito e de que continuou sendo objecto.

Desenvolvemos a nossa investigação verificando em que medida o grau de complexidade patenteado pelas fontes primárias e secundárias era consistente com as versões correntes, e se as historiografias que trataram o tema apresentavam lacunas ou distorções notáveis.

Para tal, consultámos directamente o arquivo da Fundação Nobel, no Karolinska Institutet (Estocolmo), o processo existente na Academia de Ciências de Lisboa e no Centro de Estudos Egas Moniz, estabelecendo uma nova versão acerca da cronologia e atribuições das cinco nomeações de Egas Moniz para o Prémio Nobel da Medicina ou Fisiologia, incluindo as cartas dos nomeadores e os pareceres dos avaliadores do Comité Nobel. Esta documentação inédita, conjugada com informação proveniente de outras fontes, revela o particular empenho de Moniz em ganhar o Prémio Nobel, e a adversidade dos obstáculos que teve de superar para consegui-lo.

O facto de o Prémio lhe ter sido atribuído na base do valor terapêutico da leucotomia em certas psicoses, avivou a controvérsia que vinha de trás, acerca dos fundamentos teóricos e da eficácia terapêutica desta neurocirurgia.

O registo das principais linhas de argumentação, pró e contra, deixa entrever um dispositivo destinado ao evitamento das polémicas, preservando a figura do nobelizado contra a erosão consequente. O ritual celebracionista aliado à norma secreta da Fundação Nobel, que impede o acesso aos processos de nomeação nos 50 anos subsequentes, e mantém ocultos os dados necessários à compreensão do que realmente esteve em causa, é um dos constituintes principais desse dispositivo. Por tudo isto, a nova versão que oferecemos está mais actualizada, é mais inclusiva (considera dados antes desconhecidos) e chama a atenção para aspectos da

cultura científica que levantaram e continuam a levantar problemas à História e Sociologia da Ciência, e à História da Medicina.

De entre esses problemas, avulta a (quase inexistente entre nós) história da *psicocirurgia* (neurocirurgia funcional ou psiquiátrica), conceito que englobava a Leucotomia Pré-frontal, cunhado pelo próprio Moniz. Dados recolhidos recentemente sugerem que a prática da leucotomia em Portugal não foi ainda satisfatoriamente avaliada nem recenseada.

Aquilo a que chamamos “apropriação grupal” (ou fragmentação identitária), descreve os discursos emanados de instituições e grupos que tendem a avivar determinados traços da figura pública em que Egas Moniz se converteu, reforçando as semelhanças que lhe encontram, em detrimento de outros traços que acusam pronunciadas diferenças.

Assim, alguns sectores da oposição democrática ao regime do Estado Novo, representam Moniz como um homem também de oposição; os neurologistas veneram-no como “pai fundador” (o primeiro Catedrático da Especialidade na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa); os psicanalistas portugueses, puxam pelo pioneiro da psicanálise que Moniz também foi; muitos católicos prezaram e prezam o diplomata sidonista que deu um impulso decisivo no reatamento das relações do Estado Português com a Santa Sé após a ruptura republicana; e os maçons do GOL (Grande Oriente Lusitano) consideram-no eternamente um dos seus.

Os discursos correspondentes põem em destaque um desses papeis ou “homens” que Moniz foi, ignorando ou minimizando os restantes. Daqui resulta uma espécie de “culto da personalidade” fragmentador do conhecimento acerca do sujeito e das suas circunstâncias, que evidencia pontos de vista aparentemente díspares, quando tudo indica tratar-se de versões complementares – circunstancialmente separadas – de um mesmo actor histórico.

Esses diferentes “Monizes” que cada qual reivindica para o seu grupo, para a sua instituição, são um só, e a integração consequente acrescenta maior conhecimento acerca do homem e da época, humanizando-os.

O título da tese – *Egas Moniz: Representação, Saber e Poder* – quer significar que, para além dos obstáculos de carácter historiográfico referidos, (ritual celebracionista e apropriação grupal), um outro obstáculo emerge, derivado do empenho do próprio Egas Moniz na construção da sua notoriedade, em convergência com muitos dos seus biógrafos. Trata-se da defesa encarniçada de uma ideia acerca do destino individual que, ao afirmar-se e ao obter sintonia imediata e posterior, configura um tipo particular de poder: o *poder biográfico*.

Tal como aconteceu com outras figuras públicas, Egas Moniz preferia destacar alguns segmentos do seu trajecto. Assim, quer ele próprio, quer a maioria dos que escreveram textos de carácter biográfico acerca dele, coincidiram no destaque dado à carreira científica.

Ao consultarmos a documentação disponível, notamos que a partir de 1927 (ano da divulgação dos primeiros resultados do método de diagnóstico que viria a chamar-se, mais tarde, Angiografia Cerebral) Egas Moniz interdita quaisquer alusões ao seu passado político, minimizando-o ou desvalorizando-o. A esta distorção, tornada em versão oficial da representação do passado, chamamos “poder biográfico”. Constatamos uma série de outros traços biográficos (ou biografemas) cuja omissão empobrece o melhor conhecimento de Egas Moniz e do seu tempo, sobretudo encarando o que designamos (inspirados na obra de Norbert Elias e na sociologia figuracional ou processual) por “marcadores civilizacionais”. Tais

marcadores assinalam modos de ser e opções no eixo conservador/inovador, envolvimento/distanciação e clareza/mistério⁴.

As fontes consultadas, incluindo a imprensa da época, outras publicações, manuscritos e registos institucionais, permitem preencher lacunas importantes no tocante às práticas que Egas Moniz e, em boa parte, os seus biógrafos minimizaram, desvalorizaram ou omitiram pura e simplesmente.

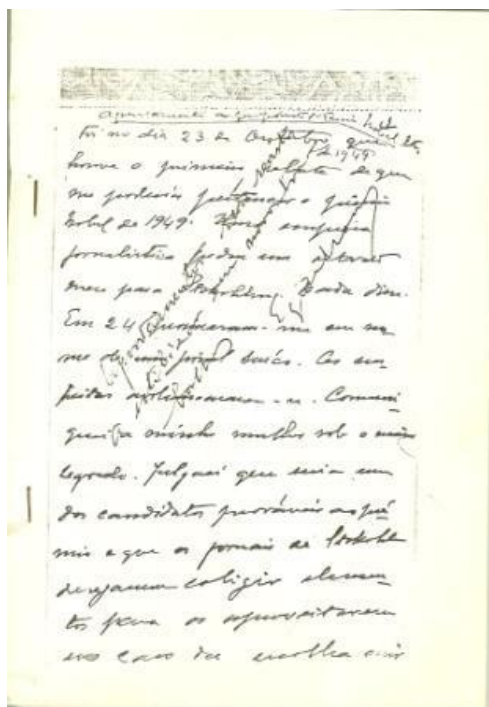


Fig. 2 - Manuscrito de Egas Moniz (*fac simile*)⁵

Seguindo os critérios enunciados, emerge uma nova versão das questões suscitadas de início: a importância do desempenho político de Moniz ganha proporções radicalmente diferentes e combina-se com as outras

⁴ Ver, p. ex. ELIAS, Norbert, *Involvement and Detachment*, The Collected Works of Norbert Elias, Vol. 8, Dublin, University College Dublin Press, 2007

⁵ Diário do Prémio Nobel, no espólio do Psiquiatra Joaquim Seabra Dinis. Cortesia de Lina Seabra Dinis e Armando Myre Dore. Ver anexo.

actividades que levou a cabo; o seu envolvimento no mundo dos duelos revela uma concepção mitigada do Estado Republicano, do protocolo republicano que implica o respeito pelo monopólio estatal da violência legítima, da soberania dos tribunais e do primado da lei; as competências médicas colocadas ao serviço do ramo vida da actividade seguradora, revelam um espírito pragmático e socialmente colocado; o abandono da prática e de prometidas reflexões acerca da psicanálise, confirmam um certo hermetismo e reserva intelectual quanto ao fundamento de muitas das suas opções.

Uma nova série de questões que vale a pena aprofundar para conhecer melhor a viagem das ideias, a sua influência e o seu modo de articulação em casos notáveis.

Para a realização do estudo cujos resultados agora submeto à apreciação académica, muito contou a contribuição de numerosas pessoas e instituições que, regra geral, excederam as minhas expectativas relativamente ao apoio, estímulo e aconselhamento esperados.

Agradeço à FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia o apoio concedido sob a forma da Bolsa de Doutoramento que me foi concedida de 2003 a 2005, e ao CEIS20 – Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra, que nos acolheu desde então, tal como a todos os seus investigadores, mais particularmente aos membros do Grupo de Investigação em História e Sociologia da Ciência, cuja coordenação coube ou cabe à Professora Ana Leonor Pereira e ao Professor João Rui Pita, nossos orientadores científicos. Este trabalho foi possível graças à experiência recolhida por caminhos trilhados anteriormente, investigações parciais e paciente acumulação de elementos caracterizadores das “figurações monizianas”, de Miguel Bombarda e Júlio de Matos até Barahona Fernandes, Seabra Dinis e todos os

autores e autoras que contribuíram para a obra colectiva *Egas Moniz em livre exame*⁶, que referirei mais apropriadamente.

Pela ajuda prestimosa, disponibilização de documentos, pareceres, críticas e conselhos que aproveitei ao máximo sem que daí resultem quaisquer responsabilidades pelas minhas eventuais falhas e inexactidões, agradeço a Joana Ribeiro e Joana Correia, José Luís Garcia e Hermínio Martins, Célia Pilão e Teresa Guerra, José Manuel Paquete de Oliveira, Maria Eduarda Gonçalves, Ana Luísa Janeira, Hans-Magnus Stölt e Margaret Jörnvall, Raimundo Narciso e Maria Machado, Armando Myre Dorés e Lina Seabra Dinis, Armando Caeiro e Graça Barahona Fernandes, João Carlos Trincão e Pedro Luzes, Alexandre Castro Caldas, Augusto Moutinho Borges, Ayres Gameiro e Valter Correia, Madalena Esperança Pina, Maria João Padez de Castro; António Reis; António Coimbra de Matos, José Henrique Dias, José Morgado Pereira e Mafalda Gala, Presidente da Tuna da universidade de Coimbra.

Agradeço, ainda, às seguintes instituições e respectivos técnicos, inexcedíveis na resposta pronta às nossas solicitações: Centro de Documentação e Arquivo de Imagem da CP; Centro de Estudos Egas Moniz, Arquivos da Fundação Nobel; Arquivo Nacional da Torre do Tombo; Academia das Ciências de Lisboa; Arquivos do Ministério dos Negócios Estrangeiros; Fundação Mário Soares; Casa Museu Abel Salazar (S. Mamede de Infesta), Casa Museu Egas Moniz e Câmara Municipal de Estarreja; Hospital de Santa Marta; Arquivo da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa; Nestlé Portugal; Hospital de Santa Marta; Biblioteca do Hospital Miguel Bombarda; Instiuto São João de Deus; Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra; Imprensa da Universidade de Coimbra; Grande Oriente Lusitano; Biblioteca Nacional; Biblioteca do ISPA; Biblioteca da Faculdade de Medicina da UL, Biblioteca do ICS da UL.

⁶ PEREIRA, Ana Leonor e PITA, João Rui, (Org.), *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, Minerva, 2000.

1. Introdução

O primeiro Prémio Nobel a distinguir um cientista de nacionalidade portuguesa foi atribuído ao neurologista Egas Moniz, no ano de 1949, em Medicina ou Fisiologia. António Caetano de Abreu Freire Egas Moniz ia então completar 75 anos. Fora jubilado 5 anos antes. O estado de saúde não aconselhava grandes deslocações e, por isso, Egas Moniz, felicitado e aclamado em Portugal e no estrangeiro, acabou por receber os respectivos diploma e medalha, na sua casa de Lisboa, das mãos do embaixador da Suécia, em 3 de Janeiro de 1950⁷. O prémio desse ano foi descerrado também ao investigador suíço Walter Rudolf Hess, facto que não diminuía em nada a importância do galardão, posto que, contrariamente ao que alguns detractores de Egas Moniz alvitavam, o Comité Nobel já assim

⁷ Cfr PEREIRA, Ana Leonor, PITA, João Rui e RODRIGUES, Rosa Maria, *Retrato de Egas Moniz*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1999, p. 111.

tinha procedido anteriormente – doze vezes, desde a atribuição do primeiro Prémio Nobel, em 1901, – dividindo o prémio anual por dois ou mais cientistas.

De acordo com o Comité Nobel do Karolinska Institutet⁸, de Estocolmo, Egas Moniz mereceu a distinção pela “descoberta do valor terapêutico da *leucotomia préfrontal* no tratamento de certas psicoses”. Tal “valor terapêutico” merecera contestação praticamente desde o início, e haveria de fazer ainda correr rios de tinta sobre resmas de polémica, mas, a partir de então, Egas Moniz ascendeu a um patamar de notoriedade onde se reúnem simbolicamente os membros dessa *ultra-elite*⁹ constituída por sábios, génios e outros cientistas de sumo talento, bem-sucedidos nos seus trabalhos de pesquisa e experimentação, que fizeram, nos termos que Alfred Nobel testamentou, *algo extraordinário em prol do bem-estar e da felicidade do género humano*.



Fig. 3 - Mesa em madeira utilizada para as provas da Angiografia Cerebral. Hospital de Santa Marta.

⁸ Instituição indicada no testamento de Nobel para decidir da atribuição anual do Prémio na classe de Medicina ou Fisiologia.

⁹ Harriet Zuckerman designa a comunidade imaginária que reúne os prémios Nobel como uma ultra-elite, na medida em que os seus membros são extraídos de elites pré-existentes, passando, pois, a integrar uma elite de elites. ZUCKERMAN, Harriet, *Scientific elite. Nobel laureates in the United States*, New York, Free Press, 1977.

A partir daí, Egas Moniz ascendeu à categoria dos heróis nacionais, cobiçado por instituições e grupos que reivindicavam e lhe disputavam os laços de pertença, considerando Egas Moniz um dos seus, tentando engrandecer as respectivas causas, argumentações e legitimações, com a declaração vitoriosa e retumbante de que o primeiro (e único, durante muitos anos) Nobel português alinhava no grupo com o qual partilhavam a excepcional identidade.

Não que Egas Moniz não fosse já famoso ao tempo em que recebeu o Nobel, mas a distinção atribuída pela prestigiada instituição sueca acrescentava um troféu sem par à sua biografia, coroando uma carreira científica tardia mas faustosa.

Egas Moniz notabilizou-se, primeiro, com as provas da Angiografia Cerebral, que possibilitaram um avanço sem precedente no plano do diagnóstico, permitindo visualizar, através dos raios X, boa parte da rede vascular cerebral. Essa sua grande realização, cuja divulgação se iniciou em 1927, cobrira-o de glória, levando a sua notoriedade aos quatro cantos do mundo.



Fig. 4 - Mesa em madeira utilizada para as provas da Angiografia Cerebral. (Pormenor da Figura Nº 3).
Hospital de Santa Marta.

Ora se Egas Moniz já se tinha tornado num cientista de renome antes do início da II Grande Guerra, então, a partir de 1949, passou a ser uma referência incontornável, dado constituir um exemplo raro de trajecto, conjugação de carreiras, peculiar aptidão para gerir a sua imagem e projectar a sua notoriedade.

1.1. A relevância do tema

Apesar de a nossa análise se centrar nos momentos mais relevantes do seu processo de afirmação, partindo da *figura*, em que a conjugação das práticas de representação com o saber certificado, institucionalmente reconhecido e potenciado, emergem socialmente como uma forma de poder activa e eficaz, torna-se indispensável passar em revisão, ainda que sucintamente, os principais traços da actividade política de Egas Moniz, desde o ano da sua formatura, em Coimbra, em 1901, até cerca de 24 anos depois, quando se decidiu pelo abandono da política activa, e se entregou à elaboração da sua agenda de pesquisa para os anos seguintes.

Consagraremos a esse período o capítulo 2, sublinhando a duração e intensidade da consagração à política activa, subestimadas até ao final do século XX, em virtude da influência exercida pelos escritos de pendor autobiográfico de Egas Moniz¹⁰, prolongada por muitos dos seus biógrafos. Por essa mesma altura, convocaremos a perspectiva de integração geracional que situa Moniz num quadro que outras visões estruturaram,

¹⁰ Ver MONIZ, Egas, *A última lição*, Lisboa, Portugalia, 1944; MONIZ, Egas, *Confidências de um investigador científico*, Lisboa, Ática, 1949; MONIZ, Egas, *A Nossa Casa, Lisboa*, Paulino Ferreira & Filho, reeditado pela Câmara Municipal de Estarreja, 2001; e confrontar com MONIZ, Egas, *Um Ano de Política*, Lisboa, Portugal-Brasil, Lda, 1919.

comparando-as com a dele próprio e, desse modo, contrastando auto e hétero representações.

As *figurações*¹¹ em que Moniz se inscreve, assinalando as múltiplas relações que vai estabelecendo no decurso das diferentes fases da sua vida, preenchem o quadro das observações que realizámos. Apesar das dificuldades (da impossibilidade, mesmo) em discretizarmos os feixes de interacções através da consulta da correspondência depositada na Casa Museu de Avanca, a muita literatura produzida acerca de temas correlacionados com as aludidas *figurações*, permite gizar um contexto satisfatório, de onde emergem indicações úteis.

As dificuldades aludidas revestem um óbvio interesse para avaliar as limitações que actualmente existem em matéria de acesso às fontes, constituindo, do mesmo passo, um aviso eventualmente útil para quem oriente as suas investigações de modo a cruzar os mesmos fundos documentais.

Por isso, dedicaremos adiante (ver parte 1.5.) espaço para um curto *compte rendu* acerca das fontes consultadas, grau de acessibilidade e uma ou outra nota sobre o estado de conservação.

Tal como outros autores já observaram, Egas Moniz investiu bastante na elaboração da sua auto-imagem. Fazia um esforço sério, e frequentemente bem-sucedido, para que os *media* falassem a seu respeito, num sentido que lhe fosse favorável; tirava partido de outras oportunidades que se lhe apresentavam, designadamente no caso da publicidade farmacêutica;¹² e da publicação de vários volumes de carácter autobiográfico,

¹¹ Conceito tomado a Norbert Elias e que aqui nos serve de lembrete contra a absolutização biográfica. Explicitando-o, o seu autor diz-nos que o conceito “was explicitly created to overcome the confusing polarization of sociological theory in theories that placed the *individual* above *society* and those which placed *society* above the individual”. ELIAS, Norbert, *Norbert Elias por ele mesmo*, Rio de Janeiro, Zahar, 2001, p. 148.

¹² Ver série de artigos da autoria de Ana Leonor Pereira e João Rui Pita a este respeito, nomeadamente, PEREIRA, Ana Leonor, e PITA, João Rui, (coord.), “Egas Moniz e a publicidade medicamentosa (1)” in *Jornalismo e Ciências da Saúde – Actas do II Congresso Luso-Brasileiro*

de entre os quais se destacam *Um ano de Política (1919)*¹³, *Confidências de Um Investigador Científico (1949)*¹⁴, e *A Nossa Casa (1950)*¹⁵. O pendor autobiográfico tinge, de forma incontornável, muitos outros dos seus escritos, (*A última lição, Ramón y Cajal, Subsídios para a História da Angiografia*) mas a trilogia atrás descrita concentra intenção e género de modo peculiar.

Moniz desenvolve um gigantesco trabalho de memória, recordando e ressystematizando as matérias que considerou mais significativas para compor a auto-imagem que nos legou. Esse esforço particular começa a reflectir-se nos seus escritos com maior veemência a partir da altura da sua jubilação, – *A Última Lição*¹⁶ – e encerra-se com a comunicação que apresenta em 1955 à Academia de Ciências de Lisboa¹⁷.

Pelas razões aduzidas, justifica-se o alinhamento de um conjunto de reflexões a este respeito, destacando as particularidades detectadas nos seus trabalhos de memória.

A importância simbólica de Egas Moniz, para a ciência, para a política, e para a cultura do século XX, contrasta com as abordagens parciais e fragmentárias de que tem sido objecto. Uma figura envolta em controvérsia, da qual os grupos sociais que nutrem a seu respeito um sentimento de pertença, seleccionam e evocam alguns aspectos do seu trajecto, omitindo ou desvalorizando outros.

Por isso, ao metermos mãos à obra, vimo-nos obrigados a um paciente trabalho de desconstrução de algumas simplificações mitificadas, quer com o empenhamento do próprio, quer com a contribuição de numerosos

de Estudos Jornalísticos e do IV Congresso Luso Galego de Estudos Jornalísticos, Porto, Universidade Fernando Pessoa, 2005, (CD), p. 401-406.

¹³ MONIZ, Egas, *Um Ano de Política*, Lisboa, Portugal-Brasil, Lda, 1919.

¹⁴ MONIZ, Egas, *Confidências de um investigador científico*, Lisboa, Ática, 1949

¹⁵ MONIZ, Egas, *A Nossa Casa*, Lisboa, Paulino Ferreira & Filho, reeditado pela Câmara Municipal de Estarreja, 2001.

¹⁶ MONIZ, Egas, *A última lição*, Lisboa, Portugalíia, 1944.

¹⁷ MONIZ, Egas, “Subsídios para a história da angiografia” in *Separata dos Anais Azevedos*, Lisboa, 1955.

testemunhos, geralmente laudatórios, que aceitaram as periodizações e classificações avançadas pelo próprio Egas Moniz nos escritos de carácter autobiográfico.

É assim que a representação (auto e hetero), o saber (a detenção de um grau universitário, de conhecimentos científicos e de uma profissão intelectual) e o poder (os estatutos de autoridade conferidos pelos cargos políticos, científicos, académicos e empresariais), se conjugam num desenho biográfico afastado da hagiografia impenitente que vai transformando as figuras em efígies, e, mercê desse afastamento, se encaminha para uma região de escolhas mais inclusivas, que permitem reconstituir ideias, conceitos, modos de estar, mais informativos acerca da sua interacção com o meio, com a sociedade, com a cultura desses tempos.

A escolha de uma entidade biográfica para pretexto e base de análise social apresenta vantagens narrativas, – posto que o fio condutor e o ponto de retorno estão facilitados – mas apresenta igualmente dificuldades metodológicas, pois é muito difícil descrever a deslocação de toda a rede de interacções à medida que o ego se desloca.

Egas Moniz e muitos dos seus biógrafos descrevem a saga investigatória que desembocou na Angiografia Cerebral e na Psicocirurgia, omitindo ou desvalorizando alguns dos pré-requisitos científicos e tecnológicos a partir dos quais estabeleceram as suas próprias agendas de pesquisa.

O efeito de enviesamento biográfico deixou o político na sombra do cientista em que Moniz se tornou a partir de meados dos anos 20 do século passado, eclipsando igualmente algumas informações certamente úteis para evitar que nos quedemos pela simplificação icónica em que o celebracionismo tende a transformar Egas Moniz.

O impulso simplificador da biografia começa com o esforço autobiográfico do próprio Egas Moniz e prolonga-se nos indivíduos e grupos,

de acordo com a maior ou menor afinidade com os aspectos que seleccionam para garantir a continuidade da interpretação hagiográfico-épica, heróica e laudatória, desconhecendo ou desvalorizando aspectos complementares atinentes ao biografado e à época.

Muita da evidência eclipsada converge para uma caracterização das *figurações* em que Moniz se inscreve. Se imaginarmos, como marcadores civilizacionais¹⁸, a centralização do exercício da justiça e o monopólio da violência; a universalidade do direito e a subordinação ao princípio da legalidade, afigura-se-nos que Moniz mantinha o *ethos* da aristocracia oitocentista que dirimia as questões envolvendo os atentados à honra e as ofensas do bom-nome, através de duelos; que preconizava uma eugenia proactiva, retirando, na versão negativa, se necessário, o direito de opção aos visados; e que, nessa matéria como noutras, outorgava ao médico a decisão final, mesmo que “acima da lei”¹⁹.

Enquanto accionista fundador da Companhia de Seguros “A Nacional” e Médico Chefe do Ramo de Seguros de Vida, chama igualmente a si a responsabilidade de um despacho favorável ou desfavorável à celebração dos contratos, bem como a aplicação dos critérios para estabelecer o valor dos prémios.

Recatado relativamente às suas actividades empresariais – fundara igualmente uma fábrica de produtos lácteos, em Avanca, mais tarde adquirida pela “Nestlé” – refere-se-lhes muito raramente, e não as inclui nas revelações autobiográficas que dá à estampa. Tal como não faz quaisquer referências ao seu envolvimento em duelos ou à sua pertença à Maçonaria.

O Egas Moniz que ressalta dos escritos autobiográficos é um homem excepcional, consagrado à investigação científica e, também, em boa

¹⁸ Na acepção de padrões de cultura, crenças, relações de poder (sempre assimétricas), lugar reivindicado no sistema social e político, gestão de recursos, incluindo o tempo, a violência e a imagem simbólica.

¹⁹ Cfr. *A geração humana e as doutrinas de Exeter*. MONIZ, Egas, “A geração humana e as doutrinas de Exeter” in *Ao Lado da Medicina*, Lisboa, Bertrand, 1940.

medida, às letras e às artes. Gostava de dar a ideia de que a sua passagem pela política fora breve, pouco auspiciosa, selada com uma obra de contexto – *Um ano de política*²⁰.

Desdobra-se em comunicações e conferências, tomando parte no associativismo científico do seu tempo, mantendo contactos com a Real Academia de Ciências e, depois, já eleito sócio correspondente, na denominação republicana de Academia de Ciências de Lisboa, tornando-se seu presidente por consecutivas e numerosas vezes²¹.

Adentro das instituições médicas e científicas, Egas Moniz ocupa-se diligentemente dos lugares e das funções cuja autoridade lhe franqueia o acesso ao exercício da influência que abre portas, concita apoios, consolida posições e alimenta projectos.

1.2. Fragmentação identitária

A estreiteza temática, embora prolífica, que nos é dada através da imagem do cientista coroado de sucesso, abundante em boa parte da literatura acerca de Egas Moniz, reduz a possibilidade de dar conta de um muito mais variegado feixe de traços biográficos, designadamente em aspectos que nos auxiliam melhor a compreender o homem na sua rede de relações. Os modelos de descrição biográfica geralmente adoptados,

²⁰ MONIZ, Egas, *Um Ano de Política*, Lisboa, Portugal-Brasil Ltda, 1919.

²¹ Egas Moniz foi eleito sócio da Academia de Ciências de Lisboa em 21 de Janeiro de 1916. Foi Presidente da Instituição em 1928, 1932 e 1940; Presidente da Classe das Ciências em 1940, 1947, 1948, 1950, 1951 e 1952; e Vice-Presidente da Classe das Ciências em 1930, 1931, 1939, 1952, 1953, 1954 e 1955. Vidé Arquivo da Academia de Ciências de Lisboa, Processo de Egas Moniz.

apresentam limitações que decorrem da vontade biográfica de amarrar a representação de Moniz a um dos seus aspectos – amiúde o de cientista nobelizado – desvalorizando ou omitindo quer as dimensões polémicas associadas às suas principais realizações, quer os diferentes tipos de actividade que sustentou, e que são reveladores de uma ancoragem social e cultural mais cromática e informativa.

Ao invés, a nossa sistematização procura acrescentar novos elementos para o conhecimento da interacção entre o personagem e a sua época, indiferente à incoerência aparente que resulta do contraste entre as facetas reveladas e o enfoque excessivo que muita da historiografia anterior concentrava na afirmação heróica de um grande homem.

O modelo de análise por nós adoptado valoriza igualmente o que é polémico na produção científica de Moniz. As potencialidades heurísticas da polémica abundam vantajosamente, em ordem à produção de novos conhecimentos, e à descrição dos consensos. Estes são, em geral, resultantes do exercício de um poder institucional eficaz, estabilizador e conformista, enquanto as linhas de tensão e de ruptura da polémica, dão conta de uma pluralidade de pontos de vista que se confrontam, produzindo linhas de argumentação diferenciadas, escrutinando as teses adversas, expondo-lhe as fragilidades e assinalando, uma vez por outra, igualmente, as zonas de acordo e os pontos fortes.

A tradição que consiste em desconhecer, desvalorizar ou diabolizar os obstáculos colocados por rivais, adversários ou opositores circunstanciais das teses de Moniz, visando aparentemente o reforço da representação heróica, acaba por dar uma ideia porventura errada acerca do terreno movediço, não adquirido, pejado de incertezas e de riscos, que acompanha o presente histórico da produção e reprodução da sociedade.

Nesse incessante devir, os dados não se apresentam do mesmo modo como mais tarde virão a ser narrados, descritos com apoios

documentais e, ou, testemunhais. As versões da história que fizeram vencimento até aos nossos dias, não eram então mais do que um esboço possível, uma perspectiva que, entretanto, mercê dos jogos de força (de poder), de retórica (saber), e inscrição comunicacional (representação), vieram a afigurar-se aceitáveis, dominantes e quase oficiais.

À partida, nada estava adquirido. As sucessivas intervenções de Egas Moniz, a propósito do modo como, por vezes, tendia a ser representado o significado da sua actividade política, atestam a relativa plasticidade do sentido que diferentes actores políticos tentavam atribuir-se uns aos outros.

Para lá das imagens fragmentadas que parecem autonomizar-se, estilhaçando as narrativas em vez de se reconfigurarem a partir das suas contiguidades e complementaridades, o aparente divórcio entre o ser político e o ser cientista, tentando uma delimitação clássica, exterior aos sujeitos, nos territórios especializados, continua a negar a evidência da unidade estratégica que, para cada actor social, os seus diferentes papeis sociais representam.

Moniz cientista, publicista, médico, político, empresário e empreendedor, duelista, membro da maçonaria, é um só, embora saibamos que o homem não é um acumulado biográfico linear, para o qual os critérios de coerência, consistência e justificação lógicas, constituam esquemas de aferição inteiramente fiáveis.

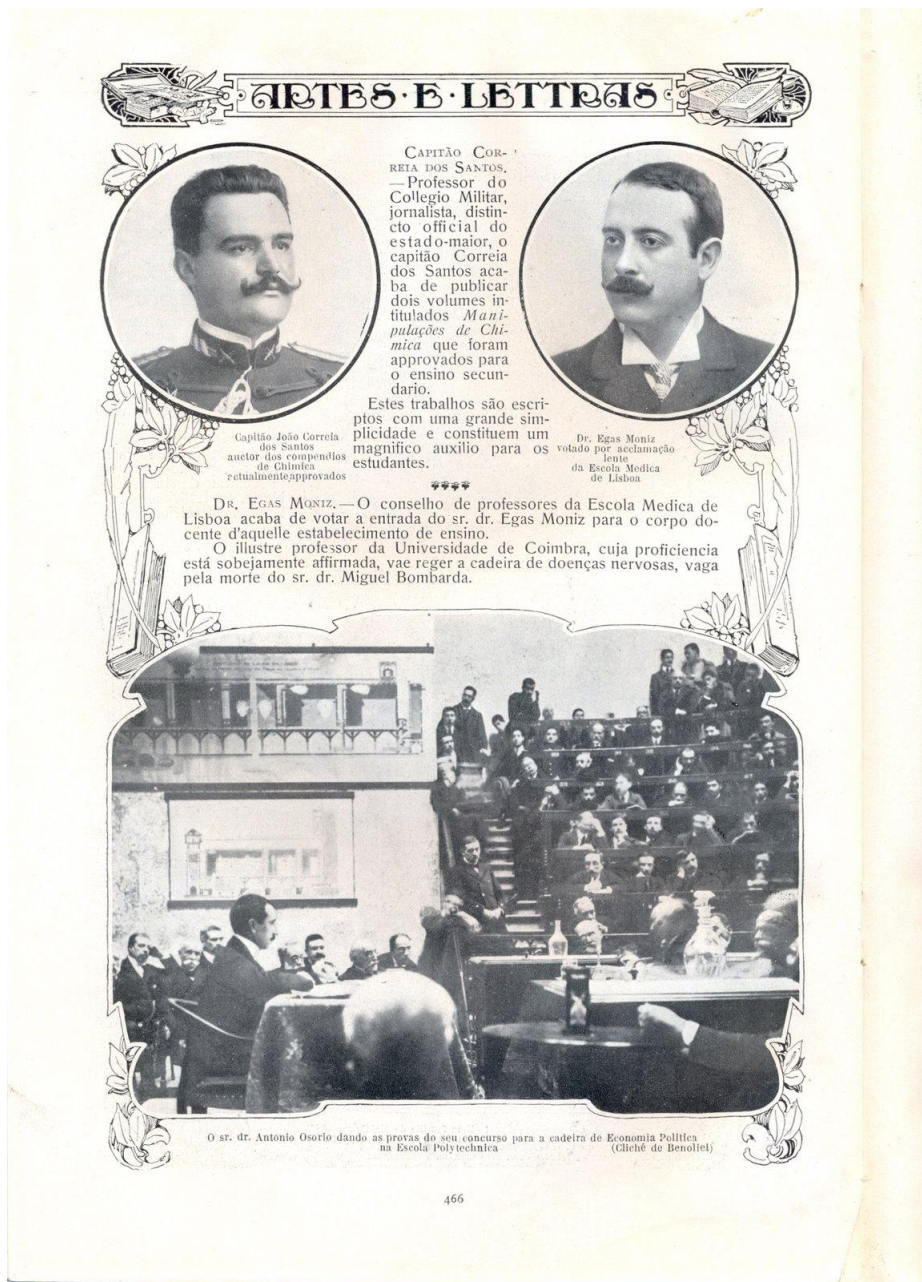


Fig. 5 - Notícia da eleição de Egas Moniz para lente de Escola Médica de Lisboa²²

²² Notícia da entrada de Egas Moniz para a Escola Médica de Lisboa. Trata-se da página 466 do nº 268 da *Ilustração Portuguesa*, vinda a público a 10 de Abril de 1911. Moniz substitui Miguel Bombarda (1851-1910), na regência da cadeira de doenças nervosas, deixada livre por morte deste, cerca de um ano antes.

Egas Moniz mudou de campo (político) inúmeras vezes, e essas mudanças, independentemente do julgamento que se lhe queira fazer com base em critérios de coerência, valem como reposicionamentos, escolhas suas, justificadas ou não, com maior ou menor clareza.

1.3. O Poder Biográfico²³

Quem está em posição de ditar os termos em que quer ser recordado, definir o que farão da sua imagem e dos objectos que lhe pertenceram, é detentor de um poder especial²⁴. Forçar uma versão biográfica; persuadir os biógrafos presentes e vindouros de que essa é a boa versão; estabelecer os termos do que deve ser considerado relevante, são faculdades que relevam de um poder especial, - o “poder biográfico”.

Egas Moniz exerceu-o plenamente, da Tuna Coimbrã até às meticulosas instruções que exarou no seu testamento, passando pela influência directa e indirecta nos órgãos de comunicação social do seu tempo.

²³ Conceito descritor do exercício do poder narrativo orientado para a construção de um perfil biográfico de acordo com as estratégias conjugadas do biografado (e autobiografado) com os indivíduos e instituições interessados. Ver CORREIA, Manuel, “Espelho meu...- Ilusão biográfica e ideal historiográfico: a construção de Egas Moniz” in Estudos do Século XX, Nº 8 - *Cultura: imagens e representações*, Coordenação: Vítor Neto. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008, pp.345-362.

²⁴ Diametralmente oposto à ausência de poder dos homens “infames” no sentido atribuído por Foucault. Ver FOUCAULT, Michel, “La vie des hommes infâmes” in *Dits et écrits, 1954-1988, III, 1976-1979*, Paris, Gallimard, 1994, p. 247 e seguintes.



Fig. 6 - Egas Moniz aos 19 anos, em Coimbra²⁵.

Este empenho específico em divulgar uma determinada versão de factos e acontecimentos, levanta um obstáculo de carácter metodológico que, para ser superado, exige uma reelaboração da narrativa cultural, social, política e científica, orientada para a verificação das fontes, a (res)sistematização da informação disponível e a inclusão das dimensões, aspectos e papéis cuja importância foi apoucada ou, pura e simplesmente, omitida.

Esta acepção do poder reveste uma importância particular, porque surge associada aos poderes geralmente entendidos como tal (o poder económico, o poder político, o poder profissional e o saber-poder, derivado

²⁵ Foto da Casa Museu Egas Moniz, reproduzida em PEREIRA, Ana Leonor, PITA, João RUI e RODRIGUES, Rosa Maria, *Retrato de Egas Moniz*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1999, p. 27.

do domínio de sistemas complexos de difícil acesso) reforçando, no plano simbólico, uma faculdade especial que consiste em conseguir a aceitação generalizada de uma narrativa conveniente.

1.4. Livre exame de Egas Moniz

Na viragem de uma abordagem historiográfica de cariz celebratório, do culto repetitivo da figura pública, do cientista nobelizado e do herói nacional, para um exame histórico-cultural mais abrangente, equilibrado e distanciado do ritual panegírico, devemos assinalar a produção científica do CEIS20 – Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra e do seu Grupo de História e Sociologia da Ciência, que investigou, acrescentou novos conhecimentos que permitem melhor contextualizar a figura e as figurações de Egas Moniz e, desse modo, compreender melhor as grandes questões que continuam a interpelar-nos através dos debates que o seu desempenho e as consequências dos seus trabalhos continuam a suscitar.

Do acervo de publicações que ilustram essa nova abordagem, destaco a obra coordenada por Ana Leonor Pereira e João Rui Pita, *Egas Moniz em livre exame*²⁶, publicada em 2000. A obra, organizada como um espaço de acolhimento de diferentes perspectivas acerca de Moniz e das questões que com ele se prendem, encena um debate diferido, que confronta pontos de vista, frequentemente complementares mas, por vezes, opostos,

²⁶ PEREIRA, Ana Leonor e PITA, João Rui, (Org.), *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, Minerva, 2000.

constituindo uma síntese do que Moniz podia representar para a ciência e para a cultura no fechar do século em estudo.



Fig. 7 - Monumento a Egas Moniz. Entrada principal do Hospital Infante D. Pedro em Aveiro.

Oscilando entre o culto do herói científico e as representações contraditórias mais próximas da dimensão humana do actor histórico, António Macieira Coelho e A. Tavares de Sousa, António Damásio e António da Rocha Melo, Miguel Castelo Branco e José Morgado Pereira, Jaime Milheiro, José Cunha Oliveira e Aleite Pedrosa, António Pedro Pita e Armando Malheiro da Silva, Alexandre Castro Caldas, Rosa Maria Rodrigues e Alfredo Rasteiro, António Lafuente e Tiago Saraiva, Guilherme de Oliveira e Carlos Amaral Dias, traçam o roteiro dos modos e das razões que justificam plenamente a revisitação de Egas Moniz.

Na linha de demarcação com a dominante panegírica, destacam-se, ainda alguns outros autores cujas contribuições para a rerepresentação de Egas Moniz acrescentaram valor analítico e reflexivo ao

que já era conhecido à data. António Fernando Cascais, Tiago Moreira, João Lobo Antunes, Maria Helena Roque, Júlio Machado Vaz, avançaram com investigações autónomas ou releituras que valorizam níveis de análise menos frequentes.

Em proporções diferentes, os seus biógrafos mais próximos – Barahona Fernandes, Almeida Lima e Diogo Furtado, – deixaram interessantes contribuições cujos testemunhos se complementam sob aparentes contradições.

De resto, o registo das efemérides fechou sempre os ciclos da praxe com menções mais ou menos generosas. Centenário do nascimento, cinquentenário da atribuição do Prémio Nobel, emissão de selos evocativos, bustos e estátuas, presença toponímica, atribuição do seu nome a edifícios, hospitais, centros de saúde e escolas.

E esse é o outro obstáculo de carácter metodológico que se ergue, dificultando a tarefa de “voltar a falar” do herói nacional, do regozijo imaginário que alimenta o orgulho patriótico e a auto-estima nacional. António Fernando Cascais chamou-lhe a “ferida narcísica”²⁷. Sempre que, de “fora” ou de “dentro” alguma nota dissonante perturba o coro de elogios, um sobressalto eclode para que tudo possa continuar como estava dito, estabelecido e arrumado. Divisa-se nessa forma de memória acerca de Egas Moniz, uma versão lendária que circula em Portugal e pelo Mundo, incluindo episódios mais ou menos fantasiosos, imprecisões surpreendentes, injustiças gritantes e exageros bizarros.

Tal como sucede com os mitos, Moniz é alvo de versões fantasiadas de alguns episódios da sua vida, tendo sido, supostamente,

²⁷ Ver CASCAIS, António Fernando, “A cabeça entre as mãos: Egas Moniz, a Psicocirurgia e o Prémio Nobel” in NUNES, João Arriscado e GONÇALVES, Maria Eduarda, [orgs.], *Enteados de Galileu? A semiperiferia no sistema mundial da ciência*, Porto, Afrontamento, 2001.

assassinado por um paciente leucotomizado; tendo passado o resto dos seus dias, após o atentado de 1939, numa cadeira de rodas; tendo recebido o prémio Nobel pela Angiografia Cerebral; sendo contrário a qualquer tipo de misticismo; e sendo conhecido pelo seu “pseudónimo”; etc.

Não vemos, nestes desvios às versões sustentadas documentalmente e certificadas intersubjectivamente por aqueles que ainda o conheceram ou que com ele privaram, nada de especialmente dramático ou inesperado. Porém é tarefa da história reordenar também as descrições do passado, apontando inconsistências e fornecendo dados e interpretações complementares que melhoram o conhecimento acerca do que está em questão.

1.5. Os acervos documentais

A maior parte da documentação consultada (fontes primárias, bibliografia do próprio e acerca dele) pertence à Fundação Nobel no *Karolinska Institutet*, à Academia das Ciências de Lisboa, ao Centro de Estudos Egas Moniz, à Biblioteca Nacional, ao Arquivo Nacional da Torre do Tombo, ao arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros, ao espólio do psiquiatra Joaquim Seabra Dinis, gentilmente cedido por Lina Dinis e Armando Myre Dores, ao Centro de Documentação e Arquivo de Imagem dos Caminhos de Ferro Portugueses e a muitas outras pessoas que, sabendo do nosso interesse pela figura histórica em análise, nos fizeram chegar livros, selos, referências e documentos com interesse para este nosso trabalho.

O Grande Oriente Lusitano cedeu-nos cópia do registo que comprova a iniciação e o afastamento de Moniz da Maçonaria, proporcionando-nos também uma profícua troca de impressões com o historiador António Reis, Grão Mestre da organização na altura em que com ele contactámos.

Apesar das muitas insistências e deslocações, não foi possível avaliar o que na Casa Museu de Avanca poderia ser incluído no conjunto de observações que aqui trazemos. De qualquer modo, a todas estas instituições, serviços e pessoas singulares são devidos os maiores agradecimentos.

O estado de conservação e as condições de acesso variam muito, de caso para caso e, em parte, alteraram-se ao longo do período do estudo. A Casa Museu Egas Moniz e a Academia das Ciências de Lisboa iniciaram a digitalização dos espólios, projectando disponibilizá-los, ainda que apenas parcialmente, via internet, e a Fundação Nobel oferece hoje uma base de dados de acesso directo via internet (www) que permite uma visão indiciária mais satisfatória.

A par destas boas notas, há a constatar, lamentavelmente, o mau estado da generalidade dos arquivos, a degradação dos materiais e os, por vezes, imperscrutáveis critérios de reserva, acesso, ordenamento e classificação.

No caso concreto, por via da internacionalização, dos múltiplos cargos e responsabilidades que desempenhou, e da intensa troca de correspondência que manteve, os documentos com interesse para a investigação distribuem-se por numerosos arquivos e espólios, que recenseei, sem no entanto ter conseguido consultar todos.

Beneficiei evidentemente de todo o trabalho anterior desenvolvido pelo Grupo de História e Sociologia da Ciência do CEIS20²⁸, a

²⁸ Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra – CEIS20.

começar pelas pesquisa aprofundada que Ana Leonor Pereira e João Rui Pita levaram a cabo nos arquivos da Universidade de Coimbra, na publicidade farmacêutica e na filatelia, tal como na inter-relação com outras figuras da época, – Miguel Bombarda, Azevedo Neves, Bettencourt Rodrigues, Sobral Cid e Júlio de Matos. Foi graças a esse trabalho preparatório e às muitas pistas por ele criadas, que conseguimos, apesar dos reveses, obter a informação indispensável ao prosseguimento da nossa investigação.

Os registos consultados acerca da bibliografia de Egas Moniz baseiam-se fundamentalmente 1) na lista que forneceu à Academia de Ciências de Lisboa para efeito de eleição para membro efectivo²⁹; 2) na lista que consta da edição de *A Última Lição*, elaborada, revista e comentada pelo próprio³⁰; 3) na publicação organizada em 1963 pelo Centro de Estudos Egas Moniz³¹; e 4), na lista disponibilizada em linha pela Casa Museu Egas Moniz³².

A organização que o próprio fez da apresentação bibliográfica é a que adoptámos na nossa bibliografia³³. Quisemos dar a conhecer a estrutura que lhe pareceu mais adequado dar à estampa por ocasião de um ritual de passagem particularmente significativo. No momento em que é assinalada a sua jubilação, Egas Moniz anota uma justificação para certas omissões que no entanto assume:

²⁹ Onde confirma ter em mente a redacção de um novo livro, *O Complexo Sexual*, que, quer o próprio Egas Moniz, quer o seu editor de A Vida Sexual, referem. Está bem documentada a intenção, porém a obra não chegou a ser publicada.

³⁰ MONIZ, Egas, *A Última Lição. Bibliografia*, Lisboa, Portugália, 1944, pp. 41-86, totalizando, então, 324 itens.

³¹ Direcção do Centro de Estudos Egas Moniz, *Bibliografia Científica e literária de Egas Moniz, Prémio Nobel de Medicina – 1949*, Lisboa, Edição do Centro de Estudos Egas Moniz, 1963. Foi organizado cronologicamente, incluindo, no final, também um índice alfabético dos 370 itens registados.

³² Endereço do site: http://www.cm-estorreja.pt/egasmoniz/biblio_egasmoniz.pdf. Inclui, por ordem cronológica, 392 itens.

³³ Obras Científicas: I Volumes publicados, II Memórias e trabalhos científicos; Outras publicações: III Obras para-médicas e literárias.

Na bibliografia médica, apesar de ter sido cuidadosamente averiguada, ainda devem faltar alguns artigos.

Na extra-médica faltam, pelo menos, os trabalhos que se referem à minha actividade parlamentar (discursos e projectos de lei) que julguei mais conveniente não apresentar neste lugar³⁴.

Confirma assim a preocupação que mantinha em continuar a avivar a imagem do cientista dedicado e reconhecido e a evitar a menção de uma extensa e intensa carreira política que culminou com a assunção de altas responsabilidades partidárias, parlamentares e governamentais. A discriminação das suas intervenções parlamentares, que atravessam a Monarquia Constitucional e a 1ª República, revestem a mesma estratégia que seguiu desde meados dos anos 20. É o cientista, primeiro, e o homem de cultura, depois, que devem avultar o seu testamento intelectual. A escolha da expressão “Ao lado da medicina”³⁵ para designar algumas das colectâneas de ensaios e conferências que foi fazendo, acentuam uma noção de lateralização de tudo o que se afastava do que passou a ser considerado o seu empenho principal.

³⁴ MONIZ, Egas, Ob. Cit, p. 87.

³⁵ MONIZ, Egas, *Ao lado da medicina*, Lisboa, Bertrand, 1940.



Fig. 8 - Caricatura de Egas Moniz publicitada pelos Laboratórios Urol³⁶.

³⁶ Caricatura de Egas Moniz divulgada pelos Laboratórios UROL, retirado de PEREIRA, Ana Leonor, PITA, João Rui e RODRIGUES, Rosa Maria, Ob. Cit, p.98.

1.6. Prémio Nobel à quinta nomeação

A investigação levada a cabo nos arquivos da fundação Nobel revelou um conjunto de documentos inéditos que veio acrescentar informação indispensável para a compreensão do processo de avaliação e recompensa científica que dominou o século XX. Foi, de facto, o Prémio Nobel que promoveu e consolidou internacionalmente a figura de Egas Moniz. É um aspecto central para a história e sociologia da ciência, quer na óptica da representação de Egas Moniz, quer na perspectiva do estudo dos dispositivos de avaliação e recompensa científica do século XX. Por isso, as sucessivas nomeações de Egas Moniz para o prémio Nobel, as razões invocadas da parte dos seus pares para o nomearem, em contraposição às apreciações e comentários dos avaliadores do Comité Nobel, fornecem uma boa base para a compreensão das práticas e dos valores associados à cultura dos cientistas.

À luz da nova documentação revelada fica patente um conjunto de limitações derivado de adaptações discutíveis do legado de Alfred Nobel e de normas de organização institucional que impedem o escrutínio tempestivo dos actos do comité Nobel. Como se pode depreender a partir da análise do *dossier* de Egas Moniz, a espécie de moratória de 50 anos que impede a divulgação dos fundamentos para aceitação ou recusa de cientistas nomeados, a margem de arbitrariedade, decisões injustificadas e métodos duvidosos, afectam as deliberações do Comité Nobel.



Fig. 9 - Boletim da CP assinala a atribuição do Prémio Nobel ao seu médico especialista Egas Moniz³⁷.

1.7. Para uma historiografia inclusiva

Não há outro modo de compreender a história que não seja pelas sucessivas integrações de diferentes escalas e sequências de registos. É assim que as biografias individuais se encaixam nos relatos das acções colectivas e os actores históricos reconhecem que estão a participar nos mesmos conflitos ou a cooperar nas mesmas realizações. A chave para a compreensão é, pois, a minuciosa inclusão dos aspectos porventura desvalorizados, na expectativa de obter um conhecimento tanto mais completo das inscrições quanto mais informação trouxer para a base de interpretação histórica.

Tentando superar a tensão permanente que se estabelece entre a perspectiva diacrónica tão militantemente sustentada por Butterfield³⁸,

³⁷ Boletim da CP nº 247, Janeiro de 1950, Ano 22º, p.3.

contra as interpretações presentistas, anacrónicas e triunfalistas, a que chamou “whig”, por um lado, e, por outro, os anacronismos que se insinuam, aqui e acolá, no nosso próprio discurso, muitas vezes apenas com o fito de tornar mais facilmente entendíveis ideias e atitudes devolutas, fazemos caminho dando importância a aspectos, dimensões e documentos que, integrados, alargam o campo das representações mais pertinentes de Egas Moniz, considerando o seu trajecto, as figurações em que se inscreveu, as suas afirmações e os seus silêncios.

Além da sistematização de informação dispersa (fontes primárias e fontes secundárias), procedemos também à recolha de alguns depoimentos e testemunhos de pessoas que se avistaram com Egas Moniz: Pedro Luzes, Graça Barahona Fernandes, António Coimbra de Matos, José Joaquim Fernandes e Aires Gameiro.

Tornou-se, assim, indispensável, alargar a representação anacrónica de Egas Moniz, esfíngico, proléptico, unido com os louros do Nobel, tratado em numerosos escritos como um vencedor antecipado, um sábio etéreo ou um “grande homem”, beliscado apenas por alguns detractores alegadamente atizados por motivações inconfessáveis.

Ao fazê-lo, munimo-nos de um maior número de fontes para o contexto biográfico figuracional, privilegiando a informação que descreve as relações estabelecidas entre entidades exteriores a Moniz e as formas de registo que pela sua própria pena ou pelo empenho de outros actores, nos mereceram crédito.

No enquadramento que a história da cultura desenha, tornava-se imperioso compreender a relação de Egas Moniz com o Estado, com as

³⁸ Quer na *Whig Interpretation of History*, quer em *The Origins of Modern Science*: BUTTERFIELD, Herbert, *The Whig Interpretation of History*, New York, W. W. Norton, [1939] 1965 e BUTTERFIELD, Herbert, *The origins of modern science*. Revised Edition, New York, The New Press, 1965.

ideias circulantes, com as ideias-programa (ou ideias-projecto) que visam a transformação da sociedade e da humanidade; do homem, da mulher, das sexualidades.

Incluimos, assim, no estudo, algumas dimensões cuja abordagem nos pareceu injustificadamente rara: a prática duelística, as convicções eugenistas, o papel clínico do médico.

A representação de Egas Moniz que emerge dos estudos inclusivos, torna-se mais densa, mais interessante e menos susceptível de ser reduzida a uma efígie. Perde em simplificação manipulatória; ganha em sinalização das múltiplas ligações de contexto, pondo em evidência escolhas, justificações, renúncias e evitamentos, tudo aquilo que, afinal, torna mais entendível e sensível o trajecto de Moniz.

De resto, algumas das dificuldades sentidas no acesso ao espólio de Egas Moniz, encontram o seu contraponto no evitamento de alguns temas por parte de alguns autores de ensaios biográficos sobre Egas Moniz.

A proposta de recomposição dos dados biográficos implica, ao fim e ao cabo, um acto de poder; uma reestruturação dos biografemas de acordo com outro ordenamento.

Agregamos às representações correntes da vida, obra e actividades de um dos primeiros neurologistas portugueses, elementos até há pouco desvalorizados, omitidos ou desconhecidos, sustentando que esses novos elementos nos aproximam dos desafios, dos interesses e das escolhas de Egas Moniz.

A biografia, enquanto género historiográfico, foi objecto das flutuações que, ora sobrecarregaram o indivíduo de sentido, - os heróis e os semi-deuses da antiguidade; os santos, os sábios e os mártires da Idade Média; os “grandes homens” e as “figuras tipo” do romantismo – ora o

esvaziaram de relevância em favor das “estruturas”, dos actores colectivos e da *longue durée*.

Esse tipo de oscilações continua a manifestar-se nos nossos dias, quer sob a forma de abordagens reverenciais (Rui Ramos: *D. Carlos*³⁹ e *João Franco*⁴⁰) ou de assumida empatia (Luís Reis Torgal: *António José de Almeida*⁴¹), quer de revelações e recomposições (Magda Pinheiro: *Mouzinho de Albuquerque*⁴² ou James Hawes: *Kafka*⁴³), revestindo alguma consensualidade a circunstância de a expressão individual fornecer informação privilegiada acerca do modo como as ideias são recebidas, entendidas, processadas, adoptadas e adaptadas. Neste particular, o consenso atravessa mesmo algumas correntes pós-modernas⁴⁴ que reconhecem, no modo como o indivíduo lida com as ideias circulantes, um momento extraordinariamente azado para a compreensão daquilo a que chamamos metaforicamente a viagem das ideias.

A procura de uma articulação satisfatória entre as dimensões históricas das estruturas e dos trajectos individuais foi expressa com particular premência por Wright Mills, em reacção à proposta estrutural funcionalista de Talcot Parsons, que diluía a importância da história quer mediante a imposição de critérios teleológicos quer pela proeminência que dava aos equivalentes funcionais. Wright Mills, há cerca de meio século, preocupava-se com os “pontos de intersecção da biografia com a história na sociedade”⁴⁵ enquanto perspectiva fulcral da análise social⁴⁶.

³⁹ RAMOS, Rui, *D. Carlos*, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2006.

⁴⁰ RAMOS, Rui, *João Franco e o fracasso do Reformismo Liberal (1884-1908)*, Lisboa Instituto de Ciências Sociais, 2001.

⁴¹ TORGAL, Luís Reis, *António José de Almeida e a República*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2004.

⁴² PINHEIRO, Magda, *Mouzinho de Albuquerque: um intelectual na revolução*, Lisboa, Quetzal, 1992

⁴³ HAWES, James, *Excavating Kafka*, London, Quercus, 2008.

⁴⁴ Casos de Epstein e Walker. Este último propondo uma superação dos quadros conceptuais de Barthes e Foucault: WALKER, Cheryl, “Persona Criticism and the death of the Author” in EPSTEIN, William H, *Contesting the subject. Essays in the Postmodern Theory and Practice of Biography and Biographical Criticism*, Indiana, Purdue University Press, 1991, pp. 109-133.

⁴⁵ MILLS, C.Wright, *The sociological imagination*, New York, Oxford University Press, 1999, p. 7.

A dimensão biográfica, sob este olhar, afigura-se indispensável à compreensão das estruturas sociais.

⁴⁶ “What are the social sciences all about? They ought to be about man and society and sometimes they are. They are attempts to help us to understand biography and history and the connections of the two in a variety of social structures.” MILLS, C.Wright, *The sociological imagination*, New York, Oxford University Press, 1999, p. 31.

1.8. Tomando o sujeito à história

Ao longo do nosso trabalho, pretendemos primeiro, contestar a ideia difusa de que o alcance e o investimento de Egas Moniz na sua carreira política foram despiciendos; em segundo lugar, desmontar parte do intrincado processo de nobelização e, em terceiro lugar, propor a recomposição do perfil biográfico de Moniz, agregando-lhe os aspectos que lhe conferem maior densidade social, cultural e histórica, sublinhando os principais pontos de contacto entre o indivíduo e a sua época, que o mesmo é dizer, entre o ser individual e as instituições; Moniz nas suas figurações, na esteira de Norbert Elias, ou, ainda, de acordo com Wright Mills, nos pontos de intersecção entre estrutura social e biografia.

O resultado ficará, por certo, mais distante da efígie resumida num selo postal ou numa medalha, numas quantas datas e considerações que são ciclicamente repetidas desde meados do século passado. Em contrapartida, fica mais próxima de numerosas outras já esquecidas, ignoradas ou desvalorizadas inscrições que nos informam acerca do complexo enfrentamento de novas ideias filtradas pelos interesses, crenças e disposições dos sujeitos.

De um modo geral, os ensaios biográficos acerca de Moniz têm tentado responder a questões muito genéricas, de ordem causal (porque foi o Nobel atribuído a Moniz?), situando-se as respostas entre o essencialismo genial que teria dado ao sábio de Avanca o brilho e talento necessários para a empresa, e uma outra explicação que atribui ao sucesso anteriormente obtido com a Angiografia Cerebral a fama que pavimentou a via para o prémio de Oslo e, quatro anos depois, para o Prémio Nobel da Medicina ou Fisiologia.

Apesar da relativa capacidade explicativa da segunda hipótese, que entronca num padrão analítico *mertoniano*⁴⁷, e que partilhamos parcialmente, na medida em que se apoia na evidência de uma aturada “construção da notoriedade”, não nos parece que a sistemática recusa do Comité Nobel em valorizar suficientemente a Angiografia, pela qual Egas Moniz foi nomeado cinco vezes, se tenha convertido num cálculo de compensações, de acordo com o qual, o Comité Nobel quis, a pretexto da Leucotomia pré-frontal, premiar o criador da Angiografia.

De um modo ou de outro, na perspectiva da história da ciência, a formação de Moniz (sobretudo os estágios em França e o convívio com Sicard⁴⁸), o suporte radiológico sobre o qual se arquitecta o novo método de diagnóstico, as atribuições na disputa da prioridade na utilização do torotraste e a decisiva introdução do *carrossel radiológico*, constituem fundações provenientes de diferentes autorias que vão reforçando o dispositivo Angiográfico. A hipótese sustentada por Tiago Moreira⁴⁹ merece, neste particular, um crédito especial, pois admite que Moniz estivesse a procurar obter a visualização do córtex – um espaço da neurologia – e a derivação para a árvore vascular tenha sido um caso de serendipidade, cuja tipicidade surge lendariamente associada à história da radiologia⁵⁰.

Partindo do princípio de que a “descoberta científica” se realiza mediante múltiplas contribuições – umas registadas, outras não – convergências de experiências próprias e alheias, hipóteses, tentativas e erros, a história da actividade e das realizações científicas pode ser também substancialmente condicionada pelas alterações de contexto político,

⁴⁷ Designadamente no que toca à teorização alicerçada no “efeito Mateus” que pretende explicar a ampliação do prestígio de quem já se posicionou na comunidade científica, e a dificuldade em se fazer ouvir de quem ainda não o conseguiu. MERTON, Robert K, “The Matthew effect in science”. in *Science*, 159 (3810): 56-63, January 5, 1968. Retomaremos esta ideia no Capítulo 4.

⁴⁸ Jean-Athanase Sicard, (1872 – 1929), neurologista francês com quem Egas Moniz estagiou e revisitou várias vezes.

⁴⁹ MOREIRA, Tiago, *Large gain for small trouble. The construction of cerebral angiography*, MSc Thesis in Science and Technology Studies, Edinburgh, University of Edinburgh, 1997.

⁵⁰ Ver, p. ex, HIRSCH, I. Seth, “I can peer into your stomach and foretell your future” in *Popular Science*, July, New York, 1928.

cruzando, uma vez mais as problemáticas do saber e do poder⁵¹. Egas Moniz, sem embargo de alguns episódios de desditas e contrariedades políticas, em que esteve preso, quer ainda durante a Monarquia Constitucional, devido à sua participação na chamada Intentona da Biblioteca; quer no tempo da República, por suspeita de envolvimento no movimento que levou à ditadura de Pimenta de Castro; quer, já sob a ditadura do Estado Novo, algumas horas, na sequência de uma greve académica na Universidade de Lisboa, conseguiu sempre desenvolver as suas actividades em Portugal e, apesar da manifesta falta de meios que, por mais de uma vez, denunciou, pôde concretizar os seus planos, realizar-se intelectual, política e profissionalmente, agraciado pela imprensa e pelo reconhecimento generalizado dos seus pares.

Egas Moniz surge, pois, no texto que aqui submetemos, como um conjunto de representações, organizadas – construídas, pensadas e dadas a ler – que são identificadas, ao longo do tempo (em diferentes lugares e momentos), segundo estratégias bem definidas.⁵²

A recolha documentação original e o reexame das fontes secundárias disponíveis levaram-nos a tentar responder a três questões maiores no conjunto da investigação prosseguida:

1 – Qual a efectiva ponderação do protagonismo político de Egas Moniz? Da resposta a esta questão, decorrem consequências interpretativas quer, para avaliar o tipo de investimento de Egas Moniz na sua imagem pública, quer para ajuizar do peso e da abrangência no entrelaçamento de factores que acompanham o seu *modus faciendi*. São

⁵¹ Ver, p.ex, a Biografia Científica do Abade Correia da Serra: SIMÕES, Ana, DIOGO, Maria Paula e CARNEIRO, Ana, *Cidadão do Mundo. Uma Biografia Científica do Abade Correia da Serra*, Porto, Porto Editora, 2006.

⁵² Cabe recordar que os propósitos patrióticos e quejandos moldam frequentemente a apresentação de Egas Moniz, o que está longe de constituir um caso isolado na história da ciência. “Uma determinada fracção da história da ciência foi escrita por motivos patrióticos, destinando-se a chamar a atenção para a excelência da ciência da nação ou a defender exigências de prioridade nacional”. KRAGH, Helge, *Introdução à história da ciência*, Porto, Porto Editora, 2001, p. 15.

conhecidas, da história da ciência, as hipóteses que apresentam os projectos de investigação como exemplos de acção política, ou muito assemelhada à acção política. Para além das questões levantadas sob essa perspectiva, é relevante a verificação das operações (quase todas de tipo político) através das quais Moniz e os seus próximos regularam a “intensidade” biográfica que deveria ser atribuída ao factor político. Dado que a ciência moderna surge associada à putativa deseabilidade de fazer corresponder a superioridade epistemológica à elite governante, interessa também apurar até que ponto estas ideias acerca do poder-do-saber estão presentes na cultura científica e política de Egas Moniz. A este tipo de questões, dedicaremos boa parte do Capítulo 2, retomando-as a propósito das crenças eugenistas profundamente arreigadas.

2 – Quais os traços mais salientes do processo de nobelização que tem início no ano imediatamente posterior à realização das primeiras “encefalografias arteriais”⁵³ e se prolonga até 1949⁵⁴, trazendo à colação a actividade de lobby, por um lado, a relutância “anti-angiográfica” dos sucessivos avaliadores das candidaturas de Moniz, por outro, e, ainda, por outro lado, o grau de exigência na avaliação dos resultados científicos e terapêuticos que fez vencimento no período pós 2ª Grande Guerra? Este conjunto de questões organiza, até certo ponto a tessitura do Capítulo 3 e é grandemente baseado na pesquisa efectuada nos arquivos da Fundação Nobel, em Estocolmo.

3 – Movendo-nos, como nos movemos, nas fronteiras do método biográfico, atravessadas igualmente pela variante autobiográfica,

⁵³ Designação correspondente à primeira fase da visualização exclusiva do sistema arterial dada pelas provas de raios X, a que Egas Moniz chama “arteriografias” e que se inicia em 1927: MONIZ, Egas, *Confidências de um investigador científico*, Lisboa, Ática, 1949, pp. 65-67.

⁵⁴ Ver sequência cruzada das nomeações e prémios. Anexos, pp. 55-58.

atentos aos seus limites, simplificações, potencialidades historiográficas e enviesamentos típicos, interessa aquilatar em que medida, em que casos e com que intensidade, Moniz e os que se entregaram à produção de notas, ensaios e outras excursões biográficas a seu respeito, foram sensíveis ao padrão que consideramos resultar do exercício do “poder biográfico”⁵⁵. A este conjunto de questões dedicamos o Capítulo 4 e parte do Capítulo 5. Por abraçar mais nitidamente a perspectiva dominante do nosso trabalho – *Representação, Saber e Poder* – retomamo-la, em síntese, na conclusão.

Fig. 10 - Registo do Serviço de Pessoal da CP. Egas Moniz, Médico Especialista⁵⁶.

⁵⁵ Ver a este respeito anterior nota nº 23, p. 53.

⁵⁶ Centro de Documentação e Arquivo de Imagem da CP.

2. No princípio, era o nome

Por obra e convicção do seu tio, abade de Pardilhó, o sobreapelido “Egas Moniz” foi acrescentado ao patronímico “Abreu Freire” (António Caetano de Abreu Freire). Uma tal diferenciação relativamente aos irmãos, contentados com “Abreu Freire”, inaugurou, necessariamente, um capítulo de auto e heteroquestionamento, a que o nomeado foi respondendo ao sabor das solicitações, sem dar a sensação de nisso fazer fincapé.

Se, por um lado, esta evidência ontológica o alertou para a eventualidade de pertencer a uma linhagem com raízes no período da fundação da nacionalidade, o que, em finais do século XIX, se revestia de uma importância excepcional, com a busca exacerbada de elementos refundadores da identidade nacional, por outro lado, investiu-o de uma espécie de responsabilidade histórica que implicaria, sendo ele digno de tal distinção “natural”, um esforço de tipo superior para se destacar de entre os

demais, com feitos de nomeada, com brio e brilho, deixando obra feita à altura do apuro e da nobreza da sua descendência.

Por isto, Egas Moniz foi dado a reflectir bastante sobre a História, o modo de inscrição que se recorta nas grandes narrativas da memória, preservando a evocação dos feitos ilustres, contra a vulgaridade e o esquecimento.

2.1. Arquitectura da identidade

Nos seus escritos, e pelo que está documentado acerca das suas actividades, Egas Moniz incorporava sempre nas suas estratégias, como elementos tão relevantes quanto os objectivos a atingir, a quota-parte de construção da notoriedade que lhe parecia apropriada.

Houve, pois, desde muito cedo, uma familiarização especial do jovem Egas Moniz com os modos de articulação “passado-presente-futuro”, que o levou a tomar em consideração as correlativas conjugações, em praticamente todas as decisões de alcance público. Nessa arquitectura da identidade, Moniz interrogava-se, a cada passo, sobre qual o sentido de cada um dos seus actos; qual o nexó entre o putativo herdeiro da linhagem do aio de D. Afonso Henriques (já de si uma rara densidade aristocrática) e o próximo passo; qual a previsível percepção pública desse passo e dos gestos correlacionados; de que modo se inscreviam na sua estratégia; e o que fazer para os dissimular ou promover, de acordo com os seus desejos e conveniências.

Nessa arquitectura da identidade, existia, implicada no conjunto de preocupações que gizavam a sua estratégia, uma teoria da representação. Prestava uma especial atenção ao tempo que flui, ao que dele se guarda e ao que se esquece, oculta e apaga.

Esta propensão para seguir com particular atenção as problemáticas associadas ao tempo, à memória e à história, perpassa nos seus escritos, no seu modo de resolver as questões relacionadas com a imagem e a notoriedade; e nos objectos de que se rodeou e a que quis permanecer associado, *in memoriam*.

2.2. Poder baptismal

As circunstâncias em que o tio abade de António Caetano de Abreu Freire, acrescentou o nobiliárquico suplemento de “Egas Moniz”, naqueles dias de Dezembro de 1874, não estão completamente esclarecidas. A perspectiva aqui adoptada, não nos impede de divisar um acto de poder – de estar no lugar social e nas funções que permitem dar a um recém nascido o mesmo nome ressoante que foi o do mais conhecido aio do primeiro rei de Portugal, nos idos do século XII. Outro qualquer, de outro lugar e funções, não teria a mesma latitude decisória, e confrontar-se-ia com um severo role de limitações. Em qualquer caso, o gesto do tio abade foi um gesto de poder, gesto esse que deu origem a uma particularidade que, por mais de uma vez, beneficiou a imagem do jovem avanquense, conferindo-lhe uma amplitude simbólica de que os seus pais e irmãos não beneficiaram.

Acompanhando a exacerbação do regresso ao passado que se desenvolveu no último quartel do século XIX, o nome do aio do primeiro rei de Portugal obtinha ressonâncias patrióticas que tornavam especialmente notado o seu titular. A crise finissecular favorecia a busca de símbolos patrióticos, e o regresso às raízes da nacionalidade perfilava-se como uma forma particular de afirmação nacionalista acicatada pela propaganda republicana. O ultimatum de 1890 veio facilitar ainda mais a argumentação da “nação ofendida” que proclamava serem os opositores da monarquia os

“verdadeiros patriotas”, enquanto a “velha aristocracia” se afogava em escândalos e deixava de encarnar, com autenticidade, os valores pátrios.

De acordo com a versão lendária⁵⁷, Egas Moniz personificava uma adesão máxima aos valores da verdade, da honra e do dever, ao ponto de se oferecer em imolação ao rei de Espanha, em penhor da palavra dada e não cumprida pelo seu monarca, Dom Afonso. Tal exemplo, que viria também a ser explorado pelo imaginário do Estado Novo, representava uma das mais expressivas consagrações da superioridade nobiliárquica igualmente associada ao tempo da fundação da nacionalidade.

O jovem António, ao receber um suplemento patronímico com cerca de sete séculos, teve de habituar-se às numerosíssimas manifestações de estranheza, admiração, estupefacção e curiosidade que recebia sempre que o seu nome era pronunciado pela primeira vez, na escola, na rua, numa visita, nas férias. Orgulhava-se, pois, daquela distinção que, desde o início fora explicada pelo tio abade de forma natural, clara e peremptória.

O facto de a referência identitária remeter para um putativo antepassado de sete séculos antes, acabou por contribuir positivamente para a afirmação antimonárquica. Primeiro, porque, ao cavar no passado, pouco mais se poderia encontrar do que nobres insignes; segundo, porque a distância temporal permitia apagar a sugestão de quaisquer desforços contra a “opressão dos nobres” recentemente exercida. Egas Moniz tirava assim partido do melhor que a inspiração simbólica pode proporcionar, sem ser demasiado afectado pelos sentimentos fortes do ódio e da vindicta que levaram, por exemplo, ao regicídio.

A fidalguia fundacional, no ambiente republicano, convivia bem com as profissões de fé antimonárquicas, dado que Egas Moniz não podia ser apodado de “adesivo” de última hora. Datada de 1905, com a sua inclusão na Dissidência Progressista, a sua ruptura com o rotativismo monárquico e o caminho feito em comum com os republicanos, granjearam-

⁵⁷ Ver biografia de D. Afonso Henriques da autoria de José Mattoso: MATTOSO, José, *D. Afonso Henriques*, Círculo de Leitores, 2006.

lhe respeito e admiração perfeitamente compagináveis com a linhagem imaginária que o nome de Egas Moniz lhe conferia.

Quando foi iniciado na Maçonaria, na Loja Simpatia e União, em 1910⁵⁸, escolheu o pseudónimo de “Egas Moniz”, provando que a sua admiração pelo aio de Dom Afonso I ia muito para além da circunstância de ter sido baptizado com o seu nome. O investimento afectivo da escolha, documenta uma relação intensa com aquela figura do passado cujo nome utilizava com brio e orgulho.

Mais tarde, pareceres avisados fizeram constar que muito dificilmente se poderia traçar a descendência em que o tio abade de Moniz teria acreditado⁵⁹.

Nas páginas de *A Nossa Casa*, em 1950, Egas Moniz distancia-se da crença do seu tio abade atribuindo-a a “prosápias de fidalguia”:

A família do lado de meu pai tinha prosápias de fidalguia pelos Resendes, Sás, Abreus, Freires, Valentes, Almeidas, Pinhos... eu sei lá! um nunca acabar de ascendências ilustres a que as pessoas de idade se referem com devoção (...). Ora, como os Resendes, segundo autoridades na matéria, provêm de Egas Moniz, aio de Dom Afonso Henriques, que, pela sua numerosa prole, deixou descendentes para repartir por todas as velhas casas do Norte, resolveu meu padrinho, Rev. Caetano de Pina Rezende Abreu Sá Freire, substituir o Rezende pelo apelido mais pomposo do ascendente Egas Moniz⁶⁰

⁵⁸ Egas Moniz foi iniciado na Maçonaria (Loja Simpatia e União, em 15 de Dezembro de 1910, de acordo com os arquivos do Grande Oriente Lusitano). Escolheu o nome simbólico de “Egas Moniz”.

⁵⁹ É a conclusão a que chega Armando Malheiro da Silva, ao cabo da sua investigação a este propósito: “As suas origens não tão remotas e mais verosímeis, mergulharam até ao século XVI e ao fundador da Casa do Mato, em Avanca, Valentim Pires Valente, a quem D. João III concedeu carta de brasão de armas em 1548. Dessa Casa, arruinada em meados de novecentos, procederam todas as outras – Marinheiro, Outeiro, Areia... – e, nas sucessivas gerações de parentela, D. Ana Rosa Tavares de Resende, casada com André Norton e bisavô do general José Mendes Ribeiro Norton de Matos, republicano, mação, ilustrado colonialista e figura de proa da oposição ao Estado Novo de Oliveira Salazar.” SILVA, Armando Malheiro da, “Egas Moniz e a política. Notas avulsas para uma biografia indiscreta”, in PEREIRA, Ana Leonor e PITA, João Rui, (Org.), *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, Minerva, 2000, p. 239..

⁶⁰ MONIZ, Egas, *A Nossa Casa*, Lisboa, Edição Paulino Ferreira, 1950, pp. 15-16.

Ficou, assim, dada a explicação, 76 anos transcorridos sobre o registo baptismal efectuado pelo seu tio Abade. É difícil imaginar agora o mesmo trajecto servido por António Freire (de António Caetano de Abreu Freire), com diferente ressonância evocativa. De facto, perante a coincidência histórica, ainda hoje há muito quem questione se Egas Moniz seria algum tipo de pseudónimo⁶¹. A resposta à questão está dada, apesar de o próprio titular o ter eventualmente utilizado também como uma espécie de pseudónimo, na altura em que foi iniciado na Maçonaria. Esse jogo de assunção e distanciamento relativamente ao nome que lhe foi dado, ilustra, desde o princípio, a interpenetração das instâncias de *representação, saber e poder*, potenciando o adquirido e criando, a partir dos resultados obtidos, novas condições, mais vantajosas, visando o reforço da acção, a afirmação de projectos e a notoriedade, enquanto elementos de reforço da identidade.

De certo modo, o nome de Egas Moniz preencheu os quesitos de um título nobiliárquico sem arcar com os eventuais dissabores que os autênticos títulos nobiliárquicos poderiam desencadear nos conturbados anos que precederam e se seguiram ao advento da República. A linhagem simbólica tornou-o num português cujo nome evocava um outro fidalgo cujo exemplo perdurava, aclamado por sucessivas gerações, encarnando os valores mais prezados da coragem, lealdade, coerência, honra e indefectível respeito pela palavra dada. A imagem legendária do fidalgo e respectiva família, trajando as vestes dos sentenciados, de barão ao pescoço, povoou e povoa ainda os imaginários colectivos acerca dos momentos marcantes da história de Portugal. Uma tal carga simbólica dificilmente poderia prejudicar Egas Moniz.

Relacionamento com o próprio nome e relação com a história coincidiam, pois, em Egas Moniz. Não podia um deles deixar de evocar o outro, com as múltiplas implicações que tinha ver-se um – o médico – no

⁶¹ Estou a referir-me a discussões ocorridas no Blog Egas Moniz, por nós criado (<http://egasmoniz.blogspot.com>), designadamente em Novembro de 2005 (<http://egasmoniz.blogspot.com/2005/11/egas-moniz-no-era-pseudnimo-1.html>), em que um dos visitantes do blog, João Alves dos Santos, perguntava se “Egas Moniz” era, ou não, pseudónimo.

lugar do outro, – o aio – automaticamente recordados por mimese. A hipótese de essa circunstância ser entendida como a presença de um (o aio) no outro (o ego) decorre do peso que tinha a descendência nas mentalidades da época e, *a fortiori*, da doutrina da hereditariedade suportada pelo darwinismo social que então assentava arraiais. Em torno da descendência improvável de Egas Moniz, os preconceitos de linhagem e o enquadramento científico dos estudos sobre a hereditariedade, conjugavam-se para conferir um toque de exclusividade ao titular.

O sentido de missão, a percepção da particularidade do ser, e o desejo de deixar obra feita, revezavam-se para criar uma lógica de excepcionalidade na personalidade e no comportamento de Egas Moniz.

Essa representação fundacional da pátria, que é um gesto de força e poder visando a criação de um novo espaço identitário (do Condado Portucalense ao Império d'aquém e d'além mar), implica um saber, um conhecimento dos meandros da história que se completa na assunção de um poder reforçado na representação subsequente. Egas Moniz representava, nos tempos da sua existência, as qualidades desses outros poderes e, ao fazê-lo, impunha-o com a autoridade simbólica que fazia com que lhe fosse reconhecida essa particularidade.

Não que um homem possa ser acusado de tirar partido do seu nome, mais do que das suas obras e do seu prestígio, mas, no caso de Egas Moniz, o nome do antepassado mítico, por cima do nome do pai, constituiu uma mais valia singular.

2.3. No colégio dos jesuítas

Egas Moniz cresceu e foi educado, na primeira fase da sua vida, num meio em que dominavam os ideais legitimistas. Os seus familiares

mais chegados persignavam-se quando se falava dos liberais ou do liberalismo. O tio paterno (abade de Pardilhó) era um destacado membro do clero local, e um seu tio avô tinha mesmo combatido ao lado dos miguelistas na guerra civil⁶².

A avaliação que faz da sua passagem pelo Colégio de São Fiel, mostra até que ponto essa fase da sua vida constituiu uma experiência marcante. Moniz recorda-se dela, em pormenor e, reflectindo-a, deixa algumas observações críticas acerca do ambiente e do tipo de ensino que lá se ministrava.

As anotações críticas que inseriu nas páginas de *A Nossa Casa*⁶³ revelam um distanciamento notável relativamente ao cadinho religioso em que se formou. Egas Moniz, no entanto, não poderia ser acusado de anticlericalismo. O Padre Gomes de Azurara, que dirime com ele, nas páginas da revista dos Jesuítas, as questões levantadas acerca do ambiente pedagógico existente em São Fiel, dá-lhe razão, nalguns aspectos, e discorda dele noutros⁶⁴.

À guisa de recensão desse livro de Egas Moniz, editado dois anos antes, Azurara aborda elogiosamente o modelo de ensino jesuíta, dispensando-se de aludir a relação de causa - efeito subjacente, uma vez que, tendo Egas Moniz tido um tal sucesso, a sua formação de base aí haveria de estar associada nalguma medida.

⁶² Ver SILVA, Armando Malheiro da, “Egas Moniz e a política. Notas avulsas para uma biografia indiscreta” in PEREIRA, Ana Leonor e PITA, João Rui (Org.), *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, Minerva, 2000, pp. 239-240.

⁶³ MONIZ, Egas, *A Nossa Casa*, Lisboa, Edição Paulino Ferreira, 1950.

⁶⁴ AZURARA, Gomes de, “O primeiro Prémio Nobel português/aluno dos Jesuítas” in *Brotéria*, Vol. LII, 1951, Fasc. 4.



Fig. 11 - Convento de São Fiel.

Havia, contudo, um problema a resolver. Moniz acusara também, nas memórias agora chamadas à colação, alguns aspectos menos bons na distribuição dos tempos lectivos. Onde Egas Moniz escreveu

No colégio, ao lado da exagerada vida religiosa, que nos levava tempo e roubava actividade⁶⁵,

Gomes de Azurara introduz uma chamada para nota de rodapé:

Há evidente exagero nesta afirmação. Existem os regulamentos do colégio desse tempo. A distribuição das práticas religiosas mostra que elas eram o que sempre foram e são de uso, em colégios verdadeiramente católicos⁶⁶.

Todavia, logo a seguir, aquiesce relativamente a um remoque da mesma natureza do anterior. Diz Egas Moniz, no parágrafo seguinte da mesma página:

O equilíbrio entre orações, exercícios físicos e estudo, merecia ser melhor estabelecido.

Responde Gomes de Azurara que

⁶⁵ MONIZ, Egas, *A Nossa Casa*, Lisboa, Paulino Ferreira, Filhos, Lda, 1950, p. 254.

⁶⁶ AZURARA, Gomes de, *Ob. Cit.* p, p. 421

É possível. A pedagogia moderna tem alargado horizontes, neste ponto, e os Jesuítas, nos seus sistemas, têm beneficiado com isso.

Mais adiante, Azurara verbera Moniz relativamente a expressões como “cilícios mentais” impostos aos ordenados, etc, para concluir, mudando de tom, que

Dentro destas reservas, folgamos com o registo de tão abonatório testemunho do primeiro prémio Nobel português à pedagogia dos seus mestres jesuítas.⁶⁷

Cruzam-se, neste episódio, além de Egas Moniz e do Padre Azurara, dois outros homens que pesam decididamente na figuração moniziana: o Padre Fernandes Santana, também jesuíta, que foi professor de Egas Moniz em São Fiel, e Miguel Bombarda, referência incontornável da psiquiatria em Portugal, clínico, professor e líder republicano. Cada um a seu modo, ambos tiveram influência sensível sobre Egas Moniz. Para além disso, noutra plano temporal, Santana e Bombarda, envolveram-se numa célebre polémica⁶⁸, que Moniz alude, de passagem, no mesmo capítulo em que recorta memórias do colégio de São Fiel.

Moniz não partilhava do anticlericalismo radical de Bombarda. O facto de um dos seus tios paternos ser padre, a sua passagem pelo Colégio Jesuíta de São Fiel, e um período de hesitação face à possibilidade de seguir a carreira eclesiástica, temperaram nele uma certa circunspeção em matérias relacionadas com a religião e a Igreja Católica. A Casa do Marinheiro incluía

⁶⁷ AZURARA, Gomes de, Ob. Cit. pp. 424-425.

⁶⁸ O livro de Miguel Bombarda, *Consciência e Livre Arbítrio*, de 1898, suscitou uma recensão de Manuel Fernandes Santana, no *Correio Nacional* e, depois, em obra própria, *Questões de Biologia — o Materialismo em Face da Ciência*, desafiando Bombarda, que lhe responde veementemente com o texto, *Ciência e Jesuitismo — Réplica a Um Padre Sábio*. Ver BOMBARDA, Miguel, *Consciência e livre arbítrio*, Lisboa, António Maria Pereira, 1898; BOMBARDA, Miguel, *A ciência e o jesuitismo. Réplica a um padre sábio*, Lisboa, António Maria Pereira, 1900; SANTANA, Manuel Fernandes, *O materialismo em face da ciência*, Lisboa, Tipografia da Casa Católica, 1899.

uma pequena capela; o reatamento das relações diplomáticas entre Portugal (após a revolução republicana) e a Santa Sé, processa-se, com o seu decisivo empenhamento, no período em que é embaixador (Ministro Plenipotenciário) em Madrid; não lhe são conhecidas precauções de carácter confessional. Porém, ao avaliar globalmente a prestação do seu mestre jesuíta Fernandes Santana, Moniz “lamenta” que a estatura de intelectual do seu antigo professor de Matemática do Colégio de São Fiel, tenha sido submetida aos “cilícios mentais” da Ordem. Tal expressão, como por certo Azurara bem compreendeu, dá a entender que, por trás da circunspecção que sugeria uma certa neutralidade religiosa, Egas Moniz não aprovava o radicalismo teológico de que Santana deu prova na polémica que o opôs a Miguel Bombarda. Azurara, pelo contrário, detém-se na polémica Bombarda-Santana, dedicando-lhe alguns parágrafos. Resumindo abruptamente os termos, coloca-se do lado de Santana, justificando-o. O Padre Gomes de Azurara quisera, sobretudo, colocar em destaque a pertença de Egas Moniz àquele universo da educação jesuíta, sublinhando a qualificação que trouxera ao recém nobelizado cientista. Aquiescendo no acessório sem ceder demasiado às críticas que Egas Moniz formulara, Gomes de Azurara estava a repetir o que muitos outros, de diferentes quadrantes, fizeram, ao enfatizar a associação de pertença que existira – e, por ter existido, continuava a existir – entre um cientista particularmente bem sucedido e o grupo ou instituição de que ele, Azurara, era porta-voz. A glória de um, reforçava a grandeza dos outros. Aquele que venceu na vida (Egas Moniz) em parte o ficou a dever à educação jesuíta que recebera na sua tenra juventude. Egas Moniz, que explanou nas páginas de *A Nossa Casa*⁶⁹ a sua percepção do positivo e do negativo dessa experiência, dificilmente acompanharia Azurara nalgumas passagens deste seu artigo na Brotéria.

Porém, não se conhece da parte de Egas Moniz nenhuma ida ao diálogo com o padre jesuíta. As coisas ficaram, aparentemente, por ali.

⁶⁹ MONIZ, Egas, *A Nossa Casa*, Lisboa, Paulino Ribeiro & Filhos Ltda, em reedição da Câmara Municipal de Estarreja, 2001.

2.4. Presidente da Tuna

Já na Universidade de Coimbra, Egas Moniz torna-se um ardente militante político, evoluindo, a pouco e pouco, para posições liberais, rompendo, assim, com as intransigências legitimistas que dominavam no seu meio de origem.

Moniz falava frequentemente aos colegas. Falava bem, alto, denotando um gosto e um domínio do verbo que eram do agrado de muitos. Ao que parece, por isso, foi convidado para presidir à Tuna Académica. Apesar de não se sentir particularmente dotado para a música, nem, na ocorrência, praticar com qualquer espécie de instrumento musical, Egas Moniz aceitou, tendo desempenhado de modo competente e entusiasta as suas funções de líder.



Fig. 12 - A Tuna Académica da Universidade de Coimbra⁷⁰

⁷⁰ Cortesia da Tuna Académica da Universidade de Coimbra, e da sua Presidente, Mafalda Gala, a quem agradecemos a autorização de reprodução.

Acompanhou, desse modo, os périplos da Tuna, chegando a deslocar-se ao estrangeiro em diversas ocasiões⁷¹. Dessas deslocações deixa um traço particularmente emocionado nas páginas de *A Nossa Casa*⁷², recordando uma visita a Santiago de Compostela, e o discurso que então proferiu.

Nesse discurso, perpassam elementos soltos do seu ideário. O nacionalismo, o tom elegíaco cujo gosto confirmará na sua admiração por Teixeira de Pascoaes e pelas numerosas referências à “saudade”.

A compatibilização filosófica Egas Moniz-Teixeira de Pascoaes é saliente na base monista, na importância dada à natureza e a algumas das suas manifestações visíveis (a paisagem, p.ex, que serve também a Egas Moniz de indicador de aferição do grau de morbidade psíquica dos artistas plásticos), na discrepância entre o instinto e o espírito (tal um “dualismo monista”), vivido como uma saudade do Ser, e de um certo panteísmo totalizante.



Fig. 13 - Pormenor da fotografia anterior.

⁷¹ Cortesia da Tuna Académica da Universidade de Coimbra, e da sua Presidente, Mafalda Gala, a quem agradecemos a autorização de reprodução. Cabe aqui também um agradecimento a Octávio Sérgio, do Blog Guitarra de Coimbra III, que nos trouxe a foto a público. Egas Moniz está junto à janela do fundo e identifica-se facilmente pelo bigode e pelo risco ao lado, no cabelo.

⁷² MONIZ, Egas, *A nossa casa*, Lisboa, Paulino Ferreira, Filhos Lda, 1950, pp. 330-341.

2.5. O Partido Progressista e a Vida Sexual

Confrontado desde muito cedo com a problemática da representação, Moniz, após ter ocupado, na Câmara dos Deputados, o lugar que os eleitores progressistas lhe confiaram, desligou-se do Partido Progressista, em 1905, aderindo à “Dissidência Progressista” que o seu amigo José Maria de Alpoim liderou. A representação, também neste caso, envolvia uma certa complexidade. Egas Moniz representava o Partido Progressista, no qual militava; representava os votantes que o tinham apoiado nas eleições precedentes e, naturalmente, os interesses que decorriam da sua actividade política e empresarial.

Entre o ano em que findou os estudos universitários, e o da adesão à “Dissidência Progressista”, entregou-se a uma série de realizações que vieram a ter uma importância capital no seu futuro.

A escolha do tema para as provas de admissão a lente, granjeou-lhe elevada notoriedade, pois quer a favor, quer contra, a sexualidade era encarada com um puritanismo e um evitamento que não poderia deixar de suscitar celeumas. Porém, a ousadia provou ser altamente compensadora. Egas Moniz passou a ser uma referência incontornável no âmbito das disfunções e doenças associadas à sexualidade. Por outro lado, os dois livros que publicou na altura, – mais tarde reunidos num só volume – passaram a ser objecto de todo o tipo de curiosidade e de procura, tornando-se num caso editorial singular, quer pela procura especial de que foi alvo quer, ainda, por razões particulares que assinalamos mais adiante no capítulo 4.

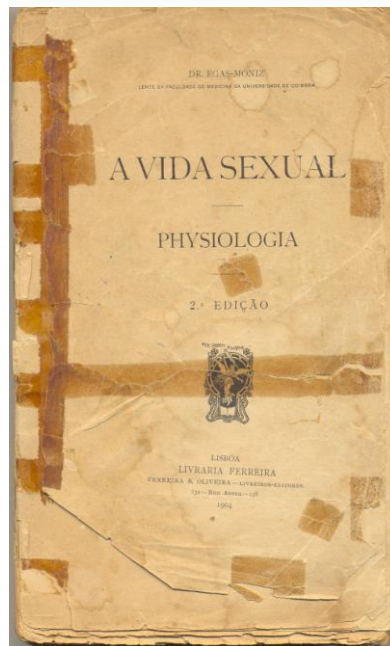


Fig. 14 - Capa da 2ª edição de A Vida Sexual, Physiologia.

2.6. A Casa do Marinheiro e o *ex libris*

A recuperação da Casa do Marinheiro, reconstruída em 1915 na base de um projecto encomendado ao arquitecto Ernesto Korrodi, sob a direcção do Padre António Maria Pinho, preenche um dos capítulos da preocupação de Egas Moniz com o cortejo de imagens e objectos associados à sua pessoa. A importância que a casa tem para ele, transparece no título que escolheu para o seu último livro de maior fôlego e teor autobiográfico, *A Nossa Casa*⁷³; no cuidado com que a geriu e lá depositou as obras de arte que ia coleccionando; e o ícone em que a quis tornar com a determinação testamentária de dela fazer Casa Museu e sede da futura Fundação com o seu nome.

⁷³ MONIZ, Egas, *A Nossa Casa*, Lisboa, Paulino Ribeiro & Filhos Ltda, 1950.

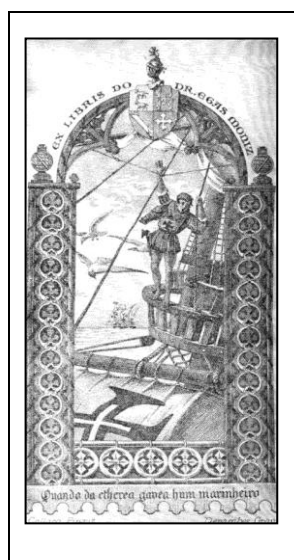


Fig. 15 - Ex libris de Egas Moniz.

À morte de Elvira Egas Moniz, foi constituída a Fundação Egas Moniz, cujos estatutos foram aprovados por despacho ministerial.⁷⁴

Após delongas e peripécias várias, extinta a Fundação, o seu espólio foi integrado, primeiro, no Museu Nacional da Ciência e da Técnica, tendo passado, depois, para a alçada da Câmara Municipal de Estarreja, que tratou da sua conservação, e passou a ocupar-se, mais recentemente, do tratamento do importantíssimo acervo documental ali existente⁷⁵. Em finais do ano passado, teve início a digitalização de parte do espólio.

Tal como se depreende da leitura do texto que figurava no anterior *site* da Casa Museu, preservou-se a maioria dos espaços funcionais para produzir nos visitantes a sensação de aceder à geografia íntima do quotidiano de Egas Moniz, esposa, restantes familiares, visitantes e criados. A guia das visitas à Casa Museu, vai enaltecendo os dotes e qualidades do “anfitrião”, revelando pormenores do dia a dia na casa, classificando mobiliário e obras de arte, num panegírico sem mácula a roçar o hagiográfico.

⁷⁴ Despacho Ministerial de 7 de Março de 1966 publicado no Diário do Governo, III Série, de 28 de Março de 1966.

⁷⁵ DUARTE, Adelaide Manuela da Costa, *O Museu Nacional da Ciência e da Técnica (1971-1976)*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007, pp. 218-219.

No Lugar da Congosta, Avanca, Rua Dr. Egas Moniz, acede-se ao solar pelo grande pátio que separa o portão de entrada da porta principal. Tudo está disposto para condizer com o guião do elogio e do louvor.



Fig. 16 - Alçado frontal da Casa Museu Egas Moniz em Avanca⁷⁶.

“Sente-se nesta casa uma harmonia e ordem perfeitas que imediatamente dão ao espírito do visitante a certeza que nada de banal se encontra nesta casa e que a pessoa criadora deste ambiente teve a necessidade espiritual de dar a tudo que a rodeou um pouco de si mesma, rodeando-se por isso de mil e uma pequenas coisas que disso fossem dignas. Para além da sua secção artística, possui a Casa Museu, uma secção científica, que nos apresenta os objectos referentes às suas investigações científicas da Angiografia até à pragnante exposição gráfica das etapas sucessivas das investigações científicas que conduziram à primeira visualização radiológica das artérias cerebrais do Homem vivo e da leucotomia pré-frontal, no género da exposição que foi apresentada pelos seus colaboradores de Santa Maria aquando do Congresso de Neurocirurgia pelos seus colaboradores do Hospital Júlio de Matos.”

Texto retirado do site da [Casa Museu Egas Moniz](#).

⁷⁶ A Casa do Marinheiro foi reconstruída em 1915 segundo um projecto do Arquitecto Ernesto Korrodi, sob a direcção do padre António Maria Pinho, tendo sido encarregue da decoração Álvaro Miranda da Granja.

2.7. Os seguros de vida e a Nestlé

No elenco das actividades de que Egas Moniz se ocupou, alguns autores⁷⁷ sublinham o seu lado empreendedor, historiando sucintamente a seu estatuto de co-fundador, em 1923, da *Sociedade de Produtos Lácteos, Lda*, que obtém, dez anos depois, a exclusividade do fabrico e venda dos produtos Nestlé. A empresa sucedânea ainda hoje existe, reservando-lhe, em jeito de reconhecimento e homenagem, um lugar destacado no seu historial⁷⁸. Todavia, mais do que a co-fundação e co-gestão da fábrica de produtos lácteos, Egas Moniz dedicou uma atenção muito particular à actividade seguradora. Primeiro como médico-chefe do ramo vida de companhias de seguros norte-americanas⁷⁹, e depois, a partir de 1906, acumulando esse encargo clínico com o estatuto de accionista fundador da Companhia de Seguros *A Nacional*. Nessa condição, veio a ser eleito para o respectivo Conselho de Administração, permanecendo na qualidade de membro dos corpos gerentes até final.

A Companhia de Seguros *A Nacional*, fundada no Porto, veio a fundir-se em 1980, juntamente com a Garantia Funchalense, com a actual Companhia de Seguros *A Tranquilidade*, fundada igualmente no Porto, em 1871, sob a designação de Companhia de Seguros *Tranquilidade Portuense*. (Nacionalizada em 1975 e reprivatizada em 1990).

⁷⁷ Ver, p. ex, COELHO, António Macieira, “Vivências na intimidade de Egas Moniz” in PEREIRA, Ana Leonor e PITA, João Rui, (Org.), *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, Minerva, 2000, p. 58.

⁷⁸ Ver OLIVEIRA, Isabel, “80 anos de papas” na revista *Única*, Semanário EXPRESSO nº 1619 de 8/11/2003.

⁷⁹ *Mutual Life Insurance Company*. Ver CAEIRO, Armando, “Elementos sobre a história do Seguro de Vida em Portugal”, in *APS Notícias – Boletim Trimestral da Associação Portuguesa de Seguradores*, Lisboa, Abril - Junho, 2003, nº1

No exercício da sua profissão, Egas Moniz montara consultório em Lisboa, o que implicava uma certa atenção à gestão de mais esse espaço, havendo notas curiosas dando conta do grau de pormenor com que se ocupava das pequenas e grandes obras tal como da distribuição dos encargos com os respectivos custos⁸⁰. Porém, poder-se-ia considerar banal esse tipo de ocupações num grupo social cuja condição habilitava aos arranjos mínimos com a conservação e manutenção do património familiar, o que implicava um sem número de operações para as quais era necessária alguma atenção, capacidade de decisão, direcção de algum pessoal (criados, serventes, etc). Os profissionais liberais eram quase sempre gentes detentoras dessas capacidades e competências. Não se poderiam, por aí, confundir com grandes ou médios industriais, comerciantes ou financeiros da banca ou dos seguros. Tratando-se, apesar de tudo, de uma actividade nobre, empreendedora e necessária, não vem mencionada na maioria dos esboços biográficos publicados, guardando o próprio Egas Moniz um silêncio absoluto acerca dos seguros de vida e outras actividades correlativas nos seus escritos.

2.8. O político e o cientista

As evocações, celebrações e estudos acerca de Egas Moniz têm adoptado, em síntese, três perspectivas. As diferentes opções mantêm entre si uma tensão surda: uma delas tende a omiti-lo; outra, procede à sua glorificação, em consonância com a auto-imagem que Egas Moniz fixou, designadamente nas suas obras de carácter autobiográfico; e, finalmente, uma outra, assenta em **posturas críticas, reconhecendo a importância de o**

⁸⁰ ANTUNES, João Lobo, *Um modo de ser*, Lisboa, Gradiva, 1997, pp. 173 e seguintes.

considerar na rede de relações em que se inseriu, procurando avaliar a enorme capacidade de adaptação de que deu provas face às mudanças sucessivas que foi enfrentando ao longo da vida.



Fig. 17 - Notícia de Conferência política de Egas Moniz, a poucos dias do golpe de Estado de Sidónio Pais⁸¹.

2.8.1. Sombra por omissão

A primeira perspectiva – a da omissão – tem provocado, ao longo do tempo, um bloqueio objectivo da imagem de Egas Moniz, a partir de posições diferentes, na origem, mas convergentes no que toca à omissão.

Este enfoque complica-se, na medida em que o próprio Egas Moniz, desvalorizando claramente a sua actividade política e pretendendo avantajá-lo e ser lembrado pelo reconhecimento científico com que foi distinguido, contribuiu, parcialmente, para deixar na sombra uma fase notável da sua vida que acompanhou a debilitação e o fim da Monarquia

⁸¹ A *Capital* de 2 de Dezembro de 1917, primeira página.

Constitucional – rotativismo, ditadura de João Franco e regicídio – e a implantação da República, – da República Velha à chamada República Nova.

O movimento de Gomes da Costa, em 28 de Maio de 1926, coincide com uma fase da vida de Egas Moniz em que voltara a distribuir os seus tempos pela clínica, investigação científica e actividade empresarial, tendo praticamente abandonado a política activa.

Não sendo exacta a ideia de que o Estado Novo lhe criou dificuldades, escondendo ou desvalorizando os resultados da sua actividade científica, herdámos, no entanto, por via da apropriação simbólica que dele fizeram também alguns sectores da Oposição Democrática, a impressão de que o regime fascista o teria ostracizado. Todavia, as indicações disponíveis apontam para um relacionamento mais matizado de Egas Moniz com o salazarismo. Nem o Estado Novo deixou de lhe prestar a atenção que entendeu adequada, não impedindo a imprensa da época de cobrir e ilustrar profusamente os momentos de consagração da obra moniziana, nem Egas Moniz se coibiu de tirar partido dessa coexistência pacífica, com vantagens para ambas as partes.

O bloqueio omissor da sua figura torna-se efectivo mais tarde, e não parece decorrer da oposição entre o político e o cientista, que Egas Moniz e muitos dos seus panegíricos resolveram, apagando, quase por completo, a dimensão política da sua biografia. A oposição que virá explicar a discriminação relativa de Egas Moniz, no plano da divulgação das neurociências, estabelecer-se-á entre o criador da Angiografia Cerebral e o teorizador da *Psicocirurgia* e da Leucotomia Pré-frontal.

Face a dificuldades de abordagem de uma figura tão densa e complexa, cuja história de vida e experiência histórica comportam elementos fundamentais para a compreensão dos movimentos sociais e políticos do seu tempo, houve quem optasse pelo silêncio. Um silêncio onde se misturam certamente motivações desencontradas: de embaraço (o político na sombra do cientista); avaliação negativa de alguns aspectos da sua prática científica (o “bom” Egas Moniz da Angiografia Cerebral contra o “mau” Egas Moniz da

leucotomia pré-frontal); e a convicção de que a recusa em debater as dimensões polémicas que envolvem a sua figura é suficiente para abafar os detractores e críticos sem beliscar a projecção e a grandeza do génio.

A constatação das omissões é feita verificando em que circunstâncias o seu nome deveria “obrigatoriamente” ter sido referido e não o foi. Disso é exemplo, entre outros, a série de 25 números da revista *Colóquio de Ciências*⁸² (1988-2000). Egas Moniz não é aí referido apesar das “oportunidades” patentes. Não é citado nem aludido nos artigos acerca da História da Academia de Ciências – de que foi membro e Presidente – nem é mencionado em nenhum outro artigo cuja temática tenha a ver com o domínio das neurociências.

2.8.2. Sombra por glorificação

A segunda perspectiva – a glorificadora – traduz-se num registo venerador e justificativo, enaltecendo o homem e a obra, tomando a sua defesa e tentando explicar alguns dos enigmas históricos que parecem envolvê-lo, quer no plano político, quer no científico.

Há um abundante lote de obras escritas por próximos e distantes admiradores, rendidos à singularidade do homem e à excepcionalidade da obra, que incluímos na lista bibliográfica dos textos acerca de Egas Moniz⁸³.

De um modo geral, essa literatura põe em destaque a carreira científica, as realizações e as distinções de que Egas Moniz foi objecto, recortando um perfil heróico a partir de uma actividade densa e diversificada, atento a numerosos aspectos da cultura, das ciência e das artes. De acordo

⁸² *Colóquio Ciências*, Revista de Cultura Científica, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1988-2000.

⁸³ Ver Bibliografia das Obras acerca de Egas Moniz, pp. 361 - 386.

com a vontade expressa pelo próprio Egas Moniz, o período de intensa dedicação à política é omitido ou meramente afluído.

O registo venerador não deixa, porém, de fornecer informação importante acerca de como os próximos e distantes admiradores o viam, coligindo observações que, pela sua diversidade, acabam por constituir um leque variado de testemunhos que ajuda a reconstituir o quadro das figurações de que Egas Moniz fazia parte.

Apreciações sobre a sua faceta mística, confidências acerca de inspirações científicas que Egas Moniz evitou confirmar, testemunhos sobre o secretismo de que rodeava o curso das suas investigações, ressaltam dessa literatura, com a garantia de provirem de admiradores seus e de comporem, sem malícia nem detracção, uma figura humana, flexível e contraditória.

2.8.3. A luz da crítica

A terceira perspectiva – a perspectiva crítica – começa por ser pouco óbvia. As observações discordantes acerca da avaliação dos resultados da leucotomia pré-frontal eram raras e pouco divulgadas, no início.

Quer em Portugal, quer no estrangeiro, a discussão acerca dos fundamentos, avaliação dos resultados, implicações filosóficas, inquietações morais, religiosas e dúvidas de carácter científico e ético foram aparecendo.

O surgimento de trabalhos orientados por uma perspectiva crítica, procurando superar enviesamentos provocados por via do endeusamento, ou da diabolização, orientados para a interpretação equilibrada das relações de Egas Moniz com os diferentes contextos em que interagiu, pôs em evidência a capacidade de adaptação de um homem que delineou cuidadosamente as suas estratégias, por vezes determinado e implacável, conhecedor dos meandros das comunidades científicas, firmemente

empenhado em deixar obra feita e, por isso, gerindo a projecção do seu trabalho e cuidando da sua imagem com uma meticulosidade notável.

2.9. Dois enigmas

Comparando diferentes fontes, podem ser enumerados alguns factos e circunstâncias que Egas Moniz decidiu não referir nos escritos de carácter político que publicou⁸⁴. A evolução das reflexões e convicções que o levam, da dissidência monárquica, à convicção republicana e, daí, a entusiasta da República Nova, deixando pelo meio a sua iniciação na Maçonaria, o seu envolvimento no golpe sidonista e alguns duelos, são desigualmente tratados pelo próprio, nos seus escritos de pendor autobiográfico, desvalorizados, nuns casos, ou pura e simplesmente omitidos, noutros.

É curioso notar que o cientista apresenta traços comportamentais semelhantes aos que evidenciou enquanto político: agudo sentido da estratégia; uma determinação enérgica e obstinada, não isenta de precipitação; uma confessada predilecção pela notoriedade; e uma prática frequentemente resguardada pelo secretismo de inspiração conspirativa.

Estes aspectos da sua personalidade, aliados à riqueza da sua cultura e experiência política, ajudam a explicar, em boa parte, um dos principais *enigmas monizianos*: como pôde um país periférico, com um sistema científico incipiente, debilitado pelas políticas restritivas do Estado Novo, “produzir” um cientista cuja obra, reconhecida internacionalmente, veio a ser premiada com um Prémio Nobel?

Para ensaiar uma resposta fundamentada, somos tentados a reformular a questão. Egas Moniz conhecia bem as potencialidades científicas distribuídas pelos espaços geopolíticos. Complementou a sua formação de

⁸⁴ Sobretudo na sua obra *Um ano de política*: MONIZ, Egas, *Um ano de política*, Lisboa, Portugal-Brasil, Ltda, 1919.

neurologista estagiando em Bordéus, Paris e Bruxelas, com alguns dos mais proeminentes neurocientistas do seu tempo. Geria com perícia a sua rede de relações, e preocupava-se sistematicamente com a distribuição das informações que descreviam a sua actividade.

Assim, poderíamos formular a questão de outro modo: como conseguiu um neurologista português, apesar de tudo, – apesar do défice científico nacional – uma notoriedade elevada e sucessivas nomeações para o Prémio Nobel?

A resposta reside no seu talento, esforço, empenhamento e persistência, antes de mais, mas, igualmente, no modo como o seu investimento (estratégia e determinação) se conjugou com as representações positivas que dele se fizeram, tanto nas comunidades científicas como, em geral, por obra do esforço publicista que empreendeu, alimentou e, frequentemente, orientou, de acordo com os seus propósitos.

É nessa confluência de representações partilhadas, que muitos dos seus pares, mestres, dirigentes políticos, e concidadãos, dele se apropriam para, ao mesmo tempo que o celebram e glorificam, engrandecerem e reforçarem as suas próprias identidades.

O Prémio Nobel, precedido pelo Prémio de Oslo, veio coroar simbolicamente esse encontro histórico em que a urgência do reforço identitário nacional, com a quota parte de incremento da autoestima que acarretou para Portugal e para os portugueses, tornando o elogio de Egas Moniz num imperativo patriótico, fragilizando a assimilação crítica das problemáticas associadas à política (a sua adesão ao Sidonismo, por exemplo) e à Ciência (as controvérsias em torno da leucotomia pré-frontal e da lobotomia).

Era claro para Egas Moniz que a reputação científica passava pelos grandes centros de produção científica com efectiva influência internacional.

A afirmação identitária deste investigador, aspirando a progressões sucessivas dos seus estatutos académico, político e científico, foi

sempre atravessada pela necessidade da deslocação (interna e externa), da viagem, da visita, tudo isso programado sobre um roteiro preciso, esquematizado de acordo com uma estratégia bem definida.

De certo modo, o mundo que Egas Moniz quis visitar, conhecer melhor, e incluir no seu roteiro específico, era um mundo já duplamente “descoberto”, em virtude das suas actividades científicas e políticas anteriores, designadamente resultantes de visitas de estudo destinadas a examinar os feridos de guerra⁸⁵, e da sua passagem pelo posto de embaixador e pela pasta ministerial dos Negócios Estrangeiros; era também um mundo cujos pontos de aproximação estavam intimamente associados às experiências mais avançadas no campo da neurologia.

Associando-se, de perto, aos cientistas de nomeada na sua especialidade, Egas Moniz procedia à complementar construção da autoridade e notoriedade, reforçando a sua posição em Portugal e, simultaneamente, constituindo-se em interlocutor avisado no plano internacional.

Ao enumerar aqueles que considerou seus mestres, Egas Moniz enfatizava frequentemente a importância da internacionalização. De Augusto Rocha, por exemplo, diz ser um “dos poucos mestres viajados”⁸⁶. A implícita censura ao imobilismo dos “outros”, acantonados na rotina paralisante, torna-se, por vezes, mais expressiva nos seus textos, constantemente mencionada como parte integrante do seu critério de avaliação da competência científica.

Num dissimulado auto-elogio, misto de experimentalismo, reflexão própria e contacto internacional, proclama:

*As Universidades não podem nem devem ser constituídas por aqueles que apenas se contentam com a ciência feita*⁸⁷.

⁸⁵ MONIZ, Egas, *A neurologia na guerra*, Lisboa, Livraria Ferreira, 1917.

⁸⁶ MONIZ, Egas, *Confidências de um investigador científico*, Lisboa, Ática, 1949, p. 10.

⁸⁷ MONIZ, Egas, Ob. Cit, p. 20.

Sugere, assim, que a avaliação dos professores seja ponderada de modo a que a inquirição acerca dos contactos científicos internacionais ocupe um lugar de relevo, mostrando a sua preferência pelos que

*(...) continuavam a receber estímulos dos centros científicos estrangeiros, convivendo com mestres competentes e dinâmicos (...)*⁸⁸

Após a jubilação, a par das numerosas referências a Ramón y Cajal, de cuja obra afirmava guardar, não apenas a concepção neuronal, mas, igualmente, algo do método contrastivo por ele posto em prática, Egas Moniz aponta a França como lugar de eleição, onde se houvera deslocado com o intuito de, primeiro, especializar-se e, depois, quer por razões ligadas à actividade política, quer devido à necessidade de afirmação, defesa e consolidação das suas posições no campo da neurologia e da *psicocirurgia*. No livro *Confissões de um Investigador Científico*, que o próprio Egas Moniz considera a sua melhor obra, confirma-o:

*O que sou em ciência devo-o à França, aos seus Mestres, ao seu ensino e especialmente ao estímulo que imprimem aos frequentadores das suas clínicas para estudarem e progredirem.*⁸⁹

É esse o primeiro eixo estruturante das rotas preferenciais que Egas Moniz desenhou para se dotar, a si próprio e ao seu trabalho, de uma dimensão internacional, de uma visibilidade tão nítida como a que pretendia para a sua Angiografia Cerebral. Com a divulgação dos primeiros resultados da arteriografia, o mapa da sua influência virá a diversificar-se, e a sua rede de contactos alargar-se-á. Foi porém em França que Egas Moniz fez o seu primeiro e decisivo investimento.

⁸⁸ MONIZ, Egas, Ob. Cit, p. 18.

⁸⁹ MONIZ, Egas, Ob. Cit, p. 69.

Assim, a França surge na estratégia de Egas Moniz como a primeira placa giratória para as comunidades médicas e científicas internacionais.

Logo que estima estar na posse de elementos de prova suficientemente sólidos para iniciar o processo de aceitação da sua então denominada Arteriografia Cerebral, logo decide deslocar-se a Paris com o fito de obter uma primeira avaliação positiva por parte dos seus mestres franceses.

Paralelamente, apresenta comunicações sobre o mesmo assunto na Sociedade de Neurologia – de que Babinski⁹⁰, um dos seus mestres, foi co-fundador – e na Academia de Medicina de Paris.

Só depois da aceitação pelos grandes nomes da neurologia francesa é que, já seguro da situação, comunicou os seus achados em Portugal, em especial à Academia de Ciências e à Faculdade de Medicina⁹¹.

A geografia de influência e a concomitante rede de contactos alarga-se, nos anos seguintes, à Alemanha, Brasil, Inglaterra, Itália, Japão e Suécia. À medida que a angiografia cerebral era replicada e adoptada, os novos contactos sucediam-se, granjeando-lhe prestígio e reputação científica crescentes.

A viagem que decide fazer a Paris imediatamente após ter conseguido, com Almeida Lima, a primeira arteriografia cerebral, decorreu sob forte tensão emocional, mas tal não impediu que tivesse também sido objecto de meticulosa preparação. Tudo leva a crer que fazia parte de um plano longamente amadurecido. Se é certo que afirma recordar-se de inúmeros pormenores que traduz sob a forma de apontamentos paisagísticos, entrecortados por manifestações de enervamento e ansiedade

⁹⁰ Joseph Jules François Félix Babinski, (1857-1932). Neurologista francês com quem Egas Moniz manterá sempre uma relação estreita.

⁹¹ FERNANDES, Barahona Henrique, *Egas Moniz, pioneiro de descobrimentos médicos*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, M.E, 1983.

*Ainda em viagem, já vagueava por Paris na inquietação dos momentos sempre angustiosos que marcam as grandes exposições.*⁹²

Também é verdade que a agenda de encontros, reuniões e apresentação de comunicações foi cuidadosamente preparada. Além dos encontros prévios com Babinski, por um lado, e Souques, por outro, Egas Moniz receberá, durante a sua estadia em Paris, o material que pedira a Almeida Lima (que ficou, como quase sempre, nos bastidores laboratoriais a ultimar as provas) para lhe enviar de Lisboa, a fim de completar as apresentações programadas. Mesmo em relação ao que poderia parecer menos importante, Egas Moniz empenhava-se com denodo e um indisfarçado nacionalismo: lembra aos convivas da casa de Babinski que elogiavam desmedidamente um *cognac* servido após a refeição, que o vinho do Porto possui um paladar e uma textura excepcionais, presenteando-os com uma prova das garrafas que, para o efeito, levava consigo na bagagem.

Esta atenção aos mínimos pormenores, que tinha em vista a criação de um ambiente favorável à sua aceitação, tal como a excepcional capacidade de planificação, serviam a estratégia delineada por Egas Moniz que visava sobretudo 1) o estabelecimento da autoria da arteriografia cerebral (fundamental para mais tarde, em caso de disputa, fazer prova de anterioridade, como foi o caso); 2) a exposição das virtualidades da sua criação perante os seus pares; e 3) colocar-se num patamar superior de autoridade científica.

Apesar de nem tudo lhe ter corrido bem no Hospital Necker, quando se tratou de replicar a visualização arteriográfica descrita nas suas comunicações, Egas Moniz regista, em tom proclamatório:

Já podiam agredir-me os médicos patrícios, sempre prontos a amesquinhar o esforço dos conterrâneos e a deitar ao desprezo as conquistas científicas alcançadas no país. Os Mestres parisienses em que confiava tinham julgado em última instância, e a minha obra

⁹² MONIZ, Egas, Ob. Cit, p. 66.

*avultava aos meus próprios olhos como sempre a vira, mas agora com uma solidez que o meu exclusivo critério não era suficiente para lhe dar*⁹³

Estava claro para Egas Moniz que, não obstante o valor que o próprio atribuía à sua criação, esta só se viria a consubstanciar numa tecnologia de diagnóstico, partilhada e aceite, se conseguisse vencer as resistências à mudança (provocadas, em geral, por quaisquer inovações) alcançando, concomitantemente, a indispensável notoriedade com o que ela implica de autoridade, reconhecimento e afirmação.

Praticamente em seguida, é convidado a participar na Semana Médica de Bruxelas, já na qualidade de Presidente da Academia de Ciências de Lisboa e, pouco depois, Aloysio de Castro convida-o oficialmente a visitar o Brasil, onde participará numa série de reuniões, proferindo várias conferências, quer no Rio de Janeiro quer em São Paulo.

Nas suas memórias, a descrição destas viagens é mais sucinta, o nervosismo e a ansiedade vão-se esfumando. Todavia, a boa impressão que deixou entre os colegas brasileiros valer-lhe-á, mais tarde, em retorno, uma activa e influente corrente de opinião favorável à sua nomeação para o Nobel.

De um modo ou de outro, Egas Moniz estabelece laços sólidos com lugares e pessoas. Dotado de um sentido agudo da diplomacia, potenciada decerto pela sua experiência política anterior, dispõe os seus trunfos metodicamente.

João Lobo Antunes frisa, a este propósito, que para além da publicação tempestiva de artigos em revistas famosas, de circulação internacional, como a *Lancet* e o *New England Journal of Medicine*

Egas Moniz tinha entre os seus colaboradores verdadeiros embaixadores que vão praticar a técnica angiográfica em serviços

⁹³ MONIZ, Egas, Ob. Cit, p. 91.

*estrangeiros, como o de Cairns, em Londres, ou o de Olivecrona, em Estocolmo.*⁹⁴

Tal como aflorámos anteriormente, ao arrepio quer da vitimização simplificadora, quer da hiperbolização do génio de Egas Moniz com intuitos panegíricos, uma corrente mais recente empreendeu uma abordagem aprofundada e descomplexificada acerca do significado e alcance do homem, da obra e dos contextos correlativos.

Tiago Moreira, de acordo com um dos pressupostos capitais da corrente teórica em que se inscreve⁹⁵, qualifica o acesso que Egas Moniz tinha aos meios internacionais como uma espécie de vantagem comparativa:

*Director do Serviço de Neurologia do Hospital de Santa Marta e professor de Neurologia Clínica na Faculdade de Medicina de Lisboa (...). Tinha poder e recursos. Tinha relações com um dos centros mundiais da neurologia, França*⁹⁶

Da arteriografia à angiografia cerebral e, depois, à leucotomia pré-frontal, Egas Moniz constitui-se gestor de um dispositivo de produção técnico-científica, disputando a primazia dos seus produtos, publicando, fazendo-se representar quando impossibilitado de se deslocar, multiplicando-se em contactos, missivas e delegações.

Quando, em 14 de Março de 1939, sofreu o atentado, baleado por um dos seus pacientes, os jornais de cá e do estrangeiro noticiaram a ocorrência, fazendo chover, em Lisboa, mensagens de pesar e de inquietação

⁹⁴ ANTUNES, João Lobo, “Egas Moniz – uma palavra sobre o Outro” in *1911-1999. O ensino médico em Lisboa no início do Século. Sete artistas contemporâneos evocam a geração de 1911*, Catálogo da Exposição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

⁹⁵ ANT – Actor Network Theory. A Teoria do Actor-Rede, também conhecida pela Sociologia da Tradução, teve como principais referências John Law, Michel Callon e Bruno Latour: CALLON, Michel, “Some Elements of a Sociology of Translation: Domestication of the Scallops and the Fishermen of St. Brieuc Bay” in *Power, action and belief. A new sociology of Knowledge?* edited by J. Law, London, Routledge & Kegan Paul, 1986, e LATOUR, Bruno, *Science in Action: How to Follow Scientists and Engineers through Society*, Cambridge, University Press, 1987.

⁹⁶ MOREIRA, Tiago, *Large gain for small trouble. The construction of cerebral angiography*, MSc Thesis in Science and Technology Studies, University of Edinburgh, 1997, p. 10.

pelo seu estado de saúde. Esta cascata de cuidados e preocupações tornava óbvio tratar-se já de um cientista de renome. O mapa das suas viagens e pontos de influência posteriores a 1935, ano da realização do II Congresso Internacional de Neurologia, em Londres, e do início das suas experiências ligadas à leucotomia pré-frontal, consistirá, em parte, numa sobreposição do mapa de influências já consolidado com a *arteriografia cerebral* em cima do mapa da influência da leucotomia pré frontal. Enquanto a vertente europeia dessa rede de influências é enfraquecida pela emergência da II Grande Guerra, nos Estados Unidos da América, Walter Freeman⁹⁷ e James Wats⁹⁸ adoptam a leucotomia pré-frontal, convertendo-a, depois, na lobotomia frontal e acrescentando, desse modo, um facto decisivo para o reconhecimento público da primazia de Egas Moniz na recém formulada *psicocirurgia*.

As suas viagens ulteriores, inscrevem-se na mesma senda. Dispensará, nas suas memórias, espaço e atenção diferenciados a cada uma delas – a viagem a Itália, em 1937, por exemplo, entre descrições de sessões de trabalho, cursos, experiências e fruição artística, ocupa mais de dois capítulos das Confidências de um Investigador Científico – mas a sensibilidade para a gestão do dispositivo que montou e de que a sua imagem permanece *a marca principal*, mantém-se sempre desperta.

Sustentando a existência de um dado equilíbrio entre a importância dos trabalhos de Egas Moniz e esse *savoir faire* diplomático que aludimos, João Lobo Antunes estima que

Para uma nova técnica diagnóstica ou uma terapêutica revolucionária serem adoptadas na prática médica corrente, é necessário que, em primeiro lugar, tragam solução a problemas até então por resolver. Mas é também indispensável que elas sejam apresentadas aos poderosos e influentes em cenários apropriados,

⁹⁷ Walter Jackson Freeman, (1895-1972), neurologista norte-americano e um dos principais responsáveis pela larga difusão da psicocirurgia nos Estados Unidos da América.

⁹⁸ James Wisnton Watts, (1904-1994), neurocirurgião norte-americano, colega de Walter Freeman.

*além de publicadas nas revistas de maior prestígio. Egas Moniz foi um mestre na arte de comunicar ciência.*⁹⁹

A nobelização de Egas Moniz em 1949, constitui, pois, o corolário da carreira científica de um homem atento aos nichos de oportunidade existentes na sua época, na sua profissão, e num espaço mais vasto, para além do país onde nasceu. Em todo o caso, alguém “(...) extraordinariamente hábil na luta do mundo”¹⁰⁰

O *enigma periférico*, – dado pela discrepância entre um país de baixo potencial científico e a “produção” de um cientista nobelizado – pode, pois, ser desvendado deste modo. Os factores associados à sua inserção na rede internacional que conhecia, valorizava e utilizava, surgem com uma maior capacidade explicativa do sucesso que alcançou, do que as justificadas mas insuficientes alusões ao génio e sumo talento do cientista. Sigmund Freud, cuja influência no pensamento do século XX teve um impacto maior e mais abrangente, não ganhou nenhum Prémio Nobel, apesar de, para tal ter sido nomeado várias vezes. Ignorasse Egas Moniz as circunstâncias em que se começavam a produzir e validar os conhecimentos científicos no primeiro quartel do século XX, e não teria provavelmente sequer conseguido reclamar, com êxito, a prioridade da Angiografia Cerebral, quando a disputou a cientistas alemães e japoneses que pretendiam firmar publicamente a primazia. Faltasse a Egas Moniz essa habilidade “na luta do mundo” que João Lobo Antunes enfatiza, e ter-lhe-ia provavelmente acontecido o mesmo que a muito outros cientistas que com ele se cruzaram em conferências e congressos: a sombra do esquecimento, independentemente dos respectivos méritos.

⁹⁹ ANTUNES, João Lobo, “Egas Moniz – uma palavra sobre o Outro” in *1911-1999. O ensino médico em Lisboa no início do Século. Sete artistas contemporâneos evocam a geração de 1911*, Catálogo da Exposição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1999, p. 6.

¹⁰⁰ ANTUNES, João Lobo, Ob. Cit, p. 7.

Vale a pena, por isso, assestar a observação sobre os elementos de cultura científica que Egas Moniz propugnava e trazê-los para primeiro plano. A compreensão que no nosso tempo podemos estabelecer acerca das diferentes facetas da sua vida e obra carece da complementaridade do político e do cientista.

O *enigma político*, que impende sobre Egas Moniz, consiste no contraste entre mais de duas décadas de intensa dedicação à política activa, com o parco ou quase nulo lugar a ela reservado nos seus escritos posteriores a 1920.

No dobrar do século XIX para o século XX, Egas Moniz, casase, é eleito deputado pelo Partido Progressista, e prepara, ao mesmo tempo, a sua tese de doutoramento. *A vida sexual*¹⁰¹ constitui um objecto histórico e cultural da mais alta importância. Exerce influência sobre o pensamento republicano, designadamente em matérias como as problemáticas sexuais, o eugenismo e a contracepção; ousa abordar matérias relacionadas com o sexo e a sexualidade geralmente consideradas tabus e, com o advento do Estado Novo, verá a sua circulação restringida a uma venda selectiva, por vezes mediante receita médica!

No período que vai do início do novo século até 1908, Egas Moniz dedica-se simultaneamente à política e à clínica, com algum prejuízo do desempenho académico¹⁰². Abandona o Partido Progressista e, juntamente com o grupo dissidente de José Maria de Alpoim, aproxima-se dos principais dirigentes republicanos. Participa na frustrada intentona republicana de 28 de Janeiro de 1908.

Considerando o contexto político, a cultura de origem e a forte componente religiosa da sua educação, Egas Moniz distanciou-se bastante da

¹⁰¹ MONIZ, Egas, *A vida sexual*, Lisboa, Casa Ventura Abrantes, 1932. A 1ª edição, em dois volumes separados, data de 1900.

¹⁰² Ver, a este respeito, os resultados da investigação de Ana Leonor Pereira e João Rui Pita, PEREIRA, Ana Leonor, e PITA, João Rui, “Egas Moniz, Prémio Nobel. Materiais inéditos para uma biografia em rede” in *Munda*, N.ºs 45/46, Novembro, Coimbra, 2003, pp. 103-106.

mundividência arcaica da sua adolescência. Recordando a intransigência absolutista dos critérios em voga nesses tempos, Egas Moniz ironizará

*Os que não seguem a nossa opinião, seguem sempre, em Portugal, por má estrada! Eu era então deputado progressista, muito avançado para o tempo, na defesa, entre outras aspirações, do ensino laico que estava à cabeça no programa dos liberais mais ousados.*¹⁰³

Para enquadrar ideologicamente a sua evolução política – rumo a posições que o próprio reputa de “avançadas” – basta voltar a recordar que vinha de um meio “pró legitimista” em que

*Os liberais eram apodados de pedreiros livres, malhados, e zurzidos ainda com apóstrofes mais cruéis, pois não havia outra maneira de os atacar*¹⁰⁴.

Justificar-se-á mais tarde, no Parlamento, admitindo a sua participação no levantamento republicano mas defendendo-se das acusações de envolvimento na conspiração que conduziu ao regicídio, a 1 de Fevereiro de 1908.

A ditadura de João Franco, com o beneplácito de D. Carlos, isolara as instituições da Monarquia Constitucional, ao intensificar as medidas de natureza repressiva. Com isso, a causa da República fortaleceu-se, favorecendo a passagem de muitos monárquicos (Progressistas e Regeneradores) para o campo da oposição.

Egas Moniz estava entre os 93 suspeitos detidos em vésperas do regicídio, ao lado de, entre outros, António José de Almeida, Afonso Costa e Álvaro Pope¹⁰⁵.

¹⁰³ MONIZ, Egas, *A nossa casa*, Lisboa, Edição Paulino Ferreira, 1950, p. 255.

¹⁰⁴ MONIZ, Egas, *Ob. Cit.*, p. 69.

¹⁰⁵ SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal [1890-1910]*, Lisboa, Editorial Verbo, 1995, p. 128.

Depois de libertado, retoma o seu lugar no Parlamento.

Com o advento da República, participou activamente nos trabalhos Assembleia Constituinte, debatendo variadíssimas questões que se prendiam com o ordenamento do futuro sistema de poder. Encontra-se, depois, entre os fundadores do Partido Evolucionista Republicano, com António José de Almeida. Após um curto interregno em que deixa a política activa por considerar não estarem reunidas as condições para vincar a sua autonomia e se exprimir convenientemente, regressa em pleno. Funda o Partido Centrista, reunindo monárquicos dissidentes e republicanos desavindos com o jacobinismo dos “democráticos” de Afonso Costa.

O Partido Centrista dissolve-se-á dando lugar ao Partido Nacional Republicano, pretensamente diferente dos outros partidos, destinado a apoiar parlamentarmente as soluções políticas do sidonismo.

2.10. Regresso à Política, em força

No início de Janeiro de 1917, Moniz preparava-se para um regresso retumbante à política activa. O seu alegado envolvimento com as forças que apoiaram a ditadura de Pimenta de Castro e, já em 1916, a sua prisão a bordo do navio da Marinha de Guerra, Vasco da Gama, sob acusação de participar no movimento revoltoso chefiado por Machado dos Santos, entretanto detido no Palácio do Fontêlo, perto de Viseu, preenchem alguns tópicos do regresso.

Descontentes com o governo da União Sagrada, que repousava, no fundamental, no entendimento precário entre António José de Almeida e Afonso Costa, o movimento visava uma base de apoio mais ampla, incluindo monárquicos, católicos, e os unionistas de Brito Camacho que tinham ficado de fora do entendimento entre Democráticos e Evolucionistas.

A imprensa da época vai ao seu encontro, registando o provável “regresso à política” do “eminente professor”, depois de dela andar “arredado”, “especialmente pelas razões que determinaram a suspeita da sua cooperação no último movimento revolucionário.”

O editorial de *A Opinião*, cerca de um mês depois, faz sentir o vazio político que deveria atrair Egas Moniz, tempos mais tarde. O título – “Republicanisar o paiz” – retirado das palavras do unionista José Barbosa,

*As forças sociaes, como as da mechanica, dizia Pierre Laffitte, precisam de um ponto de aplicação. Era, segundo ele, o papel que representavam os grandes políticos que sabiam enfeixá-las e dirigi-las. Onde está esse homem entre nós? - perguntará o leitor. Não sabemos, mas, como a função cria o órgão, temos confiança que ele surgirá no momento oportuno.*¹⁰⁶

Imediatamente por baixo, o anúncio de um artigo de Egas Moniz, prometido para a 2ª feira seguinte. Subliminarmente, um dos possíveis homens providenciais de que se fala para chefiar os moderados e conservadores que se opõem aos excessos jacobinistas dos republicanos, avança.

Contrariando *A Nação*, órgão dos monárquicos activistas, *A Opinião* troca picardias com outros órgãos de imprensa, polemiza no editorial de 10 de Fevereiro de 1917, objectando a uma das cargas antidemocráticas que cita em editorial – *Progresso e Reacção* – observando que

Pretender agora o sr. João Franco Monteiro, remontar o curso dos séculos para resolver uma crise que é mundial, e não nacional, restabelecendo a monarquia absoluta em Portugal, é desconhecer a história, é ignorar toda a evolução da sociologia moderna, é supor

¹⁰⁶ *A Opinião* de 9/02/1917, primeira página.

*que se reorganiza uma nação, como se renovam os estatutos de uma filarmónica*¹⁰⁷

Logo abaixo, uma chamada para a publicação de entrevista com o dr. Egas Moniz “em que define a sua atitude perante a actual situação política”. E, numa breve entrevista a “um antigo ministro da monarquia, figura de alto prestígio político” que descrê das aspirações restauracionistas a que a imprensa monárquica tem dado alento, e remata com uma tirada que glosa o tema do homem providencial: “(...) arranjem uma figura de prestígio, que a há, sem dúvida alguma, e o problema político português estará resolvido”

A 12 de Fevereiro, *A Opinião* publica, finalmente, a entrevista de Egas Moniz que marca o seu longamente anunciado regresso à política. A entrevista fora pré-anunciada n’*A Opinião*, no *Diário de Notícias* e noutros jornais:

Um acontecimento político/ O sr. dr. Egas Moniz/regressa à vida política/ Não se ligará a nenhum dos grupos políticos existentes/ Entende que soou a hora das classes conservadoras deixarem a dentro/do regimen, o seu retraimento

Os entrevistadores são encomiásticos. Egas Moniz vitupera as duas maiores figuras do governo chamado da “União Sagrada” – António José de Almeida, chefe do governo e do partido Evolucionista, e Afonso Costa, líder do partido Democrático e segunda figura da coaligação governamental – que irá durar até 25 de Abril desse mesmo ano, tendo tomado posse cerca de um ano antes, a 15 de Março de 1916. No fundamental, elogia o bloco conservador recém formado no Parlamento. Perante a dúvida expressa pelo entrevistador quanto ao benefício que o

¹⁰⁷ *A Opinião* de 10/02/1917, primeira página.

reforço do campo monárquico poderia trazer à República, Egas Moniz explica:

É que o País, a Pátria, esta nacionalidade a que pertencem todos os portugueses, vale um pouco mais do que a República e a Monarquia,

acrescentando uma consideração que retomará, depois, inúmeras vezes:

Recorde-se dos serviços que o partido republicano prestou nos tempos da monarquia, como fiscalizador do poder. A sua acção foi então bem mais benéfica para o país do que depois do 5 de Outubro. (...) Os monárquicos organizados seriam por sua vez uma força com que só beneficiaria o país.

Questionado sobre objectivos programáticos, o entrevistado não se quer alargar muito mas avança: “moralidade governativa”, “pacificação religiosa” e “equitativa distribuição dos impostos”. E explicita:

Pouca influência possuo, mas essa estará do lado de todos os conservadores, sem distinção de cores partidárias, que queiram congregar os seus esforços em defesa de uma útil e honesta administração e contra a demagogia do poder.

No dia seguinte, *A Opinião* regurgitava de congratulações pelo surgimento (há muito previsto, esperado e pré-anunciado) da tal figura capaz de preencher o vazio político existente. A entrevista é tratada de múltiplas maneiras: num editorial (“Nova fase”), na rubrica “Casos do dia”, e na reprodução de um “Extracto de um discurso proferido no Parlamento, em 1908, pelo sr. dr. Egas Moniz.” O título, – “Ontem e hoje.../A propósito de uma/ entrevista política/ Coerência de princípios” – revelava, em parte, o propósito que assistia à publicação de um documento político de havia oito anos. Egas Moniz e *A Opinião* quiseram sublinhar, em papel impresso, que o político agora regressado, se rebelara contra o despotismo do final da

monarquia, como agora se insurgia contra o cerceamento das liberdades da “União Sagrada”.

Nesses idos de 1908, Moniz conspirara e tivera como companheiros de *complot* e de infortúnio alguns dos líderes republicanos que se encontravam agora a chefiar o Governo. Recaíram, então, sobre eles, suspeitas de envolvimento no atentado contra a família Real, já que a chamada Intentona da Biblioteca foi abortada precisamente na véspera do regicídio. Ora, para alguns historiadores, esta conspiração entroncava na outra que se veio a consumir na Rua do Arsenal, a 1 de Fevereiro do mesmo ano. Daí o termo usado por alguns, – “buisidentes”¹⁰⁸, – associando o nome de um dos regicidas, Manuel Buissa, à denominação da tendência chamada “Dissidência Progressista” e a tese da “distribuição de tarefas” entre republicanos e “adesivos”, encarregando-se os primeiros do recrutamento de homens e os segundos do financiamento¹⁰⁹.

A publicação, agora, do texto do seu discurso parlamentar de Junho de 1908, depois de Egas Moniz ter sido libertado pelo governo de “acalmção” de Ferreira do Amaral, no rescaldo das eleições de Abril que se seguiram ao regicídio, justificava, de certo modo, os tons extremados da época. Egas Moniz, regressado à Câmara dos Deputados, apresenta um requerimento em nome do Grupo da Dissidência Progressista. À questão fulcral, – recordar o caso dos “adiantamentos à Casa Real” com o intuito manifesto de evitar uma solução semelhante à encontrada por João Franco – acrescentou uma série de adendas destinadas a esclarecer o seu posicionamento. É nesse contexto que afirma:

¹⁰⁸ A propósito da intentona republicana de 28 de Janeiro de 1908, que alguns autores ligam ao regicídio ocorrido poucos dias depois, Veríssimo Serrão, por exemplo, recorda que os que nela tomaram parte “Por alguma razão foram depois chamados ‘buisidentes’. Tendo aderido à República, não deixaram alguns deles de lamentar as circunstâncias em que ocorreu o Regicídio, numa forma que, mesmo sincera, foi de tardio arrependimento.” SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal [1890-1910]*, Lisboa, Editorial Verbo, 1995, p. 130.

¹⁰⁹ SERRÃO, Joaquim Veríssimo, 1995, Ob. Cit, p. 132.

*Em presença dos últimos acontecimentos do reinado de Dom Carlos e das infâmias do governo da ditadura, pergunto se havia ou não o direito de ir até aos últimos extremos na defesa das liberdades que nos haviam cobardemente roubado (...)*¹¹⁰

que difere ligeiramente da passagem reproduzida cerca de dois anos depois, em livro

*Em presença dos últimos acontecimentos do reinado de D. Carlos e das infâmias do governo da ditadura, havia ou não o direito de ir até aos últimos excessos?*¹¹¹

Tal como em 1908, quando se opôs ao governo de “acalmação”, que, na esperança de estabilizar a situação política e serenar os ânimos, incluía, até, um republicano como Miguel Bombarda, Egas Moniz justificava agora a sua oposição ao governo da União Sagrada, retomando, não tanto a argumentação, mas a postura de uma reclamada coerência.

Seguem-se protestos do editorialista de *A Opinião* contra o aproveitamento que Brito Camacho fez da entrevista de Egas Moniz e do texto da efeméride de 1908. Nas páginas da *Lucta*, o chefe unionista saudou o regresso de Egas Moniz à política activa e esforçou-se por aproximar o sentido das declarações deste às disposições do bloco monárquico. O editorialista de *A Opinião* remata:

*O sr. dr. Egas Moniz é um conservador de princípios, de tradição e de escola. Já não sucede assim com o sr. Brito Camacho, que apenas é um político, momentaneamente em atitude de conservador.*¹¹²

São ainda feitas referências a outros órgãos de imprensa que glosam, de uma maneira ou de outra, o ressurgimento de Egas Moniz na cena

¹¹⁰ *Diário da Câmara dos Senhores Deputados*, Sessão nº 28 de 15 de Junho de 1908, p. 19.

¹¹¹ MONIZ, Egas, *Um ano de política*, Lisboa, Portugal-Brasil, Ltda, 1919, p. 13.

¹¹² “Política de Atitudes”, editorial de *A Opinião* de 14 de Fevereiro de 1917, na primeira página

política (*O Liberal*, *O Dia* e a *Lucta*) dando uma ideia do impacto que o acontecimento tivera.

A 20 de Fevereiro, numa *breve*, arrumada ao canto inferior esquerdo da capa, *A Opinião* respondia a uma reacção do jornal *A Nação*. Peremptoriamente, o texto assevera, sarcasticamente, que “o sr. dr. Egas Moniz é republicano conservador (...)”

Para que os leitores não esquecessem a incontornabilidade do actor político, *A Opinião* vai informando acerca do estado de saúde e das deslocações de Egas Moniz e esposa, de Avanca para Lisboa.

No princípio de Agosto, Brito Camacho, chefe do Partido Unionista, dá uma entrevista ao *Século*. *A Opinião* proporciona-lhe um destaque especial, publicando, na sua 1ª página, uma peça em que respiga várias passagens dessa entrevista. Após declarar ter já abandonado o plano de fusão do seu partido com o dos “evolucionistas”, com o fito de encontrar uma base de apoio estável para o seu projecto moderado, Camacho, primeiro, caracteriza a situação:

A República, instituição política, entregue aos caprichos e ao desvairamento de uma facção, encontra-se em estado de equilíbrio precário, que um exagero de amplitude oscilatória pode romper de vez. O País não quer uma República sectária, uma República facciosa, uma República dentro da qual não haja respeito por todas as opiniões sinceras(...).

*O remédio para esse mal, que é grave, consiste na organização das forças de governo, em termos que a República, regime de opinião, coisa de todos, não seja o monopólio, o logradouro de um partido.*¹¹³

E prossegue, mais adiante:

Estou convencido de que o dr. Egas Moniz há-de levar a bom termo a sua tentativa, e de que, fundidas as forças já organizadas, com as que

¹¹³ “As declarações do Sr. Brito Camacho”, *A Opinião* de 2 de Agosto de 1917, na primeira página.

*ele organizar, a crise dos partidos, que é a crise da República, ficará resolvida.*¹¹⁴

Finalmente, na segunda quinzena de Outubro de 1917, é feita a apresentação pública do Partido Centrista Republicano. Segundo *A Opinião*, o “nome” “define a sua situação a dentro da política portuguesa e o seu lugar no parlamento”.

Na habitual rubrica “Casos do dia”, a questão da “separação” (Igreja/Estado) é referida a propósito de uma apreciação crítica de *O Mundo*. Ora, na esteira das declarações do principal fundador do recém-formado Partido Centrista,

*(...) não há leis intangíveis desde que se lhes respeite a essência. Só se lucra em lhes modificar as disposições que a prática demonstra serem inconvenientes.*¹¹⁵

No editorial da mesma edição, é feito o elogio do líder centrista:

*Dentro da monarquia formou à esquerda dos partidos do regime; combateu as violências e os arbítrios de então e feriu em todas as ocasiões oportunas o grande combate dos princípios democráticos. (...) Foi por isso um dos mais vigorosos combatentes da ditadura de 1907 e conheceu após o insucesso do movimento insurreccional de 28 de Janeiro as severidades do cárcere.*¹¹⁶

A peça contendo o manifesto do Partido Centrista Republicano, fazia a manchete da edição de *A Opinião*. A quatro colunas (fotografia do dr. Egas Moniz a duas), tinha por títulos:

Alta Política//A agremiação das forças conservadoras//O que pretende o sr. dr. Egas Moniz//Um verdadeiro programa

¹¹⁴ CAMACHO, Brito, Idem, ibidem.

¹¹⁵ *A Opinião* de 20 de Outubro de 1917, na primeira página.

¹¹⁶ “O Novo Partido”, *A Opinião* de 20 de Outubro de 1917, primeira página.

*partidário//O nome de Partido Centrista Republicano define a sua situação a dentro/da política portuguesa e o seu lugar no parlamento*¹¹⁷

Após delongas e floreios próprios da ocasião, o texto sintetizava alguns dos objectivos da nova força política:

*pretendemos formar um centro de atracção e convergência a dentro do regime através do qual se esbatam e se espraiem as ondas impetuosas da esquerda, deixando que lentamente se forme e repouse o nateiro fertilizador da reforma sobre o terreno conservado e resistente da direita (...)*¹¹⁸

Egas Moniz assume, pois, as mais altas responsabilidades no decurso do movimento sidonista. Chefe partidário, líder parlamentar, Ministro Plenipotenciário em Madrid, Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, Presidente da Delegação Portuguesa à Conferência de Paz de Paris.

Após o assassinato de Sidónio Pais, em 14 de Dezembro de 1918, Egas Moniz permanece ainda algum tempo como Presidente da Delegação Portuguesa e, na qualidade, já, de Ministro dos Negócios Estrangeiros, toma assento no Gabinete de Tamagnini Barbosa para, cerca de um mês depois, transitar para o novo gabinete chefiado por José Relvas.

A conjuntura deixa, todavia, uma pequeníssima margem de manobra aos sidonistas. Responsabilizados pelo reforço da oposição monárquica, os sectores republicanos que combateram a ditadura de Sidónio Pais, atribuíram-lhes a causa do enfraquecimento das instituições republicanas, pelo reforço dos inimigos da república cuja expressão maior foi a reinstauração da Monarquia, na cidade do Porto, – a denominada Monarquia

¹¹⁷ *A Opinião* de 20 de Outubro de 1917, primeira página.

¹¹⁸ *Ibidem*.

do Norte – que dividiu o país em dois, com os republicanos ao sul, e os leais a D. Manuel II, chefiados por Paiva Couceiro, entricheirados na cidade Invicta.

Egas Moniz terá, a este propósito, uma intervenção curiosa. Proporá a José Relvas um apelo de D. Manuel à rendição da Monarquia do Norte, em troca da amnistia aos monárquicos sediciosos. Tal apelo deveria, no entanto, contornar Paiva Couceiro, que não estaria disposto a depor as armas.

Os restantes membros do Governo não viram interesse na proposta, desprezando-a¹¹⁹. Poucos dias depois, a República fazia içar a sua bandeira, de novo, na cidade do Porto, pondo cobro à *Traulitânia* dos monárquicos mais radicais.

Terá sido o estigma sidonista responsável pela síntese moderadíssima da sua autobiografia política?

O sidonismo permaneceu uma referência conservadora de laivos saudosistas na política portuguesa. No início dos anos 30, quando o salazarismo se teoriza, demarcando-se de outras correntes políticas e ideológicas, assistimos, ainda, a uma rasgada simpatia dos meios mais conservadores pelo sidonismo, mesmo se considerado “inferior” ao salazarismo pelos novos prosélitos do Estado Novo¹²⁰.

Egas Moniz assiste às transformações políticas que vão ocorrendo, sem manifestar publicamente qualquer oposição. Remete-se à clínica, à produção científica e a muitos outros afazeres e ocupações que mantinha.

A primeira Encefalografia Arterial é preparada no decorrer do mesmo ano do movimento militar do 28 de Maio; a primeira leucotomia pré-frontal é levada a efeito na fase de consolidação do salazarismo. Apesar das péssimas condições existentes em Portugal, das quais Egas Moniz,

¹¹⁹ RELVAS, José, *Memórias Políticas*, Vol. I, Lisboa, Terra Livre, 1977, pp. 102-103.

¹²⁰ GOMES, António Sousa, “Sidonismo e Salazarismo” in *Diário da Manhã* de 24 de Julho de 1933, na primeira página.

compreensivelmente, se queixará até ao fim¹²¹, o regime fascista dá-lhe um tratamento diferente do que reserva aos que considera seus opositores activos, expulsando-os dos empregos públicos, prendendo-os e forçando-os frequentemente ao exílio.

Egas Moniz não deixou, todavia, de ser atingido por alguns actos decorrentes do sistema repressivo do regime fascista, nem deixou de confidenciar quanto se opunha à falta de liberdades que caracterizava a vida política.

Após a morte do Marechal Carmona, em 1951, Egas Moniz foi convidado para se candidatar à Presidência da República. Apontado por alguns sectores da Oposição Democrática, foi auscultado nesse sentido. Escusou-se, no entanto, alegando a sua débil saúde, e manifestando a opinião de que, o Almirante Quintão Meireles, merecendo o seu apoio, constituiria melhor solução...

2.11. Equilíbrios tácticos

Destes episódios tem-se feito, por vezes, uma interpretação excessiva. As forças de oposição ao regime tinham vantagem em arvorarem Egas Moniz como “seu” ou, pelo menos, como um daqueles intelectuais de nomeada, perseguidos e maltratados pelo regime de Oliveira Salazar. Porém, tal não correspondia ao entendimento tácito e ao apoio, muitas vezes formal, que o regime dispensou a Egas Moniz, quer patrocinando cerimónias públicas em que Egas Moniz jogava papeis de destaque, quer fazendo-o figurar em

¹²¹ “Do governo do ditador Salazar, homem de ideias curtas, a quem o colégio Carolina de Estocolmo deu o desgosto de me fazer Prémio Nobel, nunca tive nem auxílio para o meu serviço de neurologia – nem sequer sombra de reconhecimento para o que consegui para o nosso país, trazendo, pela primeira vez, para a grei que fala português, a mais alta distinção a que pode aspirar um homem de ciência.” MONIZ, Egas, *Os meus oitenta anos*, Manuscrito Policopiado de 1954, p. 10, Anexos, p. 7.

exposições de âmbito internacional, destacando-o como exemplo das realizações do Estado Novo.

Esse tacticismo a que Egas Moniz se terá votado em meados dos anos vinte, teria, como contrapartida dos poderes públicos, a manutenção de uma “distância calculada”¹²² que o próprio ilustra em trechos de carácter autobiográfico, relativamente a uma situação já anteriormente aludida.

Egas Moniz fora vítima de um atentado, atingido com cinco tiros de pistola, no consultório da Rua do Alecrim, em 1939. Numerosas entidades nacionais e estrangeiras temeram pela vida do destacado neurologista, então com 65 anos. Após feliz recuperação, Egas Moniz tenciona agradecer presencialmente a algumas das pessoas que se interessaram pelo seu estado de saúde. Entre eles está o Presidente do Conselho de Ministros, António Oliveira Salazar. Egas Moniz faz saber aos serviços da Presidência do Conselho que tenciona agradecer pessoalmente o cuidado que Sua Excelência expressou. Mas, apesar do empenho e insistência de Egas Moniz, Oliveira Salazar não lhe respondeu e não o chegou a receber...

A propósito, Malheiro da Silva chama a atenção para a forma subtil com que Egas Moniz omite, relativiza ou enfatiza factos e episódios transcorridos sob o consulado sidonista¹²³. As flutuações interpretativas estão patentes em muitos outros textos que produziu, o que faz apelo a um exercício cuidadoso de comparação e avaliação de diferentes fontes.

¹²² A expressão é de João Lobo Antunes. Ver ANTUNES, João Lobo, “Egas Moniz – uma palavra sobre o Outro” in *1911-1999. O ensino médico em Lisboa no início do Século. Sete artistas contemporâneos evocam a geração de 1911*, Catálogo da Exposição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1999, p. 32.

¹²³ “A trilogia escrita pelo próprio biografado facilita o trabalho e complica-o bastante ao ponto de desmotivar a busca árdua e exigente de fiabilidade dos depoimentos legados. E este efeito perverso agrava-se no caso específico de Egas Moniz por causa do seu espírito positivista e cientista escrupulosamente assumido e praticado, mas sempre com o subterfúgio do silêncio quando certas situações vividas esbarravam no crivo do seu juízo moral e social”. SILVA, Armando Malheiro da, “Egas Moniz e a política. Notas avulsas para uma biografia indiscreta” in PEREIRA, Ana Leonor, e PITA, João Rui, (Org.), *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, Minerva, 2000, pp. 238-239.

2.12. Superação de obstáculos

O debate sobre estes dois *enigmas monizianos* – o *periférico* e o *político* – concita uma informação vasta acerca do período histórico em que Egas Moniz viveu. Do ponto de vista da pesquisa e da análise histórica, representa um modo estimulante de compreender melhor como eram entendidas a política, a ciência, a arte e a cultura que se vão renovando na passagem do final do século XIX até meados do século XX e, já no início do século XXI, nos interpelam questionando as representações que fomos construindo (adoptando ou recusando) sobre as heranças que nos endossaram.

Seguindo o trilho do *enigma periférico*, afiguram-se-nos de elevada potência explicativa a aturada estratégia que Egas Moniz delineou em ordem a firmar a sua notoriedade numa rede de contactos pacientemente estabelecida e mantida, privilegiando a dimensão internacional da sua acreditação como cientista, publicando atempadamente textos decisivos para a atribuição autoral dos feitos que reclamava. E assim se resolve ou dissolve o *enigma periférico*, ao revelar-se que, exactamente por ter consciência dos limites “naturais” impostos pela condição semi-periférica de Portugal, Egas Moniz se apercebeu, desde muito cedo, da dimensão política que as actividades científicas encerram. Foi-lhe dado observar, quer como estagiário em França, quer como responsável de cargos diplomáticos, o contraste entre a acumulação de recursos que existia em França, na Inglaterra e na Alemanha, e a ausência de meios que havia em Portugal. Esse mapa de recursos recobria um outro mapa virtual de credibilidades estereotipadas. E Portugal, como era

bem de ver, estava excluído dos dois. Os esforços que fez para tentar soluções vantajosas para o Estado português, enquanto Presidente da Delegação à Conferência da Paz de Paris, muitas vezes excedendo o teor das directivas mais contidas e sóbrias de Sidónio Pais, confirmaram-lhe que teria de ser enérgico, decidido, e contar com uma forte bateria de aliados para vencer os obstáculos que se interpusessem entre ele e os seus objectivos. Neste aspecto, Egas Moniz lança uma estratégia vencedora ao construir a notoriedade científica fora dos limites socialmente desvalorizados da semi-periferia¹²⁴. Permaneceu português, mas os lances decisivos para a sorte do cientista tiveram uma base internacional.

Medindo o terreno histórico e geográfico, entendeu que o seu passado político deveria ser reformulado e relativizado. Quer para efeitos imediatos, numa espécie de coexistência pacífica com o salazarismo, quer, a longo prazo, dispensando-se de explicações controversas, enredadas e morosas. O enigma político ajusta-se, assim, à sua firmeza de propósitos: tendo a segunda parte da sua vida sido coroada de reconhecimento e glória, porque não relativizar a primeira?

De um modo ou de outro, foi o que Egas Moniz acabou por fazer.

2.13. Místico da objectividade

Egas Moniz abandonara praticamente a política activa no início dos anos 20 do século passado. O período marcante da sua produção científica veio, assim, a coincidir com um ambiente político em que o

¹²⁴ Para uma discussão acerca da génese e desenvolvimento do conceito de semi-periferia ver Boaventura Sousa Santos: SANTOS, Boaventura Sousa, “Estado e sociedade na semi-periferia do sistema mundial: o caso português” in *Análise Social*, Vol. XXI, 1985, (87-88-89), 3º-4º - 5º, pp. 869-901.

cerceamento das liberdades democráticas, a ideologização fascizante da cultura e o controlo obscurantista exercido pelo fascismo e pelo partido único do regime, começavam a desenhar-se.

Quando em 1935, regressado da Conferência de Londres, anuncia, com a publicação das *Tentativas Operatórias*, a terapêutica psicocirúrgica que curaria ou contribuiria para a cura de “certas psicoses”, tinha-se já fechado o primeiro ciclo de acontecimentos políticos que levaram do 28 de Maio de 1926 à aprovação da Constituição de 1933, vivendo-se já em plena fase de consolidação da ditadura do Estado Novo.

A sua história de vida, em conexão com as mudanças políticas que se operaram em paralelo, tornam-no um ponto de apoio privilegiado para uma melhor compreensão do que foi mudando ou permanecendo.

Apesar de ser considerado pelos seus próximos como alguém “Sem interesse pela filosofia”, “um místico da objectividade”¹²⁵, os conceitos que adoptou, desde cedo, decorrem de uma categorização filosófica precisa. O *positivismo*, com larga influência em Júlio de Matos e Miguel Bombarda, quer na sua versão *naturalista*, quer no enfoque do *materialismo monista*, exerceram uma influência evidente sobre Egas Moniz. O eugenismo de inspiração darwinista e de extracção Hackleiana, constituía para ele um programa supra-ordenador a cujo enquadramento ideológico voltaremos no capítulo 4.

¹²⁵ “Sem interesse pela filosofia, ele possui, entretanto, o método cartesiano. Não o apaixonam conceitos abstractos nem as ideias teóricas. É como que um místico da objectividade – fenómeno estranho em quem, por pouco não seguiu os caminhos das ciências matemáticas e de uma ciência que hoje se chama a física teórica.” COELHO, Eduardo, “A vida científica de Egas Moniz” in *Jornal do Médico*, Porto, Separata XV (373), 1950, pp. 432-436.

2.14. As psicoses sociais

Em 1939, após convalescer do atentado de que foi vítima, já recomposto e livre de perigo, Egas Moniz retoma gradualmente os seus afazeres. Revê, com a ajuda de António Flores, a tradução alemã do que viria a dar a sua obra *Die cerebrale arteriographie und phlebographie*¹²⁶, abruptamente interrompida pelo infausto acontecimento; tenta agradecer, por escrito e, nalguns casos, pessoalmente, à numerosa lista de pessoas e entidades que com ele se solidarizaram e inquietaram. Após o habitual período termal e o repouso em Avanca, volta a Lisboa.

Na sede da Ordem dos Advogados, em 14 de Dezembro, Egas Moniz profere uma conferência. “Psicoses Sociais” é o título.

O conferencista que então surge perante o auditório de homens de leis, é um homem de ciência, duas vezes agraciado pelos seus pares, cá e no estrangeiro. Desde 1926, pelo registo e prática de uma nova técnica de diagnóstico, – a *Angiografia Cerebral* – que permitira visualizar pela primeira vez, *in vivo*, através do registo em *Raio X*, a árvore vascular cerebral. Foi esse o seu primeiro feito científico de vulto, cerca de cinco anos após o abandono da vida política activa. Mas, além disso, é já, também, o reputado iniciador da *leucotomia préfrontal*, operação cirúrgica do lobo frontal do cérebro humano, destinada à terapia de “certas psicoses”¹²⁷, que se inscrevia no recém conceptualizado domínio da *Psicocirurgia*. Já nomeado para o Prémio Nobel por várias vezes, a notoriedade que conquistara tornara-o prestigiado e louvado em praticamente todos os quadrantes.

De que vem, então, Egas Moniz falar aos advogados e outros homens de leis que acorrem à sede da Ordem dos Advogados para ouvi-lo?

¹²⁶ MONIZ, Egas, *Die cerebrale arteriographie und phlebographie*, Berlin, Julius Springer Würzburg, Druck der Universitätsdruckerei H. Stürtz, 1940.

¹²⁷ Alusão ao carácter vago da formulação. O quantificador indefenido “certas” dificilmente se compagina com as exigências formais do rigor científico.

Dos resultados das suas pesquisas científicas? Dos progressos da medicina? Não. Egas Moniz vem, ainda, falar-lhes de política. Na óptica particular de um especialista em neurologia e psiquiatria que entende, tal como outros do seu tempo, que a sociedade podia ser considerada como um organismo enfermo, carente de terapêuticas apropriadas, de uma medicação adequada. E que, para esses males, o tribuno que ali estava, diante de uma audiência expectante, também tinha uma palavra a dizer e conselhos a dar.

Num breve exórdio, Egas Moniz faz questão de sublinhar a sua proximidade social e cultural com os homens de leis, elogiando-os, suscitando a sua convivência e, em simultâneo, apontando, em termos gerais, o seu grupo de pertença.

*(...) qualquer assunto arrancado aos arcanos da nossa actividade científica seria aqui compreendido, tão juntos andam médico e advogados nas contendas do foro.*¹²⁸

Depois, inicia a explanação dos pressupostos que o levam a considerar que a sociedade e a política podem ser objecto de uma análise baseada nos seus conhecimentos psiquiátricos.

*Julgo que as psicoses não são atributo exclusivo dos indivíduos cuja mentalidade dilaceram e aniquilam. Os aglomerados sociais também podem sofrer de males idênticos que destroem o equilíbrio da vida normal.*¹²⁹

Com a transposição das características do organismo humano para essas entidades a que chama, – de acordo com a terminologia comteana, replicada por Teófilo Braga e Júlio de Matos, – *aglomerados sociais*, o conferencista passa a comentar a turbulenta situação internacional, sem aludir necessariamente circunstâncias concretas, bastando-lhe, para tal, a

¹²⁸ MONIZ, Egas, *Ao lado da medicina*, Lisboa, Bertrand, 1940, p. 9.

¹²⁹ MONIZ, Egas, *Ob.Cit.*, p. 10.

competência científica que lhe era reconhecida. De certo modo, o cientista pronuncia-se sobre a dimensão política dos assuntos sociais, sem se colocar na posição que outrora ocupou, de um político que também era médico.

A concepção organicista da sociedade parece, por vezes, próxima da postura corporativista cuja variante doutrinária imediata constituía o principal eixo do Estado Novo. A Constituição de 1933¹³⁰ estatuiu-o limpidamente. Naquela altura, em finais de 1939, as corporações, ainda em número reduzido, ensaiavam, atrapalhadamente os primeiros passos¹³¹. Esta assimilação da sociedade a um organismo cujas manifestações podiam ser *morbilizadas* ou, ao contrário, consideradas *harmónicas e normais*, pelo médico-cientista-comentarista político, não constitui, em Egas Moniz, um acto interpretativo isolado. O nosso conferencista pôs frequentemente em evidência a sua preocupação com a problemática da ordem. Mesmo no plano estético, como apropriadamente assinala António Pedro Pita¹³², Egas Moniz valoriza aquilo que considera a *ordem natural*, considerando indesejáveis e mórbidos os padrões dos autores que se afastavam desse cânone:

*Nunca nenhum dos discípulos do Mestre Silva Porto se sentiu arrastado para a pintura dos reptos shakspeareanos da desgraça, ou das catadupas frementes das convulsões sociais. (...) As lutas da existência só fugazmente transparecem num ou noutra quadro, porque, em suma, viver é lutar; mas as grandes conflagrações passam de largo, não perturbando o culto da Natureza na sua estática surpreendente ou no movimento quási rítmico da vida quotidiana.*¹³³

Não apenas a técnica, o estilo e o padrão são visados. Os motivos temáticos também são relevantes para a apreciação que Egas Moniz

¹³⁰ Nomeadamente no seu artº 5º [Diário do Governo de 22 de Fevereiro de 1933].

¹³¹ OLIVEIRA MARQUES, A. H. de, *História de Portugal*, Lisboa, Palas Editores, 1986, pp. 419-421.

¹³² “O elemento organizador do pensamento estético de Egas Moniz é a noção de paisagem”: PITA, António Pedro, “Arte: Animal domesticado” in PEREIRA, Ana Leonor e PITA, João Rui, (Org.), *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, Minerva, 2000, p. 228.

¹³³ MONIZ, Egas, *Três ensaios sobre pintura*, Estarreja, Câmara Municipal de Estarreja, 1999, p.1.

faz dos artistas que se afastam do culto da Natureza. Entre eles, figuram destacadamente os *reptos da desgraça* e as *convulsões sociais*.

Às suas primeiras palavras na conferência da Ordem dos Advogados, segue-se uma alusão a outra entidade psico-social, certamente devedora da elaboração teórica de Gustave Le Bon¹³⁴.

*As multidões têm alma própria, com qualidades que as diferenciam e lhes dão forma psíquica especial. Entre uma povoação portuguesa e outra chinesa, há tanta semelhança como entre um branco e um amarelo*¹³⁵.

Tendo deixado claro que a sua intervenção assentava nessa metaforização, transfigurada em pressuposto teórico – as sociedades são como os organismos – e tendo exemplificado que formas sociais lhe mereciam destacada reflexão – os *aglomerados sociais* e as *multidões* – Egas Moniz passa à fase de diagnóstico. Enumerará quatro tipos de psicose social – *do medo, convulsiva, da superstição, e da guerra* – e deter-se-á em cada um deles, desenvolvendo, comentando e enfatizando, no final, que o exposto não decorria de uma elaboração opinativa, volátil e questionável, como as meras opiniões costumam ser, mas, pelo contrário, de conclusões a raiar a cientificidade:

*Tristes conclusões que a observação dos factos impiedosamente impõe.*¹³⁶

É assim o nosso conferencista: imaginativo, afirmativo e disposto a dobrar a fúria dos elementos, de forma a que estes obedeçam à sua vontade indómita, ao seu saber, cujas particularidades neurológicas e psiquiátricas não saem diminuídas ante a vastidão e a natureza social da

¹³⁴ LE BON, Gustave, *Psychologie des foules*, Paris, PUF, 1981.

¹³⁵ MONIZ, Egas, *Ao Lado da Medicina*, Lisboa, Bertrand, 1940, p.10.

¹³⁶ MONIZ, Egas, Ob. Cit, p. 36.

temática. Pelo contrário. Os seus conhecimentos são investidos de potencialidades sociológicas e psico-sociais possuindo uma espantosa capacidade explicativa.

No final da conferência, o auditório terá sido confrontado com três teses fundamentais: a sociedade é como um organismo dotado de psiquismo; as causas e motivações geradas quer por ideais quer por interesses, não são relevantes para compreender a dinâmica social; quaisquer formas ou expressões de desordem estão indissociavelmente ligadas a graves e profundos desequilíbrios da alma colectiva.

Passaram cerca de vinte anos sobre o momento em que abandonou definitivamente a política activa, e quarenta desde que iniciou a sua participação institucional na política, ao ser eleito deputado pelo Partido Progressista, em 1900. Está com sessenta e cinco anos mas, apesar da gota que o tortura desde os 24, e da recente convalescença que se seguiu ao atentado de que foi vítima, mantém uma tenacidade e persistência proverbiais.

Fala da morbidez observável nas colectividades “em crises de medo” e acrescenta uma nota intimamente associada à sua visão dos fenómenos psíquicos

O mal generaliza-se [na sociedade] e transmite-se a todos os seus membros, como se estivessem de mãos dadas a receber uma descarga eléctrica.¹³⁷

Isto porque certos acontecimentos sociais podem dar origem ao pânico. Especifica que “As revoluções estão neste caso (...)” e, quando se ocupa, pouco depois, da *Psicose Convulsiva*, determina-lhe uma etiologia associada às grandes causas e crenças que alimentam as grandes movimentações sociais

¹³⁷ MONIZ, Egas, Ob. Cit, p. 15.

[a psicose compulsiva] Tem as suas raízes no fanatismo de colorido religioso, filosófico, político ou social. Erguem-se então em revolta, as multidões desvairadas, na estulta pretensão de, dominando os que não comungam das mesmas ideias, subjugar o pensamento humano, eterno e insubmisso, que não cede à força, nem se deixa amordaçar pela opressão.¹³⁸

Esta nítida delimitação das elites, principais protagonistas do “pensamento humano, eterno e insubmisso”, para um lado, e das “multidões desvairadas”, para outro, exprime uma outra convicção de Egas Moniz acerca dos verdadeiros responsáveis pelas políticas de guerra. Graças a uma espécie de proto-estruturalismo de inspiração psicanalítica, o conferencista remete-nos para outro patamar de inimputabilidade:

Atribui-se a guerra ao estadista ou estadistas que a declaram, deixando num plano secundário a nacionalidade que a impôs. E, contudo, são as massas populares em que se aglomeram bons e maus, ignorantes e sábios, ousados e medrosos, as impulsionadoras da guerra. É um fundo psicopático colectivo que age e determina o conflito.¹³⁹

A causa mais profunda, isto é, a verdadeira responsabilidade da iniciativa dos conflitos armados entre Estados, não deveria ser imputada, segundo Egas Moniz, aos membros das elites políticas investidos de cargos de Estado, decisores e poderosos, mas, antes, a uma emanção da alma colectiva que os ultrapassa.

Os dirigentes têm a impressão de que comandam, quando são apenas comandados.¹⁴⁰

¹³⁸ MONIZ, Egas, Ob. Cit, p. 16.

¹³⁹ MONIZ, Egas, Ob. Cit, p. 24

¹⁴⁰ MONIZ, Egas, Ob. Cit, p. 27

Dos horrores da guerra estampados nos corpos de muitos militares que observou na qualidade de clínico de neurologia, examinando pacientes portadores de lesões cerebrais contraídas em combate, até aos debates que atravessaram a esfera política em véspera do envolvimento de Portugal na Iª Grande Guerra (1914-18), e às altas responsabilidades que assumiu como fundador do Partido Centrista Republicano, Embaixador em Madrid, Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e Presidente da Delegação Portuguesa à Conferência de Versailles, ninguém se lembraria de acusar o nosso conferencista de desconhecimento das matérias que está a focar. Todavia, Egas Moniz não se confunde com essas *massas populares* que menciona porque, neste caso, tal como noutros, a sua condição de médico e de cientista, coloca-o acima das considerações que acaba de expender:

Desde que a guerra surge, nem todos são absorvidos no ciclópico redemoinhar da contenda. [Os que se situam noutra plano] São os médicos, enfermeiros e auxiliares. (...) em ambos os campos, os médicos lutam pela vida dos feridos, sem olhar à sua proveniência.¹⁴¹

Enquanto a maioria dos envolvidos no confronto bélico se aplica a infligir ao inimigo as mais duras provações visando, de preferência, a sua aniquilação pura e simples, conduzindo-se “como se fossem um só homem”, as gentes da condição de Egas Moniz agem, de acordo com a sua visão da história, em sentido oposto, desligadas dessa espécie de desforra colectiva, tratando dos feridos, cuidando dos enfermos, salvando vidas.

O conferencista não brindou o seu auditório com um discurso sobre ciência, sobre os seus achados, já tão celebrados na época, como tantas outras vezes fez. Egas Moniz preferiu falar das “doenças” que vitimam os “aglomerados sociais” e as “multidões”. Se não pôde trazer novas acerca da terapêutica mais indicada para elas, conseguiu, pelo menos, diagnosticar as

¹⁴¹ MONIZ, Egas, Ob. Cit, p. 32.

respectivas “psicoses”, admitindo que, face a elas, os sociólogos se encontram desarmados, do mesmo modo que os médicos, diante de algumas doenças para as quais não se conseguiu ainda encontrar a cura.

O modo como o nosso discursante encara a sociedade não é, no seu evidente reducionismo, nada surpreendente na época. As visões organicistas estão ainda em voga. São mesmo, na sua versão corporativista, como já foi aludido anteriormente, doutrina de Estado, com acolhimento constitucional. Confinar a dinâmica social ao binómio elites/massas, implica a desvalorização de uma análise mais fina que dá conta da existência de diferentes grupos sociais, com identidades próprias e com a compreensiva afirmação das suas autonomias culturais, sócio-económicas, de cujos estatutos derivavam aspirações e reivindicações específicas. Confrontando as ideias que Egas Moniz expressa nesta conferência acerca das *Psicoses Sociais* com outros textos da sua autoria, percebe-se facilmente que ele reconhece a existência de grupos sociais com características próprias. Não se trata tanto de um saber acerca do social. Trata-se, antes, de uma atitude, de uma perspectiva e de uma concepção que confundem os movimentos sociais com a desordem; as reivindicações e aspirações com o desafio da autoridade do Estado; e a actuação autónoma como a transgressão de princípios para os quais não são reconhecidos certos direitos.

2.15. Organicismo e corporativismo

O panorama geral que Egas Moniz traça da sociedade não surpreenderá, por certo, quem acompanhou atentamente o seu trajecto político. A primeira década de acção política, que coincide com a profissionalização e especialização clínicas, é marcada pela adesão ao Partido Progressista, pelo qual é eleito deputado. Desapontado com o acordo tácito

que existia entre o seu partido de então e o Partido Regenerador, que se traduzia numa alternância redundante (o rotativismo), acompanha o grupo de José Maria de Alpoim no movimento conhecido por *Dissidência Progressista*. Aproxima-se dos meios republicanos e participa activamente na oposição a João Franco e à ditadura consentida e apadrinhada por D. Carlos. O seu activismo torna-se a tal ponto notado que é preso a 28 de Janeiro de 1908 – exactamente na véspera do regicídio como já aludimos anteriormente – por envolvimento na chamada “Intentona da Biblioteca”. É iniciado na Maçonaria, na Loja Simpatia e União, em 22/12/1910, e toma assento na Constituinte com o triunfo da República. Em traços sumários, o pendor liberal que ganhou na Universidade e nas suas deslocações a França, leva-o à ruptura com o Partido Progressista e, depois, à cumplicidade com alguns dirigentes republicanos. Uma vez deputado da Constituinte, no começo da segunda década da nossa periodização, Egas Moniz revela-se de um republicanismo moderado, conservador em muitos aspectos, crítico dos excessos jacobinos. Tais posturas põ-lo-ão em rota de colisão com os “Democráticos” de Afonso Costa, de quem se tornará adversário acérrimo. Já por esse tempo, no conjunto de propostas que apresenta ao Parlamento, se pronuncia “A favor de uma representação ‘corporativa’”¹⁴² evidenciando assim uma reflexão peculiar acerca da representação institucional dos diversos interesses socio-económicos, que retomou na conferência da Ordem dos Advogados de que reproduzimos algumas passagens anteriormente. No final de 1912 tinha-se afastado da actividade parlamentar, considerando que deixara de ter condições para se exprimir livremente. Cerca de quatro anos depois é preso, acusado de envolvimento no Movimento de Pimenta de Castro (que apoiou de facto). Reaparece. Funda o Partido Centrista, no seio da corrente conservadora e moderada que critica fortemente a gestão do Partido Nacional Republicano. O programa Centrista é publicado em Outubro

¹⁴² MONIZ, Egas, *Um ano de política*, Lisboa, Portugal-Brasil Ltda, 1919, p. 28.

de 1917. O projecto político tem um carácter sumário e imediatista, omisso em grandes áreas (Ciência, p.ex.), e vago em matéria de ensino.

Em vez disso, propõe a elevação da “nossa cultura média [através do] ensino prático”¹⁴³. Tal lacuna não surpreende muito. Para além da prática científica ser então incipiente, quer o entusiasmo, quer os seus objectivos imediatos, nessa época, não se concentravam tanto na actividade científica, como veio a suceder mais tarde. No mesmo programa, trata da questão social, reservando uma atenção especial à condição operária. Segundo ele, o capital e o trabalho, a burguesia e o operariado, deveriam aliar-se em vez de se guerrearem, exprimindo o desiderato de uma paz social sem greves. Também neste aspecto enuncia a deseabilidade de soluções de cariz corporativista. A paz social, a ordem e o bom entendimento entre actores sociais, constituem, para ele, uma das condições *sine qua non* do crescimento e desenvolvimento económico. Tal não o impede de reconhecer a insegurança, a pobreza e a vulnerabilidade dos operários, apontando uma série de objectivos tendentes a minorar a situação deplorável em que se encontram. Todavia, o seu pensamento profundo e reservado acerca da condição operária, surge admiravelmente sintetizado na frase

*Se o capital se reproduz pelo juro, o operário amortiza-se pelo filho, e este será valor tanto mais garantido quanto a sua educação for mais cuidada.*¹⁴⁴

Para a harmonização das relações entre capitalistas e operários, Egas Moniz enuncia o que, segundo ele, são os objectivos naturais de cada entidade. Não lhe interessa particularizar. Opera no plano das abstracções sócio-económicas, fazendo sobressair uma espécie de dimensão rentista de ambos os módulos: um reproduz-se pelo juro (amortização dos empréstimos); o outro amortiza-se pelo filho (o salário é um empréstimo). De onde, capital e operário são bens sócio-económicos que tendem para uma realização

¹⁴³ MONIZ, Egas, Ob. Cit, p.76.

¹⁴⁴ MONIZ, Egas, Ob. Cit, p. 78.

determinada. O filho do operário (o operário antroponomicamente reproduzido) verá elevar o seu valor próprio em função da educação que receber. Porquê? Egas Moniz não se detém na valorização individual, cultural e cívica do futuro operário. O seu raciocínio é guiado, uma vez mais, por um objectivo de carácter colectivo e corporativo

E assim instruídos sob a mesma orientação, dirigentes e dirigidos, levantado o nível geral da intelectualidade, dispostos todos à realização de um trabalho útil e essencialmente produtivo, será mais fácil o entendimento entre todos aqueles que, como suprema aspiração, anseiam por um maior bem-estar para todos os homens que, aproveitando a sua actividade, se orientem em melhor sentido para a obtenção de um fim mais durável e mais elevado.¹⁴⁵

A educação preparará, então, a harmonização do contraditório. A elevação cultural de uns, consistirá na aceitação pacífica das consignas dos outros.

Cerca de vinte anos depois, na conferência de que nos ocupámos anteriormente, Egas Moniz deslocar-se-á para um grau de abstracção mais elevado, deixando as diferenciações classistas para trás e ocupando-se exclusivamente dos *grandes aglomerados*. Todavia, em pano de fundo, as mesmas preocupações de vinte anos antes e as mesmas soluções de feição corporativista, persistem.

As historiografias de inspiração hagiográfica ou neo-realista, por razões certamente diferenciadas, ocultaram ou minorizaram a dimensão conservadora de um político que não só se bateu denodadamente contra a esquerda da República Velha, personificada no Partido Democrático de Afonso Costa, como programou e conseguiu favorecer a direita do seu tempo. Considerou-se, por certo, despiciendo, este aspecto marcante do pensamento e da acção de Egas Moniz. Provavelmente, compaginava-se mal com a produção da imagem de um sábio impoluto ou de um resistente acochado.

¹⁴⁵ MONIZ, Egas, Ob. Cit, p. 78.

Estes reducionismos, produzidos pelas simplificações históricas, acabam, a longo prazo, por envolver as figuras humanas e os seus contextos num manto diáfano que deixa apenas vislumbrar os feitos e a glória, desligando-as das grandes questões do seu tempo, das paixões e dos ódios que as tornam mais verosímeis, mais interessantes e mais susceptíveis de merecer interesse e admiração. Para reconhecer social e culturalmente o homem, as suas causas e a sua época, deveremos tomá-lo por inteiro, sem receio de revelar o que, quer o próprio, quer outros, ocultaram ou dissimularam com motivações diversas.

2.16. As doutrinas de Exeter

Desde o seu despertar para a política, Egas Moniz foi adoptando diferentes posições. Do meio legitimista onde nasceu e foi educado, até ao evidente tacticismo do último período da sua vida, o inventor da *angiografia cerebral* procedeu a diversas adaptações. Foi monárquico de pendor constitucionalista e liberal, republicano conservador, se bem que, com a fundação do Partido Centrista Republicano, tenha reivindicado o epíteto de moderado e conservador, sem desprimor do claro e expresso objectivo de reforçar a direita da 1ª República.

Na sua acção política, perfilam-se duas rupturas principais: a Dissidência Progressista, que o leva, sob a direcção de José Maria de Alpoim do campo monárquico para o republicano, em meados da década que antecedeu a instauração da República; a demarcação da esquerda republicana, mais nitidamente dos Democráticos liderados por Afonso Costa; e, na última fase da sua vida, após a jubilação, o desacordo frontal com o regime fascista que não permitia a utilização de métodos democráticos, tornando as eleições

autênticas “palhaçadas”¹⁴⁶. A sua concepção da sociedade, porém, ter-se-á mantido ao longo do percurso. O fresco que nos oferece o conferencista das *Psicoses Sociais* não se desvia muito do quadro subjacente a um dos principais pilares em que a sua autobiografia “Um ano de política” assenta. Se avançarmos no tempo e prestarmos atenção a uma outra conferência que proferiu em 1945, poderemos, por um lado, confirmar a permanência da matriz conceptual acerca da sociedade e, indirectamente, da política; por outro lado, ser-nos-á dado verificar que à medida que se afastou da política activa e enveredou por análises de mais elevada abstracção, as ideias expressas põem em destaque os traços mais conservadores da sua concepção do mundo.

*A geração humana e as doutrinas de Exeter*¹⁴⁷, foi o título dado por Egas Moniz a uma outra conferência que foi convidado a proferir na Sessão Solene de Abertura dos Trabalhos académicos da Sociedade de Ciências Médicas. Estávamos, então, a 30 de Outubro de 1945.

O conferencista de agora, sendo o mesmo, é já, também, diferente. Passaram os anos da II Grande Guerra. Na primavera anterior, após a Conferência de Yalta, a diplomacia acelerou. As potências do eixo foram, enfim, derrotadas. Em Agosto, sobre os horrores ainda palpitantes de mais de cinco anos de carnificinas, a aviação dos EUA lançou sobre Nagasaki e Hiroshima as duas bombas de hidrogénio que vieram colocar uma questão nunca respondida à consciência dos vencedores e, particularmente, dos

¹⁴⁶ “Nunca, desde que o ditador se instalou no poder, houve eleições. Uma burla a constituição da chamada Assembleia Nacional! Os recenseamentos são falsos, só se inscrevem os nomes daqueles que não podem fazer mal. Tocam a campanha das perseguições necessárias e não se admitem reclamações. Tudo é falso e porco; mas se algum protesta, cadeia ou então, com o epíteto de comunista descem aos centros dos campos de concentração desde Peniche à Ilha do Sal. Toda a resistência é inútil. Não há fiscalização de mesas eleitorais, aqueles que as constituem são da grei ditatorial. As operações de apuramento são exclusivamente feitas, por mandatários do partido que a apoia sem que qualquer pessoa prove existir fraude. Esta domina hoje tudo em Portugal! Uma arbitrariedade desta ordem mostra o reaccionarismo do ditador e a marcha retrógrada de um povo (...). O futuro mostrará um dia perante a história, o que foi este período mal-aventurado em que vivemos.”: MONIZ, Egas, *Manuscrito de 1955*, pp. 13-15 [Cópia em Anexo].

¹⁴⁷ MONIZ, Egas, “A geração humana e as doutrinas de Exeter” in *Conferências Médicas*, Vol. I, Lisboa, Portugália Editora, 1945.

cientistas e técnicos que contribuíram para que tal capacidade mortífera pudesse ter conhecido a luz do dia.

Em Outubro, tinham tido início os Julgamentos de Nuremberga e, pouco depois, assistia-se à fundação das Nações Unidas. Jubilado no ano anterior, o conferencista tomara conhecimento de que o Prémio Nobel de Medicina ou Fisiologia desse ano fora atribuído, em simultâneo, a dois ingleses e a um australiano – Alexander Fleming, Ernst Boris Chain¹⁴⁸ e Howard Walter Florey – pela descoberta da penicilina e seus efeitos curativos em várias doenças infecciosas. Ao arrepio das manifestações de alegria que irrompiam por todo o lado, o Governo de Oliveira Salazar decretara, em Maio, três dias de luto oficial pela morte de Hitler¹⁴⁹.

Entretanto, a sua notoriedade científica alargara-se. O impacto da *angiografia cerebral* continuava a trazer-lhe o louvor dos pares de diferentes quadrantes do mundo; a *lobotomia frontal*, método directamente inspirado na *leucotomia préfrontal*, era praticada em grande escala por Walter Freeman e outros neurologistas nos EUA. Mercê, sobretudo, da primeira (a *angiografia*), já que a segunda (a *leucotomia*), alvo de maior controvérsia, sempre levantara dúvidas e resistências, fora-lhe atribuído, nesse mesmo ano, o Prémio de Oslo, que poderia ter parecido, naquela altura, o corolário de uma carreira singular.

O conferencista veio falar-nos, neste caso, das experiências levadas a cabo na Clínica de Exeter, no Reino Unido, onde, se procedera, com sucesso, a experiências no domínio da inseminação artificial. Sabendo da relutância e das resistências que esse procedimento já então provocava, decidira dar um passo em frente e tornar público o que de avisado se lhe oferecia dizer. As suas palavras soam como consignas para o planeamento familiar, com um peso social e implicações políticas assinaláveis.

¹⁴⁸ Cientista de origem alemã, naturalizado britânico depois de se refugiar na Grã Bretanha.

¹⁴⁹ Na mesma edição em que é anunciado o luto nacional de três dias, vem a justificação: “Morrendo no seu posto o Führer deixa a garantia da eternidade ao povo alemão”, *O Século* de 3 de Maio de 1945, na primeira página.

Fundamentando as vertentes positiva e negativa da sua concepção do eugenismo, pronuncia-se, primeiro, acerca da indesejabilidade da inércia procriativa

(...) os débeis, os tarados, os achacados de toda a ordem, muitos deles de origem hereditária, são peso morto a cair sobre a colectividade.¹⁵⁰

pelo que

(...) evitar a fecundação é dos preceitos eugénicos que convém divulgar e, em muitos casos, impor.¹⁵¹

A imposição de qualquer intervenção terapêutica suscitaria dúvidas no auditório atento às suas sábias palavras? Seria perceptível que ao *impor* a esterilização, assim subentendida, o conferencista não tomara consciência que podia ir contra os direitos dos visados? É difícil descortinar de que modo, conferencista e auditório, avaliavam a legitimidade desta espécie de programa eugénico. Para eliminar quaisquer compreensíveis conotações com o que se ia sabendo, a pouco e pouco, da “Solução Final”, implementada pelos nazis, o conferencista não é peremptório

Na Alemanha de ontem foi esta doutrina mal orientada e exagerada por superstições várias que a levaram à efectivação do meio drástico da esterilização forçada, só admissível em casos muito especiais de marcada hereditariedade psicótica.¹⁵²

Mas há um ponto em que o conferencista é suficientemente claro: a que pessoas ou entidades compete ajuizar, decidir e executar as acções eficazes para pôr em prática esse programa eugénico?

¹⁵⁰ MONIZ, Egas, “A geração humana e as doutrinas de Exeter” in *Conferências Médicas*, Vol. I, Lisboa, Portugália Editora, 1945, p.15.

¹⁵¹ MONIZ, Egas, Ob. Cit, p. 19.

¹⁵² MONIZ, Egas, Ob. Cit, p. 17.

*Aos médicos, e acima das leis, compete essa missão preservando numa actividade protectora das boas qualidades da prole.*¹⁵³

Não é difícil dar conta de ecos teóricos e filosóficos de Spencer, Haeckele e Galton, nesta dureza e inflexibilidade de planificação. As certezas inspiradas no darwinismo social, reforçadas pelo materialismo ontogenético, seriam fundamento bastante para elaborar e aplicar os critérios da vida – quem pode ou não procriar; quem tem ou não condições para uma reprodução antroponómica sadia.

A alta importância que o conferencista confere aos do seu estatuto, não pode deixar de estar em relação com a velha (mais velha hoje do que então, por certo) república dos sábios preconizada por Auguste Comte. Ao confiar-se o governo do mundo àqueles que o podem desempenhar exclusivamente com base na ciência positiva, as coisas só podem correr melhor. Logo, em matéria de saúde, – porque Egas Moniz entendia a *autorização* de procriar como uma matéria de saúde pública – quem, melhor do que os médicos, para desempenhar a função? É compreensível. Todavia, no plano das implicações políticas, nota-se uma inflexão. Não em matéria de construção do estatuto social. Um homem que pertenceu à elite dirigente e que, de certa maneira, continua a dela fazer parte, revê-se, tendencialmente, como um ser altamente capaz e predestinado para o exercício de quaisquer poderes. Mas, no tocante à arquitectura da República Democrática, as referências liberais, o princípio da separação dos poderes, a aplicação da justiça pelos tribunais, e o primado da Lei, fizeram, e ainda fazem, a diferença entre um democrata e um partidário de qualquer espécie de despotismo.

Entre os seus escritos de 1919, 1935, e 1945, nota-se pois, um progressivo recurso à abstracção, provavelmente decorrente do seu afastamento das preocupações peculiares da política activa, e, nesta conferência de 1945, acerca das doutrinas adoptadas na clínica de Exeter,

¹⁵³ Ibidem, p. 20.

uma acentuação da tendência já anteriormente aludida de morbilização e medicalização do social.

Considerar a sociedade como um organismo não constituía, à época, como já aludimos, nada de surpreendente. O sincretismo organicista que em Egas Moniz deixa entrever influências da síntese Comteano-Darwinista em que Júlio de Matos se empenhou, é um imperativo ideológico do movimento republicano desde o último quartel do século XIX. Pensar a ciência e pensar com a ciência, implicava abraçar as grandes teorias da época¹⁵⁴, que entroncavam no positivismo forte e fraco de inspiração comteana, no Darwinismo, no Malthusianismo, na psicologia social de Gustave Le Bon, na sociologia de Spencer, e na absolutização hereditarista de Lombroso.

Mesmo para Teófilo Braga, cuja crença eufórica nas virtudes evolucionistas do proletariado o afastava decididamente do enquistamento anti-socialista de Júlio de Matos,

*A ciência da sociologia, revelando-nos as condições de existência do organismo social, compete o descobrir e analisar os pontos em que subsiste a perturbação, e, uma vez determinada, eliminar-lhe as causas por meio de claras noções*¹⁵⁵.

Especificando, noutra lugar, que

*Os fenómenos sociais são uma continuação dos fenómenos orgânicos, imediata enquanto aos actos inconscientes e involuntários, como a sexualidade, a natalidade e a mortalidade, mas sempre em correlação apesar das imprevistas complicações da vontade individual.*¹⁵⁶

¹⁵⁴ Para uma descrição circunstanciada do entrelaçamento entre diferentes leituras da obra darwiniana, nomeadamente de Teófilo Braga e Júlio de Matos, ver *Darwin em Portugal*, PEREIRA, Ana Leonor, *Darwin em Portugal. 1865-1914. Filosofia, História, Engenharia Social*, Coimbra, Almedina, 2001.

¹⁵⁵ BRAGA, Teófilo, *História das ideias republicanas em Portugal*, Lisboa, Nova Livraria Internacional, 1880, p. 311.

¹⁵⁶ BRAGA, Teófilo, *Systema de Sociologia*, Lisboa, Tipografia castro e Irmão, 1884, p. 94.

Pode-se, assim, aquilatar a recorrência da metáfora organicista nas concepções cientistas de diferentes pensadores que influenciaram decisivamente o modo de categorização sociológica de toda uma época. O biologismo sociológico que os “nossos positivistas perfilharam”¹⁵⁷ constitui, pois, uma *evidência científica*, fruto de uma visão *positiva* orientada para a *ordem* e para o *progresso*.

Porém, em Egas Moniz despontam lampejos de uma evolução metafórica na forma organicista de encarar a sociedade. Para ele, se a sociedade se pode comparar, em geral, a um organismo, devido aos atributos de reprodutibilidade, evolução e ciclo degenerativo, haveria ainda que compreendê-la na sua dinâmica, nas causas que a mobilizam e têm, por desfecho, mudanças mais ou menos profundas. Neste particular, Egas Moniz acompanha uma mutação teórica que virá a marcar também a sociologia dos EUA e da Europa Ocidental, fazendo a transição da sociedade como organismo *natural* para a vizinhança da sociedade como comunidade *cibernética*, numa elaboração que, para alguns autores¹⁵⁸, continua a ser a projecção do organismo despojado dos factores antropomórficos, centralistas e arcaicos, que se autodenominou *sistema*.

Para Egas Moniz o factor explicativo dos fenómenos psíquicos era da ordem do fluxo energético, uma espécie de corrente eléctrica interneuronal. E, apesar das questões ligadas à sexualidade, à reprodução antroponómica, à hereditariedade e ao eugenismo, o terem preocupado desde muito cedo¹⁵⁹, desvalorizava nelas os factores individuais, enfatizando aquilo que considerava o seu automatismo, o carácter instintivo do acasalamento e da procriação, negando-lhe qualquer lampejo de racionalidade. Que factor

¹⁵⁷ No dizer de Fernando Catroga, que analisa o contrabando ideológico neutralizador das incompatibilidades do positivismo Comteano com os valores liberais. CATROGA, Fernando, “A importância do positivismo na consolidação da ideologia republicana em Portugal” in Separata de Biblos – LIII – *Homenagem a Victor Matos de Sá*, Faculdade de Letras da UC, Coimbra, 1977.

¹⁵⁸ Ver, por exemplo, Richard Harvey Brown: BROWN, R. H, *Toward a Democratic Science: Scientific narration and Civic Communication*, Yale, Yale University Press, 1998.

¹⁵⁹ MONIZ, Egas, *A vida sexual*, 14ª edição, Lisboa, Casa Ventura Abrantes, 1932. *A vida sexual, fisiologia, e A Vida Sexual, patologia*, foram inicialmente publicados em separado, após trâmite académico, e depois reunidas num só volume.

faria, então, mover multidões, levá-las a enfrentar ameaças à sua integridade? Qual seria a explicação para as movimentações desordenadas e inesperadas das grandes massas?

2.17. O mundo na cabeça

Ao expor a génese das reflexões que o conduziram à experimentação *in vivo*, cujos resultados viemos a conhecer sob a denominação de *leucotomia pré-frontal*, Egas Moniz salienta que

Quando Ramón y Cajal descobriu que os prolongamentos da célula nervosa, o denominado neurónio, se não soldavam aos das outras células nem aos seus corpos, mas apenas estabeleciam contactos por meio de minúsculas fibrilhas contidas nos cilindros-eixos e dendrites, operou-se um notável progresso na interpretação de muitos fenómenos até aí pouco elucidados.

Adiantando, logo a seguir, que

Esta acção sináptica é a origem da vida psíquica. Esta aparece alterada logo que o seu mecanismo deixe de funcionar normalmente. Por outras palavras: é nas sinapses que deve existir o substrato anátomo-patológico de algumas psicoses ditas funcionais.¹⁶⁰

Revelando, assim, que esses fluxos energéticos, análogos às correntes eléctricas, não só animavam os centros da vida psíquica, como muito provavelmente a constituíam. A utilização da corrente eléctrica para efeitos terapêuticos, comprova igualmente a convicção de se estar a utilizar uma “substância” cuja natureza seria similar à dos fluxos energéticos que atravessavam o sistema nervoso. De qualquer modo, num caso e noutro, o galvanómetro acusava a sua passagem, fornecendo a prova empírica da similaridade entre ambas. Haveria outros componentes para explicar algo tão

¹⁶⁰ MONIZ, Egas, “Fisiologia do Cérebro”, Separata de *O Instituto*, Vol. 115, Coimbra, 1951, pp.11- 12.

complexo como a vida psíquica? Haveria. Mas seguramente menos evidentes e pouco susceptíveis de uma experimentação tão próxima do visionamento.

Abel Salazar, por exemplo, acentuava, na sua teorização da *correlação íntima do cérebro*, os factores hormonais, insistindo, pelo menos desde o início dos anos 30, num dinamismo do inconsciente cujo carácter seria “não espacial” e “não anátomo-fisiológico”¹⁶¹, explicando o conflito social por uma correlação problemática entre o consciente e o inconsciente, enfatizando a dimensão histórica e cultural mas, recorrendo, curiosamente também a uma metáfora em forma de fluxo impreciso

*O inconsciente é um dinamismo cego, a força psíquica, uma corrente subterrânea em fluxo através dos tempos.*¹⁶²

Esta *corrente subterrânea* do ideário de Abel Salazar não é a mesma corrente que Egas Moniz podia comprovar com a utilização do galvanómetro. Talvez por isso Egas Moniz, sem muito se deter na consideração das concepções diferentes que sabia existirem acerca da vida psíquica, se limitasse a anotar, de passagem, que, para além dos componentes eléctricos, outros haveria...

Quando Egas Moniz projecta na sociedade o modelo do cérebro doente para sublinhar ideologicamente que a desordem social é da ordem do desequilíbrio mental e, portanto, de um estado indesejável que convém contrariar e, se possível, curar, alude também ao fluxo que parece electrizar os indivíduos, tornando-os como que um corpo só, divorciado da razão.¹⁶³

Numa espécie de jogo isomórfico, a cabeça, ou a mente, no lugar da sociedade; as psicoses no lugar das revoluções e outras movimentações *desordenadas*; os neurónios no lugar dos aglomerados sociais; e um indefinido mas comprovado fluxo energético a atravessar

¹⁶¹ SALAZAR, Abel, *A Socialização da Ciência*, Lisboa, Editora Liberdade, 1933, p. 13.

¹⁶² SALAZAR, Abel, *Ob. Cit.*, p. 15.

¹⁶³ MONIZ, Egas, *Ao Lado da Medicina*, Lisboa, Bertrand, 1940, p. 15.

sequências neuronais, sinapses e multidões, desestabilizando comportamentos, dando lugar a rebeliões, levantamentos e protestos.

Nada disto surpreende nas formas de pensar partilhadas por numerosos actores políticos contemporâneos de Egas Moniz, cientistas ou não. Tal como recorda Fernando Catroga

As revoluções eram comparadas às doenças orgânicas ocasionadas por causas internas ou externas e as suas deflagrações não passavam de reacções do organismo social, as quais, libertando-o dos elementos degenerescentes, visavam instaurar a normalidade progressiva no seu funcionamento.¹⁶⁴

Na identificação do que estava em harmonia com a natureza e a sociedade, organizada e progressiva, os “Grandes Homens”¹⁶⁵ – sábios, cientistas, iluminados pela filosofia positiva – constituíam a elite à qual competia igualmente traçar a linha de fronteira entre morbidez e o sanidade, relembando, enviesadamente, que “O Estado é a única fonte de ‘direito’ à violência”¹⁶⁶, nomeadamente da violência que consiste em proceder a classificações que, ao alterar a identidade dos indivíduos, (são/doente; de boa ou de má prole; normal/desequilibrado), afectavam os seus destinos pessoais e colectivos.

O político e o cientista, ao viverem filosoficamente unidos pela crença positiva, projectavam as suas convicções em todos os azimutes. No caso de Egas Moniz, a sociedade é observada com base no modelo da psique humana e do sistema nervoso. Operando toda a metaforização ao jeito de uma equação semântica, a hipótese de o nosso sábio pensar a psique humana com

¹⁶⁴ CATROGA, Fernando, “A importância do positivismo na consolidação da ideologia republicana em Portugal” in Separata de Biblos – LIII – *Homenagem a Victor Matos de Sá*, Faculdade de Letras da UC, Coimbra, 1977, p. 304.

¹⁶⁵ Sobre a Teoria dos Grandes Homens ver, por exemplo, Teófilo Braga: BRAGA, Teófilo, *Systema de Sociologia*, Lisboa, Tipografia castro e Irmão, 1884; e Fernando Catroga: CATROGA, Fernando, Ob. Cit.

¹⁶⁶ WEBER, Max, *O Político e o Cientista*, Lisboa, Presença, 1979, p. 9.

base no modelo assente na sua concepção da sociedade ou, mesmo, do mundo, não deixa de ser tentadora...

2.18. A cabeça no mundo

Algumas das ideias correntes acerca do nosso primeiro cientista nobelizado, mesmo nalguns casos de registo historiográfico, relevam mais da *memória* do que da *história*¹⁶⁷. Ao que parece, acontece frequentemente que ambos os registos se confundem, sendo, por vezes, muito árduo o trabalho de destrinchá-los. Fazê-lo, todavia, constitui um exercício que acrescenta conhecimento às ideias que foram ficando acerca dos contextos históricos e dos seus actores, revelando dimensões porventura desconhecidas, fornecendo novas chaves para a compreensão das obras humanas.

Desde a falsa ideia de que o inventor da *angiografia cerebral* teve uma *curta passagem* pela política, até à infundada conclusão de que a distância calculada entre ele e o regime do Estado Novo correspondia a um nítido afastamento ideológico, assistimos a uma espécie de braço-de-ferro, mais ou menos dissimulado, entre sectores da Oposição Democrática e instâncias do regime fascista, pela apropriação da figura de Egas Moniz. Esse desejo de reivindicar e comprovar a sua pertença simbólica a um quadrante político determinado, prosseguiu compreensivelmente após a Revolução de Abril de 1974. A análise da sua mundividência e a verificação dos seus actos e dos seus pensamentos em acto, documentados, quer pelo próprio, quer pelos seus contemporâneos, devolvem-nos um trajecto infinitamente mais rico e interessante, ainda que distinto de muitas das memórias que lhe sobreviveram e em que ele próprio se empenhou, estrategico hábil, admiravelmente atento e empenhado na construção da sua própria notoriedade.

¹⁶⁷ Ver, por exemplo, Luís Reis Torgal, acerca da distinção entre memória e história. TORGAL, Luís Reis, *História e Ideologia*, Coimbra, Minerva, 1989, p. 20.

3. O Prémio Nobel

Egas Moniz virá a ser galardoado com o Prémio Nobel em 1949 mas, antes disso, foi nomeado por quatro vezes (1928, 1933, 1937 e 1944), sem êxito¹⁶⁸.

Quer essas nomeações, menos conhecidas, quer as respectivas recusas, revelam uma série de pormenores importantes para a compreensão dos factores que condicionavam a avaliação científica de então.

A Fundação Nobel mantém inacessíveis durante 50 anos todos os processos de nomeação e atribuição do Prémio. Esse meio século de inacessibilidade é contado a partir da data dos documentos em arquivo. Desse modo, o conjunto de documentos relativos à nomeação, candidatura e avaliação de Egas Moniz, em 1949, apenas foi libertado em 1999. Esta norma

¹⁶⁸ Ver representação cruzada das nomeações, em *Anexos*, pp. 55-58, bem como a cópia dos processos consultados nos Arquivos da Fundação Nobel, no Karolinska Institutet, em *Anexos*, pp. 60-157.

restritiva corresponde, no entanto, a uma cedência do Comité Nobel. Até 1974, data em que os Estatutos da Fundação foram reformados, a documentação relacionada com o Prémio era total e indefinidamente secreta¹⁶⁹.

Uma vez divulgada a documentação¹⁷⁰ existente nos arquivos da Fundação Nobel à guarda do Karolinska Institutet¹⁷¹, pudemos ajuizar, com maior justeza e rigor, o que na história da ciência permanece enigmático: um cientista de um país periférico¹⁷², – cujo baixo potencial científico, o desinvestimento na ciência, o fechamento, a intolerância e a resistência face à inovação, o afastava, em princípio, da rota dos prémios Nobel, – conseguir uma das maiores distinções científicas do Século XX.

¹⁶⁹ Vide Estatutos da Fundação Nobel, §10 “(...) A prize-awarding body may, however, after due consideration in each individual case, permit access to material which formed the basis for the evaluation and decision concerning a prize, for purposes of research in intellectual history. Such permission may not, however, be granted until at least 50 years have elapsed after the date on which the decision in question was made”.

¹⁷⁰ CORREIA, Manuel, *Egas Moniz e o Prémio Nobel*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006.

¹⁷¹ Visita realizada no âmbito dos trabalhos de doutoramento, financiado pela FCT – Fundação da Ciência e Tecnologia do MCES – Ministério da Ciência e Ensino Superior. Foi principalmente graças a esse apoio que este trabalho se tornou possível, designadamente sob a forma da Bolsa de Doutoramento de que fui beneficiário - SFRH/BD/8772/2002.

¹⁷² Tomando ao de leve a inspiração Braudelliana da oposição “centro/periferia”, partindo do princípio que o “centro” é onde “as coisas se passam”: REYNAUD, Alain, *Société, espace et justice*, Paris, PUF, 1981, p.583.

Fig. 18 - Notícia da morte de Egas Moniz.¹⁷³

3.1. Memórias

Moniz, peculiarmente cauteloso e aplicado em assegurar a sua notoriedade, gerindo estrategicamente a sua imagem, deixou-nos, de entre os numerosos escritos que publicou¹⁷⁴, três obras maiores de carácter autobiográfico.

¹⁷³ Na capa do jornal *República* de 14 de Dezembro de 1955.

¹⁷⁴ Compulsámos, da produção bibliográfica de Egas Moniz, 16 volumes de obras científicas; 301 memórias e artigos científicos e 68 ensaios políticos e literários, incluindo reedições.

A primeira foi publicada em 1919, e intitula-se *Um ano de política*¹⁷⁵; à segunda, de 1949, chamou-lhe *Confidências de um investigador científico*¹⁷⁶; e a terceira, de 1950, designou-a *A nossa casa*¹⁷⁷.

Este investimento do autor na versão que dá da sua própria biografia, reveste alguns aspectos singulares. O actor histórico, – posto que ao reconhecer a relevância histórica do seu testemunho, nele se revê, também, nessa qualidade – contribui, de um modo irrepetível, para a descrição e avaliação de como viveu e sentiu aquilo que se lhe atribui. Porém, na elaboração do seu testemunho, entram, em doses variáveis: a sua convicção acerca do que passou; a perspectiva que guardava do sucedido, com um grau de envolvimento variável e uma selecção apropriada daquilo que entendia ser mais importante para perdurar na memória dos vindouros, dando conta da dimensão do esforço, do alcance dos feitos, da grandeza da entrega e, claro, também, de um ou outro episódio mais infeliz ou menos bem conseguido, na ausência do qual, mais facilmente se duvidaria da veracidade e da verosimilhança da narrativa.

O registo das suas memórias faz-se de acordo com uma espécie de afastamento simétrico do período relatado. As suas memórias da política activa (1900-1920) são escritas a quente. *Um ano de política*¹⁷⁸ veio a lume em 1919, com o propósito manifesto de contrariar versões parcelares do seu desempenho partidário, parlamentar, governamental e diplomático, já que, em sua opinião, tais versões deslustravam ou minorizavam o sentido do seu combate político.

Cerca de trinta anos depois, – no período em que se consagrou, a fundo, à actividade científica – saiu do prelo, fiscalizado e com “cortes” da

¹⁷⁵ MONIZ, Egas, *Um ano de Política*, Rio de Janeiro, Portugal-Brasil Editora, Companhia Editora Americana, Lisboa, 1919.

¹⁷⁶ MONIZ, Egas, *Confidências de um Investigador Científico*, Edições Atica, Lisboa, 1949.

¹⁷⁷ MONIZ, Egas, *A Nossa Casa*, Edição Paulino Ferreira, Lisboa 1950.

¹⁷⁸ MONIZ, Egas, *Um ano de Política*, Rio de Janeiro, Portugal-Brasil Editora, 1919.

censura do Estado Novo, *Confidências de um investigador científico*¹⁷⁹, porventura o principal pilar dos seus escritos autobiográficos. Aí relata, por vezes em pormenor, o que considera mais relevante nas suas atribuições de professor, clínico e homem de ciência, os episódios que considerou mais significativos, – encontros, conversas, viagens, incidentes – sublinhando cuidadosamente os seus próprios traços de carácter e as características de personalidade de que se orgulhava.

Finalmente, no ano seguinte, *A nossa casa*¹⁸⁰, relata uma saga que abrange, pela primeira vez, a infância, as vivências mais íntimas e familiares, alargando-se, depois, a outras, da escola, da academia e do mundo.

Moniz descreve os momentos que precederam a confirmação de que havia finalmente recebido o Prémio Nobel com uma ponta de ansiedade:

Foi no dia 23 de Outubro que houve o primeiro relato de que me poderia pertencer o prémio Nobel de 1949. Uma empresa jornalística pediu um retrato meu para Estocolmo. Nada disse. Em 24 procuraram-me em nome de um jornal sueco. As suspeitas avolumaram-se. Comuniquei a minha mulher sob o maior segredo. Julguei que seria um dos candidatos prováveis ao prémio e que os jornais (...) desejavam coligir elementos para os aproveitarem no caso de a escolha cair em alguns dos nomes catalogados. Em 25 continuou o assédio da imprensa escandinava agora pedindo desenvolvidos dados biográficos. Disseram que era eu o premiado. Ainda permaneci na dúvida; mas nessa noite não dormimos, eu e minha mulher. Queríamos que surgisse a alvorada do dia 26. De manhã chegaram notícias positivas e a seguir o telegrama oficial.

*Então já podíamos falar sem o receio do ridículo que, em caso de insucesso seria vergonhoso.*¹⁸¹

¹⁷⁹ MONIZ, Egas, *Confidências de um Investigador Científico*, Lisboa, Edições Ática, 1949.

¹⁸⁰ MONIZ, Egas, *A Nossa Casa*, Edição Paulino Ferreira, Lisboa 1950.

¹⁸¹ MONIZ, Egas, *Apontamentos a propósito do Prémio Nobel*, Manuscrito de 1954, p. 1, em *Anexos*, p. 21.

De seguida, relata as implicações políticas, a alegria geral, o regozijo dos amigos, familiares e outros próximos.

Tinha publicado, no decurso desse mesmo ano, na Ática, o volume intitulado *Confidências de um Investigador Científico*.

Assim, é só a partir do ano seguinte, quando dá à estampa *A Nossa Casa*, que o cientista nobelizado toma o lugar do sujeito dos seus escritos.

Vejamos agora os registos das sucessivas nomeações a partir do arquivo da Fundação Nobel, no Karolinska Institutet.

3.2. O cérebro à vista

Está bem de ver que Moniz não partiu do nada para a sua primeira grande invenção. Por volta de 1924, entregou-se, com determinação, à investigação científica. O objectivo, de acordo com os seus escritos, era o de encontrar uma forma de poder observar o interior do cérebro num ser vivo.

Tiago Moreira¹⁸², conferindo meticulosamente as sucessivas etapas da experimentação, inclinou-se para uma explicação diferente da relatada por Egas Moniz e muitos dos seus biógrafos. É sabido que os cientistas tendem a narrar as suas descobertas de um modo odisseico, deslocando o objectivo fixado para a última etapa como se esse objectivo se

¹⁸² MOREIRA, Tiago, *Large gain for small trouble. The construction of cerebral angiography*, MSc Thesis in Science and Technology Studies, Edinburgh, University of Edinburgh, 1997.

mantivesse inalteradamente o mesmo que foi traçado na primeira etapa, omitindo a sucessão de tentativas e erros, no decurso dos quais vão sendo reformulados os objectivos da pesquisa.

Moreira é de opinião que, à partida, Moniz prosseguia a visualização dos tecidos nervosos, tal como Ramón y Cajal houvera feito por via histológica. Perante a impossibilidade imediata de consegui-lo, seguiu então a pista do lipiodol, na senda de Sicard. Tratando-se de uma hipótese interpretativa, contém, no entanto, uma boa dose de verosimilhança.



Fig. 19 - Selo alusivo à Angiografia Cerebral, comemorativo do 1º Centenário do Nascimento de Egas Moniz¹⁸³.

Tratava-se de um desiderato comum a uma boa parte dos “neurocientistas” da época. A localização dos tumores cerebrais era incerta e a intervenção cirúrgica baseava-se em cálculos e deduções frágeis.

¹⁸³ O selo de 10 escudos que apresentamos (Fig. 19) faz parte de um conjunto de quatro selos criados com o intuito de celebrar o centenário do nascimento de Egas Moniz, e representa uma Angiografia Cerebral cuja designação figura na respectiva legenda. A circulação teve início a 27 de Dezembro de 1974. A comemoração filatélica incluiu um carimbo especial e sobrescritos alusivos. Ver a este respeito PITA, João Rui, “Egas Moniz nos selos portugueses. O homem, o universitário e o cientista” in *Cábula Filatélica*, 17 (14), 1998, pp. 24 – 27.

Walter Dandy (1886-1946), tentava aperfeiçoar a *Ventriculografia*, que consistia na injeção de ar nas cavidades do encéfalo (ventrículos cerebrais), dilatando-as com o intuito de registrar, por meio de raios-X, os contrastes anatómicos do interior do crânio. Porém, após muitos e denodados esforços, os resultados não foram de molde a animar os investigadores ou os clínicos. Todavia, o método de Walter Dandy mereceu, durante um longo período, grande simpatia na comunidade dos neurologistas. Na época em que Moniz lançou mãos à obra, persistia ainda alguma expectativa relativamente aos possíveis desenvolvimentos da *Ventriculografia*.

Ramón y Cajal (1852-1934), um histologista, cujo contributo para a estabilização e reforço do paradigma neuronal foi decisivo, exerceu uma forte influência sobre Egas Moniz. Cajal ganhou o 6º prémio Nobel em Fisiologia ou Medicina (1906), – *ex-aequo* com Camilo Colgi (1843-1926), cientista italiano, – pelos trabalhos sobre a estrutura do sistema nervoso.

A inspiração em Santiago Ramón y Cajal foi muito para além da descrição histológica acerca das células nervosas. O exemplo de investigador e o método de contraste aplicado de modo a poder visualizar os tecidos nervosos, inspiraram Egas Moniz na sua postura de investigador e foram, além disso, um dos pontos de partida do processo, largo e sinuoso, que haveria de levar à *Angiografia Cerebral*.

Certo é que, por volta de 1924, Moniz dedicava já uma atenção especial à radiologia, preparando ensaios e reflectindo acerca do dispositivo que lhe viria a permitir a visualização do cérebro humano *in vivo*¹⁸⁴.

¹⁸⁴ É disso exemplo o testemunho de Eduardo Coelho quando escreve “Estou em crer que, quando em 1924, [Egas Moniz] me escreve para Berlim para lhe trazer um exemplar do Tratado de Radiologia, de Assmann - já tinha traçadas na sua mente investigações a fazer por meio do método de Röntgen”. COELHO, Eduardo, “A vida científica de Egas Moniz” in *Jornal do Médico*, Porto, Separata XV (373), 1950, pp. 432-436.

3.3. Nobelizados: elite das elites.

Por esse tempo, o prestígio internacional e o potencial simbólico do Prémio Nobel eram já enormes.

Além do reforço do papel da ciência em todas as esferas da vida social, a emergência dos prémios Nobel contribuíra para a constituição de uma categoria especial de cientistas, cuja influência se prolongava muito para além do campo científico. Tratando-se de uma espécie de elite seleccionada de entre as elites de cientistas de cada país ou região, poderia até considerar-se, como o fez Harriet Zuckerman, uma ultra-elite¹⁸⁵.

Júlio Dantas, na qualidade de Presidente da Academia de Ciências de Lisboa, permitir-se-á endereçar uma carta ao Presidente do Karolinska Institutet, de Estocolmo – a instituição que atribui o prémio na variante Medicina ou Fisiologia – dando-lhe a conhecer uma espécie de “proposta de candidatura” de Egas Moniz ao Prémio Nobel da Medicina, aprovada pela Academia de Ciências de Lisboa¹⁸⁶. Na volta do correio, a resposta informa-o acerca dos procedimentos estatutários, sublinhando que o Comité Nobel não recebe, por força do seu regulamento, quaisquer “propostas» ou «sugestões avulsas”¹⁸⁷. Não conheceria Júlio Dantas, ainda, a mecânica das nomeações, mais de vinte anos após a primeira candidatura de Moniz, e 48 anos depois da institucionalização do Prémio, em consequência das cláusulas que Alfred Nobel incluiu no seu testamento? É pouco provável. A explicação mais plausível é a de que a campanha nacional e internacional

¹⁸⁵ Conceito desenvolvido e discutido por Harriet Zuckerman no estudo acerca dos prémios Nobel da Ciência recebidos por investigadores norte-americanos. ZUCKERMAN, Harriet, *Scientific elite. Nobel laureates in the United States*, New York, Free Press, 1977, p. 11.

¹⁸⁶ Arquivo da Academia de Ciências de Lisboa, Processo de Egas Moniz, Pasta nº 2.

¹⁸⁷ Idem, Ibidem.

que então se desenvolveu em favor do Prémio para Egas Moniz, ultrapassou, em muito, o mínimo exigido pelas regras formais estabelecidas, configurando uma espécie de campanha cujo objectivo era mostrar que, para lá das nomeações que obedeciam ao rigor das normas estabelecidas, um largo consenso se estabelecera e alargara a grande número de cientistas e instituições.

3.4. Primeiros passos (1928-1933)

A primeira nomeação de Egas Moniz para o Prémio Nobel da Medicina ou Fisiologia, data de 1928. Escassos meses após ter feito, no Hospital Necker, em Paris, uma demonstração do *modus operandi* da então denominada *Encefalografia Arterial*, o Comité Nobel recebia as cartas de nomeação, assinadas por Azevedo Neves e Bettencourt Raposo. Ambos se dirigiam ao Comité Nobel, escrevendo em francês. Azevedo Neves utilizava a designação de *encéphalographie artérielle*, para designar a razão fundamental que o impelia a nomear Egas Moniz para candidato ao Prémio Nobel desse ano, enquanto Bettencourt Raposo se referia à descoberta da *radioartériographie cérébrale*¹⁸⁸.

Esta discrepância na designação do método revela mais do que imprecisões de tradução. Egas Moniz intensificava os trabalhos laboratoriais, nem sempre sendo bem sucedido nas demonstrações. O percurso experimental que vai dos primeiros resultados, em que conseguiu visualizar,

¹⁸⁸ Cópias do processo em *Anexos*, pp. 61 – 64.

aos raios X, parte da rede arterial, até lograr a captação de imagens do sistema vascular cerebral, no seu conjunto (arterial e venoso) é longo, complicado e incerto. A falta de uniformidade terminológica não constituía, em todo o caso, um factor favorável de apreciação.

Uma vez nomeado, a avaliação da candidatura de Moniz coube a Hans Christian Jacobaeus.

Num relatório de pouco mais de uma página, Jacobaeus, após uma descrição sumária do método e de uma ponderação meteórica dos resultados obtidos, enfatiza os inconvenientes para o paciente,

*A injeção da solução de iodo é dolorosa, sendo por isso necessário administrar morfina ou atropina antes da operação. Nestas condições, parece que as dores são suportáveis. Num dos casos surgiram convulsões durante três minutos depois da injeção*¹⁸⁹.

e acentua a inexistência de dados resultantes de replicações da responsabilidade de diferentes equipas, concluindo que, por tudo isso, está “pouco comprovado para poder ser considerado merecedor do Prémio.”¹⁹⁰

Curiosamente, a vontade testamentada de Alfred Nobel era precisamente a de galardoar trabalhos desenvolvidos no ano anterior ao da atribuição do Prémio. Se bem que rapidamente inviabilizada pelos membros do Comité Nobel, que enfrentaram bastantes dificuldades práticas em respeitar taxativamente essa imposição temporal¹⁹¹. Apesar de se ter tornado

¹⁸⁹ JACOBÆUS, Hans Christian, “Documento 1 – Avaliação da Candidatura de Egas Moniz em 1928” in CORREIA, Manuel, *Egas Moniz e o Prémio Nobel*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006, p. 104

¹⁹⁰ JACOBÆUS, Hans Christian, Ob. Cit, Ibidem.

¹⁹¹ O testamento de Alfred Nobel reza exactamente que “The whole of my remaining realizable estate shall be dealt with in the following way: the capital, invested in safe securities by my

raro um candidato receber o Prémio logo à primeira nomeação, o conhecimento desta cláusula poderia ter levado Egas Moniz e os dois nomeadores desse ano, a supor que valeria a pena fazer a tentativa.

Hans Christian Jacobaeus, (o indigitado avaliador da candidatura de Egas Moniz), era, então, Presidente do Comité Nobel. Um reputado médico e investigador do Karolinska Institutet, onde também ensinava Medicina Interna; conhecido, entre outras coisas, por ter publicado, em 1910, uma série de estudos acerca das cavidades peritoneal, pericardial e pleural, e tendo, um ano mais tarde, cunhado o termo *laparoscopia* para designar o exame directo da cavidade torácica e abdominal.

Jacobaeus foi, por duas vezes, incumbido pelo Comité Nobel, a que presidia, de fazer o relatório sobre as duas primeiras nomeações de Egas Moniz. Primeiro, em 1928; depois, em 1933. Nestas duas nomeações, estava em causa, principalmente, a invenção da *Arteriografia Cerebral* (também designada, por vezes, *Encefalografia Arterial*) que, com o prolongamento dos testes e após aperfeiçoamentos e incrementos vários, se veio a tornar na *Angiografia Cerebral*¹⁹².

Em contraste com a brevidade e o laconismo do relatório de 1928, Jacobaeus faz, relativamente às nomeações de 1933, uma circunstanciada exposição da biografia científica do nomeado, bem como das virtudes da razão principal invocada para o merecimento do Nobel.

Moniz fora nomeado, de novo, por dois colegas da sua universidade: Lopo de Carvalho, e Salazar de Sousa. A designação do método é agora a de *encéphalographie artérielle*, visto que, nessa fase, Moniz apenas

executors, shall constitute a fund, the interest on which shall be annually distributed in the form of prizes to those who, during the preceding year, shall have conferred the greatest benefit on mankind.”: NOBEL, Alfred Bernhard, *Alfred Nobel's will*, Paris, 1895, at (<http://nobelprize.org/nobel/alfred-nobel/biographical/will/will-full.html>).

¹⁹² Ver, a este respeito, o interessante texto de Tiago Moreira, *Large gain for small trouble: MOREIRA, Tiago, Large gain for small trouble. The construction of cerebral angiography*, MSc Thesis in Science and Technology Studies, University of Edinburgh, 1997.

tinha explorado, com sucesso, a visualização das artérias. Só após os ensaios com o torotraste, ao conseguir abranger também a parte venosa do sistema vascular, (a *flebografia*), passará a designar-se *Angiografia Cerebral*. Decorreram, entretanto, seis anos, sobre a data em que o invento foi publicamente anunciado, e cinco, sobre a primeira nomeação.

Desta feita, Jacobaeus acentuará, na sua recomendação ao Comité Nobel, a par de outras considerações, a de que não pertence a Moniz a prioridade das tentativas de visualização de segmentos do sistema vascular através da injeção de soluções opacificantes.

As primeiras tentativas de visualização a raios X dos vasos sanguíneos e do coração em ser vivo, parece ter sido efectuada na Alemanha, onde Frank e Alwens, em 1910, em ensaios em animais, usaram um óleo de bismuto injectado em vasos sanguíneos e no coração, enquanto estudavam os efeitos em ecrã de raios X. Quase na mesma altura investigações semelhantes foram efectuadas por Schepelmann, experimentando uma série de diferentes possibilidades na escolha da substância de contraste.¹⁹³

De seguida, recorda que experiências semelhantes foram levadas a cabo em França, por Sicard¹⁹⁴ e Forestier, em 1923, e por Sicard e Huguenot, pela mesma altura. Segundo Jacobaeus, face às complicações que então emergiram, os investigadores terão decidido interromper os ensaios. Apesar dessas e de outras tentativas anteriores, Jacobaeus reconhece que

¹⁹³ JACOBÆUS, Hans Christian, “Documento 2 – Avaliação da Candidatura de Egas Moniz em 1933” in CORREIA, Manuel, *Egas Moniz e o Prémio Nobel*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006, p. 106.

¹⁹⁴ Egas Moniz, tal como referimos anteriormente, conheceu pessoalmente Sicard, quer durante os estágios que fez em França após a sua formatura na Universidade de Coimbra, quer quando da apresentação dos primeiros resultados das suas experiências angiográficas. Ver a este respeito MONIZ, Egas, *Confidências de um investigador científico*, Lisboa, Ática, 1949.

É contudo quando Egas Moniz em 1927 e anos seguintes cria a encefalografia arterial, que uma região vascular se torna sistematicamente, racionalmente e com verdadeiro sucesso estudada em uso clínico através da radiologia de contraste.¹⁹⁵

e Jacobaeus prossegue, numa pormenorizada descrição das circunstâncias técnicas em que Moniz realizou os seus ensaios. Os bons resultados e os insucessos intermédios são referidos em detalhe. Jacobaeus propõe mesmo, implicitamente, uma periodização dos ensaios que Moniz fez, com base na adopção e rejeição das substâncias opacas aos raios X. Com a introdução do torotraste

é que uma nova era começa para a angiografia¹⁹⁶.

Jacobaeus vai deixando, aqui e acolá, ao longo do texto, pequenas anotações com grandes consequências. Diz, por exemplo, que dois alemães – Löhr e Jacobi –

(ao mesmo tempo que Moniz) introduziram e desenvolveram a arteriografia cerebral através do torotraste¹⁹⁷

¹⁹⁵ JACOBÆUS, Hans Christian, “Documento 2 – Avaliação da Candidatura de Egas Moniz em 1933” in CORREIA, Manuel, *Egas Moniz e o Prémio Nobel*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006, p. 106.

¹⁹⁶ JACOBÆUS, Hans Christian, Ob. Cit, p. 109.

¹⁹⁷ JACOBÆUS, Hans Christian, Ob. Cit, p. 110.

o que, como é bom de ver, desvaloriza ou anula, perante o Comité Nobel, a primazia de Moniz. A seguir, em compensação, enaltece a inovação técnica que Moniz e Caldas levaram a cabo para encurtar a duração entre recolhas de imagem – o *carrossel radiológico* – e como, graças às experiências de Moniz, se passou a conhecer melhor as especificidades da circulação sanguínea após a passagem do fluxo pelo *sifão carotídeo* (designação também cunhada por Moniz).

Estando recenseadas até então cerca de 600 arteriografias (400 das quais usando o torotraste), e tendo-se já alargado o campo de aplicação a outras regiões vasculares, dando lugar à angiopneumografia (pulmões), aortografia (região cardíaca), arteriografia visceral (vasos sanguíneos abdominais), o mérito de Moniz apresenta-se de um modo muito distinto do de cinco anos antes. Porém, Jacobaeus, na parte final do seu relatório, sem deixar de reconhecer traços inovadores no método, porá em evidência dois aspectos analíticos que servirão de base à recusa do Prémio.

O primeiro aspecto, reveste uma aparente confusão entre a precedência de Moniz e a alegada familiarização com o método por parte de investigadores da equipa do próprio Jacobaeus. Segundo ele, um dos seus assistentes, estaria já a recorrer a procedimentos similares.

Finalmente, gostaria de referir neste contexto os ensaios do meu assistente Dr. Roussthöis em animais, que conseguiu em coelhos, imagens nítidas das artérias coronárias aos raios X, através da introdução de um cateter da artéria carótida até ao bulbo aórtico, injectando de seguida torotraste. Electrocardiogramas obtidos simultaneamente mostraram resultados interessantes relativamente ao efeito da substância de contraste na actividade cardíaca. Finalmente foram também realizadas arteriografias dos membros em casos

*patológicos, estudos que, pelo menos em parte, se realizaram antes da encefalografia arterial de Moniz.*¹⁹⁸

Acrescentando, imediatamente a seguir, que

*Como se vê, aperfeiçoa-se este método um pouco por todo o organismo, donde se espera a continuação do desenvolvimento da imagiologia dos vasos sanguíneos, e cujo impulso, temos de reconhecer, partiu da encefalografia de Moniz.*¹⁹⁹

O relatório concorre, assim, para que se gere ambiguidade quanto à questão da precedência de Moniz. Por um lado, reconhece que a primazia é evidente, não tendo sido até aí, aliás, objecto de qualquer disputa conhecida; mas, por outro lado, vai lançando alvitre, “revelando” que experiências semelhantes já teriam sido conduzidas antes da data com que Moniz reclamava a originalidade e o ineditismo dos primeiros resultados nesta matéria.

Egas Moniz ver-se-á obrigado a recorrer a um conceituado neurologista alemão, o Professor Nonne, para esclarecer a pretensão de Lohr (referido no relatório de Jacobaeus), segundo a qual seria ele, e não Egas Moniz, quem primeiro levou a cabo, com sucesso, os ensaios arteriográficos. Será Schaltenbrand, finalmente, quem dará publicamente razão a Egas Moniz, reconhecendo-lhe a paternidade do método. Os episódios relacionados com esta disputa impressionaram compreensivelmente Egas Moniz. Faz-lhes referência, por diversas vezes, nos seus escritos, nomeadamente nas páginas do livro *Confidências de um Investigador Científico*. A par da sua versão dos

¹⁹⁸ JACOBÆUS, Hans Christian, Ob. Cit, p. 112.

¹⁹⁹ JACOBÆUS, Hans Christian, Ob. Cit, Ibidem.

acontecimentos, fornece ainda outros pormenores relacionados com o modo como sentiu e reagiu²⁰⁰.

O segundo aspecto da apreciação de Jacobaeus, consiste na comparação da *Angiografia* com a *Ventriculografia*. A *Ventriculografia* era conhecida desde 1918. Walter Dandy, seu criador, era, como já atrás aludimos, uma referência no mundo da neurocirurgia. Jacobaeus encontra, na comparação dos dois métodos, uma vantagem para a *Ventriculografia*, que não explicita mas favorece no seu julgamento.

Uma comparação com o método da ventriculografia cerebral de Dandy é inevitável. O método de Moniz parece menos arriscado do que o de Dandy, mas este último é ainda o que mostra mais possibilidades diagnósticas²⁰¹.

para rematar, um pouco mais adiante

(...) temos de considerar que a ventriculografia de Dandy tem sido quanto a diagnóstico muito mais útil. Parece-me impossível neste contexto conceder o prémio a Moniz, sem que Dandy também o receba. A ventriculografia é na minha opinião um método mais antigo e uma descoberta tão independente e original como a arteriografia. Como este não foi proposto, não pode ser discutida a eventual partilha do prémio pelos dois, o que me pareceria atraente²⁰².

²⁰⁰ MONIZ, Egas, *Confidências de um investigador científico*, Lisboa, Ática, 1949, pp. 157-163.

²⁰¹ JACOBÆUS, Hans Christian, Ob. Cit, p. 113.

²⁰² JACOBÆUS, Hans Christian, Ob. Cit, Ibidem.

Moniz fica, assim, em fila de espera para um futuro Prémio Nobel, tendo pesado na avaliação, tal como em 1928, o carácter recente da sua descoberta.

De acordo com outros autores²⁰³, terá sido caso, também, de julgamento em causa própria. Jacobaeus, a quem era reconhecida a invenção da *laparoscopia* desde cerca de 1911, poderá ter reagido de modo parcial perante alguém que, de rompante, não apenas resolvera a questão da opacificação dos vasos sanguíneos, como invadira praticamente todas as regiões diagnosticáveis do corpo humano, incluindo as “suas”.

Seguindo a leitura que Ligon fez dos relatórios que Jacobaeus assinou em 1928 e em 1933, João Lobo Antunes estima que

(...) o julgamento de Jacobaeus teria bases mais complexas, pois ele próprio fora pioneiro em técnicas de diagnóstico imagiológico das afecções do sistema nervoso, particularmente com o uso de ar no canal raquidiano (pneumomielografia) na localização de tumores medulares²⁰⁴.

Essa visão “interessada” de Jacobaeus tornaria menos estranhas as referências (aparentemente contraditórias e despropositadas) com que redigiu o relatório acerca da nomeação de Egas Moniz para o Prémio Nobel de 1933.

²⁰³ Vidé, entre outros, LIGON, B. L., “The mystery of angiography and the “unawarded” Nobel Prize: Egas Moniz and Hans Christian Jacobaeus legacy” in *Neurosurgery*, Sep;43(3), 1998, pp. 602-611; ANTUNES, João Lobo, “Egas Moniz na investigação científica” in AAVV, *Homenagem a Egas Moniz*, Porto, Fundação de Serralves, 1999; e STÖLT, Carl-Magnus, “Moniz, lobotomy and the 1949 Nobel Prize” in CRAWFORD, Elisabeth, (Edit), *Historical Studies in the Nobel Archives. The Prizes in Science and Medicine*, Tokyo, Universal Academy Press, 2002.

²⁰⁴ ANTUNES, João Lobo, “Egas Moniz – uma palavra sobre o Outro” in *1911-1999. O ensino médico em Lisboa no início do Século. Sete artistas contemporâneos evocam a geração de 1911*, Catálogo da Exposição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1999, p. 56.

Como se verá a seguir, a fixação na alegada superioridade do método de visualização inventado por Dandy, e a relativização dos aspectos mais inovadores da tecnologia de diagnóstico avançada por Egas Moniz, farão escola.

3.5. Segundo passo: emergência da *psicocirurgia*

Subsistem dúvidas acerca do encadeamento de circunstâncias que levaram Egas Moniz a orientar-se para as experiências cirúrgicas que conduziram à *Leucotomia Pré-frontal*. Vêem, alguns autores, um sinal desse interesse, na publicação de *A neurologia na guerra*²⁰⁵, cerca de dezoito anos antes das célebres *Tentatives opératoires*²⁰⁶. Sem descartar completamente a influência que esses trabalhos poderão ter tido na reflexão de Moniz, a convicção de que o 2º Congresso Internacional de Neurologia, que decorreu em Londres, em 1935, manteve um papel preponderante na sua decisão, está bastante generalizada. A partir do final desse mesmo ano, a denominação de *Psicocirurgia*²⁰⁷, cunhada pelo próprio Moniz, passou a designar o tratamento de doenças mentais através da neurocirurgia²⁰⁸.

²⁰⁵ MONIZ, Egas, *A neurologia na guerra*, Lisboa, Livraria Ferreira, 1917.

²⁰⁶ MONIZ, Egas, *Tentatives opératoires dans le traitement de certaines psychoses*, Paris, Masson, 1936.

²⁰⁷ Neurocirurgia psiquiátrica que visa a remoção ou seccionamento de tecido de determinadas zonas do córtex cerebral, com o objectivo de alterar estados anormais, afectivos e comportamentais causados por doenças mentais. Egas Moniz, que cunhou a denominação, teorizou nesse domínio e presidiu ao 1º Congresso Internacional de Psicocirurgia (Lisboa, Agosto de 1948) recebeu, em 1949, como adiante pormenorizaremos, o Prémio Nobel da Medicina ou Fisiologia pela “descoberta do valor terapêutico da leucotomia pré-frontal na cura de certas psicoses”.

²⁰⁸ É designada, também, por Cirurgia Psiquiátrica, sobretudo no Brasil.

O Congresso de Londres reuniu algumas das mais destacadas personalidades da época, na área das neurociências. Em primeiro lugar, John Fulton, que apresentou duas chimpanzés submetidas a lobectomias (ablação dos lobos frontais). De acordo com as descrições de participantes no congresso, os dois animais aparentavam uma conduta “calma”, insusceptível de “enervamento” ou “irritação”, mesmo quando não conseguiam concluir, com sucesso, uma tarefa simples.

Perante tal quadro, Egas Moniz teria colocado a questão de saber porque não tentar algo semelhante com humanos? Apesar de Egas Moniz declarar ter iniciado anos antes a reflexão e preparação das primeiras *psicocirurgias*²⁰⁹, a versão de que foi este o acontecimento inspirador das primeiras leucotomias pré-frontais, impôs-se.

Além de Fulton e Ivan Pavlov, Walter Freeman, que se tornaria, daí a pouco tempo, num dos mais famosos discípulos de Egas Moniz, viera também ao Congresso. O seu primeiro encontro com Egas Moniz não o impressionou favoravelmente²¹⁰. Mais tarde, reconhecerá ter-se enganado redondamente. Sob a aparência de um homem gotoso, deprimido, macilento, vergado pelo peso dos anos e da doença, Egas Moniz iria surpreendê-lo, tornando-se seu mentor e referência incontornável no plano da *psicocirurgia*. Estabelecer-se-á entre Egas Moniz e Walter Freeman uma estreita colaboração, uma admiração recíproca, e também uma certa cumplicidade. Acerca da estreita colaboração e da admiração recíproca a história da *psicocirurgia* registou inúmeros exemplos, desde logo a adaptação que Walter Freeman e James Watts fizeram do método que também rebaptizaram de *Lobotomia Frontal*; quanto à cumplicidade, a ela voltaremos mais adiante, quando tratarmos da nomeação de Egas Moniz para os Prémios Nobel de 1944 e 1949.

²⁰⁹ MONIZ, Egas, *A leucotomia está em causa*, Lisboa, Academia das Ciências Médicas, 1954, p. 5.

²¹⁰ EL-HAY, Jack, *The lobotomist. A maverick medical genius tragic quest to rid the world of mental illness*, New Jersey, Wiley & Sons, 2005, p. 95.

O certo é que, ainda nesse ano de 1935, regressado a Lisboa, Egas Moniz, com o concurso do neurocirurgião Almeida Lima, inicia as experiências. Primeiro com injeções de álcool, em 12 de Novembro e, quinze dias depois, realizando a primeira leucotomia²¹¹.

3.6. Terceiro passo (1937): A leucotomia pré-frontal

A avaliação dos resultados foi, durante muito tempo, matéria polémica. Egas Moniz, em Lisboa, e Walter Freeman, nos EUA, enfrentaram as críticas que lhes chegaram, desde o início, com uma olímpica indiferença. Tinham para eles que todas as inovações – e quanto mais ousadas fossem, pior – provocam sempre reacções de carácter conservador. Desse modo, não consideravam surpreendente o coro de reservas que se levantou contra a *Leucotomia Préfrontal* e a *Lobotomia Frontal*.

Em matéria de críticas de cientistas portugueses, o exemplo paradigmático vem de Sobral Cid²¹². Psiquiatra, colega e amigo de Egas Moniz, Sobral Cid era da opinião que a leucotomia préfrontal só alterava positivamente o estado dos doentes que, mesmo sem intervenção cirúrgica, tenderiam, de qualquer modo, a melhorar. Para ele, era o estado de “apatia acinética” que dava a impressão de melhoria do estado de saúde mental após a leucotomia. Sustentava, do mesmo passo, que se tratava de uma terapêutica

²¹¹ MONIZ, Egas, *How I came to perform prefrontal leucotomy*, Lisboa, Ática, 1948, p. 17.

²¹² José de Matos Sobral Cid, (1877-1941) médico psiquiatra e professor universitário. Acerca do seu legado, ver, p. ex. PEREIRA, José Morgado, "O Professor Sobral Cid na história da psiquiatria portuguesa", in *Revista da Associação para o Estudo, Reflexão e Pesquisa em Psiquiatria e Saúde Mental*, 1, (1) 1996, pp. 8-9.

puramente sintomática, supressora dos estímulos endógenos²¹³. E, dado o fundamento da sua convicção, colocava a questão também no plano moral e deontológico

*(...) on peu se demander si on a le droit d'infliger au malade une mutilation centrale si considérable, pour le délivrer d'un syndrome psychotique qui est curable par sa nature et qui aurait spontanément guéri en quelques mois?*²¹⁴

Todavia, à parte de uma referência que Moniz lhe faz, em carta enviada a Walter Freeman²¹⁵, dando a entender que poderia haver algo, da ordem do despeito, na recusa de Sobral Cid em lhe fornecer pacientes para poder prosseguir a programada série de *psicocirurgias*, não se lhe conhece outra alusão, reflexão ou resposta à oposição do seu amigo e par científico.

Quatro anos depois da segunda nomeação para o Nobel, Egas Moniz é de novo apontado como candidato para o galardão da Academia Sueca. Passaram dois anos sobre a realização das primeiras leucotomias. Os nomeadores – Moreira Júnior e Azevedo Neves²¹⁶ – enfatizam, a par da invenção da *Angiografia Cerebral* (com as vantagens que apresentava como

²¹³ Sobral Cid, em reunião da Sociedade Médico Psicológica de Paris, (sessão de 26 de Julho de 1937) após ter ouvido a exposição de Diogo Furtado, da equipa de Egas Moniz, acerca das vantagens e promessas da leucotomia pré-frontal, manifestou-se meridianamente em desacordo, apresentando uma curta comunicação intitulada “La leucotomie pré-frontale” in SOBRAL-CID, José de Matos, *Obras*, Vol. I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983 pp. 265-269.

²¹⁴ SOBRAL-CID, José de Matos, *Obras*, Vol. I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983, p. 268.

²¹⁵ Trata-se de uma carta que Moniz escreveu a Freeman em 1946, na qual se queixa da falta de colaboração e animosidade de Sobral Cid, alegando, na sua versão, que haveria, da parte de Sobral Cid, uma reacção motivada quer pelas diferentes concepções do funcionamento cerebral que os separavam, quer pelo melindre resultante de Moniz *invadir o território psiquiátrico* do colega. PEREIRA, José Morgado, “O início da leucotomia em Portugal e a querela entre Egas Moniz e Sobral Cid” in PEREIRA, Ana Leonor e PITA, João Rui, (Org.), *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, Minerva, 2000, p. 157.

²¹⁶ É de realçar que Azevedo Neves nomeia Egas Moniz pela segunda vez para o Prémio Nobel. Trata-se de um antigo correligionário do Partido Progressista e do Governo de Sidónio Pais.

método de diagnóstico), a *Leucotomia pré-frontal*, enquanto terapêutica promissora para o “tratamento de certas psicoses”. Todavia, Herbert Olivecrona, – o membro do Comité Nobel que teve a incumbência de elaborar o relatório referente às nomeações de Moniz para o prémio de 1937, – apenas se debruçará sobre a problemática da *Angiografia Cerebral*, omitindo, paradoxalmente, a argumentação de Moreira Júnior e Azevedo Neves em favor da *Leucotomia Pré-frontal*. Isto, apesar de os nomeadores, quer um, quer outro, serem taxativos a respeito da importância que, em paralelo com a Angiografia, atribuíam à Leucotomia.

Após realçar, na primeira parte da sua carta, o alcance da Angiografia, Moreira Júnior enfatiza:

À la fin de 1935, Monsieur le professeur Egas Moniz a initié de nouveaux travaux dans une nouvelle orientation. En faisant une très développée étude sur les fonctions des lobes pré-frontaux et en mettant en jeu les phénomènes organiques en liaison avec les manifestation psychiques, il a créé une théorie organiciste sur l'activité mentale qui l'a conduit à faire des tentatives opératoires pour obtenir la guérison de certaines psychoses, tentatives suivies de résultats encourageants.²¹⁷

Seguem mais duas páginas de elogio a esta segunda descoberta de Egas Moniz, ficando claro que a intenção expressa do nomeador era a de justificar a candidatura com base naquelas duas justificações.

²¹⁷ Carta de nomeação assinada por Manuel António Moreira Júnior, (Arquivos Nobel, Volume 1936-1937, Gr. IV, pp. 122). Moreira Júnior era então Professor de Obstetrícia da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa; Director da Maternidade de Santa Bárbara; Cirurgião dos Hospitais; Membro Efectivo da Academia de Ciências de Lisboa; Antigo Deputado e Ministro de Estado. Em 1900, os juramentos de Egas Moniz e Moreira Júnior da Câmara dos Senhores Deputados, foram aceites na mesma sessão.

Azevedo Neves, por outro lado, logo na primeira página da sua carta de nomeação, faz a advertência de que, por seu turno, divide os trabalhos originais de Moniz em “duas categorias”. A primeira é a da criação da *Angiographie clinique* – consagrando-lhe cerca de duas páginas – esclarecendo inclusivamente que

*La seconde catégorie de travaux de Egas Moniz date de 1935 et ils sont dirigés dans un sens tout à fait différent: “Traitement opératoire de quelques psychoses”.*²¹⁸

ocupando, com o desenvolvimento desta “segunda categoria”, as três páginas restantes da sua carta, que remata num parágrafo de síntese.

*A Egas Moniz nous devons un grand travail original, presque complet, sur l’angiographie cérébrale qui a rendu de grands services en clinique et prêté de notables renseignements sur questions anatomique et physiologiques liées à la circulation du cerveau. Aussi important que ce travail est la découverte de la leucotomie préfrontale, pleine de promesses pour la clinique et pour l’étude de la physiologie du cerveau humain.*²¹⁹

Face à determinação de ambos os nomeadores em colocar praticamente em pé de igualdade a *Angiografia* e a *Leucotomia*, Olivecrona,

²¹⁸ Carta de nomeação assinada por João Alberto Pereira de Azevedo Neves, Arquivos Nobel, Volume de 1936-1937, Gr. IV, pp. 127. Azevedo Neves assina nas qualidades de Professor de Medicina Legal da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa e Director do Instituto de Medicina Legal de Lisboa; Reitor da Universidade Técnica de Lisboa e Membro da Academia de Ciências de Lisboa.

²¹⁹ Idem, ibidem, 130.

sem justificar a sua opção, lavra um relatório em que omite, em absoluto, a *Leucotomia*.

Olivecrona começa por historiar a candidatura anterior de Egas Moniz (1933), recordando a apreciação de que fora objecto por Jacobaeus. Recenseia a sucessão de substâncias opacificantes ensaiadas – dos iodetos ao torotraste – apontando o progresso realizado com os primeiros *flebogramas*. Todavia, a tese central de Olivecrona é a de que

*(...) o método é demasiado complicado para concorrer com a ventriculografia e não tem praticamente utilidade senão em casos especiais, como por exemplo, desconfiando-se de um aneurisma na artéria vertebral.*²²⁰

Admite que, em muitas circunstâncias, o grau de perigosidade é menor, mas continua, na senda argumentativa de Jacobaeus, a achá-lo menos performativo do que a ventriculografia. Consequentemente, a recomendação final é a de que

A descoberta de Moniz deu-nos um novo método de diagnóstico dos tumores cerebrais, que sobretudo no que diz respeito à determinação da espécie do tumor se mostrou de grande utilidade prática. Contudo sou de opinião que precisamos de mais experiências comprovativas, antes de decidir definitivamente sobre o valor do método para o diagnóstico de espécie dos tumores cerebrais, e por isso penso que Moniz não deve, por enquanto, ser considerado candidato ao prémio.

²²⁰ OLIVECRONA, H, Volume de 1937, Secção III: 10, Documentos Secretos, Parecer sobre Egas Moniz, p. 4. Ver *Anexos*, pp. 95 – 109.

*De acordo com Jacobaeus sou da opinião que não é possível conceder o prêmio a Moniz sem que Dandy também o receba. A sua descoberta da ventriculografia tem sem dúvida maior significado prático do que a descoberta de Moniz.*²²¹

Pesou bastante, nesta recomendação, a influência das anteriores apreciações de Jacobaeus (a de 1928 e, sobretudo, a de 1933); o eclipse da *leucotomia pré-frontal*, bastante destacada nas duas cartas de nomeação já aludidas; e a sombra tutelar de Walter Dandy e da sua *ventriculografia*.

Curiosamente, Walter Dandy foi nomeado por duas vezes para Prémio Nobel da Medicina ou Fisiologia. Da primeira vez, em 1934, o Prémio foi para três concidadãos seus, de Harvard (George Richards Minot e William Perry Murphy), e de Rochester (George Hoyt Whipple). Recorde-se que Jacobaeus, no seu relatório (de 1933) acerca da nomeação de Egas Moniz, declarara não ser “justo” atribuir o prêmio a um, (Moniz), sem também o atribuir ao outro, (Dandy). Tal como em 1934, em 1936, quando Walter Dandy foi nomeado pela segunda vez, o Comité Nobel recusou-o, galardoando *ex-aequo* Sir Henry Hallet Dale, inglês, e Otto Loewi, austríaco, por *descobertas relacionadas com a transmissão química de impulsos nervosos*. Por coincidência, o avaliador da candidatura de Walter Dandy, nesse ano foi, precisamente, Herbert Olivecrona.

Em suma, não seria justo, alegadamente, atribuir o prêmio a Egas Moniz sem o atribuir, também, a Walter Dandy, segundo os avisados pareceres de Jacobaeus, primeiro, e de Olivecrona, a seguir. Todavia, Dandy foi “chumbado” nas únicas duas vezes que foi nomeado, sendo que, na

²²¹ Idem, ibidem, p. 5

última, o relator foi o mesmo Olivecrona que considerou a *ventriculografia* mais performativa do que a *Angiografia*. Assim, o Prémio Nobel não foi atribuído a Egas Moniz porque seria injusto premiá-lo deixando Walter Dandy de fora; e, na ocorrência, também não foi concedido a Dandy...

3.7. Quarto passo (1944): O discípulo nomeia o mestre

Em 1944, em plena II Grande Guerra, Egas Moniz é nomeado, uma vez mais, para candidato ao Prémio Nobel da Medicina ou Fisiologia. Passam sete anos sobre a candidatura imediatamente anterior (a terceira). O candidato vai fazer, em breve, 70 anos. Contudo, o seu amigo e parceiro do outro lado do Atlântico, Walter Freeman, irá nomeá-lo. Será, aliás, o único cientista acreditado pelo Comité Nobel, a fazê-lo. Passara a haver entre os dois neurologistas (Moniz e Freeman) para além de uma larga identidade de pontos de vista em torno da prática da *psicocirurgia*, admiração recíproca, estima e, como mencionámos antes, uma assinalável cumplicidade.

Na sua carta de nomeação²²², Freeman expõe sucintamente as razões científicas que o levam à nomeação de Egas Moniz – a sua contribuição fundamental para o tratamento cirúrgico de psicoses funcionais – embrenhando-se, a seguir, em considerações acerca do facto de Egas Moniz se ter, entretanto, reformado, e de padecer de sequelas relacionadas com o atentado de que fora vítima em 1939. Walter Freeman anexa literatura de apoio às suas pretensões e, a fechar, pede ao Comité Nobel o favor de

²²² Carta assinada por Walter Freeman, MD, datada de Washington DC, 1943/12/1, Arquivos Nobel, Volume de 1943-1944, nº 12, Gr. IV, pp. 1. Ver *Anexos*, pp. 111 – 112.

entregar, ao Doutor Gösta Rylander, a monografia de que era co-autor, juntamente com o neurocirurgião James Watts.

Termina reafirmando que, fazendo-lhe o Comité Nobel esse favor, ficaria duplamente grato...

Erik Essen-Möller (1901-1992) foi o psiquiatra encarregado pelo Comité Nobel de elaborar o relatório sobre a candidatura de Egas Moniz, em 1944. Essen-Möller começa por fazer a resenha das anteriores nomeações de Egas Moniz, enfatizando que se tinham baseado na *arteriografia cerebral*, o que não era, de todo, exacto. Primeiro, porque, com a realização das *flebografias*, – já destacadas anteriormente por Olivecrona²²³ – Egas Moniz conseguira visualizar não apenas a parte arterial do sistema vascular (arteriografia), mas, igualmente, a parte venosa (flebografia), dando assim lugar à *Angiografia Cerebral*; depois, porque, Olivecrona, inexplicavelmente, não considerou na íntegra a fundamentação dos nomeadores. Ambos apontavam, de facto, quer a *Angiografia Cerebral*, quer a *Leucotomia Pré-frontal*, como justificações da candidatura.

Essen-Möller passa em revista a história das experiências relacionadas com os lobos frontais, isolando teorias e debruçando-se mais pormenorizadamente sobre alguns enunciados de Egas Moniz, detendo-se, finalmente, nas “provas”.

Passando em revista os 20 casos correspondentes a *psicocirurgias* efectuadas entre 1935 e 1936, Essen-Möller observa:

Ao olhar para todo o trabalho de Moniz, podemos em primeiro lugar pôr em causa se a teoria sobre a natureza das psicoses abordadas,

²²³ Ver OLIVECRONA, Herbert, Documento 3, Avaliação da Candidatura de Egas Moniz em 1937, in CORREIA, Manuel, *Egas Moniz e o Prémio Nobel*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006, pp. 115–119.

que deu origem à operação, está bem fundamentada. Entre outras, podemos questionar se a hipótese de localizar fundamentalmente a principal actividade patológica nos lobos frontais está certa e se em vez disso não será o tronco cerebral que tem o principal papel; o facto de terem sido constatadas melhoras depois da operação à parte frontal do cérebro não prova muito (segundo até o próprio Moniz)²²⁴.

...acrescentando, depois, que

Se passarmos por cima das bases teóricas e tentarmos avaliar o valor prático do método, a ideia com que ficamos do trabalho de Moniz é que realmente alguns estados de instabilidade afectiva e psicomotora melhoraram logo a seguir à operação, e que essas melhoras não se podem remeter somente a uma tendência de regressão espontânea. Contudo, não é possível tirar qualquer conclusão sobre se as melhoras foram mais do que temporárias, visto os períodos de observação depois das operações terem sido espantosamente curtos²²⁵.

Essen-Möller sopesa enunciados teóricos e resultados, colocando, a dado passo, uma questão curiosamente semelhante à que Sobral Cid avançara cerca de sete anos antes:

²²⁴ ESSEN-MÖLLER, Erik, Arquivos Nobel, *Parecer sobre António Egas Moniz*, Volume de 1943-1944, Anexos, pp. 114 - 121.

²²⁵ Idem, *Ibidem*.

*Podemos perguntar-nos evidentemente se as melhoras não teriam acontecido espontaneamente mesmo se os doentes não tivessem sido operados*²²⁶

Com efeito, as reservas, quer de Essen-Möller, quer de Sobral Cid, radicam menos na descrição do quadro clínico pós-operatório, – visto que ambos constatarem as mudanças apontadas por Moniz, – e mais na interpretação e na explicação das alterações. A passagem seguinte revela, com maior clareza, a natureza das objecções do avaliador.

*Perguntamo-nos se outros métodos de tratamento, menos intervenientes não poderiam dar resultados da mesma forma favoráveis. Como se sabe as opiniões estão ainda bastante divididas sobre o valor permanente dos métodos de insulina, cardiazol e electrochoques, quando se compara com casos não tratados e durante o mesmo tempo de observação e tomando em conta as recidivas. Que esses métodos têm um certo efeito parece ser incontestável, mesmo sendo porventura menor do que se esperava quando da sua introdução. Mesmo se supusermos, com maior ou menor grau de veracidade, que a frequência de melhoras depois de tratamento cirúrgico está ao mesmo nível que os tratamentos de insulina e de electrochoques parece contudo ser possível que a operação tenha resultados mais permanentes e menos recaídas. É verdade que os choques eléctricos podem ser repetidos sempre que necessário. Contudo há diversos casos relatados, em que o tratamento de choques mostrou não ter resultados mas uma posterior leucotomia trouxe melhoras. Mas tudo isto é difícil de julgar no seu valor real; não seria de admirar se houvesse casos que não tivessem sido melhorados pela operação mas por uma cura de insulina!*²²⁷

²²⁶ ESSEN-MÖLLER, Erik, Arquivos Nobel, *Parecer sobre António Egas Moniz*, Volume de 1943-1944, *Anexos*, pp. 114 – 121.

²²⁷ Idem, *ibidem*.

A suspeita quanto à alegadamente comprovada eficácia do método, analisados os resultados e perscrutados os fundamentos teóricos, ressalta da passagem anterior com toda a evidência.

Essen-Möller confessa, aliás, logo a seguir:

Sinto a falta sobretudo de uma comparação exaustiva, sistemática, de um material de leucotomias bem acompanhadas com um material correspondente tratado por outros método²²⁸.

exprimindo, assim, a dificuldade de julgar, fora de um plano experimental a que faltava um grupo de controlo, o grau de eficácia de um método que se impunha, ele próprio, como critério absoluto das vantagens terapêuticas que sustentava.

A postura de Essen-Möller relativamente à generalidade das soluções cirúrgicas era moderada. Para ele

A intervenção cirúrgica é e será sempre uma operação mutilante²²⁹.

Assim sendo, só perante uma nítida e bem fundamentada vantagem terapêutica, o método cirúrgico poderia ser, na sua óptica, valorizado e avalizado.

²²⁸ Idem, ibidem.

²²⁹ Idem, ibidem.

Ora o avaliador, sem deixar de reconhecer vantagens aparentes e parciais nas descrições dos resultados que lhe chegavam (entre elas, avultava o testemunho do nomeador de Egas Moniz, nesse ano, Walter Freeman), permanece desconfiado. Na sua opinião, Egas Moniz não explicita satisfatoriamente as bases teóricas do seu método. Por outro lado, a caracterização dos resultados é insuficiente e cobre períodos de acompanhamento demasiado curtos.

(...) as reflexões teóricas que levaram Moniz ao seu método parecerem tão vagas, e o material do próprio Moniz por causa do acompanhamento curto e relativamente superficial a seguir às intervenções cirúrgicas não chega para convencer. É na verdade apenas ao longo do estudo dos trabalhos publicados pelos seus sucessores que compreendemos que o método algo heróico é merecedor de uma atenção mais séria. Por outro lado, se o método for laureado, não será outro que não Moniz a merecê-lo²³⁰.

Deste modo, Essen-Möller expõe as ideias de base que irão fundamentar a recusa de recomendação de Moniz para o Prémio Nobel de 1944, não deixando de acenar, todavia, com um condicional promissor: “se o método for laureado...”. Contudo, é no penúltimo parágrafo do seu parecer, que explicita, com maior desenvolvimento, um entendimento dilemático acerca das “terapias experimentais”.

A questão poderia ser assim formulada:

– Estará a leucotomia pré-frontal entre as práticas médicas que provocam alterações esperançasas mas deixam indesejáveis sequelas?

²³⁰ Idem, ibidem.

Para quem não conhece de perto a praxis do Comité na avaliação é apropriado recordar a decisão deste respeitante a outros métodos terapêuticos dentro da psiquiatria, que já foram objecto de apreciação particular. O tratamento da Malária contra a paralisia geral²³¹ que sociabilizou um número não insignificante de doentes mas que de resto mantém as várias sequelas, foi no seu tempo laureado, os novos métodos de tratamento de insulina e electrochoques não o foram. Talvez experiências futuras venham justificar a equiparação do método de Moniz, quanto ao seu valor e utilidade terapêutica, com o de Wagner von Jaureg; por agora deve contudo ser remetido para a categoria dos métodos insuficientemente comprovados²³².

A equiparação do método de Egas Moniz ao método do então já nobelizado Jauregg²³³, introduz aqui um dado que dilata o campo de análise. Julgava-se, na época em que Jauregg foi nobelizado, (um ano antes da primeira candidatura de Moniz), que infligir ao paciente uma doença (malária) para debelar uma outra (paralisia originada pela sífilis), constituía um progresso que fazia com que as sequelas (de ambas as doenças) se tornassem razoáveis e aceitáveis. Foi precisamente na medida em que tal aceitação parecia constituir um progresso (para a medicina e para a sorte do doente) que o médico austríaco ganhou o Prémio Nobel.

²³¹ N.T.(Nota do Tradutor): “O plasmódio da Malária era utilizado para o tratamento da sífilis, uma infecção provocada pela espiroqueta. A febre elevadíssima atingida pela malária inactivava a espiroqueta, mantendo no entanto as lesões irreversíveis entretanto instauradas”. CORREIA, Manuel, *Egas Moniz e o Prémio Nobel*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006, p. 131.

²³² ESSEN-MÖLLER, Erik, Arquivos Nobel, *Parecer sobre António Egas Moniz*, Volume de 1943-1944, *Anexos*, p. 120.

²³³ Julius Wagner Jauregg (1857-1940), Prémio Nobel da medicina ou Fisiologia em 1927 pela “descoberta do valor terapêutico da inoculação da malária no tratamento da então chamada demência paralítica”.

Essen-Möller parece duvidar que o método de Egas Moniz pudesse, no imediato, vir a ser considerado do mesmo modo.

O método de Egas Moniz (a *Leucotomia pré-frontal*) lesionava o córtex pré-frontal, alterando o comportamento do doente. As conclusões a que chegara, tentavam demonstrar que, após a operação, uma alta percentagem de leucotomizados vivia melhor do que antes. Porém, para Essen-Möller, esse alegado saldo positivo não se tornara ainda evidente. Apesar disso, a comparação deixava no ar estranhas reverberações metafóricas...

Produção Científica de Egas Moniz (em percentagem do total)

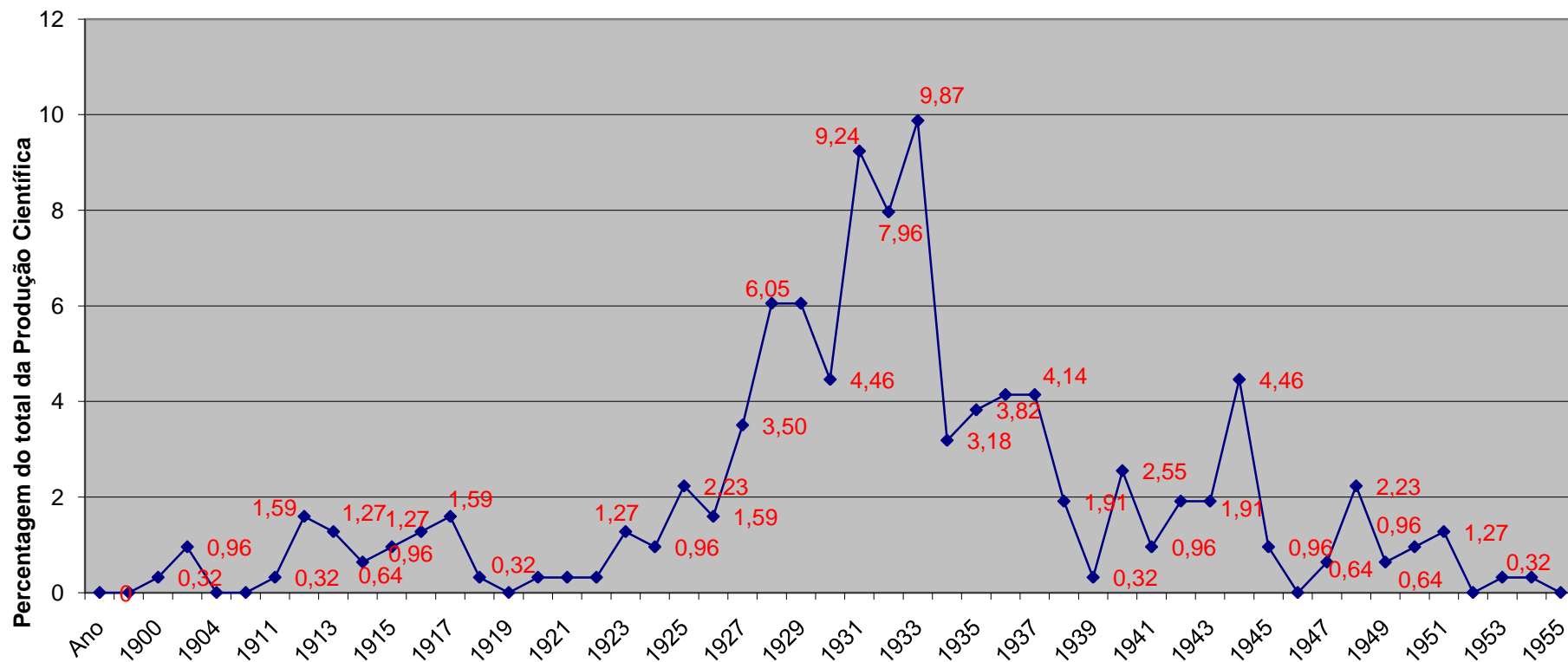


Gráfico 1 - Produção Científica de Egas Moniz

Pela quarta vez, Egas Moniz via o Prémio Nobel ser-lhe recusado, não por demonstrado demérito, mas porque os avaliadores consideravam que a clareza teórica ou a interpretação dos resultados não estavam ainda suficientemente consolidadas.

3.8. Quinto passo (1949): O Prémio

Egas Moniz teve um trajecto atípico enquanto cientista. No início dos anos vinte do século passado, quando supomos que começou a planear os primeiros ensaios em busca da visualização dos tecidos nervosos²³⁴, ia nos seus 50 anos. A produção científica anterior, a par da actividade política que cresceu em intensidade na parte final (1901 – 1920), foi modesta²³⁵ e desfocada das matérias em que viria, no final dos anos 20 e, depois, em meados dos anos 30, a aprofundar as duas principais investigações.

Estava à beira de completar 53 anos de idade, quando publicou o artigo com que assinalou a originalidade da sua *Encefalografia Arterial*²³⁶. Como que a compensar a revelação, algo tardia, da vocação científica, a

²³⁴ Ver anterior nota nº 184, na pág. 134.

²³⁵ Entre 1898 e 1926, Egas Moniz publica, em média, 2,3 artigos por ano. Em contraste, com o período seguinte, de 1927 a 1955, em que essa média sobe para 11,5. Vide Gráfico nº 1 (página anterior).

²³⁶ MONIZ, Egas, “L’encéphalographie artérielle, son importance dans la localisation des tumeurs cérébrales” in *Revue Neurologique*, 1927, 2, p. 72.

imprensa fez da afirmação dos seus feitos uma causa nacional²³⁷. O *Diário de Notícias* de 9 de Julho de 1927, por exemplo, levou o assunto para manchete:

Seguindo de fotografia de uma *encefalografia arterial*, a meia página, com a legenda:



Fig. 20- Primeira página do Diário de Notícias de 9 de Julho de 1927

237 “O discurso celebracionista acerca de Egas Moniz começou a forjar-se nas condições do Estado Novo. A primeira realização importante de Moniz no plano científico-técnico, foi publicitada nomeadamente na primeira página do Diário de Notícias de 9 de Julho de 1927, após a eclosão do movimento militar do 28 de Maio que pôs fim à I República Portuguesa e abriu caminho à ditadura fascista (1926-1974). A sua singularidade científica começa, então, a afirmar-se. O propósito de internacionalizar os resultados obtidos é dado pela notícia atrás referida, em que foi feito o pré anúncio da replicação que viria a ser ensaiada, no dia seguinte, no hospital francês.” CORREIA, Manuel, “Egas Moniz: Imagens e Representações” in *Estudos do Século XX*, nº 5, 2005, p. 68.

Artérias cerebrais vistas no cadáver aos raios-X depois de injectadas com as substâncias opacas empregadas pelo Dr. Egas Moniz.

Como vimos anteriormente, no ano imediatamente a seguir à divulgação dos primeiros resultados da *Encefalografia Arterial*, Egas Moniz é nomeado, pela primeira vez, candidato ao Prémio Nobel. O parecer do membro do Comité Nobel incumbido de o avaliar, – Jacobaeus, – é breve e categórico. O método não tinha sido suficientemente testado e a sua replicação, além de escassa, acarretava alguns problemas por cuja resolução se aguardava ainda.

Em 1933 – cinco anos depois –, ao ser renomeado, deparou-se, de novo, com o mesmo avaliador que manteve, não apenas as reservas já enunciadas no parecer de 1928, mas, igualmente, a preferência por um outro método – a ventriculografia, – do norte-americano Walter Dandy. A coincidência de Moniz ter sido, consecutivamente, objecto de avaliação do mesmo membro do Comité Nobel, não lhe trouxe qualquer vantagem. Depreende-se que Jacobaeus estava tomado de uma forte inclinação que o levava a desvalorizar o método apresentado por Egas Moniz.

Encerrou-se assim o primeiro ciclo de tentativas em que Egas Moniz buscava alcançar reconhecimento “universal” pelos seus feitos²³⁸.

Quando foi nomeado candidatado, pela terceira vez, em 1937, Egas Moniz acrescentara ao rol das justificações passíveis de reconhecimento científico, a par do aperfeiçoamento do método arteriográfico, a *Psicocirurgia*, avançando com uma série de resultados promissores, segundo

²³⁸ Ilustrando a sua disposição de «deixar» assinalada obra por si feita, Moniz confidencia: “A ânsia de concorrer para aumentar o património científico desde o início me seduziu. Ideia vaga e imprecisa, mas guia constante dos meus passos, ainda então muito vacilantes” MONIZ, Egas, *Confidências de um investigador científico*, Lisboa, Ática, 1949, p. 10.

o próprio e seus próximos²³⁹. Não foi esse, porém, o entendimento do membro do Comité Nobel encarregado de avaliar, dessa vez, a candidatura de Egas Moniz – Herbert Olivecrona, – que optou por ignorar completamente uma parte da argumentação dos nomeadores, – a relativa à Leucotomia pré-frontal – retendo somente, na apreciação que relatou, o tópico da Angiografia Cerebral.

As recusas, quer de 1928, quer de 1937, não levaram Egas Moniz, nem os seus apoiantes, à desistência. De então para o futuro, viria a ser ainda nomeado, como apreciámos em detalhe nas páginas anteriores, uma outra vez, em 1944, e mais outra, ainda, finalmente com sucesso, em 1949.

O que se alterou, entretanto, para que Egas Moniz pudesse, após quatro recusas, sair finalmente vencedor?

Primeiro, uma crescente internacionalização dos dois métodos a que o seu nome ficou associado até aos nossos dias. A *Angiografia Cerebral* e a *Leucotomia pré-frontal* foram largamente divulgadas e replicadas, ganhando a segunda, sobre a primeira, a vantagem de beneficiar de uma rede de contactos já estabelecida²⁴⁰. Quando, em 1939, Egas Moniz foi vítima de um atentado, no seu consultório da Rua do Alecrim, a avalanche de cartas, telegramas, notícias e outras expressões de preocupação que chegaram a Lisboa, atestavam a sua dilatada notoriedade, dentro e fora do país. A transformação do método leucotómico foi um dos factores que mais contribuíram para a propagação da lobotomia frontal.

²³⁹ Egas Moniz publica, em 1936, no seu livro *Tentatives opératoires*, os resultados obtidos a partir de uma série de 20 casos: MONIZ, Egas, *Tentatives opératoires dans le traitement de certaines psychoses*, Paris, Masson, 1936, p. 54.

²⁴⁰ “O processo de internacionalização da leucotomia pré-frontal repete em grande medida o da angiografia, mas com uma celeridade e uma economia de meios - comparativamente - que o prestígio da angiografia entretanto fez catalisar. A fácil aceitação da leucotomia pré-frontal na comunidade médico-científica internacional, ao contrário dos demais tratamentos de choque, não é de modo nenhum alheia a esse facto.” CASCAIS, António Fernando, “A cabeça entre as mãos: Egas Moniz, a Psicocirurgia e o Prémio Nobel” in NUNES, João Arriscado, e GONÇALVES, Maria Eduarda, [orgs.], *Enteados de Galileu? A semiperiferia no sistema mundial da ciência*, Porto, Afrontamento, 2001, p. 333.

Egas Moniz dá a sua última lição em 29 de Novembro de 1944, ano em que Walter Freeman é o único cientista credenciado a nomeá-lo, conforme vimos anteriormente. No ano seguinte, a 3 de Setembro de 1945, a Faculdade de Medicina de Oslo descerra-lhe um Prémio pela Angiografia Cerebral. Moniz está, então, à beira dos 71 anos.

As diligências que foi fazendo, após ter tomado conhecimento de que o Prémio Nobel lhe fora recusado uma vez mais, culminam com a organização, em Lisboa, do 1º Congresso Internacional de *Psicocirurgia*. O Congresso tem lugar em 1948²⁴¹. Numa das sessões, será aprovada uma moção reconhecendo a Egas Moniz o merecimento de um Prémio Nobel. O peso do apoio da delegação brasileira foi evidente²⁴².

Finalmente, em 1949, graças a muito empenho seu, às nomeações assinadas por cada um dos 9 cientistas que o candidataram, e à convergência de um concerto proclamatório, a candidatura de Egas Moniz fez vencimento e foi-lhe atribuído o Prémio Nobel da Medicina ou Fisiologia, *ex-aequo* com o suíço Walter Rudolf Hess.

Aos 75 anos, Moniz recebia o maior galardão científico do século XX no mundo ocidental.

As nomeações de Egas Moniz para candidato ao Prémio vieram de Copenhaga, – E.M. Busch; de Lisboa, – Celestino da Costa,

²⁴¹ A demonstrar a eficácia do impacto que o Congresso teve, está a referência que Olivecrona lhe faz no texto de avaliação de 1949: “No ano passado houve em Lisboa o primeiro congresso dedicado à Psicocirurgia, no qual foram apresentados resultados de cerca de 10 000 leucotomias, e não haverá dificuldade hoje em dia em encontrar material suficiente para permitir formar uma opinião sobre o significado prático da leucotomia pré-frontal.” OLIVECRONA, Herbert, “Documento nº 5, Avaliação da Candidatura de Egas Moniz em 1949” in CORREIA, Manuel, *Egas Moniz e o Prémio Nobel*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006.

²⁴² “Na última sessão científica a delegação brasileira, na totalidade dos seus membros – Professores Pacheco e Silva, Paulino Longo e Hélio Simões, Doutores Matos Pimenta, Mário Jahn, Aníbal Silveira e António Carlos Barreto – apresentou uma moção aprovada por aclamação, na qual se propõe a sugestão da candidatura do Prof. Egas Moniz ao Prémio Nobel da Medicina”, *Anais Portugueses de Psiquiatria*, nº 1, Vol. I, Outubro de 1949, Lisboa, Edição do Hospital Júlio de Matos, 1949, p. 138.

Barahona Fernandes, Castro Freire, J. M. Loureiro e António Flores; de São Paulo, – Souza Campos, R. Locchi e Jayme Regallo Pereira. O relator encarregado do parecer final, foi outra vez Herbert Olivecrona. O mesmo que, em 1937, tinha assinado a avaliação da terceira candidatura de Moniz, não o tendo, então, recomendado para o Prémio.

No parecer de 1949, Olivecrona faz o historial das anteriores candidaturas e das respectivas apreciações. Deter-se-á, por breves instantes, sobre a *Angiografia Cerebral*, para explicitar a posição do Comité Nobel e encerrar o assunto:

A angiografia cerebral, que foi descoberta e em grande parte desenvolvida por Egas Moniz, constitui sem dúvida uma contribuição científica significativa. A angiografia é usada diariamente num grande número de clínicas neurológicas e neurocirúrgicas em todo o mundo, e mostrou ser um método de diagnóstico praticamente indispensável, sobretudo no diagnóstico diferencial pré-operatório de tumores cerebrais, diagnóstico de mal formações vasculares, aneurismas e hematomas e outras patologias cerebrais. Atendendo a que a ventriculografia com a qual a angiografia mais de perto se pode comparar quanto à sua importância não foi galardoada, e que tanto o Comité Nobel como o colégio até agora se mostraram negativos a todas as propostas de galardoar os métodos de diagnóstico radiológico de contraste, parece-me consequente que não se considere a atribuição do prémio a Moniz pela descoberta da angiografia.²⁴³

Apesar de a *Angiografia Cerebral* se ter revelado um meio de diagnóstico praticamente indispensável em todo o mundo, o Comité Nobel

²⁴³ OLIVECRONA, H, Volume de 1937, Secção III: 10, *Documentos Secretos, Parecer sobre Egas Moniz*, Arquivos Nobel, Vol. de 1949, *Anexos*, p. 151.

adoptou taxativamente o critério de não galardoar os “métodos radiológicos de contraste”. Porquê? Há uma parte da argumentação que está bem explicitada na resposta a esta questão:

Atendendo a que a ventriculografia com a qual a angiografia mais de perto se pode comparar quanto à sua importância não foi galardoada (...)²⁴⁴.

Aliás, perpassava, nas apreciações anteriores, assinadas quer por Jacobaeus, quer por Olivecrona, a percepção de uma estranha rivalidade entre os métodos de Egas Moniz e de Walter Dandy. Tal competição teria mais a ver com a diferença de pontos de vista existentes no seio do Comité Nobel e no Colégio, do que, propriamente, com quaisquer propósitos deliberados de Egas Moniz ou de Walter Dandy em se defrontarem publicamente. Mesmo assim, foi essa a razão sucessivamente invocada para não premiar a Angiografia Cerebral. Curiosamente, tal como já foi anteriormente referido, a candidatura de Walter Dandy estribada na Ventriculografia, acabou também por ser recusada.

Esta disputa surda, e certamente involuntária, entre Egas Moniz e Walter Dandy, reveste um aspecto histórico de injustiça relativamente ao primeiro. A Ventriculografia cedeu o passo sobre o avanço, generalização e aperfeiçoamento do método angiográfico, tendo ficado provada a vantagem do método inventado por Egas Moniz. Todavia, mesmo no ano em que Egas Moniz beneficiou do parecer positivo de Herbert Olivecrona, a Angiografia foi considerada, para efeitos de eventual nobelização, em pé de igualdade com a Ventriculografia.

²⁴⁴ Idem, Ibidem.

A outra parte da resposta (que não está explicitada) reporta-se à formação do critério. Porque razão, o Comité Nobel e o Colégio excluíram os “meios de diagnóstico radiológicos de contraste” do conjunto dos quesitos de elegibilidade para quaisquer candidaturas? Porque o inventor dos raios-X, Wilhelm Conrad Röntgen, foi o ganhador do primeiro Prémio Nobel da Física, em 1901, e, quer o método ventriculográfico, quer o angiográfico, dependiam determinantemente da tecnologia concebida por Röntgen? É possível. Porém, na teia intrincada de elementos que corporizam um critério, este segundo aspecto da recusa continua a levantar interrogações.

Olivecrona prossegue a sua avaliação, considerando que, com o fim da guerra e a generalização do método leucotómico, teve acesso a numerosos exemplos que ainda não existiam ou não estavam disponíveis cinco anos antes, quando a candidatura de Moniz fora examinada por Essen-Möller. Após chamada de atenção para uma certa nebulosidade teórica que ensombra o método leucotómico, e para a disparidade dos critérios de acompanhamento dos resultados das cirurgias ao longo do tempo, Olivecrona cita dois estudos de acompanhamento realizados em anos mais recentes. Um, abrangendo uma amostra de 200 leucotomizados²⁴⁵, e outra de 1000²⁴⁶.

Dos resultados, o avaliador concluirá que, no respeitante à primeira amostra,

Apesar da recuperação social só ter sido alcançada num grupo relativamente pequeno, compreende-se facilmente que significa um enorme alívio no problema do tratamento poder enviar para casa ou

²⁴⁵ “The Connecticut Lobotomy Committee” (The Frontal Lobes, 1948, Williams and Wilkins Baltimore), que publicou os resultados de 200 casos uniformemente avaliados e bem acompanhados. OLIVECRONA, Herbert, Volume de 1949, Secção III: 10, *Documentos Secretos, Parecer sobre Egas Moniz*, p.3. *Anexos*, p. 153 e seguintes.

²⁴⁶ Levado a efeito pelo Board of Control for England and Wales 1947. OLIVECRONA, Herbert, Volume de 1937, Secção III: 10, *Documentos Secretos, Parecer sobre Egas Moniz*, p. 5. *Anexos*, p. 155.

transferir para enfermarias calmas 2/3 desses casos tão difíceis de cuidar

ilustrando uma tendência que, na literatura crítica, será abundantemente denunciada. Tal cuidado, parecia incidir mais sobre a organização dos serviços hospitalares do que sobre o bem-estar e a qualidade de vida dos leucotomizados. Acalmar os doentes, enviá-los para casa ou transferi-los para enfermarias “pacíficas” eram objectivos muito pragmáticos que tomavam, por vezes, a dianteira, relativamente a outros tipos de preocupações post-operatórias²⁴⁷.

Olivecrona ocupa-se, a seguir, do que poderia ser levado na conta de desvantagens do método de Moniz. De entre elas, destaca uma cuja discussão subsistiu até aos nossos dias, e a que o próprio Egas Moniz aludiu, numa das raras ocasiões em que aceitou responder a críticas acerca da leucotomia²⁴⁸. Tratava-se da questão das “alterações de personalidade”.

Sabendo-se que os defensores do método tendiam a minimizar a ocorrência de “alterações psíquicas” verificadas após a operação, Olivecrona discorre:

Essas alterações psíquicas são quase imperceptíveis, mas uma exploração psíquica detalhada, feita entre outros por Rylander, mostra que existem alterações de personalidade. Um certo aplanamento emocional, falta de tacto, e também, no plano intelectual, perda de capacidade criativa, são as alterações mais salientadas. Não é raro a família queixar-se de que o paciente se

²⁴⁷É disso exemplo a passagem do texto de Olivecrona em que salienta: “A hipótese de Moniz de que seria possível eliminar os estados de ansiedade emocional através da leucotomia foi comprovada de forma flagrante.” OLIVECRONA, Herbert, Volume de 1949, Secção III: 10, *Documentos Secretos, Parecer sobre Egas Moniz*, p. 6.

²⁴⁸MONIZ, Egas, *A leucotomia está em causa*, Lisboa, Academia das Ciências Médicas, 1954.

*tornou uma pessoa completamente diferente. Estas alterações são evidentemente de segundo plano quando se trata de psicoses graves e de estados patológicos tais que transformam a existência do paciente num inferno insuportável, mas impõem evidentemente ao médico certas restrições relacionadas com as indicações, sobretudo nos casos em que a mente do paciente está intacta*²⁴⁹

O peso social e cultural na selecção dos casos julgados apropriados para serem submetidos à leucotomia é exemplificado pela reflexão do neurocirurgião Percival Bailey²⁵⁰ que escreveu a esse propósito:

*Hesitei antes de amputar um lobo frontal [para a extracção de um tumor]. Esta operação é sempre seguida de uma alteração mais ou menos importante do carácter e de um défice de capacidade intelectual. Isto pode ter pouca importância numa lavadeira, mas se o paciente é um homem de negócios, que toma decisões que interessam a numerosas pessoas, estes efeitos podem ser desastrosos*²⁵¹.

De onde se depreende que, já então, a severidade dos efeitos era do conhecimento clínico, dependendo do estatuto social (e do tipo de funções exercidas) o critério que minimizava ou maximizava a importância das alterações previsíveis no quadro post-operatório.

Olivecrona prepara, agora, o fecho da sua avaliação. Aparentemente superadas as desvantagens que foi apontando ao longo do

²⁴⁹ OLIVECRONA, Herbert, Volume de 1949, Secção III: 10, *Documentos Secretos, Parecer sobre Egas Moniz*, p.7.

²⁵⁰ Percival Bailay virá a nomear Egas Moniz para o Prémio Nobel um ano depois de Moniz ter recebido o Prémio. O significado pleno dessa nomeação não é evidente. Ver *Anexos*, p. 58.

²⁵¹ Citado por Marc Jeannerod: JEANNEROD, Marc, *Sobre a fisiologia mental. História das relações entre Biologia e Psicologia*, Lisboa, Instituto Piaget, 2000, pp. 79-80.

texto, destaca a eficácia terapêutica da leucotomia pré-frontal, alargando o seu campo de aplicação à dor crónica, classificando, como prova do seu êxito, a muita procura já existente na Suécia, onde a capacidade de resposta cirúrgica ficou submersa sob a vaga de uma procura cada vez maior.

Do que foi dito anteriormente parece comprovar-se que a leucotomia significa um avanço científico de grande significado, pela qual um número grande de psicoses, refractárias a outro tipo de tratamento ou com várias recidivas a seguir a tratamento de choques ou outro, puderam ser socialmente recuperadas ou de tal forma melhoradas que passaram a ser cuidadas em casa ou em enfermarias calmas. Uma das provas do grande significado terapêutico da leucotomia é a enorme procura deste tratamento que existe nos hospitais psiquiátricos do nosso país, e que ultrapassa em muito a capacidade que as nossas clínicas neurocirúrgicas podem prestar. Também como tratamento cirúrgico da dor a leucotomia parece ter um valor consistente²⁵².

E apesar de subsistirem dúvidas quanto à questão das “alterações psíquicas”, ou da fundamentação teórica, cuja eventual superação é formulada evasivamente, Olivecrona ressalva que

Os fundamentos teóricos que serviram de ponto de partida a Moniz foram também em grande parte comprovados pelas experiências, apesar dos mecanismos das alterações profundas da vida mental que tomam lugar depois de uma leucotomia não terem sido ainda esclarecidos²⁵³

²⁵² OLIVECRONA, Herbert, Volume de 1949, Secção III: 10, *Documentos Secretos, Parecer sobre Egas Moniz*, p.8.

²⁵³ Idem, *Ibidem*.

O parecer positivo de Herbert Olivecrona iria ser homologado pelo Comité Nobel e Egas Moniz conseguiria, assim, com esta quinta nomeação, o tão almejado galardão.



Fig. 21 - Notícia da expectativa acerca da atribuição do Prémio a Egas Moniz. (Quadrante inferior esquerdo).- Diário Popular de 27/10/1949, primeira página.

3.9. Depois do Prémio. Mudar o passado?

O modo como encaramos o passado vai mudando. A apoteose que se seguiu à nobelização de Egas Moniz, foi cedendo, a pouco e pouco, face a interrogações em suspenso e a críticas acumuladas. Com a introdução da clorpromazina na medicação dos doentes psiquiátricos, e uma mais cuidada observância dos princípios éticos e deontológicos, a *psicocirurgia* deixou de ser praticada em tão grande escala. O número de neurocirurgias equiparáveis à leucotomia pré-frontal e à lobotomia, baixou drasticamente.

Cinco anos após ter recebido o Prémio Nobel, Egas Moniz profere uma conferência cujo texto é depois dado à estampa por diversas vezes. *A leucotomia está em causa* é o título²⁵⁴.

Servindo-se de um artifício retórico que consistiu em fazer outros falar em seu lugar, juntando, aqui e acolá, um ou outro comentário da “sua lavra”, Egas Moniz defendeu com denodo os seus pontos de vista, tendo reservado para outras circunstâncias o ajuste de contas pendente com o entretanto já desaparecido Sobral Cid.

O cientista que recolheu os louros de um método neurocirúrgico que, mau grado a controvérsia, se foi replicando, adaptando, generalizando e internacionalizando, (conforme testemunha, entre outros, o próprio Olivecrona, em 1949), ainda veio também a assistir à crescente contestação das alegadas potencialidades terapêuticas que os seus defensores apregoavam, e ao gradual declínio da sua prática.

Sintomaticamente, na lição de despedida, em 1944, Egas Moniz reserva um espaço diminuto à leucotomia, alargando-se muito mais no

²⁵⁴ MONIZ, Egas, *A leucotomia está em causa*, Lisboa, Academia das Ciências Médicas, 1954.

tratamento da Angiografia²⁵⁵. A perda da importância relativa da leucotomia em favor da angiografia inscrevia-se claramente no discurso de Egas Moniz, no ano da sua quarta nomeação para o Prémio Nobel. Na mesma circunstância, o autor reconhecia o carácter polémico da leucotomia e a insistência de certas críticas:

Se me sobrar vida e disposição, ocupar-me-ei ainda com desenvolvimento do aspecto teórico da questão, pois se a operação foi acolhida, por muitos com interesse, as suas bases não mereceram, entre os próprios psiquiatras organicistas, unanimidade de vistas. Há ideias preconcebidas que ficam em potencial de oposição²⁵⁶.

para, imediatamente a seguir, erguer a sua barragem anti-metafísica, que retomará uma década depois, na sua já mencionada conferência *A Leucotomia está em causa*:

Ocorre-me uma frase de Bailley, a este propósito, que julgo verdadeira: “A indignação dos que se opõem à leucotomia reside na convicção subconsciente de que a remoção de uma parte do cérebro rouba ao homem uma parte da sua alma.”²⁵⁷

²⁵⁵ “De notar, de passagem, que na sua “Última Lição”, com que em 29 de Novembro de 1944 se despede da docência, vinte páginas são dedicadas à Angiografia e apenas três à leucotomia” CASCAIS, António Fernando, “A cabeça entre as mãos: Egas Moniz, a psicocirurgia e o prémio Nobel”, in NUNES, João Arriscado e GONÇALVES, Maria Eduarda, (Orgs. et al), *A sociedade portuguesa perante os desafios da globalização, Vol. V - Enteados de Galileu? Semiperiferia e intermediação no sistema mundial da ciência*, Porto, Afrontamento, 2001, p. 33.

²⁵⁶ MONIZ, Egas, *Última lição*, Lisboa, Portugália, 1944, p. 25.

²⁵⁷ MONIZ, Egas, Ob. Cit, p. 25.

Proferindo esta sua *Última Lição*, em 29 de Novembro de 1944, Moniz teria já tido ecos de Estocolmo. O Prémio Nobel não lhe fora ainda atribuído nesse ano. Tal como ressalta do anteriormente explanado, as reservas e críticas colocadas ao método leucotómico eram partilhadas, em boa medida, inclusive, pelo avaliador da sua candidatura – o psiquiatra Hessen-Möller, – e pelo Comité Nobel.

Quatro anos após a sua jubilação, reunia-se em Lisboa o *1º Congresso Internacional de Psicocirurgia*. Selado pelo reconhecimento e apoio oficial do Estado Novo, quer através do financiamento de parte das despesas com o evento, quer pela presença, nas cerimónias de abertura e encerramento, de figuras gradas do regime.

Tudo apontava para a consagração celebratória de Egas Moniz. Primeiro, porque a designação do novo ramo das neurociências – a *Psicocirurgia* – fora cunhada por ele, por altura das “tentativas operatórias”, com a experimentação da Leucotomia Pré-frontal; depois, porque a destacada participação de Walter Freeman, reforçava a união entre as duas maiores referências da *Psicocirurgia* – Egas Moniz e Walter Freeman – ressaltando, sempre, a precedência fundadora do cientista português; finalmente, porque, ao fazer aprovar uma moção que recomendava o Prémio Nobel para Egas Moniz, se revelava igualmente um dos intuitos dos organizadores do Congresso de Lisboa.

Certo é que, tal como já sublinhámos anteriormente, Herbert Olivecrona engloba a realização deste 1º Congresso de Psicocirurgia na conta das manifestações internacionais que concorrem para a valorização da prática leucotómica e dos aspectos “promissores” do método.

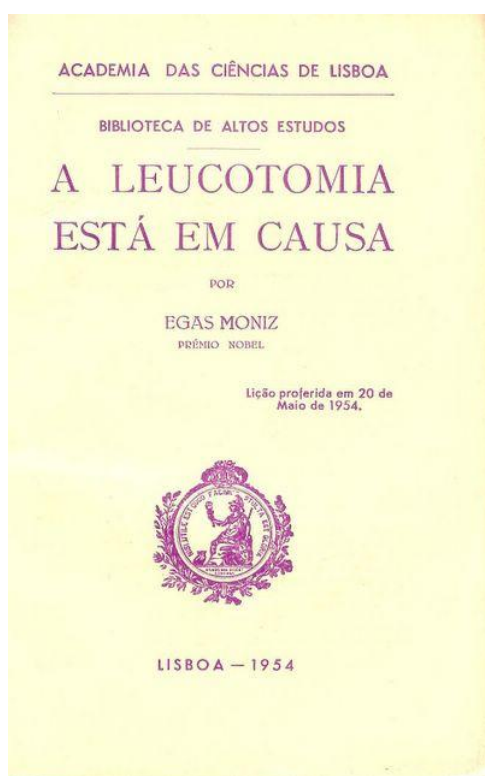


Fig. 22 - Capa da obra em que Egas Moniz faz a recensão das críticas ao método leucotómico

3.10. Alguns estudos desfavoráveis

Porém, a par da glória finalmente coroada com o Prémio Nobel, outras linhas de argumentação menos lisonjeiras, faziam também a sua inscrição histórica.

Several trends characterised the ensuing four decades of psychosurgery. Firstly, the population of patients operated on grew explosively,

then collapsed. Only rough estimates are possible, but by 1954 more than 10.000 patients had undergone lobotomy in England and Wales and several times that number in the United States. The claim that violence might be due to surgically treatable brain disease led to fears that psychosurgery would be misused to address complex social problems, such as the urban violence of the 1960s in the United States. By the 1970s, only a few hundred operations were being done annually, and in subsequent years the number declined further.²⁵⁸

Boa parte dos estudos de acompanhamento post-operatório era realizada pelos mesmos membros das equipas clínicas que efectuavam as neurocirurgias. Examinando os resultados do seu próprio trabalho, os “experimentadores - avaliadores” terão tendido a valorizar mais entusiasticamente o que consideraram, em virtude da sua própria obra, sinais positivos de recuperação, enquanto depreciavam as sequelas, prestando-lhes menor atenção.

The lobotomy started to fall out of favor as the follow-up neurologic sequelae became more evident. Reports in the scientific and medical literature suggested that the efficacy of the lobotomy was dubious. Moreover, the clinical indications were rather poorly defined and its side-effects could be severe. Inertia, unresponsiveness, decreased attention span, blunted or inappropriate affect, and dis-inhibition led to the conclusion that the treatment was worse than the disease. It became clear that many unqualified practitioners were performing lobotomies in unsterile conditions, further increasing the risk of serious and sometimes fatal sequelae. Thereafter, lobotomy became less and less popular, and, in many countries and states, illegal. Many

²⁵⁸ OVSIEW, F, and FRIM, D. M, “Neurosurgery for psychiatric disorders” in *J. Neurol. Neurosurg. Psychiatry*, 63, 1997, p. 701.

*criticized the practice of merely quieting, rather than curing the patient*²⁵⁹.

A interpretação dos resultados que Egas Moniz fez da primeira série de leucotomias pré-frontais que levou a cabo com Almeida Lima, entre 1935 e 1936, levantou fortes reservas. É comum encontrar-se na literatura da especialidade, quer relativamente ao voluntarismo frenético de Walter Freeman, quer relativamente à postura esperançosa de Egas Moniz, traduzida, a quente, num artigo histórico²⁶⁰, comentários assinalando estupefacção, mesmo quando equilibrados e respeitosos acerca das figuras em causa²⁶¹.

Ganha, assim, um significado especial a publicação, em 1957, do estudo de 197 casos de leucotomizados²⁶², baseado no Hospital Júlio de Matos, com, segundo o autor, a cooperação de, entre outros, Almeida Lima e Barahona Fernandes. A circunstância merece uma referência especial, já que estes últimos foram activos colaboradores de Egas Moniz, tendo participado, ambos, – Almeida Lima, na prática cirúrgica, sob a orientação directa de Egas Moniz; Barahona Fernandes, em várias avaliações pós-operatórias – em numerosas publicações que, com raríssimas excepções, descreviam favoravelmente os resultados da emergente *Psicocirurgia*. Além disso, no colectivo da revista em que o estudo foi publicado, António Flores,

²⁵⁹ MASHOUR, George A, WALKER ERIN E, and MARTUZA, Robert L, “Psychosurgery: past, present and future” in *Brain Research Reviews*, 48, 2005, pp. 411-412.

²⁶⁰ MONIZ, Egas, *Tentatives opératoires dans le traitement de certaines psychoses*, Paris, Masson, 1936.

²⁶¹ “Os princípios da psicocirurgia são fulgurantes. (...) Ao fim de quatro meses, Moniz observou uma cura clínica ou «social» em sete casos, uma melhoria em sete outros, e nenhum resultado em seis casos. A conclusão dos seus primeiros ensaios foi que «a destruição de certas porções dos centros ovais dos lóbulos frontais dos doentes mentais provoca notáveis alterações da sua sintomatologia psíquica. A relação entre as lesões cerebrais e as perturbações psíquicas pareceu-nos evidente. Há muito a investigar nesta orientação neurológica; ela permitirá grandes progressos na psiquiatria». Como o dirão Freeman e Watts alguns anos mais tarde, «sem lóbulos frontais, deixará de haver psicose”. JEANNEROD, Marc, *Sobre a fisiologia mental. História das relações entre Biologia e Psicologia*, Lisboa, Instituto Piaget, 2000, pp. 81 – 82.

²⁶² COSTA, Nunes da, “Catamnèse de 197 leucotomies” in *Anais Portugueses de Psiquiatria*, Vol. IX, Lisboa, Hospital Júlio de Matos, Dezembro de 1957, Nº 9.

neurologista de mérito reconhecido, ocupava igualmente um lugar proeminente na direcção redactorial, para além de, juntamente com Barahona Fernandes, entre outros, ter proposto ao Karolinska Institutet, de Estocolmo, a nomeação de Moniz para candidato ao Prémio Nobel de 1949²⁶³.

A sistematização e interpretação dos resultados, de acordo com uma grelha cuidadosamente estruturada, são concludentes.

O autor compara o registo do estado dos leucotomizados seis meses após a operação, conjugando os factores do foro psiquiátrico e psicológico com as dimensões sócio-económicas (integração social, incluindo a familiar) e traça o quadro a seguir reproduzido.²⁶⁴

TABLEAU n.º 3

| Classification | Totaux | 6 mois | | | | Catamnèse | | | | |
|---------------------------------|--------|--------|-----|----|-------|-----------|-----|-----|----|--------|
| | | R D | S A | A | Morts | R S | R D | S A | A | Morts |
| Schizophr. paranoïdes | 99 | 16 | 52 | 25 | 6 | 4 | 9 | 28 | 42 | 16 |
| Hébéphrénies | 41 | 3 | 22 | 13 | 3 | — | 3 | 9 | 18 | 11 |
| Psych. m. dépress. | 16 | 6 | 9 | — | 1 | 2 | 3 | 9 | 1 | 1 |
| Psych. atypiques | 8 | 2 | 4 | 2 | — | — | 3 | 2 | 2 | 1 |
| Épilepsies | 5 | — | 4 | — | 1 | — | — | 4 | — | 1 |
| Olygophrénies | 12 | — | 7 | 4 | 1 | — | — | 7 | 3 | 2 |
| Psych. organiques | 2 | — | — | 1 | 1 | — | — | — | — | 2 |
| Psychopathies | 6 | — | 3 | 2 | 1 | — | — | 3 | 1 | 2 |
| Névroses | 7 | 7 | — | — | — | 1 | 6 | — | — | — |
| Sans maladie mentale | 1 | 1 | — | — | — | 1 | — | — | — | — |
| Totaux | 197 | 35 | 101 | 47 | 14 | 8 | 24 | 62 | 67 | 36 16% |

Tabela 1- Catamnese de Nunes da Costa²⁶⁵

A evolução pode ser apreciada no gráfico seguinte. O momento “1” que precede as siglas, no gráfico n.º 1, descreve a 1ª observação (primeiros seis meses após a neurocirurgia); o momento “2”, – Gráfico n 2, – dá conta da 2ª observação (catamnese).

²⁶³ Arquivos Nobel, Vol. de 1949.

²⁶⁴ COSTA, Nunes da, Ob. Cit, p. 33.

²⁶⁵ A seguir à coluna dos “Totaux”, as siglas significam: RD – Remissão com Defeito; SA – Sem Alteração; A – Agravamento. Após a coluna seguinte, “Morts”, RS – Remissão Social; RD – Remissão com Defeitos; SA – Sem alteração; e A – Agravamento.

Avaliação dos Resultados 6 meses após a operação

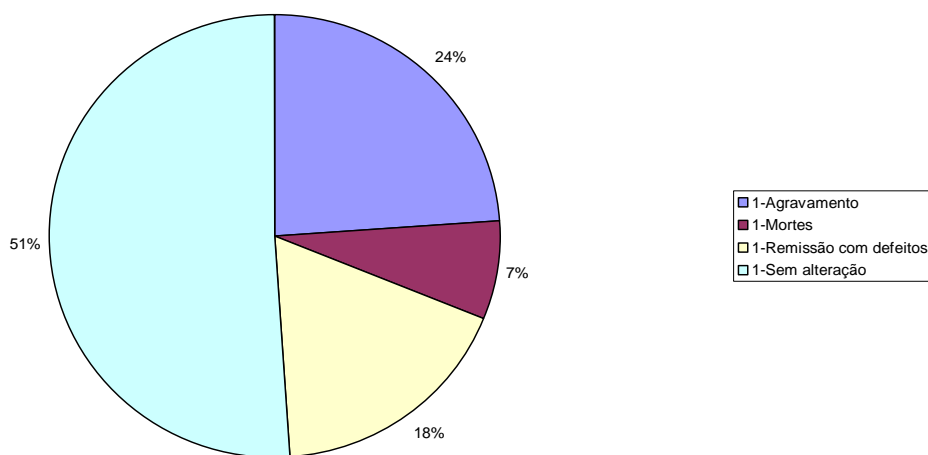


Gráfico 2 - Avaliação dos resultados 6 meses após a operação

Catamnese

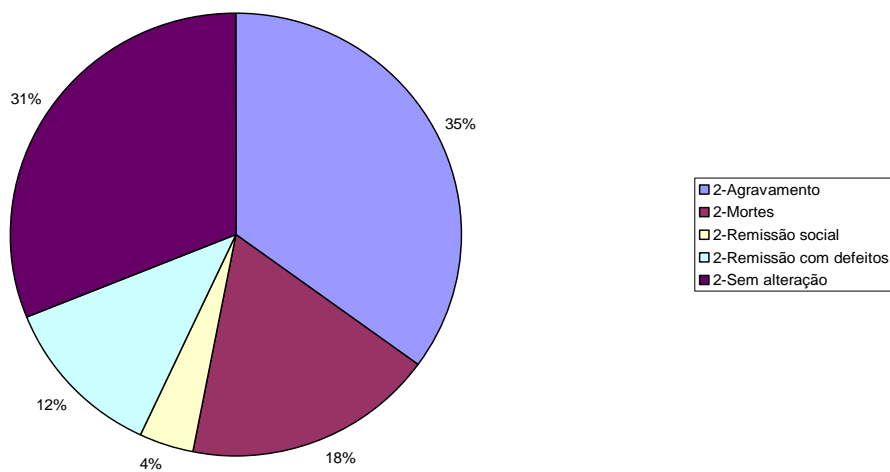


Gráfico 3 - Evolução do estado de saúde dos leucotomizados.

Comparando as duas séries de resultados, constata-se que, para esta amostra de 197 indivíduos, a remissão minimamente satisfatória totaliza cerca de 16%. Mesmo assim, o autor do estudo, ao descrever essas duas categorias, não deixará de frisar que considerou “Remission Sociale” (RS)

a) (...) disparition des symptômes, petit déficit²⁶⁶ de la personnalité; intégration sociale à un niveau inférieur;

Descrevendo, nas alíneas seguintes, as restantes codificações:

b) Rémission avec défaut (RD) – disparition ou soulagement des symptômes; déficit remarquable de la personnalité; intégration sociale à un niveau inférieur.

c) Sans Altération (SA) – symptômes sans altération ou avec des altérations isolées; petit déficit de la personnalité; situation hospitalière ou familiale sans altération, sans ou avec des modifications de l’adaptation.

d) Aggravation (A) – symptômes sans altération ou aggravés; déficit remarquable de la personnalité;

²⁶⁶ «Nous tenons comme petit déficit de la personnalité un petit effacement de l’affectivité, de l’initiative ou de l’idéation, et comme déficit remarquable un fort effacement de ces fonctions, accru ou non d’altérations du caractère et de la conduite» COSTA, Nunes da, “Catamnèse de 197 leucotomies” in *Anais Portugueses de Psiquiatria*, Vol. IX, Dezembro de 1957, Nº 9, Lisboa, Hospital Júlio de Matos, p. 20, Nota 1.

*situation hospitalière ou familiale sans alteration, sans ou avec des modifications de l'adaptation*²⁶⁷.

O autor do estudo em apreço tem consciência de que os resultados que apresenta e a interpretação que deles faz, vão ao arrepio daquilo que no seu meio era, até então, considerado, por muitos, normal ou correcto. Torna-se, por isso, particularmente interessante atentar num dos pressupostos teóricos e deontológicos da sua postura intelectual²⁶⁸.

À imagem do princípio político da separação de poderes, o princípio da separação entre a actividade clínica e a actividade de investigação experimental, tornara-se incontornável na reflexão médica e científica.

Nunes da Costa refere-se directamente a essa questão:

Dans la leucotomie, cette distinction entre les buts du médecin et de l'investigateur possède à notre avis une particulière importance, pour deux raisons basilaires: la première car, sans se diriger à des situations où la vie du malade soit en risque et l'action du médecin puisse résulter décisive, tout de suite elle fait monter au premier plan la valeur humaine de la vie psychique du malade; la seconde car, comme la leucotomie est à la fois une méthode d'investigation scientifique et une thérapeutique, il lui est facile de nous induire à classifier les résultats selon un critère empirique ou trop exclusiviste, pendant qu'en réalité différents critères s'imposent. Quand nous parlons, par ex, d'améliorations cliniques, il se peut bien que nous ne veuillons par là que signifier le soulagement de certains symptômes,

²⁶⁷ COSTA, Nunes, Ob. Cit, p. 20.

²⁶⁸ Para além de o autor nunca referir, no estudo citado, a explicação para um leucotomizado “sans maladie mentale”...

*sans tâcher d'apprendre ce que par eux-mêmes ils peuvent déjà exprimer comme diminution de valeur par rapport au malade*²⁶⁹.

Desta *nova* postura resultou um diferente compromisso entre o campo limitado do que se aceitava ver, antes, e o esboço de um novo protocolo de observação.

3.11. A ideia de desnobelização em campanhas

Nos Estados Unidos, depois da execração de Walter Freeman, – *The lobotomist*²⁷⁰ – as problemáticas associadas ao tratamento das doenças mentais vêm à tona mediática ciclicamente.

Entre meados dos anos 30 e finais dos anos 50 do século passado, algumas figuras mais conhecidas deram rosto a uma multidão de leucotomizados e lobotomizados cujos exemplos jazem na sombra do esquecimento e do anonimato. Frances Farmer, atriz norte-americana; Rosemary Kennedy, irmã de John F. Kennedy (que foi Presidente dos Estados Unidos); Sigrid Hjertén, pintora sueca; Raúl Proença, escritor português. O friso de leucotomizados ou lobotomizados é numeroso. Estes são apenas alguns dos exemplos mais conhecidos.

Ora foi exactamente por aqui, pela injustiça que reside em recordar uns e não outros, que começou Christine Johnson, a mulher norte-

²⁶⁹ COSTA, Nunes da, Ob. Cit, p. 15.

²⁷⁰ Assim lhe chamavam, de acordo com uma biografia com esse mesmo título publicada há cinco anos: EL-HAI, Jack, *The lobotomist. A maverick medical genius tragic quest to rid the world of mental illness*, New Jersey, Wiley & Sons, 2005.

americana que criou um Memorial dos Lobotomizados (virtual), – Psychosurgery.org²⁷¹ – empreendendo, a seguir, uma campanha pela retirada do Prémio Nobel a Egas Moniz.

Bibliotecária, com um Mestrado em Técnicas Documentais e Informação Científica, Christine decidiu tomar em mãos a causa da *maioria silenciosa* dos lobotomizados. A motivação principal, segundo ela própria, advém do facto da sua avó ter sido submetida a uma lobotomia, em 1954, permanecendo no Hospital Psiquiátrico cerca de vinte anos.

Christine Johnson considera os lobotomizados vítimas de um erro da ciência, e a lobotomia uma tragédia. O seu objectivo – segundo ela própria – é impedir que as vítimas, o erro e a tragédia sejam esquecidos. Acrescenta que, desse modo, dará uma contribuição sensível para que se evite a repetição de acontecimentos semelhantes.

Christine promoveu uma campanha que aconselhava o envio maciço de mensagens de email para o Comité Nobel, enquanto alguns jornais de referência iam publicando artigos alusivos.

A iniciativa de responsabilizar o Comité Nobel por ter potencializado, com a atribuição do Prémio Nobel a Egas Moniz, a multiplicação das práticas psicocirúrgicas em todo o mundo, encorajando a utilização extensiva do método, cola bem à estratégia que definiu, ao tomar o estrito ponto de vista da preservação da memória dos lobotomizados. Mas do ponto de vista da sua estratégia, a campanha tornar-se-ia mais dramática e apelativa, se lhe juntasse um objectivo que não se limitasse a interpelar o destinatário (o Comité Nobel), mas que o provocasse e lhe exigisse que, à guisa de reparo moral, fizesse algo altamente difícil e improvável. Algo que bulisse com os poderes aparentes e efectivos dos humanos, que dá às

²⁷¹ O endereço web do Portal é <http://www.psychosurgery.org/>

instituições a solidez mnésica que explica o seu prolongamento no tempo: a solidariedade histórica com os que já desapareceram; algo que tivesse a ver com uma versão da história e a gestão da memória.

Assim, quando Christine Johnson²⁷² formulou o objectivo de exigir ao Comité Nobel que retirasse o Prémio Nobel a Egas Moniz, ela sabia que, com excepção da previsível adesão da maioria dos *media* de todo o mundo, certamente sensíveis a uma estória tão absurda, a exigência não poderia, com certeza, ser satisfeita. Mesmo assim, ciente de que estava a pedir o impossível, prosseguiu.

A primeira reacção da Fundação Nobel foi a publicação de um artigo de Bengt Jansson, intitulado *Controversial Psychosurgery Resulted in a Nobel Prize*, divulgado no site Nobel Prize. org²⁷³, gerido pelo e-Museu e pela Fundação Nobel.

O autor descreve, a traços largos, a génese da *psicocirurgia*, sustentando que, dado o contexto terapêutico da época, a leucotomia conseguia, pelo menos, tornar a vida dos leucotomizados e seus próximos, mais aceitável. Depois, com o surgimento dos primeiros neurolépticos, no início dos anos 50, a medicação passou gradualmente a constituir uma alternativa à *psicocirurgia*, sendo que, no início dos anos sessenta, as formas modificadas (mais precisas e rigorosas) que lhe sucederam, foram-se tornando cada vez menos frequentes.

Uma das principais razões que Bengt Jansson aponta para que o método de Egas Moniz tivesse sido aceite, enquanto as tentativas anteriores não tinham vingado, reside no prestígio e na notoriedade de Egas Moniz, em virtude da descoberta da Angiografia Cerebral. A replicação e

²⁷² Alguma da informação referida neste subcapítulo baseia-se na troca de correspondência com a própria Christine Johnson.

²⁷³ O endereço exacto do artigo online é <http://nobelprize.org/medicine/articles/moniz/index.html>

internacionalização do método angiográfico criou relações de confiança e aceitabilidade que favoreceram a divulgação da leucotomia pré-frontal.

Para explicar a popularidade do método nos anos 40, o autor socorre-se de um outro artigo, publicado em 1995²⁷⁴, que aponta, primeiro, a inexistência de terapêuticas alternativas; segundo, o elevadíssimo número de doentes mentais que se acumulava nos hospitais psiquiátricos. 100.000 novos doentes entrados em 1943, dos quais só 67.000 tiveram alta, enquanto em 1946, cerca de metade das camas dos hospitais públicos estava ocupada por doentes mentais; terceiro, a alta taxa de mortalidade entre os doentes mentais devido à tuberculose e outras infecções hospitalares que aconselhavam períodos de internamento mais curtos.

Bengt Jansson, finalmente, concorda que Egas Moniz mereceu, de facto o Prémio Nobel, tendo os efeitos secundários, que afectavam a personalidade dos leucotomizados, sido relatados de forma neutra, não havendo no texto arrumado sob esse subtítulo, qualquer comentário.

Depois deste artigo, que os promotores da mencionada campanha tomaram como resposta oficiosa do Comité Nobel, seguiu-se uma carta de Christine Johnson ao Comité Nobel.²⁷⁵ O respectivo texto foi afixado

²⁷⁴ SWAYZE II, VW: "Frontal leukotomy and related psychosurgical procedures in the era before antipsychotics (1935-1954): A historical overview". in *Am. J. Psychiatry* 1995, 152 (4):505-515.

²⁷⁵ "Dear Sir or Madam,

My name is Christine Johnson and I am the founder of Psychosurgery.org. We are a collection of lobotomy victims and their families who are still trying to recover from the immense damage that lobotomy, leucotomy, and related operations did to our families.

It is difficult to describe how painful your posted article on Egas Moniz is to us. In our years of talking to victims we have found no one who was helped by these operations. Not one. We have members who Moniz and Freeman claimed as success stories who will attest that those assertions were false. These doctors hurt us, they did not help us in any way. Many of the discharged people went on to lead horrible lives - often their children were put into foster care.

The worst part of the article is the claim that it was only used when there were, "...very special indications such as in severe anxiety, and compulsive syndromes which have proved to be resistant to other forms of therapy." This is not true. One boy was lobotomized when he was 12 years old for delinquent behavior.

One woman's mother was lobotomized while pregnant for headaches. My own grandmother was lobotomized in 1954 and was still held in a psychiatric hospital for twenty years. Obviously there was no great cure there.

no portal *Psychosurgery.org*, para que o exemplo pudesse ser seguido e mensagens iguais ou semelhantes fossem enviadas para Estocolmo²⁷⁶.

Your author asserts that we should not feel indignant because it was the only treatment available at the time. That is a disgusting, cavalier statement that could only be made by a person who did not live through being victimized by psychosurgery. Our relatives were severely damaged and we are angry about it.

The members of our group would like you to take that article down from your website. We find it to be extremely hurtful and insulting. Frankly, we place some of the blame of what happened to us at the Nobel Committee's feet ... if you had not endorsed this monstrous treatment perhaps some of us might have been spared.

We look forward to a response on this matter.

Sincerely,

Christine Johnson

Founder, Psychosurgery.org”

²⁷⁶ “The Nobel Prize Committee would like to whitewash their terrible error in awarding Egas Moniz half of the Nobel Prize for the prefrontal leucotomy in 1949. In an article they have on their website about the “controversy” regarding Moniz's win, they have the gall to say:

“However, I see no reason for indignation at what was done in the 1940s as at that time there were no other alternatives!” <http://www.nobel.se/medicine/articles/moniz/index.html>

Perhaps the Nobel people would see it differently if it had been their loved one whose brain was under the knife.

The Nobel Committee has never taken responsibility for the fact that they awarded a prize for an operation that was a total failure and without any scientific merit. In the United States alone lobotomy, leucotomy, and related operations resulted in at least 50,000 surgical casualties. Through the Committee’s actions, they endorsed this brutal operation and provided justification for thousands of more operations.

Psychosurgery.org has made our complaints to the Nobel Prize Committee known, but so far they have not even bothered to answer us. Please help us put some pressure on them! Email the Nobel Prize Committee at comments@nobel.se and tell them that their [article](#) about Moniz’s prize is unacceptable. Let them know it’s high time they apologized to the victims of psychosurgery and took responsibility for their grave error.

We have tried to tell them that it’s not so easy to be cavalier about lobotomy and leucotomy when it has affected someone you love. They won’t listen to us alone, but maybe they will if you help!

If you do email them, please copy Christine@psychosurgery.org.

THANK YOU FOR YOUR HELP!”

3.12. A Fundação responde

Cerca de seis semanas depois, a 15 de Julho de 2004, finalmente, a Fundação Nobel, através de uma responsável do Nobel e-Museum, respondia a Christine Johnson.²⁷⁷

Nessa resposta, a Fundação Nobel, por intermédio da Editora Executiva do Nobel e-Museum, reconheceu a “importância” internacional da campanha, decidindo reagir, e pondo, assim, pelo seu lado, uma pedra sobre o assunto. Da parte de Christine Johnson e dos outros activistas em campanha, os objectivos foram aparentemente atingidos, pois não teriam contado nunca com a possibilidade efectiva de convencer a Fundação Nobel a nada mais do que, correndo tudo de feição, uma resposta oficial, fosse ela qual fosse.

²⁷⁷ “Dear Ms Johnson,

Please accept our apologies for this late response.

The purpose of the essays on the Nobel e-Museum is, amongst other things, to inform the general public about previous Nobel Prizes, to give some background information and to describe the history that led to the awarding of the prizes. The essay "Controversial Psychosurgery resulted in a Nobel Prize" by Bengt Jansson, a former Professor of Psychiatry, who lived and worked during the time when this controversial therapy was introduced and practiced, is such an example. The Nobel archives are kept closed for 50 years after the awards have been made. It has therefore not been possible until recently (1999) to comment publicly on the prize to Egas Moniz (1949) based on information in the archives. When the archives were made accessible, the editorial board of NeM found it important to invite a knowledgeable expert to write an essay on this controversial and heavily criticized prize.

The essay describes the history leading to the establishment of lobotomy as a treatment for psychiatric disease for which, at the time, there was no effective alternative therapy. Treatment changed dramatically when first ECT, and somewhat later neuroleptic drugs were introduced. The opinions expressed in the essays are those of the author and not the editorial board. However, the editorial board thinks that the essay in a fair, critical and balanced way recapitulates the history and the period following the gradual abandoning of lobotomy. We therefore are unwilling to remove it from our repertoire of essays.

We have also consulted Professor Jansson who has read your e-mail and decided not to change the text. We sympathize with your views expressed in your letter regarding the long-term, negative consequences of lobotomy. Fortunately, thanks to continuous research efforts, which have led to the development of new neuroleptic drugs, the medical profession can today offer much more humane and effective therapies for the severely mentally ill patients.

Yours sincerely,

Agneta Wallin Levinovitz

Executive Editor

Nobel e-Museum

The Nobel Foundation”

O assunto tem sido, pois, ventilado nos *media*. O facto de os activistas desta causa estarem a interpelar uma instituição centenária e, em vez de tentar pôr a nu as circunstâncias em que o prémio foi atribuído, optarem por requerer a *desnobelização* de Egas Moniz, coloca, pelo menos, duas questões do mais vasto interesse para a história dos cientistas nobelizados.

Em primeiro lugar, se abstraíssemos os contextos em que os prémios foram atribuídos, a revisão daqueles que tiveram ou não tiveram merecimento, à luz de conhecimentos adquiridos nos anos seguintes, levaria, por piores ou melhores razões, a retirar o galardão a vários.

A contestação de figuras agraciadas com o Prémio Nobel não é de hoje. Há uma copiosa bibliografia tratando de controvérsias em torno de nobelizados que não teriam merecido o prémio, tal como de bastantes não premiados que deveriam tê-lo sido.

Kissinger, Arafat, (entre os que o receberam indevidamente, na opinião de muitos); Gandhi, entre os que mereciam e não receberam; Adolf Hitler chegou a ser nomeado por um membro do Comité Nobel, em 1939.

Da Paz para as ciências: Sigmund Freud (1856-1939), foi nomeado por doze vezes, mas nunca premiado; Julius Wagner-Jauregg (1857-1940), recebeu o Prémio, em 1927, pela “descoberta do *valor terapêutico* da inoculação da malária no tratamento da demência paralítica”, originando a *malarioterapia* que também foi praticada em Portugal; um cientista alemão, Fritz Haber (1868-1934), envolvido na produção do gás mostarda, utilizado nas trincheiras da Primeira Grande Guerra, recebeu o Prémio Nobel da

Química, em 1918, pela síntese do amoníaco a partir dos seus constituintes (hidrogénio e azoto)²⁷⁸.

Além do mais, a mudança de perspectiva e as alterações de contexto, levam a sucessivas interpelações aos produtos “tecnológicos de base científica”, e a pôr em causa avaliações científicas anteriores. O caso mais singelo talvez seja o do DDT. Paul Hermann Müller (1899-1965) recebeu o Prémio Nobel da Fisiologia ou Medicina, em 1948 (um ano antes de Moniz) pela alta eficácia do insecticida desenvolvido no seu laboratório (na Suíça). Anos depois, o uso do DDT começou a ser abandonado quando se “descobriu” que prolongava os seus efeitos agressivos no ambiente, atingindo os processos reprodutivos de peixes e pássaros, além de muitos outros exemplos de bioacumulação.²⁷⁹

Como se pode ver, as contradições são muitas. Porém, se nalguns casos os nomeadores tentaram corrigir a mão, fazendo justiça a alguém que merecia o prémio e não o tivesse ainda recebido, nunca aconteceu retirarem-no a quem quer que fosse.

²⁷⁸ O empenhamento de Fritz Haber na síntese de gases letais, em apoio do esforço de guerra alemão, não se compagina com o ideal de Alfred Nobel, expresso no seu testamento, de premiar as descobertas e os inventos que pudessem contribuir para o bem-estar e felicidade humanos. A coincidência da atribuição do prémio no final da 1ª Grande Guerra não podia deixar de levantar dúvidas.

²⁷⁹ LEVINOVITZ, Agneta Wallin e RINGERTZ, Niels, (Ed.), *The Nobel Prize: The First 100 Years*, London, Imperial College Press and World Scientific Publishing Co, 2001. Disponível também online, em [<http://nobelprize.org/medicine/articles/lindsten-ringertz-rev/>]. Anote-se que, recentemente, foi admitida a reutilização do DDT, com medidas precaucionárias especiais (*International Herald Tribune* de 15/09/2006).

3.13. O “enigma periférico” e o alçapão chauvinista

Não é possível compreender como o Comité Nobel pôde galardoar um cientista português, vivendo e trabalhando em Portugal, em meados do Século XX, se olharmos apenas para ele, professor jubilado, nos seus 75 anos, de saúde periclitante e já praticamente afastado da investigação; ou, então, olhando somente para Portugal, onde, a um ambiente avesso à criatividade e à investigação, se somavam as perseguições e prisões por motivos políticos, constringendo muitos intelectuais ao exílio, após terem sido expulsos das universidades e de outros cargos públicos. Como salientou Hermínio Martins, o “nacionalismo metodológico”²⁸⁰ impede-nos de abarcar processos cuja vastidão não se conforma com fronteiras tradicionais.

A *figuração* moniziana, – aqui no sentido dos processos, fluxos e redes de interacções em que Moniz tomava parte²⁸¹ – tinha uma solidez institucional forte, mercê dos cargos de direcção hospitalar e académica que detinha; contava com uma neutralidade pactuante por parte de importantes sectores do Estado Novo, e prolongava-se em França, Itália, Alemanha, Inglaterra, e Estados Unidos da América. As suas ligações políticas de outrora, a par dos estágios no estrangeiro após a formatura na Universidade de Coimbra, e dos cargos diplomáticos que desempenhou durante o *Sidonismo*, em conjugação com regiões de influência onde a adopção da *Angiografia Cerebral* se consolidou, dotaram-no de uma plataforma internacional, onde a autoridade das Sociedades Médicas, as

²⁸⁰ “Em geral, o trabalho macro-sociológico submeteu-se largamente a pré-definições nacionais de realidades sociais: uma espécie de nacionalismo metodológico - que não coexiste necessariamente com o nacionalismo político por parte do investigador - impõe-se a si mesmo na prática com a comunidade nacional como a unidade terminal e condição limite para a demarcação de problemas e fenómenos para a ciência social”. MARTINS, Hermínio, *Hegel, Texas e outros Ensaios de Teoria Social*, Lisboa, Edições Século XXI, 1996, p. 144.

²⁸¹ Na mesma acepção que temos vindo a utilizar desde o início: ELIAS, Norbert, *A Sociedade dos Indivíduos*, Lisboa, Dom Quixote, 1993, e ELIAS, Norbert, *Introdução à Sociologia*, Lisboa, Edições 70, 2005.

Academias e os Hospitais se articulavam para lhe conferir apoios, credibilidade científica e uma ampla notoriedade.

Muitos dos seus artigos foram publicados em revistas científicas de autoridade firmada e circulação internacional, lidas praticamente no mundo inteiro; a replicação e adoção do seu método angiográfico de diagnóstico foram assinaladas, do Japão à Escandinávia, e do Canadá à Argentina.

Quando, em finais de 1935, procedeu às primeiras “Tentatives opératoires...”²⁸², já tinha sido nomeado por duas vezes para o Prémio Nobel da Medicina ou Fisiologia (1928 e 1933). A aceitação das suas propostas; a adoção dos seus métodos; as avaliações dos resultados distribuem-se por *figurações* que não se confinam ao indivíduo (sem embargo do destaque individual afirmado nessas *figurações*), nem às fronteiras nacionais.

Sectores muito significativos das comunidades científicas (que não só das ciências médicas), apoiaram-no e partilharam com ele o entusiasmo, a perspectiva que então dominava acerca do grau de adequação dos métodos terapêuticos, e a apreciação sobre os resultados.

Egas Moniz foi um cientista bem sucedido numa época e num espaço de relações que constituem uma configuração histórica e cultural bastante vasta e coerente.

A excessiva fulanização do julgamento a que recorre a referida campanha pela desnobelização, mesmo para efeitos de marketing ao serviço de causas nobres, empobrece a abordagem e esvazia o interesse cultural do lance polemizador.

²⁸² MONIZ, Egas, *Tentatives opératoires dans le traitement de certaines psychoses*, Paris, Masson, 1936.

Analisando as questões em apreço, não é possível acrescentar seja o que for, com algum interesse, retirando Egas Moniz do âmbito das suas *figurações*.

3.14. O leito de Procusto

Apesar de se tratar de uma figura de estilo um tanto abusada, o exemplo do velho delinquente da Ática não podia vir mais a propósito. Os resultados, as demonstrações e os estudos de acompanhamento dos leucotomizados e lobotomizados obedeceram a normas muito variáveis, repousando forçadamente na forma do “leito” para eles preparado. Tal como na história de Procusto, foi necessário esticar os resultados que não se adequavam convenientemente à forma do leito, amputando aqueles que o ultrapassavam.

Os primeiros resultados produzidos por Egas Moniz e Almeida Lima, que fundamentaram “estatisticamente” o optimismo que se seguiu, foram, mais tarde, em geral, considerados intempestivos e enviesados. Outros estudos, mesmo em Portugal, encaixados em diferentes “leitos”, deram resultados muitíssimo menos empolgantes. De um modo geral, o grau de exigência na elaboração das grelhas de análise, a independência dos avaliadores relativamente à equipa que tinha procedido às cirurgias, e o tempo decorrido após as operações, fazia variar a feição dos resultados.

Independentemente, os depoimentos da época²⁸³, mostram que era opinião corrente entre os neurologistas, psiquiatras e neurocirurgiões, que a leucotomia pré-frontal ou a lobotomia frontal, propiciava sequelas indesejáveis, défices de personalidade, perdas de autonomia, abulia, etc.

Uma das melhores ilustrações da contenção e da moderação na apreciação dos resultados é a fornecida pelo Dr. Gösta Rylander²⁸⁴, no 27º Encontro Anual da Associação para a Investigação das Doenças Nervosas e Mentais, relatada pelo New York Times, em 1947.

A warning that personality changes might result from frontal lobotomy, the comparatively new brain operation that relieves pain, was voiced yesterday before 700 doctors here by dr. Gosta Rylander of the Royal Caroline Institute, Stockholm.

The Swedish psychiatrist and surgeon, reported that he had used the operation successfully for the relief of certain mental illnesses, but termed it "risky" in that field because of the personality deterioration that might occur²⁸⁵.

Os “riscos” mencionados pelo Dr. Gösta Rylander eram conhecidos e levados em consideração no contexto científico-técnico da época. A questão que então se colocava (e ainda hoje se coloca, em muitos casos) era a de saber se, face ao quadro clínico específico de um dado

²⁸³ “Negative effects on personality were observed as early as the end of the 1930s. In 1948, Swedish professor of forensic psychiatry Gösta Rylander, reported a mother as saying: "She is my daughter but yet a different person. She is with me in body but her soul is in some way lost." Hoffman (1949) writes: "these patients are not only no longer distressed by their mental conflicts but also seem to have little capacity for any emotional experiences - pleasurable or otherwise. They are described by the nurses and the doctors, over and over, as dull, apathetic, listless, without drive or initiative, flat, lethargic, placid and unconcerned, childlike, docile, needing pushing, passive, lacking in spontaneity, without aim or purpose, preoccupied and dependent." JANSSON, Bengt, (S/D) “Controversial Psychosurgery Resulted in a Nobel Prize”, in *Nobel Prize.org* [<http://nobelprize.org/medicine/articles/moniz/>].

²⁸⁴ O mesmo Rylander a quem Herbert Olivecrona reconhece autoridade médica e científica no relatório que atrás citámos.

²⁸⁵ *The New York Times*, December 14, 1947, page 51.

paciente, a lesão irreversível que a leucotomia ou a lobotomia provocavam, trazia ou não benefício para o bem-estar e para a qualidade de vida do paciente em causa.

Marcada desde o início por uma forte polémica²⁸⁶ que, em certo sentido, se prolongou até ao presente, – e não apenas em virtude da campanha de que temos vindo a falar, – a leucotomia pré-frontal e a lobotomia frontal dividiram sempre as comunidades de neurocientistas, de tal modo que Erik Essen-Möller, o psiquiatra de Upsala que avaliou a candidatura de Moniz em 1944, (8 anos decorridos sobre o início da prática psicocirúrgica) declarou não haver ainda provas concludentes de que a lesão leucotómica trazia vantagens claras aos pacientes submetidos à operação, não recomendando Moniz para o Nobel desse ano²⁸⁷. Coerentemente, três anos depois, Rylander, no simpósio já referido, alertava para os “riscos” da operação.

Ademais, apesar de nos arriscarmos a ceder a um certo anacronismo, quer os imperativos éticos associados à experimentação em humanos, quer à problemática do consentimento informado, encontravam já expressão na época, revestindo a argumentação dos que, face à incerteza dos resultados, preconizavam uma criteriosa precaução. O próprio Egas Moniz, aliás, virá a assumir, mais tarde, uma maior contenção na administração da leucotomia²⁸⁸.

²⁸⁶ O próprio Egas Moniz assinala algumas dificuldades e resistências: “Se me sobrar vida e disposição, ocupar-me-ei ainda com desenvolvimento do aspecto teórico da questão, pois se a operação foi acolhida, por muitos, com interesse, as suas bases não mereceram, entre os próprios psiquiatras organicistas, unanimidade de vistas.” MONIZ, Egas, *Última lição*, Lisboa, Portugal, 1944, p. 25.

²⁸⁷ HESSEN-MÖLLER, Erik, Documento 4, “Avaliação da Candidatura de Egas Moniz em 1944” in CORREIA, Manuel, *Egas Moniz e o Prémio Nobel*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006, pp. 121-131.

²⁸⁸ “Não esqueçamos nunca que a leucotomia é uma operação reservada a doentes graves, nos quais o processo mórbido deixou forte marca.” MONIZ, Egas, *A leucotomia está em causa*, Lisboa, Academia das Ciências Médicas, 1954, p.43.

Abreviando: a resposta cabal à questão do “risco” envolvido foi dada pela prática clínica que, após a emergência dos neurolépticos, viu reduzir drasticamente o número de operações deste tipo.

3.15. Direito à memória

Como aludimos anteriormente, a dificuldade que temos em compreender Egas Moniz e o que dele recordamos ou o que a emergência das sucessivas campanhas nos convida a recordar e reexaminar, radica sobretudo no défice de discussão acerca de alguns temas com ele associados. Em consequência, as diferentes interpretações radicam no modo particular de apropriação que diferentes grupos fizeram e fazem das imagens de Moniz, recortando-o de acordo com as suas identidades, sensibilidades e estratégias.

É impossível esboçar o quadro da incidência da *Psicocirurgia* em Portugal sem levar em consideração a postura crítica de Sobral Cid²⁸⁹ ou o estudo metucioso de Nunes da Costa²⁹⁰, que, em momentos diferentes, discordaram da simplificação glorificadora e voluntarista da leucotomia, apresentando as suas perspectivas críticas. Tal como é historicamente inconsistente a conformação com a inexistência (ou desvalorização?) de depoimentos das pessoas que foram submetidas a cirurgias e de familiares seus, que descrevem as alterações de comportamento que constataram no pós

²⁸⁹ SOBRAL-CID, José de Matos, *Obras*, Vol. I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983, pp. 267-269.

²⁹⁰ COSTA, Nunes da, “Catamnèse de 197 leucotomies” in *Anais Portugueses de Psiquiatria*, Lisboa, Hospital Júlio de Matos Vol. IX, Nº 9, Dezembro de 1957.

operatório. Que tipo de historiografia se poderia conformar com visões e versões tão marcadamente unilaterais?

Por outro lado, se, para os promotores da campanha de revogação do Prémio Nobel de Egas Moniz, faz sentido concentrar nele todo o peso do ataque *fantasmático*, abstraindo da co-responsabilização dos seus pares, norte-americanos em boa parte, que modificaram o método inicial e o ultrapassaram intensa e extensivamente, por outro lado, para outras comunidades e grupos, cujas identidades se associam a aspectos diferentes da vida e obras de Egas Moniz, reduzi-lo à *psicocirurgia* seria incorrer num reducionismo mistificador.

Talvez devido à predominância do *veneracionismo* e do *celebracionismo*, os estudos em torno das *figurações* que compreendem Moniz (dadas nos chamados *Estudos Monizianos*), com raras excepções, não têm descolado de uma disposição dúplice, que não pode deixar de celebrar alguns dos feitos do homenageado, mas também não quer ir muito longe na produção de novas sínteses ou na revelação de documentos pouco conhecidos. O *celebracionismo* é uma espécie de parente pobre do cesurismo²⁹¹, com a agravante de repeti-lo esterilmente em rituais legitimados pelos cultos da memória e pouco mais.

A campanha de desnobelização veio, pois, redespertar-nos para a *actualidade do passado*, e para a vantagem de nos munirmos com um melhor conhecimento do que foi mudando anteriormente, dando lugar a processos em que também nos viemos a envolver. Representa, com certeza, uma negociação global de sentido²⁹², – sublinhando a exiguidade do número de prémios Nobel concedidos a indivíduos de nacionalidade portuguesa –

²⁹¹ Para uma interessante discussão acerca do cesurismo e seus termos, ver o ensaio de Hermínio Martins “Tempo e Teoria em Sociologia” MARTINS, Hermínio, *Hegel, Texas e outros Ensaios de Teoria Social*, Lisboa, Edições Século XXI, 1996, pp. 151 e seg.

²⁹² SANTOS, Boaventura Sousa, *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. Porto, Edições Afrontamento, 1994.

pois independentemente das intenções dos promotores, a campanha acabou por ser utilizada também nessa vertente.

Ao eleger Egas Moniz como “bode expiatório” de um tempo e de um modo de fazer ciência, tal como de avaliar os seus resultados, foram desprezados os consensos e as polémicas que nos tempos de Egas Moniz atravessaram as comunidades científicas; cedeu-se à tentação simplificadora da fulanização. Porém, e em contrapartida, ao fazê-lo, levantaram-se também inúmeras questões. Designadamente, a de uma perspectiva que, partindo de um entendimento inclusivo da ciência e das práticas da medicina, é sensível às perspectivas dos *pacientes* e seus próximos, que disputam legitimamente, a par de todos os outros participantes no processo, o direito à memória.

3.16. Versões complementares

Quando Moniz foi nomeado para o Nobel da Medicina ou Fisiologia pela terceira vez, em 1937, o membro do Comité Nobel encarregado de elaborar o parecer sobre a candidatura, – Herbert Olivecrona, – procedeu de forma enigmática. Reproduziu o núcleo fundamental da argumentação expendida por Hans Christian Jacobaeus a propósito das duas candidaturas anteriores de Egas Moniz. Em resumo, julgavam, um e outro, que o método da ventriculografia, de Walter Dandy, que permitia a visualização *in vivo* de alguns aspectos do encéfalo, era, além de anterior, superior ao método angiográfico de Egas Moniz, que permitia visualizar, também *in vivo*, a rede vascular do cérebro. Enganaram-se ambos. O método

angiográfico veio a revelar-se uma preciosa técnica de diagnóstico, adoptada em praticamente todo o mundo, enquanto a ventriculografia foi gradualmente abandonada. Curiosamente, Herbert Olivecrona não se pronunciou, então, sobre o tópico da leucotomia, apesar de tal tópico constar claramente, com já sublinhámos, das cartas de nomeação, em pé de igualdade com a Angiografia. Olivecrona, inexplicavelmente, não lhe fez referência.

O mesmo Herbert Olivecrona que, 12 anos depois (1949), incumbido, outra vez, de elaborar o parecer sobre a candidatura de Egas Moniz, o recomenda para o Prémio desse ano, (apesar de, na circunstância, voltar a reproduzir o argumento da superioridade da Ventriculografia de Walter Dandy).

Porém, no momento seguinte, quando a Assembleia Nobel homologou o parecer e a recomendação de Olivecrona, atribuindo o Prémio Nobel de 1949 a Egas Moniz, a assunção dessa responsabilidade passou a ser muito mais vastamente partilhada.

Responsabilizar apenas Egas Moniz, ou a Fundação Nobel, é *desfigurar* um processo que cruzou e ainda atravessa as comunidades científicas, des-historicizando (des-temporalizando) os fortes consensos estabelecidos, apesar das contestações igualmente significativas. Hoje, em diferentes termos e com diferentes meios, é ainda desse processo que estamos a falar.

Como nada do passado ou do presente está assente em termos definitivos, Egas Moniz é ciclicamente evocado, discutido, e a sua imagem apropriada por diferentes comunidades que tomam dele os aspectos que consideram mais positivos, obliterando os restantes.

A campanha pela revogação do Prémio Nobel de Egas Moniz veio recordar-nos que a natureza do passado histórico é eminentemente ideológica e está em permanente reelaboração. Por outro lado, veio ajudar-

nos a questionar o modo como inscrevemos Egas Moniz nas nossas memórias e nas nossas narrativas históricas.

Além do reforço do papel da ciência em todas as esferas da vida social, a emergência dos prémios Nobel contribuiu para a constituição de uma elite especial de cientistas, cuja influência se prolonga muito para além do campo científico. Há, com certeza, nas diversas reacções, uma percepção mais ou menos difusa de pertença projectada (através de Egas Moniz) nessa espécie de ultra-elite que referimos no início deste capítulo²⁹³.

A fragmentação da informação histórica e a compartimentação cultural entre grupos e comunidades de sentido, leva a que certas características de uma instituição ou de um conjunto de indivíduos, se mantenha desconhecido (de muitos) durante muito tempo.

Atente-se, p.ex, na relação de François Mitterrand com os franceses; de Alfredo da Silva com os trabalhadores da CUF, e posso juntar-lhes, na mesma medida, as relações de Egas Moniz com os portugueses que o veneram como reputado neurocientista, incontornável antepassado da neurologia em Portugal, fundador da escola portuguesa de angiografia, criador da *psicocirurgia*; ou com os que guardaram dele a imagem do intelectual que se bateu pela causa da Paz e pelas liberdades nos finais dos anos 40; ou com alguns dos fundadores da Sociedade Portuguesa de Psicanálise que o reconhecem como o introdutor da psicanálise em Portugal; ou como os que viam nele um político conservador, comprometido com o *sidonismo*, e navegando com mestria nas águas do Estado Novo; ou, finalmente, como os que tiveram um entendimento menos entusiástico das virtualidades terapêuticas da leucotomia pré-frontal.

²⁹³ Tal como mencionámos em nota anterior, aceitamos a designação da autora que sustenta tratar-se de uma elite seleccionada a partir de outras elites. ZUCKERMAN, Harriet, *Scientific elite. Nobel laureates in the United States*, New York, Free Press, 1977, p. 11.

Todos têm uma parte de razão. As memórias excessivamente fragmentadas que guardamos da história da ciência, da política e da cultura, dificultam-nos a tarefa de, a propósito desta ou de outras campanhas que muito provavelmente se seguirão, representarmos os lugares de Egas Moniz na história. A integração dessas visões dispersas tem sido problemática, apesar de alguns esforços feitos nesse sentido²⁹⁴.

É nesse sentido, também, que vai o nosso contributo.

²⁹⁴ Alguns dos esforços até hoje mais significativos consistem na publicação de trabalhos contemplando perspectivas críticas bem estruturadas. Ver, entre outros, «Egas Moniz em Livre Exame» PEREIRA, A. L. e PITA, J.R, (Org.), *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, Minerva, 2000 e “A cabeça entre as mãos” CASCAIS, António Fernando, “A cabeça entre as mãos: Egas Moniz, a Psicocirurgia e o Prémio Nobel” in Nunes, João Arriscado e Gonçalves, Maria Eduarda, [orgs.], *Enteados de Galileu? A semiperiferia no sistema mundial da ciência*, Porto, Afrontamento, 2001.

4. Ilusão biográfica e ideal historiográfico: a construção de Egas Moniz

A construção biográfica de Egas Moniz centra-se fundamentalmente, nas componentes eufóricas das suas realizações científicas. A respectiva síntese, directamente elaborada pelo próprio e seus próximos, foi plasmada nos 2º e 3º parágrafos dos “Estatutos da Fundação Egas Moniz”²⁹⁵

A partir de 1927, ano em que registou nos anais europeus da neurologia a primeira série de arteriografias relativamente bem sucedidas²⁹⁶, Egas Moniz conduz, com clareza e determinação, o apagamento e

²⁹⁵ Reprodução integral e comentários em MADAHIL, António Gomes da Rocha, *Instituição da “Fundação Egas Moniz” e da sua “Casa-Museu” em Avanca*, Separata do Arquivo do Distrito de Aveiro, Aveiro, Of. de Coimbra Editora, 1966, Vol. 32.

²⁹⁶ MONIZ, Egas, “L’encéphalographie artérielle son importance dans la localisation des tumeurs cérébrales” in *Revue Neurologique*, Paris, Juillet, 1927, volume de 1927, Tomo 2º, fasc. 1º, pp. 72-89.

minimização do lugar que a actividade política tivera na sua vida durante as duas décadas anteriores. Tenta, assim, desembaraçar-se da imagem forte que o seu protagonismo político inscrevera na história recente.

*Os homens passam, as conquistas científicas permanecem ou transformam-se. A história, que as arquiva, fará a sua crítica.*²⁹⁷

4.1. Construção biográfica: Ilusão e poder

Não está ao alcance de todos a tomada de uma decisão eficaz relativamente ao modo como se deveria ser recordado no futuro. É necessário trabalho empenhado, persistência, concordância e aceitação dos coevos, simpatia e sintonia dos contemporâneos. É necessário ser-se detentor do “poder biográfico”.

A auto-representação seleccionada para efeitos da construção da notoriedade e travejamento da (auto) biografia, nem sempre triunfa no conjunto das representações que os homens e as instituições vão produzindo acerca dos sujeitos históricos. Com Egas Moniz foi generalizadamente aceite que a faceta científica sobrelevasse as restantes. Os seus textos de carácter autobiográfico coincidem admiravelmente com os principais ensaios biográficos que foram sendo escritos acerca de Egas Moniz. Esta coincidência levanta alguns problemas.

²⁹⁷ É assim que Egas Moniz termina a sua “Última Lição”, na Faculdade de Medicina de Lisboa, em 29 de Novembro de 1944, acrescentando: “Sinto-me sombra a desvanecer-se nas gerações que se seguem. E agora, ao despedir-me, ousou rematar: esforcei-me por bem cumprir o meu dever” MONIZ, Egas, *A última lição*, Lisboa, Portugal, 1944, p. 37.



Fig. 23 - Estátua de Egas Moniz. Faculdade de Medicina de Lisboa²⁹⁸.

O primeiro, deriva de uma incorrespondência. Dela nos ocuparemos na parte seguinte deste capítulo (4.2. – O Político na sombra do cientista), destacando o jogo de conviências que se vieram a estabelecer contra a evidência documental.

O segundo problema coloca-se relativamente às actividades e pertenças que se encontram profusamente documentadas mas não foram assumidas por Egas Moniz nos seus escritos publicados, nem circunstanciadamente considerados nos ensaios biográficos que lhe foram sendo dedicados. Tratando-se de actividades e pertenças “fortes”, autênticos “marcadores civilizacionais” nalguns casos, assentir em continuar a contorná-

²⁹⁸ Estátua de Egas Moniz, da autoria de Euclides Vaz, erguida, em 1974, à entrada do Hospital Universitário, em Lisboa, por ocasião das comemorações do Centenário do seu nascimento.

los constitui uma perda grave de conhecimento acerca das ideias, atitudes e valores que ligavam Egas Moniz aos seus contextos.

No âmbito das suas “figurações”, deter-nos-emos nos casos da Maçonaria e do mundo dos duelos, na segunda parte, (4.3. Duelos e Maçonaria. *Noblesse oblige*) e, na terceira parte, salientaremos algumas das posições que ocupou no plano empresarial (4.4. Vida empresarial. A indesejabilidade de um perfil).

Após delimitação das incorrespondências, passaremos em revisão um dos exercícios de aproximação biográfica que Egas Moniz fez, tomando por émulo Santiago Ramón y Cajal (1852-1934). A homenagem com que formalmente Egas Moniz presenteia a memória de Cajal contém alguns exemplos da plasticidade com que se pode proceder a tais tipos de ajuste (4.5. A afinidade com Ramón y Cajal).

O inventário de incorrespondências e de manifestações de uma “pulsão biográfica” orientada para uma representação bem definida, conduz, por fim, a uma série de reflexões acerca da “construção biográfica” enquanto “construção da notoriedade”. Tipificando o que ficou dentro e fora dessa selecção de perfis, concluiremos (4.6. Os biografemas²⁹⁹ que ficaram) sugerindo que as constelações de características e qualidades atribuídas a Egas Moniz configuram uma filtragem de “biografemas” ao jeito da ideologia que enformava a visão heróica e elitista da história, expendida por Thomas Carlyle³⁰⁰. Entre o indivíduo “concreto” e o indivíduo “construído”,³⁰¹

²⁹⁹ Unidades biográficas elementares, na base das quais se compõe uma biografia, tal como na linguística estrutural se atribui a designação de fonema à menor unidade fonética articulável. Conceito elaborado por Roland Barthes, mencionado pela primeira vez no prefácio do seu livro *Sade, Fourier, Loyola* (BARTHES, Roland, *Sade, Fourier, Loyola*, Paris, Seuil, Collection “Points”, 1971, p. 12).

³⁰⁰ CARLYLE, Thomas, *On heroes, hero-worship and the heroic in history*, New York, Frederick A. Stokes and Brother, 1888.

³⁰¹ Acompanho aqui a crítica a que Pierre Bourdieu submeteu as noções correntes que apresentam as histórias de vida, biografias e autobiografias como narrativas de “trajectos” coerentes, homogéneos e harmoniosos, frequentemente estribados nas metáforas da viagem ou do caminho, com pontos de partida, de chegada, em que intencionalidades bem definidas e constantes orientam a progressão. BOURDIEU, Pierre, «L’illusion biographique» in *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, 62/63, pp. 69-72, Juin, 1986, p. 72.

revelam-se os traços identitários esquecidos ou obscurecidos. Ganha-se em conhecimento o que eventualmente se tem perdido em distanciamento heroizante.

4.2. O político na sombra do cientista³⁰²

Egas Moniz decidiu, a partir de meados dos anos 20, consagrar-se quase exclusivamente à investigação científica³⁰³. A partir dessa época, sustentou, em público, por diversas vezes, e deixou escrito que a sua passagem pela política se resumira a algo episódico³⁰⁴. O livro que publicou em 1919 tinha sugestivamente um título que poderia dar a entender isso mesmo – *Um ano de política*³⁰⁵.

Deputado pelo Partido Progressista desde 1900³⁰⁶, ligado a José Maria de Alpoim, que foi seu “padrinho” académico, em representação de José Luciano de Castro, na cerimónia de formatura universitária, Egas

³⁰² Expressão utilizada numa série de dois artigos em que discuti mais desenvolvidamente a ideia de não correspondência entre a versão que Moniz fornece acerca da sua “passagem pela política”, e a evidência do tempo e da intensidade com que se lhe consagrou. CORREIA, Manuel, “O político na sombra do cientista (1) – Considerações acerca da importância e do alcance de dois enigmas monizianos – o «periférico» e o «político»” in *VÉRTICE*, Lisboa, Setembro – Outubro, 2004, nº 119, pp. 57-74.

³⁰³ A carta de Egas Moniz para Berlim, em 1924, encomendando a Eduardo Coelho um exemplar de um Tratado de Radiologia, aponta nesse sentido. Cerca de três anos depois, Moniz apresenta publicamente os resultados das suas investigações conducentes à Arteriografia Cerebral. Tal proximidade temporal leva o destinatário da carta a intuir que, no momento da encomenda, Moniz já teria gizado o plano de investigação revelado mais tarde. COELHO, Eduardo, “A vida científica de Egas Moniz” in *Jornal do Médico*, Porto, 1950, Separata XV (373), p. 432-436.

³⁰⁴“(…) Terminada a minha missão como Presidente da Delegação Portuguesa à Conferência de Paz, em 1918, dei por concluída a actividade na vida política, recolhendo definitivamente à minha missão de professor e investigador.” MONIZ, Egas, *Confidências de um investigador científico*, Lisboa, Ática, 1949, p. 16. Noutra passagem, mais tarde, dá a entender que, tudo se resumia, em Lisboa, depois da implantação da República, a uma distribuição de empenhos “no Parlamento e na Cátedra.” MONIZ, Egas, *A nossa casa*, Lisboa, Paulino Ferreira, Filhos Lda, 1950, p. 370.

³⁰⁵ MONIZ, Egas, *Um ano de política*, Lisboa, Portugal - Brasil Lda, 1919.

³⁰⁶ *Diário da Câmara dos Senhores Deputados da Nação Portuguesa*, de 8 de Janeiro de 1900.

Moniz manteve-se na política activa, com raras intermitências, durante cerca de um quarto de século. Quanto à ideia de um “tempo político escasso”, poder-se-ia obter que a extensão temporal não tem de significar, forçosamente, um curriculum assinalável, separando a grandeza do período da intensidade da acção. Porém, no caso de Egas Moniz, a intensidade conjugou-se com a extensão, oferecendo um percurso acidentado, feito de numerosas mudanças, transições e rupturas.

Do meio legitimista, familiar e religioso, em que nasceu e foi iniciado nas primeiras letras, até à ida para a Universidade de Coimbra; do 1º mandato de deputado à Câmara dos Deputados, até à Dissidência Progressista, em que alinhou, de novo, com José Maria de Alpoim (1905); da aproximação aos republicanos até à Intentona da Biblioteca e ao Regicídio (1908); da Constituinte de 1910/11, à incompatibilização com os “Democráticos” de Afonso Costa e ao apoio velado à ditadura de Pimenta de Castro; e, finalmente, do apoio e envolvimento no *Sidonismo*, até ser afastado da presidência da Delegação Portuguesa à Conferência de Paz de Versailles, a extensão temporal e a intensidade do protagonismo, sobrepõem-se.

Nota-se que Egas Moniz, aqui e acolá, em conferências, colóquios e outros apontamentos, se mantém atento à política, comentando lateralmente acontecimentos, expendendo opiniões resguardadas pela abstracção. A propósito das *Psicoses Sociais*³⁰⁷, revelou o seu convencimento acerca do modo como funciona a sociedade; a pretexto de *A geração humana e as doutrinas de Exeter*³⁰⁸, condenou os “excessos” dos nazis na experimentação em humanos, sem deixar de preconizar medidas eugénicas, positivas e negativas, para enfrentar casos de infertilidade ou de reprodução indesejável.

Após a sua jubilação, em 1944, revelou publicamente a sua discordância com a ditadura. Absteve-se, em geral, de qualquer condenação

³⁰⁷ MONIZ, Egas, *Ao Lado da Medicina*, Lisboa, Bertrand, 1940, p. 9 – 37.

³⁰⁸ MONIZ, Egas, *Conferências Médicas*, Lisboa, Portugália Editora, 1945, 1º Volume, p. 9 – 64.

das políticas, em concreto. Mas denunciou a ausência de democracia e de liberdades, nomeadamente no decurso dos períodos eleitorais. Participou em movimentos cívicos, pela causa da Paz; foi convidado a candidatar-se à Presidência da República em 1951 (por morte do General Carmona); escreveu na imprensa, denunciando a falta de garantias para as oposições nos actos eleitorais³⁰⁹; e anotou, nos seus escritos íntimos, o seu desgosto pelo andamento geral da coisa pública³¹⁰.

Em síntese: Egas Moniz consagrou à política activa uma boa parte da sua vida. Ao longo de um quarto de século, interveio em momentos-chave, assumiu responsabilidades e sofreu as consequências das suas opções. Para reforçar a imagem de cientista bem sucedido, tentou minimizar a importância da sua prestação política. Numerosas memórias biográficas seguiram esta tónica. Os trabalhos da história revelam um resultado diferente³¹¹.

³⁰⁹ O jornal *República* (28/10/1953) titula na primeira página, sobre foto a duas colunas, ao centro: “Egas Moniz, Prémio Nobel, glória da nossa cultura, produz um depoimento esmagador contra a actual situação”. Depois vem a manchete: “A comédia vai repetir-se!” E, em seguida, o pós-título: “Eleições sem fiscalização da Oposição não merecem esse nome: são nomeações que poderiam ser feitas no Ministério do Interior – declara à “República” o eminente sábio de prestígio internacional.”

³¹⁰ “Nunca, desde que o ditador se instalou no poder, houve eleições. Uma burla a constituição da chamada Assembleia Nacional! Os recenseamentos são falsos, só se inscrevem os nomes daqueles que não podem fazer mal. Tocam a campanha das perseguições necessárias e não se admitem reclamações. Tudo é falso e porco; mas se algum protesta, cadeia ou então, com o epíteto de comunista descem aos centros dos campos de concentração desde Peniche à Ilha do Sal. Toda a resistência é inútil. Não há fiscalização de mesas eleitorais, aqueles que as constituem são da grei ditatorial. As operações de apuramento são exclusivamente feitas, por mandatários do partido que a apoia sem que qualquer pessoa prove existir fraude. Esta domina hoje tudo em Portugal!” - MONIZ, Egas, *Apontamentos a propósito do Prémio Nobel de 1949*, - Manuscrito policopiado datado de 30/11/1954, p.13-15. Ver *Anexos*, pp. 19 – 35.

³¹¹ Entre outros, Malheiro da Silva, na sua excelente análise sobre Sidónio Pais e o Sidonismo, conclui que Egas Moniz não teve apenas uma forte influência nesse período. Foi a figura central do PNR (formado com base no Partido Centrista de que Moniz fora o principal fundador), ouvido nas principais questões relacionadas com recrutamento político e preenchimento de cargos, e líder da maioria parlamentar. Pode ser considerado uma das figuras mais importantes do Sidonismo. - SILVA, Armando Malheiro da, *Sidónio e o Sidonismo. História de um caso político*, Coimbra, IUC, 2006, Vol. 2. p. 257 e seguintes.

4.3. Duelos e Maçonaria: *noblesse oblige*

Se, relativamente à política, Egas Moniz optou por dar a ideia de uma passagem fugaz, a sua reconhecida e documentada pertença ao mundo dos duelos, como forma aristocrática de resolver pendências de honra, tal como a sua iniciação na Maçonaria, são completamente omitidas nos seus textos de carácter autobiográfico. Fazemos-lhes aqui uma breve referência, em conjunto, não tanto por se tratar de instituições da mesma natureza, mas por configurarem alguns traços essenciais comuns no plano da construção biográfica.

Estamos, nos dois casos, perante uma pertença a instituições que representavam, na altura, a sobrevivência medieval de um modo privado de dirimir ofensas e injúrias à margem da ordem jurídica existente: uma, (a dos duelos); outra, (a Maçonaria), associação orientada para a extinção do absolutismo e expansão dos ideais da fraternidade, igualdade e instrução³¹². Pese embora a aparente contradição entre as duas, tem interesse sublinhar, neste ponto, a carácter secreto que revestiam. Apesar de, relativamente a ambas, existir evidência documental bastante³¹³, sublinhe-se que Egas Moniz não fez nenhuma menção a qualquer delas nos textos de carácter autobiográfico que publicou. Sem tentar apurar as motivações de tais

³¹² Ver, p.ex. a entrada sobre Portugal na *Encyclopédie de la Franc-Maçonnerie*, da autoria de Oliveira Marques e Alves Dias in AAVV, *Encyclopédie de La Franc-Maçonnerie*, Paris, LGF-Livre de Poche, La Pochotèque, 2002, p. 667-668.

³¹³ Relativamente à iniciação, em 1910, na Loja Simpatia e União do Grande Oriente Lusitano, ver CORREIA, Manuel, *Egas Moniz e o Prémio Nobel*, Coimbra, IUC, 2006, p.25. Quanto aos duelos, Moniz surge activamente associado a essa prática, em NORTON, José, *Norton de Matos. Biografia*, Lisboa, Bertrand, 2002, p. 176-178; assumindo os estatutos de “testemunha”, “conselheiro de arbitragem”, membro do “Tribunal de Honra”, em LEMOS, Mário Matos e, “O duelo em Portugal depois da implantação da República” in *Revista de História das Ideias, Rituais e Cerimonial*, Coimbra, Instituto de História e Teoria das Ideias, 1993, 15, pp. 580-592); e ao seu contínuo envolvimento, pelo menos até 1925, em SANTOS, José Ribeiro dos, “O último duelo que se travou em Lisboa” in *História*, Lisboa, O Jornal, 1981, Março, Nº 29, p. 5.

secretismos, o certo é que estas duas facetas biográficas, geralmente desvalorizadas na maioria dos testemunhos e ensaios de carácter biográfico, revelam dois aspectos marcantes do modo como Egas Moniz se relacionava com as instituições do seu tempo.

Enquanto a pertença à Franco-Maçonaria significava a selagem de um compromisso profundo com o núcleo duro dos republicanos, o apego aos códigos e rituais dos duelos da velha aristocracia, punha em relevo uma cultura política que não reconhecia, ainda, inteiramente, ao Estado, a exclusividade da administração da violência; aos tribunais a capacidade de julgar pendências de honra; e à lei o critério fundamental para a regulação dos conflitos mais graves.

Decorre daqui que o secretismo do próprio Moniz, e o apagamento ou relativização de que estes aspectos foram objecto nos ensaios biográficos que o têm seguido, apesar de compreensíveis à luz da contenção e reserva da nobreza aristocrática e cavalheiresca, operam uma dupla denegação historiográfica. Simplificam os termos da narrativa biográfica pactuando com os secretismos de conveniência e, em simultâneo, empobrecem a informação acerca de aspectos fundamentais acerca daquilo a que se costumava chamar a “mentalidade” da época.

António José de Almeida, entre outros líderes republicanos, assumiu posição de princípio contra a prática obsoleta dos duelos³¹⁴; Egas Moniz, que acompanhou por largo tempo nas andanças do Partido Evolucionista Republicano³¹⁵, não apenas se manteve activo no âmbito dos duelos, como, para além disso, era considerado um *expert* na matéria, chamado ao aconselhamento e julgamento prévio de várias pendências.

³¹⁴ Iniciativa secundada por outros parlamentares que tomou forma no Decreto de 1911 que visava substituir a prática dos duelos por “Tribunais de Honra”. LEMOS, Mário Matos e, 1993, Ob. Cit, p. 573.

³¹⁵ Tendo sido igualmente um dos seus fundadores em 1912.

4.4. Vida empresarial. A indesejabilidade de um perfil

O Egas Moniz empreendedor, gestor dos recursos que foi acumulando, com sentido de oportunidade e investidor diversificado tem escapado, em grande parte, à generalidade das narrativas biográficas. Mesmo quando lateralmente referidas, tem havido um consenso desvalorizador acerca das informações de carácter socioeconómico e financeiro que concorrem para uma avaliação comparativa a este nível. Mais uma vez, é duplamente compreensível que o próprio não se tenha referido a estes aspectos nos seus escritos (“modéstias” da nobreza aliadas ao cuidado da selecção biográfica), sendo que, tal como nos exemplos anteriormente aduzidos acerca da Franco-Maçonaria e do mundo dos duelos, o recorte historiográfico fica, também neste caso, duplamente amputado.

Não é despicienda, para a compreensão da inserção social de Egas Moniz, uma descrição, ainda que sucinta, dos seus rendimentos e interesses; nem é possível avaliar a consistência das numerosas narrativas biográficas sem o estabelecimento de um padrão mínimo a este respeito.

Aquém da exaustividade, assinalam-se algumas das fontes de rendimento de Egas Moniz, para além das que decorriam do património herdado. Professor Universitário (primeiro em Coimbra, depois em Lisboa); Director do Serviço de Neurologia do Hospital de Santa Marta; exercício da actividade médica em regime liberal, com consultório na cidade; médico da CP e, a partir de 1903, médico especialista da mesma empresa, até 1945, data em que foi aposentado; médico chefe do ramo vida da Companhia de Seguros Americana Mutual Life; accionista fundador, médico chefe do ramo vida e membro do Conselho de Administração da Companhia de Seguros A

Nacional; sócio fundador da Sociedade de Produtos Lácteos (Avanca), mais tarde adquirida pela Nestlé.

Para além de sabermos que Egas Moniz pertencia a um grupo social cujos rendimentos se situavam ao nível da alta burguesia, cujo orçamento era assegurado quer pelas funções públicas (Director de Serviços Hospitalares e Catedrático da Faculdade de Medicina), quer pelo exercício liberal da profissão médica, quer ainda, por avenças, prestação de serviços e investimentos vários, de que decorria também, por vezes, a assunção de responsabilidades gestonárias.

Este conjunto de constatações coloca-nos perante um Egas Moniz com interesses, empenhos e actividades diversificadas, remuneradoras quer do seu trabalho altamente qualificado, enquanto médico especialista, quer dos capitais investidos em quotas e acções; mostra-nos a influência do médico, e o modo como tirou partido do seu saber e da sua habilidade em sectores de actividade em que investiu conhecimentos técnico-científicos e capital.

Do conjunto mencionado, destacamos, por ter sido menos referida³¹⁶ na literatura biográfica acerca de Egas Moniz (e, mais uma vez, inteiramente omitida pelo próprio) a sua presença significativa no sector dos seguros, ramo vida.

Egas Moniz adquirira já experiência comprovada no ramo dos seguros de vida. Fora Médico Chefe da Companhia de Seguros Americana,

³¹⁶ Assinale-se, a título de exemplo, a referência que António Macieira Coelho faz à actividade empreendedora do seu familiar Egas Moniz: “*Poucos saberão ter sido ele a lançar em 1923 o surto inovador na sua região com a constituição da Sociedade de Produtos Lácteos, depois comprada pela Nestlé em 1934, também por sua iniciativa, e onde tinha razoável posição accionista. Também tentou estabelecer uma unidade bancária, o Banco Antuã, que teve vida curta por má escolha de associados e lhe causou grandes dissabores.*” COELHO, António Macieira, “Vivências na intimidade de Egas Moniz” in PEREIRA, Ana Leonor, e PITA, João Rui, (Org.), *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, Minerva, 2000 p. 58. Os dois exemplos de empreendedorismo conferidos, um a título de revelação (“poucos saberão...”), outro a título de tentativa mal sucedida (“Banco de Antuã”), prolongam a relativização da faceta empreendedora de Egas Moniz num equilíbrio de soma nula (sucesso versus insucesso), que mantém o traço empreendedor na periferia das características biográficas principais.

*Mutual Life*³¹⁷. O primeiro relatório³¹⁸ que assina, já como Médico Chefe da recém criada Companhia de Seguros *A Nacional*, revela um conhecimento abrangente da problemática dos seguros de vida e o acompanhamento internacional do que se fazia no sector. Delineia as precauções que a *A Nacional* deve tomar para que a actividade seja rendosa; explica o conjunto de critérios para a sobretaxa dos “prémios” de acordo com os diagnósticos e outras estimativas acerca da longevidade dos potenciais clientes da seguradora. Esta actividade em que os saberes da medicina se constituem em técnica auxiliar de uma indústria determinada, aproxima-nos um pouco mais do “ser social” de Moniz. A sua mundividência incluía forçosamente um olhar sobre a vida em que a respectiva durabilidade podia ser objecto de um interesse particular.

A sua actividade e ligações empresariais tinham consequências políticas à esquerda. O Secretariado do Comité Central do PCP, por exemplo, na sequência da “farsa eleitoral” de 1951, condena a “veleidade” dos que alvitram o seu nome para candidato da Oposição Democrática, apontando-lhe, além do seu passado político ligado à 1ª República, e o seu alinhamento “Atlântico”,

(...) o seu antisovietismo e as suas ligações capitalistas com grandes trusts estrangeiros dominados pelo capital norte-americano (Nestlé - Alimentana) e a sua participação activa em importantes empresas capitalistas nacionais (Seguro Vitalícia, Seguro A Nacional, Empresa Agrícola de Catanhede, etc.) e que via somente no prestígio científico do Dr. Egas Moniz (como 1º Prémio Nobel do nosso país) razão

³¹⁷ Agradeço ao Dr. Armando Caeiro as preciosas indicações e conselhos nesta matéria. CAEIRO, Armando, “Elementos sobre a história do Seguro de Vida em Portugal”, in *APS Notícias – Boletim Trimestral da Associação Portuguesa de Seguradores*, Lisboa, Abril - Junho, 2003, nº1.

³¹⁸ AAVV, *Companhia de Seguros A Nacional: Relatório do Conselho de Administração. Parecer do Conselho Fiscal e Relatórios do Director e do Médico Chefe*, Lisboa, Casa Portuguesa, 1907.

*suficiente para fazer dele um candidato democrata à Presidência da República*³¹⁹

A atitude, perfeitamente legitimada no quadro dos valores que enformavam o impulso empreendedor, a criação de riqueza, a exploração de oportunidades, a livre empresa e o mercado, pareciam, contudo, menos interessantes à luz da separação cultural entre materialismo e espiritualismo que colocava os homens de ciência de um dos lados dessa trincheira imaginária.

4.5. A afinidade com Ramón y Cajal

No final dos anos 40, Egas Moniz começou a escrever acerca de Santiago Ramón y Cajal³²⁰. O facto causa alguma estranheza, pois a empatia com que se lhe refere, brota subitamente, cerca de ½ século após o triunfo do novo paradigma neuronal. Não há notícia de lhe ter consagrado qualquer texto em qualquer das oportunidades celebratórias em que Cajal foi objecto da atenção de cientistas portugueses.

³¹⁹ E a nota prossegue: “(...) esses democratas ignoravam, por exemplo, que o Prof. Egas Moniz, quando era Presidente da Comissão Nacional para a Defesa da Paz, considerou o Pacto do Atlântico útil e se recusou a assinar o apelo contra o emprego das armas atómicas ou a tomar qualquer atitude pública em defesa da Paz.” Partido Comunista Português, *O Partido e as últimas “eleições” Presidenciais*, Secretariado do Comité Central do Partido Comunista Português, Editorial Avante, 1952, p. 2.

³²⁰ Egas Moniz faz-lhe uma curta, mas destacada referência em “A última lição” MONIZ, Egas, *A última lição*, Lisboa, Portugalia, 1944, p. 24, enumerando “A histologia do sistema nervoso” entre os “subsídios encontrados em duas obras fundamentais”, a par de “A anatomia do sistema nervoso dos vertebrados” de Kappers, Huber e Crosby.

As duas peças mais significativas dessa aproximação simbólica datam de 1948³²¹. Egas Moniz expõe a doutrina de Cajal, atribuindo-lhe uma influência determinante das condições teóricas em que decorreram as suas investigações relativamente à leucotomia pré-frontal.

Nas conferências em que Egas Moniz chama Cajal para tema central, objecto de homenagem e émulo, as afinidades que detecta excluem dois vivíssimos traços da personalidade de Cajal, enfatizando outros tantos em que se revê. A base da sua informação acerca da biografia de Cajal é sobretudo o livro *Recuerdos de mi vida*³²², passando ao largo de *El Mundo visto a los 80 años*³²³ e de outros escritos e factos emblemáticos³²⁴.

Os propósitos centrais de Egas Moniz visam pôr em evidência o quanto se assemelham os dois “sábios peninsulares”, – ele próprio e Cajal, na ocorrência – pela capacidade indómita de vencer obstáculos e realizar obras de talento em circunstâncias desfavoráveis; pelos traços de carácter e de personalidade comuns; e pela forma como a obra de Egas Moniz (sobretudo a *leucotomia pré-frontal*) dependendo das teorias de Cajal, as (re)compensou do benefício delas colhido, reforçando-as, em contrapartida.

Sem a doutrina do neurónio e do muito que se tem produzido em torno da ideia inicial, tanto no campo morfológico, como no experimental, eu não teria realizado a leucotomia prefrontal que colaboradores estrangeiros divulgaram, criando novas técnicas operatórias e orientando a intervenção na escolha dos doentes com psicoses mais acessíveis à nova terapêutica cirúrgica.

E a continuar a contar-se por centenas as curas e melhoras, também poderei dizer que a leucotomia cerebral veio, por sua vez, em defesa

³²¹ Trata-se de duas conferências proferidas na Academia de Ciências de Lisboa a que acrescentou, ao publicá-las no volume III das “Conferências Médicas e Literárias”, um posfácio assinalando a sua nova condição de galardoado com o Prémio Nobel. MONIZ, Egas, *Conferências Médicas e Literárias III, Ramon y Cajal*, Lisboa, Portugália Editora, 1950, p. 93-107.

³²² CAJAL, Santiago Ramón y, *Mi infancia y juventud*, Buenos Aires, Espasa-Calpe, 1952.

³²³ CAJAL, Santiago Ramón y, *El mundo visto a los 80 años. Impresiones de un arterioesclerótico*, Madrid, Tipografía Artística, 1934.

³²⁴ Alude-se aqui o facto de Cajal ser membro correspondente da Academia de Ciências de Lisboa desde 1897, (ainda na sua forma histórica de Academia Real de Ciências). Retomaremos mais adiante alguns pormenores que se prendem com a omissão deste facto.

da doutrina que, há 60 anos, Ramon y Cajal proclamou pela primeira vez.

*Nesta troca de serviços eu fui o grande beneficiado. Pelo meu lado apenas ofereço um argumento a mais, a favor do que, há muito, julgo demonstrado.*³²⁵

Egas Moniz profere a sua primeira conferência sobre Cajal quando vai completar 74 anos, mas não toma Cajal como émulo quando se trata da partilha de fraquezas próprias.

Não teria surpreendido se Egas Moniz, insigne membro da Academia de Ciências de Lisboa, – e seu Presidente, anos a fio³²⁶ – tivesse, pelo menos, aludido que Santiago Ramón y Cajal fora também eleito seu sócio correspondente em 4 de Março de 1897³²⁷.

A influência de Cajal exercera-se também desse modo, atestada pelo parecer abonatório assinado, entre outros, por Carlos May Figueira, José Joaquim da Silva Amado e Virgílio César de Oliveira Machado, que fundamentam assim a eleição de Cajal para sócio correspondente da então Academia Real de Ciências:

*O sábio catedrático que é hoje um dos primeiros, senão o principal, na plêiade dos mais egrégios neurohistologistas contemporâneos, veio, com as suas numerosas e importantíssimas investigações sobre a fina estrutura dos elementos nervosos, fazer uma completa revolução neste complexo e até aqui tão imperfeito capítulo da histologia.*³²⁸

³²⁵ MONIZ, Egas, *Conferências Médicas e Literárias III, Ramon y Cajal*, Lisboa, Portugalíia Editora, 1950, p. 92.

³²⁶ Egas Moniz, Académico Correspondente da Academia de Ciências de Lisboa desde 1916, foi nomeado sócio efectivo em 1923, tendo sido eleito Presidente Lisboa em 1928, 1932 e 1940; Presidente da Classe das Ciências em 1940, 1947, 1948, 1950, 1951 e 1952; e Vice - Presidente da Classe das Ciências em 1930, 1931, 1939, 1952, 1953, 1954 e 1955.

³²⁷ O elogio da teoria do neurónio que sobressai do texto do “Parecer da Secção de Ciências” que fundamenta a proposta de Ramón y Cajal para membro da Academia é, com certeza, a par do opúsculo “Os neurones e a vida psíquica” - BOMBARDA, Miguel, *Os neurones e a vida psíquica*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1897, - uma das primeiras revelações da influência exercida pelos trabalhos de Cajal no meio científico português. (Arquivo da Biblioteca da Academia de Ciências de Lisboa, Processo N° 1693.)

³²⁸ *Parecer da Secção de Ciências Médicas da Academia Real de Ciências sobre os trabalhos do Sñr. D. Santiago Ramón y Cajal, Professor numerário de Histologia e Anatomia Patológica da*

As páginas seguintes³²⁹ testemunham um conhecimento aprofundado dos métodos e das teses de Cajal, e uma adesão entusiasta à teoria do neurónio. Esta presença institucional de Cajal, ela própria traço biográfico com interesse para o relacionamento cultural e científico de âmbito peninsular, ficou também na penumbra.

Egas Moniz, por não a achar relevante ou, pura e simplesmente, por ela não lhe ter ocorrido, omite-a.

Egas Moniz (o “sábio peninsular” sobrevivente) glorifica Cajal (o “sábio peninsular” já desaparecido) para o engrandecimento de ambos, e a procura de um certo equilíbrio entre o *deve* e o *haver* das trocas com o principal autor do paradigma teórico à sombra do qual diz ter trabalhado, mas que, segundo ele, acabou por compensar, já que o sucesso da *leucotomia préfrontal* teria vindo contribuir, de certo modo, para o reforço da nova doutrina.

Não tendo, noutras oportunidades celebratórias, assinado qualquer texto conhecido para homenagear Cajal³³⁰, declarando, no entanto, a sua adesão, desde o início, à teoria do neurónio; nem tendo, como muitos dos seus contemporâneos, uma colecção de episódios de proximidade cuja descrição é geralmente utilizada para compor ou completar a impressão desprovida do que nos textos perpassa da personalidade e do carácter dos autores, Egas Moniz optou por um levantamento sistemático da história de vida de Cajal, coligindo a informação relevante para a composição de um

Universidade de Madrid, Arquivo da Biblioteca da Academia de Ciências de Lisboa, Processo 1693.

³²⁹ O manuscrito tem dez páginas, descontada a folha de rosto e está apenso ao Processo de Santiago Ramón y Cajal, referido anteriormente.

³³⁰ Tal como recordámos anteriormente, não se conhece nenhum texto de Moniz aquando da morte de Ramón y Cajal, em 1934, nem tampouco em 1941, quando foi assinalado o cinquentenário do Neurónio.

auto-retrato em que se irmanava a Cajal, numa espécie de cotejo *post factum*, da mesma ordem do que Bocage endereçou a Camões, num soneto célebre³³¹.

Com excepção do seu livro *Um ano de política*³³², que veio a lume em 1919, e em que, para além do registo predominantemente autobiográfico, tomava posição, justificando-se, demarcando-se e respondendo indirectamente a algumas das acusações que contra si então pendiam, Egas Moniz só retomou, a fundo, essa preocupação, no texto consagrador da sua *Última lição*³³³. Ademais, as duas obras fundamentais de carácter autobiográfico, foram escritas em 1949³³⁴ e em 1950³³⁵.

Tal circunstância colocou a Egas Moniz um exigente trabalho de memória. Aí, Egas Moniz apoia-se, por vezes, em documentação da época, imprimindo verosimilhança histórica aos seus enunciados; noutros casos, fala dele próprio a pretexto da navegação à vista que faz de outras figuras, acontecimentos e ideias. Num caso e noutro, a estratégia discursiva é a de legar a melhor versão, reconstruindo a sua imagem, de modo a sublinhar nela os traços susceptíveis de consolidar e avivar a notoriedade científica³³⁶.

Esta aplicação sistemática de Egas Moniz ganha em compreensibilidade se a acompanharmos da necessária pressão de *lobby* de que se ocupou desde 1927 com o intuito de ser nomeado e ganhar o Prémio Nobel³³⁷.

³³¹ “Camões, grande Camões, quão semelhante / acho o teu fado ao meu, quando os cotejo! / Igual causa nos fez, perdendo o Tejo, / arrostar c’o sacrílego gigante.” BOCAGE, M. M. Barbosa du, *Obra Completa*, Porto, Edições Caixotim, 2004, *Volume I. Sonetos*, p. 199.

³³² MONIZ, Egas, *Um ano de política*, Lisboa, Portugal - Brasil Lda, 1919.

³³³ MONIZ, Egas, *A última lição*, Lisboa, Portugália, 1944.

³³⁴ MONIZ, Egas, *Confidências de um investigador científico*, Lisboa, Ática, 1949. (Publicado antes da atribuição do Prémio Nobel que viria a ocorrer no final desse ano).

³³⁵ MONIZ, Egas, *A nossa casa*, Lisboa, Paulino Ferreira, Filhos Lda, 1950.

³³⁶ Ver acerca da construção da notoriedade em Egas Moniz, CORREIA, Manuel, “O político na sombra do cientista (1) – Considerações acerca da importância e do alcance de dois enigmas monizianos – o «periférico» e o «político»” in *VÉRTICE*, Lisboa, Setembro – Outubro, 2004, nº 119, p. 57-74.

³³⁷ Recorde-se que Egas Moniz foi nomeado para o Prémio Nobel por cinco vezes (1928, 1933, 1937, 1944 e 1949), tendo-o conseguido da última vez, *ex-aequo* com Walter Rudolf Hess (1881-1973) da Universidade de Zurich. CORREIA, Manuel, *Egas Moniz e o Prémio Nobel*, Coimbra, IUC, 2006.

Outros leitores atentos da obra *moniziana* têm reparado nessa determinação, directa e conspícua, com que o *Sábio de Avanca* modelava as auto-representações.

É certo que Egas Moniz parece ter esculpido cuidadosamente a imagem que de si pretendeu legar à posteridade. É por isso que a sua autobiografia publicada em 1949, antes da concessão do Prémio Nobel, embora contenha informação indispensável para a compreensão da génese das suas duas contribuições científicas principais, sofre do tom algo excessivo do panegírico ao herói solitário, vencedor de uma luta titânica contra tudo e contra todos³³⁸.

Desconte-se à modalização hiperbólica – “contra tudo e contra todos” – o gesto de reconhecimento que Egas Moniz faz na direcção de Ramón y Cajal. Tardio, talvez; incompleto, decerto; deixando na sombra alguns aspectos fundamentais da atitude de Cajal em relação à cultura (às polémicas e à capacidade de reconhecer as fragilidades do envelhecimento), sem dúvida. De qualquer maneira, um gesto envolvente, em busca de uma afinidade possível, num território de emulação bem demarcado.

Uma influência que, colocada tal como Egas Moniz a descreve, engrandece, praticamente por igual, homenageado e homenageador.

4.6. Os biografemas que ficaram

Compulsadas as incorrespondências (graus de extensão e intensidade da vida política; pertença à Franco-Maçonaria e ao mundo dos duelos; interesse particular na indústria seguradora) e observada a acoplagem

³³⁸ ANTUNES, João Lobo, “Egas Moniz – uma palavra sobre o Outro” in *1911-1999. O ensino médico em Lisboa no início do Século. Sete artistas contemporâneos evocam a geração de 1911*, Catálogo da Exposição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1999, p. 85.

virtual com Ramón y Cajal, perfilam-se alguns aspectos marcantes das relações que Egas Moniz cultivou e manteve longamente, apesar de ter preferido desvalorizá-los.

A exclusão parcial da política (por desvalorização), e a erradicação de quaisquer vestígios da pertença à Franco-Maçonaria, ao mundo dos duelos e à indústria seguradora, põem em destaque uma série de biografemas que foram considerados irrelevantes ou incompatíveis com a versão desejada por Egas Moniz e por boa parte dos seus biógrafos, promovendo as acções necessárias ao vencimento da representação forte do homem de ciência.

Os textos de carácter (auto) biográfico; os trabalhos jornalísticos que o tomam por objecto (artigos, reportagens, entrevistas e efemérides); a publicidade farmacêutica a que associou a sua imagem³³⁹; as emissões filatélicas; as distinções públicas (entre as quais avulta o Prémio Nobel) e as indicações estritas e pormenorizadas que deu com vista à criação da Fundação com o seu nome e da Casa Museu de Avanca, atestam de um preciso e determinado exercício do “poder biográfico”.

A menorização da dimensão política, tal como a exclusão da condição maçónica e duelística, são exemplo dos biografemas inadequados que complicariam a imagem forte do cientista, numa extracção heróica ao jeito da teoria dos Grandes Homens, na versão de Carlyle³⁴⁰. Em contrapartida, a homenagem (próxima de um registo de *self-homage*) a Cajal,

³³⁹ Ver a este respeito PEREIRA, Ana Leonor, e PITA, João Rui, (coord.), “Egas Moniz e a publicidade medicamentosa (1)” in *Jornalismo e Ciências da Saúde – Actas do II Congresso Luso-Brasileiro de Estudos Jornalísticos e do IV Congresso Luso Galego de Estudos Jornalísticos*, Porto, Universidade Fernando Pessoa, 2005, (CD), p. 401-406; ver também CORREIA, Manuel, “Egas Moniz. Imagens e representações” in *Estudos do Século XX*, Coimbra, Ariadne Editora, 2005, nº 5, p. 65-82.

³⁴⁰ “For, as I take it, Universal History, the history of what man has accomplished in this world, is at bottom the History of the Great Men who have worked here. They were the leaders of men, these great ones: the modellers, patterns, and in a wide sense creators, of whatsoever the general mass of men contrived to do or to attain; all things that we see standing accomplished in the world are properly the outer material result, the practical realization and embodiment, of Thoughts that dwell in the Great Men sent into the world: the soul of the whole world's history, it may justly be considered, were the history of these.” CARLYLE, Thomas, *On heroes, hero-worship and the heroic in history*, New York, Frederick A. Stokes and Brother, 1888, p. 1-2.

constitui o biografema que se inclui, devido não apenas à sua adequação, mas também ao reforço que decorre da identificação com outro cientista também nobelizado.

Os biografemas que ficaram, apontam celebratoriamente para o cientista, mais do que para os aspectos polémicos das suas contribuições; para o neurologista, mais do que para o político experiente que viveu sob três regimes políticos; para o médico, mais do que para o homem empreendedor, criativo e estratega.

São estes biografemas, que ficaram de fora, que devolvem Egas Moniz à história, repondo em jogo as múltiplas ligações, os laços, as recusas e as rupturas que tornam mais verosímil um ser no tempo.

Wishart resume num breve parágrafo uma observação que pode ser tomada como um programa historiográfico:

*The way to judge whether a particular account succeeds, relative to others, is to go back to the evidence (hence the need for footnotes) to see if the facts can be considered accurate and then to assess how fairly, coherently and convincingly those facts are used in the narrative. Attention should be paid to which facts are left out of the narrative.*³⁴¹

O método historiográfico apresenta-se, neste caso, como uma espécie de contra-poder, escrutinador do exercício do “poder biográfico”. Ao focar a tensão entre o ser “concreto” e o indivíduo “construído”, projecta a análise para fora do círculo que as narrativas biográficas estabelecem. Do limbo dos Grandes Homens para o tempo de todos os homens.

Partindo do princípio que a pertença ao mundo e à prática dos duelos implicava uma concepção restritiva da autoridade do Estado, do

³⁴¹ WISHART, David, “The selectivity of historical representations” in *Journal of Historical Geography*, 1997, 23, 2, p. 111-118, p. 116.

acatamento dos acórdãos emitidos pelas instâncias judiciais e, mais genericamente, do reconhecimento do “império da lei”, podemos compreender a homologia axiomática que se estabelece com as suas ideias acerca do que deveria ser regulação ideal em matéria de eugenismo.

As duas atitudes parecem conformar-se num fundo de privilégio: o médico acima da lei por deter um poder particular; porque em posição mais elevada; porque, – e Moniz não cessa de citar Tardieu a este respeito³⁴² – *Le ministère sacré du médecin, en l’obligeant à tout voir, lui permet aussi de tout dire.*

O Egas Moniz dos duelos torna mais coerente o Egas Moniz da regulação eugénica. O fechamento da representação celebratória, quase exclusivamente devotada ao Moniz nobelizado, adia o conhecimento de Egas Moniz no seu labirinto.

4.7. Um exemplo do exercício do poder biográfico

Os trabalhos de carácter biográfico acusam sempre um sobressalto narcísico. Quando alguém se ocupa da vida de outrém, sente-se obrigado a revelar as suas motivações. Há as razões institucionais, ligadas ao projecto que nos acolheu; somam-se, às primeiras, as razões de enquadramento cultural e historiográfico, posto que o autor em análise, – Egas Moniz, – é incontornável a muitos títulos, quer para a história da ciência, quer para a história social, política e cultural, mas todas estas razões, expressas e óbvias, correspondem apenas àquilo a que a sociologia estrutural-

³⁴² Pelo menos em três das obras anteriormente citadas (*A Vida Sexual, O Conflito Sexual, e Confidências de um Investigador Científico*).

funcionalista chamou "funções manifestas", tendo importado este par de conceitos directamente da psicanálise³⁴³.

De facto, os excursos biográficos repartem entre biógrafo e biografado a notoriedade resultante, sendo que, em boa medida, o biógrafo vai frequentemente à boleia do carisma do biografado. Nesse sentido, poderemos admitir que a “função latente” do discurso acerca de outrem se destina, tudo ponderado, a engrandecer um às expensas do outro ou, pelo menos, a reforçar a identidade de um com o conhecimento que se adquire e arvora acerca do outro.

Egas Moniz ilustrou este jogo biográfico tomando por objecto figuras da ciência e das humanidades, próximos e afastados. Dos 34 ensaios de carácter biográfico que recenseámos, publicados entre 1924 e 1955, escolhemos os primeiros três, consagrados, respectivamente, a Júlio Dinis³⁴⁴, ao Abade de Faria³⁴⁵, e a Camilo Castelo Branco³⁴⁶, publicados em 1924, o 1º, e, em 1925, os outros dois.

Esta abordagem isola uma das componentes de “poder biográfico”, que consiste na selecção e elaboração de versões acerca dos biografados, (perfis e desempenhos), implicando diferenças e semelhanças relativamente a quem assume o lugar do biógrafo. Coloca-se, neste caso, a questão de saber em que medida o género biográfico contribui para consolidar a identidade do biógrafo às expensas da notoriedade do biografado, criando na narrativa biográfica um espaço, mais ou menos pronunciado, para afirmar a identidade do biógrafo, expressa ou implicitamente.

³⁴³ Pela pena do próprio Merton: “... I have adapted the terms “manifest” and ‘latent’ from their use in another context by Freud...” in MERTON, Robert K, *Social Theory and Social Structure*, New York, Free Press, 1957, p. 62.

³⁴⁴ MONIZ, Egas, *Júlio Dinis e a sua obra*, Porto, Livraria Civilização, 1946.

³⁴⁵ MONIZ, Egas, *O Abade Faria na história do Hipnotismo*. Conferência de Lisboa. Ampliada e dividida em capítulos. Publicação da Faculdade de Medicina. I Volume, Lisboa, 1925. Edição Facsimilada da Editorial Vega, Lisboa, S/D.

³⁴⁶ MONIZ, Egas, “A Necrofilia de Camilo Castelo Branco” in SAAVEDRA MACHADO (Coord.), *In Memoriam de Camillo*, Lisboa, Casa Ventura Abrantes, 1925.

O conceito de “poder biográfico” é aqui trabalhado como descritor das operações, pressupostos e estratégias que explicam a capacidade de influenciar, condicionar ou persuadir coetâneos, contemporâneos e vindouros, ao fornecer uma perspectiva, uma versão ou um padrão interpretativo centrados na vida, na biografia e na importância assumida por quem exerce esse poder. Quer quando fala de si próprio, quer quando fala de outro(s), o enunciador procede a uma significativa selecção de biografemas³⁴⁷. A análise comparativa entre biografemas adoptados e biografemas omitidos fornece indicações acerca do sentido que assistiu à selecção.

No caso particular do lugar do biógrafo, o inquérito abrange também as referências expressas e implícitas a si próprio (biógrafo), e ao valor acrescentado que a nota biográfica representa. Logicamente, quanto menos se fala de quem formalmente nos propomos falar, mais de outros e de nós próprios falamos. Chegamos, assim, à prova de consistência biográfica, isto é, ao valor latente do lance biográfico.

Independentemente de terem ou não sido explicitadas as razões da selecção do biografado, há sempre um par de evidências que nos deixam catalogar o interesse do biógrafo. Depois, a leitura pode revelar motivos cuja articulação diverge dos propósitos expressos. Finalmente, feito o balanço, pode concluir-se quais as matérias em que o biógrafo mais investiu, que novas revelações trouxe, que conclusões tira ou sugere.

Se adaptarmos a proposição atribuída a Newton de que se vemos mais longe é porque nos pusémos aos ombros de gigantes, – para significar, entre outras coisas, que cada um de nós não parte do zero no conhecimento do mundo, tomando o benefício do muito que antes de nós, foi

³⁴⁷ Unidades biográficas elementares, na base das quais se compõe uma biografia, tal como na linguística estrutural se atribui a designação de fonema à menor unidade fonética articulável. Conceito elaborado por Roland Barthes, mencionado pela primeira vez no prefácio do seu livro *Sade, Fourier, Loyola*. BARTHES, Roland, *Sade, Fourier, Loyola*, Paris, Seuil, Collection “Points”, 1971, p. 12.

feito, – podemos ver, quase sempre, em cada biógrafo, um anão às cavalitas do biografado. A imagem é redutora mas incorpora a hipótese central deste conjunto de reflexões. Abordamos um autor com o intuito de conhecer melhor as suas contribuições, para, de algum modo, as julgarmos, e para tomar lugar nesse novo espaço de significação que se afirma com base no novo texto.

Tomaremos, pois, três ensaios de carácter biográfico que Egas Moniz escreveu sobre outras tantas figuras. Primeiro, o texto acerca do Abade Faria (*O Abade Faria Na História Do Hipnotismo*), que Egas Moniz enaltece pelo papel que teve na história do hipnotismo; depois, Júlio Dinis (*Júlio Dinis E A Sua Obra*), objecto do mais volumoso ensaio que escreveu no género; e, finalmente, Camilo Castelo Branco (*A Necrofilia De Camilo Castelo Branco*), a quem Egas Moniz dedica, desde a 6ª edição de *A Vida Sexual* (Lisboa, 1923, p. 393), um exercício de questionamento acerca de alegados traços de necrofilia, para depois, quer em *A Vida Sexual*, quer nesta sua contribuição para a obra colectiva *In Memoriam de Camillo*, – comemorativa do centenário do nascimento do autor do Amor de Perdição – concluir que não é (bem) disso que se trata.

É por esta altura (meados dos anos 20) que Egas Moniz deixa de publicar quaisquer textos sobre sexualidade e psicanálise, contrariando, inclusivamente, um projecto que consistia em trazer a público uma obra de maior fôlego acerca dessas matérias³⁴⁸.

A alguns dos capítulos do nosso trabalho damos maior desenvolvimento na presente edição, esperando completá-los, em

³⁴⁸ Faz referência expressa a esse plano na 10ª edição de *A Vida Sexual*, em 1931. A crer nos propósitos do editor, o projecto já estaria bastante adiantado: “Esperamos agora do Sr. Professor Egas Moniz o cumprimento de uma promessa que nos foi feita e para a qual, sabêmo-lo bem, tem amealhado muito material. É indispensável que o brilhante clínico complete esta série de estudos com o anunciado volume *O Complexo Sexual*.” Advertência do Editor in MONIZ, Egas, *A Vida Sexual*, Lisboa, Casa Ventura Abrantes, 1932.

*breve, com um volume que trazemos entre mãos sobre o Complexo Sexual que é, por assim dizer, o estudo filosófico e clínico da sexualidade que a escola de Sigmund Freud, de Viena, veio tão profundamente modificar*³⁴⁹.

A manutenção do um tal projecto até, pelo menos, ao início dos anos 30, exclui a explicação geralmente adiantada para Egas Moniz ter “abandonado” a produção científica neste terreno. O facto de se ter concentrado, com êxito, no aperfeiçoamento do método arteriográfico, – que viria a conduzir à Angiografia Cerebral, divulgada internacionalmente a partir de Junho de 1927, – não obstou a que prosseguisse, ao que o próprio afirma, na preparação de uma obra cujo sentido geral nos é revelado. Seria, segundo o próprio autor, o desenvolvimento das teses condensadas em *O Conflito Sexual*³⁵⁰. O abandono do projecto que consistiria na publicação da obra tão prometida pelo autor como esperada pelo editor, dá-se, pois, no período de gestação da *psicocirurgia*, cuja investigação experimental se inicia em finais de 1935, e não antes. É depois de se entregar à conceptualização da *psicocirurgia*, e iniciar a primeira série de leucotomias pré-frontais, que Egas Moniz, sem qualquer justificação conhecida, abandona o projecto que consistiria no aprofundamento de abordagens anteriores relativas à perspectiva psicanalítica da sexualidade.

Em todo o caso, e para efeitos de articulação entre psicanálise, biografia, psicografia e autobiografia, a invocação do saber psicanalítico concorre para o reforço do “poder biográfico”. Destina-se a descortinar nas manifestações da sexualidade do biografado um perfil explicativo das suas

³⁴⁹ MONIZ, Egas, Ob. Cit, pp. XX e XI. Em pé de página, Moniz acrescenta que “(...) o Conflito Sexual – que corre impresso e que é uma condensação do trabalho de maior fôlego que pretendemos dar à estampa.”

³⁵⁰ MONIZ, Egas, “O Conflito Sexual” in *Portugal Médico*, nº 9, 1921, pp. 385-401 (3ª série das antigas revistas *Gazeta dos Hospitais e Vida Médica*, Ano 14º).

orientações, opções e destinos, à imagem do modelo de análise aplicado no ensaio de Freud sobre Leonardo da Vinci³⁵¹.

Relativamente ao partido que Egas Moniz poderia ter tirado desse valor acrescentado que os saberes da psicanálise conferem ao poder biográfico, podemos concluir que se ficou pelo princípio. É precisamente na fase em que inicia a produção de notas de carácter biográfico que abandona o modelo de análise desenvolvido por Freud.

4.8. O Abade Faria: hipnotismo, ciência, psiquiatria e poder

O interesse de Egas Moniz pelo hipnotismo mantém-se praticamente inalterado desde que lhe dedicou um primeiro escrito, em 1914,³⁵² até, pelo menos, 1945, quando é convidado a discursar na cerimónia de homenagem ao Abade Faria na Sociedade de Geografia de Lisboa³⁵³. Pelo meio, em 1925, Egas Moniz dá à estampa um estudo predominantemente biográfico acerca do Abade Faria (1756-1818), – *O Abade Faria na história do Hipnotismo*³⁵⁴.

O hipnotismo (o sonambulismo ou sono lúcido, como lhe chamou o Abade Faria) constituía, ao tempo, um fenómeno na fronteira dos

³⁵¹ FREUD, Sigmund, *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci*, Lisboa, Relógio d'Água, 2007.

³⁵² MONIZ, Egas, «As novas ideias sobre o Hipnotismo. Aspectos médico-legais». *Revista da Universidade de Coimbra*, Vol. III, nº 4, Separata de 14 pp, Lisboa, 1914.

³⁵³ MONIZ, Egas, “O Abade Faria e o hipnotismo científico”. Oração proferida na sessão solene de homenagem ao Abade Faria in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Série LXIII, fasc. 5-6, p. 191-197, Lisboa, 1945.

³⁵⁴ MONIZ, Egas, *O Abade Faria na história do Hipnotismo*, Conferência de Lisboa, ampliada e dividida em capítulos. Publicação da Faculdade de Medicina. I Volume, Lisboa, 1925, cujo texto consultámos na edição anteriormente referida.

saberes místicos, (incluindo as correntes espíritas), com os conhecimentos médicos e científicos. Fora objecto de várias obras orientadas para a descrição e racionalizada da sua origem e efeitos. Lombroso (que Moniz lia e citava) dedicou a este assunto uma série de observações reunidas num volume publicado em 1911. Aí analisou as correlações entre as práticas espíritas e o fenómeno hipnótico, sem, no entanto, eliminar radicalmente os postulados do magnetismo *messmeriano*³⁵⁵. O assunto revestia várias dificuldades de abordagem. Debatia-se, no plano médico-legal, a legitimidade do seu uso na investigação criminal, e colocava-se, mesmo, a questão de saber se o resultado dos interrogatórios a suspeitos hipnotizados deveria ou não ser considerado suficientemente fiável e probatório.

Tendo adoptado o método hipnótico como técnica auxiliar, quer de diagnóstico, quer de terapêutica, e sendo frequentemente solicitado a produzir pareceres médico-legais, Egas Moniz veio esclarecer a sua posição a esse respeito em 1914, no artigo atrás referido. Já nesse texto se alude que o Abade Faria, no entendimento de um dos seus mais notáveis biógrafos, – Dalgado³⁵⁶ – desempenhou, na história do hipnotismo, um papel crucial, ao tê-lo desembaraçado do enquadramento *messmeriano* que fazia repousar na noção de magnetismo animal, enquanto fluido vital e universal, a explicação do fenómeno.

A decisão de Egas Moniz, ao biografá-lo, 11 anos volvidos, corresponde, pois, antes de mais, à necessidade de consolidar a concepção de hipnotismo que abraçava, de modo a torná-la, aos olhos de todos, compaginável com as práticas médicas e científicas de que, acima de tudo, se arrogava. Neste caso, o trabalho de historiador, documentando e demonstrando o que cerca de um século antes fora feito pelo Abade Faria e reconhecido por muitos outros, constituiria um argumento inabalável para

³⁵⁵ LOMBROSO, Cesare, *Hipnotisme et spiritisme*, Paris, Ernest Flammarion, 1911.

³⁵⁶ DALGADO, D. G, *Mémoire sur la vie de l'Abbé de Faria*, Paris, Henri Jove, 1906.

consolidar as *Novas ideias sobre o hipnotismo*³⁵⁷. Simbolicamente, Moniz coloca-se na esteira de Faria, indicando a filiação conceptual, que contribuía para conferir respeitabilidade ao método e aos seus praticantes qualificados, demarcando-se das invocações místicas e mágicas que haviam adoptado o sonambulismo, os transe mediúnicos e os passes magnéticos.

Após ter apontado uma série de inexactidões em obras precedentes acerca do Abade, Egas Moniz, expõe o seu propósito “manifesto”:

*Servem estas apreciações para mostrar a necessidade deste estudo médico e biográfico, em que pretendemos fazer uma apreciação imparcial da obra do padre goense, divulgando-lhe o valor na pátria portuguesa, onde a sua vida é quase desconhecida.*³⁵⁸

A componente biográfica da obra segue de perto os trabalhos de Dalgado, acrescentando-lhe uma diligência, que, apesar de inconcludente, persiste em validar algumas teses, escorada tão somente em intuições³⁵⁹. Apesar de os resultados obtidos nem sempre se ajustarem à versão de Egas Moniz, ele insiste, valorizando mais a sua intuição do que as provas documentais. Aviva no biografado alguns traços polémicos (o envolvimento de Faria e de seu pai na conjura dos Pintos, que ainda suscita dúvidas, hoje, aos investigadores); sublinha algumas das suas fraquezas de carácter (o episódio em que Chateaubriand ridiculariza Faria por este não ter conseguido,

³⁵⁷ Título de um outro texto de Egas Moniz acerca do mesmo tema. Ver MONIZ, Egas, “As novas ideias sobre o Hipnotismo. Aspectos médico-legais” in *Revista da Universidade de Coimbra*, Vol. III, nº 4, Separata, Lisboa, 1914.

³⁵⁸ MONIZ, Egas, *O Abade Faria na história do Hipnotismo*, Conferência de Lisboa, ampliada e dividida em capítulos. Publicação da Faculdade de Medicina. I Volume, Lisboa, 1925. Edição Facsimilada da Editorial Vega, Lisboa, 1977, p. 27.

³⁵⁹ É o caso da sua confiança no valor de verdade dos títulos invocados por Faria, apesar da busca infrutífera de provas documentais da pertença do Abade Faria à Sociedade de Medicina de Marselha, - MONIZ, Egas, *O Abade Faria na história do Hipnotismo*, Conferência de Lisboa, ampliada e dividida em capítulos. Publicação da Faculdade de Medicina. I Volume, Lisboa, 1925. Edição Facsimilada da Editorial Vega, Lisboa, 1977, p. 8 (nota de rodapé).

tal como se propusera, matar um canário pela acção hipnótica, na casa de Marquesa de Custine³⁶⁰ e a sessão pública em que o actor Potier o põe a ridículo³⁶¹) e reconhece-lhe, apesar disso tudo, um papel crucial na história do hipnotismo.

*O que é indispensável é levantar a sua memória do esquecimento a que foi votada em Portugal, à luz das doutrinas que defendeu, criando a sugestão hipnótica, que ainda, na hora presente, passado mais de um século, se mantém íntegra, tal como a descreveu.*³⁶²

Porém, explorando a latitude que o exercício do “poder biográfico” confere, procede ao tratamento de outras questões que não têm a ver directamente com o biografado, mas se relacionam, ainda, com diferenças de entendimento acerca do hipnotismo, designadamente as que o opõem a Freud, Babinski e incertos. Egas Moniz faz, pois, a partir daqui, aquilo que referi no início: cria um espaço discursivo na narrativa biográfica, para que, além da afirmação que consiste em evocar o biografado, reproduzido pelo poder da palavra do biógrafo, e acrescenta-lhe um espaço de debate por interesse próprio.

Com Freud, as discordâncias são apresentadas indirectamente. Na altura em que Egas Moniz deu forma de letra à sua lição *As bases da Psicanálise*³⁶³, Freud havia já abandonado a prática do hipnotismo, preferindo-lhe o diálogo em estado de vigília, a associação livre de ideias e a interpretação dos sonhos. Egas Moniz admite que em circunstâncias quasi-

³⁶⁰ MONIZ, Egas, *O Abade Faria na história do Hipnotismo*, Conferência de Lisboa. Ampliada e dividida em capítulos. Publicação da Faculdade de Medicina. I Volume, Lisboa, 1925. Edição Facsimilada da Editorial Vega, Lisboa, 1977, pp. 48 e 49

³⁶¹ MONIZ, Egas, Ob. Cit, pp. 113 e 114

³⁶² MONIZ, Egas, Ob. Cit, p. 109

³⁶³ MONIZ, Egas, “As bases da psicanálise” in *A Medicina Contemporânea* nº 33, 1915, pp. 377 – 383.

hipnóticas³⁶⁴ também se consigam bons resultados, mas a sua combatividade na defesa do método desvela a preferência que lhe dedica.

Com Babinski a discussão é mais tortuosa. Babinski é, tal como vimos anteriormente, um reputado neurologista francês que Egas Moniz conhece desde o princípio do século, quando rumou a Paris com o fito de complementar a sua formação psiquiátrica e neurológica. Conhece-o pessoalmente. É visita de casa. Babinski apoiá-lo-á, dois anos depois, quando Egas Moniz chegar a Paris, no início do Verão de 1927, com uma série de arteriografias debaixo do braço, reivindicando a paternidade do primeiro método de diagnóstico que permitirá visualizar, in vivo, a árvore arterial do cérebro. Porém, agora, trata-se apenas de aproveitar a boleia do Abade Faria para discordar de Babinski.

Babinski estabelece uma equivalência sumária entre histeria e hipnotismo. Para ele, o grau de permeabilidade à sugestão é directamente proporcional à histeria do paciente hipnotizado, o que se afigura, a Egas Moniz, bastante redutor. Mas, ainda por cima, Babinski põe em causa a própria veracidade e autenticidade do hipnotismo. E, a esse propósito, Egas Moniz não pode deixar de atalhar com os resultados da observação disponíveis, incluindo as suas próprias experiências. Para fazer vencer a sua tese, Moniz chega a classificar como “negativista” a argumentação de Babinski³⁶⁵.

Apesar de ter praticamente deixado de escrever acerca da sexualidade ou da psicanálise desde 1925, Egas Moniz ainda tornará a falar e escrever acerca do hipnotismo e do Abade Faria, cerca de 20 anos depois.

³⁶⁴ Moniz chama-lhe, noutro texto, o “estado hipnóidico”. Ver, p. ex. MONIZ, Egas, “O Conflito Sexual” in *Portugal Médico*, nº 9, 1921, p. 397.

³⁶⁵ Moniz discute o conteúdo de um artigo de Babinski publicado na *Semaine Médicale* de 1910. Ver MONIZ, Egas, *O Abade Faria na história do Hipnotismo*, Conferência de Lisboa, ampliada e dividida em capítulos. Publicação da Faculdade de Medicina. I Volume, Lisboa, 1925. Edição Facsimilada da Editorial Vega, Lisboa, 1977, p.71.

A justificação, dignificação e defesa do método hipnótico contra os seus detractores, ressalta do conjunto. A filiação simbólica, também. O pretexto biográfico pavimenta a via para um ajuste de contas com próximos e distantes, incapazes de discernir, na feira para onde o hipnotismo fora levado, a utilidade diagnóstica e terapêutica de que o autor, na primeira pessoa, dava testemunho experimental.

4.9. Júlio Dinis: um precursor da psicanálise?

Joaquim Guilherme Gomes Coelho foi, além de um consagrado homem de letras, usando o pseudónimo de Júlio Deniz, um médico, cuja preparação Moniz documenta e enaltece, lamentando a sua morte prematura e fazendo passar, frequentemente, a ideia de uma grande identificação e proximidade espiritual.

A obra foi inicialmente publicada em dois volumes³⁶⁶, contendo, no capítulo final do primeiro, um dos textos de referência para a história da recepção da psicanálise em Portugal. Em *Júlio Dinis e a Sua Obra*, Egas Moniz toma como instrumento de crítica literária, uma aplicação psicobiográfica (neste caso, no terreno da interpretação dos sonhos) a um episódio extraído de *Uma Família Inglesa*.

No entendimento de Egas Moniz, se o Abade Faria é considerado, ao fim e ao cabo, o precursor do hipnotismo moderno – do

³⁶⁶ MONIZ, Egas, *Júlio Denis e a sua obra*, Lisboa, Casa Ventura Henriques, 1924, 2 Volumes.

diagnóstico da histeria e da identificação e tratamento das neuroses – Dinis, poderia ser considerado um psicanalista *avant la lettre*.

O prefácio de Ricardo Jorge (1858-1939) a *Júlio Dinis e a Sua Obra*, exemplifica o distanciamento e a desconfiança que os ventos da psicanálise provocavam na época, se bem que, simultaneamente, dê prova de uma certa curiosidade e abertura para apreender as inovações. Confessando não ter ainda tido tempo de ler o texto todo, o célebre higienista escreve

*Discípulo do famoso Freud, um dos grande dominadores do pensar contemporâneo, aplica ao seu protagonista o sistema da psico-análise que tanto hoje anda em berra. Talvez por pequice da minha ignorância, estou um pouco de pé atrás sobre o freudismo. Não me quadram as suas generalizações temerárias a transcender os rigores da órbita científica, e muito menos a radicação sexualista das qualidades sentimentais e éticas. Erros que sejam, tem de reconhecer-se que na ciência e na prática há erros úteis de grande alcance, a abrir horizontes novos ao progresso da prescrutação ideativa; e não sofre dúvida que a psico-análise se tornou um instrumento crítico de alta valia. As biografias têm-se ressentido do seu influxo. Hei-de ler com mais detença o seu ensaio, e até doutrinar-me consigo sobre os mistérios do freudismo. Até morrer, aprender.*³⁶⁷

Acompanha, através de testemunhos e da leitura da correspondência, o agravamento da tuberculose, as estadias na Madeira e, por fim, a sua morte, ocorrida em 12 de Setembro de 1871.

Moniz corrige algumas vezes Eça de Queirós, cujo estilo crê reconhecer no memorial dedicado a Júlio Dinis, na edição de *As Farpas*, publicadas no ano da sua morte. Em desacordo com a avaliação que Queirós

³⁶⁷ RICARDO JORGE, “Prefácio” in MONIZ, Egas, *Júlio Dinis e a sua obra*, Lisboa, Casa Ventura Henriques, 1914, 3ª Edição, I Volume, p.XV e XVI.

faz acerca da popularidade do autor de *A Morgadinha dos Canaviais*, Egas Moniz vai anotando, em pé de página, as suas discordâncias³⁶⁸.

As características literárias que os autores de *As Farpas*³⁶⁹ apontam a Júlio Dinis reduzem-no a uma espécie de paisagista, relativamente acrítico. Face aos valores da escola do realismo, essa caracterização sublinha os limites e insuficiências das observações e crítica social do autor, que passa frequentemente ao lado de questões conflituais. Ora esta constatação não merece reparo especial de Egas Moniz. Nas artes plásticas, como na literatura, Egas Moniz faz precisamente da noção de paisagem um padrão estético. Quanto mais o artista é fiel ao mundo que o rodeia, reflectindo, como um espelho, o que está e o que passa, mais valiosa é a sua arte. Poderia ainda acrescentar-se que esta noção de paisagem estava também na base do escrutínio psiquiátrico que Moniz revela em *Os Pintores da Loucura*³⁷⁰.

O Título do capítulo XIV de *Júlio Dinis E A Sua Obra* é precisamente *Realista e Paisagista*. Egas Moniz explicita longamente o seu critério de análise estética, justificando a admiração que Júlio Dinis lhe despertava:

³⁶⁸ Em *As Farpas*, o texto a que Moniz se refere, reza assim: “Tanto é o nosso mal que este espírito excelente não ficou popular: a nossa memória, fugitiva como a água, só retem aqueles que vivem ruidosamente, com um relevo forte: Júlio Denis viveu de leve, escreveu de leve e morreu de leve!”. Ao que Moniz contrapõe: “Se não o era [popular] nesse tempo - e cremos que já o era - veio depois a sê-lo.” MONIZ, Egas, *Júlio Dinis e a sua obra*, Lisboa, Casa Ventura Henriques, 1914, p.117; ou “Nesta parte é que estamos em completo desacordo”, MONIZ, Egas, *Ob.Cit.*, p. 119.

³⁶⁹ Saliente-se que, independentemente de Moniz ter, ou não, acertado na identificação do estilo de Eça, Ramalho Ortigão permanece co-autor dos textos que compõem *As Farpas*.

³⁷⁰ António Pedro Pita chamou a atenção para este aspecto da padronização estética de Moniz, referindo igualmente o seu embevecimento diante da obra de Júlio Dinis: “Do seu ângulo problemático, a arte prolonga a experiência empírica das coisas; a obra de arte é sempre, não uma transfiguração, que torna visível o que sem ela permaneceria desconhecido, mas uma aceleração do processo de reconhecimento em que o olhar pousado sobre a obra realiza uma operação de coincidência com elementos da ordem extra-artística, identificando verdade e verosimilhança. O elemento organizador do pensamento estético de Egas Moniz é a noção de paisagem” PITA, A.P., “Arte, animal domesticado. A questão da arte na obra de Egas Moniz” in PEREIRA, A. L. e PITA, J.R., (Org.), *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, Minerva, 2000, p. 229.

A escolha de gente boa para a urdidura dos seus romances pode, num certo meio social, trazer-lhe admiradores; mas não são em menor número os que preferem a arte martirizada dos que escarpelam as podridões sociais.

(...)

Júlio Dinis deixou para outros as descrições dos aleijões físicos e sociais e andou, pela sua família e pela vida aldeã, a recrutar figuras ingénuas e doces, como as de alguns quadros de Goya, para as obrigar a representar apenas o indispensável na acção dos seus romances, de sorte a não se deturparem em exhibições cruéis. Procurou, em geral, terminar as suas narrativas de uma maneira agradável. A desgraça incomodava-o, revoltava-o. Raras vezes a fez cair, mesmo em fantasia, sobre os seus personagens.³⁷¹

Os primeiros capítulos de *Júlio Dinis E A Sua Obra* são dedicados ao Júlio Dinis estudante, à sua dissertação inaugural e outros pormenores que se prendem com o percurso académico. Justificando a obsolescência parcial das teorias então vigentes, Egas Moniz sublinha o que, de 1864 (ano da formatura de Dinis) até à data em que escreve, se desactualizou.³⁷²

Dado que Gomes Coelho, praticamente, não exerceu actividade clínica, a crítica que Egas Moniz lhe lança quanto à falta de apoio experimental e ao conhecimento de casos, revela-se deslocada relativamente

³⁷¹ MONIZ, Egas, *Júlio Dinis e a sua obra*, Lisboa, Casa Ventura Henriques, 1914, pp. 247-248.

³⁷² “Nada mais fugaz, nada menos duradouro do que os livros e tratados de medicina! Em todas as ciências e nomeadamente nas ciências biológicas, a verdade é sempre relativa. Às concepções de hoje, sucedem-se as doutrinas opostas de amanhã. Na Medicina, sobretudo, onde os progressos são mais constantes devido ao esforço de muitos milhares de seus cultores, a mutação é mais rápida e mais radical.” MONIZ, Egas, Ob. Cit, p. 32. Acrescentando mais adiante: “Por isso não admira que, transcorridos sessenta e três anos sobre a tese de Gomes Coelho, cientificamente pouco possamos dela aproveitar. Ainda se o autor tivesse concretizado o seu trabalho em observações directas de doentes, ou experiências fisiológicas e laboratoriais, e a ambas se prestasse a natureza da tese, alguma coisa perduraria, Assim, tirando algumas notas, tudo é velho e desusado. Ao tempo, a orientação experimental e a rigorosa observação científica não marcavam ainda o caminho por onde deveria seguir o ensino médico.” MONIZ, Egas, Ob. Cit, p. 33.

ao biografado. Apesar das numerosas prevenções quanto ao carácter histórico do conhecimento científico e médico, da sua transitoriedade e rápida obsolescência, a condenação implícita das insuficiências do ensino e das práticas médicas anteriores, com várias manifestações pré-científicas, coloca o narrador numa posição redobrada de detentor de um conhecimento com maior capacidade e poder explicativos.

Em seguida, procede a uma série de classificações, conferindo uma proeminência especial à tuberculose. Compara a sua produção poética à de Soares dos Passos

Júlio Dinis - poeta seguiu na esteira do romantismo melancólico e pessimista de Soares dos Passos³⁷³.

Cita Morselli e Lombroso para sublinhar os efeitos da “psicose tóxica da tuberculose”³⁷⁴, e, lançando, de passagem, uma crítica às crenças de natureza homeopática³⁷⁵, acentua a influência da tuberculose:

Em resumo: a doença influiu, por certo, na sua obra, dando-lhe uma suavíssima atmosfera de melancolia e de bondade.³⁷⁶

Egas Moniz procede, assim, a uma reavaliação de Júlio Dinis, arrumando a vertente médica e científica na conta dos arcaísmos recentes. Em contrapartida, reforça a importância artística e literária do autor de *Uma Família Inglesa*, contrariando aqueles que têm da obra e do autor uma opinião menos favorável.

³⁷³ MONIZ, Egas, Ob. Cit, p. 177.

³⁷⁴ Ob. Cit, pp. 178 e 179.

³⁷⁵ Ob. Cit, pp. 189-190.

³⁷⁶ Ob. Cit, p. 182.

Dinis, na mediação que Egas Moniz dele faz, vira-se para a eternidade como um talentoso “paisagista”, preocupado com a meteorologia no plano académico, condicionado pela psicose associada à tuberculose que o vitimou, mas cujo talento literário ultrapassa todas as fragilidades elencáveis.



Fig. 24 - Capa da 1ª edição de Júlio Dinis e a sua obra, num só volume.

O ensaio biográfico e de crítica literária tem 500 páginas na edição de 1946³⁷⁷. Tornar-se-ia difícil, a partir de então, ignorar o que Egas Moniz escreveu acerca do autor dos *Fidalgos da Casa Mourisca*. Um e outro ficavam, deste modo, associados intertextualmente, tanto mais que Egas Moniz se dava ao trabalho dedicado e minucioso de proceder a uma reconstrução biográfica em que, a par de matéria factual de fácil reconhecimento, reinterpretava aspectos até então desatendidos, ou descobrindo, mesmo, facetas inexploradas. Na conta destas últimas, a aura do psicanalista *avant la lettre*, ocupa um espaço específico no conjunto de textos

³⁷⁷ MONIZ, Egas, *Júlio Dinis e a sua obra*, Porto, Livraria Civilização, 1946.

associados à recepção da psicanálise em Portugal. É o capítulo XVIII do 1º volume (edição de Lisboa³⁷⁸) e intitula-se *Júlio Dinis e a Psicanálise*.

Moniz extrai das páginas de *Uma Família Inglesa*, o episódio em que Cecília descreve o sonho que teve recentemente. Despreza o cenário e concentra-se no fazer e desfazer de laços que uma estranha viagem de barco parece implicar. Procura relações entre o conteúdo manifesto e o conteúdo latente do sonho, sem perder de vista que se trata de uma construção literária. Carlos vem a cavalo sobre o mar. Celina, acompanhada de outras personagens com quem se cruza no quotidiano, observa tudo, aflita, e quer gritar. Não consegue. Egas Moniz conclui que, ao não conseguir gritar, Celina está a revelar a recusa de casar com Carlos.

Egas Moniz evidencia, face a Dinis, uma extrema empatia, acompanhada por uma constante justificação, admiração e concordância, apenas exceptuadas, aqui e ali, por razões de carácter histórico-científico. Júlio Dinis não chega a ser sujeito ao escrutínio edipiano, sendo-lhe reservado um limbo de leveza angelical, quase assexuada. Os seus amores são etéreos, os seus desejos moralmente irrepreensíveis, na vizinhança de um suposto ascetismo que o inocenta e o põe a salvo do império do inconsciente. É nessa versão de uma existência leve e breve que Egas Moniz, no lugar do biógrafo, se projecta indisfarçavelmente.

Como prova de contraste entre a projecção e a denegação, a sombra de Camilo Castelo Branco perpassa já nas páginas de *Júlio Dinis e a sua obra*. Em primeiro lugar, porque Camilo é Chefe da Redacção da revista de onde é disparada uma das críticas desfavoráveis à obra de Júlio Dinis, que Egas Moniz comenta; depois, porque é retratado pelo próprio Júlio Dinis num encontro casual, em Lisboa, no qual Camilo se desfaz em íntimas confidências, sem, no entanto, demover Júlio, que se mantém de pé atrás,

³⁷⁸ MONIZ, Egas, *Júlio Dinis e a sua obra*, I Volume, Lisboa, Casa Ventura Henriques, 1924.

desconfiado da espontaneidade de Camilo; e, finalmente, porque a etiologia das doenças de ambos passam frequentemente em subtexto.

4.10. Camilo Castelo Branco: um título abusado

Antes desta aplicação da teoria da psicanálise à crítica literária com uma componente biográfica, Egas Moniz já fizera referência a Camilo em *A Vida Sexual*, propondo-se averiguar até que ponto o trecho que então cita e, mais tarde, retoma, na confecção do texto agora em análise, configurava, ou não, um caso típico de necrofilia³⁷⁹.

O pretexto funda-se numa elaboração de Lopes de Oliveira, cerca de 20 anos antes, na revista *Germinal*. Aí se remetia para a descrição da exumação do cadáver de Maria do Adro, amada de Camilo, numa noite de trovoada e relâmpagos, incluída nas *Memórias do Cárcere*. Lopes de Oliveira acrescentara que Camilo conservara, depois, “sempre junto de si o esqueleto”. O texto em apreciação fora publicado sob o título de “Memória Indelével”, no *Aurora do Lima*, corria o ano de 1857. Desde então, motivou inúmeras apreciações a favor e contra a tese da necrofilia de Camilo³⁸⁰.

Um ano antes, no opúsculo dedicado a Júlio Dinis, faz-lhe uma referência lateral. Tal como já mencionei, Egas Moniz compulsa algumas das críticas dirigidas ao seu biografado, considerando-as injustas.

³⁷⁹ Egas Moniz propõe-se “Julgar o grande romancista perante a acusação que poderiam fazer-lhe de ter sido um necrófilo” MONIZ, Egas, “A Necrofilia de Camilo Castelo Branco” in Saavedra Machado (Coord.), *In Memoriam de Camillo*, Lisboa, Casa Ventura Abrantes, 1925, p. 48. A inclusão do caso em *A Vida Sexual*, data da 6ª edição, de 1923, p. 393.

³⁸⁰ Ver, p. ex. CABRAL, Alexandre, *Dicionário de Camilo Castelo Branco*, Lisboa, Editorial Caminho, 1988, p.441.

Entre elas, figuram as que lhe são dirigidas por José Maria de Andrade Ferreira, em textos publicados na *Gazeta Literária*, em cuja redacção se encontrava Camilo Castelo Branco³⁸¹.

Fica no ar a ideia implícita de que Camilo poderia estar, ainda que indirectamente, associado a essas críticas desfavoráveis; depois, num encontro, em Lisboa, que Júlio Dinis diz ter ocorrido, e em que a atitude calorosa de Camilo Castelo Branco contrasta com a frieza e reserva de Júlio Dinis.

As relações entre Júlio Dinis e Camilo Castelo Branco eram então descritas com base na correspondência do primeiro que via em Camilo um certo tacticismo por detrás da afabilidade e da cortesia que lhe dispensava (mais em Lisboa do que no Porto), enquanto, da parte de Júlio Dinis, se manifestava uma certa frieza e desafeecção, por ver nas manifestações de Camilo uma cortesia postiça e circunstancial.

É essa a impressão geral que fica, apesar de Camilo ter também manifestado, por escrito, o mesmo apreço e admiração que expressara pessoalmente e de viva voz, pela obra literária de Júlio Dinis.

Apesar das apreciações genéricas que Egas Moniz vai fazendo, aqui e acolá, ao talento, à criatividade e ao estatuto literário de Camilo, acaba por deixar dele uma imagem desfavorável. Associa-o, primeiro, às cargas críticas de Andrade Ferreira, na *Gazeta Literária*; formula a suspeição de necrofilia, indagando sobre as ligações existentes entre os recursos literários e a biografia do autor; e, finalmente, absolve-o dessa perversão, assinalando, no entanto, as características social e moralmente insanas e reprováveis do comportamento de Camilo.

³⁸¹ Moniz refere-se a uma edição da *Gazeta Literária* de 1868. Na crítica assinada por Andrade Ferreira, o estilo de Júlio Dinis é apodado de “repintado e lambido” MONIZ, Egas, *Júlio Dinis e a sua obra*, Porto, Livraria Civilização, 1946, p. 277.

Camilo não é precisamente um necrófilo, no entender de Moniz, mas ...; não consuma nenhum dos actos que caracterizam as perversões necrófilas, mas...; é aliás a instabilidade emocional, o estado de agitação e os impulsos descontrolados que configuram os arroubos criativos de Camilo, que estão na base do seu comportamento desregrado.

Basta ler o que Egas Moniz escreve acerca de Júlio Dinis, a quem elogia a platitude, a serenidade e a recusa sistemática dos temas e personagens sombrios, para se deduzir, afinal, em que conta Moniz tinha Camilo.

Este ensaio de Egas Moniz insere-se num conjunto de outras contribuições reunidas num volume *In Memoriam de Camilo*³⁸², destinado à celebração do centenário do nascimento de Camilo Castelo Branco, que compreendia ainda a inauguração de um busto e atribuição do seu nome a uma das ruas da cidade do Porto.

Pondo de parte a arte da titulação, já que a designação “A necrofilia de fulano” produz o efeito ontológico afirmativo, e sem esquecer que Egas Moniz irá concluir com uma formulação formalmente inocentadora de Camilo, repare-se que, após a circunstanciada descrição da exumação do cadáver, Egas Moniz vai anotando observações de extracção clínica. Camilo, ao tempo dos acontecimentos narrados, tinha 16 anos. Moniz comenta prolepticamente:

*Era o primeiro agitar de um complexo sentimental que tão fortes acidentes havia de trazer-lhe pela vida fora.*³⁸³

³⁸² SAAVEDRA, Machado, (Coord.), *In Memoriam de Camillo*, Lisboa, Casa Ventura Abrantes, 1925.

³⁸³ MONIZ, Egas, “A Necrofilia de Camilo Castelo Branco” in SAAVEDRA, Machado, (Coord.), *In Memoriam de Camillo*, Lisboa, Casa Ventura Abrantes, 1925, p. 52.

E, após ter identificado o sujeito da enunciação com o autor da narrativa, prossegue, sinalizando o contacto com o cadáver mas recordando que na fase em que se estuda anatomia “não há uma grande repulsa pelos mortos” e acrescentando um argumento de autoridade “Todos os médicos o sabem”.

Seguidamente, elimina o “móvel sexual”. Se tal fosse o caso “Camilo não o contaria”.

Constata a inexistência de qualquer ideia lúbrica no relato, e o facto de ir a convite de um médico, aduzindo que, quanto muito, se tratou de “uma extravagância a roçar pelo anormal”; garante que Camilo “não só nunca foi um anormal genésico, mas [tambem] não mostra, por este relato, o mais leve pendor para o campo das perversões sexuais”; e conclui que “Foi uma curiosidade comandada em parte pela sua índole de aventureiro sentimental”.

As duas ideias fortes que ficam do ensaio de Egas Moniz são, primeiro, a de que a suspeita merece atenção (e o título, repito, sugere o oposto do que concluirá); segundo, que “quanto muito” se tratou de uma “extravagância a roçar pelo anormal”. O “roçar pelo anormal” é aqui a chave.

Enquanto, relativamente a Júlio Dinis, “avulta a verdade com que soube copiar do natural”³⁸⁴, Camilo, neste e em numerosos outros casos, “agita o complexo sentimental” que o “faz roçar pelo anormal”.

Camilo é, assim, absolvido da acusação de que o “seu” comportamento poderia configurar uma perversão sexual em troca de um libelo acusatório de menor gravidade.

António Sardinha, que colabora também no *In Memoriam de Camilo*, exercita o ideário integralista, atribuindo a “anormalidade” de Camilo à sua ascendência hebraica, mas reconhecendo que

³⁸⁴ MONIZ, Egas, *Júlio Dinis e a sua obra*, Porto, Livraria Civilização, 1946, p. 237.

Camilo, na sua espontaneidade fecundíssima, foi sempre governado por uma “disputa de mortos” como certamente diria Léon Daudet. Na verdade, se considerarmos a obra literária desse escritor como a libertação das imagens ancestrais que lhe povoam o subconsciente, Camilo Castelo Branco aparece-nos como da estirpe dos Shaskepeare e dos Balzac.³⁸⁵

Também, para Sardinha, havia em Camilo algo que o aproximava da morte e dos mortos; a sua “hereditariedade hebraica” explicava a sua “inquietação nervosa” e a sua “alma mórbida”... Mas tenta compensá-lo com a “estirpe” que lhe atribui.

4.11. O Poder (auto) Biográfico

Estes três ensaios biográficos exemplificam algumas das estratégias que o género viabiliza.

No caso de *Júlio Dinis e a sua obra*, a projecção é evidente. Egas Moniz fala de Júlio Dinis colocando-o no lugar do seu *alter-ego*. O enlevo narcísico manifesta-se na benevolência das observações, em contraste com a desafeição com que trata o Abade Faria e, sobretudo, Camilo Castelo Branco.

³⁸⁵ SARDINHA, António, “O Génio de Camilo” in SAAVEDRA, Machado, (Coord.), *In Memoriam de Camillo*, Lisboa, Casa Ventura Abrantes, 1925, p. 634.

Júlio Dinis é a personificação da pureza; Faria, sugere, é licencioso; Camilo é devasso.

Assim, apesar da promessa implícita que a psicanálise ofereceria a estas obras, a sexualidade de Camilo é exposta na fronteira da perversão necrófila; a de Faria é aludida e insinuada; a de Júlio Dinis é omitida ou fantasiada.

A densidade biográfica é largamente maior em Dinis do que em Camilo ou Faria. A recolha documental, o investimento comparativo, a extensão textual, diferem abissalmente nestas três obras.

Comprovando que a biografia pode ser a continuação da autobiografia por outros meios, Egas Moniz identifica-se estreitamente com Dinis, assemelha-se a Faria no posicionamento face ao hipnotismo e aponta, com um título insinuante, para o que poderia ter sido uma perversão necrófila do autor do *Amor de Perdição*.

O instrumento analítico que permite inquirir sobre a intimidade do biografado, revelando aspectos da sua vida privada, preferências e orientação sexual, desejos, sonhos e fantasias, conferindo ao biógrafo o exercício de um poder suplementar, mais intrusivo e estigmatizante, sobre o biografado, é aqui afrouxado, para depois desaparecer completamente dos seus escritos e conferências.

Paralelamente, os planos relacionados com a publicação de um tratado acerca das questões sexuais, outrora prometido e anunciado, deixam de ser mencionados, e caem no esquecimento.

Ao desenvolver o conceito de *Processo Civilizacional*, Norbert Elias estabeleceu, em paralelo, uma categorização assente no contínuo *Envolvimento-Distanciamento* (*Involvement - detachment*), para descrever a postura “psicológica” dos intervenientes humanos. De acordo com a sua

classificação, o maior envolvimento dos actores históricos traduz-se no particularismo, no imediatismo, e no localismo dos objectivos prosseguidos, enquanto o maior distanciamento favorece o generalismo, a mediação, o planeamento e a globalização das estratégias. Para a matéria em estudo, tem particular relevância um dos exemplos que dá da operacionalização do conceito. Escreve ele que

To give a brief and all too simple example of their meaning in this context: a philosopher once said, "If Paul speaks of Peter he tells us more about Paul than about Peter." One can say, by way of comment, that in speaking of Peter he is always telling us something about himself as well as about Peter. One would call his approach 'involved' as long as his own characteristics, the characteristics of the perceiver, overshadow those of the perceived. If Paul's propositions begin to tell more about Peter than about himself the balance begins to turn in favour of detachment.³⁸⁶

Quer isto dizer que o pretexto biográfico pode comprometer-se na medida em que a narrativa resultante inclua mais (ou melhor) informação acerca do biógrafo ou das questões que leva a peito, do que a propósito do biografado.

Egas Moniz é um dos autores que, em termos do exercício do poder biográfico, acusa um elevado grau de envolvimento. Mais no *O Abade Faria na história do hipnotismo* e em *A necrofilia de Camilo Castelo Branco* do que em *Júlio Dinis e a sua obra*, o biógrafo posiciona-se, apontando as diferenças da ciência do seu tempo face aos arcaísmos que constata; acrescenta quase nada à informação existente acerca de Camilo Castelo Branco e do Abade Faria, chamando à colação questões afins que debate,

³⁸⁶ ELIAS, Norbert, *Involvement and Detachment*, The Collected Works of Norbert Elias, Vol. 8, Dublin, University College Dublin Press, 2007, p. 69.

directa ou indirectamente, com outras figuras e autores; põe a nu as fragilidades dos biografados e lavra a versão que lhe parece mais indicada.

Com *Júlio Dinis e a sua obra*, o escritor-médico surge idealizado. Poupa-o ao escopo psicanalítico. Em vez de o submeter ao escrutínio cerrado do mesmo tipo do que Freud usou no caso de Leonardo Da Vinci³⁸⁷, projecta-o, criativamente, nas suas personagens romanescas. Ele é o Carlos Whitestone de *Uma Família Inglesa*³⁸⁸ ou o Daniel de *As Pupilas do Senhor Reitor*³⁸⁹, num elogio a roçar o panegírico:

(...) como a melhor expressão da alma portuguesa, carinhosa e sentimental, em que a bondade floresce como a mais alta característica da raça!³⁹⁰

Apesar das numerosas manifestações de uma vida sentimental atribulada, Egas Moniz não só banaliza a projecção do autor no comportamento dos personagens romanescos, como o angeliza em face dos deslizes prostibulares que se deduzem das cartas publicadas, particularmente as da série íntima e confidente que troca com Custódio Passos. A convicção de Egas Moniz relativamente a Júlio Dinis é da ordem da predestinação³⁹¹, da pureza³⁹² e, mesmo onde outros o julgavam, compreensivelmente, maçador, do encanto.³⁹³

³⁸⁷ FREUD, Sigmund, *Leonardo Da Vinci e uma lembrança da sua infância/O Moisés de Michelangelo*, Rio de Janeiro, Imago, 1997.

³⁸⁸ MONIZ, Egas, *Júlio Dinis e a sua obra*, Porto, Livraria Civilização, 1946, p. 268.

³⁸⁹ MONIZ, Egas, Ob. Cit, p. 441

³⁹⁰ Idem, Ibidem, p. 484

³⁹¹ “Júlio Dinis nasceu escritor” MONIZ, Egas, Ob. Cit, p. 295.

³⁹² “(...) JD não suportava dedicações que não brilhassem puras e límpidas como a luz das estrelas” MONIZ, Egas, Ob. Cit, p. 364.

³⁹³ “De facto, quem lê os romances de Júlio Denis dispensaria uma ou outra apreciação mais longa de natureza psicológica. Contudo estas apreciações são, na maioria dos casos, as suas melhores páginas!” MONIZ, Egas, Ob. Cit, p. 281.

A selecção de biografemas continua a ser, em qualquer caso, o eixo principal da produção biográfica. O exercício do poder biográfico requer, em paralelo, uma articulação otimizada na esfera pública, persuadindo historiadores, editores, críticos *et j'en passe*, de que a versão apresentada está conforme às exigências do rigor, do respeito das fontes e do equilíbrio hermenêutico.

Coisa que, a acontecer, representaria, muito provavelmente, o fim da história.

5. Devolvendo o sujeito à história

5.1. Biografia, Autobiografia e historiografia

Sustentámos, no capítulo anterior, que, por vezes, a biografia se assemelha à continuação da autobiografia por outros meios. Na medida em que se desvanece aquilo que poderíamos apelidar exigência (e vigilância) historiográfica, as marcas do narrador inscrevem-se no texto, eclipsando o biografado que se havia constituído como pretexto. Transportando para aqui a analogia de Elias³⁹⁴, Egas Moniz fala abundantemente de si próprio em muitas das páginas que dedicou a Santiago Ramón y Cajal³⁹⁵, e a tal ponto,

³⁹⁴ Questão retomada do subcapítulo “4.5 A afinidade com Ramón y Cajal”, p. 215.

³⁹⁵ MONIZ, Egas, “Ramon y Cajal. Uma doutrina e uma época”. II Conferência realizada na Academia das Ciências de Lisboa em 18 de Março de 1948, in *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa - Classe de Ciências: Vol. V, Lisboa, 1948*; ver também, do mesmo autor, “À Memória de Ramon y Cajal”. Sessão Comemorativa em Madrid, 1952. Alocução lida pelo Prof.

que se poderia questionar, em muitos casos, de quem está ele efectivamente a falar. Esta projecção positiva propicia uma aproximação que enlaça Egas Moniz e Cajal, ou, nos termos sugeridos pelo próprio Egas Moniz, que coteja os dois sábios peninsulares. Egas Moniz evoca Ramón y Cajal para sublinhar a importância de ambos no panorama Ibérico e Mundial. A luz que lança sobre o seu émulo, ilumina ambos. Quer haja ou não uma atitude deliberada e consciente da parte do biógrafo, o resultado é benéfico para ambos. Neste caso, o rigor historiográfico suportado pelo cruzamento de dados de diferentes versões, com o fito de testar a consistência dos discursos, os jogos de coerência e a consistência das ideias, deixam várias interrogações no ar.

Porque é que Egas Moniz só começa a escrever sobre Cajal em 1948, após um breve excursão, quatro anos antes, na cerimónia da sua jubilação? Dado que o novo paradigma neuronal estava ainda em fase de expansão na época em que Egas Moniz se formou, é notável a circunstância de se ter absterido de lhe manifestar o seu apoio expresso, até ao momento da jubilação. Ademais, não há traço de qualquer manifestação de Moniz nos momentos rituais em que o fundador do novo paradigma foi celebrado, (cinquentenário da teoria do neurónio; atribuição do Prémio Nobel a Cajal, em 1906; morte de Cajal, etc). Tais lacunas provam que só a partir de meados dos anos 40, a figura de Cajal e do novo paradigma neuronal, adquiriram proeminência bastante para Moniz passar a escrito, retroactivamente, a consideração que tinha pela novo paradigma e pelo seu criador. Face a essa ausência de referências nos momentos chave da sua produção científica, pode concluir-se que, pelo menos, Egas Moniz não incluía esses parâmetros (o novo paradigma neuronal e a figura de Ramón y Cajal) no quadro activo das suas explanações. Tal como não resulta claro de muitas passagens em que Egas Moniz explicita as bases teóricas da leucotomia préfrontal, se a sua concepção do funcionamento do cérebro não se compaginaria também com os

Aleu Saldanha in *Conferências*, 1954, 7:23; ver ainda MONIZ, Egas, “Os Últimos anos de Ramón y Cajal” in *Folia Chimica Internacional*, 2, nº 5, Barcelona, 1952.

pressupostos do paradigma anterior, já que são as “fibras” a escala anatómica que, na ocorrência, mais lhe interessa³⁹⁶.

Estas verificações, comparações, escrutínios e testes são indispensáveis para impedir que as narrativas biográficas e, através delas, as estratégias autobiográficas, concorram para consolidar versões unilaterais, distorcidas ou incompletas da matéria em apreço.

Se compararmos o modo como Egas Moniz elogia o seu amigo Sobral Cid nas *Tentatives Opératoires*³⁹⁷, com o tratamento que, mais tarde, lhe dispensa numa das cartas que escreveu a Walter Freeman,³⁹⁸ a discrepância é patente. É sabido que Sobral Cid manifestou publicamente o seu desacordo relativamente às potencialidades terapêuticas da leucotomia préfrontal,³⁹⁹ abertamente e em termos inequívocos.

Nas páginas do *Tentatives Opératoires*, Egas Moniz agradece penhoradamente a Sobral Cid as suas contribuições e a sua cooperação na fase de arranque da *psicocirurgia*. O então director do Manicómio Bombarda, foi, com Cancela de Abreu e Almeida Lima, um dos três pares a quem Egas Moniz confiou os seus planos e pediu parecer⁴⁰⁰. Fazendo justiça ao apoio recebido, Egas Moniz destaca a “aquiescência amigável” da sua cooperação, cumulando-o com um encómio:

³⁹⁶ Egas Moniz veio a admitir, já em 1951, ser possível “(...) que a doutrina de Ramón y Cajal sobre os contactos mantidos pelas fibrilhas neuronais, sofra uma ou outra excepção.”, acrescentando que “Isso não altera, porém, a concepção geral do grande Mestre espanhol.” Amenizando logo a seguir: “Não entro nesta exposição com essas anomalias que hão-de ser raras”. MONIZ, Egas, “Fisiologia do cérebro”, Coimbra, Separata de *O Instituto*, Vol 115, 1951, p. 14.

³⁹⁷ MONIZ, Egas, *Tentatives opératoires dans le traitement de certaines psychoses*, Paris, Masson, 1936.

³⁹⁸ Trata-se de uma carta que Egas Moniz escreveu a Walter Freeman em 1946 na qual se queixa da falta de colaboração e animosidade de Sobral Cid, alegando, na sua versão, que haveria, da parte de Sobral Cid, uma reacção motivada quer pelas diferentes concepções do funcionamento cerebral que os separavam, quer pelo melindre resultante de Egas Moniz *invadir o território psiquiátrico* do colega. PEREIRA, José Morgado, “O início da leucotomia em Portugal e a querela entre Egas Moniz e Sobral Cid” in PEREIRA, Ana Leonor e PITA, João Rui, (Org.), *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, Minerva, 2000, pp. 157.

³⁹⁹ SOBRAL-CID, José de Matos, *Obras*, Vol. I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983, pp. 265-269.

⁴⁰⁰ MONIZ, Egas, *Tentatives opératoires dans le traitement de certaines psychoses*, Paris, Masson, 1936, p. 6.

*Nous adressons à nôtre cher ami le professeur Sobral Cid,
l'expression bien sincère de nôtre grande reconnaissance*⁴⁰¹

No ano seguinte, Sobral Cid diverge de Egas Moniz na apreciação dos resultados. A sua tomada de posição no meio médico-científico não deixa margem para dúvidas. Sobral Cid não reconhece qualquer efeito benéfico significativo no quadro psicopatológico dos doentes operados.⁴⁰²

Não há rasto de qualquer contra-argumentação de Egas Moniz. Sobral Cid morre cerca de quatro anos depois de ter tornado pública a sua divergência. Egas Moniz homenageia-o⁴⁰³. O caso da polémica (virtual) Egas Moniz – Sobral Cid, parecia encerrado, e assim permaneceu, de facto, até vir a lume uma peça da correspondência de Egas Moniz com Walter Freeman. Explicando a Freeman a razão porque, em Portugal, se tinham realizado tão poucas leucotomias, Egas Moniz culpa Sobral Cid. Segundo ele, o *ethos* científico de Sobral Cid teria sido trespassado por putativas reacções negativas que iam da resistência e da má vontade, e da rivalidade despeitada ao melindre.⁴⁰⁴

É provável que, após a divergência de Sobral Cid, expressa em 1937, Moniz tenha ficado tocado. O ponto, aqui, é a constatação de que o retrato que Egas Moniz dá de Sobral Cid, a Walter Freeman, não retém

⁴⁰¹ MONIZ, Egas, Ob. Cit, p. 7.

⁴⁰² SOBRAL-CID, J.M, La leucotomie pré-frontale” in *OBRAS*, Vol I, Psicopatologia clínica e psicopatologia forense, 1877-1941, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983, pp. 267-269.

⁴⁰³ MONIZ, Egas, “À memória do professor Sobral Cid” in *Imprensa Médica*, Ano VII, nº 9, p. 213-215, Lisboa, 1941.

⁴⁰⁴ Carta de Egas Moniz a Walter Freeman (9-7-1946), que reproduz a comunicação em que Sobral Cid manifesta as suas reservas contra a prática da leucotomia pré-frontal (26-7-1937), publicada na íntegra por A. Rocha Melo: ROCHA MELO, R, “Egas Moniz e a neurocirurgia”, in PEREIRA, Ana Leonor e PITA, João Rui, (coords.), *Egas Moniz em Livre Exame*, Coimbra, Minerva, 2000.

nenhum resíduo da descrição anterior em que cooperação, cumplicidade, e afinidade, até, sobressaíam generosamente.

É indispensável ler os dois textos (*Tentatives Opératoires* e a citada carta a Freeman), para ajuizar acerca do que se alterou nos termos com que Moniz trata Sobral Cid, em público e em privado.

5. 2. Fragmentação narrativa e comunidades de sentido

Como decorre do exposto anteriormente acerca da apropriação da figura de Egas Moniz, as comunidades de sentido (os grupos que atraíram representações de Moniz para “dentro” das suas identidades), reivindicaram um ou mais aspectos da sua história individual (realizações, características, distinções), operando selectivamente, e pondo em destaque a parte que mais lhes interessava, desvalorizando ou omitindo as restantes. O procedimento é curiosamente semelhante ao que o próprio Egas Moniz utiliza, quer como contador da sua própria história, quer como biógrafo de outras figuras, seleccionando biografemas próprios e alheios.

De entre outros, os três grupos dos exemplos seguintes, revelam bastamente os casos de apropriação parcial que descrevemos.

5.2.1. Um aspecto de entre os demais

Um conjunto de deputados da Assembleia Nacional do Estado Novo, apresenta uma proposta legislativa de homenagem a Sidónio Pais. A propósito, Egas Moniz é recordado, como o Ministro Plenipotenciário em Madrid, que inicia o processo de restabelecimento de relações diplomáticas do Estado Português com a Santa Sé⁴⁰⁵. Em tom semelhante, José Caeiro da Mata, ex-regenerador monárquico e, à data, político activo do Estado Novo, elogia Egas Moniz, na Academia de Ciências de Lisboa.⁴⁰⁶ Em ambas as circunstâncias, valorizam a sua prestação no consulado sidonista, destacando, sobretudo no plano diplomático, o seu desempenho na reaproximação de Portugal à Santa Sé. Para eles, Egas Moniz é um político com o qual Portugal, tal como o concebem, ficou em dívida. Na breve intermitência conservadora que a República Nova constituiu contra os sectores republicanos mais radicais, Egas Moniz jogou um papel de 1º plano. A esses “eleitos” da União Nacional, interessava a dimensão biográfica do Moniz anti-afonsista e a do médico e cientista que concitara o reconhecimento internacional; o membro da Academia das Ciências de Lisboa, várias vezes eleito seu presidente, amigo de Júlio Dantas; o criador da Angiografia Cerebral que merecera especial destaque na Exposição do Mundo Português. Os aspectos restantes não lhes interessavam.

⁴⁰⁵ CORREIA PINTO, Diário das Sessões da Assembleia Nacional, I Legislatura, SL 1, nº 41, p. 852.

⁴⁰⁶ CAEIRO DA MATA, José, “Egas Moniz homem de Estado” in *Separata das Memórias*, Academia das Ciências de Lisboa, Classe de Letras, Tomo III, 1940.

5.2.2. Comunidade de sentido

A comunidade dos neurologistas – uma especialidade formalmente inaugurada em Portugal pelo próprio Egas Moniz – deve-lhe o lugar memorial e histórico de “pai fundador”. Nos momentos celebrativos, publicações evocativas, estatuária, toponímia, denominação de escolas, centros de saúde, hospitais e centros de investigação, a efígie de um Egas Moniz imobilizado na sua grandeza, aparentemente alheio às polémicas que o perseguiram, e prosseguem, às questões que ficaram por responder e bolem com a deontologia, com a clareza teórica e com a cultura científica.

Sustentamos que tais comunidades de sentido, ao velar pela gestão de memória da figura e dos aspectos que consideram mais significativos da obra científicas de cada figura com que se identificam, garantem sucessivamente a actualização da memória da figura e obras, desempenhando um papel de primeira grandeza no conjunto de interacções a que chamamos Poder Biográfico. Os exemplos dados a seguir, ilustram de que modo essas comunidades operam.

5.2.3. Fragmentação identitária

Os fundadores da *Sociedade Portuguesa de Psicanálise* (primeira vaga organizada, estruturadora e persistente) destacaram e enaltecem o pioneirismo de Egas Moniz, cujo acto fundador consistiu em divulgar, na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, *As bases da*

*psicanálise*⁴⁰⁷. Tem sido esse o lugar que lhe foi reservado na história da psicanálise em Portugal. As questões que se prendem com o “abandono” a que o pioneiro votou o método, não são objecto de inquirição, apesar do seu interesse evidente; com a confusão que perpassa nas sucessivas edições de *A Vida Sexual*⁴⁰⁸, a partir do momento em que o seu autor nelas introduziu um conjunto de notas acerca da psicanálise, sem se impor o cuidado de reelaborar o conjunto, harmonizando e revendo os conceitos que declarou adoptar do freudismo.⁴⁰⁹

É necessário destrinçar do emaranhado de representações institucionalizadas, a história individual do rapazinho de Avanca, disciplinado e educado pelo tio abade, pelos Jesuítas de São Fiel e pela Universidade de Coimbra, que se fez médico, neurologista, político, escritor, conferencista, empresário, e cientista. Ligado à sociedade e ao mundo por todas essas e outras actividades, dando delas o *quantum satis* que melhor lhe aprouve para uma pose alinhada com a posteridade.

A tarefa da história, aqui, é não deixar perder nenhuma das dimensões susceptíveis de fundar um entendimento, tão completo quanto possível, das circunstâncias que ajudam a explicar as ocultações e as afirmações que o tornaram notável, venerado e controverso.

⁴⁰⁷ MONIZ, Egas, “As bases da psicanálise. Lição inaugural do Curso de Neurologia” in *A Medicina Contemporânea*, 33, 337, 1915.

⁴⁰⁸ MONIZ, Egas, *A vida sexual*, 14ª edição, Lisboa, Casa Ventura Abrantes, 1932.

⁴⁰⁹ Ver a este respeito LUZES, Pedro, *Cem anos de psicanálise*, ISPA, Lisboa, 2002.

5.3. Celebração e silêncio

O centenário do nascimento de Egas Moniz ocorreu num período de mudança política, no ano da revolução de Abril de 1974. A sua importância foi relativizada quer pelo facto da programação ter sido elaborada ainda pelo regime deposto, quer, sobretudo, pela euforia colectiva e densidade evenemencial, suspendendo todo o tempo que não fosse o de afirmar a ruptura revolucionária com a ditadura fascista, com o regime do Estado Novo, do Partido Único, da Guerra Colonial, da supressão das liberdades, do policiamento da expressão, da liberdade de consciência e dos costumes. O próprio Egas Moniz, após a sua jubilação, em 1944, deu vários sinais de desaprovação do regime de Salazar. Em carta ao seu amigo Walter Freeman, de 9 de Julho de 1946, além de denunciar a proibição do seu livro *A Vida Sexual*⁴¹⁰, junta:

*Sobretudo o que me fere e desgosta, nesta supliciada vida portuguesa é a falta de liberdade de expressão do pensamento e de outras liberdades fundamentais. Passámos a ser servos de uma retrógada actividade mental*⁴¹¹

Em 1951, aquando da prisão de Corino de Andrade, faz chegar às mãos do injustiçado uma mensagem compungida:

Sei das infâmes restrições de que, além da prisão, tem sofrido. Mas nada posso infelizmente fazer. E na hora em que ia apresentar em Paris um dos mais belos trabalhos clínicos que

⁴¹⁰ MONIZ, Egas, *A vida sexual*, 14ª edição, Lisboa, Casa Ventura Abrantes, 1932.

⁴¹¹ Carta a Walter Freeman, incluída em ROCHA MELO, A, “Egas Moniz e a neurocirurgia” in PEREIRA, A. L. e PITA, J. R, *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, Minerva, 2000.

*se têm realizado em Portugal e que imortalizará o seu nome!
Mas que fazer? Agora chegou a vez dos médicos.!*

*Um horror!*⁴¹²

Egas Moniz exprime, também em público⁴¹³, a sua discordância com a natureza antidemocrática e o espírito de camarilha do regime de Salazar.

Recordado sobretudo como cientista nobelizado, o programa das comemorações foi retomado pelo 2º Governo Provisório, após a Revolução de Abril de 1974. Vitorino Magalhães Godinho, Ministro da Educação e Cultura do II Governo Provisório (18/7 a 30/9/1974), chegou a presidir a algumas sessões de evocação, onde desfilaram as comunicações que realçavam os aspectos biográficos atinentes. Em Lisboa, as comemorações incluíram, ainda, a inauguração de uma estátua à entrada da Faculdade de Medicina, no Hospital de Santa Maria.

De um modo geral, a controvérsia que separou a comunidade dos neurocientistas a propósito da *psicocirurgia*, foi sujeita a um efeito de evitamento desde o início. Essa indisponibilidade para a discussão, levou, ao longo dos anos subsequentes, a enfrentamentos surdos, alternados por súbitas tomadas de posição, nem sempre compreensíveis. Campanhas pela desnobelização, do tipo da que referimos anteriormente, no Capítulo 3, ou tempestades retóricas, como a que ocorreu no final do ano das comemorações do centenário do nascimento de Egas Moniz.

⁴¹² Mensagem de Egas Moniz para Corino de Andrade, citada por BARROS, José, “Corino de Andrade no século da neurologia” in *SINAPSE*, Maio de 2006 | N.º 1 | Volume 6 | SUPLEMENTO 1, p. 20.

⁴¹³ O vespertino *República*, identificado com a oposição de esquerda ao Estado Novo, faz-se eco das suas declarações. Em manchete, na sua edição de 28 de Outubro de 1953, destaca declarações de Egas Moniz: “A comédia vai repetir-se./Eleições sem fiscalização da Oposição não merecem esse nome: são nomeações que poderiam ser feitas no Ministério do Interior (...)”.

Estava de visita a Portugal David Cooper, figura de proa da antipsiquiatria, e o Grupo Organizativo de Debates sobre Instituições Psiquiátricas - GODIP, promoveu uma série de debates no Hospital de Santa Maria⁴¹⁴. Cândido da Costa, da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus, relata assim o que se passou:

Onde encontrei exageros e ausência de senso crítico, ou então total conhecimento das duras realidades existentes, foi em afirmações categóricas, ditadas por alguns intervencionistas corifeus que disseram barbaridades mais ou menos deste género: ‘Os doentes mentais, alguns com mais de 40 anos de sequestro em manicómios, não têm outro crime além da falta de carinho e afecto da família’. ‘Os médicos psiquiatras, os enfermeiros e restante pessoal de serviço nos estabelecimentos de psiquiatria são mais criminosos que a PIDE; pedimos para eles um julgamento popular imediato’. ‘Os ditos doentes mentais são simplesmente os marginados da sociedade’. ‘Vamos imediatamente destruir o busto de Egas Moniz que se encontra na cerca do Hospital de Santa Maria, bem como o recheio do museu do mesmo nome, porque inventou e fez praticar um tratamento cirúrgico ao cérebro desses infelizes, chamado leucotomia’. ‘Vamos amanhã abrir de par em par as portas dos manicómios e fazer uma parada, pelas artérias principais da cidade, para mostrar ao público os crimes de sequestro da nossa sociedade’⁴¹⁵

⁴¹⁴ O evento foi-me referido por dois participantes: o Psiquiatra e Psicanalista António Coimbra de Matos e o Psicólogo Aires Gameiro, que me confirmaram a versão seguinte.

⁴¹⁵ CÂNDIDO DA COSTA, “Sobre debates e congressos de psiquiatria” in *Hospitalidade - Revista de Saúde Mental e Relações Humanas*, Ano 39 - nº 150, Janeiro-Março de 1975, pp. 29-30.

O resultado combinado da celebração positiva e negativa, propicia uma informação mais abrangente acerca de como a *psicocirurgia* foi glorificada e detestada, quer mediante linhas de argumentação respeitáveis (Sobral Cid, Hessen Möller, etc), quer exageradas, desprezando uma abordagem compreensiva, como nos casos da campanha coordenada por Christine Johnson (referida na última parte do Capítulo 3), ou no alvitre para destruir a estátua de Egas Moniz, recém inaugurada durante as comemorações do centenário do seu nascimento, em 1974. Em ambos os casos, apesar da matéria factual estar separada por várias décadas, os protagonistas parecem sucumbir à tentação demiúrgica de, com os seus gestos alegadamente correctivos e moralisadores de um passado que rejeitam, fazerem justiça de acordo com os seus critérios, reporem a ordem que lhes parece mais correcta, apagando, retocando, renomeando, redistribuindo classificações, como quem descoroa reis ou retira louros da frente de heróis milenares.

No outro pólo, a veneração inabalável, o fechamento perante a revelação de novas evidências, e a desvalorização das argumentações alternativas, bloqueia a possibilidade de um entendimento multifacetado, inclusivo e pleno acerca do que está em jogo quando evocamos o passado.

Ganham aqui um relevo especial as apreciações de Barahona Fernandes e de Almeida Lima, anos depois da “onda de esperança” que a leucotomia solevou.

Lima, afasta-se conceptualmente de Moniz quanto à polémica denominação da classe de neurocirurgias que abrangiam, no entendimento de Egas Moniz, a leucotomia pré-frontal:

O termo 'psico-cirurgia' divulgado pelos autores americanos [Freeman e Watts] é incorrecto e perturbador. Cirurgia e psique são dois termos que não se podem reunir, representam coisas que estão em planos diferentes e sem contacto. Não se

*faz cirurgia das doenças mentais, mas sim cirurgia para ‘tratamento das doenças mentais’, cirurgia tão orgânica como outra qualquer que perante certos sintomas é dirigida para o tecido cerebral como noutos para a tiroide ou para o sistema nervoso simpático*⁴¹⁶

Para compreender o alcance desta reflexão do mais próximo colaborador de Egas Moniz, basta recordar a par das inúmeras vezes que o termo foi utilizado por Moniz, o 1º Congresso Internacional de Psicocirurgia realizado em Lisboa, em 1948, que atesta da aceitação geral que a denominação gozava⁴¹⁷.

Enquanto no ritual celebracionista se visa a preservação do passado (as mesmas teses, as mesmas perspectivas), o ritual inconformista tenta remediar o que de “mal” foi feito, numa espécie de ajuste de contas diferido. Ora as leituras do passado que não se conformam com os rituais celebracionistas, são estimulantes e susceptíveis de servir de base à produção de novos conhecimentos sobre a sociedade, desde que não violem o princípio de realidade que permite mudanças de perspectiva, emergência de novas evidências (documentos, testemunhos, revisões) e reavaliação das interpretações anteriores, mas não questiona a consistência dos actos, inscrições, acontecimentos e factos consensualizados, intersubjectivamente consolidados, que servem de base ao contrato cognitivo de base. É compreensível, no caso do regicídio de 1908, omitir aspectos considerados de somenos na composição da biografia de D. Carlos⁴¹⁸, mas não se pode “desmatar” o rei; é aceitável questionar as potencialidades terapêuticas da leucotomia préfrontal, mas não se pode retirar Egas Moniz da história (ainda

⁴¹⁶ LIMA, Almeida, “Platão – Bacon – Egas Moniz. A propósito do tratamento das doenças mentais”, in separata de *O Médico*, nº 1142, Vol. XLVIII, 1973, p. 5.

⁴¹⁷ Sobre o 1º Congresso Internacional de Psicocirurgia veja-se AAVV, *Anais Portugueses de Psiquiatria*, nº 1, Vol. I, Outubro de 1949, Lisboa, Edição do Hospital Júlio de Matos, 1949.

⁴¹⁸ Ver, p.ex. a biografia de D. Carlos que Rui Ramos escreveu. RAMOS, Rui, *D. Carlos*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2006.

que se destruíssem todas as estátuas e se renomeassem todas as ruas, praças, escolas, hospitais e outros edifícios baptizados com o seu nome); pode questionar-se os critérios que assistiram à atribuição do Prémio Nobel a Egas Moniz (muitos o fazem, de diferentes pontos de vista), mas não se pode apagar o facto de o Prémio Nobel lhe ter sido atribuído. Pura e simplesmente porque está fora da alçada dos poderes humanos. Mesmo que o Comité Nobel, por absurdo, assentisse; mesmo fazendo-o, não conseguiria fazê-lo. O rigor historiográfico registaria sempre o acontecido de 1949. É importante manter uma distância irredutível entre a história que se faz e a história de faz-de-conta.

5.4. Herói nacional, figura omissa e ferida narcísica

Egas Moniz queria ser reconhecido, deixar obra feita, ficar na história. Desde o rito baptismal até à conquista do Prémio Nobel, o seu percurso foi constantemente condicionado por essa vontade de sobressair, que está muito bem distribuída entre os humanos, mas particularmente concentrada nalguns deles. Tal como sustentámos no Capítulo 2, o seu tio abade projectou nele uma destinação singular, ao acrescentar-lhe o nome do avô de D. Afonso Henriques ao patronímico esperado. Essa distinção concorreu para criar em Egas Moniz, desde a infância, um reforço identitário que o notabilizava facilmente. Gerava também, no próprio e nos que o rodeavam, uma disposição⁴¹⁹ para se convencer de que era uma pessoa

⁴¹⁹ Neste caso, uma disposição simultaneamente para “agir” e para “crer”, de acordo com a discussão que Lahire faz deste conceito, apontando insuficiências à teorização de Bourdieu. LAHIRE, Bernard, “Patrimónios individuais de disposições. Para uma sociologia à escala individual” in *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 49, 2005, p. 17-18.

especial e agir em conformidade. O seu desejo de sobressair, o seu prazer de falar em público, de influenciar e conduzir não podem ser dissociados de uma socialização que lhe atribuía um lugar simbólico na gesta lusitana.

À sua volta, foram-se produzindo notas biográficas, entre o denotativo e o panegírico, contribuindo para a consolidação da notoriedade que o próprio buscava, dando achegas, por ocasião de uma entrevista ou de uma declaração pública, de modo a fixar a tematização da sua pessoa no estatuto do cientista. Seria como médico, neurologista, mas, sobretudo como homem de ciência que queria e iria ficar na história e, com a atribuição do Nobel, o desejo e o objecto reuniram-se.

Após tantos prémios, louvores e distinções, o cientista Egas Moniz foi gradualmente ascendendo à instância venerada dos sábios, da nova espécie de heroísmo que a modernidade apadrinhou. O Nobel catapultou-o para a elite das elites, em que, raros, notáveis e ascéticos, se perfilam os heróis da modernidade, nos frisos da física, da química, da medicina ou fisiologia, da Paz e da economia.

A glorificação de Egas Moniz, apesar das reservas e desconfianças de alguns sectores políticos, tornou-se uma constante. Egas Moniz fora dos primeiros a compreender a dinâmica dessa glorificação. Em carta a Walter Freeman (4/02/1946), faz-lhe um pedido singular: que o nomeie, nesse ano, para o Nobel. A razão que aponta é a de que o Nobel seria o corolário apropriado para uma carreira como a sua e, ao mesmo tempo, uma benesse para a tristeza e desamparo do povo português que, desse modo, teria algo de que se orgulhar⁴²⁰.

Como se aduz no Capítulo 3, não foi ainda dessa vez que o Comité Nobel anuiu. Porém, Walter Freeman, aspirante também a esse

⁴²⁰ EL-HAI, Jack, *The lobotomist. A maverick medical genius tragic quest to rid the world of mental illness*, New Jersey, Wiley & Sons, 2005, p. 226.

galardão, segundo alguns dos seus biógrafos, não deixou de satisfazer o pedido do amigo e mestre, mostrando-se sensível às razões aduzidas.

Motivo de orgulho nacional, celebrado como grande cientista, Egas Moniz passou a ser considerado como um herói moderno, cujos feitos, em versão resumida, deveriam permanecer para exemplo a seguir pelas novas gerações.

O tom dominante dos discursos do centenário do seu nascimento, têm essa tônica. Tudo o que destoia do panegírico tende a ser afastado da temática. Mesmo alguns dos seus biógrafos mais qualificados, como é o caso de Barahona Fernandes, associado à avaliação de alguns dos primeiros 20 casos de leucotomias, apontam cautelosamente as limitações do arsenal teórico de Egas Moniz. Sintetizando a conceptualização do funcionamento do cérebro que Moniz lhe transmitira, ao anunciar que tinha dado início às neurocirurgias experimentais, – nos mesmos termos em que, ainda nesse ano, verterá no *Tentatives opératoires* – Barahona comenta:

*Assim me desvendava Egas Moniz a sua teoria da vida psíquica, rescendendo a um intelectualismo tido na época por ultrapassado - numa espécie de renovação, em novas bases, do clássico 'associacionismo' psicológico*⁴²¹

Barahona declara, por altura do centenário do nascimento de Moniz, “(...) um certo distanciamento crítico no campo conceptual filosófico” compensado pela “fidelidade à sua metodologia objectivante e concreta”, mas com reservas. Essa adesão condicional de Barahona Fernandes, restringia-se à “aplicação às áreas que lhe eram adequadas (o orgânico, o biológico e as

⁴²¹ FERNANDES, Barahona, “Recordando Egas Moniz” in Separata de *O Médico*, nº 1212, Vol. LXXIII, 1974, p.7.

condutas pessoais e sociais) sem excluir – como Egas Moniz pretendia – os métodos introspectivos e toda a metodologia compreensiva da fenomenologia psicológica”. Neste passo Barahona aproveita para se reclamar de um “pluralismo fenomenológico” contra o “naturalismo monista e quase mecanicista de Egas Moniz”⁴²².

Apesar desta demarcação, o tom geral do texto, como foi o caso da maior parte dos escritos de Barahona sobre Egas Moniz, é elogioso e venerador. Omite a importância do estudo da autoria de Nunes da Costa que referimos no Capítulo 3,⁴²³ e faz uma caracterização distorcida da prática psicanalítica de Moniz:

A psicanálise que fora o 1º médico a divulgar em Portugal, só o ocupara no ângulo literário (no seu estudo sobre Júlio Dinis).

E logo a seguir, como que a fazer a demonstração, junta:

Numa clínica tão organicista como Santa Marta não havia aliás ambiente para intervenções psicoterápicas mais subtis e demoradas”⁴²⁴

Se levarmos em conta que outros biógrafos que conheceram Egas Moniz de perto, omitem, pura e simplesmente, o capítulo da

⁴²² FERNANDES, Ob. Cit, p. 5.

⁴²³ Referir-se-lhe-á, contudo, mais tarde e de passagem, em 1983. Ver FERNANDES, H. Barahona, *Egas Moniz, pioneiro de descobrimentos médicos*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, M.E, 1983, p. 85.

⁴²⁴ FERNANDES, Ob. Cit,p.12.

psicanálise⁴²⁵, Barahona Fernandes (um não freudiano) esquece, aparentemente, as descrições que o próprio Moniz fez de alguns casos em que aplicou o método psicanalítico⁴²⁶. Um tal zelo biográfico em afastar Egas Moniz da psicanálise tem, porventura, a ver com um entendimento particular acerca da sua desistência do método. Porém, a falta de rigor com que se aligeira ou omite a adopção da teoria e do método psicanalítico por Egas Moniz, exemplifica o alcance pós-mortem do efeito figuracional do poder biográfico.

António Fernando Cascais refere-se à dimensão heróica de Egas Moniz e ao evitamento das críticas como a “ferida narcísica”.⁴²⁷ Segundo ele, Egas Moniz, enquanto membro da comunidade, promoveu a pátria com a notoriedade dos seus feitos, içando-a ao nível das nações com membros seus nobelizados. Desde logo, torna-se difícil celebrar um herói ao mesmo tempo que se põem a nu factos e reflexões apontando a sua condição humana, fazendo sobressair elementos disfóricos, um ou outro erro, uma ou outra passagem questionável, frágil ou contraditória. A narrativa heróica não se compadece com a polémica. O herói requer uma narrativa irrepreensivelmente apologética. É por ela que nasce e vive. Contrariar, minimamente que seja, essa disposição para o elogio sistemático, é atentar contra o estatuto do herói (necessariamente mitificado) e, por carambola, contra o nosso sentimento de partilha desse nível da nossa própria identificação com o herói.

⁴²⁵ É o caso, entre outros, de Eduardo Coelho. Ver COELHO, Eduardo, *O Sentido da Cultura e da Investigação Científica em Egas Moniz*, Edições Cultura e Ciência, Lisboa, 1957.

⁴²⁶ Ver, p. ex, MONIZ, Egas, “O Conflito Sexual” in Portugal Médico, nº 9, (3ª série da antiga revista GAZETA DOS HOSPITAIS e VIDA MÉDICA, Ano 14º), 1921, p. 396.

⁴²⁷ CASCAIS, António Fernando, “A cabeça entre as mãos: Egas Moniz, a psicocirurgia e o prémio Nobel”, in João Arriscado Nunes, Maria Eduarda Gonçalves, orgs. et al.: *A sociedade portuguesa perante os desafios da globalização, Vol. V - Enteados de Galileu? Semiperiferia e intermediação no sistema mundial da ciência*, Porto, Afrontamento, 2001, p. 352.

5.5. Cultura científica

Os passos dados por Egas Moniz para identificar os problemas científicos existentes no seu tempo, analisá-los, formular soluções, testá-las, validá-las e divulgá-las, inspirados, embora, pelos principais pressupostos que enformam o método científico, devem ser contextualizados relativamente à época em que iniciou a actividade científica propriamente dita, – anterior à emergência da *big science* cujas características principais se começaram a manifestar no período que ocorreu por volta da II Guerra Mundial – e ao tipo de narrativa com que os cientistas se despojam, em geral, das indecisões, incertezas e obstáculos, para compor uma odisseia cujo fim feliz justifica a grandeza de cada um das fases teórico-metodológicas anteriores.

O contexto de formação universitária e o primeiro quartel do século XX são profundamente influenciados pelas doutrinas positivistas, pelo transformismo (francês) e depois pelo darwinismo, pelo darwinismo social e pelo eugenismo num fundo cultural de cientismo erigido em critério de verdade, ascendente epistemológico e poder. Sem descurar as particularidades que estas correntes doutrinárias assumiram em Portugal⁴²⁸, Egas Moniz adoptou, como boa parte dos médicos e cientistas do seu tempo, uma postura filosoficamente monista, – abertamente materialista e organicista – abrindo caminho à acentuação da vertente experimental das ciências que então se praticava⁴²⁹ e à acentuação da vertente neurológica cujo paradigma neuronal

⁴²⁸ Ver CATROGA, Fernando, “A importância do positivismo na consolidação da ideologia republicana em Portugal” in *Separata de Biblos – LIII – Homenagem a Victor Matos de Sá*, Faculdade de Letras da UC, Coimbra, 1977

⁴²⁹ O carácter pioneiro da escola criada por Mark Athias (1875-1946) inicialmente apoiado por Miguel Bombarda (1851-1910) foi decisivo para a introdução do método experimental em Portugal, tendo dado os primeiros passos no início do século XX.

fora objecto de acesa controvérsia na Alemanha, França, Itália – de onde era oriundo um dos maiores opositores da nova doutrina do neurónio, Camilo Golgi – e Espanha, terra de Santiago Ramón y Cajal, criador do novo paradigma. Para a caracterização do ambiente contraditório que opunha doutrinariamente a concepção continuista e reticular de Golgi à afirmação contígua e de autonomia celular de Cajal, recorde-se que o Comité Nobel atribuiu a ambos, *ex aequo*, o Prémio Nobel da Medicina ou Fisiologia de 1906, apesar de os dois premiados representarem, do modo mais nítido, público e assumido que se possa conceber, a personificação da controvérsia ainda em curso. Tratou-se de uma raridade em matéria de reconhecimento científico formalizado: um prémio científico *transparadigmático*.

5.5.1. Separação de funções e de poderes

No plano teórico, é intrigante que Egas Moniz não dê a Ramón y Cajal, nos seus primeiros escritos acerca da leucotomia préfrontal, o lugar que mais tarde lhe virá a reconhecer; que, no mesmo plano, nunca evoque Miguel Bombarda, um entusiástico aderente à nova doutrina do neurónio⁴³⁰. Porém, é na exclusiva concentração das actividades e funções numa mesma equipa que, neste caso, o mais pronunciado problema de cultura científica reside.

É Egas Moniz que comanda todas as operações, acumulando a condição de produtor científico do método com o de coordenador de todas as tarefas subsequentes. Dá instruções para a identificação dos casos operáveis,

⁴³⁰ FERNANDES, Barahona, *Egas Moniz, Pioneiro dos Descobrimentos Médicos*, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa, 1983, p. 64.

recebendo-os em Santa Marta ou deslocando-se aos Hospitais Júlio de Matos, ao Manicómio Miguel Bombarda ou, como recentemente se comprovou, à Casa de Saúde do Telhal, administrada pela Ordem Hospitaleira de S. João de Deus, e onde o seu discípulo Diogo Furtado exercia funções de médico militar, ou à Casa de Saúde da Idanha, entregue às Irmãs Hospitaleiras da Ordem do Sagrado Coração de Jesus⁴³¹. Supervisou, em muitos casos, as neurocirurgias, em colaboração estreita com Almeida Lima, e indicou, acompanhando-os de perto, os avaliadores da fase pós-operatória dos leucotomizados. Os depoimentos de Barahona Fernandes, filho do médico António Fernandes, camarada da universidade, colega de consultório e compadre de Egas Moniz, são elucidativos acerca do ascendente, da firmeza e da persuasão com que Egas Moniz formulava os termos que acabavam por influenciar os critérios de evolução a aplicar ao estado dos doentes.

O voluntarismo, o desejo de alcançar bons resultados, o desprezo pelas contrariedades consideradas de menor monta, o enfoque excessivo numa catamnese curta e sumária, não deixaram de ocultar ou desvalorizar aspectos negativos que se revelaram desde o início. Por outro lado, essa concentração de actividades e funções, desmotivava, igualmente, a discussão crítica acerca dos resultados, por via da lealdade inter-pares e da reverência relativamente a Egas Moniz. As críticas vindas do exterior eram encaradas como reacções “normais” à inovação, – toda a inovação acarreta reacções conservadoras – que os visados tendiam a considerar fruto do despeito, da inveja, quase sempre sem base objectiva. Além do mais, as críticas dirigidas ao método leucotómico eram entendidas como endereçadas à equipa médica, e a equipa tendia a reagir como um todo.

Noutra perspectiva, (que abordámos parcialmente no Capítulo 3), a inércia do secretismo institucional, aliado às barreiras deontológicas, tem

⁴³¹ Ver a este respeito GAMEIRO, Aires, BORGES, Augusto Moutinho, CARDOSO, Ana Mateus e D’OLIVEIRA, Fernando, “Um republicano no convento”, Coimbra, *Cadernos do CEIS20*, nº 13, 2009.

impossibilitado a análise do historial clínico das pessoas leucotomizadas e dos seus percursos, dentro e fora das instituições psiquiátricas. A interdisciplinaridade propiciadora de descrições complementares, de análises com outras abrangências, convocando experiências e sensibilidades de outras áreas do saber, não se tem aplicado deste lado do Atlântico. Este vazio historiográfico compõe um quadro de sombras que continuam a agitar-se, reconfigurando o cenário montado a partir da documentação conhecida.

Ficámos a saber, há pouco, que Egas Moniz se deslocou numerosas vezes à Casa de Saúde do Telhal, dirigida pela Ordem Hospitaleira de S. João de Deus, e à Casa de Saúde da Idanha, administrada pela Congregação das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus, para, com Almeida Lima e outros membros da sua equipa médica, proceder a várias leucotomias⁴³².

São raras, nos escritos relacionados com a leucotomia, as referências à Casa de Saúde do Telhal. Egas Moniz, Almeida Lima ou Diogo Furtado, cujas presenças e actividades no Telhal estão registadas nos diários da instituição, só muito esporadicamente a mencionam. As Casas de Saúde do Telhal e da Idanha, tendo desempenhado um papel de relevo na fase experimental da *psicocirurgia*, não receberam o relevo merecido, afinal, na história da *psicocirurgia*. Tudo se passava em segredo⁴³³, com o sigilo reforçado pela severidade da disciplina militar e da obediência religiosa à qual estavam obrigadas a maioria das pessoas em causa.

A importância destes dados, que só vieram a público já no século XXI, põe em evidência uma rede de cooperação e influência, eventualmente mais extensa e discreta do que parecia ser. Obviamente que

⁴³² *Hospitalidade*, Vol. 1938-39: 26-27; Vol. Nº 37, Ano IX, Abril de 1945:292-295; 5º Vol do Tomo V, nº 53, 1949:221-222; ver também GAMEIRO, Aires, BORGES, Augusto Moutinho, CARDOSO, Ana Mateus e D'OLIVEIRA, Fernando, "Um republicano no convento", Coimbra, *Cadernos do CEIS20*, nº 13, 2009, pp. 20-21. Agradeço aos Doutores Aires Gameiro e Augusto Moutinho Borges as valiosíssimas informações que partilharam a este respeito.

⁴³³ Ver entrevista videografada, de 2004, do Irmão José Joaquim Fernandes pelo Padre Aires Gameiro.

não foi possível analisar, escrutinar e historiar tudo o que permanecia oculto. O secretismo assumido de Egas Moniz e restantes colaboradores era muito mais denso do que se supunha.

5.5.2. Gestão da imagem: tempestividade e primazia

Egas Moniz trouxe para a actividade científica os procedimentos da política: o culto do secretismo conspirativo, assente na lealdade ao líder; o ciclo de preparação das decisões, da concepção, à consulta dos pares e à execução; a gestão da imagem e a construção da notoriedade. Da sua própria pena, temos testemunhos variados de um modo de actuação que nada deixava praticamente ao improvisado. À medida em que se foi consagrando, predominantemente, à investigação científica, a partir, sensivelmente, de 1924, Egas Moniz começou a assinar artigos em co-autoria com membros da sua equipa, ou seus colaboradores; combateu subtilmente a tendência para ser lembrado como homem da política, e investiu, a fundo, na criação e consolidação do tratamento da sua imagem pública enquanto cientista. O seu desejo de ser reconhecido por feitos extraordinários e de ser recordado como alguém que deixou obra feita, permanecia, enquanto preocupação e sentido do destino. Elevar-se sobre os demais, ostentar a distinção original e deixar uma inscrição profunda nos territórios da memória colectiva, enformaram o projecto de vida até ao fim.

Notícias para os jornais, entrevistas, publicidade farmacêutica, tudo ao serviço dessa causa maior que confundia a prestação individual com o desempenho científico de nomeada.

Não há registo de polémicas científicas em que Egas Moniz tenha participado. Nesse aspecto, o corte com a cultura do seu mestre e correlegionário Miguel Bombarda, foi quase absoluto. Egas Moniz pouco falou de Bombarda, como Barahona Fernandes, muito justamente, observa. Seguiu-o, na época, sobretudo como correligionário, mas nunca manifestou o mesmo entusiasmo pelas causas que ambos supostamente abraçavam. Nem no anticlericalismo intransigente, nem na intensidade da paixão pela causa republicana, nem no elogio do novo paradigma neuronal que disputava, na época, a capacidade explicativa ao paradigma precedente (reticular), ainda sustentado por muitos médicos, alienistas, psiquiatras e neurologistas. Mesmo quando era directamente interpelado, evitava a controvérsia. Nada na discussão pública acerca dos seus trabalhos o seduzia. Optava por referir-se a essas dificuldades de compreensão em momentos especialmente asados para o efeito, excluindo a possibilidade de contrargumentação directa e imediata. Preferia, em geral, usar de uma certa discrição, pondo, tanto quanto possível, outros a falar por ele e a defender os seus pontos de vista.

Manteve sempre essa postura. Não favorecia a controvérsia científica nem via nela as vantagens e potencialidades que outros vieram a valorizar.⁴³⁴

5.5.3. A Vida Sexual

A escolha do tema de doutoramento de Egas Moniz revelou, numa altura crucial da sua formação intelectual, uma atenção aguda aos

⁴³⁴ Ver a este respeito, CORREIA, Manuel, “Egas Moniz e a leucotomia pré-frontal. Ao largo da controvérsia”, *Análise Social*, vol. XLI, 2006, (181), pp. 1197-1213.

fenómenos básicos da regulação biológica e social. A exposição das principais ideias acerca da vida e da sociedade, entronca-se nessa obra, primeiro publicada em dois volumes e, depois, reunida num único, tornada num verdadeiro *best-seller*, pelo contraste entre a apetência e a raridade de publicações desse tipo em Portugal, pela curiosidade e celeumas que despertaram e até, finalmente, pelo condicionamento que o Estado Novo lhe impôs, proibindo a venda a público e restringindo a sua leitura nas bibliotecas públicas.

Inspirado numa obra similar de Krafft-Ebing, – *Psychopathia Sexualis*, 1886 – da qual, uma cópia circulava entre os estudantes de Coimbra nos tempos de Egas Moniz, *A Vida Sexual* descreve anatómica e funcionalmente os órgãos sexuais e o aparelho reprodutor, na 1ª parte (Fisiologia), e, na 2ª parte, (Patologia), as dinâmicas comportamentais, elencando e tipificando as “perversões sexuais” conhecidas, apoiadas em episódios clínicos. Ao longo do século XX os pontos de vista sustentados por Egas Moniz foram obsolescendo. O próprio Krafft-Ebing, a que Egas Moniz recorre, alterará o seu ponto de vista relativamente a alguns comportamentos, orientações e opções, no que já não será acompanhado nem seguido pelo autor de *A Vida Sexual*. Sigmund Freud, que Egas Moniz recenseia em 1915, sustenta um ponto de vista mais centrado no indivíduo do que na “espécie”, não logrando sintonizar, nesse e noutros aspectos, a concepção eugenista, devedora das ideias de Morel, Galton, Haeckel, Kraepelin e Lombroso, que Egas Moniz adoptara e mantivera.

Os conceitos de degenerescência, de perversão, e de raça, intimamente associados ao sistema de crenças que Egas Moniz abraçou, não eram ainda questionados em grande escala na viragem do século XIX para o século XX⁴³⁵. Basta recordar que em relação à homossexualidade,

⁴³⁵ Apesar de várias vezes tecnicamente autorizadas se terem já levantado na primeira década do século XX, apontando os limites da doutrina da degenerescência. Ver, p. ex. CORTESÃO, Jaime, *A Arte e a Medicina. Antero de Quental e Sousa Martins*, Coimbra, Tipografia França Amado, 1910; ver também LARANJEIRA, Manuel, *O Pessimismo Nacional, ou de como os portugueses*

considerada então uma doença e uma das perversões sexuais, “tratável” na óptica de Egas Moniz, só em 1973 foi oficialmente desmedicalizada pela American Psychiatric Association, que a retirou da DSM (Diagnostic and Statistical Manual of Psychiatric Disorders).

A Vida Sexual reflecte, pois, o pensamento conservador dominante, considerado avançado e ousado pela maioria dos republicanos que valorizavam a atitude desempoeirada de Egas Moniz, quer quanto à coragem de abordar publicamente a temática, (um tabu desconfortável), quer quanto ao progressismo de que se revestia a doutrina da contracepção, apelidada na época, pelas suas interrelações com a planificação demográfica, o neo-malthusianismo.

As asserções de Egas Moniz sobre o sexo, a procriação, a mulher e o instinto, têm de ser remetidas para o contexto finissecular, em que as preocupações com a degenerescência das raças estavam na ordem do dia, e o controlo social se centrava na vigilância dos costumes, na regulação familiar e no policiamento dos desejos.

O modo como Egas Moniz inseriu em *A Vida Sexual* o texto derivado da apresentação académica de *As Bases da Psicanálise*, dispensando-se de rever o conjunto à luz dos novos conceitos que declarou adoptar, tornou *A Vida Sexual* um livro incongruente. As contradições conceptuais arrastar-se-ão de edição em edição, até à promessa que referimos no capítulo anterior. A circunstância de Egas Moniz ter desistido desse projecto que se chamaria *O Complexo Sexual*, deixou para trás um texto remendado, que sugere uma colecção ecléctica de ideias que não se discutem suficientemente, nem se integram no plano inicial da obra. São uma manifestação da curiosidade intelectual de Egas Moniz mas não chegam a ganhar a consistência de um pensamento. Por ter acolhido diferentes perspectivas da sexualidade, o texto ficou fragilizado por dissonâncias

fundamentais. Pode pensar-se, hoje, que essa deficiente integração dos conceitos freudianos no texto de *A Vida Sexual* se devesse, já, à resistência inconsciente de Egas Moniz em face de um método de análise que desprezava os dados hereditários, colocando o enfoque nos passos de Édipo, atribuindo uma relevância estruturante à primeira infância na formação da personalidade e organização das emoções. A par de tudo isso, a desvalorização do recurso ao hipnotismo, que Egas Moniz tanto prezava, concorreu para que a recepção da psicanálise fosse acompanhada de muitas reservas e hesitações.

Na “última” edição (facsimilada) de *A Vida Sexual*⁴³⁶, Júlio Machado Vaz aponta algumas mudanças significativas da perspectiva sexológica, do princípio do século XX, para o início do século XXI. De entre as diferenças mais significativas, respiga a despatologização de comportamentos (caso da homossexualidade) e de condição (caso da menstruação) mas, em paralelo, aponta continuidades cultural e cientificamente interpelantes. Segundo Machado Vaz,⁴³⁷ o ensino universitário da Sexologia continua a ser deficitário ou inexistente, sobretudo nas Faculdades de Medicina.

*(...) um século volvido, a afirmação [acerca do “alheamento médico”] se mantém verdadeira, ao menos no que ao ensino pré-graduado diz respeito. Esse vazio formativo pagam-no doentes e população em geral. E acusa a comunidade universitária, que em pleno século XXI apregoa uma visão holística do Ser Humano e persiste em negligenciar-lhe a vertente sexual.*⁴³⁸

⁴³⁶ MONIZ, Egas, *A Vida Sexual, Fisiologia e Patologia*, Lisboa, Casa Ventura Abrantes, Facsimile da 15ª Edição, Estarreja, Câmara Municipal de Estarreja, 2009.

⁴³⁷ VAZ, Júlio Machado, “Prefácio” em MONIZ, Egas, *A Vida Sexual. Fisiologia e Patologia*, Lisboa, Casa Ventura Abrantes, Facsimile da 15ª Edição, Estarreja, Câmara Municipal de Estarreja, 2009.

⁴³⁸ VAZ, Júlio Machado, 2009, Ob. Cit, p.11

Uma tal constatação coloca a escolha de Egas Moniz em perspectiva. Sendo certo que as crenças eugenistas de Egas Moniz condicionaram decididamente a recepção da Psicanálise e o reexame de uma visão arcaica dos papéis sexuais, não é menos notável que se tenha abalançado a uma empresa que sabia profundamente emaranhada de tabus, puritanismos e exorcismos.

5.5.4. Eugenismo, filosofia e política (bom para o paciente; mau para a espécie?)

A doutrina eugenista é um dos elementos orientadores do pensamento de Egas Moniz, com maiores consequências na sua atitude intelectual face ao mundo e à sociedade⁴³⁹. A ele regressa sempre enquanto médico e político, no seu ensaísmo de excursões estéticas e biográficas, técnicas, empresariais e científicas. O ideal do aperfeiçoamento do património genético, cuja inspiração clássica mergulha na antiguidade, mas cuja síntese moderna, sob a forma de filosofia social, ressurgiu com Francis Galton⁴⁴⁰ (1822-1911) (primo de Charles Darwin) que cunhou, terminológica e nocionalmente o “eugenismo”, colocava a questão da responsabilidade do Estado ou da sociedade no controlo da natalidade e do aperfeiçoamento da espécie ou da raça, como questão central para pôr cobro à degeneração da espécie ou da(s) raça(s) que se estaria a verificar, sobretudo devido à sobrevivência de espécimens em adiantado estado degenerativo, que proliferavam mais do que os espécimens de boa descendência. Algumas das

⁴³⁹ Ver, a este respeito, o estudo de Ana Leonor Pereira “Eugenia em Portugal!?”: PEREIRA, Ana Leonor, “Eugenia em Portugal?” in *Revista de História das Ideias*, 20, 1999, pp. 531-600.

⁴⁴⁰ Ver, p.ex, GALTON, Francis, *Natural inheritance*, London, Richard Clay and Sons, 1889.

derivas do eugenismo desembocaram no genocídio, na limpeza étnica e no holocausto, sendo que, quer antes, quer depois da II Grande Guerra, a obrigatoriedade da esterilização de certos grupos de pessoas, foi plasmada na lei de alguns países, permanecendo em vigor até meados dos anos 70 do século XX.

Do poder de regular e regulamentar os comportamentos sexuais, definindo quais as boas práticas a encorajar e quais as perversões a condenar, (social e juridicamente), até ao estabelecimento de critérios estritos, codificados e medicalizados, acerca dos tipos e dos casos que deviam ser estimulados a procriar, e dos que deveriam ser impedidos de fazê-lo, coercivamente, se necessário, a sexualidade perfilava-se como a base essencial do exercício de um poder despótico em que as considerações sobre a moralidade sexual, procriativa, e a purificação da raça, figuravam como critérios supremos.

Egas Moniz refere-se amiúde, em muitos dos seus trabalhos, a Galton, Morel, Haeckel, Bergson e Lombroso, que tinham em comum a adesão indefectível ao darwinismo social, designação que, se bem que estranha ao próprio Darwin, se generalizou para designar o programa eugénico que, com diferenças menores, todos eles perfilhavam.

Tratava-se, de certo modo, da recuperação da utopia comteana da república dos sábios que governaria, para o bem comum, sob a autoridade da ciência, em ordem e progresso, numa espécie de ditadura iluminada.

Egas Moniz foi, a este respeito, muito claro e explícito. Expressou sem ambiguidade a sua adesão aos métodos neo-malthusianos (contraceptivos), verberou, no abstracto, os casos dos doentes, velhos e outros “improdutivos” que representavam um peso morto para a sociedade; repetiu a argumentação que prescreve, quer o eugenismo positivo, quer o negativo, e determinou quem, nesse sistema de interdições e punições, deveria assumir o lugar de decisor: o médico. Quando a lei fosse omissa ou, presume-se, não

suficientemente taxativa, então o médico deveria decidir “acima” da própria lei, se necessário.

Decorria desta assunção eugenista que Egas Moniz se considerava, pelo menos nalgumas situações e instâncias, independente da ordem jurídica, reclamando-se, implicitamente, de uma autonomia jusnaturalista, em tensão com os ideais republicanos relativamente ao papel do Estado e ao império da Lei. Tal como assinalámos no Capítulo 4, essas exceções, rodeadas pelo secretismo que se justificava, quer pela reserva da honorabilidade (caso dos duelos), quer pelos imperativos deontológicos (caso das decisões eugénicas tornadas actos médicos).

Averba-se, igualmente, no controlo da sexualidade, ainda, a influência determinante que os médicos, na qualidade de peritos a quem os tribunais, ou as partes em litígio, recorriam, buscando uma base técnico-científica para litigâncias e acórdãos, sob a forma de pareceres médico-legais. Neste aspecto, também, o exercício do poder-saber revestia a modalidade mediatizada do saber técnico-científico que arma o poder draconiano da jurisprudência.

Egas Moniz deixa transparecer preocupações típicas da condição de autor de pareceres médico-legais, incluindo na sua bibliografia alguns deles, e evitando outros dos quais ou não se orgulhava ou não lhes reconhecia valor suficiente. Entre os últimos, figura um diagnóstico de “loucura lúcida” a Maria Adelaide Coelho, esposa do então director do *Diário de Notícias*, que Agustina Bessa Luís descreveu com particular felicidade literária e fidelidade factual, no seu folhetim *Doidos e Amantes*⁴⁴¹. A mulher visada, publica em sua defesa vários livros, entre os quais *Doida Não*⁴⁴², em que descreve os termos entrevistas que lhe foram feitas por Júlio de Matos, Sobral Cid, e o próprio Egas Moniz. O parecer resultante, assinado pelos três

⁴⁴¹ Ver LUÍS, Agustina Bessa, *Loucos e Amantes*, Lisboa, Guimarães Editores, 2005. Ver também GARNEL, Maria Rita Lino, *Vítimas e violência na Lisboa da I República*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007, pp. 211-221.

⁴⁴² CUNHA, Maria Adelaide Coelho da, *Doida não!*, Porto, Tipografia Fonseca, 1920.

“alienistas”, foi desfavorável para ela, o que implicou perda de bens e divórcio litigioso, sem compensação.

Já em 1954, quando Egas Moniz apresenta, na Academia de Ciências de Lisboa, a conferência “A leucotomia está em causa”,⁴⁴³ dada à estampa nesse mesmo ano, sente-se compelido a responder a uma questão relacionada com a desejabilidade ou indesejabilidade de um leucotomizado vir a procriar⁴⁴⁴. A questão, suscitada evidentemente pelo autor da conferência, – apesar de ser apresentada como decorrente da necessidade de Egas Moniz *certificar a habilitação da pessoa leucotomizada para poder casar* – destina-se a demonstrar que, pelo menos no caso em apreço, tal não seria aconselhável. Independentemente da especificação, que serve, na circunstância, para esclarecer que essa é também uma preocupação legítima do médico, sobretudo se instado a pronunciar-se, demonstra quão profunda era a disposição eugenista de Egas Moniz, e como se manifestava no seu pensamento, nas suas atitudes e nas suas práticas.

Júlio Machado Vaz sublinha, no seu Prefácio à edição de *A Vida Sexual* editada por ocasião do 60º aniversário da atribuição do Prémio Nobel a Egas Moniz, que nos casos julgados mais graves – de que eram exemplo os “uranistas” –

*ao sucesso terapêutico deve seguir-se a indicação firme para que não tenham descendência, no interesse do futuro.*⁴⁴⁵

⁴⁴³ MONIZ, Egas, *A leucotomia está em causa*, Lisboa, Academia das Ciências Médicas, 1954.

⁴⁴⁴ Ob. Cit. : pp. 18-19.

⁴⁴⁵ VAZ, Júlio Machado, “Prefácio” em MONIZ, Egas, *A Vida Sexual. Fisiologia e Patologia*, Lisboa, Casa Ventura Abrantes, Facsimile da 15ª Edição, Estarreja, Câmara Municipal de Estarreja, 2009, p.8.

De facto, Egas Moniz, sem nomear expressamente a doutrina ainda dominante da degeneração, dá-lhe acolhimento quase pleno, ao enunciar que

*A hereditariedade exerce a sua acção sobre as raças e sobre os indivíduos. Naquelas perpetua os caracteres distintivos, nestas as taras intelectuais e físicas. É devido a estas transmissões fatais que um grande número dos que nos rodeiam suporta, a custo, uma existência pouco agradável.*⁴⁴⁶

Essa forte convicção de conhecer qual o “interesse do futuro” – leia-se: no interesse do aperfeiçoamento da raça ou do género humano, que é a principal ideia orientadora do eugenismo – foi, assim, tão assumida no início da sua carreira de médico, como no fim da sua vida. Foi uma das ideias mestras constitutivas da sua mundividência.

5.5.5. Entre cientismo e intuições espantosas

Convivem no discurso de Egas Moniz, em tensão, proposições que se filiam no cientismo, muito partilhado desde a geração que fez, em Portugal, a recepção do positivismo, a par de outras que revelam uma certa relativização epistemológica, concitada pelos diferentes pontos de vista

⁴⁴⁶ MONIZ, Egas, *A Vida Sexual. Fisiologia e Patologia*, Lisboa, Casa Ventura Abrantes, Facsimile da 15ª Edição, Estarreja, Câmara Municipal de Estarreja, 2009, p. 85

teóricos, pela história e pela cultura. É tentador verificar qual a consistência da hipótese de homologia destas tensões nos seus principais campos de experiência: a política e a ciência.

No plano científico, Egas Moniz admite a obsolescência do conhecimento, referindo-se quer à sua actividade, quer ao trabalho de outros. Quando compulsa as crenças médicas do tempo de Júlio Dinis⁴⁴⁷, chama a atenção para a panóplia de ideias e procedimentos que a experiência mais recente varrera da prática clínica.

A noção de transitoriedade do conhecimento científico ressalta também de comentários e mensagens temporizadoras⁴⁴⁸. Todavia, noutros passos, Egas Moniz mostra-se intransigente, peremptório e aguerrido. Na defesa do carácter científico do hipnotismo, na senda do Abade de Faria; na descrição da dinâmica psíquica, fazendo corresponder fluxos transeurais à formação de "ideias fixas"; na convicção hereditarista decorrente do eugenismo forte que abraçara; na visão acerca da dinâmica social, dada quer em *A Vida Sexual*, quer na conferência *As psicoses sociais*⁴⁴⁹. A convivência de noções contraditórias no seu discurso põe em evidência uma grande abertura na aquisição de revelações, num processo de elaboração que, a termo, integrava ou excluía a informação adquirida. Foi provavelmente o que se passou com a psicanálise freudiana.

No plano político, Egas Moniz adopta, faseadamente, os ideais republicanos, primeiro em ruptura com o seu partido de juventude, – o Partido Progressista, – e, depois, aliando-se ao Partido Republicano Português, com o qual conspirará e fará caminho até 5 de Outubro de 1910. Priva com os principais dirigentes republicanos; participa directa e activamente com Miguel Bombarda na Junta Liberal. É, depois, co-fundador

⁴⁴⁷ MONIZ, Egas, *Júlio Dinis e a sua obra*, Porto, Livraria Civilização, 1924.

⁴⁴⁸ “Os homens passam, as conquistas científicas permanecem ou transformam-se. A história, que as arquiva, fará a sua crítica” MONIZ, Egas, *A última lição*, Lisboa, Ática, 1944, p. 37.

⁴⁴⁹ MONIZ, Egas, *Ao Lado da Medicina*, Lisboa, Bertrand, 1940, pp. 9-37.

do Partido Evolucionista, onde pontificou António José de Almeida; funda o Partido Centrista Republicano, que se diluirá no Partido Nacional Republicano, para enquadrar o lance plebiscitário de Sidónio Pais, dissolvendo-se logo depois, paralelamente ao abandono da política activa. De 1912 em diante, Egas Moniz empenhou-se na formação de uma frente conservadora contra o radicalismo jacobino dos “Democratas” liderados por Afonso Costa. E é essa a direcção que o leva ao encontro do dezembrismo de Sidónio Pais.

5.5.6. Os pintores da loucura

Em 7 de Fevereiro de 1930, Egas Moniz é o conferencista convidado para a inauguração da exposição do Grupo Silva Porto, na Sociedade Nacional de Belas Artes. Por esse tempo Egas Moniz era conhecido pelo seu desempenho político desde o princípio do século XX até à ditadura sidonista; pela Encefalografia Arterial (que viria a dar, depois, a Angiografria Cerebral); director do serviço de neurologia do Hospital Escolar de Santa Marta; e Professor Catedrático de Neurologia. A razão principal que justificava esta sua conferência tinha a ver com a temática, “Os pintores da loucura”⁴⁵⁰, em que a competência psiquiátrica e a condição de coleccionador de arte se sobrepunham. Numa outra conferência, cerca de 15 anos antes, no Museu Nacional de Aveiro, Egas Moniz traçara uma história da Arte,

⁴⁵⁰ MONIZ, Egas, “Os pintores da loucura” in *Ao Lado da Medicina*, Lisboa, Bertrand, 1940.

detendo-se no “limiar do século XIX”⁴⁵¹, alegando a dificuldade e os limites razoáveis da exposição.

Egas Moniz, com a idade do Impressionismo⁴⁵² e um discurso de abertura e curiosidade relativamente a algumas das inovações que o mundo oferecia, evitara internar-se no século XIX. Tal como se diz na introdução aos “Três ensaios sobre pintura”⁴⁵³, “(...) surpreende-nos que na sua colecção de pintura patente na Casa Museu de Avanca, não surjam obras de Amadeo Sousa Cardoso, Almada Negreiros ou Vieira da Silva (...)”.

De certo modo, a sua conferência sobre “Os pintores da loucura”, responde a essas questões.

O elogio de Silva Porto (1850-1893), da sua escola naturalista e dos seus seguidores, serve de pretexto a Egas Moniz para sistematizar algumas ideias acerca da relação entre criação artística e saúde mental, que não deu a conhecer no Museu de Aveiro em 1916, mas já tinha aflorado em 1925, a propósito da valorização estética da obra de Júlio Dinis⁴⁵⁴.

Egas Moniz delimita com precisão o perímetro aceitável das formas estéticas que patenteiam uma relação harmoniosa com o meio envolvente, e faz derivar dessa ideia a linha de demarcação entre o normal e o patológico.

Do esquema traçado por Egas Moniz faz parte, em 1º lugar, a explicação para os sinais de normalidade ou anormalidade surgirem na obra

⁴⁵¹ MONIZ, Egas, “Divagações sobre arte” in *Ao lado da medicina*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1940, p. 199.

⁴⁵² Foi convencionada o ano da 1ª exposição do grupo no atelier de Maurice Nadar, em 1874, como data da “fundação” do movimento Impressionista. Um dos quadros de referência, – “Impression d’un lever de soleil”, de Claude Monet (1840-1926) – que está na origem do vocábulo, data de dois anos antes.

⁴⁵³ MONIZ, Egas, “Os pintores da loucura” in *Três ensaios sobre pintura*, Estarreja, Ed. da Câmara Municipal de Estarreja, 1999.

⁴⁵⁴ MONIZ, Egas, *Júlio Dinis e a sua obra*, Porto, Livraria Civilização, 1946.

do pintor: a metáfora da condução. Os pintores “transportam” os seus estados de alma para a tela. Sabendo, no entanto, da fragilidade desse critério de aferição, acrescenta, nalguns casos, a condição de os pintores estarem a ser sinceros no momento em que pintam.

Divide a história da arte ocidental em três fases: 1) a piedosa, em que abundam os motivos religiosos; 2) a dos palácios e grandes figuras históricas; e 3) a da pintura rural em que a Natureza impera.

Nesta última fase, a noção de paisagem⁴⁵⁵ é o padrão mais sólido para aquilatar o valor da obra artística em presença.

Até aqui, o conjunto de critérios expostos pode ser aplicado aos casos canónicos de Goya e Van Gogh Kandinsky e Picasso. Trata-se de descortinar nas suas obras as transformações que operaram na representação dos objectos, desviando-se da imagem dada à percepção corrente, que para ele se centra sempre no límpido reflexo de uma paisagem.

No passo seguinte, porém, transita da apreciação deste ou daquele pintor para escolas e correntes artísticas.

Egas Moniz, sem prejuízo da sua cerrada apologia das correntes naturalistas e do seu confesso centramento na noção de paisagem para destrinçar o que é normal do que é patológico, conhece as teorizações produzidas acerca das novas correntes estéticas. Não se trata de alguém vítima de arroubos conservadores desinformados. Cita Mallarmé acerca do cubismo e acompanha sem dificuldade o que é escrito sobre o expressionismo e o abstraccionismo. A sua convicção, porém, é a de que essas correntes estéticas padecem de três tipos de limitações:

Em primeiro lugar, fogem ao critério “democrático”, ou seja, utilizam linguagens de difícil descodificação para grande maioria. Logo, ao

⁴⁵⁵ PITA, António Pedro, “Arte: animal domesticado” in PEREIRA, Ana Leonor, e PITA, João Rui, (coord.), *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, Minerva, pp. 223-234.

insistirem em tipos de comunicação restritos, laboram num comportamento de exceção que pode tipificar a fuga à realidade. O individualismo exarcebado é uma limitação na comunicação com os outros e denuncia, ao mesmo tempo, uma desarmonia grave na relação com o meio.

Em segundo lugar, fixa o grau de desejabilidade dos conteúdos, aferidos pelas temáticas. As cenas violentas, as monstruosidades, as perversões e os conflitos são fortes indicadores de predisposição psicopatológica.

Em terceiro lugar, essas formas de arte são patológicas porque seguem padrões semelhantes aos que alguns doentes mentais utilizam para se expressarem.

Tudo isto concorre para que as inovações estéticas que emergiram nos séculos XIX e XX, com a confortável exceção do naturalismo, sejam classificadas como formas mais adequadas a exprimir estados de alma recônditos, do que a produzir boa arte.

A histórica sucessão de escolas estéticas exerce uma “acção perturbadora”⁴⁵⁶, tendo

As escolas modernas (...) vindo ao encontro dos psiquiatras”⁴⁵⁷ [e afastando-se da] concepção humana da beleza que imortalizou a arte grega, para exprimirem as sua impressões e ideias com sinais, símbolos e imagens que irrompem livremente na imaginação.”⁴⁵⁸

Esta irrupção livre (de ordem dionisíaca ou desordenada). Egas Moniz aponta como circunstância diferenciadora o facto destas

⁴⁵⁶ MONIZ, Egas, “Os pintores da loucura” in *Três ensaios sobre pintura*, Estarreja, Ed. da Câmara Municipal de Estarreja, 1999, p. 4.

⁴⁵⁷ Ibidem.

⁴⁵⁸ Ibidem.

“manifestações de arte serem “inteiramente individuais” fazerem depender o produto artístico do “estado psíquico do pintor”⁴⁵⁹

As frases finais do Egas Moniz fazem o contraponto apologético dos padrões estéticos que estiveram em análise, anunciando aos presentes que “Ficam agora a respirar o ar deste ambiente salutar, onde a Natureza vibra a cada canto nos quadros equilibrados dos artistas amigos de Silva Porto, que laboram à luz clara da sã razão e do bom sol português.”⁴⁶⁰

Egas Moniz não faz referência, tal como foi assinalado na introdução aos “Três ensaios sobre pintura”, a Amadeo Sousa Cardoso, a Almada Negreiros ou a Vieira da Silva. É omissos em relação aos futuristas e fala do Modernismo e do Impressionismo de passagem. Tal como dissemos atrás, o autor do prefácio aos “Três ensaios sobre Pintura” achou surpreendente que tendo Egas Moniz confidenciado nutrir simpatia pelos modernistas, não contar, no entanto, na sua colecção de arte – e nós acrescentamos: nem referir nos seus escritos – nenhum exemplar de Amadeo, Almada ou Vieira da Silva.

Porém, uma leitura atenta do texto da conferência “Os pintores da loucura” poderia convencer-nos precisamente do contrário. Seria surpreendente, isso sim, que depois de se manifestar com tamanha clareza relativamente à “boa” e à “má” arte, fazendo passar a fronteira entre o normal e o patológico pela corrente naturalista, Egas Moniz se sentisse inclinado a investir na arte “má”. Tanto mais que a sua crítica não se limita à tradicional revisitação dos casos célebres (Van Gogh, etc) mas incide mais amplamente sobre as próprias escolas, correntes e estilos.

A lógica com que Egas Moniz desvaloriza o expressionismo, o cubismo e o abstraccionismo, envolve necessariamente a pintura de Amadeo Sousa Cardoso. Almada Negreiros veria com maior dificuldade um quadro seu na colecção de Egas Moniz. A somar às considerações de ordem estética, haveria

⁴⁵⁹ Idem, p. 5.

⁴⁶⁰ Idem, p. 12.

a considerar o Manifesto Anti-Dantas, que, visando Júlio Dantas, amigo, cúmplice e colega de Egas Moniz, quis atingir o velho sistema da arte instalada e ultrapassada.

A tradução estética das novas formas de olhar e sentir o mundo apresentava-se simultaneamente como uma proposta de nova ordem, questionando a autoridade estabelecida, as ideias, instituições e as pessoas, enquanto novos e velhos actores do teatro do mundo.

Com a idade do Impressionismo, Egas Moniz identificava-se melhor com o modo de Silva Porto, Malhoa e Júlio Dinis. As suas opções naturalistas, o evitamento das representações do conflito, das urbes buliçosas, das contradições da vertigem das Odes de Álvaro de Campos, quadravam melhor com o lugar que consagrava à arte na ordem social.

5.5.7. Discussões surdas (Cajal, Babinski, Sobral Cid e Sigmund Freud)

Já salientámos o modo algo inesperado como Egas Moniz, não tendo salientado em devido tempo a importância do contributo de Ramón y Cajal para a neurologia do século XX, se lança no elogio do homem e da obra. Não se compreende facilmente, tal como já aduzimos, que ao “esquecimento” relativo de Cajal até à data da jubilação, tenha tido, do alto dos seus 70 anos, a admiração e o enlevo que até aí lhe tinham faltado. Atentando nos efeitos retóricos dos textos em apreço⁴⁶¹, deduz-se, sem correr

⁴⁶¹ MONIZ, Egas, “Ramón y Cajal”, in *Conferências Médicas e Literárias*, Vol. III, Lisboa, Portugália Editora, 1950

o risco da sobreinterpretação⁴⁶², que tudo em Cajal o torna companheiro ideal para a revelação de quão semelhantes eram, um e outro. Esta anotação de leitura não implica necessariamente um expediente deliberado da parte do autor. A força de atracção biográfica exercida pelo exemplo de Cajal era suficientemente forte e sugestiva para, ao reflectir sobre as figuras importantes dos séculos XIX e XX, encontrasse numerosos pontos de contacto, faltando apenas, à data da publicação do primeiro texto dessa série, que o reconhecimento nacional e internacional que premiou Cajal, com a criação do Instituto Cajal, na sequência da atribuição do Prémio Nobel em 1906, o beneficiasse também com idêntica homenagem. Decorre da leitura da carta que Egas Moniz envia a Walter Freeman em 1946⁴⁶³ a indicação de que a obtenção do Nobel era um desiderato forte, duradouro, e a expressão de um desejo intenso. Ao homenagear Cajal, comparando-se explicitamente com ele, Egas Moniz valorizava ambos, reivindicando uma parte do triunfo da nova doutrina do neurónio e, por consequência, contrastando os louvores que um tinha recebido e o outro (ele próprio), não.

Mas tudo isso não apaga o espírito crítico de Egas Moniz relativamente à teorização Cajaliana. Passando em revista aspectos específicos da estrutura neuronal, Egas Moniz suscita algumas dúvidas e reservas, omitindo, pelo menos nos seus escritos, o concurso de uma série de histologistas portugueses familiarizados com a pessoa e a obra de Cajal, e que Cajal acolheu, em retorno, no seu círculo de amigos e nos seus textos⁴⁶⁴. Esta manifestação tardia do seu deslumbramento por Cajal, pontuado por reservas relativamente à teoria do neurónio, constitui uma espécie de marca de água da atitude de Egas Moniz relativamente às representações do passado: longas ausências e debates em surdina.

Com Babinski, seu mestre dos tempos em que estagiou em Paris, após o doutoramento na Universidade de Coimbra, Egas Moniz enceta

⁴⁶² ECO, Umberto, *Interpretação e sobreinterpretação*, Lisboa, Presença, 1993.

⁴⁶³ Ver anterior nota nº 215, pág. 148.

⁴⁶⁴ Celestino da Costa, Mark Athias, Abel Salazar, entre outros.

uma discussão diferida, acerca do fenómeno hipnótico, no seu livro *O Abade Faria na história do hipnotismo*.⁴⁶⁵ Tendo Babinski manifestado a sua desconfiança relativamente à autenticidade dos transes, admitindo, quanto muito, que era a própria histeria, com a alta receptividade à sugestão que a caracterizava, que explicava a ilusão de dominar o “epopta” – como o Abade Faria chamava os hipnotizáveis – alvitando que histeria e hipnotismo eram interdependentes. Face a esta “simplificação”, Moniz sai à estacada denunciando a ignorância de Babinski na matéria. Porém as críticas ficam por aí. Egas Moniz não voltará ao assunto. Tal como foi anteriormente referido, Babinski recebê-lo-á em sua casa, anos mais tarde, quando Egas Moniz aportou com as suas arteriografias debaixo do braço. Apoia-lo-á na acreditação e divulgação da primeira realização científica que coloca Egas Moniz no friso dos cientistas de nomeada. Este pequeno diferendo ficou, assim, reduzido ao confronto de duas asserções extraídas de um artigo de Babinski⁴⁶⁶ e do livro de Egas Moniz. Em surdina, também, e sem outro desenvolvimento.

Quanto a Sobral Cid, a questão é mais complexa. Já referimos anteriormente a tomada de posição de Sobral Cid contra a eficácia da leucotomia. No fundamental, Sobral Cid não reconhecia o efeito terapêutico da leucotomia pré-frontal. Após um período de franca colaboração e apoio às “tentativas operatórias”, encomiasticamente destacadas e agradecidas por Egas Moniz, Sobral Cid entendeu demarcar-se. Fê-lo, como já referimos, com frontalidade e de modo a afastar quaisquer ambiguidades a esse respeito.⁴⁶⁷

Egas Moniz, que se saiba, não lhe respondeu no mesmo plano. Cerca de cinco anos depois, (Sobral Cid morreu, entretanto, em 1941), em

⁴⁶⁵ MONIZ, Egas, *O Abade Faria na história do Hipnotismo*. Conferência de Lisboa. Ampliada e dividida em capítulos. Publicação da Faculdade de Medicina. I Volume, Lisboa, 1925. Edição Facsimilada da Editorial Vega, Lisboa, 1977.

⁴⁶⁶ MONIZ, Egas, 1977, Ob. Cit, p. 71.

⁴⁶⁷ Texto intitulado “La leucotomie pré-frontale” in SOBRAL-CID, José de Matos, *Obras*, Vol. I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983, pp.265-269

carta enviada a Walter Freeman,⁴⁶⁸ Moniz queixa-se da falta de colaboração, da resistência e do despeito do seu amigo. O intuito era o de justificar, perante Freeman, a razão pela qual, sendo Portugal o berço da leucotomia, não se tinha recorrido a esse método cirúrgico em maior escala.

Se juntarmos a estes exemplos, o do abandono da psicanálise, e de projectos já anunciados com ela correlacionados, sem qualquer justificação, obtemos um quadro de disposições marcadas pelo evitamento do debate aberto entre pares. Esta disposição prende-se claramente com a cultura científica de Egas Moniz e revela uma parte importante do seu *habitus* científico. A desvalorização (relativa) da importância da clareza teórica e da abertura de espírito para a polémica, conjugavam-se, numa atitude de fechamento do campo das representações circulantes, em oposição, como atrás aludimos, com a avidez cognitiva que explica a adopção, pelo menos temporária, de muitas das novas ideias que surgiram nos meios científicos até finais dos anos vinte. Egas Moniz não abdicava de tomar posição quando achava apropriado fazê-lo, contudo não gostava de se expôr, respondendo ou dialogando com quem o contraditasse. O testemunho de Barahona Fernandes, entre outros, reporta uma maior flexibilidade de Egas Moniz quando contraditado acerca de questões científicas, do que quando se tratava de assuntos sociais ou políticos. Mas a descrição restringe-se ao meio hospitalar e clínico, deixando de fora o plano das polémicas científicas propriamente ditas.

Relativamente a Freud, Egas Moniz revela, desde o início⁴⁶⁹ alguns pontos de atrito com concepções e procedimentos que as versões da “psico-análise” que lhe iam chegando, punham em relevo. Enquanto a noção de *inconsciente* conseguia fintar o princípio khuniano da incomensurabilidade entre paradigmas⁴⁷⁰, encontrando pontos de contacto com a obscuridade das noções prevaletentes de “instinto sexual”, – mais tarde complicados com o

⁴⁶⁸ Carta de Moniz a Freeman referida já diversas vezes: nota nº 215 da pág. 148.

⁴⁶⁹ Quer em *A Vida Sexual* (1901), quer em *As Bases da Psicanálise* (1915).

⁴⁷⁰ Prova, quanto muito, um caso de “transgressão” da incomensurabilidade.

desenvolvimento dos conceitos de pulsão (eros e tanathos), – a desmaiada importância que Freud reservava ao perfil hereditário dos analisandos, suscitou estranheza e reparo ao eugenista forte que Egas Moniz era. No seu livro *A Vida Sexual*, que, tal como já sublinhámos, foi sucessivamente remendado com novas aquisições, mas sem uma revisão cuidada das incongruências resultantes, Egas Moniz aceita o princípio freudiano da sexualidade infantil e das suas três fases, apesar de colidir com o saber corrente, segundo o qual a sexualidade humana começava a manifestar-se por altura da puberdade. Relativamente à sexualidade na 1ª infância, Egas Moniz começa por aceitar o princípio geral, afirmando, mesmo, que nesse aspecto, o sábio de Viena viera demonstrar algo que fazia sentido mas havia, até aí, sido ignorado. Curiosamente, mantém intactas, em *A Vida Sexual*, as passagens em que se sustenta que a sexualidade, nos humanos, emerge com a puberdade. Todavia, em escritos posteriores, Egas Moniz põe em causa, não já a sexualidade infantil, mas a relevância da sua análise para determinar as causas das psiconeuroses⁴⁷¹. Tal como mencionámos, esta incompreensão ou resistência de Egas Moniz contra o entendimento da psicanálise freudiana, segundo o qual, os passos do Édipo são fulcrais para a futura formação da personalidade e estrutura das emoções, sugere uma recepção precária da psicanálise. No conjunto, as considerações que Egas Moniz tece quanto ao recurso ao hipnotismo, ou, perante a informação de que Freud, após o caso de *Ana O*, deixara de praticá-lo, insiste na vantagem do hipnotismo, pelo menos na produção de um estado aproximado (hipnóidico)⁴⁷², são de menor monta, apesar de evidenciarem desatenção ou desvalorização das explicações fornecidas por Freud quanto à regressividade da catarse.

De um modo ou de outro, Egas Moniz, sem explicar porquê, abandonará a fileira psicanalítica (e os planos anunciados de publicação de uma obra de grande fôlego que viria fazer o ponto da situação da psicanálise,

⁴⁷¹ Caso de uma paciente, descrito por Moniz em *O Conflito Sexual*. MONIZ, Egas, “O Conflito Sexual” in *Portugal Médico*, nº 9, 1921

⁴⁷² MONIZ, Egas, “O Conflito Sexual” in *Portugal Médico*, nº 9, 1921, p.397.

em meados dos anos trinta, praticamente à janelas das primeiras experiências que conduziram à *psicocirurgia* e à *leucotomia préfrontal*. Comparando a lista de perturbações mentais que a psicanálise podia tratar e curar, com lista idêntica que Moniz elaborou para sublinhar as potencialidades terapêuticas da leucotomia, encontramos bastantes coincidências. Tudo indica, apesar do vazio explicativo, que Egas Moniz fez uma transferência. Concentrou, a partir daí, na leucotomia toda a esperança de cura e salvação que houvera atribuído outrora à psicanálise.

5.6. O déficit teórico

Em praticamente toda a literatura que faz a avaliação da *psicocirurgia* surgem críticas às insuficiências teóricas da exposição conceptual de Egas Moniz. As ideias que expôs acerca do funcionamento do cérebro, do papel dos lobos frontais e dos “centros ovais” dos lobos pré-frontais, não explicitavam, de acordo com os resultados obtidos, o carácter dos fenómenos que a lesão induzida repercutia na dinâmica psíquica.

Cerca de um ano após as primeiras leucotomias, Egas Moniz e Diogo Furtado expunham a fragilidade teórica da empresa:

(...) nous voulons signaler que la doctrine de la fixation fonctionnelle de certains groupements cellulo-connectifs, exposée dans ce livre [Tentatives opératoires], n'est pas plus qu'une hypothèse de travail, et n'a aucune prétention de jouer le rôle de théorie pathogénique des psychoses dite fonctionnelles.

*Le mécanisme par lequel l'intervention destructive de substance blanche des lobes préfrontaux agit favorablement sur certains tableaux psychopathologiques nous est - il faut l'avouer - tout à fait inconnu.*⁴⁷³

Neste artigo, além de admitirem desconhecer o “mecanismo” que explica as alegadas melhoras dos doentes, fazem várias observações cuja consistência permanecerá em trabalhos futuros.

*C'est dans les psychoses, dont le symptôme dominant est l'angoisse, que la méthode s'est montrée le plus efficace: on a rapporté plusieurs cas de mélancolie anxieuse, dont l'évolution jusque là chronique et irrémédiable a été arrêtée et le malade guéri par l'intervention.*⁴⁷⁴

e outras que não virão a ser confirmadas

*(...) la destruction considérable que nous provoquons dans le centre oval des lobes en question n'arrive à produire aucun symptôme clinique.*⁴⁷⁵

Nos anos seguintes, mercê do efeito Mateus⁴⁷⁶ e de alguns traços dominantes do que era então a cultura científica dos médicos, a

⁴⁷³ MONIZ, Egas e FURTADO, Diogo, “Essais de traitement de la schizophrénie par la leucotomie préfrontale” in *Annales Médico-Psychologiques*, N° 2, Juillet de 1937, Paris, Masson et Cie Editeurs, p.1.

⁴⁷⁴ Ibidem.

⁴⁷⁵ Ibidem.

Leucotomia Pré-frontal e neurocirurgias derivadas, foram replicadas um pouco por todo o lado. Quando, em 1948, o 1º Congresso Internacional de Psicocirurgia teve lugar em Lisboa, os adeptos da *psicocirurgia*, mais ou menos entusiastas, conheciam já, bastante bem, os riscos, os efeitos secundários (as tais alterações da personalidade...) e, de um modo geral, sustentavam que a prática da leucotomia deveria tender para intervenção de último recurso.

Na sua *Última Lição*⁴⁷⁷, em 1944, Moniz reconhece algumas fragilidades teóricas no edifício conceptual da Leucotomia Préfrontal.

*Se me sobrar vida e disposição, ocupar-me-ei ainda com desenvolvimento do aspecto teórico da questão, pois se a operação foi acolhida, por muitos, com interesse, as suas bases não mereceram, entre os próprios psiquiatras organicistas, unanimidade de vistas. (...) A realidade dos resultados obtidos sobreleva contudo as divergências no campo das hipóteses iniciais.*⁴⁷⁸

Incomodava-o, sobretudo, que os neurologistas que partilhavam com ele uma concepção organicista, pusessem reservas às suas explicações e indicações. O facto de se disponibilizar para desenvolver a explanação teórica da leucotomia, atesta, pelo menos em certa medida, sensibilidade e consideração por algumas das críticas que lhe foram endereçadas.

⁴⁷⁶ Efeito que pretende explicar a ampliação do prestígio de quem já se posicionou na comunidade científica e a dificuldade em se fazer ouvir de quem ainda não o conseguiu.

⁴⁷⁷ MONIZ, Egas, *A Última Lição*, Lisboa, Portugália Editora, 1944.

⁴⁷⁸ MONIZ, Egas, *A Última Lição*, Lisboa, Portugália Editora, 1944, p.25.

Hessen-Möller, comentando a nomeação para o Nobel em 1944, refere-se também a este aspecto.

*(...) as reflexões teóricas que levaram Moniz ao seu método parecem tão vagas, e o material do próprio Moniz por causa do acompanhamento curto e relativamente superficial a seguir às intervenções cirúrgicas não chega para convencer.*⁴⁷⁹

Finalmente, em 1955, na conferência proferida acerca dos ataques à leucotomia – *A Leucotomia está em Causa*⁴⁸⁰ – Egas Moniz desvaloriza as reservas que lhe são colocadas no plano teórico, designadamente as sublinhadas pela lei da União Soviética que passou a interditar a prática da leucotomia. Neste último caso, a interpelação teórica teve origem no Conselho Superior de Saúde da URSS que

*(...) examinou a questão da leucotomia pré-frontal como método terapêutico e reconheceu que esta operação não tinha bases teóricas; a aplicação da leucotomia pré-frontal contradiz todos os princípios fundamentais da doutrina de Pavlov*⁴⁸¹

Visando, antes de tudo, a questão teórica, Moniz acrescenta

⁴⁷⁹ Hessen-Möller, “Avaliação de Egas Moniz” in CORREIA, Manuel, *Egas Moniz e o Prémio Nobel*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006, p. 131.

⁴⁸⁰ MONIZ, Egas, *A leucotomia está em causa*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, Biblioteca de Altos Estudos, 1954.

⁴⁸¹ MONIZ, Egas, Ob. Cit, p. 48

Se isso significa dizer que as não aceitam [as bases teóricas da leucotomia] , está bem; mas os resultados é que valem e são reconhecidos pela grande maioria dos neuro-psiquiatras ocidentais e americanos.

(...) os influxos que atravessam o cérebro podem seguir diferentes caminhos para alcançar o mesmo fim.⁴⁸²

Por fim, sintetiza as duas séries de provas:

Dum lado, as que a defendem [a leucotomia] no campo médico, filosófico e teológico; do outro as que a condenam por motivos mais teóricos do que práticos, indo até à sua proibição num grande país oriental.⁴⁸³

Face às dificuldades que lhe foram surgindo na descrição de um modelo dinâmico que explicasse a relação entre as alterações produzidas no córtex e os resultados, favoráveis e desfavoráveis às suas teses, Moniz admitiu, antes de receber o prémio Nobel, que se impunha desenvolver os aspectos teóricos da leucotomia. Depois de 1950, tendeu a desvalorizar as fragilidades teóricas que tinha constatado antes, argumentando com a força da evidência dos resultados.

Egas Moniz remetia-se assim a uma postura *empiricista*, como se fosse possível, na divulgação dos resultados da investigação científica, dispensar a teoria para interpretar os resultados e compreender os processos e

⁴⁸² MONIZ, Egas, Ob. Cit, p. 49.

⁴⁸³ MONIZ, Egas, *A Leucotomia Está em Causa*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, Biblioteca de Altos Estudos, 1954, p.51.

prosseguir a investigação na base apenas de uma espécie de ingenuidade analítica.

5.7. O défice ético

A tese que sustenta uma causalidade linear entre a apresentação das chimpanzés de Fulton no Congresso de Londres, em 1935, e o arranque, em Lisboa, das primeiras *leucotomias*, é demasiado simplista. Não é pelo facto de se ter instalado nas histórias acerca da *psicocirurgia* que se torna mais consistente. É altamente improvável que um qualquer neurologista⁴⁸⁴ que não tivesse reflectido longamente sobre o papel dos lobos frontais, se dispusesse, de um momento para o outro, a enveredar, sem mais, pela *psicocirurgia*. Há uma série de indícios que levam a atribuir à experiência de Fulton, quanto muito, uma oportunidade de confirmação.

Todavia, o próprio Fulton, depois de ter achado má ideia “saltar” dos macacos para os humanos, alimentou também a versão de que os seus trabalhos e os do seu colega Carlyle Jacobsen, tinham estado na génese da leucotomia de Moniz. Para reforçar essa história de que Egas Moniz soltara o seu *eureka* em Londres, diante das chimpanzés, Herbert Olivecrona, no discurso oficial de apresentação dos vencedores do prémio Nobel 1949⁴⁸⁵, destacou os trabalhos anteriores de Fulton, reforçando a tese de que o encontro de Moniz com Fulton, em 1935, fora decisivo.

⁴⁸⁴ Entre outros, Walter Freeman, participante no mesmo Congresso e, mais tarde, um dos maiores entusiastas da psicocirurgia, poderia, igualmente, ter sido sensibilizado pela experiência das chimpanzés e tido também o seu “eureka”...

⁴⁸⁵ OLIVECRONA, Herbert, “Presentation Speech” in Nobel Prize.Org: [http://nobelprize.org/nobel_prizes/medicine/laureates/1949/press.html].

De qualquer modo, o estranho é que havendo dois cientistas norte americanos a fazer investigação sobre as funções dos lobos frontais em grandes símios, Egas Moniz, após tomar conhecimento da fase de pesquisa em que se encontravam, tenha decidido dar o “salto” para os humanos, sem assegurar a confirmação experimental, ainda nos símios, antes de efectuar a translação. O pouco que se conhecia e se tinha publicado à época, aconselharia a continuar, ainda, com as experiências em chimpanzés até adquirir conhecimentos mais sólidos na matéria. A experimentação em humanos, apesar de usada e abusada na “era dos extremos”⁴⁸⁶, tinha merecido a Egas Moniz, na preparação da Encefalografia Arterial, – sem embargo das numerosas críticas de que foi alvo, sobretudo pelos efeitos colaterais do torotraste – uma translação mais faseada e cautelosa.

5.8. O alheamento de Walter Hess

Walter Rudolf Hess foi o neurofisiologista que partilhou o prémio Nobel da Medicina ou Fisiologia, em 1949, com Egas Moniz. O prémio conjunto uniu-os simbolicamente, para além da circunstância de ambos se dedicarem ao estudo do sistema nervoso: Egas Moniz enquanto neurologista, agora empenhado no conhecimento do papel dos lobos frontais; Hess enquanto neurofisiologista dedicado ao mapeamento das áreas do diencéfalo associadas à regulação das funções neurovegetativas, circulação e pressão sanguínea, etc.

⁴⁸⁶ Ver, entre outro o livro de Pappworth, *Human Guinea Pigs*. PAPPWORTH, M. H, *Human Guinea Pigs. Experimentation on men*, London, Penguin Books, 1967.

Contrariamente ao que seria de esperar (e se tinha visto noutros casos anteriores), para além das menções telegráficas ao facto de terem recebido o “mesmo” prémio no mesmo ano, verificou-se um alheamento sensível entre ambos, cujo vazio se prolongou nas narrativas biográficas posteriores. Com raríssimas e superficiais excepções, Egas Moniz não fala de Hess, e Hess, mesmo quando, por dever de ofício, se refere à leucotomia⁴⁸⁷, omite o nome de Egas Moniz.

O divórcio começou com a ausência de Egas Moniz da cerimónia de entrega do prémio, em Estocolmo. Moniz alegou razões de saúde para não se deslocar à Suécia (ia nos seus 75 anos, muito afectado pela gota de que sofria desde os 24 anos), tendo recebido o diploma, a medalha e o cheque em sua casa, em Lisboa, das mãos do embaixador sueco. Não lhes teria despertado interesse o facto de o Comité Nobel os ter premiado simultaneamente? Não teriam tido curiosidade em conhecer as investigações um do outro? Ou seria o tipo de pesquisa que cada um levava a cabo que os deixava indiferentes?

O certo é que o grau de reconhecimento científico que o prémio conjunto corporizou, nunca se traduziu em sinais de reconhecimento recíproco dos dois nobelizados. Apesar de se reclamarem ambos da linhagem teórica de Pavlov; de ambos se ocuparem do estudo do sistema nervoso; de ambos navegarem no paradigma neuronal inaugurado por Ramón y Cajal, não se conhece, nem a um nem a outro, qualquer nota de divulgação acerca do teor dos trabalhos do seu par e parceiro laureado.

⁴⁸⁷ HESS, Walter Rudolf, *The Biology of Mind*, Chicago, The University of Chicago Press, 1964, p.135.

5.9. A imprecisão histórica e a pressão mitificadora.

Em 1988, no rescaldo de (mais) uma campanha pela desnobelização de Egas Moniz, o site da Fundação Nobel (Nobelprize.org), à guisa de resposta, incluiu um artigo de Bengt Jansson, Professor de Psiquiatria no Karolinska Institutet, intitulado *Controversial Psychosurgery resulted in a Nobel Prize*⁴⁸⁸

Jansson faz a contextualização histórica das principais terapêuticas para doenças mentais até ao surgimento da cloropromazina. Apoiado em vários estudos, explica as razões porque, apesar dos severos efeitos colaterais conhecidos, a leucotomia e a lobotomia foram adoptadas e mantidas esperançosamente ao longo de quase um quarto de século. Depois, debruçando-se mais pormenorizadamente sobre a figura de Egas Moniz, começa por dizer que

*Moniz, who was born in 1874, was shot in the leg by a patient and had to **spend the rest of his life in a wheel chair***⁴⁸⁹ (he died in 1955).

Não sabemos qual a fonte de Jansson para este traço particular da “cadeira de rodas”. Esta falsidade não ensombra demasiado o seu artigo, mas introduz uma nota dissonante num texto que constitui, de certo modo,

⁴⁸⁸ Ver JANSSON, Bengt, “Controversial Psychosurgery resulted in a Nobel Prize” in http://nobelprize.org/nobel_prizes/medicine/laureates/1949/moniz-article.html, s/d.

⁴⁸⁹ O negrito é nosso.

uma resposta indirecta da Fundação Nobel à última campanha pela desnobelização de Egas Moniz.

O artigo de Jansson reproduz, ainda, a grande tendência de discutir superficialmente a parte científica da actividade de Egas Moniz, descuidando e, por vezes, falsificando as outras vertentes.

1) Partindo da plataforma narrativa do Prémio Nobel (Egas Moniz é ainda internacionalmente referido por ser um membro dessa elite das elites), Jansson desconta-lhe aquilo que se entende, por vezes indirectamente, como o demérito relativo da leucotomia préfrontal, chamando a atenção para o vazio terapêutico existente na época em que a leucotomia surgiu, e chamando a atenção para a onda de esperança que fez propagar; faz menção do papel muito mais activo (e excessivo) que outros desempenharam nas aplicações da *psicocirurgia*, quer no desenvolvimento do método, quer na extensão das aplicações (sobretudo Walter Freeman); sublinha a correlação entre o grau de aceitabilidade da leucotomia e da lobotomia e o êxito anterior da Angiografia Cerebral (efeito de Mateus, já anteriormente evocado); e conclui que, face a tudo isso, Egas Moniz merecia indubitavelmente um prémio Nobel. A afirmação subliminar que serve de resposta às campanhas contra o Nobel da leucotomia é, pois, a de que, se Egas Moniz não tivesse ganho o prémio pela leucotomia, merecê-lo-ia, de qualquer maneira, pela Angiografia.

Esta argumentação que se serve de factos aceitáveis, separadamente, e os articula numa justificação desconcertante, é a do artigo de Jansson e, informalmente, a “defesa” e justificação da Fundação Nobel.

2) Apesar do défice teórico e do défice ético serem bastante evidentes e objecto de diversas tomadas de posição, nem Herbert Olivecrona, na altura da atribuição do prémio, nem Jansson, tantos anos depois, justificando a atribuição do prémio, se lhe referem com clareza. Jansson chama ao “salto” das experiências com chimpanzés para a leucotomia préfrontal em humanos, um “bold-step”, sublinhando-lhe mais a ousadia e a assunção do risco do que quaisquer reservas de carácter teórico ou ético. No artigo de Jansson⁴⁹⁰, em 1998, assim como no discurso de Herbert Olivecrona, em 1949, as “alterações da personalidade” são confirmadas, tal como a ideia de que os médicos tiveram uma percepção nítida desses “efeitos colaterais” desde o início. A questão que colocavam frequentemente era a de saber se o resultado constituía, ou não, um benefício para o doente e para o meio social, ficando a ideia de que, perante as dificuldades de comunicação com os doentes mentais, o principal objectivo, por vezes, era acalmá-los e torná-los menos problemáticos. Os défices referidos eram já identificados mas eram também considerados aceitáveis nas circunstâncias de então.

3) Jansson destaca a densidade biográfica associada à figura de Egas Moniz, chamando a atenção para as outras valências e desempenhos de uma história de vida que não se resumiu à sua especialidade médica e científica. Dá dela um rápido fresco, sublinhando a sua “passagem” pela política e pelos negócios até que, não se percebe muito bem como, acrescenta uma nota falsa: Egas Moniz teria passado os seus últimos anos numa cadeira de rodas. O erro biográfico, que quase passa despercebido no artigo de Jansson, ilustra, todavia, a margem de inexactidão que muito do que se escreveu e escreve acerca de Egas Moniz, em Portugal e no mundo, comporta. É insignificante para a questão central em apreço no artigo (a contextualização histórica da aceitação da leucotomia pré-frontal) mas ilustra

⁴⁹⁰ Jansson, Bengt, “Controversial psychosurgery resulted in a Nobel Prize” in http://nobelprize.org/nobel_prizes/medicine/laureates/1949/moniz-article.html, S/D.

a tendência efabulatória aplicada às biografias, mesmo da parte de narradores cuja preparação científica faria supor um controlo mais rigoroso das fontes.

4) Tudo isto põe em evidência a incontornabilidade de Egas Moniz para a compreensão da história das ciências médicas no século XX. Com o questionado “extremo” da leucotomia, o que nos é dado discutir hoje, tem mais a ver com aspectos dominantes da cultura científica da época, amplamente partilhados, do que com a fulanização a que frequentemente assistimos. Com as esperanças que suscitou e com as dúvidas que não ultrapassou, a razão pela qual Egas Moniz ganhou o prémio Nobel permanece como exemplo singular do modo como se fazia, avaliava e reconhecia os resultados da investigação científica na primeira metade do século XX.

A maior atenção a dar às vozes discordantes, ao conteúdo das polémicas, ao valor científico da dinâmica das controvérsias, fica, entre outras, como um exemplo de que o quadro histórico dos projectos de investigação não está completo até se lhe juntar as concepções alternativas, as críticas, divergências, discussões e debates que acompanham os processos científicos.

6. Conclusões

Apresentámos ao longo do nosso trabalho os objectos que resultam de uma recombinação dos conteúdos de fontes já conhecidas com outras inéditas, procedendo ao retravejamento biográfico de Egas Moniz. Na perspectiva proposta – Representação, Saber e Poder – contestámos a tese da “breve passagem pela política”, empobrecedora da experiência específica, da cultura e do pensamento de Egas Moniz. Pelo contrário, concluímos tratar-se de um trajecto político singular que culmina, na fase mais activa, com um elevado protagonismo, e a assunção das mais elevadas responsabilidades sob o consulado de Sidónio Pais.

Quanto aos aspectos ligados à sua carreira científica, adoptámos uma abordagem inclusiva, valorizando os aspectos controversos que rodearam a Angiografia Cerebral e a Leucotomia Pré-frontal,

compulsando diferentes pontos de vista, revelando a complexidade que revestiram e ainda hoje revestem.

Integrámos as diferentes contribuições de Egas Moniz sem cuidar das aparentes contradições que levaram alguns biógrafos a desvalorizar as suas convicções largamente documentadas em matéria de hipnotismo ou o seu pioneirismo na psicanálise, aparentemente em contra pé com o confessado organicismo; ou, ainda, as suas incursões polémicas mas emblemáticas na biografia, na crítica literária e nas artes plásticas.

Com a investigação dedicada nos arquivos do Comité Nobel, em Estocolmo; com a integração e a abordagem inclusiva de resultados provenientes de fontes até há pouco esquecidas ou utilizadas de modo fragmentário, e com a produção do conceito de Poder Biográfico, demos, em síntese, um novo quadro em que acrescentámos informação pertinente, conhecimento relevante e um conjunto de reflexões que modestamente alvitramos.

6.1. Do défice de protagonismo político ao político na sombra do cientista

Tal como ficou anotado no capítulo 2, o trajecto político de Egas Moniz não configura a escassez de referências quer do próprio, nos seus escritos de carácter autobiográfico, quer dos seus biógrafos. A documentação consultada põe em evidência, do início ao fim, uma permanente ligação aos actores e instituições políticas; um agudo sentido da política sob a forma de preocupações, reflexões e iniciativas constantes; uma

extensão temporal e uma intensidade de desempenho notáveis no período consagrado á política activa. Acresce a esta série de considerações, em dissonância com a maioria das versões anteriores, a também já referida asserção de que Egas Moniz foi um dos actores políticos mais importantes da chamada República Nova, logo a seguir a Sidónio Pais (1872-1918).

Esta perspectiva⁴⁹¹, devidamente fundamentada e documentada, apresenta Egas Moniz a uma outra luz, pondo em relevo a fragilidade das teses alimentadas pelo próprio e aceites sem verificação por muitos dos autores que sobre ele escreveram, segundo as quais, a sua passagem pela política fora breve, focada em grande parte na sua obra *Um Ano de Política*, nada havendo de realmente importante a acrescentar.

Sustentámos que, diferentemente, a proximidade da política, a atenção constante e o envolvimento militante, são um dos traços mais vivos da cultura de Egas Moniz. As estratégias que adoptou na sua tardia carreira de cientista; a criteriosa gestão da imagem; a combinação de múltiplas actividades revelam essa familiaridade com a *res publica* e uma continuada intimidade com o poder.

As suas memórias e experiências colhidas junto dos jesuítas de São Fiel, habilitá-lo-ão a um exercício permanente de reserva *versus* revelação, silenciando ou brandindo esse traço biográfico, de acordo com as circunstâncias. Assim, omitiu-o no período de ascenso republicano, e revelou-o, de modo crítico, mais tarde, nas *Confidências de Um Investigador Científico*. E o modo crítico com que o revela, mostra como aquelas

⁴⁹¹ Cabe aqui uma palavra de apreço pela contribuição de Armando Malheiro da Silva para o questionamento do desempenho político de Egas Moniz. Malheiro da Silva sublinha que “Com a saída e o afastamento dos unionistas e machadistas da esfera do poder, os ex-centristas, juntamente com os militares dezembristas, ficaram a “segurar” o Partido Nacional Republicano (PNR) e a experiência encabeçada por Sidónio Pais. Este ficou, por isso, mais encostado à parede: não só precisava, como afinal dependia inteiramente das opções tácticas de Egas Moniz.” SILVA, Armando Malheiro da, “Egas Moniz e a política. Notas avulsas para uma biografia indiscreta” in PEREIRA, Ana Leonor, e PITA, João Rui, (Org), *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, Minerva, 2000, p.288.

memórias o confrontaram, vezes sem conta, com a evidência das ideologias e das paixões exacerbadas da época, procurando ele, Egas Moniz, que nunca se alargou muito acerca de Miguel Bombarda, referir o exagero anticlerical sem esquecer os “silícios mentais” do Padre Santana. Uma certa via de racionalização diplomática, à procura de um certo equilíbrio, a evocar o “centrismo” de que se reclamou em 1917 aquando da fundação do Partido Centrista Republicano. E é essa uma das marcas ontológicas do seu percurso transicional: a tensão permanente entre o que deve subsistir para que algo do adquirido anterior assegure a sobrevivência da identidade, e o que deve ser alterado para que, num mundo em mudança, se possa acompanhar o movimento e se possa operar a adaptação ao novo estado de coisas.

Egas Moniz confrontou-se muito frequentemente com essa tensão e foi-lhe dando respostas que podem ser simplificadas em poucas linhas, sem prejuízo do que anteriormente ficou dito a este respeito⁴⁹².

Face ao desajustamento rotativista, acompanhou o grupo liderado por José Maria de Alpoim, demarcando-se do Partido Progressista onde militava desde os bancos da Universidade de Coimbra. Partido Progressista cujo Chefe o apadrinhara nas provas de formatura, representado, na ocorrência, pelo mesmo José Maria de Alpoim. Por esse mesmo partido, fora eleito pelo círculo de Estarreja para a Câmara dos Deputados em 1900. Viria assim a tornar-se um dos parlamentares mais experientes, um dos constituintes de 1911 e, com algumas intermitências, membro do Parlamento até 1919.

A Dissidência Progressista orientou-se para a acção conjunta com o grupos do Partido Republicano, em cujos comícios Egas Moniz participou, sem embargo da sua pertença ainda a outras organizações, como a Junta Liberal (chefiada por Miguel Bombarda) e outras acções, como a da chamada Intentona da Biblioteca, em 1908, que o levou à prisão

⁴⁹² Capítulos 1 e 2.

juntamente com os líderes republicanos António José de Almeida, Afonso Costa e outros, na véspera do Regicídio.

Iniciado na Maçonaria (Grande Oriente Lusitano) e membro do Partido Republicano Português, Egas Moniz destaca-se como parlamentar constituinte. Levanta a pertinente questão da Dissolução do Parlamento⁴⁹³, e opõe-se a diversas iniciativas legislativas de Afonso Costa. Com a fragmentação do Partido Republicano Português, Egas Moniz alinha com o grupo liderado por António José de Almeida, surgindo como cofundador do novo Partido Evolucionista Republicano, em 1912.

Porém, por altura da chamada Ditadura de Pimenta de Castro (1915), na sequência da prisão de que foi vítima, lança-se mais activamente no assentamento de um bloco conservador em cuja arquitectura política um novo partido exerceria uma função catalizadora. O bloco conservador deveria incluir todos aqueles que não se reviam no radicalismo jacobino dos Democráticos e o partido viria a ser fundado em 1917: o Partido Centrista Republicano.

As sucessivas rupturas surgem como tributárias do primeiro esquema que enunciámos a propósito da visão crítica que Egas Moniz expendeu a propósito do regime de ensino dos jesuítas em São Fiel. Um jogo permanente entre o que deve ser preservado e o que pode ser substituído ou eliminado. Chegado a 1917, Egas Moniz autoproclamava-se da ala conservadora da República, propugnando uma alternativa ao bloco radical e chamando à participação aqueles até aí arredados do poder por professarem ideais não coincidentes com o bloco de apoio do Partido Democrático.

⁴⁹³ Dissolução do Parlamento na Constituição.

Com o movimento dezembrista⁴⁹⁴ – golpe de Estado na sequência do movimento militar chefiado por Sidónio Pais – Egas Moniz é chamado a desempenhar cargos de elevada responsabilidade.

Em primeiro lugar, no plano partidário, acede no desmantelamento do Partido Centrista Republicano, fundindo-o no Partido Nacional Republicano – o partido do movimento sidonista – de que Egas Moniz será um dos principais dirigentes, conselheiros de Sidónio Pais e líder parlamentar da nova maioria, após realização das eleições de 1918.

Em segundo lugar no plano governamental: ministro plenipotenciário de Portugal em Madrid; Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e Presidente da Delegação Portuguesa à Conferência de Paz de Paris com que foi selada a 1ª Grande Guerra (1914-1918).

Temos, assim, até ao assassinato de Sidónio Pais (14/12/1918) e, na prática, até ao início dos anos 20 do século passado, uma presença de Egas Moniz na política activa, em crescendo, tendo-o guindado a altos cargos de responsabilidade política no término de duas décadas de intensa militância partidária e parlamentar.

Tal como aduzimos no capítulo 2, esta cadeia factual não se compagina com as expressões diminutivas da actividade política de Egas Moniz.

De meados dos anos vinte em diante, Egas Moniz remete-se a uma intervenção muito mais moderada, limitada às mensagens mais ou menos subliminares que acompanham as suas palestras⁴⁹⁵.

Na sua primeira e segunda nomeação para o Prémio Nobel da Medicina ou Fisiologia, surgem os nomes de antigos militantes do Partido Progressista, colegas do Governo de Sidónio, deputados. O mundo da

⁴⁹⁴ Que eclodiu em 5 de Dezembro de 1917.

⁴⁹⁵ Caso das psicoses sociais, geração humana. Ver MONIZ, Egas, “Psicoses Sociais” in *Ao lado da medicina*, Lisboa, Bertrand, 1940, pp.9-37.

política não é um mundo à parte. As sociabilidades entrecruzam-se, o capital simbólico dificilmente se desbarata. A preservação dessa rede de antigos contactos e a “distância calculada”⁴⁹⁶ que soube manter com o regime do Estado Novo, ilustram

Porém, logo após a sua jubilação, em 1944, reaparece na cena pública, denunciando a falta de democraticidade do processo eleitoral, concedendo entrevistas e fazendo declarações em que exprime o seu inconformismo em relação à falta de garantias que o regime de Oliveira Salazar dá às oposições.

Por morte de Óscar Carmona, é convidado para candidato presidencial por alguns sectores da oposição. Escusa-se. Alega falta de saúde e declina no Almirante Quintão Meireles. Este gesto político foi ainda consentâneo com a sua visão conservadora da política. Quintão Meireles não representava qualquer alternativa. Porém nem o próprio Quintão Meireles chegou a ir a votos. Os candidatos das oposições foram considerados inelegíveis pela Câmara Corporativa e apenas o candidato apoiado pela União Nacional se apresentou ao eleitorado.

Nos seus escritos íntimos (ainda não publicados⁴⁹⁷) Egas Moniz deixa as últimas impressões sobre o que se passa. Preocupado com a situação internacional; acusando Oliveira Salazar e seus apoiantes de falta de visão, de nepotismo e de práticas ditatoriais.

Há porém um elemento nuclear do seu ideário cujas implicações políticas e científicas devem ser assinaladas para melhor compreender a sua postura intelectual: o eugenismo. Apesar de não ter tratado do tema em escritos autónomos, é visível a sua adesão aos procedimentos

⁴⁹⁶ A expressão é de João Lobo Antunes: Ver ANTUNES, João Lobo, “Egas Moniz – uma palavra sobre o Outro” in *1911-1999. O ensino médico em Lisboa no início do Século. Sete artistas contemporâneos evocam a geração de 1911*, Catálogo da Exposição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1999, p. 32.

⁴⁹⁷ Ver Diários manuscritos do “Prémio Nobel” e de *Os meus 80 anos, Anexos*, pp 5 – 18.

derivados de uma versão forte do eugenismo (positivo e negativo)⁴⁹⁸. Essa convicção revela-se nos seus textos a partir do início do século XX, e constitui como que um programa de acção subliminar, afirmando-se de modo mais manifesto em *A Vida Sexual, As Psicoses Sociais, e A Geração Humana e as doutrinas de Exeter*. Mesmo nos escritos da última fase (*A Leucotomia está em causa*), este eixo protoprogramático, com as aflorações ideológicas óbvias, corresponde a uma actualização formal da doutrina da degeneração que dominou a etiologia psiquiátrica desde a sua mítica fundação⁴⁹⁹. A hereditarização dos diagnósticos prosseguiu sob essa forma, desembaraçando-se das críticas contundentes de que a doutrina da degeneração fora alvo entre nós⁵⁰⁰ e em geral⁵⁰¹.

É aliás essa convicção, juntamente com o apego à prática do hipnotismo, que sobrevém na recepção da psicanálise freudiana, levantando entraves a uma mais ampla identificação e acordo com a doutrina e o método.

O jovem médico que cita frequentemente Tardieu⁵⁰², num exercício de afirmação técnica, social, profissional e política; o neurologista que se propõe abrir uma nova senda neurocirúrgica “ao serviço da psiquiatria” inaugurando o ramo da *Psicocirurgia*, propiciando a realização do 1º Congresso em Lisboa; o duelista que não cede ao Estado Republicano e aos seus tribunais o monopólio da violência legítima e o

⁴⁹⁸ Ver PEREIRA, Ana Leonor, “Eugenia em Portugal?” in *Revista de História das Ideias*, 20, 1999, pp. 531-600, e PICHOT, André, *O eugenismo: geneticistas apanhados pela filantropia*, Lisboa, Instituto Piaget, 1997.

⁴⁹⁹ Ver PEREIRA, Mário Eduardo Costa, “Morel e a questão da degenerescência” in *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 11, nº 3, pp. 490-496, Setembro de 2008.

⁵⁰⁰ CORTESÃO, Jaime, *A Arte e a Medicina. Antero de Quental e Sousa Martins*, Coimbra, Tipografia França Amado, 1910. Ver também LARANJEIRA, Manuel, *O Pessimismo Nacional, ou de como os portugueses procuram soluções de esperança em tempos de crise social*, Lisboa, Padrões Culturais Editora, [1908], 2008.

⁵⁰¹ FREUD, Sigmund, “Heredity and the aetiology of the neuroses” in *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, Vol. III (1893-1899), Early Psycho-Analytic Publications, London, The Hogarth Press and the Institute of Psycho Analysis, 1981.

⁵⁰² “Le ministère sacré du médecin, en l’obligeant à tout voir, lui permet aussi de tout dire”, na portada de todas as edições de *A Vida Sexual*.

exclusivo da administração da justiça, continuando a dirimir privada e privilegiadamente as pendências de honra, são o mesmo – a mesma figura, o mesmo actor histórico e social, exercendo e questionando saberes e poderes.

Quer pelo modo como relativizou a sua biografia política, conseguindo fazer passar a sua versão como uma síntese histórica aceitável, quer pela documentação que nega essa versão e no-lo apresenta como um dos médicos da República, Egas Moniz surge como um notável político na sombra de um cientista nobelizado no qual a ciência e a cultura política desempenharam sempre um papel primacial e inseparável.

6.2. Do heroísmo científico às cinco nomeações para Prémio Nobel.

A condição de primeiro Prémio Nobel português trouxe à figura de Egas Moniz a admiração, a deferência e a reverência devida a essa elite de sábios, cientistas, criadores e beneméritos que povoou os frisos cerimoniais do século XX, objecto do reconhecimento dos pares, do Comité Nobel. Elite de elites, (como hiperbolizou Zuckermann⁵⁰³), a quem foi prestada a homenagem generosa da consagração, da notoriedade e de uma componente pecuniária em coroas suecas. Os nobelizados obtinham um estatuto de mais valia que lhes alargava o âmbito de influência (o poder), quer na canalização de recursos para futuras investigações, quer para representação internacional e capitalização simbólica dos seus países e respectivas instituições universitárias, quer, ainda, para a reprodução dessa elite de elites,

⁵⁰³ ZUCKERMAN, Harriet, *Scientific elite. Nobel laureates in the United States*, New York, Free Press, 1977.

pois passavam a dispor da faculdade de nomear também outros cientistas para o Prémio Nobel.

Foi assim que Egas Moniz nomeou, em 1951, o cientista brasileiro Manoel Dias de Abreu (1892 – 1962), pela invenção da radiografia de ecrã fluoroscópico ou “abreugrafia”⁵⁰⁴ e, em 1953, o casal de neurologistas Cécile Vogt-Mugnier (1875-1962) e Oskar Vogt (1870-1959), de Neustadt⁵⁰⁵, para o Prémio Nobel de Medicina ou Fisiologia. De diversos modos, o estatuto do cientista nobelizado, alcançado através da avaliação e reconhecimento do seu saber, acrescentava-lhe mais poder.

Como ficou demonstrado a partir dos resultados da pesquisa efectuada nos Arquivos da Fundação Nobel, as nomeações de 1928, 1933, 1937 e 1944 são reveladoras de uma denodada actividade de *lobby*, considerando sobretudo que apenas os cientistas reconhecidos e apontados anualmente pelo Comité Nobel estavam em condições de proceder a nomeações. O universo dos nomeadores de Egas Moniz, até 1944, é exíguo, socialmente contíguo e, nos casos de 1928 e 1937, acusa uma repetição. Azevedo Neves (1877 - 1955), assina duas das cartas de nomeação – de 1928 e de 1937. Note-se que Azevedo Neves foi também, tal como Egas Moniz, deputado eleito pelo Partido Progressista, e Secretário de Estado do Comércio⁵⁰⁶ do mesmo Governo de que Egas Moniz fez parte.

⁵⁰⁴ Nos arquivos da Fundação Nobel, consta a designação apontada por Egas Moniz em inglês: “Collective systematic X-ray photography” Cfr. Processo nº 73-0, no site da Fundação, Nobel Prize.Org:[<http://nobelprize.org/nomination/medicine/nomination.php?action=show&showid=5235>].

⁵⁰⁵ Idem, Processo nº 134-0. Oskar Vogt trabalhou também com Joseph Jules Déjérine, tal como Egas Moniz, em França. Quanto aos traços biográficos do casal Vogt, ver KLATZO, Igor, *Cécile and Oskar Vogt: The visionaries of modern neuroscience*, New York, Springer Verlag-Wien, 2002.

⁵⁰⁶ O equivalente a Ministro, considerando o modelo presidencialista do Governo de Sidónio Pais.

Descobertas Científicas e Nomeações de Egas Moniz para o Prémio Nobel
[AC]:Angiografia Cerebral; [LP]: Leucotomia Pré-frontal; entre parêntesis a idade
de Egas Moniz à data

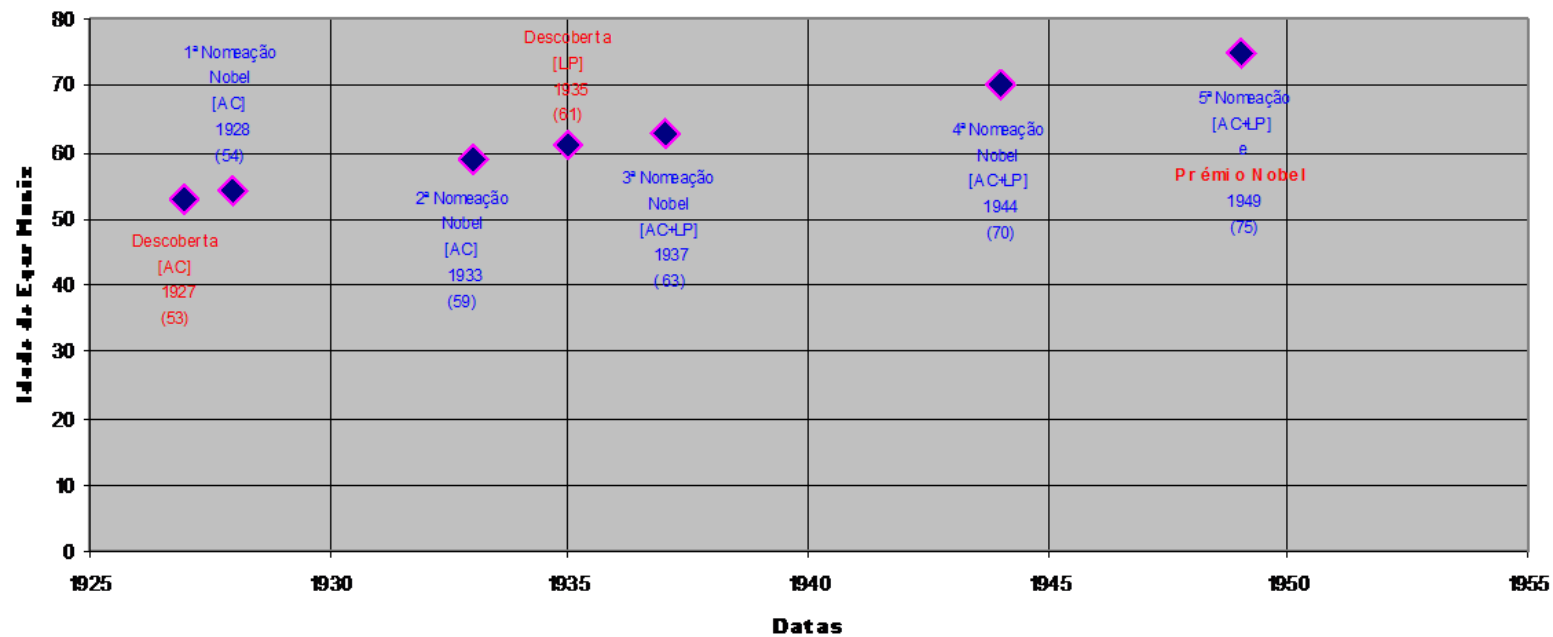


Gráfico 4 - Marcos da Carreira Científica de Egas Moniz

Moreira Júnior (1866-1953), que assina uma das cartas de nomeação de 1937, foi igualmente deputado do Partido Progressista e Ministro de Estado de 1904 a 1906, e de 1909 a 1910. Assinale-se ainda a proximidade de Salazar de Sousa (1871-1940) e de Lopo de Carvalho (1890-1970), que assinaram as cartas de nomeação de 1933, ou de Bettencout Raposo (1853 - 1932) que subscreveu uma das cartas de nomeação de 1928, a par de Azevedo Neves. Mesmo a carta de nomeação de 1944, assinada pelo neurologista americano Walter Freeman foi claramente motivada, e a troca de correspondência vinda entretanto a lume, ilustra o confessado objectivo de Egas Moniz em levar Walter Freeman a nomeá-lo.

Tratámos, no capítulo 3, a problemática das avaliações, dos pareceres e das recomendações daqueles que foram encarregados pelo Comité Nobel de analisar a consistência das nomeações, o mérito dos candidatos e a qualidade dos trabalhos científicos invocados. A recusa sistemática em reconhecer a inovação introduzida pela Angiografia Cerebral, tal como o evitamento da leucotomia prefrontal na nomeação de 1937, só encontram a correspondente perplexidade na forma expedita como o Comité decidiu a atribuição do Prémio a Egas Moniz e a Walter Hess em 1949.

Na nomeação de 1949 os trunfos científicos de Egas Moniz eram sensivelmente semelhantes aos de 1937: a Angiografia Cerebral consolidara-se e difundira-se pelas cinco partidas do mundo; a Leucotomia Préfrontal fora largamente replicada, suscitara esperanças e dúvidas, e evoluíra para solução de último recurso. Porém, no plano social e político, Egas Moniz surgia perante o Comité Nobel com outra imponência.

Nove cartas de nomeação sustentaram a proposta de atribuição do Prémio Nobel a Egas Moniz, em 1949. Anteriormente, de cada vez que fora nomeado, Egas Moniz não o fora por mais de dois proponentes,

sempre portugueses próximos, à excepção da nomeação de 1944, em que apenas Walter Freeman, neurologista norte-americano, aquiescera em fazê-lo.

Por um lado, os nomeadores eram oriundos de dois continentes (Europa e América), por outro lado, representavam três países (Portugal, Brasil e Dinamarca). O coro de nomeadores apresentava-se forte e sintonizado.

A realização do 1º Congresso Internacional de *Psicocirurgia* no ano anterior, em Lisboa, surgia como uma prova da aceitação generalizada do método leucotómico. Herbert Olivecrona far-se-ia eco desse congresso no relatório que elaborou⁵⁰⁷.

Ficou clara a proeminência dos resultados da acção colectiva dos cientistas na ponderação do mérito das nomeações.

Apesar dos cinquenta anos de classificação secreta dos documentos do processo, nada impediu que antes, como depois, uma generalizada controvérsia envolvesse a avaliação dos resultados em todo o mundo e o critério adoptado pelo Comité Nobel para, finalmente, atribuir o prémio a Egas Moniz.

A documentação recenseada e analisada revela que a história da *psicocirurgia* em Portugal tem sido inibida pela resistência oposta à consulta dos arquivos e a uma abordagem complementar que considere individualmente relevantes os casos de cada um dos pacientes, (respectivas fichas clínicas e histórias de vida) para se poder obter um quadro mais satisfatório recobrando a aplicação médica do que foi apresentado sob a forma de “tratamento de certas psicoses”.

As reacções cíclicas à *psicocirurgia* actualizando o debate em torno dos respectivos fundamentos teóricos e da avaliação dos

⁵⁰⁷ Ver CORREIA, Manuel, *Egas Moniz e o Prémio Nobel*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006, pp. 133-143.

resultados, sucedem-se⁵⁰⁸. A ausência de uma história da psicocirurgia, sobretudo no caso português, adia a produção de conhecimentos indispensáveis à estruturação desse debate.

6.3. Dos enigmas monizianos ao exercício do Poder Biográfico

Um dos défices culturais mais evidentes no tratamento da biografia de Egas Moniz, e extensivo a muitos outros actores sociais que com ele interagiram, reside na falta de integração das múltiplas inscrições que originou. Referimos nos capítulos 4 e 5, o carácter algo enigmático com que alterou alguns dos seus projectos, omitiu, tanto quanto nos foi dado saber, algumas actividades importantes a que se dedicou, e forneceu versões cuja consistência é hoje questionada na base na comparação dos documentos atinentes.

Já outros estudiosos apontaram as vantagens e os inconvenientes do discurso autobiográfico de Egas Moniz com vista a uma melhor compreensão do seu trajecto, das suas realizações e das suas ideias⁵⁰⁹. A representação pública era, para Egas Moniz, uma matéria raramente deixada ao acaso, ao improvisado ou à espontaneidade. Tal como José Relvas testemunha a propósito de Afonso Costa⁵¹⁰, a encenação fazia parte da política – é provavelmente inerente à política – mas a actividade política, no

⁵⁰⁸ Ver o caso da campanha pela desnobelização de Egas Moniz conduzida por Christine Johnson: CORREIA, Manuel, 2006, Ob. Cit, pp. 75-86; ver também notícia acerca de indemnização aos lobotomizados na Noruega: “Norway compensates lobotomy victims” in *British Medical Journal*, 1996;313 (7059):708 (21September).

⁵⁰⁹ SILVA, Armando Malheiro, “Egas Moniz e a política. Notas avulsas para uma biografia indiscreta” in PEREIRA, Ana Leonor e PITA, João Rui, *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra Minerva, 2000, pp. 238-239.

⁵¹⁰ RELVAS, José, *Memórias Políticas*, Vol. I, Lisboa, Terra Livre, 1977, p. 114.

sentido de servir, em menor ou maior grau o exercício de um poder, era e é muito mais vasta. O académico, o clínico, o chefe do ramo vida de uma companhia de seguros, o perito médico-legal, o ensaísta e o biógrafo, exercem poderes relevantes, influenciam o curso da vida de pessoas e instituições, criando e anulando oportunidades, dando ou retirando acesso a recursos, abrindo ou fechando passagens.

A integração dos múltiplos papéis sociais, culturais e políticos que desempenhou é indispensável para compreender melhor a sua contribuição específica naquilo a que poderíamos chamar a “figuração moniziana”.

Em traços largos, Egas Moniz apropria-se de uma das matérias mais sensíveis, delicadas e melindrosas que organiza a vida social: a sexualidade. O início da sua carreira é assinalado com o investimento estratégico, ousado e prefigurador de controvérsia, mas igualmente conferente de uma autoridade dissimulada. Carecendo a medicina de um eficaz mapeamento do corpo, a fisiologia e a patologia sexuais, a que consagrou os dois livros de *A Vida Sexual*, permanecem na fronteira dos pudores, das crenças, activos mas evitados, profundos mas indizíveis. O sexólogo *avant la lettre* que desfia o seu rosário de convicções e se apresta a despatologizar e patologizar comportamentos, práticas e orientações. Um poder imenso que o saber dá, credibilizado pela constante reivindicação do seu carácter científico.

Júlio Machado Vaz⁵¹¹ chama a atenção para as distâncias e continuidades que este texto de Egas Moniz comporta. A ausência da sexologia dos currícula académicos dos médicos (uma continuidade) e a patologização da menstruação (uma distância), concedendo que apesar de ultrapassado, mesmo por alguns autores em que se baseou, o gesto cultural teve repercussões que permitem aquilatar quanto o Estado Novo, que proibiu a circulação do livro, exigindo, confessionalmente, saber

⁵¹¹ VAZ, Júlio Machado, “Prefácio” em MONIZ, Egas, *A Vida Sexual. Fisiologia e Patologia*, Lisboa, Casa Ventura Abrantes, (15ª Edição facsimilada), Estarreja, Câmara Municipal de Estarreja, 2009.

da motivação dos interessados em lê-lo, se distinguiu da Iª República, que conviveu com 7 edições do que veio a ser um *best seller* para a época.

Porém a descrição sumária segundo a qual *A Vida Sexual* foi um livro proibido, reveste um daqueles simplismos que ao reduzir a complexidade do que é único em cada caso, subtrai conhecimento útil, indispensável para identificar o tipo de tensão que existia entre Egas Moniz, os seus amigos, companheiros e aliados – os que partilhavam, em muitos aspectos, a mesma figuração, – e o Estado Novo de Oliveira Salazar. *A Vida Sexual* não foi liminarmente proibida. A sua circulação foi condicionada. Os censores do Estado Novo não lhe negaram a importância técnico-científica. Porém, acharam o conteúdo inapropriado para a livre difusão. Elitizaram-no e medicalizaram-no, ditando culturalmente uma separação entre a plêiade de estudantes universitários e profissões especiais que podiam comprá-lo nas farmácias ou requisitarem-no nas bibliotecas públicas, mediante prova de identidade, e todos os outros, público em geral, cuja intencionalidade, ao procurar essa leitura só poderia ser desajustada, libidínica, de alegada curiosidade malsã. O Estado Novo discriminou o público leitor, decidindo que essa era a linha de demarcação entre a leitura útil e a perversão.

As relações de Egas Moniz com o Estado Novo foram sempre marcadas por uma espécie de pacto de não agressão, de que ambas as partes tiram proveito, sem se confundirem nem se guerrearem a céu aberto.

Tal como vimos nas páginas anteriores, Egas Moniz cumpriu a sua parte desse pacto imaginário, pelo menos até à sua jubilação, em 1944, rompendo logo depois o suposto pacto, ao declarar publicamente que o regime de Oliveira Salazar não assegurava os métodos democráticos nos actos eleitorais.

Para um registo de alguns ensaios biográficos⁵¹² acerca de Egas Moniz, este poderia ser o exemplo de um dos vários enigmas

⁵¹² Tratar como enigmas as facetas para as quais a explicação não é óbvia, configura um expediente retórico que muitas vezes não pretende mais do que organizar a “revelação” de modo

que pejaram o seu trajecto de vida. A fama de democrata opositorista – cultivada no âmbito daquilo a que chamámos a fragmentação identitária e aproveitada para as versões talhadas sob a égide do Poder Biográfico – levou-o, já sob o consulado do Estado Novo, à prisão por algumas horas⁵¹³, e a um processo instruído pela polícia política, mandado arquivar por ordens superiores⁵¹⁴.

Num outro plano, o “enigma periférico” tentava dar conta do carácter historicamente inesperado de um país com baixo potencial científico produzir um cientista capaz de ganhar um Prémio Nobel. Neste caso, a resolução do enigma faz-se sublinhando a figuração moniziana – a rede internacional de contactos, cumplicidades, intercâmbio médico; a apresentação tempestiva dos resultados da sua investigação nas instituições científicas francesas, inglesas e alemãs; a rápida publicação dos textos estratégicos nas revistas de circulação internacional, para obviar a disputas sobre o ineditismo, a originalidade e a prioridade. O *savoir faire* estratégico e comunicacional de Egas Moniz, – esse traço cultural em boa parte adquirido no mundo da política e dos negócios – desfaz o enigma de uma vez. Egas Moniz morava, de facto, num país periférico, mas vivia no âmbito de um sistema de relações muito mais vasto.

O registo enigmático pode ainda ser alargado aos meandros da produção e do pensamento científicos, criando falsos opostos, cuja aparência é convincente. Enumeraremos apenas alguns dos mais em vista.

mais apelativo. Nós próprios incorremos nele. Ver: CORREIA, Manuel, “O político na sombra do cientista (1) – Considerações acerca da importância e do alcance de dois enigmas monizianos – o «periférico» e o «político»”, *Vértice*, 119, Setembro -Outubro, 2004, pp. 57-74; e CORREIA, Manuel, “O político na sombra do cientista (2) – Liberal ou conservador?, investigador científico e místico da objectividade”, *Vértice*, 123, 2005, pp. 20 – 38

⁵¹³ Relatada com verosimilhança pelo próprio em MONIZ, Egas, *Confidências de um Investigador Científico*, Lisboa, Ática, 1949, pp. 117-122.

⁵¹⁴ Registo de abertura e anulação do processo pela PIDE, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em anexo.

O bom cientista da Angiografia Cerebral contra o mau cientista da Leucotomia Préfrontal; o humanista introdutor e cultivador da Psicanálise contra o biologista e organicista paladino da *Psicocirurgia*; o republicano democrata contra o apoiante e protagonista relevante da ditadura sidonista; o cientista com uma breve passagem pela política contra o actor político que consagrou um quarto da sua vida à política activa e se preocupa, até aos últimos dias da sua existência, com a dimensão política da vida no planeta.

Cada leitura comparada, cada nova investigação que traz a lume aspectos desconhecidos ou desprezados acerca dos contextos em que viveu, desfazem putativos enigmas e integram muitos dos elementos fragmentários que dividem a sua personalidade injustificadamente.

É também nessa linha que gostaríamos de inscrever o nosso contributo.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

ARQUIVOS E BIBLIOTECAS CONSULTADOS

ARQUIVOS

Arquivo da Universidade de Coimbra

Arquivo da Fundação Alfred Nobel no Karolinska Institutet

Centro de Documentação e Arquivo de Imagem dos Caminhos de Ferro Portugueses

Arquivo pessoal da família Seabra Dinis

Arquivo da Casa Museu Egas Moniz

Arquivo da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa

Arquivo do Centro de Estudos Egas Moniz

Arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros

Arquivo da Academia de Ciências de Lisboa

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Arquivo da Assembleia da República

Arquivo da Fundação Mário Soares

Arquivo do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar

Arquivo da Casa Museu Abel Salazar

Arquivo da Sociedade de Geografia de Lisboa

Arquivo do Instituto Nacional de Medicina Legal de Lisboa

Arquivo de Reservados da Biblioteca Nacional

Arquivo do Instituto de S. João de Deus

BIBLIOTECAS

Biblioteca Nacional de Portugal

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

Biblioteca da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra

Biblioteca da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa

Biblioteca do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Biblioteca Municipal das Galveias

Biblioteca Municipal do Museu da República

Biblioteca do Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Biblioteca da Universidade Aberta

Biblioteca da Universidade Independente de Lisboa – ISCTE

Biblioteca do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar

Biblioteca do Instituto Nacional de Medicina Legal (Lisboa)

OUTROS LOCAIS DE INVESTIGAÇÃO

Casa Museu Egas Moniz

Hospital de Santa Marta

Hospital Miguel Bombarda

Hospital Júlio de Matos

Fontes utilizadas consultadas em Arquivos

Diários de Egas Moniz (facsimilados). Espólio de Joaquim Seabra Dinis. 1954-1955:

Apontamentos a propósito do Prémio Nobel de 1949, - Manuscrito policopiado datado de 30/11/1954, do Espólio de Joaquim Seabra Dinis. Cedido por Lina Seabra Dinis e Armando Myre Dores, 1954.

Os meus oitenta anos, Manuscrito policopiado datado de 1954-1955, do Espólio de Joaquim Seabra Dinis. Cedido por Lina Seabra Dinis e Armando Myre Dores, 1955.

Processo de Professor, EGAS MONIZ, Dr. António Caetano de Abreu Freire, A. U. C. – D. IV – S. 1º D – E. 6 – T, Cx. 171, no Arquivo da Universidade de Coimbra.

Bibliografia do Centro de Estudos Egas Moniz.

Correspondência de Egas Moniz nos espólios de terceiros, Secção de Reservados da Biblioteca Nacional

Processos de Nomeação de 1928, 1933, 1937, 1944 e 1949. Arquivos da Fundação Nobel, Karolinska Institutet, Estocolmo (cópias em anexo)

Formulários de registo da Secção de Pessoal da CP. Centro de Documentação e Arquivo de imagem da CP. (cópias em anexo)

Fontes Impressas Periódicas

Periódicos consultados

Acção Médica

Acta Médica Portuguesa

Acta Portuguesa de Sexologia

Acta Psiquiátrica Portuguesa

Acta Reumatológica Portuguesa

Alomeon

American Journal of Psychiatry

Anais Azevedos

Anais Portugueses de Psiquiatria

Arquivo de Anatomia e Antropologia

Arquivos da Escola Médico-Cirúrgica de Goa

Arquivo da Universidade de Lisboa

Arquivos de Medicina

Ärztliche Praxis

Átomo. Ciência e Técnica para todos

Aurora (A)

Aveiro e o seu Distrito

Boletim Farmacológico

Boletim Geral de Medicina e Farmácia

Boletim dos Hospitais da Santa Casa da Misericórdia do Porto

Boletim Informativo e Cultural – Centro Recreativo de Estarreja

Brasil Ilustrado

Brotéria

Cábula Filatélica

Cadernos Científicos

Clínica Contemporânea

Clínica, Higiene e Hidrologia

Clínico (O)

Coimbra Médica

Concelho de Estarreja

Correio dos Açores

Correio do Minho

D'AVanca

Das Artes, das Letras

Dia Medico (El)

Diário de Coimbra

Diário de Lisboa

Diário de Notícias

Diário Popular

Evasões

Gazeta Clínica

Gazeta de Física

Gazeta Médica Portuguesa

Hospitais Portugueses

Hospitalidade

Imprensa Médica

Investigación

Jornal do Comércio do Rio de Janeiro

Jornal de Notícias

Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa

Jornal do Médico

Jornal dos Farmacêuticos

Jornal dos Farmacêuticos do Ultramar

Journal of the International College of Surgeons

Life

Kalliope – De Medicina

Lisboa Médica

Medicina Contemporânea (A)

Medicina Universal

Médico (O)

Minerva Médica

Nestlé Notícias

Notícias Médicas

Opinião (A)

Oxigénio

Portugal Médico

Presse Médicale (La)

Primeiro de Janeiro

Público

Pulso

República

Revista das Beiras

Revista Clínica de Higiene e Hidrologia

Revista da Academia Brasileira de Letras

Revista da Academia Brasileira de Letras

Revista Dental Portuguesa

Revista Española de Oto-Neuro-Oftalmología y Neurocirugía

Revista Internacional

Revista Médica de Angola

Revista dos Médicos

Revista da Ordem dos Farmacêuticos

Revista Popular Ilustrada Médico-Social

Revista Portuguesa de Cirurgia Córdio-torácica e Vasculuar

Revista Portuguesa de Obstetrícia, Ginecologia e Cirurgia

Revista Portuguesa de Psicanálise

*Revista de Psiquiatria do Departamento de Saúde Mental da Faculdade de Medicina do
Porto – Hospital de S. João*

Revista Shell

Sapiens Magazine

Saturday Evening Post (The)

Saúde Mental

Seara Médica

Seara Nova

Século

Século Ilustrado(O)

Selos & Moedas

Semana Médica

SINAPSE

Tempo Medicina

Tempo Médico

Terapêutica

Triângulo – Jornal Sandoz das Ciências Médicas

Vértice

Vida Mundial

Imprensa Periódica

AAVV, *Anais Portugueses de Psiquiatria*, nº 1, Vol. I, Outubro de 1949, Lisboa, Edição do Hospital Júlio de Matos, 1949.

“Academia (A) Brasileira de Letras expressou as suas congratulações ao grande mestre pela honra do Prémio Nobel”, *Jornal do Médico*, Porto, 15(364)1950, pp. 131-132.

“Academia (Na) das Ciências de Lisboa foram reeleitos o Dr. Júlio Dantas e o Prof. Egas Moniz”, *Jornal do Médico*, Porto, 11(259)1948, p. 42.

“Academia (A) das Ciências de Lisboa também prestou homenagem ao Prof. Egas Moniz”, *Jornal do Médico*, Porto, 15(364)1950, pp. 130-131.

“Adhesion (La) del Presidente Honorario Prof. Egas Moniz”, *Revista Española de Oto-Neuro-Oftalmologia y Neurocirugia*, 1949, pp. 5-7.

ALBUQUERQUE, Afonso de, “Ausência da dimensão dialéctica”, *Vida Mundial*, Lisboa, 1815, 22 Mar. 1974, p. 30.

ALBUQUERQUE, Medeiros e, “Professor Egas Moniz”, *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, 19(83)Nov. 1928, pp. 275-300.

ALFANDARY, I, “Artériographie. Hommage à Egas Moniz”, *Imprensa Médica*, Lisboa, 20 (11) 1956, pp. 589-595.

ALMEIDA, Fernando de, “Anatomia vascular cerebral”, *O Médico*, Nova série, 73(1212)1974, p. 434.

“Almoço (Um) na Legação da Suécia”, *Jornal do Médico*, Porto, 15(364)1950, p. 134.

AMADO, Dias, “O Prof. Egas Moniz e a investigação científica”, *Seara Nova*, 28 (1152-53) 4-11 Fev. 1950, pp. 33-36.

AMARAL, Almeida, “Alguns problemas da leucotomia prefrontal”, *A Medicina Contemporânea*, 62(11)1949, pp. 385-397.

AMARAL, Almeida, “La méthode chirurgicale de Moniz (leucotomie) dans la thérapeutique des maladies mentales. Conferência”, *A Medicina Contemporânea*, 64(4)1946, pp. 153-165.

AMARAL, Almeida, “Os tempos de reacção psicomotora e o seu significado clínico nos doentes leucotomizados”, Separata da *Revista Clínica de Higiene e Hidrologia*, Dez. 1951.

AMARAL, M. Almeida, “Alguns progressos recentes da neurologia e psiquiatria”, *A Medicina Contemporânea*, Lisboa, 76(1)1958, pp. 71-77.

“Angiografia (A) de Egas Moniz: cinquenta anos”, *O Médico*, Nova série, 83(1347) 1977, pp. 523-524.

- “Aniversário (40º) da descoberta da angiografia cerebral”, *Semana Médica*, 9(410)1967, p. 17.
- “Aniversário (O 80º) do Prof. Egas Moniz”, *O Médico*, Nova série, 3(175) Supl. 1955, p. 3.
- “Anos (50) da atribuição do Prémio Nobel: Egas Moniz recordado no Porto”, *Notícias Médicas*, 29(2611) 2000, p. 14.
- “Antologia Aveirense, “Egas Moniz, notas biográficas”, *Aveiro e o seu Distrito*, 6, 1968, pp. 47-53.
- ANTUNES, João Lobo, “Merecido Nobel”, *Público Magazine*, 14 de Abril de 1996, p. 21.
- ARAGÃO, Luís — "Há 50 anos, Egas Moniz recebia o Nobel da Medicina: um nome para a História", *Tempo Medicina*, Suplemento Especial, 17(794) 20 Set. 1999, E1.
- ARAÚJO, H. A. Gomes de, “O que é a psicoterapia?”, *O Médico*, Nova série, 73(1212)1974, pp. 451-454.
- “Artigo (Um) dum jornal alemão enaltecendo a obra de Egas Moniz”, *Jornal do Médico*, Porto, (382)1950, p. 760.
- “Assembleia (Na) Nacional foi prestada homenagem ao Prof. Egas Moniz”, *Jornal do Médico*, Porto, 15(368)1950, pp. 263-264.
- “Atribuição (50 anos da) do Prémio Nobel: Egas Moniz recordado no Porto”, *Notícias Médicas*, Lisboa, 29(2611), p. 14.
- AVENÇA, Ana Paula, “História do Santa Marta: de Convento a Hospital especializado”, *Tempo Medicina*, 15(692) 1997, pp. 8-11.
- “Banquete oferecido pela 'Casa de Portugal', aos médicos brasileiros que subscreveram a moção apresentando o nome do Prof. Egas Moniz como candidato ao Prémio Nobel de Medicina”, *Seara Médica*, São Paulo, 5 (2-4) Abr.-Dez, 1950, pp.191-194.
- BARROS, José, “Corino de Andrade no século da neurologia” in *SINAPSE*, Maio de 2006 | N.º 1 | Volume 6 | SUPLEMENTO 1, p. 20.
- BARUK, H, “A leucotomia foi proibida na Rússia”, *Acção Médica*, 69-70, 1953, p. 116.
- BARUK, H, “Neurologie. Hommage à Egas Moniz”, *Imprensa Médica*, Lisboa, 20 (11) 1956, pp. 581-583.
- “Belas Letras (As) em casa de Hipócrates”, *O Século Ilustrado*, Lisboa, 15(744) 5 Abr. 1952, p. 12.
- “Bibliografia científica e literária de Egas Moniz”, *A Medicina Contemporânea*, Lisboa, 72(12)1954, pp. 651-685.
- “Bibliografia de Egas Moniz”, *Boletim dos Hospitais da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, 2ª série, 1(3)1974, pp. 11-29.

- “Bibliografia sobre angiografia. Bibliografia do Prof. Egas Moniz”, *Lisboa Médica*, 14, 1937, pp. 880-891.
- BOLÉO, José de Paiva, “A geração humana e as doutrinas de Exeter (crítica à conferência do Prof. Doutor Egas Moniz)”, *Acção Médica*, 10(38)1945, pp. 229-243.
- C. de M., “As pupilas do Sr. Reitor vistas pelo Dr. Egas Moniz”, *O "Notícias Ilustrado" (Edição Semanal do "Diário de Notícias")*, Série II, 7(340)16 Dez. 1934, pp. 14-15.
- CABRAL, Alexandre, “Aspecto literário da obra do Prof. Dr. Egas Moniz”, *Revista Dental Portuguesa*, 1(1) Jan.-Mar. 1950, pp. 4-9.
- CAEIRO, Baltazar de Matos, “Origens da angio-radiologia contemporânea”, *Revista Portuguesa de Cirurgia Cardio-Torácica e Vasculare*, 2(5) 1994, pp. 173-178.
- CALDAS, Alexandre Castro, “A criação do Centro de Estudos Egas Moniz”, *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, 150(3) 1984, pp. 122-124.
- CAMACHO, Brito, “Declarações de...”, in *A Opinião* de 2 de Agosto de 1917, na 1ª página.
- “Candidatura (A) do Prof. Egas Moniz ao Prémio Nobel da Medicina foi proposta pela Delegação Brasileira no I Congresso Internacional de Psicocirurgia”, *Jornal do Médico*, Porto, 12(306)1948, pp. 578-579.
- CÂNDIDO DA COSTA, “Sobre debates e congressos de psiquiatria” in *Hospitalidade - Revista de Saúde Mental e Relações Humanas*, Ano 39 - nº 150, Janeiro-Março de 1975, pp. 29-30.
- CARREA, Raul, “Egas Moniz”, *Ciencia y Investigacion*, 6(1)1949, pp. 46-48.
- CARRILLO, Ramon; MATERA, Raul F, “Leucotomia selectiva en el dolor visceral. Nueva Técnica Operatoria Mínima”, *Seara Médica*, São Paulo, 5 (2-4) Abr.-Dez, 1950, pp. 133-142.
- CARULLA, J. Fuster de; URBAN, H.J, “Juicio crítico de la leucotomia en Áustria”, *A Medicina Contemporânea*, Lisboa, 72 (12) 1954, pp. 643-647.
- CARVALHO, Joaquim Montezuma de, “Um texto não conhecido do Nobel Egas Moniz sobre Pascoaes”, *Das Artes, Das Letras*, 2ª série (Suplemento de *O Primeiro de Janeiro*, ano CXXXII, nº 4) 16, 5 Jan. 2000, pp. 4-7.
- CARVALHO, Lopo de, “Egas Moniz — Visibilidade da jugular interna no vivo”, *Boletim Geral de Medicina e Farmácia*, Nova Goa, 20 (7-8) 1938, p. 237.
- CARVALHO, Lopo de, “A primeira angiopneumografia”, *Medicina Universal*, 3(2)1960, pp. 15-9.
- CARVALHO, Sebastião José de, “Egas Moniz”, *Terapêutica*, 4(9) 1950, pp. 1-5.
- “Carta (Uma) do Notável Neurocirurgião H. Olivecrona” [A Egas Moniz], *Jornal do Médico*, Porto, 15(364)1950, p. 133.

- “A Casa-Museu de Egas Moniz [notícia da inauguração]”, *Semana Médica*, 10 (473) 1968, pp. 19-20.
- “Casa- Museu Egas Moniz”, *Pulso*, 5(94) 1974, p. 8.
- “Celebrações do centenário de Egas Moniz [notícia sobre descerramento da lápide]”, *Notícias Médicas*, Lisboa, 3(22)1974, pp. 7; 10.
- “O centenário de Egas Moniz”, *O Médico*, Nova série, 68(1146)1973, p. 275.
- “O centenário de Egas Moniz”, *O Médico*, Nova série, 73(1214)1974, pp. 578-579.
- “O centenário de Egas Moniz”, *Pulso*, 5(94) 1974, p. 1.
- “O centenário de Egas Moniz. Inaugurado (no Hospital de S. João) a exposição de homenagem a Egas Moniz”, *O Médico*, Nova série, 74(1219)1975, p. 97.
- “Centenário do nascimento de Egas Moniz”, *Coimbra Médica*, 3ª série, 21(8)1974, pp. 847-850.
- “Centenário (No) do nascimento de Egas Moniz. Homenagem da Universidade de Lisboa”, *O Médico*, Nova série, 73(2111)1974, pp. 395; 397.
- “Centenário do nascimento de Egas Moniz, Prémio Nobel Portuguez”, *Coimbra Médica*, 3ª série, 21(9)1974, p. 947.
- “Centenário do nascimento do Prof. Egas Moniz”, *O Médico*, Nova série, 71(1183)1974, p. 277.
- “Centenário do nascimento de Egas Moniz [entrevista com o professor Barahona Fernandes]”, *Notícias Médicas*, Lisboa 3(218) 1974, pp. 7; 11.
- “Centenário do nascimento do prof. Egas Moniz — Uma exposição em Coimbra”, *Diário de Coimbra*, 19 de Abril de 1974, p. 4.
- “Centro de Estudos Egas Moniz”, *Gazeta Médica Portuguesa*, 2(2)1950, p. 397.
- “Centro de Estudos Egas Moniz”, *O Médico*, Nova série, 5(279)1957, p. 104.
- “Centro de Estudos Egas Moniz”, *O Médico*, Nova série, 7(333)1958, pp. 180-182.
- “Centro de Estudos Egas Moniz”, *O Médico*, Nova série, 7(339) 1958, p. 446.
- “Centro de Estudos Egas Moniz”, *O Médico*, Nova série, 9(382)1958, pp. 653-655.
- “Centro de Estudos Egas Moniz”, *O Médico*, Nova série, 11(396)1959, p. 48.
- CERQUEIRA, Eduardo, “Uma faceta olvidada de Egas Moniz”, *Selos & Moedas*, Aveiro, 13(47)1975, pp. 14-20.
- CHIN, Kaon, “Blood vessel studies on experimental brain sarcoma of rabbits”, *Lisboa Médica*, 14(12)Dez. 1937, pp. 854-860.
- “Cientista (O) na intimidade”, *O Século Ilustrado*, Lisboa, 17(886) 25 Dez. 1954, p.4.

- “Clínica de 'Egas Moniz' de Jacarepaguá”, *A Medicina Contemporânea*, 70(4)Abr. 1952, pp. 235-246.
- COELHO, António Macieira, “O portuguesismo de Egas Moniz”, *Diário Popular (Suplemento Quinta-Feira à tarde)*, 11, 14 Fev. 1957, pp. 1-2.
- COELHO, António Macieira, “O sonho de Setembro”, *D'A Vanca*, Avanca, 5, 1999, pp. 13-15.
- COELHO, E. Macieira, “A ética na medicina: o exemplo de Egas Moniz”, *Acta Médica Portuguesa*, 2ª série, 8(12)1995, pp. 719-722.
- COELHO, Eduardo, “A missão universitária de Egas Moniz”, *Jornal do Médico*, Porto, 53(1098)1964, pp. 314-317.
- COELHO, Eduardo, “O sentido da cultura e da investigação científica em Egas Moniz”, *O Médico*, Nova série, 6(312)1957, pp. 242-250.
- COELHO, Eduardo, “A última lição do Prof. Egas Moniz”, *Jornal do Médico*, Porto, 5(98)1944, pp. 79-80.
- COELHO, Eduardo, “A vida científica de Egas Moniz”, *Jornal do Médico*, Porto, 15(373)1950, pp. 432-436.
- “Coimbra e o Prof. Egas Moniz”, *Revista Internacional*, Lisboa, 15, Dez. 1949, p. 25.
- Colóquio Ciências*, Revista de Cultura Científica, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1988-2000.
- “Comemorações do Centenário do Nascimento do Dr. Egas Moniz”, *Diário de Coimbra*, 06 de Março de 1974, p. 2.
- “Comemorações do centenário do nascimento de Egas Moniz”, *Jornal do Médico*, Porto, 86(1629) 1974, p. 312.
- “Comemorações do 1º Centenário do Nascimento de Egas Moniz”, *Diário de Coimbra*, 28 de Fevereiro de 1974, p. 2
- “Comunicação do Prof. Almeida Lima à Academia das Ciências de Lisboa”, *Jornal do Médico*, Porto, 23(583)1954, p. 822.
- “Comunicação (Uma) do Prof. Egas Moniz à Academia das Ciências”, *Jornal do Médico*, Porto, 21(535)1953, p. 1023.
- “Conferência (Uma) do Prof. Egas Moniz”, *Coimbra Médica* 2ª série, 3(5) 1936, pp. 317-334.
- “Conferência (Uma) do Prof. Egas Moniz”, *Jornal do Médico*, Porto, 16(390)1950, p. 98.
- “Conferência (Uma) do Prof. Egas Moniz”, *Jornal do Médico*, Porto, 17(416)1951, p. 126.
- “Conferência do Prof. Egas Moniz em Ferrara (1937)”, *Revista de Psiquiatria*, 2ª série, 7(2) Abr.-Jun. 1985, pp. 48-49.

- “Congresso (V) Internacional de Neurologia”, *O Médico*, 4(112)Out. 1953, pp. 803-812.
- “Congresso (O V) Internacional de Neurologia decorreu com grande brilhantismo no novo Hospital Escolar de Lisboa, distinguindo-se pela organização impecável, pelo avultado número de participantes estrangeiros e pelo extraordinário volume de comunicações científicas apresentadas”, *Jornal do Médico*, Porto, 21(521)1953, p. 713-724.
- “Congresso Internacional de Psicocirurgia”, *Gazeta Médica Portuguesa*, 1(1)1950, pp. 131-138.
- “Congresso (O) Internacional de Psicocirurgia”, *Jornal do Médico*, Porto, 12(287)1948, p. 100.
- “Controvérsia sobre Psicocirurgia”, *Pulso*, 5(94) 1974, p. 1.
- “Corpo (O) clínico do Hospital Miguel Bombarda felicitou o Prof. Egas Moniz”, *Jornal do Médico*, Porto, 15(364)1950, p. 133.
- COSTA, Celestino da, “Homenagem a Egas Moniz, em Nairobi”, *A Medicina Contemporânea*, Lisboa, 74(4) 1956, p. 191.
- COSTA, Celestino da, “O Professor Egas Moniz, Prémio Nobel”, Separata da *Revista de Medicina*, n.º 65, s.d, 6 p.
- COSTA, Teresa, “50 anos do Prémio Nobel”, *Jornal de Notícias*, 28 de Novembro de 1999, pp. 20-21.
- COURRÈGE, Orlando, “A psiquiatria através dos séculos. O professor Egas Moniz e o Brasil”, Separata da *Revista Portugal-Brasil*, Lisboa, 1952/53, 33 p.
- COUTINHO, António, “4º Congresso da European Federation of Neurological Societies: Egas Moniz, um homem muito à frente do seu tempo”, *Tempo Medicina*, 17(795) 27 Set. 1999, pp. 18-19.
- CRESPO, José, “A última lição do Prof. Egas Moniz”, *Jornal do Médico*, 5(98)1944, pp. 79-80.
- CRISTO, David, “Limiar”, *Selos & Moedas*, Aveiro, 13(47)1975, p. 1.
- DAMÁSIO, António R, “Egas Moniz, pioneer of angiography and leucotomy”, *The Mount Sinai Journal of Medicine*, 42(6)Nov.-Dec. 1975, pp. 502-513.
- DANTAS, Júlio, “Egas Moniz, o sábio e o homem”, *O Médico*, Nova série, 4(252) 1956, p. 714.
- DANTAS, Júlio, “Professor Egas Moniz. Prémio Nobel de Medicina 1949 (Homenagem da Gazeta Médica Portuguesa)”, *Gazeta Médica Portuguesa*, 2(3)1949, p. 587.
- “No dia 13 de Dezembro ultimo faleceu em Lisboa o eminente cientista Prof. Dr. Egas Moniz”, *Vida e Saúde*, 260/261, 1956, pp. 6; 8.
- DIAS, Ana Sousa, “O prémio polémico. Há 50 anos, o Nobel da Medicina foi para um trabalho inovador que a ciência veio a abandonar”, *Focus*, 1, 1999, p. 123.

- “Dimensão (A) de Egas Moniz: homenagem a um homem fora do comum”, *Notícias Médicas*, 16 Jan. 1998, pp. 16-17.
- “Diversas outras homenagens ao Prof. Egas Moniz”, *Jornal do Médico*, Porto, 15(364)1950, p. 134.
- “Doutor Egas Moniz”, *CP — Boletim*, 16(186) Dez. 1944, p. 225.
- DOYLE, Iracy, “Egas Moniz e o espírito do tempo”, *Imprensa Médica*, Lisboa, 20(11) 1956, pp. 571-574.
- DUCLA-SOARES, A, “O centenário de Egas Moniz”, *O Médico*, Nova série, 73(1212)1974, pp. 407; 409.
- DUCLA-SOARES, A, “Lápide a Egas Moniz”, *O Médico*, Nova série, 71(1182)1974, pp. 171; 173.
- DUTAILLIS, D. Petit, “A propos de l'angiographie cérébrale d'Egas Moniz”, *A Medicina Contemporânea*, Lisboa, 72 (12) 1954, pp. 573-579.
- “Duas (As) grandes descobertas com que o Prof. Egas Moniz enriqueceu a ciência médica”, *Átomo. Ciência e técnica para todos*, Lisboa, 2(23)1949, pp. 6-7.
- “Efeméride Egas Moniz”, *Diário de Notícias*, Lisboa, 135(47.676) 4 de Outubro de 1999, pp. 34-35.
- “Egas Moniz”, *A Medicina Contemporânea*, Lisboa, 73 (12) 1955, pp. 565-566.
- “Egas Moniz”, *Triângulo*, 2(2) 1955, pp. 76-77.
- “Egas Moniz”, *O Médico*, Nova série, 4(252)1956, p. 713.
- “Egas Moniz — *Confidências de um investigador científico*”, *A Medicina Contemporânea*, 62(5)1949, pp. 177-190.
- “Egas Moniz e as Faculdades de Medicina de Portugal”, *Revista Internacional*, Lisboa, 15, Dez. 1949, p. 17.
- “Egas Moniz [Falecimento do Prof. Egas Moniz]”, *A Medicina Contemporânea*, Lisboa, 73(12)1955, pp. 565-566.
- “Egas Moniz — o glorioso sábio português, Prémio Nobel de Medicina, conta a história da 'leucotomia' — sua última descoberta científica — e faz-nos sensacionais revelações da sua personalidade”, *Portugal Ilustrado*, Lisboa, 1(10) 2 Jul. 1954, pp. 12-13; 42 (entrevista de Mário Alves).
- “Egas Moniz: homenagem no Porto”, *Tempo Medicina*, Suplemento "História" 16(718) 26 Jan. 1998, pp. 41-44.
- “Egas Moniz. O Nobel português”, *Consulta*, 1(3)1994, pp. 45-47.
- “Egas Moniz, Prémio Nobel”, *Aveiro e o seu Distrito*, 18, 1974, pp. 10-18.
- “Egas Moniz, Prémio Nobel de Medicina”, *Jornal do Médico*, Porto, 14(355)1949, p. 497.

- “Egas Moniz. Prémio Nobel de Medicina. Homenagem da Sociedade Industrial Farmacêutica”, Laboratórios Azevedos. *Anais Azevedos*, 1(5) 1949, pp. s.n.
- “Egas Moniz e Sousa Martins”, *Portugal Médico* 41(2)1957, pp. 136-137.
- “Egas Moniz: a sua glória e uma pergunta [Polémica entre Fernando Nogueira e Almeida Lima]”, *O Médico*, Nova série, 66(1123)1972, pp. 730-732.
- “Egas Moniz tem escultura no Largo da Igreja. Pardilhó (Estarreja) homenageou 'filho da terra'”, *Diário de Coimbra*, 4 de Janeiro de 2000, p. 10.
- “Egas Moniz — uma das mil grandes figuras da Humanidade no século XX”, *O Médico*. Nova série, 53(953) 1969, p. 902.
- “Elogio (O) do Prof. Egas Moniz”, *Jornal do Médico*, 29(676)1956, p. 51.
- “Avanca (Em), os conterrâneos de Egas Moniz prestaram-lhe também uma significativa homenagem”, *Jornal do Médico*, Porto, (382)1950, pp. 759-760.
- “Avanca (Em) viu luz — Nova luz da humanidade...”, *Aveiro e o seu Distrito*, 18, 1974, pp. 5-9.
- “Encerramento das comemorações do centenário de Egas Moniz”, *O Médico*, Nova série, 73(1215)1974, pp. 639-640.
- “Entrega (A) da medalha e do diploma do Prémio Nobel ao Prof. Egas Moniz”, *Jornal do Médico*, Porto, 15(368)1950, p. 272.
- “Entrega (A) do Prémio em Estocolmo”, *Jornal do Médico*, Porto, 15(364)1950, p. 134.
- “[Entrevista ao Prof. Jacques Le Beau sobre a vida e a obra de Egas Moniz]”, *O Médico*, Nova série, 73(1212)1974, pp. 455-456.
- ESAGUY, Augusto d', “Inteligência & Personalidade”., Separata da *Revista Portuguesa de Medicina*, Dez. 1955.
- ESAGUY, Augusto d', “Leucotomia Pré-Frontal”, *Revista Internacional*, Lisboa, 15, Dez. 1949, p. 34.
- “Escola (A) Médico-Cirúrgica de Goa prestou homenagem ao Prof. Egas Moniz”, *Jornal do Médico*, Porto, 16(392)1950, pp. 175-179.
- ESTEVES, Juvenal, “O Prémio Nobel [considerações sobre Egas Moniz]”, *Boletim Clínico dos Hospitais Cívicos de Lisboa*, 46(1-2)1989, pp. 99-102.
- “Excertos de artigos de Egas Moniz”, *O Médico*, Nova série, 4(252)1956, pp. 731-732.
- “Exposição (Uma) em Washington para comemorar a atribuição do Prémio Nobel a um português”, *Jornal do Médico*, Porto, 15(364)1950, p. 133.
- “Faculdade de Medicina de Coimbra. Comemorações de Egas Moniz”, *O Médico*, Nova série, 74(1221)1975, pp. 177-178.

- "Faleceu em Lisboa o Eminentíssimo Cientista Prof. Dr. Egas Moniz", *Vida e Saúde. Revista Popular Ilustrada Medico-Social*, 21(260-261)1956, p. 6; 8.
- "Faleceu o Prof. Egas Moniz", *Jornal do Médico*, 26(675)1955, pp. 1028-1029.
- "Falecimentos: Prof. Dr. Egas Moniz", *Coimbra Médica*, 3ª série, 3(1)1956, p. 59.
- FERNANDES, A. Augusto, "Egas Moniz íntimo. Bibliografia científica e literária de Egas Moniz", *A Medicina Contemporânea*, Lisboa, 72 (12) 1954, pp. 649-685.
- FERNANDES, Barahona, "A propósito da leucotomia pré-frontal de Egas Moniz", *Imprensa Médica*, 10(21-22)Nov. 1944, pp. 366-371.
- FERNANDES, Barahona, "O problema das modificações da personalidade na leucotomia pré-frontal. Ensaio. Dedicado ao Prof. Egas Moniz", *Jornal do Médico*, Porto, 14(355)1949, p. 499-504.
- FERNANDES, Barahona, "Acção terapêutica da leucotomia pré-frontal", *A Medicina Contemporânea*, Lisboa, 67(7)1949, pp. 243-266.
- FERNANDES, Barahona, "Prof. Egas Moniz, Prémio Nobel de Medicina", *Átomo. Ciência e técnica para todos*, Lisboa, 2(23)1949, p. 5.
- FERNANDES, Barahona, "Professor Egas Moniz", *Jornal do Médico*, Porto, 14(355)1949, pp. 526-528.
- FERNANDES, Barahona, "Egas Moniz — Prémio Nobel de Medicina", *Anais Azevedos*. 1(5) 1949 pp. 201-204.
- FERNANDES, Barahona, "A psiquiatria Portuguesa na doutrina e na prática", *Jornal do Médico*, Porto, 15(382)1950, pp. 730-745.
- FERNANDES, Barahona, "O problema das modificações da personalidade na leucotomia pré-frontal. Ensaio. Dedicado ao Prof. Egas Moniz", *O Clínico*, Nova Goa, 13(1)1950, p. 42-77.
- FERNANDES, Barahona, "Professor António Flores", *Anais Portugueses de Psiquiatria*, 4(4) 1952, pp. 1-7.
- FERNANDES, Barahona, "O síndrome da hipopatia (A dor nos leucotomizados)", *Jornal do Médico*, Porto, 20(514) 1952, pp. 921-926.
- FERNANDES, Barahona, "Professor António Flores", *Jornal do Médico*, Porto, 21(521)1953, pp. 192-194.
- FERNANDES, Barahona, "Egas Moniz", *O Médico*, Nova série, 4(252)1956, pp. 715-724.
- FERNANDES, Barahona, "Egas Moniz — Personalidade e Obra", *Jornal do Médico*, Porto, 29 (692) 1956, pp. 941-949.
- FERNANDES, Barahona, "Egas Moniz", *O Médico*. Nova série, 4(252) 1956, pp. 715-724.
- FERNANDES, Barahona, "A leucotomia pré-frontal", *A Medicina Contemporânea*, Lisboa, 75(5) 1957, pp. 235-258.

- FERNANDES, Barahona, “Egas Moniz and the pre-frontal leucotomy”, *Anais Portugueses de Psiquiatria*, 11(11)1959, pp. 190-205.
- FERNANDES, Barahona, “Novos tratamentos em psiquiatria: personalidade e psicofármacos”, *O Médico*, 644, 1964, pp. 11-24.
- FERNANDES, Barahona, “Recordando Egas Moniz”, *O Médico*. Nova série, 73(1212) 1974, pp. 411-422.
- FERNANDES, Barahona, “Egas Moniz, universitário e investigador”, *Jornal do Médico*, Porto 86(1636) 1974, pp. 728-729.
- FERNANDES, Barahona, “Recordando Egas Moniz”, *O Médico*, Nova série, 73(1212) 1974, pp. 411-422.
- FERNANDES, Barahona, “Sentido Pedagógico da Obra de Egas Moniz”, *Revista de Psiquiatria do Departamento de Saúde Mental da Faculdade de Medicina do Porto—Hospital de S. João*, 2ª série, 3(1) 1981, pp. 22-42.
- FERNANDES, Barahona; ALVES, Abel, “A angiografia cerebral nos oligofrénicos”, *Arquivo de Medicina Legal*, 8, 1935, pp. 116-156.
- FERNANDES, M. Azevedo, “Egas Moniz — Alguns aspectos da personalidade do cientista”, *O Médico*, Nova série, 5 (289) 1957, pp. 506-510.
- FERREIRA, A. dos Santos, “Egas Moniz e o Instituto de Anatomia Normal da Faculdade de Medicina de Lisboa”, *O Médico*, Nova série, 73(1215)1974, pp. 633-637.
- FERREIRA, E, “No Centenário de Egas Moniz”, *Saúde e Lar. Revista Bimestral Ilustrada*, 33 (320) 1974, p. 1.
- FERREIRA, Nuno Girão, “Leucotomia e personalidade”, *Acção Médica*, 24(94) 1959, pp. 93-117.
- “Ferro (A) e fogo — Os presos políticos”, *Ilustração Portuguesa Edição Semanal do Jornal O Século*, 103, Lisboa, 10. Fev. 1908, p. 174.
- FIADEIRO, Joaquim, “Professor Egas Moniz (1874-1955) [notícia de falecimento]”, *Revista de Ciências Veterinárias*, 51(356)1956, s.n.
- “Figuras da medicina: Egas Moniz”, *Tempo Medicina*, Lisboa, 7(387) 8 Jan. 1991, p. 12.
- FIGUEIREDO, João Manuel Pacheco de, “Homenagem a Egas Moniz”, *Arquivos da Escola Médico-Cirúrgica de Goa*, 31, 1958, pp. 82-90.
- FIGUEIREDO, Pacheco de, “Homenagem a Egas Moniz na Escola Médico-Cirúrgica de Goa”, Separata de *O Médico*, 366, 1958, 9 p.
- “Figura (A) do Prof. Egas Moniz exaltada por um jornal sueco”, *Jornal do Médico*, Porto, 15(364)1950, p. 133.
- “Figuras ilustres — O Prof. Sr. Dr. Egas Moniz”, *Boletim Farmacológico*, 2ª série, Lisboa, 5(8) 1927, pp. 1-2.

- FILHO, Augusto Brandão, “Primeira encefalografia arterial no Brasil”, *Jornal dos Clinicos*, Rio de Janeiro, 10(20) 30 Out. 1929, pp. 309-315.
- FIOLHAIS, Carlos, “Egas Moniz, Ciência e Paixão”, *Das Artes, Das Letras*, 2ª série (Suplemento de *O Primeiro de Janeiro*, ano CXXXII, nº 4) 16, 5 Jan. 2000, p. 9.
- FLORES, António, “Introdução”, *Lisboa Médica*, 14(12)Dez. 1937, pp. 749-760.
- FLORES, António, “O professor Egas Moniz e a sua obra”, *Imprensa Médica*, 10(21-22)1944, pp. 3-17.
- FLORES, António, “O notável relatório do Prof. ... à Comissão do Prémio Nobel de Medicina, a propósito da candidatura do Prof. Egas Moniz”, *O Clínico*, 12(12) 1949, pp. 73-78.
- FLORES, António, “Palavras do Prof. Dr. António Flores, Catedrático de Neurologia da Faculdade de Medicina de Lisboa”, *Revista Internacional*, Lisboa, 15, Dez. 1949, p. 25.
- FLORES, António, “O Prof. Egas Moniz e a sua obra”, *Jornal do Médico*, Porto, 14(355)1949, pp. 507-512.
- FLORES, António, “Relatório enviado à comissão do Prémio Nobel de Fisiologia e Medicina do Real Instituto Carolino em Estocolmo”, *A Medicina Contemporânea*, 62(11)1949, pp. 379-383.
- FLORES, António, “Lição de abertura do Curso de Neurologia da Faculdade de Medicina de Lisboa, 1949-50”, *A Medicina Contemporânea*, 1, 1950, pp. 1-15.
- FLORES, António, “O I Congresso Mundial de Psiquiatria”, *Jornal do Médico*, Porto, 16(414)1950, pp. 1005-1014.
- FLORES, António, “O Prof. Egas Moniz e a sua obra”, *O Clínico*, Nova Goa, 13(2)1950, pp. 33-54.
- FLORES, António, “Cinquenta anos de neurologia”, *A Medicina Contemporânea*, Lisboa 71(2)1953, pp. 65-82.
- FLORES, António, “As descobertas de Egas Moniz no V Congresso Internacional de Neurologia [Homenagem ao Prof. Egas Moniz no seu octogésimo aniversário]”, *A Medicina Contemporânea*, Lisboa, 72(12) 1954, pp. 561-572.
- “Foi criado oficialmente o 'Centro de Estudos Prof. Egas Moniz'”, *Jornal do Médico*, Porto, 15(368)1950, p. 262.
- FONTES, Joaquim, “O Professor Hess que compartilhou do prémio Nobel-1949 de Medicina e Fisiologia”, *Revista Internacional*, Lisboa, 15, Dez. 1949, p. 27.
- FORJAZ, Pereira, “Egas Moniz e a ciência portuguesa”, *Átomo. Ciência e técnica para todos*, Lisboa, 2(23)1949, p. 4.

- FORJAZ, Pereira, “Egas Moniz, Freeman — e a ciência portuguesa”, *Anais Azevedos*, 8(4-5) 1956, pp. 191-193.
- FORJAZ, Pereira, “Egas Moniz, Freeman — e a ciência portuguesa”, *Jornal dos Farmacêuticos do Ultramar*, 8(92) 1957, p. 5.
- FREEMAN, Walter, “The contributions of Egas Moniz — An appreciation from America”, *A Medicina Contemporânea*, Lisboa, 73 (3) 1955, pp. 147-150.
- FREEMANN, Walter, “Psychosurgery — After fifteen years”, *Seara Médica*, São Paulo, 5 (2-4) Abr.-Dez, 1950, pp. 119-131.
- FREEMAN, Walter, “La science et la psychochirurgie”, *A Medicina Contemporânea*, Lisboa, 74(12) 1956, pp. 571-577.
- FREEMAN, Walter, “La psychochirurgie et la morale médicale”, *Anais Azevedos*, 8(4-5) 1956, pp. 194-203.
- FREIRE, P. Donaciano de Abreu, “Egas Moniz. No centenário do seu nascimento (29.11.1874)”, *Boletim Informativo e Cultural — Centro Recreativo de Estarreja*, 3, Abr. 1974, pp. 12-14.
- FREITAS, Jorge Torquato de, “Professor Egas Moniz. Homem de ciência. Homem de letras”, *Revista Shell*, 23 (280) Nov.-Dez. 1950, pp. 5; 17.
- FULTON, John F, “Egas Moniz (1874-1955). Nobel Laureate”, *Imprensa Médica*, 20(1)1956, pp. 53-57.
- FURTADO, Diogo, “Egas Moniz”, *Imprensa Médica*, 10(21-22)1944, pp. 341-343.
- FURTADO, Diogo, “Neurologia: posição actual e perspectivas do futuro”, *Jornal do Médico*, Porto, 21(525)1953, pp. 365-375.
- FURTADO, Diogo, “Réflexions sur la lobotomie”, *Jornal do Médico*, Porto, 14(351)1949, p. 398.
- FURTADO, Diogo, “Réflexions sur la lobotomie”, *Acção Médica*, 54, 1949, pp- 130-132.
- GARRETT, Almeida, “Alocação proferida pelo Director da Faculdade de Medicina do Porto, Prof...”, *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, 114 (1) 1950, pp. 2-6.
- GARRETT, Almeida, “Discurso do Prof...”, *Jornal do Médico*, Porto, 15(368)1950, pp. 243-244.
- GARRETT, Almeida, “Egas Moniz, Prémio Nobel”, *Portugal Médico*, Porto, 33, 1949, pp. 521-522.
- “Geração (A) humana e as doutrinas de Exeter. Conferência pelo Dr. Paiva Boléo”, *Jornal do Médico*, Porto, 7(162)1946, p. 430.
- Gil, “Tribuna de S. Frei Gil — Um médico”, *Jornal do Médico*, Porto, 5(98)1944, p. 72.

- “Glória às Beiras! Glória a Portugal! A consagração mundial da obra do sábio professor dr. Egas Moniz”, *Revista das Beiras*, 2, Jul.-Set. 1949, pp. 1-6.
- GOMES, Fernando Amaral, “Egas Moniz, a sua obra e o futuro da psicocirurgia”, *O Médico*, Nova série, 68(1148)1973, pp. 334-335.
- GOMES, Marques, “Dr. Egas Moniz”, *O Concelho de Estarreja*, Pardilhó, 21(1119) 29 Set. 1923, p. 1.
- GONÇALVES, Raúl, “Egas Moniz, cidadão do mundo”, *Selos & Moedas*, Aveiro, 13(47)1975, pp. 9-13.
- GRANJEL, Luís S, “Egas Moniz: a leucotomia”, *Tempo Médico*. 3(26) 1978, pp. 1582-1584.
- GRANDE, Nuno, “Egas Moniz, cinquenta anos”, *Jornal de Notícias*, 28 de Novembro de 1999, p. 18.
- GRANDE, Nuno, “Egas Moniz e a investigação clínica”, *Das Artes, Das Letras*, 2ª série (Suplemento de *O Primeiro de Janeiro*, ano CXXXII, nº 4) 16, 5 Jan. 2000, p. 8.
- GUERRA, Miller, “Alguns aspectos da neurologia actual”, *Anais Azevedos*, 5(3)1953, pp. 125-131.
- GUERRA, Miller, “O centenário do Prof. Egas Moniz: o único Prémio Nobel português”, *Notícias Médicas*, Lisboa, 3(198) 1974, pp. 6; 10; 12 e 14.
- GUERRA, Miller, “A descoberta da arteriografia cerebral por Egas Moniz”, *Brotéria. Cultura e informação*, 105(1)1977, pp. 40-47.
- GUERRA, Miller, “Egas Moniz”, *O Médico*, Nova série, 86(1376) 1978, pp. 79-81.
- GUERRA, Miller, “A obra científica de Egas Moniz”, *Revista de Psiquiatria do Departamento de Saúde Mental da Faculdade de Medicina do Porto—Hospital de S. João*, 2ª série, 3(1) 1981, pp. 43-52.
- GUERRA, Miller, “Crítica de livros: Personalidade e Obra de Egas Moniz”, *Acta Médica Portuguesa*, 5(4-5)1984, pp. 155-156.
- GUERRA, Levi, “Prof. Egas Moniz”, *Arquivos de Medicina*, 1(3)1987, pp. 283-285.
- GUIMARÃES, Joana; CLÁUDIO, José; VITAL, Pedro; MATOS, Ricardo, “O nosso Egas”, *D'A Vanca*, Avanca, 5, 1999, pp. 25-40.
- GUIMARÃES, Guedes (introdução e tradução), “Psicocirurgia: o caminho andado”, *O Médico*, Nova série, 71(1181)1974, pp. 111; 113.
- GUTTMANN, Ludwig, “Ueber möglichkeiten und grenzen der angiographie (Moniz) und ventriculographie (Dandy) bei der diagnose von hirntumoren”, *Lisboa Médica*, 14(12)Dez. 1937, pp. 847-853.
- HEENAN, Fr. Alan, “Uma nota sobre leucotomia pré-frontal”, *Acção Médica*, 53, 1949, pp. 38-42.

- HERMANN, Käte; OBRADOR, S.; DOTT, Norman, “Intracranial aneurysms and allied clinical syndromes: cerebral arteriography in their management”, *Lisboa Médica*, 14(12)Dez. 1937, pp. 782-814.
- “Homem (O) de quem se fala. Aos oitenta anos o Prof. Egas Moniz acha que ainda é 'novo', gosta de sonhar e lê Junqueiro, Nobre, Pascoais, José Régio e 'O Belo Tagore’”, *O Século Ilustrado*, Lisboa, 17(886) 25 Dez. 1954, p. 5.
- “Homenagem da Academia das Ciências de Lisboa ao Prof. Egas Moniz”, *Jornal do Médico*, Porto, 14(355)1949, pp. 517-525.
- “Homenagem (A) da Associação Académica de Coimbra”, *Jornal do Médico*, Porto, (382)1950, p. 760; 762.
- “Homenagem (A) da Casa das Beira ao Prof. Egas Moniz”, *Jornal do Médico*, Porto, 15(368)1950, p. 271.
- “Homenagem dos Clubes Rotários à memória de Egas Moniz”, *O Médico*, Nova série, 70(1172)1974, p. 392.
- “Homenagem do Conselho Geral da Ordem dos Médicos”, *Jornal do Médico*, Porto, 15(364)1950, p. 130.
- “Homenagem (A) do Conselho Regional de Lisboa da Ordem dos Médicos”, *Jornal do Médico*, Porto, 15(364)1950, p. 130.
- “Homenagem a Egas Moniz no 8º aniversário da sua morte”, *Semana Médica*, 5(243) 22 Dez. 1963, pp. 1-2.
- “Homenagem a Egas Moniz na Escola Médico-Cirúrgica de Goa”, *O Médico*, Nova série, 9(366; 367)1958, pp. 20-21; 51-53.
- “Homenagem dos estudantes de Medicina de Lisboa” [A Egas Moniz], *Jornal do Médico*, Porto, 15(382)1950, p. 759.
- “Homenagem do Grupo de Estudos Brasileiros do Porto”[A Egas Moniz], *Jornal do Médico*, Porto, 15(382)1950, p. 759.
- “A homenagem da imprensa médica e das sociedades portuguesas de medicina ao Prof. Egas Moniz”, *Jornal do Médico*, Porto, 15(368)1950, pp. 239.259.
- “Homenagem do Jardim Universitário de Balas-Artes, ao Prof. Egas Moniz”, *Jornal do Médico*, Porto, 15(368)1950, p. 262.
- “Homenagem da medicina portuguesa a Egas Moniz”, *Portugal Médico*, Porto, 34, 1950, pp. 59-62.
- “Homenagem à memória de Egas Moniz”, *Coimbra Médica*, 3ª série, 4(3)1957, p. 317.
- “Homenagem à memória do Prof. Dr. Egas Moniz”, *Coimbra Médica*, 3ª série, 6(10)1959, pp. 1076-1077.
- “Homenagem à memória do Prof. Egas Moniz [Faculdade de Medicina de Lisboa]”, *O Médico*, Nova série, 5(290)1957, pp. 570-571.

- “Homenagem à memória do Prof. Egas Moniz”, *Jornal do Médico*, 29(685) 1956, pp. 566-567.
- “Homenagem à memória do Prof. Egas Moniz [Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria]”, *O Médico*, Nova série, 4(244)Supl. 1956, pp. 324-325.
- “Homenagem (A) do Município de Lisboa”, *Jornal do Médico*, Porto, 15(364)1950, p. 133.
- “Homenagem ao Prof. António Flores”, *Jornal do Médico*, Porto, 21(521)1953, p. 195.
- “Homenagem ao Prof. Dr. Egas Moniz”, *Vida e Saúde. Revista Popular Ilustrada Medico-Social*, 9(118)1944, p. 8.
- “Homenagem ao Prof. Egas Moniz”, *Jornal do Médico*, Porto, 17(421)1951, p. 320.
- “Homenagem da 'Rádio Cultura' ao Prof. Egas Moniz”, *Seara Médica*, São Paulo, 5 (2-4) Abr.-Dez, 1950, pp. 195-196.
- “Homenagem dos Rotários (de Lisboa) ao prof. Egas Moniz”, *Diário de Coimbra*,. 24 Jan. 1974, p. 7.
- “Homenagem do Rotary Clube de Lisboa ao Prof. Egas Moniz”, *Jornal do Médico*, Porto, 17(434)1951, p. 852.
- “Homenagem da Sociedade de Geografia ao Prof. Egas Moniz”, *Jornal do Médico*, Porto, 17(419)1951, p. 239
- “Homenagem da Sociedade Nacional de Belas Artes ao Prof. Egas Moniz”, *Jornal do Médico*, Porto, 17(427)1951, p. 562.
- “Homenagens ao Prof. Egas Moniz em Avanca e em Lourenço Marques”, *Jornal do Médico*, Porto, 16(411)1950, p. 896.
- ILHARCO, Fernando, “Nótula sobre a leucotomia de Egas Moniz”, *Anais Portugueses de Psiquiatria*, 2(2)1950, pp. 260-273.
- IMAGINÁRIO, J. da Gama, “Contribuição para a história da angiografia cerebral. A expansão da angiografia em Inglaterra”, *Gazeta Médica Portuguesa*, 9(6)1956, pp. 655-658.
- “Indicações da leucotomia prefrontal”, *Jornal do Médico*, Porto, 5(115)1945, p. 556.
- “Instituto (No) Bento da Rocha Cabral, onde começou os trabalhos que levaram a uma das maiores descobertas, foi evocada a memória de Egas Moniz”, *O Médico*, Nova série, 5(280)1957, p. 148.
- “Investigadores (Os) que conquistaram o Prémio Nobel de Medicina desde a sua fundação até à actualidade”, *Jornal do Médico*, Porto, 14(355)1949, pp. 534.
- J.A.L, “Ainda Egas Moniz”, *O Médico*, Nova série, 6(312)1957, p. 251.
- JARVIS, J.F, “Egas Moniz — his contribution to arteriology”, *Extract from The East African Medical Journal*, 33(9)1956, pp. 7-8.

- JEFFERSON, Geoffrey, “Retrospect on the contribution of Prof. Egas Moniz to surgical neurology”, *A Medicina Contemporânea*, Lisboa, 74(4)1956, pp. 152-160.
- KAEMPFERT, Waldemar, “Turning the Mind Inside Out”, *The Saturday Evening Post*, 24, 1941, pp. 18-19; 69; 71-72; 74.
- KEENAN, Alan, “Uma nota sobre leucotomia pré-frontal”, *Acção Médica*, 14(53)1949, pp. 38-42.
- KOCH, Gerhard, “Egas Moniz — Prémio Nobel de Medicina e Fisiologia. Vida e obra”, *O Médico*, 8, 1950, pp. 11-13.
- KOCH, Gerhardt, “Nobelpreisträger Egas Moniz”, *Ärztliche Praxis*, 1(25) 1949, pp. 3; 10.
- KOCH, Gerhardt, “Nobelpreisträger Egas Moniz”, *Ärztliche Praxis*, 1(26) 1949, pp. 3; 10.
- LACERDA, Ruy, “Angiografia Cerebral (Prova de Egas Moniz). Sua importância clínica”, *Imprensa Médica*, 1(8) 1935, pp. 161-165.
- “Leucotomia (A) foi proibida na Rússia [Extracto de uma obra]”, *Acção Médica*, 18(69-70)1953, p. 116.
- LIMA, Almeida, “A realização da arteriografia cerebral”, *Lisboa Médica*, 14(12)Dez. 1937, pp. 761-772.
- LIMA, Almeida, “O campo da neuro-cirurgia”, *Jornal do Médico*, Porto, 1(15)1941, pp. 238-239.
- LIMA, Almeida, “Angiografia cerebral-leucotomia prefrontal”, *A Medicina Contemporânea*, 62(11)1949, pp. 399-416.
- LIMA, Almeida, “IV Congresso Neurológico Internacional”, *Jornal do Médico*, Porto, 14(355)1949, p. 532.
- LIMA, Almeida, “A personalidade e a obra do Professor Dr. Egas Moniz”, *Revista Internacional*, Lisboa, 15, Dez. 1949, pp. 20-21.
- LIMA, Almeida, “Prof. Egas Moniz. Prémio Nobel de Fisiologia e Medicina (1949)”, *Clínica, Higiene e Hidrologia*, Lisboa, 15(12)1949, pp. 323-326.
- LIMA, Almeida, “Discurso do Prof. Dr. (...) [a propósito de Egas Moniz]”, *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas*, 114(1) 1950, pp. 22-28.
- LIMA, Almeida, “Discurso de homenagem ao Prof. Dr. Egas Moniz”, *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, 114(1)1950, pp. 22-28.
- LIMA, Almeida, “Discurso do Prof. ...”, *Jornal do Médico*, Porto, 15(368)1950, pp. 255-257.
- LIMA, Almeida, “Discurso do Prof. Dr. ...”, *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, 114(1) 1950, p. 1.
- LIMA, Almeida, “Duas contribuições da neurologia portuguesa (angiografia cerebral e leucotomia pré-frontal)”, *Seara Médica*, São Paulo, 5 (2-4) Abr.-Dez, 1950, pp.101-112.

- LIMA, Almeida (org.), “Egas Moniz. Resumo biográfico”, *Seara Médica*, São Paulo, 5 (2-4) Abr.-Dez, 1950, pp. 71-99.
- LIMA, Almeida, “A obra científica de Egas Moniz, Prémio Nobel de Fisiologia e Medicina 1949”, *Gazeta de Física*, 2(2) 1950, pp. 33-38.
- LIMA, Almeida, “O 25º aniversário da angiografia cerebral”, *A Medicina Contemporânea*, Lisboa, 70(8)Ago. 1952, pp. 439-444.
- LIMA, Almeida, “Apperçu historique de l'angiographie cérébrale”, *Cadernos Científicos*, 3(1)1952, pp. 5-9.
- LIMA, Almeida, “A experiência da Escola de Egas Moniz no tratamento cirúrgico das doenças mentais”, *A Medicina Contemporânea*, 70(1)1952, pp. 19-34.
- LIMA, Almeida, “Tendências actuais da neurologia”, *A Medicina Contemporânea*, Lisboa, 73 (9) 1955, pp. 413-434.
- LIMA, Almeida, “Sessão de homenagem à memória do Prof. Egas Moniz”, *A Medicina Contemporânea*, Lisboa, 74(4)1956, pp. 143-146.
- LIMA, Almeida, “Egas Moniz. Investigador científico”, *Gazeta Médica Portuguesa*, 9(6)1956, pp. 645-654.
- LIMA, Almeida, “Egas Moniz”, *Medicamenta*, 287, 1956, pp. 3-5.
- LIMA, Almeida, “A lição de Egas Moniz”, *O Médico*, Nova série, 4(252) 1956, pp. 724-728.
- LIMA, Almeida, “Egas Moniz, Freeman e a ciência portuguesa”, *Jornal dos Farmacêuticos do Ultramar*, 8(92) 1957, p. 5.
- LIMA, Almeida, “Em homenagem a Egas Moniz”, *A Medicina Contemporânea*, Lisboa, 75(5) 1957, pp. 217-228.
- LIMA, Almeida, “Platão, Roger Bacon, Egas Moniz — A propósito do tratamento cirúrgico das doenças mentais”, *O Médico*, Nova série, 67(1142)1973, pp. 93-98.
- LIMA, Almeida, “Para sempre na história da medicina”, *Vida Mundial*, Lisboa, 1815, 22 Mar. 1974, pp. 26-30.
- LIMA, Almeida, “O centenário de Egas Moniz”, *O Médico*, Nova série, 73(1215)1974, pp. 628-632.
- LIMA, Almeida, “O Médico há vinte anos: confiança [sobre Egas Moniz]”, *O Médico*. Nova série, 80(1296) 1976, p. 32.
- LÖHR, W, “Die arteriographie der gehirngefässe in der unfallchirurgie”, *Lisboa Médica*, 14(12)Dez. 1937, pp. 824-846.
- LOPES, David, “Um príncipe da renascença [sobre Egas Moniz c/ entrevista a Pedro Polónio]”, *Tempo Medicina*, Lisboa, 14(654) 23 Set. 1996, pp. 8-10.
- LOPES, David, “Egas Moniz: homenagem no Porto”, *Tempo Medicina*, 16(718 suplemento) 1998, pp. 41-44.

- LOPES, J. Leme, “Egas Moniz”, *Revista de Psiquiatria do Departamento de Saúde Mental da Faculdade de Medicina do Porto—Hospital de S. João*, 2ª série, 3(1) 1981, pp. 17-21.
- LOPEZ-IBOR, J, “La significación de Egas Moniz en la psiquiatria contemporánea”, *Imprensa Médica*, Lisboa, 20(11) 1956, pp. 575-579.
- LOURENÇO, Sónia, “Egas Moniz e a angiografia cerebral”, *Tempo Medicina*, Lisboa, 18(814)2000, p. 16 E (notícia que tem por base uma conferência de J. Lobo Antunes).
- LUZES, Pedro — “Não reduzir Egas Moniz à leucotomia”, *Vida Mundial*, Lisboa, 1815, 22 Mar. 1974, p. 30.
- LUZES, Pedro, “Cem Anos de Psicanálise. Situação Actual da Psicanálise no Mundo e em Portugal”, *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 15, Dez. 1996, pp. 75-81.
- MACHADO, Falcão, “Ouvindo o Professor Dr. Egas Moniz”, *Revista Internacional*, Lisboa, 15, Dez. 1949, pp. 9-11.
- MACHADO, Falcão, “A vida e o labor científico do Professor Dr. Egas Moniz. 50 anos ao serviço da humanidade”, *Revista Internacional*, Lisboa, 15, Dez. 1949, pp. 3-7.
- MAGALHÃES, António, “O espectro da leucotomia”, *Saúde Mental*, Lisboa, 8(28)1976, pp. 21-23.
- MALPIQUE, Cruz, “Egas Moniz, o político — no centenário do seu nascimento (1874-1974)”, *Aveiro e o seu Distrito*, 18, 1974, pp. 19-39.
- MANTA, Neves, “A Sciencia e a Arte de Egas Moniz”, *Gazeta Clínica*, S. Paulo, 26(8)1928, p. 177.
- MARGETTS, Edward L, “Egas Moniz — his contributions to psychiatry”, *Extract from The East African Medical Journal*, 33(9)1956, pp. 4-6.
- MARQUES, António de Vasconcellos, “Angiografia cerebral”, *O Médico*, Nova série, 73(1212)1974, pp. 432-433.
- MARQUES, Juvenal Silva, “Egas Moniz e o Brasil”, *Seara Médica*, 11(1-2)1956, pp. 37-57.
- MARQUES, Juvenal Silva, “Egas Moniz e o Brasil”, *Jornal do Médico*, Porto 32(746)1957, pp. 71-82.
- MARTÍN, Wenceslao C, “Egas Moniz y las nuevas rutas del cerebro”, *Imprensa Médica*, 21(3)1957, pp. 117-122.
- MARTINS, Robert Pereira, “Reumobiografias: Egas Moniz”, *Acta Reumatológica Portuguesa*, 8(27)1983, pp. 107-116.
- MARTINS, Rocha, “A conferência de Egas Moniz”, *República*, ano XL, nº 6996, 31 Mai. 1950, pp. 1; 4.
- MASSERMAN, Jules H, “Psychotherapy: — an outline and a integration”, *Imprensa Médica*, 21(5)1957, pp. 231-241.

- MATOS, Manuel, “Egas Moniz: uma vida entre o trabalho e o afecto”, *D'A Vanca*, Avanca, 5, 1999, pp. 42-44.
- “Médicos (Os) de Nairobi prestam homenagem ao Prof. Egas Moniz”, *O Médico*, Nova série, 4(252)Supl. 1956, pp. 450-451.
- MELO, Francisco de, “Psico-cirurgia”, *Vértice*, 6(60) 1948, pp. 111-112.
- MELO, Francisco de, “Egas Moniz”, *Vértice*, 8(75) 1949, p. 286.
- MELLO, Jules P. de, “Professor A. Egas Moniz”, *Extract from The East African Medical Journal*, 33(9)1956, pp. 1-3.
- “Memória (À) de Egas Moniz foi prestada homenagem pelos neurocirurgiões espanhóis”, *Semana Médica*, 1(30)1959, pp. 1-16.
- “Memória (Á) do prof. Egas Moniz [Sociedade de Geografia de Lisboa]”, *O Médico*, Nova série, 4(233) Supl.1956, p. 136.
- “Mensagem (Uma) da Universidade de Lisboa”, *Jornal do Médico*, Porto, 15(364)1950, pp. 133-134.
- “Mestre Moniz”, *Evasões*, 8, Dez. 1998, pp. 68-70.
- MIRA, Ferreira de, “Dr. Egas Moniz”, *Seara Nova*, 28(1138-39) 1949, pp. 213-214.
- MONIZ, Egas, “Subsídios para a história da angiografia”, *A Medicina Contemporânea*, Lisboa, 73(7)1955, pp. 329-346.
- “Monumento a Egas Moniz”, *O Médico*, Nova série, 11(399)1959, p. 159.
- MORGANTE, R, “Centennial of the 1st Nobel Prize Winner Egas Moniz, founder of neuroradiology”, *Minerva Medica*, 68, 1975, pp. 36-37.
- “Morte (A) do Prof. Egas Moniz”, *O Médico*, Nova série, 4(252)1956, pp. 454-456.
- MOTA, Mário, “Médicos escritores: Egas Moniz”, *Revista Médica de Angola*, 2^a série, 16(63)1974, pp. 9-44.
- “Mundo (O) Científico — Egas Moniz”, *Triângulo — Jornal Sandoz das Ciências Médicas*, 2(2) Set. 1955, pp. 76-77.
- NARCISO, Armando, “O prof. Egas Moniz na Reunião Internacional de Neuro-Cirurgia”, *Clínica, Higiene e Hidrologia*, 13(5)Mai. 1947, pp. 136-139.
- NASCIMENTO, Romão, “Há quarenta anos um Nobel português”, *Revista dos Médicos*, 1(2) 1989, p. 14.
- NEME, Mijail, “Egas Moniz y la comprensión del sistema nervioso superior”, *Imprensa Médica*, 21(3)1957, pp. 123-129.
- NEVES, Azevedo, “O professor Egas Moniz”, *Correio dos Açores*, Supl. 7.162, 1944, pp. 7-16.

- NEVES, Joaquim Pacheco, “O professor Egas Moniz”, *O Médico*, Nova série, 4(252 suplemento)1956, p. 449.
- “Nobel (Os) de medicina de 1901 a 1964”, *O Médico*, Nova série, 33(694)1964, pp. 784-791.
- NOGUEIRA, Fernando R, “Egas Moniz: a sua glória e uma pergunta”, *O Médico*, Nova série, 65(1109)1972, pp. 673-675.
- “Nome ou pseudónimo?... [Egas Moniz]”, *Diário de Notícias*, Lisboa, 135(47.676) 4 de Outubro de 1999, p. 35.
- NORTHFIELD, W.C, “Observations on the clinical indications for cerebral arteriography”, *Lisboa Médica*, 14(12)Dez. 1937, pp. 861-872.
- “Notável (Um) ciclo de conferências no Hospital de Miguel Bombarda pelos Profs. Manfred Bleuler, Barahona Fernandes, Lopez Ibor, Vallejo Nágera e Egas Moniz”, *Jornal do Médico*, Porto, 13(315)1949, pp. 166-174.
- “Notável (O) relatório do Prof. António Flores à Comissão do Prémio Nobel de Medicina, a propósito da candidatura do Prof. Egas Moniz”, *Jornal do Médico*, Porto, 14(355)1949, pp. 530-531.
- “Nova homenagem em Estarreja”, *Jornal do Médico*, Porto, (382)1950, p. 760.
- O'BRIEN, “Aspecto moral da lobotomia pré-frontal”, *Acção Médica*, 14(53) 1949, pp. 43-44.
- O'RAHILLY, Ronan, “Leucotomia pré-frontal”, *Acção Médica*, 14(53) 1949, pp. 22-37.
- “Obra (A) de Guerra Junqueiro apreciada pelo Prof. Egas Moniz numa notável conferência feita na Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto”, *Jornal do Médico*, Porto, 14(355)1949, pp. 542-544.
- “Obra (A) e a personalidade de Egas Moniz evocadas numa sessão promovida pela Câmara Municipal de Lisboa”, *O Médico*, Nova série, 73(1210)1974, pp. 325-326.
- “Obituary — Antonio Egas Moniz, M.D.”, *Lancet*, 2, 1955, p. 1345.
- OLIVEIRA, João Paradela de, “Uma carta do ilustre e nosso presado amigo e colaborador, Dr. João Paradela de Oliveira, recebemos a seguinte carta que publicamos”, *Revista Internacional*, Lisboa, 15, Dez. 1949, p. 23.
- OLIVEIRA, Isabel, “80 anos de papas” na revista *Única*, Semanário EXPRESSO nº 1619 de 8/11/2003
- “Outras homenagens”, *Jornal do Médico*, Porto, (382)1950, p. 760.
- PACHECO, Luís, “Prof. Egas moniz. Prémio Nobel de Fisiologia e Medicina”, *Clínica Contemporânea*, 3(29) 1949, pp. 1631-1633.
- PACHECO, Osvaldo, “Uma casa como as outras na Rua de Tomar”, *Diário de Coimbra*, 69(23.309) 21 Mar. 2000, p. 2.
- “Páginas de história na visão de Egas Moniz”, *Nestlé Notícias*, 5, 1986, p. 1.

- PEDROSO, Alberto, “O prof. Egas Moniz e o conflito na biblioteca”, *Seara Nova*, 1588, 1978, pp. 31-33.
- PEIRONE, Frederico José, “Três cartas inéditas de Egas Moniz ao poeta Afonso Lopes Vieira”, *A Medicina Contemporânea*, Lisboa, 74(12) 1956, pp. 579-582.
- PELICIER, Y, “Egas Moniz, le grand héros des lusiades cerebrales”, *Revista de Psiquiatria do Departamento de Saúde Mental da Faculdade de Medicina do Porto—Hospital de S. João*, 2ª série, 3(1) 1981, pp. 15-16.
- PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui, “Egas Moniz. A propósito do cinquentenário da atribuição do Prémio Nobel ao cientista português”, *Diário de Coimbra. Supl. Tribuna Universitária*, 2 de Dezembro de 1999, pp. II-III.
- PEREIRA, E. Aparício, “A medicina portuguesa no estrangeiro e Egas Moniz. Uma conferência em Paris do Prof. P. Puech sobre 'Psicocirurgia e suas aplicações’”, *Jornal do Médico*, 14(352)1949, pp. 430; 432.
- PEREIRA, José Morgado, "O Professor Sobral Cid na história da psiquiatria portuguesa", in *Revista da Associação para o Estudo, Reflexão e Pesquisa em Psiquiatria e Saúde Mental*, 1, (1) 1996, pp. 8-9
- PEREIRA, Miguel Serras, “Egas Moniz e a psicocirurgia”, *Vida Mundial*, Lisboa, 1815, 22 Mar. 1974, pp. 18-26.
- PERINO, F.R, “Egas Moniz, 1874-1955”, *Journal of the International College of Surgeons*, 36, 1961, pp. 261-271.
- PERINO, Francisco Ruben, “Egas Moniz. 1874 — 1955. Fundador de la Psico-Cirurgia — Creador de la Angiografia Cerebral — Prémio Nobel de Medicina y Fisiología”, *El Dia Médico*, Buenos Aires, 28, 1956, pp. 2-15.
- PESSOA CAVALCANTI, Avelino, “Perfis da raça — XVI. Egas Moniz. Sábio neurologista português — Professor de renome mundial”, *Brasil Ilustrado (Secção Ferroviária)*, Rio de Janeiro, 3(31-32) Jul.-Ago. 1941, pp. 19-20.
- PETIT-DUTAILLIS, D, “A propos de l'angiographie cérébrale d'Egas Moniz”, *A Medicina Contemporânea*, Lisboa 72(12)1954, pp. 573-579.
- PIMENTA, A. Matos, “Contribuições brasileiras à leucotomia pré-frontal”, *Seara Médica*, São Paulo, 5 (2-4) Abr.-Dez, 1950, pp.113-117.
- PINTO, Amândio, “Poucas palavras”, *Átomo. Ciência e técnica para todos*, Lisboa, 2(23)1949, p. 6.
- PINTO, Eugénio, “Casa Museu Egas Moniz. Um ambiente de génio”, *Notícias Magazine*, 391, 21 de Novembro de 1999, pp. 56-60.
- PITA, João Rui, “Cientistas nos selos portugueses. Algumas reflexões”, *Cábula Filatélica*, Coimbra, 16, 1998, pp. 16-20.
- PITA, João Rui, “Egas Moniz nos selos portugueses: o homem, o universitário e o cientista”, *Cábula Filatélica*, 14, 1998, pp. 24-27.

- PITA, João Rui, “Egas Moniz, Prémio Nobel de Medicina e Fisiologia em 1949 — 50º aniversário”, *Revista da Ordem dos Farmacêuticos*, 32, 1999, p. 29.
- POLÓNIO, Pedro, “Egas Moniz e a terapêutica psiquiátrica”, *O Médico*, Nova série, 73(1212)1974, p. 435.
- POPPEN, James L, “The technic of prefrontal lobotomy”, *Seara Médica*, São Paulo, 5 (2-4) Abr.-Dez, 1950, pp. 175-180.
- “Prix (Le) Nobel de Médecine et de Physiologie est partagé entre le Professeur A. Egas Moniz (Portugal) et le Professeur W. R. Hess (Suisse)”, *La Presse Médicale*, Paris, 70, Nov, 1949, p. 1040.
- “Prémio (O) Nobel de Medicina atribuído ao Prof. Egas Moniz. A invulgar repercussão do acontecimento — Notas de reportagem”, *Jornal do Médico*, Porto, 14(355)1949, pp. 538-542.
- “Prémio (O) Nobel”, *Revista Internacional*, Lisboa, 15, Dez. 1949, p. 1.
- “Prof. Egas Moniz (29-11-1874 — 13-12-1955)” *Jornal dos Farmacêuticos do Ultramar*, 8(92)1957, p. 6.
- “Prof. Doutor Egas Moniz (Prémio Nobel de Medicina)”, *Jornal dos Farmacêuticos*, Lisboa, 9(71) 1950, p. 4.
- “Prof. Doutor (O) Egas Moniz”, *Imprensa Médica*, 19(12)1955, pp. 727-730.
- “Prof. Dr. Egas Moniz”, *Átomo. Ciência e técnica para todos*, Lisboa, 2(23)1949, pp. 1; 7.
- “Prof. Dr. Egas Moniz”, *Jornal do Médico*, Porto, 5 (117) 1945, p. 635.
- “Prof. Dr. Egas Moniz”, *Coimbra Médica*, 3º série, 3(1) 1956, p. 59.
- “Prof. Dr. (O) Egas Moniz foi eleito académico de mérito da Academia das Ciências de Lisboa”, *Jornal do Médico*, Porto, 8, 1946, pp. 867-868.
- “Prof. Egas Moniz”, *Portugal Médico*, 21, 1937, p. ccviii.
- “Prof. Egas Moniz”, *Boletim Geral de Medicina e Farmácia*, Nova Goa, 20(3-4)1938, p. 126.
- “Prof. Egas Moniz [atribuição do Prémio Nobel]”, *Acção Médica*, 14(54)1949, p. 126.
- “Prof. Egas Moniz [homenagens]”, *Acção Médica*, 14(55)1949, pp. 315-316.
- “Prof. Egas Moniz”, *Portugal Médico*, Porto, 33, 1949, p. 588.
- “Prof. Egas Moniz”, *Anais Azevedos*, 7(4) 1955, pp. 183-185.
- “Prof. Egas Moniz (29-11-1874 — 13-12-1955)”, *Jornal dos Farmacêuticos do Ultramar*, 8(92)1957, p. 5.
- “Prof. (O) Egas Moniz defende a leucotomia numa comunicação apresentada à Academia das Ciências de Lisboa”, *Jornal do Médico*, Porto, 24(599)1954, pp. 677-679.

- “Prof. (O) Egas Moniz deu recepção em honra do Ministro da Suécia”, *Jornal do Médico*, Porto, 15(364)1950, p. 134.
- “Prof. (O) Egas Moniz foi eleito membro emérito da Society of British Neurological Surgeons, de Londres”, *Jornal do Médico*, Porto, 7(172)1946, p. 725.
- “Prof. (O) Egas Moniz foi reeleito presidente da Classe de Ciências da Academia”, *Jornal do Médico*, Porto, 21(520)1953, p. 157.
- “Prof. (O) Egas Moniz homenageado em Lourenço Marques”, *Jornal do Médico*, Porto, 15(368)1950, p. 262.
- “Prof. (O) Egas Moniz na imprensa alemã”, *Jornal do Médico*, Porto, 15(368)1950, p. 262.
- “Prof. (O) Egas Moniz na imprensa americana”, *Jornal do Médico*, Porto, 15(368)1950, p. 262.
- “Prof. (O) Egas Moniz recebeu a importância monetária referente ao Prémio Nobel”, *Jornal do Médico*, Porto, 15(364)1950, p. 134.
- “Professor Egas Moniz”, *Hospitais Portugueses*, 5, 1950, p. 42.
- “Prof. Dr. (O) Egas Moniz recebeu o prémio da Universidade de Oslo, como galardão pelos seus trabalhos sobre angiografia cerebral”, *Jornal do Médico*, Porto, 7(162)1946, pp. 426-429.
- “Prof. (O) Miller Guerra e Egas Moniz”, *O Médico*, Nova série, 71(1182)1974, p. 214.
- “Professor (O) Egas Moniz recebe o Prémio Nobel de Medicina”, *Revista Portuguesa de Obstetrícia, Ginecologia e Cirurgia*, 2(6)1949, p. 337.
- “Propósito (A) da descoberta do sr. Dr. Egas Moniz. Vantagens de a apresentar no meio culto”, *Boletim Farmacológico*, 2ª série, Lisboa, 5(8)1927, pp. 1-2.
- “Psychosurgery. Operation to cure sick minds turns surgeon's blade into an instrument of mental therapy”, *Life*. International Edition, March, 1947, pp. 40-43.
- “Que (O) pensam e o que fazem os grandes nomes da medicina portuguesa. Entrevista com o Prof. Egas Moniz”, *Jornal do Médico*, 27(651)1955, p. 589.
- RAMOS, Albano, “Egas Moniz criador de radiologia”, *O Médico*, Nova série, 75(1232)1975, pp. 69-75.
- RAPOSO, Bettencourt, “Ao Prof. Egas Moniz. A propósito de 'O conflito sexual'”, *Arquivo da Universidade de Lisboa*, 10, 1925, pp. 181-258.
- RASTEIRO, Alfredo, “Medicina e numismática. Pedro Nunes (1502-1578) e Egas Moniz (1874-1955)”, *Kalliope — De medicina*, Coimbra, 3(1-2)1990, pp. 45-46.
- “Relembrando o passado... O atentado contra o Prof. Dr. Egas Moniz”, *Revista Internacional*, Lisboa, 15, Dez. 1949, pp. 13-15.

- “Resumo estatístico das angiografias cerebrais executadas no serviço de neurologia do Hospital Escolar de Santa Marta (Director: Prof. Egas Moniz) na década de 1927-1937”, *Lisboa Médica*, 14(12)Dez. 1937, pp. 878-879.
- “Reunião (A) internacional da Sociedade de Neurocirurgia Inglesa realiza-se em Lisboa — em 10 e 11 de Abril — e representará uma homenagem ao Prof. Egas Moniz”, *Jornal do Médico*, Porto, 9(218)1947, p. 374.
- “Revestiu-se de excepcional brilhantismo a grandiosa homenagem prestada ao Prof. Egas Moniz na Faculdade de Medicina de Lisboa”, *Jornal do Médico*, Porto, 15(368)1950, pp. 261-262.
- RIECHERT, T, “Die stereotaktischen operationen und ihre anwendung in der psychochirurgie”, *A Medicina Contemporânea*, Lisboa, 72 (12) 1954, pp. 589-599.
- RIECHERT, Traugott; HEINES, Karl-Dieter, “Die mehrfache, objektive registrierung einer wechselnd starken durchblutungsstörung bei der sturge — weber’sche krankheit”, *Seara Médica*, São Paulo, 5 (2-4) Abr.-Dez, 1950, pp. 153-174.
- RODRIGUES, José Orlando Fareleira Gouveia, “Egas Moniz, Prémio Nobel — apontamentos biográficos”, *Sapiens Magazine*, 1, Jan.-Mar, 1990, pp. 30-45.
- RODRIGUES, Rosa Maria, “Egas Moniz na cultura e na arte”, *D’A Vanca*, Avanca, 5, 1999, pp. 7-11.
- ROJAS, Dario; OUTES, Mariano, “Egas Moniz, en el cincuentenario del Premio Nobel a la Leucotomia Prefrontal”, *Alcmeon*, 2, 1999, 135-140.
- SÁ, Victor, “A personalidade política do professor Egas Moniz”, *Correio do Minho*, Braga, 27 Nov. 1974, p. 1, 4; 28 Nov. 1974, p. 1, 4; 29 Nov. 1974, p. 1, 4; 30 Nov. 1974, p. 1.
- SÁ, Vitor de, “A personalidade política de Egas Moniz”, *Vértice*, 35(374-375) 1975, pp. 168-178.
- SACADURA, Costa, “Nota explicativa”, *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, 114(1) 1950, pp. 38-42.
- SAI, G, “L’indagine stereo angiografica nello studio degli angiomi cerebrali”, *Lisboa Médica*, 14(12)Dez. 1937, pp. 815-823.
- SALDANHA, Aleu, “Egas Moniz — o cientista e o homem”, *O Médico*, Nova série, 73(1212)1974, pp. 423-426.
- SALDANHA, Aleu, “A Escola Portuguesa de Angiografia [Fragmento de uma brochura sobre os pioneiros da angiografia editada pela Sociedade Portuguesa de Radiologia e Medicina Nuclear]”, *Semana Médica*, 8(362) 15 Mai. 1966, pp. 31-32.
- SANCHEZ GRANJEL, Luís, “Egas Moniz: a Leucotomia. Os grandes passos da medicina segundo os seus protagonistas”, *Tempo Médico*, 3(26) 31 Out. 1978, pp. 1582-1584.

- SANTOS, Cardoso dos, “Ao doutor Egas Moniz, Prémio Nobel da Medicina”, *Aveiro e o seu Distrito*, 18, 1974, p. 4.
- SANTOS, Cid dos, “Aortografia e angiografia dos membros”, *O Médico*, Nova série, 73(1212)1974, pp. 427-429.
- SANTOS, Cid dos, “Egas Moniz”, *Portugal Médico*, Porto, 40(1), 1956, pp. 70-71.
- SANTOS, Oliveira, “Contribuição para as homenagens a Egas Moniz na passagem do seu centenário”, *Boletim dos Hospitais da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, 2ª série, 1(3)1974, pp. 7-9.
- SANTOS, Reynaldo dos, “[Sessão de homenagem à memória do Prof. Egas Moniz]”, *A Medicina Contemporânea*, Lisboa, 74(4)1956, pp. 146-152.
- SANTOS, V, “Notícias e Comentários: Jubilação do Professor Egas Moniz [seguido de uma bibliografia]”, *Arquivo de Anatomia e Antropologia*, Lisboa, 24, 1946-47, pp. 407-412.
- “Saudações da Sociedade Pedagógica Portuguesa de Nova Bedford”, *Jornal do Médico*, Porto, (382)1950, p. 760.
- SCOVILLE, William Beccher, “Technique and early results of selective cortical undercutting”, *Seara Médica*, São Paulo, 5 (2-4) Abr.-Dez, 1950, pp.143-152.
- SEABRA, Jorge de, “Recordando o passado. Tunas académicas de visita a Castelo Branco. Os escolares Egas Moniz e Ressano Garcia”. *Estudos de Castelo Branco*. 1(1961) 95-99.
- SEABRA-DINIS, J, “Alguns aspectos da Personalidade de Egas Moniz”, *Anais Portugueses de Psiquiatria*, 2(2)1950, pp. 1-10.
- “Secção Histórica: Conferência ao Prof. Egas Moniz em Ferrara (1937)”, *Revista de Psiquiatria do Departamento de Saúde Mental da Faculdade de Medicina do Porto—Hospital de S. João*, 2ª série, 7(2) 1985, pp. 48-49.
- “Semana (A) de Egas Moniz”, *O Médico*, Nova série, 5(281)1957, pp. 184-190.
- “Semana trágica”, *Ilustração Portuguesa Edição Semanal do Jornal O Século*, 105, Lisboa, 24. Fev. 1908, pp. 242-256.
- “Sessão de homenagem à memória de Egas Moniz [Sociedade Portuguesa de Medicina Interna]”, *O Médico*, Nova série, 4(240)Supl. 1956, pp. 256-257.
- “Sessão de homenagem ao Prof. Egas Moniz”, *Jornal do Médico*, 29(686) 1956, pp. 624-627.
- “Sessão (A) Inaugural da Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria”, *Jornal do Médico*, Porto, 15(368)1950, pp. 267-269.
- “Sessão solene de homenagem ao Prof. Egas Moniz”, *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, 114 (1) 1950, p. 1.
- SILVA, A. C. Pacheco e, “Egas Moniz”, *Separata da revista Anhembi*, 22(64)Mar. 1956, 13.

- SILVA, A. C. Pacheco e, “O electrochoque no tratamento das doenças mentaes”, *Revista de Medicina*, São Paulo, 25 (95-96) Nov.-Dez. 1941, pp. 15-25.
- SILVA, António Martins da, “Quanto mais a medicina progride mais se aprende que cada caso é um caso”[entrevista a... conduzida por Isabel Damião, a propósito de Egas Moniz], *Das Artes, Das Letras*, 2ª série (Suplemento de *O Primeiro de Janeiro*, ano CXXXII, nº 4) 16, 5 Jan. 2000, pp. 10-11.
- SILVA, J. Ribeiro, “Evolução do pensamento, da filosofia e da técnica em Egas Moniz aos nossos dias”, *Revista da Faculdade de Medicina de Lisboa*, 1(1)1993, pp. 22-25.
- SILVA, Martins da, “Prémio Nobel na Radiologia e os pioneiros da Angiografia Portuguesa”, *Estetoscópio*, 6(98) 1984, p. 16.
- SIMÕES, João Paulo Mesquita, “História da Filatelia — Prémios Nobel [Egas Moniz]”, *Diário de Coimbra*, 9 de Junho de 2002, p. 16.
- “Simpósio Internacional comemorativo da 1ª Arteriografia por Egas Moniz [fragmentos de discursos evocativos]”, *O Médico*, Nova série, 84(1350) 1977, pp. 84-88.
- SOARES, Paulo Sérgio, “Um 'encontro' com Egas Moniz”, *Das Artes, Das Letras*, 2ª série (Suplemento de *O Primeiro de Janeiro*, ano CXXXII, nº 4) 16, 5 Jan. 2000, p. 12 (Fotos de Bruno Branco).
- “Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa. Homenagem à memória do Prof. Egas Moniz”, *O Médico*, Nova série, 6(317)1957, p. 388.
- SOUSA, Ayres de, “Angiopneumografia (Resenha histórica do método)”, *Gazeta Médica Portuguesa*, 13(3)1960, pp. 237-245.
- SOUSA, Ayres, “A descoberta de Egas Moniz no progresso da radiologia”, *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas*, Lisboa, 114(1)1950, pp. 15-21.
- SOUSA, Ayres de, “Discurso do Prof...”, *Jornal do Médico*, Porto, 15(368)1950, pp. 251-253.
- SOUSA, Ayres de, “Egas Moniz e os problemas técnicos da angiografia”, *O Médico*, Nova série, 73(1212)1974, pp. 430-431.
- SOUSA, Ayres de, “Génese e evolução da angiografia — a propósito do cinquentenário da descoberta de Egas Moniz”, *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, 142(3)1978, pp. 169-170.
- SOUSA, Ayres de, “A última lição de Egas Moniz”, *Arquivos da Escola Médico-Cirúrgica de Goa*, 31, 1958, pp. 91-100.
- SOUSA, Novais e, “Alocução proferida pelo Director da Faculdade de Medicina de Coimbra, Prof..., como representante da sua Faculdade”, *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, 1950, 114(1)1950, pp. 7-14
- SOUSA, Novais e, “Discurso do Prof...”, *Jornal do Médico*, Porto, 15(368)1950, pp. 247-249.

- “Sr. Doutor (O) Egas Moniz no Brasil. Recepção na Academia de Letras do Rio de Janeiro”, Transcrito em *Jornal do Comercio do Rio de Janeiro* de 23 de Agosto de 1928”, s.l, s.d..
- SUEIRO, M. Barbosa, “Exegi Monumentum Aere Perennius”, *Átomo. Ciência e técnica para todos*, Lisboa, 2(23)1949, p. 6.
- SWAYZE II, VW: “Frontal leukotomy and related psychosurgical procedures in the era before antipsychotics (1935-1954): A historical overview”. in *Am. J. Psychiatry* 1995, 152 (4):505-515.
- SYMONDS, Charles, “Leucotomy. Two case reports”, *Imprensa Médica*, Lisboa 20(11) 1956, pp. 597-599.
- “Também as Rádios de França e da Suíça se dedicaram ao grande acontecimento”, *Jornal do Médico*, Porto, 15(364)1950, p. 133.
- TAVARES, Abel Sampaio, “Os métodos angiográficos na investigação experimental”, *O Médico*, Nova série, 73(1212)1974, pp. 438-448.
- TAVARES, Acácio, “Egas Moniz — um sábio com alma de poeta”, *Jornal do Médico*, Porto 59(1200)1966, pp. 199-201.
- TAVARES, José, “Inauguração da 'Casa-Museu' de Egas Moniz, em Avanca”, *Arquivo do Distrito de Aveiro*, 34, 1968, pp. 161-180.
- TAVARES, José, “O meu convívio com o Doutor Egas Moniz”, *Selos & Moedas*, Aveiro, 13(47)1975, pp. 5-8
- TÖNNIS, W, “Die bedeutung der 'angiographie cérébrale' für die indikationsstellung zur operation von hirngeschwülsten”, *Lisboa Médica*, 14(12)Dez. 1937, pp. 773-781.
- TRINDADE. A. Rodrigues, “1949-1999: no cinquentenário do 1º Nobel Português”, *Oxigénio*, 6(18)1999, pp. 13-19.
- V.F, “Professor Egas Moniz”, *Arquivo de Anatomia e Antropologia*, Lisboa, 29, 1956, pp. 7-9.
- VAGUEIRO, Celeste, “Prof. Egas Moniz: evocação na Faculdade de Medicina de Lisboa”, *Notícias Médicas*, 16(1601) 1987, pp. 2-3; 12.
- VALDEMAR, António, “Egas Moniz: 50 anos depois do Nobel”, *Diário de Notícias*, Lisboa, 135(47.598) 18 de Julho de 1999, p. 21.
- VALDEMAR, António, “Um Nobel com meio século”, *Diário de Notícias*, Lisboa, 135(47.676) 4 de Outubro de 1999, p. 34.
- VALDEMAR, António, “ 'Um filho da puta da oposição...'”, *Diário de Notícias*, Lisboa, 135(47.676) 4 de Outubro de 1999, p. 34.
- VALDEMAR, António, “Literatura e arte entre as principais actividades”, *Diário de Notícias*, Lisboa, 135(47.676) 4 de Outubro de 1999, p. 35.

- VALDEMAR, António, “'Meio Nobel' contestado por médicos e políticos”, *Diário de Notícias*, Lisboa, 135(47.676) 4 de Outubro de 1999, p. 35.
- VALDEMAR, António, “Egas Moniz: inovador e conservador”, *Diário de Notícias*, Lisboa, 135(47.696) 24 de Outubro de 1999, p. 23.
- VASCONCELOS, Ivolino, “Egas Moniz, um dos mais altos génios da medicina moderna e um dos grandes benfeitores da Humanidade”, *A Medicina Contemporânea*, Lisboa, 74(3) 1956, pp. 141-142.
- VASCONCELOS, Ivolino, “O falecimento do sábio Egas Moniz enlutou as duas pátrias irmãs — Portugal e Brasil — e, bem assim, a ciência contemporânea”, *A Medicina Contemporânea*, Lisboa, 74(3) 1956, p.142.
- VAZ, Júlio Machado, “Egas Moniz e a Sexologia”, *Acta Portuguesa de Sexologia*, 2(1)1997, pp. 7-15.
- VELASCO-SUAREZ, Manuel, “Breves consideraciones acerca de la obra de Egas Moniz (homenaje)”, *A Medicina Contemporânea*, Lisboa, 72(12) 1954, pp. 581-588.
- “Velhos ecos: lobotomia transorbitária”, *O Médico*, Nova série, 73(1212)1974, p. 456.
- “Vida (A) Sexual, angiografia e leucotomia são referências”, *Diário de Notícias*, Lisboa, 135(47.676) 4 de Outubro de 1999, p. 34.
- VIEIRA, A. Bracinha, “Books Reviews: Egas Moniz, pioneer of medical medical discoveries 1984”, *Acta Psiquiátrica Portuguesa*, 30(2)1984, pp. 53-56 (Recensão crítica).
- VILHENA, Henrique, “Discurso do Prof. Dr...”, *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, 114(1) 1950, pp. 33-37.
- VIANA, Gaspar Simões, “Recordando Egas Moniz, Prémio Nobel”, *A Aurora do Lima*, 144(11)5 Fev.1999, pp. 1; 11.
- YAHN, Mario, “Relations entre le physique et le psychique”, *Seara Médica*, São Paulo, 5 (2-4) Abr.-Dez, 1950, pp. 181-189.
- ZURARA, Gomes, “O primeiro Prémio Nobel português aluno dos Jesuítas”, *Brotéria*, Lisboa, 52(4)Abr. 1951, pp. 413-425.

Outras Fontes

- AAVV, *Encyclopédie de La Franc-Maçonnerie*, Paris, LGF-Livre de Poche, La Pochotèque, 2002.
- AAVV, *Anais Portugueses de Psiquiatria*, nº 1, Vol. I, Outubro de 1949, Lisboa, Edição do Hospital Júlio de Matos, 1949.
- AAVV, *A Nacional*, Edição do 50º Aniversário, Lisboa, 1956.
- AAVV, *Companhia de Seguros A Nacional: Relatório do Conselho de Administração. Parecer do Conselho Fiscal e Relatórios do Director e do Médico Chefe*, Lisboa, Casa Portuguesa, 1907.
- ANTUNES, João Lobo, “MONIZ, António Caetano de Abreu Freire Egas (Avanca, 29-11-1874 — Lisboa, 13-12-1955)”. in: BARRETO, António; MÓNICA, Maria Filomena, (Coords.), *Dicionário de História de Portugal*, vol. 8 suplemento, Porto, Figueirinhas, 1999, pp. 515-516.
- Bibliografia científica e literária de Egas Moniz. Prémio Nobel de Medicina — 1949*, Lisboa, Edição do Centro de Estudos Egas Moniz, 1963.
- CAEIRO, Armando, “Elementos sobre a história do Seguro de Vida em Portugal”, in *APS Notícias – Boletim Trimestral da Associação Portuguesa de Seguradores*, Lisboa, Abril - Junho, 2003, nº1.
- COSTA, J. Celestino da, *A Geração Médica de 1911. Origem, Realização e Destino*, Lisboa, Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, 2000.
- COSTA, Nunes da, “Catamnèse de 197 leucotomies” in *Anais Portugueses de Psiquiatria*, Vol. IX, Nº 9, Lisboa, Hospital Júlio de Matos, Dezembro de 1957.
- Diário da Câmara dos Senhores Deputados da Nação Portuguesa*, 1900-1910.
- DUARTE, Adelaide Manuela da Costa, *O Museu Nacional da Ciência e da Técnica (1971-1976)*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007.
- EL-HAI, Jack, *The lobotomist. A maverick medical genius tragic quest to rid the world of mental illness*, New Jersey, Wiley & Sons, 2005.
- GAMEIRO, Aires, BORGES, Augusto Moutinho, CARDOSO, Ana Mateus e D’OLIVEIRA, Fernando, “Um republicano no convento”, Coimbra, *Cadernos do CEIS20*, nº 13, 2009.
- JANSSON, Bengt, (S/D) “Controversial Psychosurgery Resulted in a Nobel Prize”, in *Nobel Prize.org* [<http://nobelprize.org/medicine/articles/moniz/>]
- LEVINOVITZ, Agneta Wallin e RINGERTZ, Niels, (Ed.), *The Nobel Prize: The First 100 Years*, London, Imperial College Press and World Scientific Publishing Co, 2001. (Disponível também online em [<http://nobelprize.org/medicine/articles/lindsten-ringertz-rev/>].
- LUZES, Pedro, *Cem anos de psicanálise*, Lisboa, ISPA, 2002.

Nobel Lectures. Physiology or Medicine 1942-1962, Amsterdam-New York, 1964, p. 246.

NOBEL, Alfred Bernhard, *Alfred Nobel's will*, Paris, 1895, at (<http://nobelprize.org/nobel/alfred-nobel/biographical/will/will-full.html>).

PCP – Partido Comunista Português, *O Partido e as últimas “eleições” Presidenciais*, Secretariado do Comité Central do Partido Comunista Português, Editorial Avante, 1952.

Bibliografia de Egas Moniz

1. OBRAS CIENTÍFICAS (VOLUMES PUBLICADOS)

“Alterações anátomo-patológicas na difetria”, I volume, Coimbra, Imprensa Académica in *Coimbra Médica*, 1900, 20: 131.

A Vida Sexual (Fisiologia), 1ª edição, XXIV – 362pp, França Amado, Coimbra, Coimbra 1901; 2ª edição, XIX - 352 pp, Livraria Ferreira, Lisboa, 1904.

A Vida Sexual (Patologia), 1ª edição, XXIII - 292 pp, Coimbra, França Amado, 1902; 2ª edição, XXVII - 322 pp, Ferreira e Oliveira, Lisboa, 1906.

A Vida Sexual, (Fisiologia e Patologia), Junção dos dois volumes anteriores, consideravelmente alterados em alguns capítulos. 3ª edição, XIV - 544 pp, Lisboa, 1913; 4ª edição, XXIX - 574 pp, Lisboa, 1918; 5ª edição, XXVI - 578 pp, Casa Ventura Abrantes, Lisboa, 1922; As seguintes edições foram da mesma casa: 6ª edição, XXXVI - 578 pp, Lisboa, 1923; 7ª edição, Lisboa, 1928; 8ª edição, Lisboa, 1929; 9ª edição, Lisboa, 1930; 10ª; 11ª; 12ª e 13ª edição, 598 pp, Lisboa 1931; 14ª; 15ª; 16ª e 17ª edição, Lisboa, 1932; 18ª e 19ª edição Lisboa, 1933.

A Neurologia na Guerra, Lisboa, Livraria Ferreira, 1917.

Clínica Neurológica, - Publicação da Faculdade de Medicina de Lisboa, I Centenário da Régia Escola de Cirurgia de Lisboa, 1925.

O Padre de Faria na história do Hipnotismo, Faculdade de Medicina. I Volume, Lisboa, 1925.

Diagnostic des tumeurs cérébrales et épreuve de l'encéphalographie artérielle, (Avec le Préface de Monsieur le Docteur J. Babinski), Paris, Masson & C, 1931.

L'angiographie cérébrale. Ses applications et résultats en anatomie, physiologie et clinique, Paris, Masson & C, Editeurs, 1934.

Tentatives opératoires dans le traitement de certaines psychoses, Paris, Masson, 1936.

La leucotomie préfrontale. Traitement de certaines chirurgical de certaine psychoses, Torino, Baravalle e Falconieri, 1937.

Clinica delle angiografia cerebrale, Torino, Collana Monografica di 'Schizofrenie', I.T.E.R, 1938.

Die cerebrale arteriographie und Phlebographie, Berlin, Julius Springer, 1940.

Trombosis y otras obstrucciones de las carótidas, Barcelona, Salvat, 1941.

Última Lição – Bibliografia, Lisboa, Portugalia Editora, 1944.

How I came to perform Prefrontal Leucotomy, Lisboa, Bertrand e Irmãos, 1948.

2. MEMÓRIAS E TRABALHOS CIENTÍFICOS

Teses de medicina teórica e prática que na Universidade de Coimbra se propõe defender em 8 e 9 de Julho de 1901, opúsculo de 22 pp, Coimbra, Tipografia França Amado, 1901.

“O perigo alcoólico” in *Boletim da Assistência Nacional aos Tuberculosos*, Ano I, 1906, Fasc. 2, p.29-32, Lisboa, 1906.

“Tabes Juvenil” in *A Medicina Contemporânea*, Ano XXIX, Fasc.9, p. 65-67,1911.

“Reflexes du coude chez les hémiplégiques” in *Revue Neurologique*, Tomo XXIII, 2º semestre, p.759-760, Décembre, Paris, 1912.

“Inversion du réflexe du radius dans un cas de Syringomyélie” in *Revue Neurologique*, Tomo XXIII, 1º semestre, p. 133-134, Paris, 1912.

“Um caso de tumor da protuberância” in *A Medicina Contemporânea*, Ano XXX, fasc. 3º p. 17-19, Lisboa, 1912.

“Trois cas de Tumeurs de l'angle ponto-cérébelleux” in *Nouvelle Iconographie de la Salpêtrière*, Tomo XXV, p. 417-426, Paris 1912.

“Curso de Neurologia” (Lição de abertura) in *A Medicina Contemporânea*, 1912, nº 47, ano XXX, Fasc. 47, p. 369-373, Lisboa 1912.

“Myoclonies Essentielles”, in *Nouvelle Iconographie de la Salpêtrière*, nº 2, Mars/Avril, 1913, Tomo XXVI, p. 85.

“Um caso de tumor intrapontino” in *Gazeta dos Hospitais do Porto*, Ano VII, fasc. 7, p. 97-102, Porto, 1913.

“Um caso de hemianestesia dissociada. Síndrome bulbar inferior” in *Jornal da Sociedade de Ciências Médicas*, Tomo LXXVII, fasc. 1/7, p. 119-132, Lisboa, 1913.

“Um caso de poliencefalite sub-aguda, hemorrágica de Wernicke, com síndrome do núcleo vermelho, Lição do Curso de Neurologia” in *A Medicina Contemporânea*, Ano XXXII, fasc. 12, p. 91-95. Lisboa, 1914.

- “As novas ideias sobre o Hipnotismo. Aspectos médico-legais” in *Revista da Universidade de Coimbra*, Vol. III, nº 4, Lisboa, 1914.
- “Polioencéphalite subaigue hémorragique de Wernicke, avec syndrome du noyau rouge. Modifications du liquide céphalorachidien et complications optiques” in *Revue Neurologique*, Avril, 1915, nº 16, pag. 237-241.
- “As bases da psicanálise”, (Lição do Curso de Neurologia da Faculdade de Medicina de Lisboa) in *A Medicina Contemporânea*, 1915, Ano XXXII, fasc.47, p. 377-383, Lisboa, 1915.
- “O síndrome de Brown-Séquard nas mielites” in *A Medicina Contemporânea*, fasc.20, p.156-158, fasc.21, p. 161-166, fasc. 22 p. 169-170, Lisboa, 1915.
- “Tumor cerebral da circunvolução frontal ascendente direita- Lição do curso de Neurologia” in *A Medicina Contemporânea*, Ano XXXIV, fasc.6, p. 41-45, Lisboa, 1916.
- “Sobre a sintomatologia de tumores e abscessos cerebrais. Considerações sobre o centro cortical do desvio conjugado dos olhos e da cabeça” in *A Medicina Contemporânea*, ano XXXIV, p. 85-93, Lisboa 1916.
- “Signe de la flexion plantaire du gros orteil avec la jambe en flexion” in *Revue Neurologique*, nº 8 e 9, Août/Septembre, Tomo XXIX, 2º semestre, p. 173-176, Paris, 1916.
- “Um caso de acromegalia”, (Com Cancela de Abreu) in *A Medicina Contemporânea*, Ano XXXIV, fasc. 9, p. 65-69, Lisboa, 1916.
- “Un cas de tumeur de l’angle ponto-cérébelleux” in *Nouvelle Iconographie de la Salpêtrière*, 1917, 18: 196.
- “Simuladores e exageradores” in *A Medicina Contemporânea*, ano XXXV, fasc 5º, p. 33-38, Lisboa, 1917.
- “Os emocionados da guerra” in *Portugal Médico*, 3º serie, vol III, fasc. 1º, p. 1-14, Porto, 1917.
- “O ‘torpedeamento’ de Vincent” in *Portugal Médico*, p. 108-114, 1917.
- “Do erro acerca da pessoa como causa da nulidade do casamento”, (Com Carneiro Pacheco), (Parecer médico-legal) in *Boletim da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra*, ano III, fasc. 29/30, Coimbra, 1917.
- “Sur la symptomatologie des tumeurs et des abcès cérébraux. Considérations sur le centre cortical de la déviation conjuguée des yeux et de la tête. A propos d’un cas de sarcome profond dans la partie intérieure de la circonvolution frontale ascendante à la hauteur de la seconde frontale. Extirpation” in *Nouvelle Iconographie de la Salpêtrière*, tomo XXVIII, fasc 5/6, p. 306- 312, Paris, 1918.
- “As substituições no sistema nervoso” in *A Medicina Contemporânea*, 1919, 37:401.

- “O conflito sexual” in *Portugal Médico*, nº 9, 3ª série, vol. VI, fasc. 9º, p. 385-401, Porto, 1921.
- “Sur le trophoédeme chronique de Meige. Nouveaux cas. Considérations générales” in *Revue Neurologique*, nº 11, 1921, 1: 1086.
- “Síndromas hipofisários. Lição inaugural do curso de neurologia” in *Portugal Médico*, 3ª série, fasc. 9º, vol. VII, p. 365-379, Porto, 1922.
- “Sur la sclérodermie de forme radriculaire” in *Revue Neurologique*, 1º semestre, fasc. 5º, p. 488- 491, Paris, 1923.
- “Trois cas de compression médullaire, dont deux ont été opérés avec succès” in *Revue Neurologique*, vol. de 1923, 1º semestre, fasc. 6º, p. 653-663, Paris, 1923.
- “Maladie de Recklinghausen. Gros neurofibrome de la langue” in *Revue Neurologique*, Março, 1923, 2º semestre, fasc. 3º, p. 222-224, Paris, 1923.
- “Parquinsonismo tardio post-encefálico” in *Lisboa Médica*, nº 1, Ano I, p. 15-21, 1924.
- “Júlio Dinis e a psicoanálise” in *A Medicina Contemporânea*, 2:185, 1924.
- “A propósito de um caso de síndrome talâmico puro” in *A Medicina Contemporânea*, Ano XLI, fasc. 28, p. 57-62, Lisboa, 1923.
- “Um caso de encefalite epidémica de forma mental” in *A Medicina Contemporânea*, 15 de Março de 1925, p. 81-84.
- “L'Acromacrie” in *Revue Neurologique*, nº 6, Juin de 1925, 1º semestre, p. 1014-1027, Paris, 1925.
- “A propósito de um caso de epilepsia Jacksoniana” in *Revista Médica de Barcelona*, Ano II, Tomo IV, nº 20, p. 190-194, Barcelona, 1925.
- “Compressões intraraquídias e a prova lipiodolada de Sicard” in *Lisboa Médica*, vol. II, fasc. 2º, p. 57-105, Lisboa, 1925.
- “La Pachyméningite spinale hypertrophique et les cavités médullaires” in *Revue Neurologique*, tomo 2º, fasc. 4º, p. 433-463, Paris, Octobre 1925.
- “A necrofilia de Camilo Castelo Branco” In *Memoriam de Camilo*, Lisboa, 1925.
- “Sobre a encefalite letárgica” in *Jornal das Ciências Matemáticas, Físicas e Naturais*, da Academia das Ciências de Lisboa, 1925. (3ª série), nº 19, 24: 161.
- “Sur les symptômes sympathiques des tumeurs Justa-Vertébrales cervico-dorsales. A propos d'un cas de sarcome de la seconde côte droite” in *Revue Neurologique*, volume de 1926, tomo 1º, p. 1081-1086, Paris, 1926.

- “Compréhension médullaire après la fracture de la VI vertèbre chez un malade atteint de spondilose rhizomélique. Opération. Amélioration” in *Revue Neurologique*, volume de 1926, tomo 1º, p. 1184-1191, Paris, 1926.
- “Formas atípicas de encefalite epidémica” in *Lisboa Médica*, vol. III, fasc. 3º, p. 105-121, Lisboa, 1926.
- “Perturbações esfínterianas e ‘Spina bifida occulta’ ” in *Lisboa Médica*, vol. III, fasc. 5º, p. 217-248, Lisboa, 1926.
- “Neoplasias da medula cervical. Tratamento eficaz em dois casos, pela radioterapia” in *Lisboa Médica*, vol. III, fasc. 12º, p. 605-624, Lisboa, 1926.
- “Marcha ‘a fundo’ num antigo encefalítico” in *A Medicina Contemporânea*, Ano XLV, fasc. 8º p. 57-61, Lisboa, 1927.
- “A radioterapia cerebral, resumo da comunicação à Académie de Médecine na sessão de 12 de Julho de 1927, pelo prof. Egas Moniz” in *A Medicina Contemporânea*, ano XLV, nº 30, p. 235- 237, Lisboa, 1927.
- “Une tumeur visible à la radiographie chez un épileptique” in *Journal de Neurologie et Psychiatrie*, vol. XXVII, fasc. 5º, p. 291-293, Bruxelles, 1927.
- “L’ encéphalographie artérielle son importance dans la localisation des tumeurs cérébrales” in *Revue Neurologique*, volume de 1927, tomo 2º, fasc. 1º, p. 72-89, Paris, Juillet 1927.
- “La radioartériographie cérébrale”, (Académie de Médecine de Paris. Séance du 12 Juillet 1927) in *Bulletin de l’Académie de Médecine*, Tomo XCVIII, nº 28, p. 40-45, Paris, 1927.
- “Injections intracarotidiennes et substances injectables opaques aux rayons X” in *Presse Médicale*, fasc. 63º, p. 969-971, Paris, Août 1927.
- “Radiografia das artérias cerebrais” in *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, Tomo XCI, fasc. 8º, p. 323-334. Lisboa, Agosto, 1927.
- “A prova da encefalografia arterial” in *Lisboa Médica*, Vol. IV, fasc. 6º, p. 301-344, Lisboa, 1927.
- “Mioclonias de origem cortical. Tuberculomas da região motora esquerda e do centro oval à direita. Sintomatologia Jacksoniana e mioclónica. Autópsia.” In *Lisboa Médica*, Vol. IV, fasc.2, p. 53-62, Lisboa, 1927.
- “Tumeur du lobe frontal droit visible à la radiographie” in *Revue Neurologique*, 1927, 2:276.
- “Les tumeurs du corps calleux. Rapport entre l’âge et les troubles mentaux” in *Encéphale*, ano XXII, fasc. 7º, p. 514-532, Paris, 1927.
- “Tumeur cérébrale localisé par l’encéphalographie artérielle” in *Revue Neurologique*, volume de 1928, tomo 1º, fasc. 2º, p. 237-242, Paris, 1928.

- “A estereoscopia da encefalografia arterial no vivo”. Primeiras provas obtidas. Comunicação feita à Academia das Ciências de Lisboa na sessão de 11 de Março de 1928.
- “A técnica da encefalografia arterial no homem sua importância na localização das neoplasias cerebrais” in *Actas do III Congresso Nacional de Medicina*, Abril-Maio, Volume I, p. 123-126, Lisboa, Imprensa Nacional, 1928.
- “Considérations anatomiques sur le paquet sylvien vu à la radiographie chez le vivant” in *Arquivo de Anatomia e Antropologia*, 1928, 11:301.
- “Les méthodes radiodiaphoriques dans la localisation des tumeurs cérébrales. Nouvelle technique radiologique de l'encéphalographie artérielle” in *Revue Neurologique*, volume de 1928, tomo 2º fasc. 1º, p. 20-31, Paris, 1928.
- “A propósito das injeções carotídeas. Aspectos fisiológicos e fisiopatológicos” in *A Patologia Geral - Revista de Medicina e Ciências afins*, Ano XIII, fasc.5º p. 143-153, Rio de Janeiro, 1928.
- “L'action spasmodique de l'iode libre dans l'arbo artérielle de la carotide interne” in *Revue d'Oto- Neuro-Ophthalmologie*, tomo VI, fasc 8º, p. 655-658, Paris, 1928.
- “L'encéphalographie artérielle” in *Journaux de Médecine de Bordeaux*, volume LXIII, p. 915-921, Bordeaux, 1928.
- “Conférence sur l'encéphalographie artérielle” in *Bruxelles Médicale*, número spécial consacré aux Journées Médicales de 1928.
- “A encefalografia arterial no diagnóstico dos tumores cerebrais” in *Boletim da Academia Nacional de Medicina*, vol nº19, p. 321 e seguintes, Rio de Janeiro, 1928.
- “La radioartériographie et la topographie cranio-encéphalique” in *Journal de Radiologie et d'Electrologie*, tomo XII, nº 2, p. 72-8, (Em colaboração com Almeida Lima e Almeida Dias), Paris, 1928.
- “L'encéphalographie artérielle et le diagnostic d'une tumeur de la partie antérieure du lobe temporal gauche” in *Encéphale*, ano XXIII, fasc.3º, p. 196-199, (com Almeida Lima), Paris, 1928.
- “Zones Réflexogènes carotidiennes chez l'homme excitable par les injections d'iodure de sodium dans la carotide primitive”. (Com António Martins e Eduardo Coelho) in *Comptes rendus des séances de la Société de Biologie, et ses filiales*, Section Portugaise, Tomo XLVIII, nº 12, p. 1008-1009, Paris, 1928.
- “L'injection de la solution d' iodure de sodium à 25 pour 100 dans la carotide externe. Réflexe d'expectoration”, (Avec António Martins et Almeida Lima) in *Comptes - Rendus des Séances de la Société de Biologie, et de ses filiales*, Section Portugaise, Tomo XLVIII, nº 12, p. 1006-1007, Paris, 1928.
- “Accès épileptiques à aspect jacksonien homolatéral déterminés par injection d'iodure de sodium dans la carotide interne”. (Avec Almeida Lima) in *Comptes Rendus des*

Séances de la Société de Biologie et ses filiales, Section Portugaise, Tomo XLVIII, n° 12, p. 1010-1011, Paris, 1928.

“Un nouveau cas de diagnostic de tumeur cérébrale ‘post mortem’ par l’encéphalographie artérielle”, (Com Almeida Lima) in *Revue Neurologique*, volume de 1928, 2° semestre, p. 27-31, Paris, 1928.

“Le syndrome de la pseudohypertension crânienne artérioscléreuse. Aspects radioartériographiques.” in *Encéphale*, n° 4, XXIV, p. 337, Paris, 1929.

“Encefalografia arterial a propósito de las inyecciones carotídeas” in *Revista d’Oto-Neuro-Oftalmologica y de Cirurgia Neurologica*, vol.IV, p. 276-282, Buenos Aires, 1929.

“Sobre a circulação dos meningiomas” in *Portugal Médico*, 1929, 13:429.

“A Arteriografia cerebral na meningite serosa circunscrita” in *A Medicina Contemporânea*, Ano XLVII, fasc.11, p. 96, Lisboa, 1929.

“Elogio de Magalhães Lemos” in *A Medicina Contemporânea*, 1929, 47:183.

“Die arterielle Encephalographie als methode zur Lokalisierung von Hirntumoren” in *Klinische Wochenschrift*, volume VIII, n° 24, p. 1118-1122, Berlin, 1929.

“Acção terapêutica das injeções intracarotídeas de iodeto de sódio” in *Lisboa Médica*, volume VI, fasc. 3°, p. 141-148, Lisboa, 1929.

“L’artériographie cérébrale de l’hypertension crânienne” in *Revue Neurologique*, volume de 1929, tomo 1, fasc.6°, p. 1112-1116. Paris, 1929.

“Trois nouveaux cas de cure, au moins provisoire, du syndrome d’hypertension crânienne par les injections intracarotidiennes d’iodure de sodium” in *Revue Neurologique*, volume de 1929, tomo 1°, fasc. 6°, p. 1135-1142, Paris, 1929.

“Le luminal comme préventif des acces épileptiques provoqués” in *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, tomo XLIII, p. 267-268, Lisboa, 1929.

“La ponction lombaire comme préparation opératoire dans les cas de tumeurs cérébrales” in *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, tomo XLIII, p. 265-266, Lisboa, 1929.

“A arteriografia cerebral como subsídio operatório” in *A Medicina Contemporânea*, 1929, 49:270.

“Sur la circulation des méningiomes” in *Comptes-rendus des séances de la Société de Biologie et ses filiales*, tomo CI, n° 24, p. 981-982, Paris, 1929.

“A encefalografia arterial na meningite serosa circunscrita” in *A Medicina Contemporânea*, 1929, 47:96.

“Diagnóstico encefalográfico dos tumores cerebrais” in *A Medicina Contemporânea*, ano XLVII, fasc. 17°, p. 152, Lisboa, 28 de Abril de 1929.

- “Dentição tardia numa Centenária” in *A Medicina Contemporânea*, Ano XLVII, fasc. 47, p. 403-404, Lisboa, 24 de Novembro de 1929.
- “O Papa João XXI (Petros Lusitanus, também chamado Petros Hispanos)”. Conferência realizada nas festas do III Jubileu da Academia das Ciências de Lisboa, Vol. do Jubileu da Academia, 1929, 6:1.
- “L'épreuve de l'encéphalographie artérielle dans le diagnostic de quatre cas de tumeurs cérébrales opérés”. (Com Almeida Lima e Amândio Pinto) in *Presse Médicale*, n° 37, Avril, 1929 p.500-531, Paris, 1929.
- “Le diagnostic différentiel entre les méningiomes et les autres tumeurs cérébrales par l'épreuve de l'encéphalographie artérielle” (Com Amândio Pinto e Almeida Lima) in *Revue Neurologique*, Paris, 1929, 1:1126.
- “A propos de l' hypertension crânienne”. (Com Almeida Lima e Amândio Pinto) in *Revue d'Oto-Neuro-Ophthalmologie*, tomo VII, n° 6, p. 427-435, Paris, 1929.
- “L'épreuve encéphalographique dans un cas de tumeurs multiples du cerveau” (Com Almeida Lima) in *Revue Neurologique*, volume de 1929, tomo 1° fasc, 6°, p. 1141-1147, Paris, 1929.
- “Les injections carotidiennes dans le but thérapeutique” in *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, (Com Almeida Lima), Tomo XCIII, Agosto de 1928.
- “A propósito de dentição tardia múltipla” in *A Medicina Contemporânea*, Ano XLVIII, fasc. 4°, p. 37-38, Lisboa, 1930.
- “Le diagnostic des tumeurs cérébrales par l'encéphalographie artérielle” in *Clinique et Laboratoire*, , 5:97, Paris, 1930.
- “Tumeurs cérébrales visibles chez les épileptiques” in *Revue Neurologique*, Volume de 1930, tomo 2°, fasc. 1°, p. 18-27, Paris, 1930.
- “Tratamento cirúrgico dos tubérculos solitários do encéfalo”, Comunicação à Academia Hispanus. Conferência realizada nas Festas do III Jubileu da Academia das Ciências de Lisboa, 1930. Monografia publicada em separata e no volume do Jubileu da Academia das Ciências de Lisboa. Sessão de 29 de Maio de 1930, 48: 216.
- “Aspectos arteriográficos num caso de tumor da glândula pineal e tubérculos quadrigêmeos” in *Lisboa Médica*, Ano VII, fasc. 7°, p. 368-380, Lisboa, Junho 1930.
- “Sur la nature des tumeurs cérébrales” in *Journal de Médecine de Bordeaux*, Ano CVII, n° 29, p. 835-837, Bordeaux, 1930.
- “Considérations sur la pathogénie de l' hypertension crânienne” in *Encéphale*, Ano XXV, fasc. 10°, p. 751-756, Paris, 1930.
- “Discours prononcé dans la Séance d'ouverture du XIII Congrès International d' Hydrologie, Climatologie et Géologie Médicale” in *Médecine Contemporaine*, 1930, 48:370.

- “Fernando de Magalhães. Alocução na Sessão Solene de Homenagem” in *A Medicina Contemporânea*, 1930, 48:145.
- “Myopathies myocloniques” in *Revue Neurologique*, nº 5 Mai 1930, p. 747-753, Paris, 1930.
- “Os pintores da Loucura” in *Arquivo de Medicina Legal de Lisboa*, Vol. III, fasc. 1-12, Lisboa, 1930.
- “La palpation des carotides comme élément de diagnostic de l' arteriosclerose cérébrale” in *Revue Neurologique*, Societe de Neurologie. Séance du 3 Julliet 1930, 2: 48.
- “Aspectos arteriográficos del cerebro en los casos de tumor del lóbulo frontal”, (Com Amândio Pinto e Almeida Lima) in *Revista Médica de Barcelona*, fasc. 79, p. 58-65, Barcelona, Julho de 1930.
- “Tumeur de la région de la glande pinéale, irriguée par un seul des groupes sylviens. Diagnostique par l'épreuve encéphalographique”, (Com Almeida Lima e Amândio Pinto) in *Revue Neurologique*, Vol. de 1930, tomo 2º, fasc.1º, p.51-54, Paris, 1930.
- “Uma primeira série de casos de cirurgia medular (12 casos)”, (Com Amândio Pinto e Almeida Lima) in *Lisboa Médica*, nº 12 ano VII, p. 832-864, Lisboa, 1930.
- “Aspects artériographiques du cerveau dans les tumeurs de la fosse cérébelleuse”, (Com Almeida Lima) in *Revue Neurologique*, Societé de Neurologie, ano de 1930, tomo 2º, fasc. 1º, p. 54-62, Paris 1930
- “A propos de l' article ‘Nouvelle méthode de radiographie des artères et des veines sur le vivant’, ses applications cliniques au diagnostic” in *Presse Médicale*, nº 4, p. 40, Paris, 1931.
- “La encefalografía arterial” in *Archivos de Neurobiologia*, Madrid, 1931, 11:504.
- “O opistótono, sintoma dominante num caso de tumor do cerebello” in *Lisboa Médica*, Ano VIII, fasc. 2º, p. 51-59. Lisboa 1931.
- “Sintomatologia intermitente nos tumores do lobo frontal” in *Portugal Médico*, 3º série, volume XV, fasc.3º, p. 95-101, Porto, Março de 1931.
- “Reflexões a propósito de dois casos de tumores do lobo frontal com prova encefalográfica” in *Acta Latina*, Ano IV, fasc. 20, p. 104-114, Mars/Avril, Paris 1931.
- “Tumores Cerebrais tornados visíveis pela encefalografia” - Trabalho apresentado ao Colégio de Cirurgiões pelo Prof. A. Brandão filho, 1931.
- “Tumor Intramedular. Tetraplegia e Cura pela radioterapia” in *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, Ano XLIX, nº 32, p. Vol.III, p793 284, Lisboa, 1931.
- “La localisation des tumeurs cérébrales par l'encéphalographie artérielle” , *Revue Neurologique*, 1931, 2: 371.
- “Hemibalismo. A propósito de três casos” in *Lisboa Médica*, 4: 481-507, Lisboa, 1931.

- “Alguns novos aspectos das encefalografias arteriais” in *A Medicina Contemporânea*, Dezembro de 1931.
- “Professor Magalhães Lemos” in *Lisboa Médica*, Vol. VIII, fasc. 8, p. 548-558, Lisboa, Agosto de 1931.
- “Diagnostique encéphalographique des tumeurs cérébrales par la visibilité et déplacement des artères”. (Com Amândio Pinto e Almeida Lima) in *Bordeaux Chirurgical*, Vol.II, p.7, 1931.
- “Tumeurs cerebrales visibles par l'épreuve encéphalographique”. (Com Amândio Pinto e Almeida Lima) in *Lyon Chirurgical*, Tomo XXVIII, fasc. 3º, p. 273-280, Paris, 1931.
- “Resultados do emprego do ‘Thorotrast’ na prova de encefalografia arterial”, (Com Almeida Lima e Amândio Pinto) in *A Medicina Contemporânea* nº 49, p. 399-402, 1931.
- “Le Thorotrast dans l'encéphalographie artérielle”, (Avec Amândio Pinto et Almeida Lima) in *Revue Neurologique*, Vol XXXVIII, Tomo 2º, fasc. 5º, p. 646-649, 1931.
- “Arterial encephalography and its value in the diagnosis of brain tumors”. (With Amândio Pinto and Almeida Lima) in *Surgery Gynecology and Obstetrics*, Vol. LIII, p. 155-168, August 1931, Chicago, 1931.
- “Alguns casos de tumores cerebrais tornados visíveis pela prova encefalográfica”, (Com Almeida Lima e Amândio Pinto). In *Revista d'Oto-Neuro-Oftalmologica y de Cirurgia Neurológica*, tomo VI, fasc, 6º, p.1, Buenos Aires, 1931.
- “La visibilité des vaisseaux pulmonaires aux rayons X par injection dans l'oreillette droite de fortes solutions de d'iodura de sodium”, (Com Lopo de Carvalho e Almeida Lima) in *Bulletin de L' Académie de Médecine de Paris*, tomo CV, nº 14, p. 627-630, Paris, 1931.
- “A visibilidade aos Raios X, dos vasos pulmonares, obtida por injeção de líquido opaco na aurícula direita”, (Com Lopo de Carvalho e Almeida Lima) in *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, 3:145, 1931.
- “La circulation veineuse du cou et la décharge veineuse de l'encéphale”. (Com Almeida Lima e Lopo de Carvalho) in *Comptes Rendus des Séances de la Société de Biologie, Section Portugaise*, 107:84, 1931.
- “Sur la sensibilité des veines du cou et le l'oreillette droite”. (Avec Lopo de Carvalho et Almeida Lima) in *Comptes Rendus des Séances de la Société de Biologie, Section Portugaise*, Tomo CVII, p. 83-84, Paris, 1931.
- “Le sondage des veines et la pression dans les troncs veineux de l'homme”, (Avec Lopo de Carvalho et Almeida Lima), in *Comptes Rendus des Séances de la Société de Biologie, Section Portugaise*, 107: 1175-1176, 1931.
- “Angiopneumographie”, (Avec Lopo de Carvalho et Almeida Lima) in *Presse Médicale*, nº 53, 39: 996-1118, 1931.

- “Aus dem Gebiete der Angiopneumographie”, Vorläufige Mitteilung, (Com Lopo de Carvalho e Almeida Lima), Beiträge zur Klinik der Tuberculose, 79: 72, 1931.
- “Guérison de l' hypertension intracrânienne dans un cas du *septum lucidum*, IIIe ventricule et ventricule latéral”, (Avec Almeida Lima) in *Journal de Médecine de Lyon*, 12: 291-293, Lyon, 1931.
- “A prova encefalográfica por injeções livres na carótida primitiva e na carótida interna”, (Com Almeida Lima) in *A Medicina Contemporânea*, nº 26 de Junho de 1931, 49: 229.
- “Aspergillose cérébrale”, (Com Romão Loff) in *Boletim da Academia de Ciências de Lisboa*, vol III, p. 261. (*Sessão de 5 de Março de 1931*). Também foi publicado na *Presse Médicale*, tomo IX, p. 273-274, Paris, 1931
- “Vitiligo en nappe, symétrie des taches pigmentées restantes” (Com Victor Fontes) in *Revue Neurologique*, Tomo I, fasc. 6º, p. 732-744. Paris, 1931.
- “Aspects anatomiques, physiologiques et cliniques de l' artériographie cérébrale. Nouvelle technique par le thorotrast” in *Revue Médicale de la Suisse Romande*, 32:193, 1932.
- “Alguns aspectos da encefalografia arterial” in *A Medicina Contemporânea*, Ano L, nº 1, p. 23- 24, Lisboa, 1932.
- “Sintomatologia neurológica e artériografia dum volumoso tumor do lobo frontal esquerdo” in *Hygia*, tomo, 1, p. 3, 1932.
- “Vantagens do método arterioflebográfico no estudo da velocidade de circulação do sangue no Homem” in *A Medicina Contemporânea*, 50: 98-100, 1932.
- “L'artério-phlébographie comme moyen de determiner la vitesse de la circulation du cerveau des méninges et des parties molles du crâne” in *Bulletin de L' Académie de Médecine*, 107: 516-518, Paris, 1932.
- “Sur la vitesse du sang dans l' organisme. Determination de la vitesse de la circulation dans le cerveau, les méninges et les parties molles de boite crannienne par l'arterio-phlebographie” in *Annales de Médecine*, 32: 193-220, Paris, 1932.
- “Sur la capacité des capillaires cérébraux” in *Comptes Rendus de la Société de Biologie, Section Portugaise et de ses Filiales et Associées*, 110: 1034-1035, Paris, 1932.
- “Aspectos radiográficos da circulação cerebral. Sua importância clínica” in *Revista de Radiologia Clínica I*, fasc. 6º, p. 193-203, Porto Alegre, 1932.
- “Nuevos aspectos de angiografia cerebral” in *Rev. oto-neuro-oftalmologica y de cirugía neurologica sul-americana*, Tomo VII, fasc. 10-11, p. 425-431 e 458-463, Buenos Aires, 1932.
- “Dr Joseph Babinski” in *Lisboa Médica*, vol. IX, fasc. 9, p. 1065-1086, Lisboa, 1932.

- “Los progressos de la angiografía cerebral” in *Revista Médica de Barcelona*, 18: 461- 470, Barcelona, 1932.
- “L'aspect à l'épreuve encéphalographique des angiomes artériels du cerveau dans le domaine de la carotide interne”, (Avec Cancellà de Abreu e Cândido Oliveira) in *Revue Neurologique*, Ano 1932, tomo 2º, fasc. 2º, p. 165-177, Paris, 1932.
- “Die Vorzüge des Thorotrast bei arterieller Enzephalographie”. (Com Almeida Lima e Amândio Pinto) in *Röntgenpraxis*, Vol. IV, fasc. 2º, p. 90-93, Leipzig, 1932.
- “Le valeur diagnostique de l'epilepsie Jacksonienne dans les tumeurs du lobe frontal. Trois cas opérés et guéris”, (Com Amândio Pinto e Almeida Lima) in *Bordeaux Chirurgical*, Tomo III, fasc. 1º, p. 1-16, Bordeaux, Janvier 1932.
- “L'angio-pneumographie et son application dans la tuberculose pulmonaire”, (Com Lopo de Carvalho e Almeida Lima) in *Presse Médicale*, 40: 1098-1213, Paris, 1932.
- “Visibilidade aos Raios X das veias profundas do cérebro”. (Com Abel Alves e Fernando de Almeida) in *Lisboa Médica*, 9: 587-594, 1932.
- “Os seios venosos da dura-mater, sua visibilidade aos raios X”, (Com Abel Alves e Fernando de Almeida) in *Lisboa Médica*, 9: 523, 1932.
- “Sur le diagnostic de la cysticerose cérébrale. A propos de deux cas”, (Com Romão Loff e Luis Pacheco) in *Encéphale*, Ano XXVII, fasc. 1º, p. 42-52, 1932.
- “La visibilité des vaisseaux pulmonaires (Angiopneumographie)”. (Com Lopo Carvalho e Aleu Saldanha) in *Journal de Radiologie et d'Électrologie*, Tomo XVI, fasc. 10º, p. 469- 480, Paris, 1932.
- “A visibilidade dos vasos pulmonares (angiopneumografia)”, (Com Lopo de Carvalho, Aleu Saldanha) in *Journal de Radiologie et d'Electrologie*, fasc. 16º p.469, Lisboa, 1932
- “A visibilidade dos vasos pulmonares. Primeiros ensaios de (angiopneumografia)”. (Com Lopo de Carvalho e Almeida Lima) in *A Medicina Contemporânea*, Ano XLIX, fasc. 11º, p. 95-96, Lisboa, 1931.
- “Seio recto e seio longitudinal inferior”, (Com Fernando de Almeida) in *Folia Anatómica, Universitatis Coninbrigensis*, Vol. VII, fasc. 9º, p. 1-35. Coimbra, 1932.
- “A propósito de dois novos casos de meningoblastomas”. (Com Almeida Lima) in *Annales de Medicina Interna*, Madrid, 1932.
- “Paraplégie et macrogénitosomie précoce dans un cas l'hydrocéphalie congénitale avec de craneepais. Aspects en ‘pattes d'araignée’ de la circulation artérielle cérébrale des hydrocéphaliques” (Avec Almeida Lima) in *Revue Neurologique*, tomo 1º, fasc. 4º, p. 693-703, Paris, 1932.
- “Phlébographie cérébrale. Essai de détermination de la vitesse du sang dans les capillaires du cerveau chez l' Homme”. (Avec Almeida Lima) in *Comptes rendus des séances de*

la Société de Biologie, Section Portugaise, Tomo IX, p. 1037-1038, Paris, 1932. Séance du 29 Janvier 1932.

“La sintomatologia neurológica en el diagnóstico de los meningiomas y fibromas cerebrales. A propósito de dos nuevos casos”. (Com Almeida Lima) in *Anales de Medicina Interna*, tomo, I, fasc. 4º, p. 285-303, Madrid, 1932.

“La sintomatologia neurologica en el diagnostico de los meningiomas y fibromas cerebrales. A proposito de dos nuevos casos”. (Com Almeida Lima) in *Anales de Medicina Interna*, tomo, I, fasc. 4º, p. 285-303, Madrid, 1932.

“Tronc Basilaire et Artères dérivées” in *Encéphale*, 2: 705-708, Paris, 1933.

“L'Angiographie cérébrale chez le vivant, son importance anatomique” in *Folia Anatomica Universitatis Conimbrigensis*, Vol. VIII, nº 8, p. 1, Coimbra, 1933.

“Produção esclerogomosa da dura-máter, simulando um tumor cerebral” in *A Medicina Contemporânea*, 5:98, Lisboa, 1933.

“Consideraciones sobre la angiografía normal y patológica del cerebro” in *Actas Ciba*, nº 7, p. 157, Basilea, Juillet, 1933.

“Cerebral Angiography with thorostrast” in *Archives of Neurology and Psychiatry*, Vol. 29, p. 1318-1323, Chicago, June 1933.

“Cerebral angiography - It's application in clinical practice and physiology” in *The Lancet*, fasc. de Novembro, p. 1144-1151, Lancelot, London, 1933.

“Physio-Röntgenologie des Blutkreislaufs in Gehirn, in den Meningen und in den übrigen Geweben des Kopfes”. *Fortschritte auf dem Gebiete der Röntgenstrahlen*, Band 48, fasc. 4º, p. 398-405, Leipzig, 1933.

“L' angiografia cerebrale” in *Archivio di Radiologia*, Ano IX, fasc. 4º, Napoli, 1933.

“Anévrisme intra-cranien de la carotide interne droite rendu visible par l'artériographie cérébrale” in *Revue d'Oto-Neuro-Ophthalmologie*, Tomo XI, fasc. 10º, p. 746-748, Paris, 1933.

“A prova arteriográfica em casos de aneurismas e angiomas cerebrais” in *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, Nova série. Volume V, p. 485-487, Lisboa, 1933.

“A filmagem da circulação cerebral”. (Com Almeida Lima e Pereira Caldas) in *Medicina Contemporânea*, Ano LI, fasc. 3º, p. 19-20, Lisboa, 20 de Janeiro 1933.

“Interpretação das opacidades nas séries angiográficas da cabeça”. (Com Abel Alves e Pereira Caldas) in *Lisboa Médica*, Ano X, fasc. 3º, p. 122-143. Lisboa, 1933.

- “Visibilidade em série, da circulação cerebral, tornada visível pelo iodeto de sódio e pelo ‘Thorotrast’”, (Com Abel Alves, Pereira Caldas e Diogo Furtado) in *Lisboa Médica*, Ano X, fasc. 3º, p. 111-121, Lisboa, Março de 1933.
- “Troubles circulatoires du Cerveau produits par les Tumeurs cérébrales dans le voisinage du Siphon carotidien”, (Com Almeida Lima e Diogo Furtado) in *Presse Médicale*, nº 55, p. 1104-1116, Paris, 1933.
- “Contribution à l’étude de l’arachnoïdite ‘Spinale’”, (Com Amândio Pinto e Diogo Furtado) in *Revue Neurologique*, Ano 1933, tomo 1º, fasc. 6º, p. 977-1005, Paris, Junho de 1933.
- “Causalgia do membro superior esquerdo. Extração dos gânglios estrelado, primeiro e segundo dorsais. Cura”, (Com Romão Loff e Amândio Pinto) in *Lisboa Médica*, Ano X, fasc. 9º, p. 509-517, Lisboa, Setembro de 1933.
- “Visibilité aux rayons X des veines temporales superficielles et occipitales”. (Com Diogo Furtado) in *Folia Anatomica Universitatis Conimbricensis*, Vol. VIII, nº 5, Coimbra, 1933.
- “Artériographie du cervelet et des autres organes de la fosse postérieure”. (Com Amândio Pinto e Abel Alves) in *Bulletin de l’Académie de Médecine de Paris*, Vol. CIX, nº 22, p. 758-760, Paris, 1933.
- “L’Angiographie du cerveau obtenue des deux côtés dans la même Séance”. (Com Abel Alves) in *Revue Neurologique*, Tomo 1º, fasc. 3º, p. 375.-376, Paris, Mars 1933.
- “L’importance diagnostique de l’artériographie de la fosse postérieure”, (Com Abel Alves) in *Revue Neurologique*, 1: 375, 1933.
- “A prova encefalográfica do cérebro feita dos dois lados na mesma sessão operatória”. (Com Abel Alves) in *Revista de Radiologia e Clínica*, Vol. II, p. 608. Porto Alegre, 1933.
- “Circulation artérielle capillaire et veineuse des méningiomes”, (Com Almeida Lima) in *Vol. Jubilaire de Marinesco*, 1933, p. 467.
- “Aspecto flebográfico de um meningioma”. (Com Almeida Lima) in *A Medicina Contemporânea*, Ano LI, fasc. 1º, p. 6, Lisboa, 1933.
- “Aspectos arteriográficos num caso de glândula pineal e tubérculos quadrigémios”. (Com Almeida Lima) in *Lisboa Médica*, Ano LI, fasc. 1º, p. 6, Lisboa, 1930.
- “Visibilité aux rayons X des veines temporales superficielles et occipitales”, in *Folia Anatomica Universitatis Conimbricensis*, fascº 8, p. 1, 1933.
- “Dois casos raros de tumores medulares”, (Com Diogo Furtado) in *Separata da Revista de Radiologia e Clínica*, II, fasc. 4/5, p. 731-738. Porto Alegre, Agosto/Setembro, 1933.

- “As compressões medulares de linfogranulomatose maligna (Doença de Hodgkin). Tratamento operatório de um caso”. (Com Diogo Furtado) in *Arquivos Rio Grandenses de Medicina*, Nº 5, p. 321-332, Porto Alegre, 1933.
- “Production scléro-gommeuse de la dure-mère simulant une tumeur cérébrale. Opération. Guérison”, (Com Âmandio Pinto) in *A Medicina Contemporânea*, Ano LI, fasc. 16º, p. 101-104, Lisboa, 1933.
- “The visibility of the pulmonary Vessels (Angiopneumography)”. (Com Lopo de Carvalho) in *Acta Radiológica*, Vol. XIV, fasc. 5º, p. 433-452. Stockholm, 1933.
- “Le sinus droit et l'ampoule de Galien opacifiés par la voie du tronc basilaire”, (Com Fernando de Almeida) in *Lisboa Médica*, Ano X, fasc. 10º, p. 587-593, Lisboa, 1933.
- “Neurographie”, (Com Luis Pacheco) in *Journal Belge de Neurologie et Psychiatrie*, Vol. XXXIII, fasc. 8º, p. 551-560, Bruxelas, June 1933.
- “Grandes tumores cerebrais, sem síndrome de hipertensão craniana”. (Com Luis Pacheco) in *Lisboa Médica*, Ano X, fasc. 8º, p.455-462, Lisboa, 1933.
- “Abcès isolé du bulbe” in *Revue d'Oto-Neuro-Ophtalmologie*, 12: 56, Paris, 1934.
- “Alterações do sistema venoso de Galeno em alguns casos de hemorragia cerebral profunda” in *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, 6:295, 1934.
- “Angiographies en série de la circulation de la tête”. (Com Almeida Lima e Pereira Caldas) in *Revue Neurologique*, Tomo 1, fasc. 4º, p. 489-510, Paris, 1934.
- “La barrera capilar en el cerebro y en los otros tejidos de la cabeza” in *Boletim de la Universidad de Compostela*, Fasc. 18º, Numero especial in *Memorian do Professor Cadarso*, p. 76-82, Santiago de Compostela, Imprensa Paredes, 1934.
- “Déformation et déplacement de l' ampoule et des veines de Galien par certains tumeurs cérébrales” in *A Medicina Contemporânea*, nº 22, 1934.
- “L'épreuve angiographique dans les cas d' abcès cérébraux”, (Com Romão Loff) in *Bordeaux Chirurgical*, 5: 1, 1934.
- “L' évolution de la technique de l' angiographie cérébrale” in *Progrés Médical*, nº 46, 1934.
- “Les hématomes sous-arachoidiens et les Anévrismes cérébraux” in *Press Médicale*, nº 50 du 23 Juin, Paris, 1934.
- “La phlébographie dans l'hémorragie cérébrale profonde” in *Revue Neurologique*, Ano 1934, tomo 2º, fasc. 6º, p. 886-890, Paris, 1934.
- “A visibilidade das veias profundas do cérebro, importância da sua deformação e deslocação como elemento de diagnóstico em alguns casos de tumores cerebrais” in *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, 52: 199, 1934.

- “Angiomes Cérébraux. Importance de l'angiographie cérébrale dans leurs diagnostics” in *Bulletin de L'Académie de Médecine*, Vol. CXIII, n° 5, p. 174-184, Paris, 1935.
- “A angiografia no diagnóstico dos aneurismas e angiomas do cérebro” in *Lisboa Médica*, Ano XII, fasc. 8º, p. 455-462, Lisboa, 1935.
- “Tumores da fossa posterior. Aspectos arteriográficos do cérebro nas dilatações ventriculares” in *A Medicina Contemporânea*, ano LIII, fasc. 11º, p. 81-86, Lisboa, 17 de Março de 1935.
- “Aspectos arteriográficos e flebográficos dos meningiomas da asa do esfenoide” in *Lisboa Médica*, Ano XII, fasc. 7º, p. 399-407, Lisboa, Julho de 1935.
- “Aumento da circulação do diplóico da calote craniana na doença óssea de Paget. A propósito de um caso.”, (Com Almeida Dias e Luis Pacheco) in *Lisboa Médica*, Ano XII, fasc. 2º, p. 114-124, Lisboa, Fevrier, 1935.
- “Avantages de l'eupreve angiographique dans la carotide primitive” in *Clinica, Higiene e Hidrologia*, Vol. I, fasc. 9º, p. 343-345, Lisboa, Setembro 1935.
- “Les hallucinations auditives verbales dans un cas d'astrocytome du lobe temporal gauche”, (Com Romão Loff) in *Encéphale*, Vol. XXX, fasc. 1º, p. 20-29, Paris, Janvier 1935.
- “Pseudoangiomes calcifiés du cerveau. Angiome de la face et calcifications corticales du cerveau. Maladie de Knud H. Krabbe”, (Com Almeida Lima) in *Revue Neurologique*, Vol. 63, tomo 1º, fasc. 5º, p. 743-750, Paris, Abril de 1935.
- “Resultats cliniques et physiologiques de l'angiographie cérébrale” in *Schweizerische Medizinische Wochenschrift*, Ano LXV, n° 47, p. 1112-1125, Basel, 23 November 1935.
- “Terminologia Médica” in *A Medicina Contemporânea*, Ano LIII, fasc. 28º, p. 224, Lisboa, 1935.
- “A angiografia cerebral no diagnóstico das lesões vasculares do cérebro” in *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, Nova Série, volume VIII, p. 222-226, Lisboa, 1936.
- “A angiografia cerebral ao serviço da clínica” in *Coimbra Médica*, Maio de 1936.
- “A cirurgia ao serviço da psiquiatria” in *A Medicina Contemporânea*, Ano LIV, n° 19, p. 159-160, Lisboa, 1936.
- “Cirurgia das psicoses. Novos resultados terapêuticos” in *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, Nova Série, volume VII, p. 346-350, Lisboa, 1936.
- “Essai d'un traitement chirurgical de certaines psychoses” in *Bulletin de L'Académie de Médecine*, Vol. CXV, n° 9, p. 385- 392, Paris, 1936.

- “Obstrução da carótida interna à altura da carótida primitiva denunciada pela arteriografia”, (Com Almeida Lima e Ruy de Lacerda) in *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, Nova Série, volume 8, p. 17-19, Lisboa, 1936.
- “Les possibilités de la chirurgie dans le traitement de certaines psychoses” in *Lisboa Médica*, Ano XIII, fasc. 3º, p. 141-151, Lisboa, 1936.
- “Les premières tentatives opératoires dans le traitement de certaines psychoses” in *Encéphale*, 31:141, 1936.
- “Premiers essais de psycho-chirurgie. Technique et résultats”, (Com Almeida Lima) in *Lisboa Médica*, nº 3, ano XIII, 1936, pp. 152-161.
- “Radiodiagnostique de la circulation cérébrale. (Angiographie cérébrale)” in *Revue Neurologique*, Ano XXXI, fasc. 3º, p. 218-219, Paris, Junho de 1936.
- “Symptômes du lobe préfrontal”, (Com Almeida Lima) in *Revue Neurologique*, Vol. 65, tomo 1º, fasc. 3º, p. 582-595, Paris, 1936.
- “Trombose da carótida interna”, (Com Almeida Lima e Rui. Lacerda) in *Imprensa Médica*, Ano II, Fasc. 6º, p. 93-105, Lisboa, 1936.
- “Arteriografia accidental da fossa posterior por injeção na artéria vertebral”, (Com Joaquim Imaginário) in *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, Nova Série, volume IX, p. 225, Lisboa, 1937.
- “Déformations des sinus droit et longitudinal inférieur et des veines profondes du cerveau dans le diagnostic de néoplastias cérébrales” in *Zentralblatt für Neurochirurgie*, Vol. II, fasc. 4º, p. 213- 224, Leipzig, 1937.
- “Essais de traitement de la schizophrénie par la leucotomie pré-frontale”. (Com Diogo Furtado) in *Annales Médico-Psychologiques*, Ano XCV, tomo 2º, p. 298-309, Paris, 1937.
- “Hémiplégies par thrombose de la carotide interne”, (Com Almeida Lima e Rui de Lacerda) in *Presse Médicale*, XLV, nº 52, p. 977-993, Paris, 1937.
- “Idées générales sur l'angiographie cérébrale” in *Bolletino della Associazione Medica Triestina*, Ano XXIX, fasc. 1º, p. 5-20, Udine, 1937.
- “La Leucotomie Préfrontal. Traitement Chirurgicale de Certaines Psychoses” in *Schizophrénie*, Vol. VI, fasc. 4º, p. 393-463, Torino, December, 1937.
- “Pre-frontal Leucotomy in the treatment of mental disorders” in *American Journal of Psychiatry*, Vol 93, fasc. 6º, p. 1379-1379, Baltimore, 1937.
- “I principi fisiopatologici della psicochirurgia” in *Giornale di Psiquiatria e di Neuropatologia*, XLIII, p. 360 e seguintes, Ferrara, 1937.

- “À propos de l'arteriographie de la fosse postérieure. Anomalie de position de l'artère vertébrale occupant la place de la carotide interne”, (Com Joaquim Imaginário) in *A Medicina Contemporânea*, Vol. LV, fasc. 22, p. 263-267, Lisboa, 30 de Maio de 1937.
- “Psycho-chirurgie” in *Der Nervenartzt, Portugal Médico*, 21:1, 1937.
- “Syndrome de l'hémicône medullaire par hématomyélie”, (Com Luís Pacheco) in *Revue Neurologique*, Vol. 67, tomo 1º, fasc. 6º, p. 575-584, Paris, Maio, 1937.
- “La technique psycho-chirurgicale” in *Archives Franco-Belges de Chirurgie*, Vol. XXXIV, p. 337- 346, Bruxelas, Janeiro 1937.
- “Visibilité de la jugulaire interne chez le vivant” in *Folia Anatomica Universitatis Conimbrigenis*, Vol. XII, fasc. 7º, p. 5, Coimbra, 1937.
- “Alterações do calibre da artéria comunicante anterior em casos de lesões vasculares do cérebro” in *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, Nova Série, volume X, p. 121-124, Lisboa, 1938
- “Circulation double d'un angiome cérébral” in *Zentralblatt für Neurochirurgie*, Vol. III, p. 217-225, Leipzig, August 1938.
- “L'Hyperostose frontale interne. Étude angiographique d'un cas chez une jeune femme”. Syndrome de Morgagni Stewart-Morel in *Schizofrenie*, Ano VIII, vol. VII, fasc. 1-3, p. 223-240, Torino, 1938. ”
- “As más arteriografias cerebrais podem induzir em erros de diagnóstico” in *Actas Ciba*, 5, Rio de Janeiro, 1938.
- “Visibilité par contraste, des gaines vasculo-nerveuses du cou et leurs prolongements”. (Com Luis Pacheco e Joaquim Imaginário) in *Imprensa Médica*, Ano IV, fasc. 18º, p. 295-312, Lisboa, 1938.
- “Considerações sobre a comunicação do Prof. Wohlwill” in “*Memórias*” da *Academia das Ciências de Lisboa*, Classe das Ciências, Tomo II, p. 223-225, Lisboa, 1939.
- “Nota sobre algumas expressões neurológicas” in *Revista Clínica, Higiene e Hidrologia*, AnoV, nº 2, p. 55-57, Lisboa, 1939.
- “Thromboses des artères carotides dans la fièvre thyphoïde”, (Com Romão Loff e Joaquim Imaginário) in *Bulletin de l'Académie de Médecine*, Vol. CXXIII, nº 19-20, p. 451-457, Paris, 1940.
- “Alterações angiográficas nos tumores da porção anterior do corpo caloso”, (Com Almeida Lima) in *Imprensa Médica*, Ano VI, fasc. 11º, p. 162-169, Lisboa de 10 de Junho de 1940.
- “Diagnóstico radiológico das obstruções carotídeas” in *Boletim da Sociedade Portuguesa de Radiologia Médica*, Volume III, fasc. 1º, p. 5-45, Lisboa, 1940.

- “A fotografia da circulação normal e patológica do cérebro” in *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa - Classe de Ciências*, Tomo III, p. 115-122, Lisboa, 1940.
- “Os sulcos dos vasos meníngeos nas radiografias podem induzir em erros de localização”, (Com Almeida Lima) in *Coimbra Médica*, Ano VII, fasc. 2º, p. 83-92, Lisboa, Fevereiro de 1943.
- “O valor das demonstrações cinematográficas em medicina” in *Boletim da Academia de Ciências de Lisboa*, 12:143, 1940.
- “Angiomas profundos do cérebro”, (Com Almeida Lima) in *Lisboa Médica*, Vol. XVIII, fasc. 4, p. 213-222, Lisboa, 1941.
- “Tumores da glândula pineal. Diagnóstico angiográfico” in *Actas Españolas Neurología y Psiquiatria*, Vol. II, fasc. 1º, p. 3-14, Madrid-Barcelona, Março de 1941.
- “Visibilidade do seio cavernoso” in *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, Classe de Ciências: Tomo III, p. 403-406, Lisboa, 1941.
- “Circulação cerebral intermitente” in *Imprensa Médica*, Ano VIII, fasc. 5º, p. 65-68, Lisboa, 15 de Março de 1942.
- “Angioma venoso do corpo estriado. Síndrome parquinsónico lateralizado” in *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa - Classe de Ciências*, Tomo IV, p. 319-329, Lisboa, 1944.
- “Diferenças de opacidades nos aneurismas cerebrais” in *Lisboa Médica*, Vol. XIX, fasc. 3º, p. 123-130, Lisboa, Março de 1942.
- “Projecção em arteriografia lateral da circulação anormal da carótida externa sobre a circulação cerebral” in *Lisboa Médica*, Vol. XIX, fasc. 2º, p. 63-67, Lisboa, Fevereiro de 1942.
- “Sobre a identificação angiográfica das artérias e veias do cérebro” in *Folia Anatomica Universitatis Conimbricensis*, Vol. XVII, nº 3, Coimbra, 1942.
- “Aspectos angiográficos dos glioblastomas”, (Com Lobo Antunes) in *Lisboa Médica*, Vol. XX, fasc. 4º, p. 165-175, Lisboa, 1943.
- “Colesteatomas cerebrais” in *Lisboa Médica*, Vol. XX, fasc. 1º, p. 1-22, Lisboa, 1943.
- “Diagnosticque angiographique des méningiomes de l'arête sphénoïdale” in *Journal Suisse de Médecine*, Ano LXXIII, nº 39, p. 51-62, Bâle, 1943.
- “Diagnóstico angiográfico de um angioma artério-venoso cerebral com aneurisma intercalar” in *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa - Classe de Ciências*, Tomo IV, p. 435-436, Lisboa, 1944.
- “Faisceau paracentral-préfrontal” in *Folia Anatomica Universitatis Conimbricensis*, Vol. XVIII, nº 7, p. 1-20, Coimbra, 1943.

- “De la Thérapeutique chirurgicale dans la maladie de Parkinson et les états similaires” in *Chirurgie Suisse*, VII, p. 385 e seguintes, Lausanne, 1943.
- “Alterações da empôla e veias de Galeno nas dilatações ventriculares”, (Com Lídia Manso Preto) in *Lisboa Médica*, Vol. XXI, fasc. 1º, p. 1-9, Lisboa, 1944.
- “Anciania” in *Imprensa Médica*, Ano X, nº 24, p. 433-440, Lisboa, 1944.
- “A angiografia cerebral no diagnóstico das espécies tumorais” in *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa - Classe de Ciências*, Tomo IV, p. 461-467, Lisboa, 1944.
- “Angiome de l'angle ponto-cérébelleux”, (Com Abel Cancela de Abreu e Lobo Antunes) in *Praxis*, Ano 1944, fasc. 9º, Bern, 1944.
- “Capillaires du cerveau et de la tête. Déductions angiographiques” in *Amatus Lusitanus*, Vol. III, fasc. 8º, p. 506-521, Lisboa, 1944.
- “No cinquentenário de Brown Séquard” in *Jornal do Médico*, Vol. V, nº 97, p. 33-36, Porto, 1944.
- “Novo aspecto angiográfico dos tumores da Hipófise”, (Com Joaquim Imaginário e Cruz e Silva) in *Imprensa Médica*, Ano X, fasc. 1º, p. 1-2, Lisboa, 1944.
- “A geração Humana e as Doutrinas de Exeter” in *Jornal da Sociedade de Ciências Médicas*, 109, nºs 7 a 10, 1945.
- “Os raios de Roentgen na Neurologia” in *Amatus Lusitanus*, Vol. IV, fasc. 5º, p. 373-394, Lisboa, 1945.
- “Exoftalmo unilateral” in *Separata da Revista Amatus Lusitanus*, Vol. IV, fasc. 9-10, p. 688-710, Lisboa, Nov 1945.
- “As pupilas dos mortos reagem à luz” in *A Medicina Contemporânea*, Ano LXIV, fasc. 1º, p. 1-29, Lisboa, 1946.
- “Aspecto anormal da circulação do seio longitudinal inferior devido à compressão tumoral” in *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa - Classe de Ciências*, Vol. V, Lisboa, 1947.
- “Thromboses of the internal carotid artery and its branches” in *A Medicina Contemporânea*, nº 4, 1947.
- “Alocação na primeira sessão da Sociedade de Neuro-cirurgia Luso Espanhola”. Dita pelo Prof. Almeida Lima na sessão inaugural de Barcelona em Abril de 1948, in *Conferências*, 1950, 4: 63.
- “Mein Weg zur leukotomie” in *Deutsche Medizinische Wochenschrift*, Ano LXXIII, fasc. 45-46, p. 581-583, 1948.
- “Trombose da carotida interna de etiologia traumática” in *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, 5: 3, 1948.

- “Die Prafrontale Leukotomie” in *Archiv für Psychiatrie*, Vol. CLXXXI, p. 591-602, Würzburg, 1949.
- “Sichtbarmachung von Gehirnblutgefassen und Entwicklung der Stihirnleukotomie” in *Umschau*, nº 8, 1950.
- “Conceitos neurológicos em Psiquiatria” in *A Medicina Contemporânea*, nº2, Fevereiro de 1950.
- “A contribuição da Escola Portuguesa para o futuro da Neuro Cirurgia” in *Conferências*, 5: 8, 1952.
- “Angioma arteriovenoso do cérebro” in *Medicina Contemporânea*, nº 6, Maio de 1951.
- “Carta de Mensagem lida no Brasil”. Homenagem aos médicos brasileiros, irmãos pela língua e afinidade racial. Foi levada ao Brasil pelo Prof. Almeida Lima em 1951, in *Conferências*, 7:11, 1954.
- “A Fisiologia do cérebro” in *O instituto*, 115: 5, Coimbra, 1951.
- “Investigação Científica”. in *Anhemi*, p. 221, S. Paulo, 1951.
- “No Congresso Internacional de Neurologia”. Alocução pronunciada em francês na sessão de abertura do V Congresso Internacional de Neurologia em 7 de Setembro de 1953. *Conferências*, 7:76, 1954.
- “Semiologie angiographique des anévrismes, varices et angiomes du cerveau”. (avec Miller Guerra), in *Raports du V Congrès Neurologique Internacional*, 3: 65, 1953.
- “Trombose da carótida interna. Visibilidade dos vasos da fossa posterior” in *A Medicina Contemporânea*, nº 4, 1953.
- “A Leucotomia está em causa” in *Revista Filosófica de Coimbra*, nº 10, 1954.
- “Subsídios para a história da angiografia” in *Separata dos Anais Azevedos*, Lisboa, 1955.

3. ENSAIOS POLÍTICOS E OUTROS

Bases para a criação em Portugal duma lei protectora da primeira Infância, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1904.

Conferência de Arte, – Museu Regional de Aveiro – Empresa Gráfica Universal, 1916.

Um ano de Política, Rio de Janeiro. Portugal-Brasil Editora, Companhia Editora Americana, Lisboa, 1919

Do Valor e da Saudade, (Discurso proferido na inauguração do obelisco de Homenagem aos soldados do Concelho de Estarreja mortos na I Grande Guerra), Edição da Câmara Municipal de Estarreja, 1920.

Júlio Dinis e a sua obra, (Prefácio de Ricardo Jorge), Lisboa, Casa Ventura Abrantes, 1924.

“A necrofilia de Camilo Castelo Branco”, – In *Memoriam de Camilo*, 1925.

O padre Faria na história do hipnotismo, Lisboa, Edição da Faculdade de Medicina, 1925.

“Um discurso na recepção da Academia Brasileira de Letras” in *Revista da Academia Brasileira de Letras*, 83:286, 1928.

Ao Mestre José Malhoa, Lisboa, Lisboa, Imprensa Libano da Silva, 1928.

“Prefácio” in Paiva, Almeida, *Oscar Wilde - Pensamentos e paradoxos*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1928.

“O Papa João XXI” in *Biblos*, 6: 1, 1929.

“Elogio de Magalhães Lemos” in *A Medicina Contemporânea*, 1929.

“Discours prononcé dans la séance d’ouverture du XIIème Congrès International d’Hydrologie, Climatologie et Géologie Médicale” in *A Medicina Contemporânea*, nº 42, 1930.

“Fernando de Magalhães”, Alocução na Sessão Solene de Homenagem in *A Medicina Contemporânea*, 1930.

“Os pintores da loucura” in *Arquivo de Medicina Legal*, 3: 1, 1930.

“Professor Magalhães Lemos”, (Necrológio), in *Lisboa Médica*, 8: 548, 1931.

- “Dr. Josef Babinski” in *Lisboa Médica*, 9: 1065, 1932.
- “Belo de Moraes” in *Jornal do Médico*, Vol. III, nº 49, p. 23, Porto, 1942.
- “Os médicos no Teatro Vicentino”, in *Imprensa Médica*, nº 8, 1937.
- “Psicoses Sociais”, in *Boletim da Ordem dos Advogados*, Lisboa 1940.
- “Ricardo Jorge” in *Lisboa Médica*, Ano XVI, fasc. 9º, p. 517-563, Lisboa, 1939.
- “Algumas Palavras” in *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, (Classe de Letras), 3: 197, 1940.
- Ao Lado da Medicina*, Lisboa, Bertrand, 1940.
- “Teatro inédito de Gomes Coelho (Júlio Dinis)” in *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, (Classe de Letras), 3: 283, 1940.
- “Transmissão de Poderes na Academia das Ciências de Lisboa”, Sessão de 1 de Fevereiro de 1940. Discurso do Prof. Egas Moniz em resposta a outros proferidos na mesma sessão.
- “À memória do professor Sobral Cid” in *Imprensa Médica*, Ano VII, nº 9, p. 213-215, Lisboa, 1941.
- “Belo de Moraes” in *Jornal do Médico*, 23: 23, 1942.
- “Otfrid Foerster” in *Lisboa Médica*, Vol. XIX, fasc. 1º, p. 52-58, Lisboa, 1942.
- História das Cartas de Jogar*, Lisboa. Editorial Ática, 1942.
- “Lavoisier na Fisiologia” in *Imprensa Médica*, Ano IX, nº 12, p. 192-196, Lisboa, 1943.
- “Maurício de Almeida – Escultor (1897-1923)” in *Arquivo do Distrito de Aveiro*, nº 35, 1943.
- “Por Coimbra - João Francisco de Almada “ *In Memoriam*, p. 1-7, 1943.
- “Prefácio” in AMARAL, Almeida, *O Tratamento Cirúrgico das Doenças Mentais*, Lisboa, Livraria Luso Espanhola, 1944.
- Última Lição*, Lisboa, Portugalíia, 1944.
- “O Abade Faria e o hipnotismo científico” in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Série LXIII, fasc. 5-6, p. 191-197, Lisboa, 1945.
- “Nova fase” in *A Medicina Contemporânea*, Ano LXIII, fasc. 1/6, p. 1-5, Lisboa, 1945.
- “O abade de Baçal” in *Memórias da Academia das Ciências*, 5: 3, 1948.
- “Afrânio Peixoto” in *A Medicina Contemporânea*, nº 2, 1947.

“Discurso proferido na sessão conjunta para a recepção do Académico e Neurologista Norte-Americano Prof Walter Freeman” in *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, Volume XX, Lisboa, 1948.

“O domínio do delírio e da alucinação” in *A Medicina Contemporânea*, Ano LXVI, nº 12, p. 465-483, Lisboa, 1948.

“Ramon y Cajal. Uma doutrina e uma época” in *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa - Classe de Ciências*, Vol. V, Lisboa, 1948.

Confidências de um Investigador Científico, Lisboa, Edições Atica, 1949.

Guerra Junqueiro, Porto, Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto, 1949.

“Thebar Oliveira”, in *Anais Azevedo*, 1, nº 2, Lisboa, 1949.

“Silva Porto” in *O Médico*, nº 9, 1950.

“Abel Salazar” - Palavras enviadas ao Prof. Ruy Luís Gomes, lidas na sessão de homenagem à memória do Prof. Abel Salazar em Janeiro de 1950 in *Conferências*, 4:103, 1950.

“Coimbra nobre Cidade” in *A Medicina Contemporânea*, nº 5, 1950.

A Nossa Casa, Lisboa, Edição Paulino Ferreira, 1950.

“O poeta João de Deus. (Esboço de estudo psicológico)” in *A Medicina Contemporânea*, Ano LXVIII, nº 6, p. 253-265, Lisboa, 1950.

“O Primeiro Teatro de Júlio Dantas (1899/1903)”. Oração pronunciada na sessão de Homenagem ao Sr. Dr. Júlio Dantas, Presidente da Academia das Ciências em 4 de Março de 1950, por ocasião da sua festa jubilar in *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, (Classe de Letras), 5, 1950.

“Professor Joachim Friederich Wohlwill” in *Gazeta Médica Portuguesa*, Volume IV, p. 17, 1951.

“O solitário de Amarante”, Coimbra, 1951.

“Prólogo” in JAHM, Mário, PIMENTA, Mattos e SATTE JÚNIOR, Afonso, *Tratamento cirúrgico das molestias mentais*, S. Paulo, 1951.

“Algumas palavras de agradecimento” in *A Medicina Contemporânea*, nº 8, 1952.

“Los últimos años de Ramón y Cajal” in *Folia Clinica Internacional*, 2, nº 5, 1952.

“À Memória de Ramón y Cajal”. Sessão Comemorativa em Madrid, 1952. Alocução lida pelo Prof. Aleu Saldanha in *Conferências*, 7: 23, 1954.

“Sobre uma frase do Padre António Vieira” in *A Medicina Contemporânea*, nº 1, 1952.

“Teixeira de Pascoaes” in *Conferências*, 7: 77, 1954.

- “Uma entrevista sensacional com Prof. Egas Moniz” in *Portugal Ilustrado*, Julho de 1954.
- A Obra Social de São Martinho de Gândara, vista pelo Prof. Egas Moniz*, 1954.
- “Palavras de saudação ao Académico Sir George Paget Thomson” in *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, 1954.
- Dr. Barbosa de Magalhães, Parlamentar e Político*, Aveiro, Edição do autor, 1955.
- “A folia e a dor na obra de José Malhoa” in *Seara Nova*, Lisboa 1955.
- O Abade Faria na história do Hipnotismo*, Conferência de Lisboa. Ampliada e dividida em capítulos. Publicação da Faculdade de Medicina. I Volume, Lisboa, [1925]. Edição Facsimilada da Editorial Vega, Lisboa, 1977.
- “Angeja, Estarreja, Murtosa, Pardelhas, Avanca, Ovar” in PROENÇA, Raul, (Org.), *GUIA DE PORTUGAL, 3º Vol. Beira, Tomo I, Beira Litoral*, Lisboa, [Biblioteca Nacional, 1944] Fundação Calouste Gulbenkian, 1993, pp. 544-559.
- Três ensaios sobre pintura*, Estarreja, Câmara Municipal de Estarreja, 1999.
- A Nossa Casa*, Lisboa, Paulino Ferreira, Filhos, Lda, 1950, Reedição da Câmara Municipal de Estarreja, 2001
- Confidências de um investigador científico*, Lisboa, Ática, 1949, Reedição da Câmara Municipal de Estarreja, 1999.
- Conferências Médicas I*, Lisboa, Portugália, 1945, Reedição fac-similada, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.
- A Vida Sexual. Fisiologia e Patologia*, Lisboa, Casa Ventura Abrantes, (15ª Edição facsimilada), Estarreja, Câmara Municipal de Estarreja, 2009.

Bibliografia acerca de Egas Moniz

- “Egas Moniz e o Brasil”, *Publicações do Museu Nacional da Ciência e da Técnica*, Coimbra, 4, 1974, pp. 113-114.
- “Egas Moniz, António Caetano de Abreu Freire”. In: *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 9, Lisboa/Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, s.d, pp. 440-442.
- ADÃO, Luís Cabral, “Egas Moniz”. In: *O Homem da Terra. Contos, Crónicas, Composições*, Setúbal, E. do A, 1986, pp. 83-85.
- AMARAL, Ilídio do, “Egas Moniz, O Homem, as ideias e a época”. In: *Centenário de Egas Moniz*, vol. 2, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1978, pp. 241-259.
- AMORA, A. Soares, “Egas Moniz crítico literário”, . In: *Centenário de Egas Moniz*, vol. 2, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1978, pp. 25-28.
- ANTUNES, João Lobo — “As cartas de Egas Moniz para Almeida Lima” in: ANTUNES, João Lobo, *Um modo de ser*, 10ª ed, Lisboa, Lisboa, Gradiva, 1996, pp. 173-201.
- ANTUNES, João Lobo, “Egas Moniz homem de letras” in: *Numa cidade feliz*, Lisboa, Gradiva, 1999, pp. 213-223.
- ANTUNES, João Lobo, “J.P. Miller Guerra” in: ANTUNES, João Lobo, *Um modo de ser*, 10ª ed, Lisboa, Lisboa, Gradiva, 1996, pp. 147-152.
- ANTUNES, João Lobo, “Pedro Almeida Lima” in: ANTUNES, João Lobo, *Um modo de ser*, 10ª ed, Lisboa, Lisboa, Gradiva, 1996, pp. 139-145.
- ANTUNES, João Lobo, “Psicocirurgia — Uma história” in: *A excelência da investigação. Na essência da Universidade*, Coimbra, Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, 1999, pp. 18-35.
- ANTUNES, João Lobo, “Psicocirurgia — Uma história” in: *Numa cidade feliz*, Lisboa, Gradiva, 1999, pp. 225-248.
- ANTUNES, João Lobo, “Egas Moniz – uma palavra sobre o Outro” in *1911-1999. O ensino médico em Lisboa no início do Século. Sete artistas contemporâneos evocam a geração de 1911*, Catálogo da Exposição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.
- ANTUNES, João Lobo, “Egas Moniz na investigação científica” in AAVV, *Homenagem a Egas Moniz*, Porto, Fundação de Serralves, 1999.
- ANTUNES, João Lobo, *Um modo de ser*, Lisboa, Gradiva, 1997.

- ARAÚJO, H. A. Gomes de, “O que é a psicoterapia?” in: *Centenário de Egas Moniz*, vol. 2, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1978, pp. 229-240.
- ASENJO, Alfonso, “António Egas Moniz, Humanista y Maestro” in: *Egas Moniz Centenary. Scientific Reports*, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1977, pp. 167-172.
- AZEVEDO, Conde, *O Ex-Libris do Dr. Egas Moniz*, Lisboa, Livraria Universal de Armando J. Tavares, 1927, 21 p.
- AZURARA, Gomes de, “O primeiro Prémio Nobel português/aluno dos Jesuítas” in *Brotéria*, Vol. LII, 1951, Fasc. 4.*
- BELCHIOR, Maria de Lourdes, “Egas Moniz — Rigor e intuições do homem de letras”. In: *Centenário de Egas Moniz*, vol. 2, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1978, pp.337-342.
- BINGLEY, T.; LEKSELL, L.; MEYERSON, B.; RYLANDER, G, “Experiences with Anterior Capsulotomy in Obsessive-Compulsive Cases”. In: *Egas Moniz Centenary. Scientific Reports*, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1977, pp. 223-232.
- BOLÉO, José de Paiva, *A geração humana e as doutrinas de Exeter. Crítica à conferência do Prof. Egas Moniz*, Lisboa, Imprensa Lucas & Cia, 1946, 32 p.
- BRANCO, João de Freitas, “Homenagem a Egas Moniz” in: *Centenário de Egas Moniz*, vol. 2, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1978, pp. 275-277.
- BRANCO, Miguel Castelo, “O legado de Egas Moniz” in: PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui (Organização) — *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, MinervaCoimbra, 2000, pp. 127-148.
- BRANDÃO, Gama, “Egas Moniz — espírito multimodo e universalista” in: *1874-1974, no I centenário do nascimento de Egas Moniz*, Aveiro, Edição da Junta Distrital de Aveiro, 1975, pp. 23-35.
- BRIHAYE, J.; JEANMART, L.; FLAMENT-DURAND, J, “Dissecting Aneurysms of the Basilar Artery” in: *Egas Moniz Centenary. Scientific Reports*, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1977, pp. 103-124.
- BUKY, Paul C, “Egas Moniz a Portuguese Pioneer — His Contributions to Neurology and Psychiatry” in: *Egas Moniz Centenary. Scientific Reports*, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1977, pp. 9-17.
- CABRAL, Alexandre, *Aspecto literário da obra do Professor Egas Moniz. Prémio Nobel 1950*, Lisboa, Portugália, 1950, 60 p.

- CAEIRO DA MATA, José, “Egas Moniz homem de Estado” in *Separata das Memórias*, Academia das Ciências de Lisboa, Classe de Letras, Tomo III, 1940
- CALDAS, Alexandre Castro, “O Centro de Estudos Egas Moniz”. In: PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui (Organização) — *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, MinervaCoimbra, 2000, pp. 315-320.
- CARDOSO, Carlos Alfredo Rezende dos Santos, “O Professor Doutor Egas Moniz” in: *Subsídios para uma monografia histórica e descritiva da freguesia de Avanca*, Coimbra, Tese de Licenciatura — Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1961, pp. 140-147.
- CARVALHO, Lopo de, “1ª Comunicação sobre Angiopneumografia. 1931” in: *Os pioneiros do método angiográfico*, 2ª ed, Lisboa, Sociedade Portuguesa de Angiografia e Medicina Nuclear, 1977, pp. 35-38.
- CASCAIS, António Fernando — “A inversão do princípio de legitimidade da intervenção bio-médica no corpo humano: de Egas Moniz à engenharia genética”, *CTS. Revista de Ciência, Tecnologia e Sociedade*, 10. 1989, pp. 30-33.
- CASCAIS, António Fernando, “De Egas Moniz à engenharia genética: Um questionamento bioético” in *Sociologia - Problemas e Práticas*, 9, 1991, pp. 57-76.
- CASCAIS, António Fernando, “A cabeça entre as mãos: Egas Moniz, a psicocirurgia e o prémio Nobel”, in João Arriscado Nunes, Maria Eduarda Gonçalves, orgs. et al.: *A sociedade portuguesa perante os desafios da globalização, Vol. V - Enteados de Galileu? Semiperiferia e intermediação no sistema mundial da ciência*, Porto, Afrontamento, 2001, pp. 291-359.
- COELHO, Álvaro Macieira, “Prefácio” in: MONIZ, Egas, *Confidências de um investigador científico*, Estarreja, Câmara Municipal de Estarreja, 1999, pp. 1-6 (edição facsimile da primeira edição, 1949).
- COELHO, António Macieira, “A faceta política de um cientista” in: *Egas Moniz, 120 anos. 1874-1994*, Estarreja, Câmara Municipal de Estarreja, [p.10].
- COELHO, António Macieira, “A faceta política de um cientista” in: COELHO, António Macieira, *Egas Moniz. Perfil político*, Estarreja, Câmara Municipal de Estarreja, 1999, pp. 17- 37.
- COELHO, António Macieira, “Casa-Museu Egas Moniz [Extraído do *Diário Popular*]”, *Semana Médica*, 7(344) 9 Jan. 1966, p. 6.
- COELHO, António Macieira, “Egas Moniz na cidadania e na política. Um homem do nosso tempo” in COELHO, António Macieira — *Egas Moniz. Perfil político*, Estarreja, Câmara Municipal de Estarreja, 1999, [pp. 65- 81].
- COELHO, António Macieira, “O Ex-Libris do Prof. Egas Moniz” in: COELHO, António Macieira — *Egas Moniz. Perfil político*, Estarreja, Câmara Municipal de Estarreja, 1999, pp. 83- 85.

- COELHO, António Macieira, “O portuguesismo de Egas Moniz” in: COELHO, António Macieira, *Egas Moniz. Perfil político*, Estarreja, Câmara Municipal de Estarreja, 1999, pp. 9-14.
- COELHO, António Macieira, “Os conceitos políticos de Egas Moniz e o sidonismo” in: COELHO, António Macieira — *Egas Moniz. Perfil político*, Estarreja, Câmara Municipal de Estarreja, 1999, pp. 39- 63.
- COELHO, António Macieira, “Vivências na intimidade de Egas Moniz” in: PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui, (Organização), *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, MinervaCoimbra, 2000, pp. 51-65.
- COELHO, António Macieira, *Egas Moniz. Perfil político*, Estarreja, Câmara Municipal de Estarreja, 1999.
- COELHO, António Macieira, “Egas Moniz na cidadania e na política” in AAVV, *Homenagem a Egas Moniz*, Porto, Fundação de Serralves, 1999.
- COELHO, António Macieira, “Vivências na intimidade de Egas Moniz” in PEREIRA, Ana Leonor, e PITA, João Rui, (Org.), *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, Minerva, 2000.
- COELHO, Eduardo, “A vida científica de Egas Moniz” in *Jornal do Médico*, Porto, Separata XV (373), 1950, pp. 432-436.
- CONDE, Frederico, “O Colégio de S. Fiel”, *Estudos de Castelo Branco*. 28(1968) 63-68.
- CORREIA, Clara Pinto, “Uma questão de respeito”, *Super Interessante*, 12, Abr. 1999, p. 38.
- CORREIA, Manuel, “O carácter histórico-social da violência: o exemplo da psicocirurgia”, *Revista de História das Ideias*, 27, 2006, pp. 511-527.
- CORREIA, Manuel, “Egas Moniz. Imagens e representações” in *Estudos do Século XX*, Coimbra, Ariadne Editora, 2005, nº 5, pp. 65-82
- CORREIA, Manuel, “Espelho meu. Ilusão biográfica e ideal historiográfico: a construção de Egas Moniz” in *Estudos do Século XX*, nº 8, 2008, pp. 187-201
- CORREIA, Manuel, “O político na sombra do cientista (1) – Considerações acerca da importância e do alcance de dois enigmas monizianos – o «periférico» e o «político»”, *Vértice*, 119, Setembro -Outubro, 2004, pp. 57-74.
- CORREIA, Manuel, “O político na sombra do cientista (2) – Liberal ou conservador?, investigador científico e místico da objectividade”, *Vértice*, 123, 2005, pp. 20 – 38.
- CORREIA, Manuel, *Egas Moniz e o Prémio Nobel*, Coimbra, IUC, 2006.
- CORREIA, Maximino, “Alocação do Reitor da Universidade” in: *A Homenagem da Academia de Coimbra ao Prof. Egas Moniz*, Coimbra, Edição da Associação Académica, 1950, pp. 25-29.

- CORREIA, Maximino, “Glória ao sábio português”, *Átomo. Ciência e técnica para todos*, Lisboa, 2(23)1949, p. 5.
- CRITCHLEY, MacDonald, “Frontal Lobe Syndromes” in: *Egas Moniz Centenary. Scientific Reports*, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1977, pp. 139-143.
- CUNHA-OLIVEIRA, José; PEDROSA, Aliete, “Quando da Etherea Gavea hum Marinheiro” in: PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui (Organização) — *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, MinervaCoimbra, 2000, pp. 177-219.
- DAMÁSIO, António R, “Egas Moniz, pioneer of angiography and leucotomy” in: PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui (Organização) — *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, MinervaCoimbra, 2000, pp. 97-109.
- DANTAS, Júlio, *Transmissão do poderes*. Sep. de "Memórias" Classe de Letras, Tomo III, Academia das Ciências de Lisboa, 1940.
- DIAS, Benedito, “Medicina portuguesa através dos séculos — personalidade científica do Prof. Egas Moniz”, *Publicações do Museu Nacional da Ciência e da Técnica*, Coimbra, 9, 1979, pp. 59-130.
- DJINDJIAN, René, “L'Arteriographie Super-Selective de la Carotide Externe et l'Embolisation” in: *Egas Moniz Centenary. Scientific Reports*, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1977, pp. 85-92.
- DOTT, Norman, “Life and Work of Egas Moniz” in: *40º Aniversário da Introdução da Angiografia Cerebral — Reunião Internacional em Lisboa, Abril 1967*, Lisboa, 1967, pp. 6-19.
- DUARTE SANTOS, L, “Palavras de abertura” [Pronunciadas pelo Presidente da 1ª Comissão de Gestão da Faculdade de Medicina de Coimbra, na Sessão de Homenagem realizada, em 1974, no Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra] in: *Centenário de Egas Moniz*, vol. 2, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1978, pp. 221-227.
- Exposição Itinerante da Obra de Egas Moniz e Reynaldo dos Santos — Catálogo, 1982-1983*, s.l, Sociedade Portuguesa de Radiologia e Medicina Nuclear, 1982-1983.
- Fábrica de Avanca. Egas Moniz e a Indústria*, Avanca, Câmara Municipal de Esterreja / Nestlé, 1990, 13 p.
- FERNANDES, Barahona, “Egas Moniz, cientista, criador e homem social” in: *Centenário de Egas Moniz*, vol. 2, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1978, pp. 147-175.
- FERNANDES, Barahona, *Egas Moniz, pioneiro de descobrimentos médicos*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1983.
- FERNANDES, H. Barahona, *Egas Moniz, pioneiro de descobrimentos médicos*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, M.E, 1983.

- FIGUEIREDO, Manuel de, “A terra e o homem” in: *Centenário de Egas Moniz*, vol. 2, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1978, pp. 331-336.
- FIGUEIREDO, Pacheco de, “O Prof. Egas Moniz. Homenagem da Escola Médico-Cirúrgica de Goa. Alocução proferida pelo Director da Escola Prof...., na sessão solene de abertura das aulas (1950-1951)” in *Escola Médico-Cirúrgica de Gôa (Alocuções proferidas pelo Director da Escola Médico-Cirúrgica, Prof. Pacheco de Figueiredo)*, s.d, pp. 3-11.
- FLORES, António, *Lição final do curso de neurologia*, Lisboa, Editorial Império, 1952, 50 p.
- FREEMAN, Walter, “O vagaroso desenvolvimento da leucotomia pré-frontal em Portugal” in: *Centenário de Egas Moniz*, vol. 2, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1978, pp. 423-445.
- FREITAS, Divaldo Gaspar de, “O estudante coimbrão Egas Moniz” in: *Centenário de Egas Moniz*, vol. 2, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1978, pp. 207-219.
- GARCIA, Ápio, *Perfil de Egas Moniz. Prémio Nobel de Medicina e Fisiologia*, 4ª ed, Porto, Edição de "A Marginal", 1949.
- GONÇALVES, António Manuel, “Biografia” in: *Exposição Itinerante da Obra de Egas Moniz e Reynaldo dos Santos — Catálogo, 1982-1983*, s.l, Sociedade Portuguesa de Radiologia e Medicina Nuclear, 1982-1983, pp. 61-74.
- GUERRA, Miller, “Egas Moniz” in: *Centenário de Egas Moniz*, vol. 2, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1978, pp. 279-281.
- GUERRA, Miller, “Elogio de Egas Moniz” in: *Egas Moniz. Reynaldo dos Santos — Últimas lições*, Lisboa, SPRMN, 1984, pp. 11-18.
- HITCHCOCK, Edward, “Psychosurgery in Britain” in: *Egas Moniz Centenary. Scientific Reports*, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1977, pp. 253-264.
- Homenagem (A) da Academia de Coimbra ao Prof. Egas Moniz*, Coimbra, Edição da Associação Académica, 1950.
- Homenagem dos habitantes da Vila do Avelar ao Excelentíssimo Professor Doutor Egas Moniz Primeiro Prémio Nobel de Portugal*, Avelar, 1950.
- HUBER, P, “Angiographic Evaluation of Cerebral Hemodynamics Facts, Hypotheses and Errors” in: *Egas Moniz Centenary. Scientific Reports*, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1977, pp. 75-84.
- JOHNSON, R. T, “Dural Angiomas and Venous Aneurysms” in: *Egas Moniz Centenary. Scientific Reports*, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1977, pp. 125-132.

- JÚNIOR, Moreira, “Egas Moniz, orador” in: *Sessão Plenária de Homenagem ao Eminente Académico Prof. Doutor Egas Moniz*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1940, pp. 13-22.
- KEATING, J. Azeredo, “Egas Moniz. As luzes e as sombras” in *A excelência da Investigação. Na essência da Universidade*, Coimbra, Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, pp. 37-40.
- KRAYENBÜHL, “History of Cerebral Angiography and its Development since Egas Moniz” in: *Egas Moniz Centenary. Scientific Reports*, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1977, pp. 63-74.
- LAITINEN, L. V, “Ethical Aspects of Psychosurgery” in: *Egas Moniz Centenary. Scientific Reports*, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1977, pp. 245-252.
- LE BEAU, J, “De la Leucotomie d'Egas Moniz à la Psychochirurgie Frontale Selective” in: *Egas Moniz Centenary. Scientific Reports*, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1977, pp. 173-184.
- LEITÃO, Joaquim, “Egas Moniz, escritor” in: *Sessão Plenária de Homenagem ao Eminente Académico Prof. Doutor Egas Moniz*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1940, pp. 27-31.
- LEY, A.; ROVIRA, M, “Spinal Cord Angiography: Its Value in the Diagnosis and Surgical Management of Intraspinal Vascular Malformations” in: *Egas Moniz Centenary. Scientific Reports*, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1977, pp. 41-51.
- LIGON, B. L, “The mystery of angiography and the "unawarded" Nobel Prize: Egas Moniz and Hans Christian Jacobaeus legacy” in *Neurosurgery*, Sep;43(3), 1998, pp. 602-611.
- LIMA, Almeida, “Egas Moniz, o Homem, a Obra, o Exemplo” in: *Centenário de Egas Moniz*, vol. 2, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1978, pp. 399-417.
- LIMA, Almeida, “MONIZ, António Caetano de Abreu Freire Egas” in: *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 13, Lisboa, Editorial Verbo, s.d, pp. 1209-1210.
- LUYENDIJK, Willem; HEKSTER, Ruben E. M, “Embolization of Highly Vascularized Tumors” in *Egas Moniz Centenary. Scientific Reports*, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1977, pp. 93-101.
- LUZES, Pedro, “Cem anos de psicanálise. Situação actual da psicanálise no mundo e em Portugal (1995)” in: LUZES, Pedro (Org.) — *Cem anos de psicanálise*, Lisboa, ISPA, 2002, pp. 19-32.

- LUZES, Pedro, "O desenvolvimento da psicanálise em Portugal" in: LUZES, Pedro, (Org.), *Cem anos de psicanálise*, Lisboa, ISPA, 2002, pp. 303-314.
- LUZES, Pedro, (Org.), *Cem anos de psicanálise*, Lisboa, ISPA, 2002. 318 p.
- MADAHIL, António Gomes da Rocha, *Instituição da "Fundação Egas Moniz" e da sua "Casa-Museu" em Avanca*, Separata do Arquivo do Distrito de Aveiro, Aveiro, Of. de Coimbra Editora, 1966, Vol. 32.
- MALPIQUE, Cruz, *Egas Moniz. Um paradigma como professor-investigador universitário. Considerações marginais*, Aveiro, s.e, 1969.
- MARQUES, A.H. Oliveira — "MONIZ, Egas". In: *Dicionário de maçonaria portuguesa*, vol. 2, Lisboa, Editorial Delta, 1986, pp. 994-995.
- MARQUES, António de Vasconcellos, "Angiografia cerebral" in: *Centenário de Egas Moniz*, vol. 2, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1978, pp. 137-141.
- MARQUES, António de Vasconcellos, "Nota de abertura" in: *Egas Moniz Centenary. Scientific Reports*, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1977, pp. 7-8.
- MARQUES, António de Vasconcellos, "Nota de abertura" in: *Centenário de Egas Moniz*, vol. 2, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1978, pp. 7-8.
- MARQUES, Juvenal Silva, "Egas Moniz e o Brasil" in: *Centenário de Egas Moniz*, vol. 2, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1978, pp. 301-329.
- MATA, Caeiro da, "Egas Moniz, homem de Estado" in *Sessão Plenária de Homenagem ao Eminentíssimo Académico Prof. Doutor Egas Moniz*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1940, pp. 7-11.
- MELO, António Rocha e, "Egas Moniz e a neurocirurgia" in: PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui (Organização) — *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, MinervaCoimbra, 2000, pp. 113-124.
- MELO, Boaventura Pereira de, *Viagem que o Prof. Egas Moniz fez ao Brasil em 1928 em missão científica. Discurso que proferiu na Academia Brasileira de Letras*, Aveiro, s.e, 1973, 22 p.
- MENDES, Daniel Nobre — "Egas Moniz — O Homem e o Cientista". In: *Centenário de Egas Moniz*, vol. 2, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1978, pp. 195-205.
- MENDONÇA, Fernando — "Egas Moniz e a pintura", in *Três ensaios sobre pintura*, Estarreja, Câmara Municipal de Estarreja, 1999, [p. 1-4].
- MENDONÇA, Fernando, "O estudante de Coimbra — Egas Moniz" in: *Egas Moniz, 120 anos. 1874-1994*, Estarreja, Câmara Municipal de Estarreja, [pp. 8-9].

- MILHEIRO, Jaime, “Contributos de Egas Moniz para a psiquiatria e para a psicanálise” in: PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui, (Organização), *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, Minerva, 2000, pp. 165-174.
- MILLER, Laurence, “Psychosurgery” in: MAGILL, Frank N, (Ed.), *International Encyclopedia of Psychology*, London, Fitzroy Deaton Publishers, 1996, pp. 1356-1359.
- MONTEIRO, Hernâni, “1ª Comunicação sobre linfografia, 1931” in: *Os pioneiros do método angiográfico*, 2ª ed, Lisboa, Sociedade Portuguesa de Angiografia e Medicina Nuclear, 1977, pp. 39-41.
- MORAES LANDÍVAR, Oscar, “Egas Moniz — su aporte a la medicina” in: *Centenário de Egas Moniz*, vol. 2, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1978, pp. 389-398.
- MOREIRA, Tiago, “*Large gain for small trouble. The construction of cerebral angiography*”, Edimburgh, Msc. in Science and Technology Studies — The University of Edimburgh, 1996-1997.
- MOTA, Mário, “Egas Moniz, o Nobel português” in: *Centenário de Egas Moniz*, vol. 2, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1978, pp. 343-383.
- MOURA, Frederico de, “Egas Moniz — o investigador e o homem no polimorfismo dos seus interesses intelectuais e humanos” in: *1874-1974, no I centenário do nascimento de Egas Moniz*, Aveiro, Edição da Junta Distrital de Aveiro, 1975, pp. 37-57.
- NORLÉN, Gösta, “Importance of Angiography in Surgery of Intracranial Vascular Lesions” in: *Egas Moniz Centenary. Scientific Reports*, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1977, pp. 31-39.
- OBRADOR, S, “Actual Trends in the Surgical Treatment of Pain and Emotional Disorders” in: *Egas Moniz Centenary. Scientific Reports*, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1977, pp. 157-166.
- OLIVEIRA, J. Cândido, “Na inauguração do monumento a Egas Moniz” in: *Centenário de Egas Moniz*, vol. 2, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1978, pp. 261-263.
- PAIXÃO, Braga, “Egas Moniz nas Letras” in: *Centenário de Egas Moniz*, vol. 2, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1978, pp. 177-194.
- PERDIGÃO, José de Azeredo, “O Doutor António Caetano de Abreu Freire Egas Moniz, amador de arte” in: *Centenário de Egas Moniz*, vol. 2, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1978, pp. 283-299.

- PEREIRA, A. de Sousa, “1ª Comunicação sobre Portografia” in: *Os pioneiros do método angiográfico*, 2ª ed, Lisboa, Sociedade Portuguesa de Angiografia e Medicina Nuclear, 1977, pp. 51-55.
- PEREIRA, A. L. e PITA, J.R. (Org.), *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, Minerva, 2000.
- PEREIRA, Ana Leonor, e PITA, João Rui, (coord.), “Egas Moniz e a publicidade medicamentosa (1)” in *Jornalismo e Ciências da Saúde – Actas do II Congresso Luso-Brasileiro de Estudos Jornalísticos e do IV Congresso Luso Galego de Estudos Jornalísticos*, Porto, Universidade Fernando Pessoa, 2005, (CD), p. 401-406.
- PEREIRA, Ana Leonor, e PITA, João Rui, “Egas Moniz, Prémio Nobel. Materiais inéditos para uma biografia em rede” in *Munda*, N.ºs 45/46, Novembro, Coimbra, 2003.
- PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui, “Bibliografia seleccionada sobre Egas Moniz” in: PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui (Organização), *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, MinervaCoimbra, 2000, pp. 391-403.
- PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui, “Cronologia sumária da vida e obra de Egas Moniz” in: PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui (Organização), *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, MinervaCoimbra, 2000, pp. 381-387.
- PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui, “Egas Moniz: uma apresentação” in: PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui, (Organização), *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, MinervaCoimbra, 2000, pp. 19- 37.
- PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui; RODRIGUES, Rosa Maria, *Retrato de Egas Moniz*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1999.
- PEREIRA, José Morgado, “O início da leucotomia em Portugal e a querela entre Egas Moniz e Sobral Cid” in PEREIRA, Ana Leonor e PITA, João Rui, (Org.), *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, Minerva, 2000, pp. 151-161.
- PIMENTA, A. Matos; OKAMURA, Minoru; PIMENTA, Luís Henrique de Matos, “A Lamellar Circulation in the Sinus Longitudinalis Superior? Biochemicals Findings” in: *Egas Moniz Centenary. Scientific Reports*, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1977, pp. 133-137.
- PINTO, Lino, *O Direito e a Medicina nos Testamentos dos Alcoolicos. Um Parecer Medico-Legal do Sabio Professor Dr. Egas Moniz. Á face do direito, as fotografias serão documentos, e sobre elas poderá arguir-se a falsidade???* (*Minutas, Alegações, Articulados*). (*Á volta d'uma acção de anulação de testamento*), Lisboa, s.e, 1934, 40 p.
- Pioneiros (Os) do método angiográfico*, 2ª ed, Lisboa, Sociedade Portuguesa de Angiografia e Medicina Nuclear, 1977, 55 p.
- PITA, António Pedro, “Arte, animal domesticado. A questão da arte na obra de Egas Moniz” in: PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui (Organização) — *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, Minerva, 2000, pp. 223-234.

- POLÓNIO, Pedro, “Egas Moniz e a terapêutica psiquiátrica” in: *Centenário de Egas Moniz*, vol. 2, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1978, pp. 419-421.
- PORTELA, Luís, “Egas Moniz” in: PORTELA, Luís, *Esvoaçando*, Porto, Edições Asa, 1999, pp. 97-100.
- RAMOS, Albano, “Egas Moniz criador de radiologia” in: *Centenário de Egas Moniz*, vol. 2, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1978, pp. 107-129.
- RASTEIRO, Alfredo, “Egas Moniz, pupilas e queratoplastias, 1946” in: PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui, (Organização), *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, MinervaCoimbra, 2000, pp. 331-341.
- RATO, Octávio Ribeiro, “Contribuição de Egas Moniz à pneumologia” in: *Centenário de Egas Moniz*, vol. 2, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1978, pp. 385-387.
- REBELO, Fernando, “Discurso do Presidente da Academia” in: *A Homenagem da Academia de Coimbra ao Prof. Egas Moniz*, Coimbra, Edição da Associação Académica, 1950, pp. 3-8.
- REGO, Alberto, *Egas Moniz visto por um condiscípulo*, Coimbra, Tip. Gráfica de Coimbra, 1939.
- RICARDO JORGE, “Prefácio” in MONIZ, Egas, *Júlio Deniz e a sua obra*, Lisboa, Casa Ventura Henriques, 1914, 3ª Edição, I Volume, p.XV e XVI
- RODRIGUES, Rosa Maria, “Egas Moniz. O encontro espiritual com o belo” in: PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui (Organização), *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, Minerva, 2000, pp. 323-327.
- RODRIGUES, Rosa Maria, “Homenagem a Egas Moniz” in: *Egas Moniz, 120 anos. 1874-1994*, Estarreja, Câmara Municipal de Estarreja, [pp. 23-24].
- SÁ, Victor de, “A personalidade política de Egas Moniz” in: *1874-1974, no I centenário do nascimento de Egas Moniz*, Aveiro, Edição da Junta Distrital de Aveiro, 1975, pp. 9-22.
- SALDANHA, Aleu, “A Escola Portuguesa de Angiografia” in: *Os pioneiros do método angiográfico*, 2ª ed, Lisboa, Sociedade Portuguesa de Angiografia e Medicina Nuclear, 1977, pp. 7-10.
- SALDANHA, Aleu, “Egas Moniz — O cientista e o homem” in: *Centenário de Egas Moniz*, vol. 2, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1978, pp. 131-136.
- SALVADO, Pedro Miguel, “Egas Moniz e o Concelho de Castelo Branco. Pôr a memória à luz” in: *Egas Moniz — "Itinerários Albicastrenses". Evocação do Professor Egas Moniz (Prémio Nobel da Medicina - 1949)*, Castelo Branco, Jornadas de História da Medicina na Beira Interior, 2000, pp. 2-7.

- SANO, Keiji, “Emotional Behaviour and the Hypothalamus in the light of stereotaxic surgery — Commemoration of Prof. Egas Moniz” in: *Egas Moniz Centenary. Scientific Reports*, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1977, pp. 185-194.
- SANTOS, Cid dos, “1ª Comunicação sobre Flebografia Directa, 1938” in: *Os pioneiros do método angiográfico*, 2ª ed, Lisboa, Sociedade Portuguesa de Angiografia e Medicina Nuclear, 1977, pp. 43-49.
- SANTOS, Cid dos, “Aortografia e angiografia dos membros” in: *Centenário de Egas Moniz*, vol. 2, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1978, pp. 265-273.
- SANTOS, Reynaldo, “Elogio [de Egas Moniz] por Reynaldo dos Santos” in: *Exposição Itinerante da Obra de Egas Moniz e Reynaldo dos Santos — Catálogo, 1982-1983*, s.l, Sociedade Portuguesa de Radiologia e Medicina Nuclear, 1982-1983, pp. 99-103.
- SANTOS, Reynaldo dos, “1ª Comunicação sobre Aorto e Arteriografia dos Membros” in: *Os pioneiros do método angiográfico*, 2ª ed, Lisboa, Sociedade Portuguesa de Angiografia e Medicina Nuclear, 1977, pp. 29-33.
- SANTOS, Reynaldo dos, “Egas Moniz e a sua descoberta da arteriografia cerebral” in: *Sessão Plenária de Homenagem ao Eminentíssimo Académico Prof. Doutor Egas Moniz*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1940, pp. 23-26.
- SCOVILLE, William Beecher, “Happy Memories and Abstracts of the First International Psychosurgical Congress and the Second and the Third” in: *Egas Moniz Centenary. Scientific Reports*, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1977, pp. 195-211.
- SEABRA-DINIS, J, “Alguns aspectos da personalidade de Egas Moniz” in: SEABRA-DINIS, J, *Perspectiva Humana I*, Lisboa, Portugália Editora, 1966, pp. 37-55.
- SEABRA-DINIS, J, “Neuropsiquiatras portugueses” in: SEABRA-DINIS, J, *Perspectiva Humana — I*, Lisboa, Portugália Editora, 1966, pp. 11-95.
- SERRA, Adriano Vaz, “Egas Moniz: análise histórica da sua contribuição para a psiquiatria”, *Publicações do Museu Nacional da Ciência e da Técnica*, Coimbra, 4, 1974, pp. 71-83.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal [1890-1910]*, Lisboa, Editorial Verbo, 1995.
- SILVA, A. C. Pacheco e, “Egas Moniz — Sábio e escritor” in: *Centenário de Egas Moniz*, vol. 2, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1978, pp. 9-24.
- SILVA, Armando Malheiro da, “Egas Moniz e a política. Notas avulsas para uma biografia indiscreta” in: PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui, (Organização), *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, MinervaCoimbra, 2000, pp. 237-311.

- SILVA, Mário, “Egas Moniz — político e diplomata”, *Publicações do Museu Nacional da Ciência e da Técnica*, Coimbra, 4, 1974, pp. 41-52.
- SILVA, Mário, “Egas Moniz estudante de Coimbra”, *Publicações do Museu Nacional da Ciência e da Técnica*, Coimbra, 4, 1974, pp. 85-89.
- SILVA, Martins da, “Nota Prévia” in: *Exposição Itinerante da Obra de Egas Moniz e Reynaldo dos Santos — Catálogo, 1982-1983*, s.l, Sociedade Portuguesa de Radiologia e Medicina Nuclear, 1982-1983, pp. 11-12.
- SINGER, Sanford S, “Lobotomy” in MAGILL, Frank N. — *International Encyclopedia of Psychology*, London-Chicago, Fitzroy Dearborn Publishers, 1996, pp. 1001-1004.
- SOUSA, Armando Tavares de, “Egas Moniz — Escolar e Doutor da Universidade de Coimbra” in: *Centenário de Egas Moniz*, vol. 2, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1978, pp. 29-61.
- SOUSA, Armando Tavares de, “Egas Moniz, Escolar e Doutor da Universidade de Coimbra” in: PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui (Organização) — *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, Minerva Coimbra, 2000, pp. 69-94.
- SOUSA, Armando Tavares de, “Egas Moniz, Escolar e Doutor pela Universidade de Coimbra”, *Publicações do Museu Nacional da Ciência e da Técnica*, Coimbra, 4, 1974, pp. 5-40.
- SOUSA, Ayres de, “Egas Moniz e os problemas técnicos da angiografia” in: *Centenário de Egas Moniz*, vol. 2, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1978, pp. 141-146.
- SWAZEY, Judith P, “Egas Moniz, António Caetano de Abreu Freire” in: GILLISPIE, Charles Coulston — *Dictionary of Scientific Biography*, New York, Charles Scribners Sons, 1971, pp. 286-287.
- Symposium Internacional Comemorativo da 1ª Arteriografia por Egas. Anfiteatro da Fundação Gulbenkian — Lisboa, 3 e 4 de Junho de 1977 — Programa*, Lisboa, 1977.
- Symposium Internacional Comemorativo da 1ª Arteriografia por Egas. Anfiteatro da Fundação Gulbenkian — Lisboa, 3 e 4 de Junho de 1977 — Resumo das Comunicações*, Lisboa, 1977.
- TAVARES, Abel Sampaio, “Os métodos angiográficos na investigação experimental” in: *Centenário de Egas Moniz*, vol. 2, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1978, pp. 63-106.
- VAERNET, Kjeld, “Neurologic Surgery in Behaviour Disorders” in: *Egas Moniz Centenary. Scientific Reports*, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1977, pp. 233-244.

- VERBIEST, Henk, “Artificial Slow Flow Carotid Angiography Merits of a Failure” in: *Egas Moniz Centenary. Scientific Reports*, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1977, pp. 19-30.
- WALKER, A. Earl, “The Historical Setting for the Advent of Psychosurgery” in: *Egas Moniz Centenary. Scientific Reports*, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1977, pp. 145-156.
- ZÜLCH, K. J.; LECHTAPE-EINSIEDEL, H, “The Significance of Angiography for the Diagnosis of Cerebrovascular Disease” in: *Egas Moniz Centenary. Scientific Reports*, Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz, 1977, pp. 53-62.

Bibliografia Geral

- ADAM, Barbara, *Time & Social Theory*, Cambridge, Polity Press, 1990.
- ATHIAS, Marck, “O Cinquentenário da Teoria do Neurónio,” in *Actualidades Biológicas*, 1941, 14, p. 6-64.
- ATHIAS, Marck, “Os movimentos ameboides dos neurones” in *Revista Portuguesa de Medicina e Cirurgia Práticas*, 1898, nº 45, 2º Ano.
- ATHIAS, Marck, “Santiago Ramón y Cajal. 1852-1934” in *Lisboa Médica*, Lisboa, 1934, 11, p. 831-853.
- BARTHES, Roland, *Sade, Fourier, Loyola*, Paris, Seuil, Collection “Points”, 1971.
- BARTHES, Roland, *Sade, Fourier, Loyola*, Paris, Seuil, Collection “Points”, 1971.
- BOCAGE, M. M. Barbosa du, *Obra Completa*, Porto, Edições Caixotim, 2004, *Volume I. Sonetos*.
- BOMBARDA, Miguel, *A consciência e o livre arbítrio*, Lisboa, António Maria Pereira, 1898.
- BOMBARDA, Miguel, *A ciência e o jesuitismo. Réplica a um padre sábio*, Lisboa, António Maria Pereira, 1900.
- BOMBARDA, Miguel, *Os neurones e a vida psíquica*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1897.
- BOURDIEU, Pierre, «L’illusion biographique» in *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, 62/63, pp. 69-72, juin, 1986.
- BRAGA, Teófilo, *História das ideias republicanas em Portugal*, Lisboa, Nova Livraria Internacional, 1880.
- BRAGA, Teófilo, *Systema de Sociologia*, Lisboa, Tipografia castro e Irmão, 1884.
- BROWN, R. H, *Toward a Democratic Science: Scientific narration and Civic Communication*, Yale, Yale University Press, 1998.
- BUTTERFIELD, Herbert, *The Whig Interpretation of History*, New York, W. W. Norton, [1939], 1965.
- BUTTERFIELD, Herbert, *The origins of modern science*. Revised Edition, New York, The New Press, 1965.

- CABRAL, Alexandre, *Dicionário de Camilo Castelo Branco*, Lisboa, Editorial Caminho, 1988, p.441.
- CAJAL, Santiago Ramon y, “Neurons: Structure and Connexions” in AAVV, *Nobel Lectures, Physiology or Medicine 1901-1921*, Amsterdam, Elsevier Publishing Company, 1967.
- CAJAL, Santiago Ramón y, *El mundo visto a los 80 años. Impresiones de un arterioesclerótico*, Madrid, Tipografía Artística, 1934.
- CAJAL, Santiago Ramón y, *Mi infancia y juventud*, Buenos Aires, Espasa-Calpe, 1952.
- CALLON, Michel, “Some Elements of a Sociology of Translation: Domestication of the Scallops and the Fishermen of St. Brieuc Bay.” in *Power, action and belief. A new sociology of Knowledge?* edited by J. Law. London: Routledge & Kegan Paul, 1986.
- CARLYLE, Thomas, *On heroes, hero-worship and the heroic in history*, New York, Frederick A. Stokes and Brother, 1888. Também disponível em [www <URL: http://www.questia.com>](http://www.questia.com)
- CATROGA, Fernando, “A importância do positivismo na consolidação da ideologia republicana em Portugal” in *Separata de Biblos – LIII – Homenagem a Victor Matos de Sá*, Faculdade de Letras da UC, Coimbra, 1977.
- CHARTIER, Roger, *A história cultural entre práticas e representações*, Lisboa Difel, 1988.
- CORTESÃO, Jaime, *A Arte e a Medicina. Antero de Quental e Sousa Martins*, Coimbra, Tipografia França Amado, 1910.
- COSTA, A. Celestino da, “Abel Salazar histologista” in *Separata da Portocale*, I, Nºs 5 – 8 (Set.-Dez. 1946), Porto, 1946.
- CRAWFORD, Elisabeth, (Edit), *Historical Studies in the Nobel Archives. The Prizes in Science and Medicine*, Tokyo, Universal Academy Press, 2002.
- CUNHA, Maria Adelaide Coelho da, *Doida não!*, Porto, Tipografia Fonseca, 1920.
- DALGADO, D. G, *Mémoire sur la vie de l'Abbé de Faria*, Paris, Henri Jove, 1906.
- ECO, Umberto, *Interpretação e sobreinterpretação*, Lisboa, Presença, 1993.
- ELIAS, Norbert, *O Processo Civilizacional*, Lisboa, Dom Quixote, 2006.
- ELIAS, Norbert, *Norbert Elias por ele mesmo*, Rio de Janeiro, Zahar, 2001.
- ELIAS, Norbert, *A Sociedade dos Indivíduos*, Lisboa, Dom Quixote, 1993.
- ELIAS, Norbert, *Introdução à Sociologia*, Lisboa, Edições 70, 2005.
- ELIAS, Norbert, *Involvement and Detachment*, The Collected Works of Norbert Elias, Vol. 8, Dublin, University College Dublin Press, 2007.

- EPSTEIN, William H, (1991), *Contesting the subject. Essays in the Postmodern Theory and Practice of Biography and Biographical Criticism*, Indiana, Purdue University Press.
- FERNANDES, H. Barahona, *Antropociências da Psiquiatria e da Saúde Mental. I O Homem Perturbado*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.
- FOUCAULT, Michel, “La vie des hommes infâmes” in *Dits et écrits, 1954-1988, III, 1976-1979*, Paris, Gallimard, 1994
- FREUD, Sigmund, “Heredity and the aetiology of the neuroses” in *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, Vol. III (1893-1899), Early Psycho-Analytic Publications, London, The Hogarth Press and the Institute of Psycho Analysis, 1981.
- FREUD, Sigmund, *Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância/O Moisés de Michelangelo*, Rio de Janeiro, Imago, 1997.
- FREUD, Sigmund, *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci*, Lisboa, Relógio d'Água, 2007.
- GALTON, Francis, *Natural inheritance*, London, Richard Clay and Sons, 1889.
- GARNEL, Maria Rita Lino, *Vítimas e violência na Lisboa da I República*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007.
- GOLGI, Camillo, “The Neuron Doctrine – Theory and Facts” in AAVV, *Nobel Lectures, Physiology or Medicine 1901-1921*, Amsterdam, Elsevier Publishing Company, 1967.
- GOMES, António Sousa, “Sidonismo e Salazarismo” in *Diário da Manhã* de 24 de Julho de 1933.
- GOUDSBLOM, Johan and Mennel, Stephen, (Eds.), *The Norbert Elias Reader*, Oxford, Blackwell Publishers, 1998.
- HAWES, James, *Excavating Kafka*, London, Quercus, 2008.
- HESS, Walter Rudolf, *The Biology of Mind*, Chicago, The University of Chicago Press, 1964.
- HIRSCH, I. Seth, “I can peer into your stomach and foretell your future” in *Popular Science*, July, New York, 1928.
- JACOBÆUS, H. C, in Arquivos Nobel, Estocolmo, Karolinska Institutet, 1933.
- JEANNEROD, Marc, “Organisation et désorganisation des fonctions mentales: le syndrome frontal, *Revue de Métaphysique et de Morale*, nº 2, 1992, pp. 235-253.
- JEANNEROD, Marc, *Sobre a fisiologia mental. História das relações entre Biologia e Psicologia*, Lisboa, Instituto Piaget, 2000.
- KLATZO, Igor, *Cécile and Oskar Vogt: The visionaries of modern neuroscience*, New York, Springer Verlag-Wien, 2002.

- KRAGH, Helge, *Introdução à história da ciência*, Porto, Porto Editora, 2001.
- KUHN, Thomas S, *The Structure of Scientific Revolutions*, Chicago, University of Chicago Press, 1962.
- LAHIRE, Bernard, “Patrimónios individuais de disposições. Para uma sociologia à escala individual” in *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 49, 2005, p. 17-18
- LARANJEIRA, Manuel, *O Pessimismo Nacional, ou de como os portugueses procuram soluções de esperança em tempos de crise social*, Lisboa, Padrões Culturais Editora, [1908], 2008
- LATOUR, Bruno, *Science in Action: How to Follow Scientists and Engineers through Society*, Cambridge, University Press, 1987.
- LE BON, Gustave, *Psychologie des foules*, Paris, PUF, 1981.
- LEMOS, Mário Matos e, “O duelo em Portugal depois da implantação da República” in *Revista de História das Ideias, Rituais e Cerimonial*, Coimbra, Instituto de História e Teoria das Ideias, 1993, 15, pp. 580-592
- LOMBROSO, Cesare, *Hipnotismo et spiritismo*, Paris, Ernest Flammarion, 1911.
- LUIS, Agustina Bessa, *Loucos e Amantes*, Lisboa, Guimarães Editores, 2005
- MARTINS, Hermínio, *Hegel, Texas e outros Ensaio de Teoria Social*, Lisboa, Edições Século XXI, 1996.
- MASHOUR, George A, WALKER ERIN E, and MARTUZA, Robert L, “Psychosurgery: past, present and future” in *Brain Research Reviews*, 48, 2005, pp. 409–419.
- MATTOSO, José, *D. Afonso Henriques*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2006.
- MERTON, Robert K, *Social Theory and Social Structure*, New York, Free Press, 1957
- MERTON, Robert K, “The Matthew effect in science”. in *Science*, 159 (3810): 56-63, January 5, 1968.
- MERTON, Robert K, “The normative structure of science” in *The Sociology of Science. Theoretical and Empirical Investigations*, Chicago, The University of Chicago Press, 1973, pp.267-278.
- MILLS, C. Wright, *The sociological imagination*, New York, Oxford University Press, 1999.
- NOBEL, Alfred Bernhard, Alfred Nobel’s will, Paris, 1895, at (<http://nobelprize.org/nobel/alfred-nobel/biographical/will/will-full.html>).
- NORTON, José, *Norton de Matos. Biografia*, Lisboa, Bertrand, 2002.
- OLIVEIRA MARQUES, A. H. de, *História de Portugal*, Lisboa, Palas Editores, 1986.
- OVSIEW, F, and FRIM, D. M, “Neurosurgery for psychiatric disorders” in *Journal of Neurology, Neurosurgery and Psychiatry*, 63, 1997, pp. 701-705.

- PAPPWORTH, M. H, *Human Guinea Pigs. Experimentation on men*, London, Penguin Books, 1967.
- PEREIRA, José Pacheco, “MEMÓRIAS DA BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO (Actualizadas)” no [Blogue] *Abrupto*, 2005, (http://abrupto.blogspot.com/2005_03_01_abrupto_archive.html#110970604070497573)
- PEREIRA, A. L, *Darwin em Portugal. 1865-1914. Filosofia, História, Engenharia Social*, Coimbra, Almedina, 2001.
- PEREIRA, Ana Leonor, “Eugenia em Portugal?” in *Revista de História das Ideias*, 20, 1999, pp. 531-600.
- PEREIRA, Mário Eduardo Costa, “Morel e a questão da degenerescência” in *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 11, nº 3, pp. 490-496, Setembro de 2008
- PICHOT, André, *O eugenismo: geneticistas apanhados pela filantropia*, Lisboa, Instituto Piaget, 1997
- PINHEIRO, Magda, *Mousinho de Albuquerque: um intelectual na revolução*, Lisboa, Quetzal, 1992.
- QUAY, Sara E, *Westward Expansion. American Popular Culture Through History*, Westport, Conn, Greenwood Press, 2002. (p. 249 “civilizing markers”)
- RAMOS, Rui, *D. Carlos*, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2006.
- RAMOS, Rui, *João Franco e o fracasso do Reformismo Liberal (1884-1908)*, Lisboa Instituto de Ciências Sociais, 2001.
- RELVAS, José, *Memórias Políticas*, Vol. I, Lisboa, Terra Livre, 1977.
- REYNAUD, Alain, *Société, espace et justice*, Paris, PUF, 1981.
- SALAZAR, Abel, *A Socialização da Ciência*, Lisboa, Editora Liberdade, 1933.
- SANTANA, Manuel Fernandes, *O materialismo em face da ciência*, Tipografia da Casa Católica, Lisboa, 1899.
- SANTOS, Boaventura Sousa, “Estado e sociedade na semi-periferia do sistema mundial: o caso português” in *Análise Social*, Vol. XXI, (87-88-89), 3º-4º - 5º, 1985, pp. 869-901.
- SANTOS, Boaventura Sousa, *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. Porto, Edições Afrontamento, 1994.
- SANTOS, José Ribeiro dos, “O último duelo que se travou em Lisboa” in *História*, Lisboa, O Jornal, 1981, Março, Nº 29, p. 5.
- SARDINHA, António, “O Génio de Camilo” in SAAVEDRA Machado (Coord.), *In Memoriam de Camillo*, Lisboa, Casa Ventura Abrantes, 1925, p. 634

- SILVA, Armando Malheiro da, *Sidónio e o Sidonismo. História de um caso político*, Coimbra, IUC, 2006, Vol. 2.
- SIMÕES, Ana, DIOGO, Maria Paula e CARNEIRO, Ana, *Cidadão do Mundo. Uma Biografia Científica do Abade Correia da Serra*, Porto, Porto Editora, 2006.
- SOBRAL-CID, José de Matos, *Obras*, Vol. I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.
- TORGAL, Luis Reis, *História e Ideologia*, Coimbra, Minerva, 1989.
- TORGAL, L. R., AMADO MENDES, J. M., e CATROGA, F., *História da História de Portugal. Séculos XIX-XX. Vol I – A História através da História*, Coimbra, Temas e Debates, 1998.
- TORGAL, Luís Reis, *António José de Almeida e a República*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2004.
- VAZ, Júlio Machado, “Prefácio” em MONIZ, Egas, *A Vida Sexual. Fisiologia e Patologia*, Lisboa, Casa Ventura Abrantes, (15ª Edição facsimilada), Estarreja, Câmara Municipal de Estarreja, 2009.
- WALKER, Cheryl, “Persona Criticism and the death of the Author” in EPSTEIN, William H., *Contesting the subject. Essays in the Postmodern Theory and Practice of Biography and Biographical Criticism*, Indiana, Purdue University Press, 1991, pp. 109-133.
- WEBER, Max, *O Político e o Cientista*, Lisboa, Presença, 1979.
- WISHART, David, “The selectivity of historical representations” in *Journal of Historical Geography*, 1997, 23, 2, p. 111-118.
- ZUCKERMAN, Harriet, *Scientific elite. Nobel laureates in the United States*, New York, Free Press, 1977.

Páginas Web consultadas

[António Egas Moniz- Wikipedia, the free encyclopedia](#)

António Caetano de Abreu Freire Egas Moniz(November 29, 1874 – December 13, 1955), known as Egas Moniz
en.wikipedia.org/wiki/António_Egas_Moniz

[António Egas Moniz - Wikipédia, a enciclopédia livre](#)

António Caetano de Abreu Freire Egas Moniz (Avanca, 29 de Novembro de 1874 — Lisboa, 13 de Dezembro de 1955) foi um médico, neurologista, investigador, ...
pt.wikipedia.org/wiki/António_Egas_Moniz

[António Egas Moniz - Wikipedia, la enciclopedia libre](#)

António Caetano de Abreu Freire Egas Moniz fue un psiquiatra y neurocirujano portugués. Nació en la villa de Avanca (Estarreja, distrito de Aveiro) el 29 de ...
es.wikipedia.org/wiki/António_Egas_Moniz

[Egas Moniz - wikidoc](#)

19 Jun 2008 ... António Caetano de Abreu Freire Egas Moniz, pron. IPA: [ˈɛgɐʃ muˈniʃ], (November 29, 1874 — December 13, 1955) was a Portuguese neurologist.
www.wikidoc.org/index.php/Egas_Moniz

[Museu Egas Moniz](#)

Egas Moniz – recorda-o - nos seus Cursos livres tinha sempre a as suas aulas cheias. Os alunos ouviam atentos e interessado o Mestre dissertar, ...
museuegasmoniz.cm-estarreja.pt/

[Egas Moniz - Biography](#)

Egas Moniz (Antonio Caetano de Abreu Freire) Egas Moniz was born in Avanca, Portugal, on November 29, 1874, the son of Fernando de Pina Rezende Abreu...
nobelprize.org/nobel_prizes/medicine/.../moniz-bio.html

[A Science Odyssey: People and Discoveries: Moniz develops lobotomy...](#)

Antônio Egas Moniz (1874-1955) of Portugal was an ambitious and multitalented person -- a neurologist, political figure, and man of letters...
www.pbs.org/wgbh/aso/databank/entries/dh35lo.html

Egas Moniz

(Blog de Álvaro Macieira Coelho, sobrinho-neto de Egas Moniz, Investigador em Biologia Molecular)

Egas Moniz made a prescient statement at the end of his last lecture when he retired from the Medical Faculty in 1944. He claimed that Neurology was at the...
egas-moniz.blogspot.com/

DR. EGAS MONIZ (1875-1955) (U. Illinois, Chicago)

Moniz who was born in Portugal, studied medicine in the University of Coimbra and neurology in Bordeaux and Paris. He returned to the University of Coimbra...
www.uic.edu/depts/mcne/founders/page0064.html

Antonio Egas Moniz (Portuguese neurologist) -- Britannica Online ...

Britannica online encyclopedia article on António Egas Moniz (Portuguese neurologist), Nov. 29, 1874Avança, Port. Dec. 13, 1955LisbonPortuguese neurologist...

www.britannica.com/EBchecked/topic/.../Antonio-Egas-Moniz

Egas Moniz

Portuguese neurologist Egas Moniz used surgery to physically sever nerve fibers between the brain's frontal lobes, interrupting the neurological pathway for ...
www.nndb.com/people/272/000128885/

Sabbatini, R.M.E.: A Brief Biography of Egas Moniz

Picture of Egas Moniz Antônio Caetano de Abreu Freire Egas Moniz, Portuguese physician and neurosurgeon, was born in Avanca, Portugal, on Nov. 29, 1847....
www.cerebromente.org.br/n02/historia/moniz.htm

Antonio Caetano De Abreu Freire Egas Moniz Winner of the 1949 ...

Antonio Caetano De Abreu Freire Egas Moniz, a Nobel Prize Laureate in Physiology and Medicine, at the Nobel Prize Internet Archive.
nobelprizes.com/nobel/medicine/1949b.html

Antonio Caetano de Abreu Freire [Egas Moniz](http://www.whonamedit.com) (www.whonamedit.com)
Antonio Caetano de Abreu Freire Egas Moniz: Portuguese surgeon, neurologist and statesman, born November 29, 1874 Avança, Portugal; died December 13, 1955,...
www.whonamedit.com/doctor.cfm/454.html

Antonio Egas Moniz Biography (1874-1955)

For much of his life, Egas Moniz divided his time between political action and medical research. The first decade of the twentieth century was a period...
www.faqs.org

Cerebral Angiography and Egas Moniz

By T Doby – 1992

In the early 1920s, Egas Moniz, professor of neurology in Lisbon,. Portugal, undertook a task no one really considered possible: the radiographic imaging...
www.ajronline.org/cgi/reprint/159/2/364.pdf

The Nobel Prize in Physiology or Medicine 1949

Antonio Caetano de Abreu Freire Egas Moniz. The Nobel Prize in Physiology or Medicine 1949 was divided equally between Walter Rudolf Hess "for his discovery ...
nobelprize.org/nobel_prizes/medicine/laureates/1949/

AllRefer.com - Egas Moniz (Medicine, Biography) - Encyclopedia

AllRefer.com reference and encyclopedia resource provides complete information on Egas Moniz, Medicine, Biographies. Includes related research links.
reference.allrefer.com/encyclopedia/M/Moniz-Eg.html

Gottlieb Burckhardt and Egas Moniz – Two Beginnings of Psychosurgery

File Format: PDF/Adobe Acrobat
by Z Kotowicz - 2005
lisher Masson and was authored by the Portuguese neurologist Egas Moniz ... Watts dedicated their monograph Psychosurgery To Egas Moniz, who first ...
www.gesnerus.ch/fileadmin/media/pdf/2005_1.../077-101_Kotowicz.pdf

sBMJ | The white cut: Egas Moniz, lobotomy, and the Nobel prize

In 1949 the Nobel prize was awarded to Egas Moniz, the neurologist who carried out the first lobotomy, a procedure that caused severe physical and ...
archive.student.bmj.com/issues/06/01/education/12.php

Egas Moniz

Blog de Manuel Correia

Blogue destinado a comparar, incluir, discutir, divulgar e criticar análises, testemunhos, bibliografias e opiniões acerca de Egas Moniz, vida, obra e tudo...
egasmoniz.blogspot.com/

EGAS MONIZ 1874-1955

Egas Moniz has often been referred to as a neurosurgeon. This hes not. in the preface which he wrote not long before he died to Egas Moniz's...
jn.physiology.org/cgi/reprint/19/2/196.pdf

vidas lusófonas (normais)

Autoria de João Sodré

1874: António Egas Moniz nasce, em Avanca, concelho de Estarreja, Beira Litoral. -
 1891: Matricula-se na Universidade de Coimbra....
www.vidaslusofonas.pt/egas_moniz.htm

Egas Moniz (1875–1955), the father of psychosurgery psychiatry

by P Fusar-Poli - 2008

In 1949 the Portuguese neurologist Antô nio Caetano de Abreu Freire Egas Moniz was jointly awarded the Nobel Prize in medicine with the ...
bjp.rcpsych.org/cgi/reprint/193/1/50.pdf

Ciência em Portugal - Personagens

Antonio Caetano de Abreu Freire Egas Moniz, nasceu em Avanca, concelho de Estarreja, em 29 de Novembro de 1874. Filho de Fernando Pina Resende Abreu
cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p12.html

Egas Moniz and Internal Carotid Occlusion

by JM Ferro - 1988

Egas Moniz and Internal Carotid Occlusion. José M. Ferro, MD. • Egas Moniz discovered cerebral angiography in 1927 and introduced leu- ...
archneur.highwire.org/cgi/reprint/45/5/563.pdf

Egas Moniz: Definition from Answers.com

António Caetano de Abreu Freire Egas Moniz (born Nov. 29, 1874, Avanca, Port. — died Dec. 13, 1955, Lisbon) Portuguese neurologist and statesman.
www.answers.com/topic/moniz-antonio-caetano-de-abreu-freire-egas

Modern psychosurgery before Egas Moniz: a tribute to Gottlieb...

by S Manjila - 2008

Interestingly, however, that landmark text was dedicated to Egas Moniz (1874–1955), the Portuguese neurologist whom the authors credited as the “first who...
thejns.org/doi/abs/10.3171/FOC/2008/25/7/E9

Egas Moniz and the origins of psychosurgery: a review ...

by AJ Tierney – 2000

Egas Moniz and the origins of psychosurgery: a review commemorating the 50th anniversary of Moniz's Nobel Prize. Tierney AJ. Department of Psychology...
www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11232345

Egas Moniz encyclopedia topics | Reference.com

Encyclopedia article of Egas Moniz at Reference.com compiled from comprehensive and current sources.

www.reference.com/browse/Egas+Moniz

JAMA -- Excerpt: ANTONIO EGAS MONIZ (1874-1955) PORTUGUESE ...

by A Caetano – 1968

ANTONIO EGAS MONIZ (1874-1955) PORTUGUESE NEUROLOGIST ... liberal pamphleteer he added the nom de plume Egas Moniz, an accolade to Egas Moniz de Ribadouro, ...

jama.ama-assn.org/cgi/content/summary/206/2/368

Egas Moniz - Definition

António Caetano de Abreu Freire Egas Moniz (November 29, 1874 - December 13, 1955) was a Portuguese physician and neurologist. He was born in Avanca,...

www.wordiq.com/definition/Egas_Moniz

Egas Moniz - Medical Definition

E-gas Mo-niz (ě-gäs mō-nēsh), Antonio de 1874-1955. Portuguese neurologist. He shared a Nobel Prize (1949) for advances in brain surgery. ...

www.yourdictionary.com/medical/egas-moniz

The Neglected Research of Egas Moniz of Internal Carotid Artery ...

Egas Moniz is generally remembered for having discovered cerebral angiography in 1927, and having introduced lobotomy as a form of treatment for mental ...

www.informaworld.com/smpp/.../content~db=all~content=a714016658

Biography: History of developments in imaging techniques: Egas ...

by BL Ligon - 2003

4 Nov 2005 ... Egas Moniz (Fig 1) was born the eldest son of an aristocratic family on November 29, 1874, at Avanca, Portugal, the estate that had been in...
linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S1045187003700296

[Definition "Egas Moniz" - Collins English Dictionary & Thesaurus ...](#)

Egas Moniz definition : Egas Moniz (Portuguese) n Antonio Caetano de Abreu Freire. 1874--1955, Portuguese neurologist: shared the Nobel prize for ...
dictionary.reverso.net/english-definition/Egas%20Moniz

[António Egas Moniz Biography - Biography.com](#)

Learn about the life of António Egas Moniz at Biography.com. Read Biographies, watch interviews and videos.

www.biography.com/articles/António-Egas-Moniz-39053

[António Egas Moniz \(Personalidades\) | e-escola](#)

25 fev. 2002 ... Egas Moniz contribuiu decisivamente para o desenvolvimento da medicina ao conseguir pela primeira vez dar visibilidade às artérias do...
www.e-escola.pt › [Personalidades](#)

[Egas Moniz como pioneiro da sexologia portuguesa](#)

4 jun. 2010 ... Egas Moniz, o único Nobel da Medicina português, debruçou parte da sua carreira ao estudo da sexualidade. Foi sobre o volume «A Vida Sexual» ...
www.cienciahoje.pt/index.php?oid=43160&op=all

[Egas Moniz, Antonio Caetano de Abreu Freire Biography - S9.com](#)

1874 - Born on the 29th of November in Avanca, Portugal.1902 - He returned to the University of Coimbra as Chairman of the Department of Neurology.1903 - He...
www.s9.com/Biography/Egas-Moniz-Antonio-Caetano-De-Abreu-Freire

[Egas Moniz – FREE Egas Moniz information | Encyclopedia.com: Find ...](#)

Egas Moniz – Encyclopedia.com has Egas Moniz articles, Egas Moniz pictures, video and information at Encyclopedia.com - a FREE online library.
www.encyclopedia.com/doc/1E1-Moniz-Eg.html

[Egas Moniz Articles from SENIORFITNESS.COM Free Article Directory](#)

Article Titles: A searchable, browsable, archive of articles about everything under the sun.

www.seniorfitness.com/Egas_Moniz_link.html

[Kotowicz Z. Gottlieb Burckhardt and Egas Moniz--two beginnings of ...](#)

Kotowicz Z. Gottlieb Burckhardt and Egas Moniz--two beginnings of psychosurgery. Gesnerus 62:77 (2005)
pubget.com/paper/16201322

Egas Moniz: Lobotomia Video

Watch Egas Moniz: Lobotomia and hundreds of other videos about lobotomía, egas moniz.
vodpod.com/watch/3006473-egas-moniz-lobotomia

History of the Brain

In 1936, Egas Moniz and his assistant Almeida Lima developed, ... Egas Moniz became paralyzed as result of a shot given by one of his ex-patients. ...
library.thinkquest.org/18299/the.htm

1955 Egas Moniz Life & Death Medal Physiology Nobel Pri – eBay ...

eBay: Find 1955 Egas Moniz Life & Death Medal Physiology Nobel Pri in the Coins Paper Money , Exonomia , Medals category on eBay.
cgi.ebay.com/1955-Egas-Moniz-Life...Pri-/310234961026

Wapedia - Wiki: AntónioEgas Moniz

9 maio 2010 ... **Estátua de Egas Moniz**, por Euclides Vaz, frente à Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa e Hospital de Santa Maria. ...
wapedia.mobi/pt/António_Egas_Moniz

Estátua do Professor Egas Moniz

28 maio 2009 ... **Estátua** de bronze realizada por Euclides Vaz, professor de medalhística e escultura, como homenagem devida ao Professor **Egas Moniz**, ...
marcasciencias.fc.ul.pt/pagina/fichas/objectos/freguesia?id...

ANEXOS

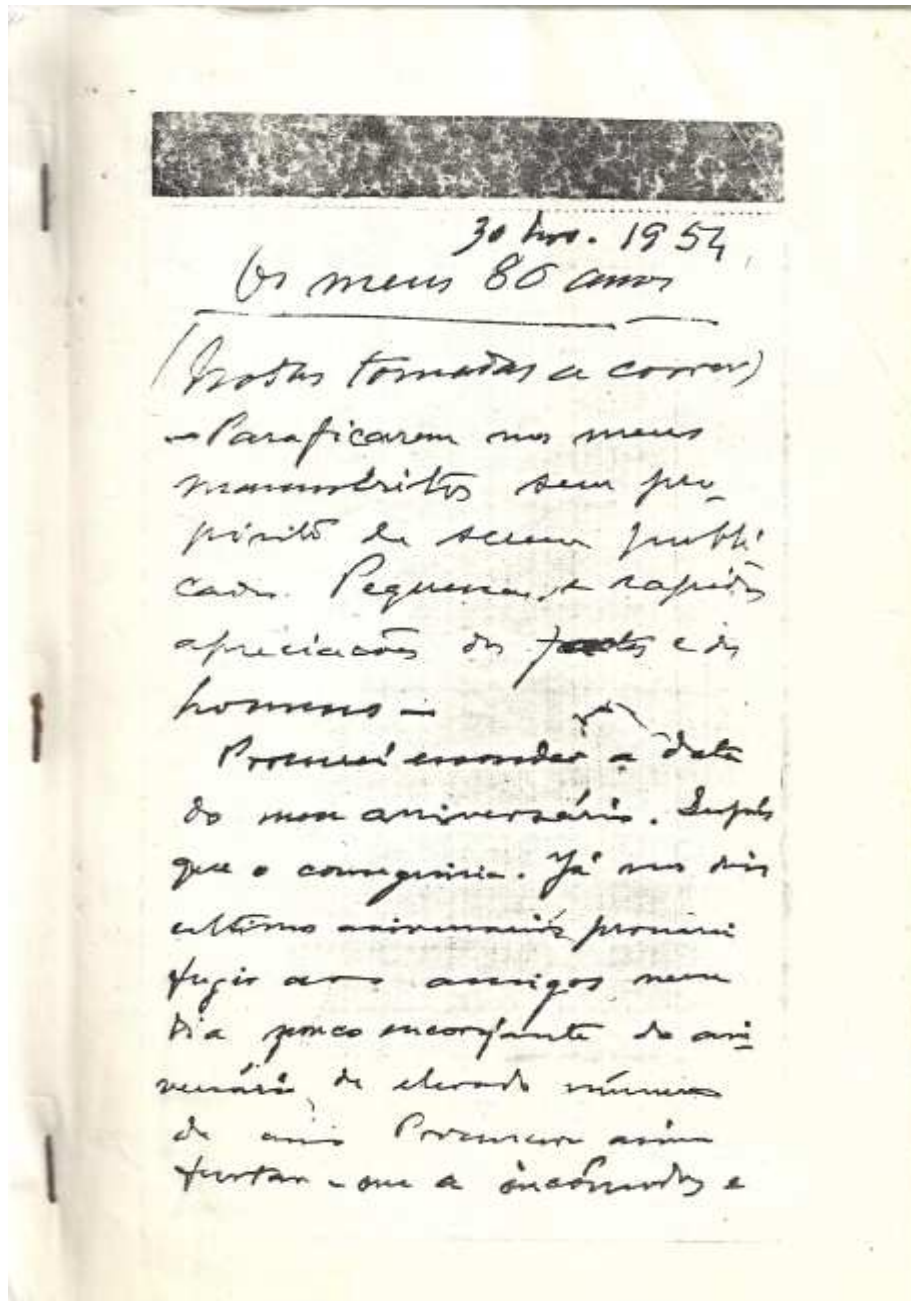
ÍNDICE DOS ANEXOS

| | |
|--|-----------|
| 1. DIÁRIOS MANUSCRITOS DE EGAS MONIZ EXISTENTES NO ESPÓLIO DO PSQUIATRA JOAQUIM SEABRA DINIS, CEDIDOS POR LINA SEABRA DINIS E ARMANDO MYRE DORES..... | 4 |
| 1.1. Os meus oitenta anos..... | 5 |
| 1.2. Apontamentos a propósito do Prémio Nobel..... | 19 |
| 2. RESPOSTA DO ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO À NOSSA SOLICITAÇÃO DE DADOS RELATIVOS AO PROCESSO DE EGAS MONIZ NA PIDE..... | 36 |
| 2.1. Carta de resposta..... | 37 |
| 2.2 - Cópia do registo de anulações da PIDE..... | 38 |
| 3. RESPOSTA DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E ARQUIVO DE IMAGEM DA CP. | 39 |
| 3.1. Fichas respeitantes à actividade de Egas Moniz no Serviço de Saúde da CP. Capa do Processo..... | 40 |
| 3.2. Fichas respeitantes à actividade de Egas Moniz no Serviço de Saúde da CP. Ficha de registo individual..... | 41 |
| 3.3 Fichas respeitantes à actividade de Egas Moniz no Serviço de Saúde da CP. Ficha de registo individual. Verso. | 42 |
| 3.4. Fichas respeitantes à actividade de Egas Moniz no Serviço de Saúde da CP. Ficha de registo individual. Formulário de Matrícula de Agente..... | 43 |
| 3.5. Fichas respeitantes à actividade de Egas Moniz no Serviço de Saúde da CP. Ficha de registo individual. Folha de Cadastro Disciplinar. | 44 |
| 4. ENTREVISTA DO ISJD JOSÉ JOAQUIM FERNANDES AO DOUTOR AIRES GAMEIRO..... | 45 |
| 4.1. Transcrição da entrevista videogravada. | 46 |

| | |
|---|------------|
| 5. OS LAUREADOS DO PRÉMIO NOBEL..... | 54 |
| 5.1 - ANOS DAS NOMEAÇÕES DE Egas MONIZ (1928, 1933; 1937, 1944, (1950) e Walter DANDY (1934 e 1936)..... | 55 |
| 5.3 Sexta nomeação de Egas Moniz (1950)..... | 58 |
| 6. DOCUMENTAÇÃO CONSULTADA NOS ARQUIVOS DA FUNDAÇÃO NOBEL, KAROLINSKA INSTITUTET, ESTOCOLMO..... | 60 |
| 6.1. Processo de nomeação de 1928..... | 61 |
| 6.2 Avaliação da candidatura de Egas Moniz em 1928..... | 65 |
| Hans Christian Jacobaeus | 65 |
| 6.3. Processo de nomeação de 1933..... | 67 |
| 6.4 - Avaliação da candidatura de Egas Moniz em 1933..... | 88 |
| Hans Christian Jacobaeus | 88 |
| 6.5. Processo de nomeação de 1937..... | 95 |
| 6.6 - Avaliação da candidatura de Egas Moniz em 1937..... | 107 |
| Herbert Olivecrona | 107 |
| 6.7. Processo de nomeação de 1944..... | 110 |
| 6.8 Avaliação da candidatura de Egas Moniz em 1944..... | 114 |
| Erik Essen-Möller | 114 |
| 6.9. Processo de nomeação de 1949..... | 122 |
| 6.10 - Avaliação da candidatura de Egas Moniz em 1949..... | 151 |
| Herbert Olivecrona | 151 |
| 6.11 SINTESE: Anos das nomeações, identidades dos nomeadores e motivos invocados..... | 158 |

1.Diários manuscritos de Egas Moniz existentes no espólio do Psiquiatra Joaquim Seabra Dinis, cedidos por Lina Seabra Dinis e Armando Myre Dores.

1.1. Os meus oitenta anos



Egas Moniz, Manuscrito policopiado, Espólio de Joaquim Seabra Diniz, cedido por Lina Seabra Diniz e Armando Myre Dores, (30/11/1954).

Os meus 80 anos

(Notas tomadas a correr) – Para ficarem nos meus manuscritos sem propósito de serem publicadas. Pequenas e rápidas apreciações de factos e de homens – Procurei esconder-lhes a data do meu aniversário. Supus que o conseguiria. Já nos dois últimos aniversários procurei fugir aos amigos num dia pouco encorajante do aniversário de elevado número de anos. Procurei assim furtrar-me a incómodos e

[2]

evitar que os amigos os tivessem por minha causa, preocupação constante da minha vida. Julgo isso dever inadiável, sobretudo nos velhos, que carregam sobre os outros, quando já os não podem compensar. Os velhos, como eu, são o peso morto da sociedade. Ainda tenho certa %%% mental mas a vida física tornou-se penosa. Com esta a pouca vontade de viver. A morte que me apavorava na adolescência aceito-a hoje como facto banal

[3]

que espero não tarde demasiado.

Como ia dizendo estimava que os 80 anos passassem silenciosamente sem alarido, sem manifestações amigas. Os Professores estão em más condições para esconder datas %%%. Aos 70 aposentação e há sempre um ou outro indiscreto que dá pela década que se segue. E assim sucedeu neste caso.

Um dia o Prof. Aléu Saldanha procurou-me no meu consultório da Rua do Alecrim, 105, para

[4]

me comunicar que recebera uma carta do Prof. Heins Lessen, procedente da sociedade de radiologia alemã, com o fim de me perguntar se aceitaria receber o diploma de Sócio Honorário da Sociedade a que pertença no dia dos meus 80 aniversário! Isto mesmo antes do dia 29 de Novembro. Foram os alemães os primeiros a denunciar os meus anos e a demonstrar que não podia passar a minha data natalí-

[5]

cia, sorrateiramente, sem ninguém dar por isso. Logo que souberam do convite os meus antigos companheiros de trabalho que com o Prof. Almeida Lima à frente organizaram uma espécie de livro comemorativo da data do meu

nascimento, já velho de 80 anos, volume que será formado por dois volumes da Medicina Contemporânea e iniciado por um artigo do Prof.

[6]

António Flores e que ainda está para aparecer seguido de outros artigos de cientistas estrangeiros, um de cada país.

Na Academia das Ciências também se falou do assunto e decidi por isso juntar com a família todos os que colaboraram nos meus trabalhos e descobertas, os meus discípulos, os meus familiares mais

[7]

íntimos, dois académicos: o Presidente Dr. Júlio Dantas e o Secretário da minha classe D. António Pereira Forjaz e os valores maiores da Psiquiatria, Barahona, Polónio e Soeiro, campo onde também desenvolvi a minha actividade.

Festa íntima que correu alegremente. No fim os meus antigos discípulos leram mensagens amigas da autoria de Almeida Lima, coberta de assinaturas e Aleu Saldanha fez-me numa bela alocução da

[8]

entrega do Diploma de Sócio Honorário da Sociedade de Radiologia. Também leu uma carta do presidente Heinz Lassau altamente lisonjeira para mim.

Agradei às pessoas amigas e aos familiares íntimos, e à família neurológica que, em 1911 se formou no Hospital de Santa Marta numa modesta instalação que, apesar dos

meus pedidos e dos bons propósitos de Duarte Pacheco, nunca consegui ver melho-

[9]

rada a não ser na criação de uma sala de operações e de uma instalação de um fraco aparelho de radiologia, o que se deve a um director do hospital, Prof. Carlos de Melo, querido amigo que recordo com a maior saudade e que, passando por cima de obstáculos, me deu os mínimos mas indispensáveis meios de trabalho, após as primeiras arteriografias conseguidas no serviço central

[10]

do hospital.

Do governo do ditador Salazar, homem de ideias curtas, a quem o colégio Calorina de Estocolmo deu o desgosto de me fazer Prémio Nobel, nunca tive nem auxílio para o meu serviço de neurologia – nem sequer sombra de reconhecimento para o que consegui para o nosso país, trazendo, pela primeira vez, para a grei que fala português, a mais alta distinção a que pode aspirar um homem de ciência. O ditador Salazar – o homem que não

[11]

sabe – a frase é sua – governar com oposição, apoiado no exército que o mantém no poder incensado pelos que carecem dos seus favores, benesses e dinheiros, tem prejudicado a mentalidade portuguesa e a moral do povo mesmo os que podem viver lutando fora do âmbito do poder, mesmo esses ajoelham perante o ídolo para receberem benefícios em grande parte ilícitos que esse ditador

[12]

Insiste em distribuir pelos %%% que lhe chamam o Grande homem da política internacional!!!

A sua vaidade fica satisfeita e a mentira segue. O A. Ferro que teve verba à larga para pagar livros a tanto a linha e fazer a divulgação do ditador Salazar, soube fazer fortuna ao lado da vaidade do homem que, com ser modesto, aparece a impor-se, mas raras vezes nas reuniões dos seus sequazes.

[13]

Nunca, desde que o ditador se instalou no poder, houve eleições. Uma burla a constituição da chamada Assembleia Nacional! Os recenseamentos são falsos, só se inscrevem os nomes daqueles que não podem fazer mal. Tocam a campanha das perseguições necessárias e não se admitem reclamações. Tudo é falso e porco; mas se algum protesta, cadeia ou então, com o epíteto

[14]

de comunista descem aos centros dos campos de concentração desde Peniche à Ilha do Sal. Toda a resistência é inútil. Não há fiscalização de mesas eleitorais, aqueles que as constituem são da grei ditatorial. As operações de apuramento são exclusivamente feitas, por mandatários do partido que a apoia sem que qualquer pessoa prove existir

[15]

fraude. Esta domina hoje tudo em Portugal! Uma arbitrariedade desta ordem mostra o reaccionarismo do ditador e a marcha retrógrada de um povo %%%.

O futuro mostrará um dia perante a história, o que foi este período mal-aventurado em que vivemos.

Mas voltemos ao assunto fundamental destas notas. O meu 80º aniversário foi acarinhado pelos meus companheiros de trabalho e mais alguns elementos que aderiram ao meu %%% fora do meu oficial. Pelo menos não houve a quem pagar o que

[16]

%% de uma subjugação servil! A todos estou muito reconhecido, mesmo àqueles que se mantiveram silenciosos por não desejarem perturbar as suas digestões. Alguns poucos particularmente, e como em segredo, me desejaram longa vida, o que aliás me não desvanece. Chegado ao fim da carreira; atinge-me o natural ocaso da existência. O que não me atemoriza.

De elementos oficiais nada me veio, nem o esperava. Liberal e democrata fiquei sem a mancha dessa

[17]

Saudação dos imperialistas autocratas que nos tolhem a respiração e estrangulam a expressão do pensamento. Deixá-los em paz na adoração dos seus ídolos, pequenos mandos que dão lugar e satisfação do ditador Salazar, o grande perseguidor (em alguma coisa há-de ser grande!) de todas as actividades intelectuais desta terra. Hoje foi a enterrar em Arganil Veiga Simões uma das suas vítimas. Mais um prazer para a sua sádica ambição de fazer mal aos que

[18]

pela inteligência valem mais do que ele!

Acabo de receber do México uma carta que ficou no meu arquivo em que, com frases de grande bondade, dão notícia da minha eleição para Sócio Honorário da Sociedade Cirúrgica do México. O dr. Suarez manda-me com as actas do sexto congresso de neuropsiquiatria, um retrato meu tirado à pressa por um artista mexicano! É o segundo retrato que tenho nas

[19]

Américas, obtidos longe do retratado e fundados apenas na informação fotográfica. O outro foi pintado por uma pensionista ou, melhor, internada da clínica brasileira de Juliano Moreira onde construíram um pavilhão com o meu nome. O Brasil! Terra abençoada onde todos me acarinhos onde, se lá estivesse me não faltariam

[20]

condições de trabalho que o Governo Português e, em especial, o ditador Salazar nunca consentiu que me dessem, apesar do Ministro das Obras Públicas Duarte Pacheco, um dos poucos competentes que acompanharam o ditador, me quis fazer. Homem sem escrúpulos, egocêntrico ou se submetem ao sobado que exerce entre brancos com espinha curva de negros ou são irradiados dos numerosos benefícios e dádivas dos dinhei-

[21]

-ros públicos, que todos pagam; mas que, em benefícios especiais, são só para amigos e servidores. O Exército está bem pago, através das manutenções militares e mesmo assim, à mais leve suspeita sua ou lacaios ou deportados para outro regimento ou expulsos da corporação.

O Ministro da Defesa, um tal capitão Costa recebeu há dias em %%% do %%% que ocupa, o D. Duarte homem pretendem-

[22]

-te a ser Rei de Portugal. O Presidente actual da República que, se não fosse a sujeição ao ditador poderia ser alguém grande, concorreu para voltar à normalidade constitucional reagindo discretamente a este e outros reptos monárquicos dizendo que o “findar de ¼ de século (para ser amável ao patrão) indicam claramente que estávamos em regime que

[23]

convinha ao país. E não precisávamos de governos extremistas (comunistas ou monárquicos) mantendo-se como Presidente da República, o que levou o Século em fundo de 4 ou 5 de Janeiro dizer “Muito bem sr. Presidente”.

Em 3 de Janeiro faleceu em Ponte de Lima o General Norton de Matos que foi, inquestionavelmente, o primeiro colonialista português. O luto

[24]

não se limitou aos democratas e liberais portugueses. Muita gente do norte, mesmo ligada ao governo, como o Presidente da Câmara de Ponte de Lima, se associaram ao pesar que atravessou o povo republicano de todo o País. Em Angola e sobretudo em Luanda, foi fundo o desgosto da população. Como em Ponte de Lima, o comércio fechou as portas em sinal de luto e pesar, pelo desaparecimento do grande homem de estado que deixou atrás de si, uma obra imor-

[25]

-redoura. Mesmo além fronteiras foi sentida a sua morte, especialmente nos meios coloniais ingleses onde era muito considerado e estimado. A Rainha Isabel II enviou-lhe os sentimentos. O ditador Salazar ficou mudo e estou certo que forçou o Presidente, que tem outra mentalidade e outros sentimentos, - assim o penso – a ficar inactivo.

O Ministro do Ultramar fez-se representar – sabe-se lá com que medo! – pelo Presidente da Câmara de Ponte de Lima. O ditador Salazar não deve ter gostado

[26]

da atitude do seu empregado- ministro. Pelo menos não consolidou o lugar. O ditador Salazar é suserano de ódios que nem a morte atenua. Não sabe fazer justiça a quem como Norton prestou mais serviços ao país do que todos os que nos governam com vexames e arremedos de desdém. E se eu os prezo, pois me

honram; não me conformo com atitudes ignominiosas como a que acaba de ter o ditador perante

[27]

a morte de um homem que, como Norton, salvou as nossas colónias na primeira grande guerra, fazendo-nos entrar nela, e deu o primeiro impulso ao engrandecimento de Angola. Não houve no seu funeral representação governamental. Apenas, como disse, o Ministro do Ultramar se fez pessoalmente representar pelo Presidente da Câmara de Ponte de Lima que se solidarizou

[28]

com o povo da linda povoação minhota nas manifestações de pesar que saíram espontâneas, derivadas da sua estima e apreço pelo General. Luanda e toda a Província de Angola manifestou-se de forma impressionante. De fora chagaram pêsames de vários países e da Grã-Bretanha foi a própria Rainha Isabel II que mandou condolências à família enlutada. Pois o ditador Salazar ficou impas-

[29]

-sível. Não se manifestou. Nem a morte o fez reconsiderar. O seu grosseirismo reles e a sua moral de mandão sem escrúpulos evitou o gesto. Mas senti que o Presidente da República que me parece ter outra educação e tem, por certo, cérebro mais equilibrado, não. Saltou por cima das ordens do ditador, enviando um telegrama de pêsames.

Estes apontamentos são escritos em dias suces-

[30]

-sivos. Por vezes não chega a meia hora de cada vez. Por isso há repetições. Esquecimentos do que ficou escrito. Estas notas íntimas não terão leitores, mas se tiverem que me desculpem. E tudo veio por causa dos 80 anos que começam a fazer esquecer o que é próprio e alheio; a idade avançada é uma mágoa que nos cai sobre os ombros!

[31]

Acabo de receber o Notícias de Lourenço Marques com um amável artigo de Sousa Costa, a referir-se, com louvor excessivo, que provém de uma amizade que nos dedicamos desde Coimbra. Agradei-lhe, como me cumpria, mas notei que o facto da minha velhice de 80, que poucos mais se lhe avantajam, também passaram a ser conhecidos nos

[32]

novos domínio ultramarinos.

É uma idade que marca na vida do homem como a provável última década que passa na contemplação da Natureza e em recolher, com as recordações do passado, as palavras amigas das poucas pessoas queridas dos que, de perto, nos rodeiam lhes vão caindo na viagem da existência! Dois foram há pouco, da mesma idade

[33]

e quase no mesmo mês: o Dr. António de Abreu Freire e o General Norton de Matos, ambos parentes, e ambos afrontando a mesma idade, em torno de 87.

Dois amigos que me deixaram não só impressão dolorosa da sua perda; mas ainda mais do seu convívio e estima. O António de Abreu, em Avanca, ainda no último verão foi parceiro ferrenho do boston no Marinheiro,

[34]

onde, nos dias marcados, era sempre presente. Raras vezes ia além da meia-noite; mas já servia para divertimento. Quando apareciam parceiros de Lisboa o Coronel Jorge Martelo ou o Dr. Vítor Ferreira então a comparência era diária para honrar os meus hóspedes, também seus amigos. Lérido de movimentos conservou a sua boa disposição até

[35]

à morte súbita em 16 de Outubro, se bem me recordo, na véspera de eu seguir para Lisboa. Deixou-me funda saudade. Quando fui para Coimbra entrei na sua República dos Arcos do Jardim e acompanhou-me, e aos meus, pela vida fora. Foi médico devotadíssimo de minha mãe e de meu tio Abade, o santo da família, a quem devoa minha educação, pois meu

[36]

pai falecera antes em Lourenço Marques onde fora colocado nas Alfândegas.

O António d'Abreu era jovial, conservava do nosso vizinho Dr. Silveira, de %%%, o João Semana de Júlio Diniz, a boa disposição que alegra o doente e lhe dá novas energias para sarar.

Rendo à sua memória uma grande saudade, pois na minha idade já não há substituições fáceis no domínio da

[37]

afectividade.

O General Norton de Matos, a quem já me referi, faleceu há pouco, em Ponte de Lima onde, em retribuição da sua visita a Avanca o visitei em 1954. Era meu primo relativamente próximo, pois o primeiro Norton que veio para Portugal era Cônsul no Porto (ou Viana do Castelo?) enamorou-se da filha do meu trisavô que estava a educar num convento das Mar-

[38]

-%%%. De facto o nosso parentesco foi sempre apreciado pelos descendentes do Cônsul Norton. Os tios do General Norton de Matos visitavam com assiduidade as casas antigas de Avanca e em especial da aldeia onde havia magistrados e uma e outra família têm juízes de direito.

Norton de Matos foi vítima de uma injustificada e parcialíssima injustiça da Academia que não lhe concedeu o prémio Abílio Lopes do Rego de 1953 ao seu belo trabalho a Nação Una

[39]

Que foi publicado com um prefácio meu e os dizeres que o Dr. Barahona de Magalhães e eu, pronunciámos em sessão plenária em que foi apresentado um relatório [condensando] a obra, por a não acharem digna daquela justa distinção. A injustiça foi tão flagrante que a obra alcançou boa venda e o governador actual de Angola – honra lhe seja feita – adquiriu 500 exemplares para distribuir pelas

[40]

repartições públicas. Este ano – 1955 – igual injustiça se praticou não dando essa recompensa à obra notável de Mendes Galvão e Carlos Selvagem. Não intervim no pleito por não ter tempo nem saúde para compulsar as obras apresentadas. Constou-me que um membro da primeira Comissão nomeada (antes a segunda) foi ameaçado de demissão pelo Ministro da Educa-

[41]

-ção Nacional do lugar de Professor e Director da Escola Colonial só por achar boa a obra dos referidos antes! O Salazar, homem de rancores que medram e ocupam o seu espírito mesquinho e odiento, assim o desejaria. Tudo se resolveu porém, ao lado da Classe de Ciências a que presido, com a conivência do Presidente Júlio Dantas e os dois académicos nomeados propositadamente para esquecer a obra de Galvão que Salazar

[42]

deseja aniquilar para sempre. Julgaram os homens e não a obra. Esses comparsas da triste decisão foram Rui Ulrich e %%%, ambos ligados à situação onde têm usufruído lugares de retorno. O primeiro foi Prof. Universitário por concurso e tem mérito; mas, nem o ter sido embaixador do Salazar em Londres, depois deposto, e por fim novamente reintegrado, o desculpa da escravidão que gostosamente cultivava. O interesse e as gra-

[43]

-ças do poder sobrelevam a tudo mais! Júlio Dantas e %%% trabalham juntos à sombra da benevolência do ditador e sentem-se bem com as condescendências do poder. Foi mais uma decisão iníqua da Academia. Tenho solicitado, e %%% orientação, que me substituam na Presidência da minha classe. %%% fatigado e doente – pesam-me os anos e os acessos gotosos! – não deixaria sem-

[44]

-pre que me fosse possível %%% as sessões da minha classe, mas sem as responsabilidades presidenciais. Estas coisas incomodam-me porque são profundamente injustas. Produto de uma ditadura armada em que a força serve para se realizarem as mais graves injustiças e as vinganças mais torpes e ferozes. O que pretendem fazer contra mim, pouco importa, são apenas des-

[45]

-prezo que eu pago no mesmo modo; mas para outros em que procuram por meios aparentemente suaves, praticar as atrocidades de Hitler e Mussolini com

ataques à bolsa e à vida para a sua infâmia. A falta de saúde leva-me a abandonar o Consultório no fim do corrente ano. Como ter coragem para isso? É com saudade que deixo o convívio com os doentes que mantenho quase ininterruptamente desde 1904 – 1955. Primeiro, nos hospitais de Bordéus e Paris e depois na Clínica

[46]

e hospitais tendo alcançado a Cátedra de Neurologia em Lisboa em 1911 onde mais tarde realizei a Angiografia Cerebral e a Leucotomia Pré-Frontal que me deram os prémios de Oslo e Nobel em 1949, pela 1ª vez concedidos a um médico português. As coisas são o que são; a idade avança impiedosamente para a casa dos 80, os meus padecimentos e dores quase permanentes vão aumentando e eu sinto que vai chegando o meu fim. Escrevo a custo estas notas; mas nelas sempre

[47]

deixo as impressões da anciania a que avança, poupando-me por enquanto a mentalidade mas torturando-me a vida que, com todas as contrariedades que tive, me deu também horas de inesquecíveis satisfações. As ingratidões de uns e a indiferença propositada da ditadura que nos domina, não me aniquilaram a vontade sempre forte nem o orgulho de ter trazido à minha Pátria essa distinção que perdurará.

Fatigado e %%% largo o último

[48]

reduo clínico - o consultório – não por falta de doentes que ainda me procuram, mas por incapacidade física.

Se me custa a separação, - há perto de dez anos que %%% as visitas e conferências – pois os casos clínicos complicados ainda me prendem e deleitam, sempre que posso ser útil aos doentes. Decido-me agora ao repouso que antecede a degradação do meu ser. Já vivi bastante, lutei a boa batalha, procurei ser útil

[49]

.aos meus semelhantes. Que outros me sigam na estrada da investigação científica que em boa hora percorri. Homem dominou e triunfou. E, mesmo agora, nesta hora da despedida, não só da clínica, mas da vida a que só me resta o apego da minha mulher, companheira dedicada de mais de meio século, de alguns parentes queridos e pessoal dedicado da minha casa, que, como família estimo e considero, não pese sobre mim o negrume da tristeza. Não é uma lamentação, é apenas um comen-

[50]

.tário sereno à vida que passou e está a chegar ao seu termo natural. Sem rancores a deixo, apenas atribuindo desprezos com desconhecimento dos seus autores, vesgos invejosos que, na hora presente, se julgam deuses, mas cujos nomes esquecerão depressa no tumultuar das gerações que vão aparecendo. Deixo uma obra e só esta lembrança me assina nesta fase crepuscular da existência. No %%% dos últimos dias desta derrota

[51]

.vital, até as dores são atenuadas coma lembrança de alguma coisa ter conseguido para diminuir as alheias.

A vida é muito diferente segundo as idades e apreciada por quem a vai seguindo até as idades propectas, consoante os dias, as circunstâncias, as disposições, os sofrimentos que ocorrem e os infortúnios que se precipitam. Durante a minha longa existência, todas as cambiantes passaram diante

[52]

dos meus olhos nesse caleidoscópio de fantásticas proporções com movimentos rápidos das imagens donde a impressão de cenas vividas num cine pensamento de personagens e panoramas aparentemente diferentes, embora fundamentalmente os mesmos a forma é que varia da infância s%% e viva, à adolescência atormentada de desejos e aspirações, à idade adulta das realizações e dos desvarios, até à velhice que passo a passo vai diminuindo

[53]

as forças, afagando os sonhos e as aspirações e esquecendo tanto do que se amou. As forças transmudam-se em espectros, mentalidades, embatem-se em tonalidades longínquas que já não %%%%. A afectividade fixa-se num ou noutro ponto, do centro familiar; ou dispersa-se vagamente na paisagem amortecida da montanha de ilusões, onde já se não pode trepar.

Para recordar é a memória a

[54]

idade mais propícia; mas recordar não é viver é por em evidência o dealbar das horas trágicas que passaram.

As minhas mãos sofrem muito penosamente, %%%% 1955, em tortura dos topos ulcerados, %%%% impossibilitando-me de escrever. Vão seguindo; mas como já mal me ajudam na observação dos doentes, o que muito me pena, deixarei este ano a clínica por não a poder fazer

[55]

.como sempre, por incapacidade física. Não são só as escadas do consultório que já me custam a subir e ... a descer; é a impotência que os meus membros me impõem na observação e estudo cuidadoso dos enfermos. Custa-me a abandonar a poltrona donde ainda posso, com custo, escrever estas linhas, mas impõem-me a renúncia a desmoralização das forças físicas que

[56]

.aos 80 anos me %%%% como se uma morte gélida me assaltasse as parcas energias do Jó! Se houvesse possibilidade de voltar atrás, não o desejaria. Já vivi o bastante para deixar de ter veleidades de regressar ao passado! Voltar a ter prazeres, sim, mas também um rosário de dores que tenho desfiado toda a existência entre gritos, imprecações e por fim em resig-

[57]

.nações forçadas! A minha gota visitou-me pela primeira vez aos 24 anos, no dia em que acabei o meu acto de licenciado em Coimbra. Esta prova académica foi o seguimento de um acto privado que se fazia à porta fechada, numa aula da reitoria que ainda hoje se mostra aos visitantes na sua indumentária fradesca com retratos mal delineados e de cores debotadas, figuras sinistras de anónimos doutores de

[58]

.passadas épocas. Era naquela sala de tipo inquisitorial a que só faltavam os prelados dominicanos a lançarem achas nas fogueiras daqueles santos tempos em que ali consumiam os candidatos em que ao menos quando não lhes convínhamos tiravam o apoio, ainda que silencioso da nossa assistência imparcial. O licenciado já decorria com assistência e na sala dos capelos. A teia em que apenas ficava o candidato e o %%-

[59]

%% ou quando não do almirantado com uma maçaneta de prata em vara altiva, dava uma impressão gélida ao candidato. Havia pontos – por vezes apenas pontos de partida – em todas, as disciplinas do curso! Levei um ano a estudar diariamente os assuntos mais díspares desde a anatomia à higiene, da bacteriologia à medicina legal, da medicina operatória à clínica médica, numa orientação enciclopédica à século XVIII.

(professores)

de medicina aos %%% pelas igrejas a bater no peito em ostensivas manifestações político-beatas, para que Cerejeira e Salazar saibam que a nação avança em %%% da verdade. Esse acto de licenciatura começou por uma missa na capela da universidade, em que o jurado, meu velho amigo anarquista, tocou durante a piedosa cerimónia a %%% do Trovador! Nada

[...]

mais adequado ao momento e ao suplício que ia parar daí a pouco. Chamava-se ao místico acto – Missa do Espírito Santo! – como se a ciência pudesse baixar do alto, em línguas de fogo, como se retrata em quadros litúrgicos, de há séculos, caindo sobre as cabeças de apóstolos!

Passei a suplicante prova que, afinal, não correu mal,

[...]

que me apareceu o primeiro ataque de gota. Tinha vinte e quatro anos. Uma dor forte no joanete direito. Era Fevereiro. Mestre Daniel de Matos que apareceu a dar-me os parabéns pelo meu acto, foi o primeiro doutor a saber da minha queixa: - estou com um ataque de gota no joanete do pé direito! Mostrei-lho. – O tempo está frio. Isso é uma frieira, disse.

[...]

Pareceu-me que não era uma convicção, mas sim uma dúvida e optara pelo mais favorável ao doente, como em caso de hesitação mandam os preceitos deontológicos, ou pelo menos, ditavam a bondade e estima do Dr. Daniel, clínico abalizado e excelente carácter, que deixou fama justificada nas gerações de há 50 anos.

As dores prosseguiram. Vivi uma noite de sofrimento que se prolongou pelo dia

[66]

seguinte. Mestre Daniel de Matos voltou a ver-me, então a seu pedido. Confirmou a minha suspeita. Com o licor de Laville debelou-se o acesso doloroso e eu vi, em perspectiva, o tormento que havia de ser a minha vida. Isto porém foi muito maior do que eu, de momento, previa, através dos tratados de Patologia que tinha à minha mão. Durante alguns anos as crises repetiam-se, em crescendo

[67]

.martirizante, 3 a 4 vezes por ano. Comecei a fazer peregrinação das estâncias termais e a recorrer ao %%%, sob variadas formas. Primeiro as lamas dos %%%, depois Dax, %%%, onde fui 8 anos, tirando algum proveito, Evian (?)... Mas a gota continuava implacavelmente a sua marcha torturante. Aos 50 anos apareceram os primeiros topos que se foram multiplicando primeiro nas

[68]

.articulações dos pés seguidamente nas das mãos e cotovelos. Aos 60 anos ou pouco mais, passaram a %%% e a esvaziar o conteúdo dos topos, por vezes em pedras cuja extracção representaram cruéis sofrimentos em que tenho resignadamente acamaradado mau grado meu, até à hora presente, em que já não tarda o relógio do tempo a marcar os 81! Uma dessas crises forçou-me a estar dois meses imobilizado em casa!

[69]

Como o cérebro continuava a funcionar regularmente aproveitei-a para escrever mais parte do meu volume “Confidências de um Investigador Científico”, o melhor livro que dei à estampa em português

1.2. Apontamentos a propósito do Prémio Nobel

Apontamento a propósito do prémio Nobel
Em no dia 23 de Outubro de 1954
houve o primeiro passo a ser
dado para a realização do prémio
Nobel de 1954. Foi a comissão
formada para esse efeito
pelo Sr. Dr. António de Almeida
Gomes para a qual se deu o nome
de Comissão para a Realização
do Prémio Nobel. A comissão
foi constituída com o Sr. Dr.
António de Almeida Gomes
presidente e os Srs. Dr. João
Seabra Diniz e Dr. Armado Myre
Dores membros. A comissão
teve a honra de receber a
participação do Sr. Dr. António
de Almeida Gomes, presidente
da comissão, e do Sr. Dr. João
Seabra Diniz, membro da
comissão, e do Sr. Dr. Armado
Myre Dores, membro da
comissão.

Apontamento a propósito do prémio Nobel. Manuscrito fotocopiado, datado de 10/06/1954, arquivo de João Seabra Diniz (cedido por Lina Seabra Diniz e Armado Myre Dores)

[1]

Apontamentos a propósito do Prémio Nobel

Foi no dia 23 de Outubro que houve o primeiro relato de que me poderia pertencer o prémio Nobel de 1949. Uma empresa jornalística pediu um retrato meu para Estocolmo. Nada disse. Em 24 procuraram-me em nome de um jornal sueco. As suspeitas avolumaram-se. Comuniquei a minha mulher sob o maior segredo. Julguei que seria um dos candidatos prováveis ao prémio e que os jornais [de %%%] desejavam coligir elementos para os aproveitarem no caso de a escolha cair

[2]

em alguns dos nomes catalogados. Em 25 continuou o assédio da imprensa escandinava agora pedindo desenvolvidos dados biográficos. Disseram que era eu o premiado. Ainda permaneci na dúvida; mas nessa noite não dormimos, eu e minha mulher. Queríamos que surgisse a alvorada do dia 26. De manhã chegaram notícias positivas e a seguir o telegrama oficial. Então já podíamos falar sem o receio do ridículo que, em caso de insucesso

[3]

seria vergonhoso. Os parabéns chegaram dos colegas, dos amigos, dos conhecidos e desconhecidos, do povo do país que vibrou com a minha alegria e com a recompensa ao meu trabalho.

Do governo, dois amigos antigos mandaram-me telegramas em nome pessoal. Da Presidência da República, nada. O Marechal Carmona tão solícito em me saudar em outros momentos da vida, esqueceu-se ou não quis evidenciar-se. Em 27 e 28 seguiram-se os cumprimentos

[4]

de todos os sectores da actividade nacional. Em 29, às 11 horas da manhã, um senhor de automóvel bateu à porta e perguntou à criada se eu era casado para, nesse caso, deixar dois cartões do sr. Dr. Oliveira Salazar, tendo escrito em um deles, as palavras: a felicitar.

No arquivo que fiz dos cumprimentos recebidos está o cartão com a manifestação pessoal de Salazar bem individual, não fosse ser tomado como manifestação do governo, pois não trazia a designação de que era presidente do

[5]

ministério.

E da esfera governativa, talvez por ordens expressas de quem manda, nada mais houve. O ministério da Educação Nacional ficou silencioso, como era de esperar.

Talvez o ministro ficasse com o desgosto de que então aposentado, não me poder demitir, como fez a outros colegas ilustres da minha Faculdade.

Na emissora, foi anunciado o acontecimento afirmado

[6]

que o prémio concedido se devia principalmente a Salazar, porquanto sem a paz e tranquilidade que trouxe ao povo, não era possível trabalho científico de vulto, ou coisa similar.

Como apenas assim pudesse haver tranquilidade, que é apenas devida ao exército, sob um regime ditatorial!

Do meu arquivo constam a maior parte das manifestações com que me honraram. Um dia o Prof. Sousa da Câmara resolveu falar na chamada Assembleia Nacional do Prémio Nobel e foi sugerida a ideia de se criar um centro de investigação neurológico a que seria dado o meu nome. O chefe do governo ordenou que se agregassem mais dois oradores

[7]

A Sousa da Câmara e todos foram favoráveis. Augusto Cancela de Abreu que ocupava então a pasta do Interior fez o possível e conseguiu vencer a relutância do ministro da Educação Nacional de sorte que, no papel, foi criado o referido centro que, à hora em que escrevo estes apontamentos, ainda não passa de uma vaga aspiração – e são decorridos três anos! – que seria agora para os meus sucessores que quisessem trabalhar, ainda se não objectivou.

Em Avanca, minha terra natal, levantaram uma memória evocativa ao premiado. Os meus patrícios com %%% de zelo quiseram assim homenagear-me.

[8]

Em Aveiro também pretendem fazer alguma coisa em minha honra. Felizmente tem-se %%% da boa acção do clero diocesano. Monumentos só são admissíveis após a morte e julgados então, à luz calma dos entendidos, a obra realizada e neste caso, avaliados os progressos trazidos a bem da humanidade. Há muito tempo, e escuso de andar aborrecido com aqueles que fundamentalmente sem %%% e agora estão a meu favor.

Estes ligeiros apontamentos, tomados a correr, são notas que quero deixar no meu espólio. Com os elementos já arquivados

[9]

Servirá de subsídio para história de um prémio Nobel que tão detestado foi pela maioria dos que nos governam ou servem este regime de opressão em que não há liberdade da expressão do pensamento, regalia que fecham para os outros, só dela podendo aproveitar os que se julgam onnipotentes por ter o exército a seu lado.

Na última campanha eleitoral para a Presidência em que o governo permitiu por uns dias uma restrita liberdade de expressão, manifestei-me do lado do Almirante Quintão

[10]

Meireles que apresentava um programa liberal. Tanto bastou para ser injuriado no tablado comiciei-ro dos que pretendiam agradar a Salazar para obter recompensas.

Um dos oradores, Tito Arantes, advogado e candidato a uma boa situação governativa, atacou-me, como outros fizeram, tomando-me como candidato à Presidência, apesar da minha recusa. É certo que, como sempre que tenho oportunidade para o fazer, marquei a minha posição em prol da liberdade, dando o meu

[11]

apoio a Quintão Meireles, almirante e candidato da oposição. Não sei qual dos dois foi mais atacado, sem possibilidade de defesa. Pois o tal Tito Arantes entre outras afirmações teve uma *boutade* espectacular de que me não lembram bem os termos exactos em que foi apresentada; mas que era pouco mais ou menos o seguinte “que eu tivera a sorte de apanhar meio prémio na lotaria do prémio Nobel!”

Teria vontade de lhe dizer

[12]

que se fosse habilitando, pois talvez lhe venha a sair o prémio inteiro.

Outros disseram coisas similares. Um meu colega, o médico Cebola, também escreveu algures, não só várias asneiras a propósito da leucotomia, mas ainda sobre a distinção que me foi concedida afirmou que eu não tivera o prémio Nobel, mas sim meio prémio.

Como se não contasse ou fosse coisa diferente.

Ora o prémio, só ou associado,

[13]

e a distinção; não conta o dinheiro que ainda assim, reduzido a metade, representa soma avultada, para os não ambiciosos de riquezas.

Coisas de pouca monta, firmadas em despeitos, ignorância e propósitos de % % % agressão pessoal. A maior parte dos portugueses pensou de outra forma. Muitos regozijaram-se com o acontecimento e manifestaram a sua satisfação; outros, sem o fazerem ruidosamente nem

[14]

por isso deixaram de o manifestar a amigos e todos os que possuem nobreza ficaram com a convicção de que alguma coisa de grande veio para Portugal.

Se alguém quiser um dia desenterrar o assunto dos documentos que o meu criado e bom amigo Joaquim colecionou, poderá ver o que foi a alegria em alguns sectores da vida portuguesa.

Em Avanca tiveram a ideia de erigir um monumento

[15]

comemorando a %%% do Prémio Nobel. Houve entusiasmo entre os amigos, mas a alma da empresa, quem galvanizou os meus compatriotas, foram o meu afilhado e primo Bra%% de Melo e esposa, a querida Maria Odette, com os primos Abreu Freire e poucos mais. Fizeram uma subscrição que foi %%% só de Avanca, com um pequeno auxílio de alguns amigos de Pardilho e com o entusiasmo autêntico do Dr. David Cristo,

[16]

peessoa de múltiplos talentos: pintor, escultor, orador, advogado, etc., que conseguiu levar a bom termo, e generosamente, o interessante monumento, modesto mas belo, com que muito me honraram os meus patrícios. Foi muito auxiliado por seu irmão Dr. António Cristo, o mais culto advogado de Aveiro, com larga e justificada clientela no distrito. Foi dos que apreciaram e avaliaram a impor-

[17]

tância de ter sido dado o Prémio Nobel a um médico português.

A inauguração do monumento fez-se nas férias de 1950, se a memória me não falha. A ela se associaram pessoas amigas das freguesias do concelho e de outros ainda. As sociedades populares recreativas do Porto vieram abrilhantar a cerimónia com as suas bandeiras e foram em cortejo e boa forma acompanhadas,

[18]

da estação ao Largo da Igreja de Avanca, acompanhados por %%% das músicas de Pardilho que aguardava a sua chegada. Improvisaram num coreto uma sessão em que foram produzidos discursos apropriados ao acto, laudatórios e amigos, tendo ocupado o primeiro lugar o do Dr. João Ruela Ramos que tendo ainda %%% de perto, algumas pessoas

[19]

de minha família, evocou o meu passado e sobretudo a minha mocidade com frases de um grande colorido e beleza. Por ter-me tocado mais fundo é que o

cito; pois outros houve igualmente interessantes. O Boaventura de Melo deve ter a colecção dos originais.

Fugi, nas poucas palavras que disse, para a divulgação dos meus trabalhos cien-

[20]

tíficos, razão de toda a %%% para evitar a emoção que, em tais circunstâncias, me leva sempre à lágrima compro%% e ridícula. Sempre foi assim, mas com o rodar dos anos e esquecida %%% depois do atentado de que fui vítima, fiquei incapacitado de enfrentar manifestações como estas a que dentro do possível sempre procuro evitar. Também a cidade de Aveiro

[21]

tem pretendido fazer uma memória que recorde o Prémio Nobel de que também se orgulha %%% do meu distrito.

Houve a maior boa vontade desde as autoridades do distrito às câmaras que o compõem e os médicos em geral; mas tem havido outras dificuldades. Suponho que tudo está feito; mas a todo o peço que deixem a inauguração para depois da minha morte. Como

[22]

sabem que o pedido é sincero têm demorado a realização do projecto. Informam-me todavia que o clero de Aveiro contraria o monumento, não o Arcebispo-Bispo, pessoa amiga e razoável, mas os que o rodeiam. Quanto lhe estou grato, esperando que continue nos seus manejos de sorte a, como aliado, demorem ou adiaem *sine*

[23]

die a realização da ideia inicial. O entusiasmo vai felizmente esmorecendo e eu peço, repetidas vezes, às pessoas amigas o adiamento de uma homenagem que, desde já, agradeço.

Em tempos defendi na Câmara de Deputados que apenas se fizessem monumentos às pessoas, que para tal homenagem fossem apontados passados cinquenta anos

[24]

depois da morte; as gerações futuras poderiam assim apreciar imparcialmente os seus méritos. Nunca julguei que se antecipassem em tais honras, com que eu nunca contei para antes da morte, e creiam que sinceramente não desejo tais demonstrações de estima durante a existência. Ainda na aldeia - festa em família - embora excessiva

[25]

e perturbadora da minha sensibilidade sentia, a desculpa: amigos a dar palmas a quem ali nasceu e com eles convive; mas fora dali não e justifica o levantar monumentos que só o futuro justificaria.

O povo português, os meus colegas, especialmente portugueses e brasileiros, procuraram honrar-me de variadas formas e maneiras. Ar

[26]

quivei diplomas, documentos gráficos, jornais, revistas, etc. que mostram quanto apreciaram que chegasse a nossa vez de termos um prémio Nobel. Naquele momento em que a notícia veio nos jornais, a má vontade dos que – por motivos vários, os políticos em especial – não tiveram coragem de vir a público recordar o seu desagrado, guardaram para mais tarde a manifestação da sua discordância. Poucos foram %%% e caracteres deturpados pelas paixões em pessoas de baixo calibre

[27]

mental. Houve terras do país em que, particularmente, senti a satisfação sincera das populações. No Porto, por exemplo, logo que sabiam quem eu era, rodeavam-me de atenções. E não era somente por conhecerem as minhas convicções liberais radicadas na população portuense até à medula, mas em especial por ser detentor da honra que os meios científicos da Suécia me concederam.

Bem entendido que a aliança dos dois factores le-

[28]

vavam a exteriorizações mais ruidosas e sempre acarinhadoras. Lembram-me episódios tocantes em estabelecimentos comerciais e em casas de chá em que desconhecidos se aproximavam para me cumprimentar com palavras lisonjeiras. Se noto estes pequenos nada que muito me sensibilizaram, é para mostrar o contrast entre as duas categorias da população portuguesa, a maior que me aplaudia, a governamental

[29]

que parecia consumir-se na inveja de não ser dado a outrem o prémio Nobel. Este porém não e consegue com honrarias e nomeações para altos cargos do Estado, falazes ilusões do valor que muitas vezes se não tem e de qualidades que quase sempre se não possuem. E na situação política que temos atravessado, mercê apenas do sustentáculo do exército que ainda bem se tem mantido mudo, mas dando apoio a instituições que são a

[30]

negação da liberdade e dos direitos fundamentais do homem. Não quero nestes apontamentos, muito a correr nos intervalos livres do consultório, abordar assuntos que ficam ao lado do prémio que me foi concedido, embora os sequazes da ditadura me lancem o seu constante mau-olhado que felizmente em nada tem diminuído nem a tranquilidade do sono, nem a utilização da vigília. Vamos

[31]

andando na vida, suportando a opressão por não me poder libertar dela, visto não querer exilar-me por ser fundamentalmente português. E um dia, eu ou os que me sucederão nas gerações futuras gozarão de novo as conquistas que brilham nas liberdades públicas dos países mais civilizados que vivem para além dos Pirinéus.

Um episódio das manifestações de que fui alvo desejo relatar. Quando numa manifestação

[32]

política e popular do Porto me trouxe a Lisboa um precioso pergaminho em que na comissão quiseram juntar democratas que acorreram do Minho ao Algarve, começaram a juntar-se em minha casa delegados de comissões provincianas especialmente do centro e sul do país. Tinham chegado alguns do norte, do Porto especialmente; mas contavam com dois autocarros com manifestantes dos arredores e da capital do norte.

Passou uma hora e meia. Ainda se esperou, mas começávamos

[33]

a desalentar. Alguém segredou: foram com certeza presos. Não houve passeio; mas uma certa preocupação. Mais meia hora e chegavam os amigos do norte a que se seguiu um serão em que houve discursos, mensagens, e até demonstrações de afectividade exageradas em que se viam olhos húmidos pelas emoções de uma hora de confraternização. Outras houve semelhantes. Mas nenhuma tão numerosa nem tão

[34]

rica de papeis que ficaram num arquivo destinado aos documentos que se referem ao prémio Nobel.

Estas notas vão sendo escritas em 1952 e 1953 nos momentos vagos das consultas. Em casa, na calma do meu gabinete ou faria um projecto de volume que não desejo dar a lume ou deixaria notícia documentada com o que fui reunindo a este propósito. Assim são apenas apontamentos ligeiros

[35]

sem responsabilidade nem conexão perfeita. Coisas esparsas para que não reúno documentos nem esforços de memória.

É como diário das poucas horas vagas que me sobram durante a minha vida profissional que apesar dos 78 ainda é bastante intensiva que registo estas notas a esmo.

Hoje 27 de Abril de 1953, festa grande ao Salazar por fazer nesse dia as bodas de prata da governação ditatorial em que tem permanecido.

[36]

Bandeiras e colchas nas casas dos que se sentem bem na vida à sombra do poder.

Para as festas vieram de avião régulos de Moçambique, delegados de Angola e Guiné, da Índia e Timor, estudantes e vários associados com viagens gratuitas para mais brilho do festejo. E tudo à custa dos cidadãos portugueses, mesmo daqueles que não morrem de amor pelo regime totalitário. Amanhã tudo segue; mas hoje os retratos do ditador

[37]

estendiam-se na baixa nas montras da margarina, do queijo de Serpa, dos sapatos elegantes e até das calcinhas das donas e dos seus corpetes e anexos nas exposições de algumas casa de moda. Uma delícia! E dizem que homem ficou satisfeito embora a sua apregoada modéstia e economia protestem contra estas manifestações e desperdícios à conta do Estado. Isto nada tem

[38]

com o prémio, *intermezzo* de desabafo que não julgo bem justificado.

Em 29 chega-nos a notícia de que a bandeira nacional foi arrancada, na Índia, em estabelecimento português de Bombaim e substituída pela que flutua por toda a Índia. Ao mesmo tempo Nerú proclama direito sobre terras que fomos os primeiros a visitar por mar destas ocidentais praias lusitanas. Goa, Diu, Damão são nomes que andaram sempre no ouvido des-

[39]

de a escola primária. O que é o ultramar português indiano? Para nós a traição; para a Índia um torrão insignificante que trouxe o grande império indú de hoje, ao convívio ocidental. Nem faz falta ao império indiano nem enriquece Portugal. Mas é a paixão de um passado heróico que transformou o mundo pequeno mediterrânico que fomos sendo de todos os mares que fomos os primeiros a sulcar até ao extremo oriente.

[40]

E sem querer que me deixei arrastar a falar de coisas que pouco importam ao assunto destas notas. É que a Escola de Nova Goa também e manifestou e de forma calorosa pelo prémio Nobel que me foi concedido. Também lá houve patriotas que se vangloriaram com a honra que recaiu sobre a medicina portuguesa. O homem que teve a distinção não importa, mas a nação a que pertence. Ainda não

[41]

há muito li uma revista portuguesa «Imprensa médica» a relação dos prémios Nobel com a população dos países a que pertencem. E com os seus avantajados 8 milhões, embora com um único prémio, não estamos no fim da escala que ocupávamos antes de 1949. Muita gente não dá importância a estas questões que de facto não são de grande monta. Mas no concerto científico mundial tem

[42]

um certo valor. Parece ser Israel quem tem a maior proporção de prémios referente à população; mas convém advertir que os hebraicos, raça de mais elevada cotação mental, estão espalhados por diferentes países com avultadas populações que excedem em muito a de Israel. A Suíça está hoje talvez no cume da maior proporção dos prémios

[43]

em relação com a população. Essa exemplar democracia dá toda a atenção e os mais largos recursos à investigação científica. Honra lhe seja. Grande intervalo no desenrolar destas notas. Acabo de gozar os 79 e sigo resolutamente embora neste momento muito torturado de dores para a casa dos 80. O nosso modo de ser orgânico e psíquico varia com as épocas da vida. E a todos assim sucede. A existência e um somatório de mo-

[44]

mentos, alegres, tristes, de reminiscências, de fantasia, de prognósticos vãos. Em princípios de Setembro de 1953 reuniu-se, em Lisboa, o V Congresso Internacional de Cirurgia. Correu o melhor possível, devido à organização impecável de Almeida Lima, seu secretário-geral. O meu nome foi particularmente visado como prémio Nobel ligado à especialidade. Falei na sessão inaugural. Estive ao lado do Presidente da Repú-

[45]

blica, Craveiro Lopes, que então conheci e me pareceu pessoa bem educada, coisa rara nos meios governamentais. Teve para mim palavras generosas de cumprimento que não precisava de dizer e que se fossem ouvidas pelos seus ministros não deixariam de ser censuradas. O que disse, referência aos meus

trabalhos da angiografia cerebral que constituíram parte importante do congresso. Fui aplaudido, talvez

[46]

exageradamente.

Tive de apresentar um relatório, tendo associado ao meu nome o do meu antigo assistente Miller Guerra, salvo diagnóstico angiográfico de aneurismas, varizes e angiomas cerebrais. Foi muito bem recebido pelos congressistas que muito se manifestaram no final da exposição. Consideraram-me o principal da festa. O reflexo da consideração que Stockolm me concedeu.

Ofereci um jantar a

[47]

150 congressistas que me ficou um pouco pesado por ter de juntar uma nova sala provisória que mandei construir à nossa habitual sala de jantar. Tudo correu bem. Estava então muito doente. A custo me desloquei de Avanca para Lisboa. Foi a maior heroicidade da minha vida. E em 8, a meio do congresso, assisti, crivado de dores ao referido jantar. Tive uma grande satisfação no esforço despendido que me levou ao

[48]

convívio de sábios de todo o mundo e alguns muito queridos para mim.

Em 13 de Dezembro de 1953 passou-se alguma coisa de muito comovente para mim. Devido à iniciativa do dr. José Júlio César, meu primo, caramulano de alto pretígio moral e amigo dedicadíssimo da Serra e da Beira, constitui uma comissão e propuseram colocar na Casa do Gradil, onde nasceu minha mãe, uma lápide comemorativa. Como relato em “A Nossa Casa”, minha mãe nasceu em Vilarinho da Beira, mas

[49]

ali viveu com seus pais até ao seu casamento com o meu pai. Depois passou a viver no Marinheiro. Nesse tempo andava ainda acesa a política sempre em dois campos extremados como hoje, embora com nomes diferentes absolutistas (D. Miguel) e constitucionais (D. Pedro). Hoje ditadores (monárquicos e aderentes) e liberais (republicanos). Sempre a mesma a mesma luta de ideias, agora com os avançados no campo socialista e comunista. Meu pai era pelo lado do sr. D. Miguel como sempre se dizia em minha casa com meu avô materno, liberal e já republicano naquele remoto tempo. Era amigo de Sebas-

[50]

tião de Magalhães Lima. Portanto maus campos para bom entendimento. Além disso outras questiúnculas familiares afastavam as duas famílias. Minha mãe

veio casar a %%% acompanhada por uma tia-avó minha e deixou sua querida Alcofra para, pode dizer-se, para sempre. O pai visitava-a em Avanca, mas não entrava em nossa casa. Falavam no extremo da propriedade. O Rafael entrava porém em casa do meu tio abade em Pardilho e foi aí que o conheci, velho de barbas brancas, boa figura de serrano que acenava o seu %%% de caramulo com grande ardor e entusiasmo.

Minha mãe deixou em Alco-

[51]

fra grande tradição de liberdade e boas maneiras. Todos a entusiasmavam. Por isso a ideia do meu primo dr. José Júlio César do lado serrano de deixar na casa onde ela viveu uma placa comemorativa quando me foi atribuído o prémio Nobel tem o melhor acolhimento e despertou grande entusiasmo. Faleceu entretanto em fins de 1951 ou princípios de 1952... Já a placa estava feita e foi inaugurada ao %%% que %%% ao Cónego Figueiredo que foi deão da Sé de Viseu e amigo

[52]

muito querido da família e de minha mãe que muito concorreu para a sua educação animando os pais a levá-la ao estudos para que mostrava grande jeito. Minha mãe, mais velha, era amiga dos momentos %%% que foram seus e pais e vizinhos do Canil.

Pelo desaparecimento do querido dr. José Júlio, ficou seu irmão Joaquim Júlio, solicitador em Viseu, com a incumbência de levar a bom termos a elaboração de duas lápides. Eram destinadas às casas em que viveu minha mãe e aquela que habitou o cónego sr. António de

[53]

de Figueiredo. Levantou-se oposição na aldeia julgando mais apropriado que ficassem num muro a construir junto ao Cruzeiro, num largo da entrada que vem do Caramulo hoje atravessa. Houve plebiscito que quase por unanimidade votou neste sentido e talvez com boa razão. Representaram-me meu primo Joaquim Júlio e a festa foi muito concorrida especialmente pelos %%% que acorreram em massa. Tenho a documentação fotográfica e um dos instantâneos é deveras impressionante. Quando meu primo Joaquim Júlio

[54]

%% lápide %%% minha mãe e que tem o medalhão do filho, do alto do muro caíram flores em profusão. É um quadro cheio de cor e que profundamente me emocionou.

Nunca minha mãe sonhou e eu também nunca imaginei que viesse um dia a ser lembrado o seu nome em Alcofra que eu a %%% conhecíamos em pormenor pelo que lhe ouvíamos contar com referências a parentes e amigos que a morte

levou e outros que continuam as famílias do seu tempo. Alcofra subiu alto no altar dos meus

[55]

afectos!

Do prémio Nobel e da minha pessoa se falou durante algum tempo e embora os poderes públicos fingisse ignorar a sua importância para a medicina portuguesa, o povo e pessoas cultas honram-nos sem reservas.

Como consequência levantaram uma memória em Avanca e %%% de outros projectos que espero %%% sem ser efectivadas, criou-se em Aveiro, sede do meu distrito uma comissão que alcançou fundos suficientes para se fazer ali uma espécie de monumento de que vi a fotografia e que é agradável. Suponho que tudo está adiantado.

Várias vezes tenho solicitado

[56]

meu afilhado Boaventura %%% de Melo, director escolar adjunto na Cidade, para entravar a marcha da manifestação que %%% prestar-me para depois da minha morte. Em vida não me levarão a assistir. As coisas estiveram em vias de execução em 1952 e 1953, mas julgo agora os ânimos mais apaziguados. Tive sobretudo a boa sorte de vir em meu auxílio o Clero da diocese que, na sua maior parte me detesta e contraria a comemoração. Espero por isso que desta me livre com grande apaziguamento meu.

[57]

Para alguma coisa serve ter inimigos. Estes são dos melhores.

Os anos vão passando e o prémio que me concederam vai pouco a pouco esquecendo. Assim vem um relativo repouso sobre a honra recebida apenas despertada por uma ou outra carta ou trabalho enviada do estrangeiro. Esta tranquilidade repousante agrada-me no avançar do ano – vamos entrar em fevereiro! – do ano que me conferirá, se lá chegar, o título de octogenário.

No estrangeiro não me esquecem. Raro é o dia em que não me chegam trabalhos e solicitações

[58]

a que não posso, pelo estado de saúde dar deferimento.

Agora lembraram-se de fazer um inquérito, assaz complicado, embora não veja nele propósitos disfarçados pelo menos de ordem política para um estudo estatístico. Está na secção da correspondência para, depois de cuidadoso exame, ter a devida resposta. Há pessoas que dão atenção a pequenas coisas que querem transformar em graves problemas. Considero neste grupo as que dizem respeito

[59]

a este assunto. Por exemplo procurava saber-se quais as atenções que os premiados deram a outras actividades além das que levaram à descoberta que nos deu o almejado Prémio. Pelo que me toca é difícil responder a este ponto do inquérito. Mas, se responder, procurarei elucidar este assunto. Qual a minha conduta anterior, concomitante ou posterior? Há coisas tão secundárias que não vale a pena tomar em consideração. Numa reunião internacional

[60]

de neurologistas em minha casa há três anos atribuíram-me o ter escrito um livro de cozinha! Como gotoso sempre gostei de boas coisas mas o meu saber sobre o assunto não me autorizava a tão notável cometimento. Depois de jantarem abandonaram o assunto. Havia, por certo, um lamentável equívoco de que me lastimei pois se por verdadeira a suposição o jantar devia ter sido mais requintado. Depois de frases de cum-

[61]

primentos, elucidei que de facto publiquei um volume sobre assuntos muito diversos, colaborava num tratado de jogo do Bóston do dr. José Henriques da Silva em que me ocupei da história das cartas de jogar.

O V Congresso Internacional de Neurologia realizou-se em Setembro de 1953 em Lisboa. Apesar de estar [afastado] há perto de nove anos da cátedra e da actividade profissional foi-me imposto intervir. Tive de tomar sobre os meus ombros a responsabilidade de um

[62]

relatório sobre lesões vasculares do cérebro, pequeno tratado sobre aneurismas, angiomas e varizes, etc., em que apenas utilizei casos portugueses e uma figura dum notável angioma de Deolindo Canto em homenagem ao amigo e à neurologia brasileira. %%% ao trabalho a meu amigo e antigo assistente dr. Miller Guerra que acompanhou a publicação durante as férias, pois em

[63]

fins de Julho passei, como de costume ao repouso habitual de Avanca em que penso constantemente e é hoje a aspiração maior do ano. E mais ou menos sempre foi:

Ora sucedeu que em Agosto me sobreveio uma artrite gotosa nos joelhos que me impossibilitava de dar um passo. Uma tortura! E à impossibilidade de vir ao Congresso, depois de quase um ano de canseira mental na confecção do Relatório!

[64]

Mas com %%% várias consegui dar uns passos e ausentar-me em princípios de Setembro de Lisboa. Não só me preocupava a sessão científica que afinal correu bem; mas também um grande jantar que ofereci em minha casa perto de 200 dos Congressistas estrangeiros mais cotados para o que em seguimento à minha sala de

[65]

jantar juntei outra que se lhe seguiu com tecto de toldo e bordada de plantas. Também decorreu bem e com alegria, embora mal pudesse deslocar-me. Passado o pesadelo das responsabilidades de Presidente honorário que, como tal, me fizeram intervir com um discurso na sessão de abertura voltei a Avanca onde seguidamente me restabeleci do

[66]

grave ataque que me impossibilitara de andar tendo um resto de férias compensador.

No ano de 1954 apareceu no “Fígaro Illustré”, em 3 números sucessivos artigos de vários escritores, %%%, teólogos, filósofos, etc, sobre a leucotomia. Numa palavra a %%% ou em defesa da leucotomia como assunto de apreciação geral, a favor da medicina. Sabia muito bem o que se passava noutros meios sobre o assunto. Andava em jogo

[67]

a alma e é assunto de predilecção das multidões. O “Fígaro” citava artigos de %%%, que também consultei e trazia além do artigo inicial, do dr. Mark Richard Klein um inquérito nos meios religiosos, católico, protestante e %%% e no campo médico. Pediram-me sobre o assunto uma lição para as Actas Estudos da Academia e deitei-me ao assunto que ainda deu trabalho a sair a lume, primeiro o resumo da conferência, depois o

[68]

volume que a Academia publicou: “A leucotomia está em causa”.

Teve a sessão bastante concorrência e julgo que bastante assistência se não aborreceu pela variedade de opiniões e aspectos diferentes que a exposição trouxe a flux.

Artigo publicado nos Cahiers %%% pelo dr. Bertagne neuro-cirurgião de Paris extremamente favorável à leucotomia, e as opiniões de Logon, psiquiatra de Paris e

[69]

do Prof. Jean Ebermette da F. de M. de Paris deixaram a melhor impressão nos que preconizam a leucotomia e que são a grande maioria dos neuro-psiquiatras

do mundo. Paul Guth, redactor do Fígaro Littéraire, fez uma investigação mais larga pelos representantes mais cotados de Paris, em 3 divulgadas religiões. O R.P. %%%, jurista, professor da Faculdade de Teologia de Paris e %%% que deixa no seu depoimento no Fígaro e num artigo anterior dos Cahiers Laïmya melhor impressão de uma sólida educação

[70]

científica, mesmo fora do foro teológico – Foi favorável e afirma que o Papa Pio XII nunca foi contra a operação. Tenho a impressão pessoal que o Papa, batido pela corrente dos que a julgavam contra a religião, hesitou, mas cedeu a bons conselheiros. O representante dos Protestantes franceses, o pastor Westphall também foi favorável à operação e o Rabino Shilli que não devia conhecer bem o assunto divagou sobre a teologia judaica, mas se não se pronunciou contra. O mesmo sucedeu com Jean Ratand, materialista

[71]

e grande biólogo francês. Também é literato, ou não fosse filho de Edmond Rostand um dos grandes de há 40 anos! Também acha bem que se empregue a leucotomia. Contra, mas sem argumentos que contem o Prof. Bank de Paris e Staline que fez promulgar um decreto proibindo a operação na Rússia. As razões advogadas não têm valor algum e o famoso decreto comunista não nunca %%% comentários. Uma arbitrariedade ditatorial!

A Conferência teve boa acei-

[72]

tação e eu %%% de a fazer. Foi a primeira vez que saí a terreiro em defesa da operação que me deu o prémio Nobel e além do aspecto terapêutico abriu novos horizontes à fisiologia do cérebro, diminuindo em seu justo valor as sanções metafísicas que ainda pairam e ensombram o funcionamento do cérebro de cuja objectividade teimam em afastar-se.

E aqui concluo o bloco preenchido nas horas vagas do consultório, quando, como hoje, dia de Camões há ausência de clientes.

10 Junho 1954

2. Resposta do Arquivo Nacional da Torre do Tombo à nossa solicitação de dados relativos ao processo de Egas Moniz na PIDE.

2.1. Carta de resposta.

| Assunto | Data | Assunto | Data |
|---|------|---------|------|
| Assunto: Consulta do processo da Ex - Pide /DGS | | DCRE | |
| 003300 28/03/2004 | | | |
| <p>Acusamos a recepção da s/ carta em que solicitava informações sobre a anulação do processo S C 909/46/SS em nome de António Caetano de Abreu Freire Egas Moniz.</p> <p>Lamentamos, mas não nos é possível dar qualquer informação útil sobre o assunto, dado que o único elemento disponível é o constante do livro de anulação de processos, (elaborado pela própria Pide), do qual extraímos a fotocópia que se anexa.</p> <p>Com os melhores cumprimentos.</p> <p>Chefe de Divisão de Comunicação e Relações Externas</p> <p><i>Maria de Lurdes Henriques</i></p> <p>Maria de Lurdes Henriques</p> <p>E/</p> | | | |
| <p>Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre de Tombo Alameda da Universidade, 1649-010 Lisboa - Tel: 21 7811300 - Fax: 21 7937236 - Internet - http://www.ian01.pt</p> | | | |
| IANTT - Vol. 1 | | | |

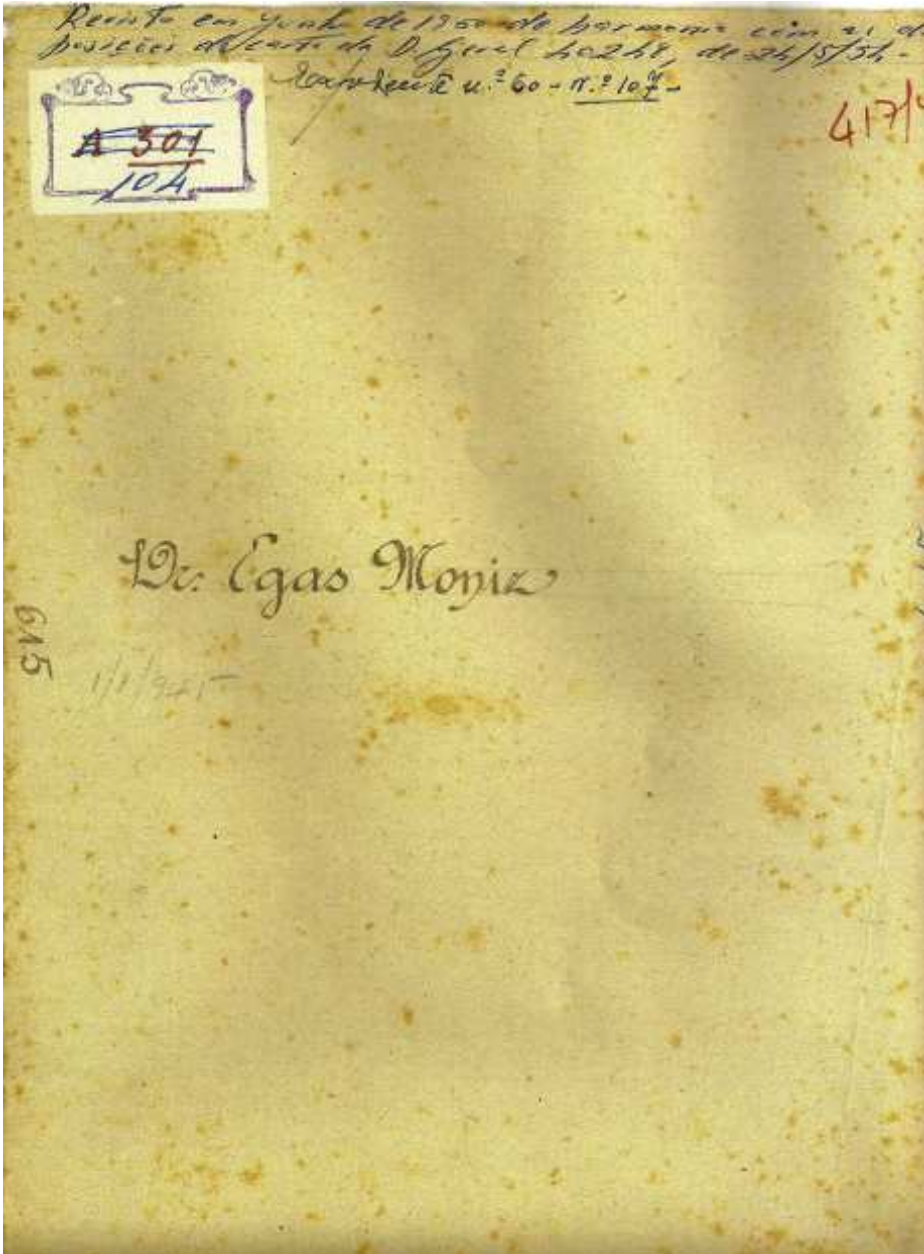
2.2 - Cópia do registo de anulações da PIDE

| Number | Name | Notes | Status |
|--------|---|--------------------------------------|---------|
| 905 | Jacovino Casaco | | Anulado |
| 906 | José António Miranda de Paes | Passou ao F. nº 5516/55 (Ind. n.º 1) | Anulado |
| 907 | José Alfredo Mendes de Mafalhat | Passou ao F. nº 508-55, 145 | Anulado |
| 908 | José António dos | | Anulado |
| | Americo dos | | Anulado |
| | António | Passou ao F. nº 508-55, 145 | Anulado |
| | José Augusto Mendes | Passou ao F. nº 1-55/66 | Anulado |
| | Jacinto Maximiano Agostinho | | Anulado |
| 909 | Dr. Egoz Moniz | | Anulado |
| 910 | J. Soares | | Anulado |
| 911 | José Gomes | Passou ao F. nº 1138 a.d. | Anulado |
| | Maria Fagundes | | Anulado |
| 912 | Dr. José Carlos, alias Dr. José Augusto | | Anulado |
| 913 | Francisca Caroline | | Anulado |
| | Francisca da Costa | | Anulado |
| 914 | Alfredo Júlio de Barros Araújo | | Anulado |
| 915 | Raúl de Brito Brito de Brito | | Anulado |
| 916 | Ally. de Tracim de Almeida Valente | | Anulado |
| 917 | Laportier Alberto de Curitiba | | Anulado |
| 918 | António Cândido Rodrigues | Passou para o F. nº 967-55/66 | Anulado |
| | Amadeu O. Sousa e Silva | | Anulado |
| | Alfredo Hilari | | Anulado |
| | Carlos Lamyaga (pai) | | Anulado |
| | Manoel Lamyaga (filho) | | Anulado |
| | Francisco Cascaes "O Chico Brasileiro" | | Anulado |
| | Francisco Cascaes "O Chico Brasileiro" | | Anulado |
| | José Gomes Espinosa | | Anulado |
| | Francisco Gonçalves | | Anulado |
| | Francisco de Sá | | Anulado |
| | José Zambirim | | Anulado |
| | José Zambirim, alias José de Almeida | Passou ao F. nº 535-58/65 | Anulado |
| | José Costa | | Anulado |
| | Amadeu Soares, alias Adalberto Marques Soares | | Anulado |
| | Francisco Soares ou Francisco Pereira Soares | | Anulado |
| | António Soares | | Anulado |
| | José Marques | | Anulado |
| | José Marques | | Anulado |
| | José Marques | | Anulado |
| | Manoel de Sá | | Anulado |
| | Francisco de Sá | | Anulado |
| 920 | Carlos Soares ou Carlos da Silva | Passou ao F. nº 198-52-6. de Vila | Anulado |

Igual diligência fora já feita anteriormente. Ver PEREIRA, Ana Leonor., PITA, João Rui., e RODRIGUES, Rosa Maria., Um Retrato de Egas Moniz, Lisboa, Círculo de Leitores, 1999, p. 51.

3. Resposta do Centro de Documentação e Arquivo de Imagem da CP.

3.1. Fichas respeitantes à actividade de Egas Moniz no Serviço de Saúde da CP. Capa do Processo.



4. Entrevista do ISJD José Joaquim Fernandes ao Doutor Aires Gameiro.

4.1. Transcrição da entrevista videogravada.

Professor EGAS MONIZ e a Casa de Saúde do TELHAL

Entrevistador: Aires GAMEIRO (AG)

Entrevistado: Imão José Joaquim FERNANDES (IJF)

Petrópolis, Rio de Janeiro, 15-12-2004

AG - Estamos aqui com o IJF, um Irmão de São João de Deus, que viveu longos anos no Telhal e que conhece a realidade de lá. E vamos ter uma pequena conversa com ele agora sobre um tema que é as operações cirúrgicas - chamadas de lobotomia, ou de leucotomia - iniciadas pelo Professor Egas Moniz. Mas, antes, desejava perguntar ao IJF, donde é?

IJF - Ora, eu sou das Quintas de S. Bartolomeu, a minha Freguesia, - a minha Paróquia, não é?, de nascimento, de baptismo, - Concelho de Sabugal, distrito da Guarda.

AG - Muito bem. E chegou ao Telhal a primeira vez....

IJF - Entrei a primeira vez - a primeira e a únic... e para sempre, não é?... - entrei no 1 de Fevereiro de 1930. Cheguei ao Telhal, na madrugada do dia 1 de Fevereiro de 1930.

Muito bem. Olhe, diga uma coisa: como é que veio a conhecer o Professor Egas Moniz?

IJF - Bom, Eu no Telhal, tive sempre... tive sempre relacionado com os clínicos do Telhal... E no Telhal, era... o Director clínico era o Dr. José Luís Cebola... depois entrou o médico de clínica geral o Dr, António Meira de Carvalho - foi recebido como um clínico da Casa de Saúde... Depois, nós tínhamos bastantes pacientes militares - tínhamos um grande grupo de doentes mentais militares - e dava a impressão que o exército, ou quem dirige o coiso... achou por bem, ter um médico militar também. E foi aí que apareceu o Dr. Diogo Furtado. Para mim um grande médico, um grande... um médico muito, muito... que me deixou grandes, grandes recordações, pela sua sabedoria, pela sua pessoa. Gostei muito. E com ele vieram assim... necessidades de... e com ele foi evoluindo... apareceu, apareceu nessa altura, com ele, o primeiro electrochoque... - que eu ajudei - os primeiros... a insulinoterapia, apareceu, enfim, tudo isso!... Foi uma ala... um tempo muito de muitos progressos nesse aspecto.

AG - E lembra-se como é que ele chegava ao Telhal, neste caso, o Professor Egas Moniz?

IJJF - O Egas Moniz vinha no seu automóvel, geralmente e... trazia o seu motorista, vinha com... trazia o seu...o Sr. Professor... e, então, trazia também o cirurgião... Almeida Lima, - o Dr. Almeida Lima que era um cirurgião de neurologia! E quem indicava os pacientes para a leucotomia era, geralmente, o Dr. Diogo Furtado.

AG - Ora diga-me uma coisa: como é que o recorda, o Professor Egas Moniz? Era assim simpático, era um bom profissional... como é que o caracterizava?

IJJF - Era uma pessoa muito boa... muito boa pessoa... simples, não era complicado. Era muito boa pessoa. Gostei sempre muito, muito dele.

AG - Mesmo para com os colegas... e para com os irmãos...

IJJF - Para com os colegas, para com os irmãos, para com os doentes... ele era muito muito... humano. Gostei sempre muito do Dr... do Prof. Egas Moniz; gostei sempre muito dele.

Olhe, já falou aí, nos outros médicos que havia lá, o Dr. António Meira de Carvalho, o Director Clínico que era o Dr. Luís Cebola... lembra-se se o Dr. Luís Cebola também colaborava nas operações, na selecção dos doentes ou se ficava...

IJJF – Não. Não, não, não. Redondamente não. O Dr. Luís Cebola era de uma outra época enfim muito... E, então, esse simplesmente ignorava ou não se interessava nada por esse ambiente...

AG - Ficava, ficava à margem...

IJJF - ficou sempre à margem, tanto dos colegas como ele mesmo se, se auto, enfim... se... se retirou... nunca teve acesso. Enfim...

AG - Nunca teve assim..., uma intervenção... Não tinha assim contactos com os seus colegas... Também se recorda, mais ou menos, foi durante quantos anos, enquanto lá esteve, no Telhal - depois parece-me que foi para a Madeira para dirigir outra Casa - enquanto tempo é que houve lá operações e... com o Prof. Almeida Lima?

IJJF - Eu no Telhal fiz a minha preparação em enfermagem... fiz a minha preparação, enfim... até... estive desde... estive no Telhal desde 1 de Fevereiro até 20 de Agosto de 1930. Em que o Superior Provincial me pediu para ir formar a nossa Casa do Funchal

AG - Esteve desde 1930 – quando entrou – depois esteve toda a década, até mil novecentos e...?...

IJJF - Até 1930.

Que começou. E quando saíram?...

IJJF - Não, desculpe. 1939.

AG - E houve sempre operações. Houve mais do que uma vez?

IJF - Houve sim. Houve várias operações. Leucotomia comigo com a minha responsabilidade que era o era o...

AG - A sua responsabilidade...nessa altura, lá, era o serviço de agudos...

IJF - ...era a preparação da sala de operações era, enfim...

AG - Que era no serviço de Agudos...

IJF - Era o Pavilhão S. João de Deus, onde tínhamos uma sala de operações assim simples, mas, prática... e era aí que a gente fazia, com muita simplicidade... as operações. E o Egas Moniz ia, geralmente, com o seu operador... muitas vezes era eu e ele... ou mesmo uma outra vez era um outro Irmão, enfermeiro, também...

AG - Olhe. Já falou aí na insulino-terapia nos electrochoques como tratamentos... Lembra-se de outros tratamentos desse tempo?

IJF - Lembro-me... de um tratamento que a mim me causou muita... fiquei muito chocado com electrochoques provocados por cardiazol – na veia – foi talvez o que me impressionou muito. Dava como que um ataque epilético no paciente, não é?, e aquele...

AG - E quem introduziu aquilo disse que era o Dr., o Prof. Diogo Furtado...

IJF - O Dr. Diogo Furtado era o grande inovador... Foi o homem inovador, da clínica moderna de saúde mental, seja insulina, seja da... Até ali... havia a malária...

AG - A malarioterapia, chamava-se...

IJF - ...a malarioterapia, na altura... E depois apareceu a insulino-terapia, a... Até lá era os banhos... enfim...

AG - Olhe, e quem eram os pacientes escolhidos, seleccionados, para serem operados? Eram todos ou...

IJF - Não. Eram, geralmente, doentes já... Quer dizer, catatónicos... doentes considerados... sem cura, sem esperança, sem nenhuma recuperação. Sem esperança de recuperação. Eram, geralmente, os esquizofrénicos profundos, os catatónicos, e os doentes assim...

AG - E lembra-se se eram mais dos militares ou se eram também dos outros?...

IJF - Houve uma vez ou outra dos outros... mas, a maioria eram militares. Porque, havia muitos militares, naquela altura, na Casa de Saúde.

AG - E lembra-se se vinham do estrangeiro, alguns...

IJF - Não. Eram todos nacionais. Pelo que eu conheço eram todos nacionais.

AG - E eram só homens?

IJF - Homens. Eram só homens. Não havia mulheres... só homens.

AG - E, portanto, o motivo porque faziam essas operações era para tentar...

IJJF - ...sim era tentar... se havia uma recuperação daqueles doentes considerados incuráveis, não é?, considerados, enfim, fora de recuperação, sem cura... ou melhoras.

AG - Olhe, e desses doentes que se recorda, que foram operados, em 1936, - quando estava lá responsável pela sala de operações - lembra-se de algum deles, de algum caso, lembra-se quem era, como é que ele era...?...

IJJF - Eu não me lembro do nome dele... - é um nome muito conhecido, talvez alguns irmãos conhecem... - não me lembro do nome dele. Eu não me lembro do nome dele. Não me lembro do nome dele! Sei que era um sargento - um sargento... - e sei que era um catatónico - o indivíduo não falava! Comia... levava uma vida vegetativa - mas andava... ficava de pé, sentava-se, levantava-se e tal... Mas era um catatónico. Não dizia uma palavra! Não falava. Completamente mutista... E esse senhor foi lá para... vi-o lá no Pavilhão... E o Almeida Lima, quando... o coloquei lá naquela mesa de operações, disse: '*este aqui nem vou dar anestesia!*'...

AG - Era anestesia local.

IJJF - Era anestesia local... '*Nem vou dar anestesia local!*'. E... não deu. E cortou, a sua... E começou a fazer o corte... o paciente parecia completamente imóvel, não disse nada...

AG - Não reagia!

IJJF - ...não reagiu coisa nenhuma... Estava coiso... e veio a... E veio a... broca do cirurgião... que... brocou o lóbulo frontal - esquerdo e direito... Depois disso introduzia o leucótomo... e o Almeida Lima... o, o Egas Moniz dizia: '*Oh mais para a direita, mais p'ra esquerda, mais assim, mais assado...*' e, quer dizer... foi dizendo diversas vezes - o Dr. Almeida Lima... o Dr. Egas Moniz: '*mais assim mais assado, p'r'a direita, mais p'ra esquerda...*' - estou a ver a inclinação do leucótomo... - e, claro, depois terminou e... na preparação p'ra costurar lá a ... a... a cirurgia... - lembro-me muito bem do Prof. Egas Moniz perguntou assim: '*Oh Sr. Fulano tal... ?... - disse o nome - E que tal? E que tal?... O que é que o Senhor diz?*'. E qual foi espanto nosso quando o indivíduo : 'Hein? Estiveram a ver se eu os tinha mas enganaram-se!' [risos de ambos] 'Estiveram a ver se os tinha, mas enganaram-se!'. E então, foi uma risota pegada. Foi uma risada geral. Porque... para nós foi uma surpresa muito grande porque uma pessoa que não falava, não dizia nada, sair-se com essa!... Foi uma risota pegada e, ao mesmo tempo, uma novidade, não é? Porque o homem não falava, não é? Não dizia nada! Mas isso é... Lembro-me disso como se fosse hoje!

AG - Olhe, a propósito, a propósito.... Eram pacientes que estavam lá em tratamento... sabe se pagavam as operações ou...

IJJF - Não. Essas operações da leucotomia não eram pagas, não eram pagas... porque eram um experimento.... Era uma porque era uma procura, era uma tentativa. E então, consta que ninguém pagava. As operações eram gratuitas!

AG - Olhe... e... o próprio Professor... quer dizer, o Dr, Almeida Lima, ele próprio seria pago, não seria...?...

IJF - Esse, também... dá-me impressão que ele se juntou ao Egas Moniz para fins científicos, para descobertas, não sei... e dá-me impressão que ele se acoplou ao, ao, ao Dr. Egas Moniz e fazia parte do, do, do grupo, não é? Do grupo científico do, de pesquisa, não é? Do grupo de pesquisa...

AG - Portanto, os médicos... - já referiu quais eram os outros médicos lá na Casa de Saúde naquela época... - agora, gostava de lhe perguntar.. onde é que era a sala de operações, precisamente... Onde é que funcionava a sala de operações...?...

IJF - Olha, a sala de operações era no Pavilhão S. João de Deus, naquele Bloco que ficava naquela ala, portanto, no extremo norte. E havia, dois centros na sala de operações e havia na sala de dentista... Tínhamos um dentista que ia lá não sei quantas vezes por semana...

AG - E tinha outro equipamento lá, - além dessa sala de dentista e sala de operações...?...

IJF - Tínhamos... depois tínhamos um Raio X...

AG - Raio X.

IJF - Também tinha ali

AG - E o Irmão... o Irmão Fernandes... foi do primeiro grande grupo que fez o curso de enfermagem e exames na Escola Artur Ravara

IJF - Exacto. Exacto.

AG - E era um grupo de quantos?

IJF - De 16 Irmãos. Éramos 16 irmão. Todos os nossos exames causaram espanto lá na Escola Artur Ravara, porque todos ficámos distintos.

AG - E, diga uma coisa, quantos é que trabalhavam lá nesse Pavilhão desses Irmãos que tinham acabado de fazer esse exame de enfermagem?

IJF - Ali, era esporádico... não era assim... Quem era o responsável era eu... - tínhamos vários irmãos novos a ajudar... com auxiliares... - eu era o responsável...

AG - Trabalhavam noutros serviços...

IJF - Os outros trabalhavam nos outros Pavilhões...

AG - E havia alguns que tinham ido para outra Casa, se calhar...

IJF - Exactamente. Alguns já tinham sido transferidos...

AG - E também no Bloco Cirúrgico, também não era...

IJF - Claro, Era eu que tinha que arcar com toda a... com tudo, praticamente...

AG – Tem ideia se as operações eram muito divulgadas ou se eram feitas assim... discretamente

IJJF - Não. Eram secretas. As operações em si eram feitas assim com... num sentido restrito e, portanto, não... sem propaganda nenhuma, sem publicidade alguma...

Não havia publicidade! Era uma tentativa.

AG - Tem ideia se houve algum acidente, algum óbito, algum caso que tenha corrido mal...

IJJF - Não. Graças a Deus não. Nunca houve assim... O pós operatório era calmo, tranquilo... Nunca houve nada...

AG - E como é que ficavam os doentes depois da operação, nos primeiros tempos?

IJJF - Olhe, houve algumas vezes que... - no princípio, nos primeiros dias.. – havia algo de... havia pequenas mudanças!... pequenas...

AG - Melhoras...

IJJF - Melhoras... não digo melhoras... umas reacções assim... diferentes... do habitual do doente... Havia... depois e habituei-me... - como, por exemplo, do Sargento, não é? - não falava, e saiu-se com uma... com uma... com uma graça dessas, não é?... que todos nós achamos graça, não é?...

AG – Sim, sim, sim...

IJJF - Havia uma pequenas reacções. Ou pequenas... Mas não grande...

AG - E, posteriormente, quando voltou lá, àquela Casa de Saúde encontrou, ainda por lá, alguns desses que tinham sido operados...?.. Mais tarde voltou...?...

IJJF - Foi em 46. Eu saí da Ilha da Madeira... passei ainda a Guerra lá, em frente da nossa Casa de lá no Funchal com 400 doentes, e foi uma prova bastante... bastante, bastante assim... bastante dura para mim, passar a Guerra toda ali, seis anos ali à frente daquela Casa... com dificuldades que havia... devidas à Guerra...

AG - Depois voltou...

IJJF - Depois voltei p'ro Telhal onde fiquei Superior quatro anos - desde 46 ao ano 50.

AG - Tem lembrança de ver por lá alguns dos operados?

IJJF - Lembro-me. Quer dizer, dá-me a impressão que sim... Mas, não tenho a certeza!

AG - E continua a haver operações, lá no Telhal...?...

IJJF - Não.. No Telhal, depois fez-se uma Clínica...

AG - Sim. Mas, isso foi mais tarde...

IJF - Já foi mais tarde, não é?... as leucotomias ficaram... A partir do ano... - eu saí dali no ano de 49... - eu acho que, praticamente...

AG - Alguns dizem... talvez até 50 que ainda houve operações...

IJF - Até 50...?... Eu não sei... não estava lá...

AG - Não tem ideia até quantas operações se realizavam de cada vez?...

IJF - Geralmente, era um. Um. Geralmente, era um de cada vez. Era uma operação feita com muita parcimónia, demorava bastante tempo... havia depois o relatório e tal... Era, geralmente... era uma pessoa. Não me lembro que tenha sido mais...

AG - Muitos casos... Demoravam, então, bastante tempo...?...

IJF - É.

AG - E eram feitas a qualquer hora ou...

IJF - De manhã. Mais da parte da manhã. Da parte da manhã.

AG - Tem mais assim alguma recordação ligada a essa... a essa actividade ligada a essa actividade da Casa de Saúde do Telhal?...

IJF - Não... Havia... Era uma época que... estava assim, no alvorecer, não é... Havia como que um alvorecer... no tratamento dos doentes mentais. Um desejo grande de...

AG - De tratamentos novos...

IJF - De tratamentos novos... havia grandes ideias, grandes aspirações de... Era, enfim, não é?... Sobretudo, o Diogo Furtado era muito inquieto... muito resoluto... estava sempre em frente...

AG - Queria inovar...

IJF - queria inovar... Havia uma grande aspiração em renovar e melhorar os doentes mentais. Havia realmente, um interesse muito grande!

AG - E tem conhecimento, de que noutras Casas de Saúde... - havia Casas de Saúde da Idanha... havia o Hospital Miguel Bombarda...- tem ideia se nessas outras instituições também fizeram... o Professor Egas Moniz também terá andado...

IJF - Não. Não. Não. Não me consta. Não me consta. Não me consta e... Não, Não me consta que o Egas Moniz tenha tido outras Casas onde ele fosse fazer essa... experiência. Não, não me consta.

AG - Muito bem... Não sei se quer acrescentar mais alguma coisa... sobre alguma recordação ou... alguma coisa ligada à sua experiência na área da psiquiatria...

IJF - Bom... na área da psiquiatria... se eu tivesse tido...se eu tivesse tido a sorte de fazer um diário... teria muita coisa interessante para hoje nós... a dizer. Havia muita coisa a dizer. Porque... houve um tempo em que o doente mental...

não havia tratamento, enfim... Era tudo empírico. Tudo! Tudo... Muito... muito sem saber o que fazer! E, então, havia tratamentos da época – eu sou do tempo das ventosas, sou do tempo das... sanguessugas!... (risos), sou do tempo em que não havia antibióticos, em que não havia... e havia escopolamina para fazer o doente...dormir... (que a gente fazia mesmo lá em Casa, para fazermos... a escopolamina... eu é que fazia...eu é que manipulava)... Os medicamentos, - não havia comprimidos nas farmácias... havia... - a gente comprava o ácido acetil-salicílico a vulso... e depois lá a gente é que fazia as divisões nas hóstias... naquelas capsulinhas que havia naquela altura!... – e nasceu, assim no meu tempo, essa evolução toda! Começou o próprio betanal, o luminal... tudo era manipulado por mim... E é que fazia as cápsulas daquelas coisas... Não havia nada, concretamente! E, então, era tudo muito... E, depois, pouco a pouco é que começou os banhos, a hidroterapia... - que era uma coisa trabalhosíssima!... -

AG - Ainda se lembra também de ter participado nos banhos?...

IJJF – Sim, sim. Uma terapia muito pesada! Passava uma manhã ali segurando os pacientes... com uma lona por cima, para ele não cair... Era uma dificuldade!... Era um trabalho muito árduo, muito árduo... Aquele... do tratamento de doentes mentais!... E para os conter era muito difícil!... Não havia assim... nada de concreto para conter os pacientes. Era muito difícil!

AG - Bem, Irmão José Fernandes, vou agradecer-lhe este contributo para a história da psiquiatria e das operações das lobotomias da Casa de Saúde do Telhal dos anos 30. E obrigado por este contributo.




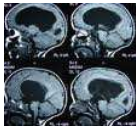

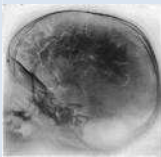

IJJF - Eu estou no alvorecer desta nova fase... Assisti ao primeiros electrochoque... tinha doentes em insulino-terapia... - foi outra démarche... - às vezes tinha três doentes em estado de coma... tinha que – foi uma hora de muita evolução!...



AG - Então, muito obrigado!

28'45''



5. OS LAUREADOS DO PRÉMIO NOBEL

5.1 - ANOS DAS NOMEAÇÕES DE Egas MONIZ (1928, 1933; 1937, 1944, (1950) e Walter DANDY (1934 e 1936)

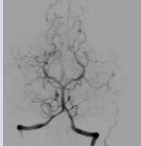

| NOMEADORES De EMoniz e Walter Dandy | AVALIADORES | ANO | Motivos das NOMEAÇÕES de E MONIZ (1874-1955) e Walter Dandy (1886-1946) | LAUREADOS |
|---|--------------------------|---|---|---|
| <p>Prof. Azevedo Neves (Port.) Director INML</p> <p>Prof. Bettencourt Raposo (Port.) Médico</p> | Hans Christian Jacobaeus | 1928  | <p>Egas MONIZ(Portugal) Encefalografia arterial</p>  | Charles Jules Henri Nicolle (France) Pelo seu trabalho sobre o Tifo |
| <p>Prof. Lopo de Carvalho (Port) Médico UL</p> <p>Prof. Salazar de Sousa (Port.) Médico UL</p> | Hans Christian Jacobaeus | 1933 Angiografia: (Novo adiantamento) | <p>Egas MONIZ (Portugal) Angiografia</p>  | Thomas Hunt Morgan (EUA) Pela sua descoberta do papel dos cromossomas na hereditariedade |
| <p>Frederick L. Reichert (EEUU) Prof de cirurgia.</p> | Nils Antoni | 1934  | <p>W DANDY (EUA) Ventriculografia</p>  | <p>George H. Hipple (EEUU) George Richard (EEUU) William P. Murphy (EEUU)</p> <p>Pelas suas descobertas referentes s terapia do <i>fetge</i> em casos de anemia</p> |
| <p>Louis Casamajor Prof Biologia NY (EUA)</p> <p>Henry A. Riley Prof. Neurologia e Neuroanatomia Univ Colombia NY (EUA)</p> | H.erbert Olivecrona | 1936  | <p>W DANDY (EUA) Ventriculografia / Pneumoencefalografia</p>  | <p>Henry H Dale (Reino Unido) Otto Loewi (Alemanha/EEUU)</p> <p>Pelos seus estudos sobre excitação e transmissão química dos impulsos nervosos</p> |

| | | | | |
|---|---|-------------|---|--|
| <p>Moreira Jr. Médico (Port)</p> <p>Prof. Azevedo Neves (Port.) Director INML</p> | <p>Herbert. Olivecrona</p> <p>Na sua nomeação refere apenas a angiografia</p> | <p>1937</p> | <p>Nomeado pela angiografia e leucotomia pré-frontal</p>  | <p>Albert Szent- Györgyi Nagyrapolt (Hungria) Pela sua investigação em relação aos processos de combustão biológica, especial/ os referentes à vitamina C.</p> |
| <p>Walter Freeman Médico Cirurgião (EEUU)</p> | <p>Erik Esse- Moller</p> | <p>1944</p> |  | <p>Joseph Erlanger (EUA) Herbert S. Gasser (EEUU) Pelos seus trabalhos no campo dos impulsos eléctricos do sistema nervoso</p> |
| | | <p>1946</p> | <p>Ano da Morte de Dandy (†)</p> | <p>Herman J. Muller (EEUU) Pelos seus estudos sobre a acção do raio X produtores de mutações e a acção das radiações sobre as células</p> |

5.2 - O ANO EM QUE EGAS MONIZ FOI LAUREADO
 1937 e **1949**: De novo H.OLIVcrons VERSUS MONIZ
 & de novo a angiografia e a leucotomia pré-frontal

| AVALIADORES | LAUREADOS | ANO | Razão da Nomeação | NOMEADORES |
|---|---|--|-----------------------------|---|
| Yngve G Zotterman - Göran Liljestränd - Gösta Häggqvist | Walter Rudolf HESS (b.1881-d.1973) (Suíça) | 1949 | Pelo estudo do Mesencéfalo | W.Löffler (Zurich) M Minkovsky (Zurich) M Bleuler (Zurich) E Feer (Zurich) Alfred Gysi (Zurich) H Krayenbühl (Zurich) |
| Herbert Olivecrona | Egaz MONIZ  | “  Fig. 1. - Section of the brain showing the prefrontal leucotomy. | Pela LEUCOTOMIA pré-frontal | Jayme Pereira Ernesto S Campos P. Locci (Brasil) Barahona Fernandes; Celestino da Costa; Castro Freire; JM Loureiro; EM Buch (Portugal) |

5.3 Sexta nomeação de Egas Moniz (1950)

| NOMEADORES | MOTIVO | 1950 | NOMEADO | AVALIAÇÃO |
|---|--|---|--|-----------------|
| Percival Bailey (EUA) Almeida Prado (Brasil) | Pela angiografia cerebral e pelo seu trabalho no tratamento cirúrgico de doenças mentais | Angiografia Cerebral  | António Egaz MONIZ (Portugal)  | NÃO AVALIADO |

5.4 – Duas nomeações feitas por Egas MONIZ 1951-1953

| EGAS Moniz NOMEIA | NOMEADOS | ANO | LAUREADOS ☆ |
|---|--|------|--|
| António EGAS MONIZ (Portugal) Catedrático De Medicina da Universidade de Lisboa | Manuel de Abreu (Brasil) Pela sua radiografia em série | 1951 | Max Teller (África do Sul) Pela descoberta da vacina contra a febre amarela |
| António EGAS MONIZ “ | Oscar Vogt (Alemão) | 1952 | Selman Abraham Waksman (Rússia EEUU) Pela sua descoberta da estreptomicina o 1º antibiótico real/ efectivo contra a TUBERCULOSE |
| António EGAS MONIZ “ | Karl Kleist (Alemão) | 1952 | Selman Abraham Waksman (Rússia EEUU) Pela sua descoberta da estreptomicina o 1º antibiótico real/ efectivo contra a TUBERCULOSE |
| António EMONIZ “ | Cecile e Oscar Vogt (Alemanha) Pela investigação sobre o cortex cerebral | 1953 | (EXECUO) Hans Adorlf Krebs (Alemanha / Reino Unido) Pela descoberta do ciclo de ácido cítrico |
| António EMONIZ (Portugal) Catedrático De Medicina da Universidade de Lisboa | | 1953 | (EXECUO) Fritz Albert Lipmann (EEUU) Pela descoberta e desenvolvimento do Coenzim A |

6. Documentação consultada nos Arquivos da Fundação Nobel, Karolinska Institutet, Estocolmo.

6.1. Processo de nomeação de 1928

1928.

Sekret Handling.

Utlåtande angående

E. Moniz

av

H. C. Jacobaeus.

Gr. IV.
29.

1927 - 1928

N° 74. Inter den 18 jan. 1928.

Lisbonne, le 7 janvier 1928.

Monsieur le Président du Comité de Nobel
de Physiologie et de Médecine
Stockholm.

Le travail du Professeur

Hans König

sur l'angiographie artérielle représente une nouvelle et im-
portante acquisition pour la science médicale et, d'accord avec les
§§ 4^o et 5^o du "Règlement concernant l'attribution des Prix de la
Fondation Nobel", je propose M. Hans König pour le prix Nobel de
1928.

En effet, Les travaux du professeur Hans König présentent des
aspects originaux sur plusieurs points de vue; mais ils nous ap-
portent surtout quelques appréciables résultats que nous mettrons
en première place: l'injection dans la carotide interne, sans danger
pour le malade, d'iodure de sodium à 25 % et la visibilité du réseau
artériel carotidien, c'est-à-dire de la circulation de la syl-
viennne et de la cérébrale antérieure.

Ces deux faits nouveaux sont les plus importants.

Leur conséquence, en effet, a été de suggérer à M. Hans König
de faire la localisation des tumeurs cérébrales par le déplacement
des artères, et des anévrysmes. Il l'a découvert, lors de ses pre-
mière résultats (deux cas), la valeur de l'épreuve.

Il a poursuivi les investigations diagnostiques sans des in-
convénients pour les malades et il a déjà fait opérer un des cas,
dans lequel il était impossible de faire la localisation de la tu-
meur par les symptômes neurologiques. L'épreuve angiographique
a montré que la néoplasie était placée dans le lobe temporal droit,
ce que l'opération a pleinement confirmé.

Le Professeur Hans König avait déjà obtenu, sur le cadavre,
les réseaux artériels de tout le cerveau, ce qui lui a donné l'idée
de faire par une nouvelle méthode très simple, de coagulation,
la topographie cranio-encéphalique, ou plutôt, cranio-artério-en-

1927 - 1928

N^o. IV
89.

céphaliques, ce qui deviendra très utile dans la chirurgie crânienne.

Les travaux du Professeur Erna Rosen sur l'encéphalographie crânienne méritent encore en évidence d'autres points, étudiés jusqu'à ce jour, tels que les injections intra-veineuses de doses élevées de bromures de lithium, de strontium, de sodium, etc., mais les découvertes que nous avons signalées et dont l'importance médicale ne saurait échapper, suffisent amplement à justifier la proposition que j'ai l'honneur de faire.

Veuillez agréer, Monsieur le Président, l'expression de mes sentiments les plus distingués.

Ernest Rosen

Doyen de la Faculté de Médecine de Lisbonne.

1927 - 1928

N^o 80. Lisbonne den 23 jan. 1928

Lisbonne 17 janvier 1928.

au Comité Nobel de Physiologie et de médecine.

Messieurs,

J'ai l'honneur de vous proposer candidat, pour le prix Nobel de Physiologie et de Médecine de 1928, mon collègue à la Faculté de Médecine de Lisbonne le Professeur

Erna Rosen.

Objet de la proposition - la découverte de la radiocarteriographie cérébrale.

Ci-jointe quelques uns des travaux du candidat se rapportant à sa découverte.

Toujours à vous

Pedro Antonio Bettencourt Raposo.

1927 - 1928

N^o 78. Lisbon den 23 jan. 1928.

Dijon, le 10 janvier 1928

Monsieur le Président du Comité Nobel de Médecine.

En réponse à votre lettre me demandant de vous proposer un candidat pour le prix Nobel de physiologie et de médecine de 1928, j'ai l'honneur de vous proposer M^r le Professeur

6.2 Avaliação da candidatura de Egas Moniz em 1928

Hans Christian Jacobaeus

Egas Moniz, professor em Neurologia na Universidade de Lisboa, é proposto como candidato ao prémio Nobel pela sua descoberta da “Encephalographie artérielle”.

A descoberta de Moniz consiste em injectar na artéria carótida uma solução de iodeto de sódio a 25% com exposição simultânea do crânio aos raios X, através da qual o sistema arterial do cérebro aparece nítido e bonito em imagem radiográfica.

O autor experimentou a técnica em cães e chegou à conclusão de que dos diferentes sais solúveis em água testados, o melhor era o iodeto de sódio, embora seja possível utilizar outras soluções.

No ser humano também foi experimentado este método segundo a técnica seguinte. A artéria carótida é dissecada, uma agulha fina é espetada na artéria, a parte central da artéria é ligada momentaneamente e nela se injectam de seguida 5 a 6 cc de iodeto de sódio a 25%, feito isto poder-se-ão tirar radiografias do crânio que mostrarão imagens bonitas da rede arterial de vasos sanguíneos da região da artéria injectada. Imediatamente a seguir liberta-se a artéria carótida da ligadura, e a circulação é restabelecida.

Tanto quanto é do meu conhecimento, só 4 ou 5 casos estão descritos em que este método foi praticado e num destes casos foi possível fazer o diagnóstico localizado de um tumor, que segundo o autor não teria sido possível diagnosticar com outros métodos (contudo não tinha sido feita a ventriculografia).

A injeção da solução de iodo é dolorosa, sendo por isso necessário administrar morfina ou atropina antes da operação. Nestas condições parece que as dores são suportáveis. Num dos casos surgiram convulsões durante 3 minutos depois da injeção.

Consegue-se um diagnóstico localizado observando as diferenças entre a rede de vasos sanguíneos do lado saudável e do lado doente. No caso presente a artéria de Sylvius tinha sido deslocada para cima no lado doente. A diferença de aspecto nas radiografias enviadas em anexo em dois dos casos publicados era nítida.

Desconheço qualquer verificação do método feito noutra clínica.

Não existem dúvidas sobre o grande interesse do método de Moniz. São também prova disso as declarações entusiasmadas de diversos neurologistas franceses presentes na recente conferência de Moniz em Paris. Contudo o método está ainda pouco comprovado para poder ser considerado merecedor do Prémio Nobel. O diagnóstico apenas foi verificado num caso através de operação e num outro através de dissecação. É também muito difícil verificar se o método é tão

inofensivo como o seu autor sustenta em tão poucos casos publicados. É também ainda desconhecida a extensão da sua utilidade.

Por tudo isto, é a minha opinião de que não existe presentemente razão para incluir a “Encephalographie artérielle” de Egas Moniz numa candidatura.

Estocolmo a 10/4 de 1928.

H. C. Jacobaeus.

6.3. Processo de nomeação de 1933

Del I:5

1933
skret handling.

Grupp IV

Medicin, kirurgi och terapi.

| <u>Föreläsare</u> | | <u>Föreläsare</u> |
|-------------------------|----------------------------|-------------------|
| <u>Duching, H.</u> | Föreläsaren av L. Acher | n:o 18 (Gr.II) |
| " " | " " F. de Quevain | " 22 |
| <u>Egon Louis, A.C.</u> | " " L. de Carvalho | " 21 |
| " " " | " " J.H.Selzer de Souza | " 34 |
| <u>Ernstler, O.</u> | " " H. Gurschmann | " 12 |
| <u>Frand, C.</u> | " " A. Vogt | " 7 |
| " " | " " A.V.Kieselberg | " 50 |
| <u>Glock, T.</u> | " " A.V.Kieselberg | " 50 |
| " " | " " T.Kallian och T.Nouran | " 53 |
| " " | " " J.Jango | " 63 |
| <u>MCC, E.</u> | " " G. Kinnre | " 28 |
| " " | " " B. Kinn | " 29 |
| <u>Larsson, G.</u> | " " G. Kirgin | " 73 |
| " " | " " G. Kling | " 76 |
| <u>Larson, A.</u> | " " A.V.Kieselberg | " 50 |
| <u>Moht, G.H.</u> | " " G. Hennessen | " 17 |
| " " " | " " J.I.Denkhauser | " 20 |
| " " " | " " H. Grafe | " 30 |
| " " " | " " H. H. Simons | " 61 |
| " " " | " " G. V. Gostum | " 61 |
| <u>MURBY, H.H.</u> | " " G. Hennessen | " 17 |
| " " " | " " H. Grafe | " 30 |
| " " " | " " H. H. Simons | " 61 |
| <u>Nacht, E.</u> | " " E. Fappe | " 43 |
| <u>Roller, A.</u> | " " F. de Quevain | " 22 |
| <u>Uhlenhuth, F.</u> | " " O. A.Rost | " 58 |
| " " | " " G. Fackler | " 70 |
| <u>Wittmann, E.</u> | " " O. Steurer | " 66 |

1932 - 1933

Dr. IV.

2.

avec les membres d'Iggitins publique" au 2. Internationalen Kongress 1932 in Kopenhagen zusammengefasst, das ich als bekannt voraussetze. Eine Zusammenstellung der bisherigen Arbeiten von Kollier und von seinen Schülern lege ich bei und bemerke nur noch, dass ihm seine Benennung in diesem Schreiben völlig unbekannt ist.

Ich weise allerdings, dass diese Benennung des Paragraphen 2 der Statuten nicht völlig entspricht, indem die Bedeutung der Kollidotherapie nicht erst in "jüngster Zeit" dargestellt worden ist, sondern sich im Laufe der letzten zwei Jahrzehnte erwiesen hat. Es ist aber eine allgemeine Erfahrung, dass Erfindungen von dieser Bedeutung sich nicht auf einen Schlag durchsetzen können, sondern dass ihre Anerkennung allmählich auf Grund der gemachten Erfahrungen erlangen müssen. Ich halte es daher für meine Pflicht, den Namen Kollier hier zu erwähnen, ohne damit das Verdienst eines andern Schweizer, Dr. G. Bernhard von St. Moritz, schmälern zu wollen, dem wir die ersten experimentellen Versuche auf diesem Gebiete verdanken.

Ich halte es für überflüssig, auf diese Dinge näher einzugehen, da die Kommission in ihrem Präsidenten einen auf dem Gebiet der Tuberkulose so erfahrenen Mann besitzt.

Mit dem Ausdruck vorzüglicher Hochachtung

F. de Quervain.

F. de Q.

Interu den 23 dec. 1932.

Messieurs les Membres du Comité Nobel
de Physiologie et de Médecine.

La découverte de l'encéphalographie artérielle réalisée par

H. G. A. H. H. I. E.

en 1927 est une des plus importantes acquisitions médicales de ces dernières années. Elle a apporté de nouveaux éléments à la clinique et à la physiologie. Elle a aussi précisé quelques faits anatomiques par l'étude directe des vaisseaux capillaires et vas, sur place, chez le vivant. Ces constatations sont, parfois, en désaccord avec les résultats des observations sur le cadavre.

Comme neurologue, Hans Kollier a eu la préoccupation de faire l'artériographie du cerveau, qui était la plus difficile à obtenir à

cause de l'opacité du crâne. Cette découverte a eu un grand retentissement dans le monde scientifique quand elle a été présentée à l'Académie de Médecine et à la Société de Neurologie de Paris (1927), où elle a mérité de justes appréciations de Babinski, Nicard et Souques (*Revue Neurologique*, 1927, tome II, pg. 89).

Nous diviserons cette exposition en trois chapitres. Dans le premier, nous nous occuperons des travaux d'Egon Honig sur l'encéphalographie artérielle jusqu'à 1931, dans le second, de l'application de la méthode à l'artériographie des membres, à l'ortographe et à l'angiopneumographie; dans le troisième, nous traiterons des découvertes de la phlébographie cérébrale, de la détermination de la vitesse du sang par la méthode artério-phlébographique, etc., observations faites en 1931 et 1932.

I

La partie expérimentale qui a précédé l'application de l'encéphalographie chez l'homme a été conduite par Egon Honig avec une méthode rigoureuse. L'étude des substances opaques à injecter (Doc. no 1, pag. 234), les travaux chez le chien au sujet des injections intracarotidiennes (Doc. no 1, pag. 232) et les premières résultats artériographiques chez l'animal (Doc. no 1, pag. 235), les expériences répétées sur la cadavre, constituent un programme digne d'être suivi dans les travaux d'investigations cliniques.

Babinski a écrit, dans la préface de livre d'Egon Honig: "Paul Valéry, dans un de ses ouvrages, déclare qu'une découverte scientifique l'intéresse moins par les conséquences qui en résultent que par l'analyse des opérations intellectuelles grâce auxquelles des notions nouvelles ont été acquises.

"L'œuvre de H. Honig sur l'encéphalographie artérielle serait de nature à séduire l'éminent psychologue. Ce n'est pas, tant à'en faut, qu'elle manque d'importance pratique. Mais elle n'est pas le produit de la constatation d'un fait s'étant présenté par hasard à l'observation d'un chercheur attentif et dont il aurait su profiter, ce qui, d'ailleurs, serait déjà très méritoire; c'est le fruit d'une méditation soutenue et de nombreuses expériences conduites avec une méthode rigoureuse" (Doc. no 1, pag. 1).

Babinski ajoute un peu plus loin:

1932 - 1933

Gr. IV.

4.

"M. Houis étudia successivement les divers problèmes que ses réflexions l'ont conduit à se poser. C'est ainsi qu'il s'efforça d'abord de trouver une substance imperméable aux rayons X, susceptible d'être injectée dans la circulation sans faire courir de risques.

"Mais comment éviter la dilution immédiate de substance opaque dans le sang? C'était là aussi une difficulté à vaincre. Il y en avait d'autres encore.

"Le lecteur verra avec quelle sagacité l'auteur a résolu ces questions et comment il a pu échapper aux écueils qui se sont présentés sur sa route." (Doc. no 1, pag. 2).

Nous ne saurions nous exprimer avec plus de précision et apprécier la valeur de cette découverte avec plus de clarté que le célèbre et regretté neurologue. Nous dirons seulement que les nouveaux résultats obtenus par Houis depuis la publication de son livre (janvier 1931) montrent que sa méthode d'investigation scientifique a été toujours suivie, avec la même rigueur et une remarquable persévérance.

L'artériographie cérébrale avait une finalité clinique: le diagnostic de la localisation des tumeurs cérébrales par l'irrigation de leur circulation et par les déplacements des groupes artériels du cerveau. Houis a entièrement résumé dans ce champ, comme on peut vérifier dans son livre "Diagnostic des tumeurs cérébrales et encéphalographie artérielle", Paris 1931 (Doc. no 1, pag. 324-447) et dans le Doc. no 2, "Rapport présenté - sur invitation - au Congrès de Neurologie International de Bernes, 1931".

La méthode est aujourd'hui suivie par beaucoup de neurologistes et d'investigateurs. Une véritable école d'artériographie s'est établie à Nagoya (Japon) sous la direction du professeur Dr. Shikata Saito (1).

(1) Nous indiquons ici quelques-uns de ses travaux:

Prof. Dr. S. Saito et Dr. K. Kashiwara - Sur la figure des vaisseaux chez les malades.

Prof. Dr. Shikata Saito - Angiographie odorsuographie.

Prof. Dr. S. Saito et Dr. K. Kashiwara - Röntgenographie der Gefäße bei Lebenden und ihre klinische Anwendung.

Prof. Dr. Shikata Saito - The Roentgenological Diagnosis of the cerebral Tumor - First Pan-Pacific Surgical Conference-1929.

Prof. Dr. S. Saito et K. Kashiwara - Ueber die klinische Anwendung des Perinacols (Thyotrast).

1932 - 1935

Gr. IV.

5.

Beaucoup de travaux ont été publiés depuis l'apparition des premiers mémoires d'Egag Henis. Les traités de neurologie parus depuis 1927 exposent l'encéphalographie artérielle. Nous ne citerons que ceux de E. Esch - Die neuropathologischen Syndrome. Berlin, 1929; L. Funtowicz - Chirurgische Neuropathologie, I. Band., Tartu, 1930; Parvus Kiewski - The diagnosis of nervous diseases. London, 1931; Fedor Krauss und Heinrich Schott - Die spezielle Chirurgie der Gehirnkrankeheiten - Die epileptischen Erkrankungen. Stuttgart, 1932.

Egag Henis donne note dans son livre de la large bibliographie qu'il a publiée jusqu'à 1931 (Doc. no 1, pag. 505).

Les mémoires de l'auteur montrent l'évolution de ses travaux. Il les a utilisés dans le texte de son livre (Doc. no 1). Nous ne les avons donc pas réunis.

Nous joignons, néanmoins, comme spécimens, deux de ses mémoires antérieurs à la publication du livre (Doc. no 8 et 9) et trois autres publiés après sa publication (Doc. no 5, 6 et 7) sur la localisation des tumeurs intracranéennes.

L'artériographie cérébrale a élargi la sphère d'action en dehors de la clinique.

Dans l'anatomie elle a montré d'importantes détails de la circulation cérébrale. À savoir: la forme de la carotide à son entrée dans le cerveau décrite par Egag Henis d'après ses recherches; le truncus cerylicus, désignation qu'il donne à l'artère cerylique ou cérébrale moyenne, parce qu'elle n'est pas formée par un seul vaisseau, mais par trois artères. Ces artères sortent, en général, en même temps, de la carotide interne, soit séparées, soit par deux troncus artériels dont l'un se divise bientôt en deux artères, soit plus rarement par un tronc commun qui peu après donne les trois vaisseaux. Dans les artériographies, ces trois artères, montrées en projection,

Prof. Dr. M. Saito, Dr. K. Kamibawa und Prof. Dr. Sidosyoshi Yanagisawa - Ueber eine neue Methode der Arterie und Venographie (Angiographie) bei Lebenden und ihre klinische Anwendung.

Prof. Dr. Makoto Saito u. Dr. Masachika Saito - Ueber die Fragestellung durch Arteriographie bei der Genesen der unteren Extremitäten.

Prof. Dr. Makoto Saito, Dr. K. Kamibawa und Prof. Dr. Sidosyoshi Yanagisawa - Ueber das röntgenologische Arterienbild bei der Spontananeurysmen insbesondere über die Bildung des Collateralkreislaufes.

Prof. Dr. Makoto Saito und Dr. Masachika Saito - Aneurysma, eine klinische Vorlesung über Aneurysmographie.

Etc.

La plupart des travaux de Saito et de ses collaborateurs a été publiée en japonais.

se dirigeant ensemble vers la partie postérieure du cerveau (Doc. no 1, pag. 281. Doc. no 3).

Ernst Romis a aussi précisé quelques détails à propos de la circulation antérieure et de la pericalluse (Doc. no 1, pag. 280) qu'on voit suivre le corps calleux jusqu'au splanx. Il donne des renseignements sur l'anomalie, pas trop rare, de la circulation postérieure qui n'est parfois de la carotide interne (Doc. no 1, pag. 286 et suivantes). Dans ce cas elle se divise toujours en deux branches terminales.

Il a aussi étudié des relations entre l'artériographie cérébrale et la topographie cranio-artério-encéphalique (Doc. no 1, pag. 263, et Doc. no 4, la radiographie et la topographie cranio-encéphalique).

Ernst Romis a étudié, par l'artériographie, la circulation de certaines tumeurs cérébrales. Ainsi, il a montré que les méningiomes, liés aux méninges, avaient souvent une circulation dérivée de la carotide interne et plus rarement une circulation mixte à la fois des carotides interne et externe (Doc. no 1, pag. 324, Doc. no 34 - Aspects radiographiques de circulations vasculaires, une importance clinique).

Ernst Romis a aussi décrit la stimulation provoquée d'artères tumours très vascularisées (Doc. no 1, pag. 324, Doc. no 2, pag. 32). Ce sont des constatations anatomo-pathologiques d'une réelle importance. Il a pu apprécier la circulation des artères-veineuses par l'épreuve encéphalographique (Doc. no 1, pag. 455). L'application de la solution iodée était dangereuse dans l'artério-veineuse, mais aujourd'hui, grâce au thortrast, on peut obtenir l'artériographie cérébrale des artères-veineuses sans inconvénients pour les malades (Doc. 22, pag. 7).

Ernst Romis a pu faire le diagnostic des angiomes du cerveau (Doc. no 26), et il a pu obtenir leur volume et leur extension par l'artériographie cérébrale.

La même méthode lui a permis d'étudier la circulation cérébrale dans l'hydrocéphalie congénitale. Cette circulation est très réduite. Elle présente un aspect en patte d'araignée (Doc. no 11).

Au point de vue physiologique, Ernst Romis a, dans la première phase de ses travaux, apprécié les troubles circulatoires et respiratoires

autres déterminés, chez l'homme, soit par le pincement du sinus carotidien, soit par l'irritation de l'aorticorég provoquée par la solution d'iodure de sodium. Ces troubles sont plus marqués quand on évite l'accès du sang par pincement de la carotide primitive. Il a ainsi constaté le bradycardie, l'augmentation de la tension artérielle, la dyspnée (Doc. no 1, pg. 257 et suivantes).

Esau Kouis a noté que la zone réflexogène de la carotide externe, qui a été décrite chez le chien, n'existe pas chez l'homme.

Il a observé un réflexe d'expectoration immédiate en introduisant une solution d'iodure de sodium à 25 % dans la carotide externe lequel est dû à son passage par l'artère linguale. Le phénomène ne se produit pas quand on fait la compression de cette artère (Doc. no. 1, pg. 261).

Un autre fait, d'une remarquable importance physiologique, a été observé par Esau Kouis et confirmé par d'autres auteurs (Makoto Saïto et ses collaborateurs, etc.): l'injection de la solution iodurée dans la carotide interne, avec pincement de l'artère, provoque parfois des accès épileptiques homolatéraux (Doc. no.1, pg.262).

Les aspects cliniques des injections intracarotidiennes d'iodure de sodium à 25 % ne se limitent pas au diagnostic des tumeurs cérébrales; ces injections ont aussi donné des résultats thérapeutiques. Esau Kouis a vérifié des améliorations considérables du syndrome de l'hypertension crânienne, définitives dans les cas de méningites adhésives, plus ou moins passagères chez les malades de tumeurs cérébrales. Même dans ces cas, les améliorations ont parfois duré jusqu'à la mort des malades. On a vu disparaître les céphalées, les vomissements, la paralysie du nerf oculomoteur externe et même la stase papillaire (Doc. no. 1, pg 275). Appuyé sur ces faits, Esau Kouis a présenté une nouvelle interprétation pathologique de l'hypertension crânienne (Doc. No.1, pg. 267).

Tous les travaux que nous venons d'énumérer ont été largement exposés dans plusieurs mémoires réunis depuis dans son livre (Doc.no 1).

II.

L'artériographie cérébrale a poussé les chirurgiens à faire son application aux membres. Reynaldo Santos, Augusto Lemos et Ferreira Caldas ont obtenu l'arteriographie des membres. Ces auteurs ont écrit

dans leur premier travail, publié le 6 janvier 1929 (1): "C'est la technique de Edgar Sumis que nous avons suivie dès les premières artériographies que nous avons faites et, si la première tentative a été tout de suite un succès, nous la devons à la technique réglée par lui et de laquelle nous nous sommes essentiellement servis jusqu'à aujourd'hui".

En même temps, et sans connaître les travaux des médecins portugais, Charbonnel et Massé (de Bordeaux) sont parvenus à des résultats identiques publiés le 20 janvier 1929 (2). Ils ont écrit: "Ayant lu, écouté Edgar Sumis, l'ayant aidé pour une opération de démonstration sur le cadavre, nous nous sommes demandé si la solution qu'il a préconisée et à laquelle il s'est arrêté, après des recherches très régulièrement conduites, ne pourrait être utilisée aux membres. La solution iodée de sodium chlorure pur à 25 % qui donne au crâne de si beaux clichés, sans danger ni douleur, devait pouvoir être, à fortiori, employée aux membres; c'est ce que nous avons tenté."

Et suivant la même orientation, Reynaldo dos Santos, Augusto Lemos et Ferreira Galdas ont obtenu, au mois de mars 1929, l'artériographie, c'est-à-dire l'artériographie de l'aorte et des vaisseaux abdominaux. Pour cela, ils ont injecté, sous pression, des solutions concentrées d'iode de sodium à 100 %.

Ces auteurs, donnant dans leur livre (3) un aperçu historique des premiers travaux sur l'artériographie, écrivent: "Mais la nouvelle étape de l'artériographie date des travaux d'Edgar Sumis (de Liège) qui, depuis 1927, a non seulement, en se basant sur des recherches expérimentales, réglé la technique des injections artérielles, mais, surtout, a étendu la méthode à l'étude de la circulation du cerveau, poussant dans les carotides une solution d'iode de sodium à 25 %. Ainsi a été créée l'encéphalographie artérielle."

"Son but était le diagnostic et la localisation des tumeurs cé-

(1) *Medicina Contemporanea*, t. XLVII, No 1, 6 janvier 1929.
Résumé in *France Médicale*, No. 67, 12 juin 1929.

(2) Charbonnel et Massé - Artériographie des membres avec l'iode de sodium - Gazette hebdomadaire des sciences médicales, Bordeaux, 50^e année, 20 janvier 1929.

(3) Reynaldo Santos, Augusto Lemos et Ferreira Galdas - L'artériographie des membres et de l'aorte abdominale. Paris, 1931, pp. 3 et 4 (Masson & Cie).

cérébrales, basés sur le déplacement des vaisseaux ou les caractères d'une circulation anormale. Mais malgré ce point de vue précis de neurologue, la portée du fait était d'ordre général. C'était en réalité la création de l'artériographie viscérale où l'on vient la lésion de l'organe à travers les modifications, directes ou indirectes, de sa circulation."

Après la découverte d'Egon Honig de l'artériographie cérébrale par l'injection de l'iodure de sodium dans la carotide, presque toutes les autres artères de la grande circulation ont été injectées pour obtenir l'opacité des réseaux qui en dérivent. Il manquait, cependant, les vaisseaux de la petite circulation qui sont plus en dehors de l'atteinte directe de l'aiguille.

Egon Honig, Lopo de Carvalho et Almeida Lima ont obtenu l'angiopneumographie en injectant, sans danger pour le malade, une solution à cent vingt pour cent (20 %) d'iodure de sodium dans l'oreillette droite du cœur. On a utilisé pour cela une sonde qu'on introduit par une veine du pli du coude dans l'oreillette droite d'après la technique de Forssman un peu modifiée. Dans quelques années, ces auteurs ont montré les résultats obtenus et les premières applications de la méthode à la clinique (Doc. 12 à 21).

Egon Honig et ses collaborateurs se sont rendu compte dans la suite de leurs expériences de quelques faits physiologiques encore non établis. Nous citerons les deux principaux: 1) imperméabilité des veines du cou et de l'oreillette droite aux solutions iodurées (Doc. no 1, pag. 492 et Doc. no 14); 2) adonisme de la circulation veineuse du cou et importance des veines jugulaires externes sur la décharge veineuse du cerveau (Doc. no. 1, pag. 454 et Doc. no.15).

Ils ont aussi apprécié, chez l'homme, la haute pression des gros troncs veineux du cou (Doc. no.1, pag. 493 et Doc.no.16).

III.

Egon Honig a continué ses recherches sur la circulation cérébrale. Les découvertes dont il a rendu compte jusqu'à fin de 1932 ont une très grande importance, surtout dans le domaine de la physiologie et de l'anatomie.

Egon Honig a perfectionné sa première technique. L'injection, qui, au début de ses travaux, était donnée dans la carotide interne,

1932 - 1933

Gr. IV.
10.

avec pincement transitoire de l'artère, a été faite ensuite dans la gouttière primitive libre (Doc. no 21).

Dans la solution d'indure de sodium à 25 % provoquait, parfois, des réactions, il a essayé d'autres substances opaques aux rayons X. L'abrodil causait les mêmes réactions, mais le Thorotrast a donné toute satisfaction. Ce liquide est une suspension colloïdale de Th. O₂. Il est tout-à-fait inoffensif (Doc. no 22, 23, 24 et 25).

Enfin, les malades de la ville viennent faire l'épreuve encéphalographique à l'hôpital et rentrent ensuite chez eux, sans aucun inconvénient.

Cette nouvelle acquisition a conduit Roux Soula dans une nouvelle voie. Il a pu suivre le liquide opaque dans les artères, dans les capillaires et dans les veines. Il a ainsi découvert la phlébographie cérébrale. Roux Soula a obtenu précisément le réseau veineux du cerveau (Doc. no 24). Ensuite, et après plusieurs tentatives, il a obtenu les sinus veineux de la dure-mère (Doc. 26, 27 et 28). Il a pu vérifier que la position anatomique des sinus droit et longitudinal inférieur qui se suivent directement, en courbe assez régulière, ne correspond pas aux descriptions courantes des traités d'anatomie.

Il a pu rendre visible les veines profondes du cerveau: l'angéopole de Galien et les veines de Galien. Ces veines montrent la position exacte du toit du III^e ventriculaire et l'angéopole de Galien la situation de l'épénone (Doc. no 27 et 28).

Ces constatations ont servi à Roux Soula pour déterminer la vitesse du sang dans le cerveau. Les mémoires no 30, 31, 32 et 33 sont de grand intérêt au point de vue physiologique. On pensait, en effet, que le sang avait, à peu près, la même vitesse dans tout l'organisme. Le problème était posé dans ces termes: "Combien faut-il de temps à un globule rouge pour aller du ventriculaire gauche à l'oreille droite?" (Clay). Roux Soula a démontré, d'une manière précise, que les globules font leur parcours dans des temps très différents. La circulation du cerveau se fait dans 3 à 4 secondes, tandis que celle du pied demande 20 secondes.

Roux Soula a aussi démontré (Doc. no 30, 31, 32, et 33) que la circulation des différents organes et régions, à la même distance du cœur, présente des vitesses assez différentes. La vitesse du sang dans le cerveau est 2 ou 3 fois plus rapide que celle des artères et

des tumeurs sous artères du crâne.

Il a suivi le théotrast dans les artères jusqu'à son arrivée aux capillaires et dans les capillaires même. Quand le liquide opaque traverse celui-ci, la figure des vaisseaux disparaît. On ne voit plus ni artères ni veines; mais on trouve une tache opaque dans le fil qui correspond au passage du théotrast par les capillaires.

Logo Houis a été pu déterminer, dans une certaine mesure, la capacité des capillaires du cerveau (Sec. de Biol., section portugaise de Lisbonne, séance du mois de mai).

Cette détermination des différentes vitesses du sang par l'artériophlébographie est un nouveau fait digne de attirer l'attention des physiologistes. Elle sera, certainement, des repercussions dans les investigations de la chimie physiologique et même dans la thérapeutique (Doc. no 30 à 33).

Cette rapide exposition n'est qu'une énumération des principales découvertes d'Logo Houis liées à l'angiographie (1) cérébrale depuis 1927 à 1933. Il a ouvert un nouveau et important chapitre de sémiologie générale; il a donné une nouvelle méthode, souvent d'une remarquable précision, pour la localisation des tumeurs cérébrales; il a pu montrer la circulation de certaines de ces tumeurs, ce qui intéresse les neuro-chirurgiens; il a pu faire des corrections anatomiques; il a mis en évidence des phénomènes physiologiques nouveaux des plus intéressants.

En nous appuyant sur ce que nous venons d'exposer, je propose le professeur Logo Houis comme candidat au prix Nobel de Physiologie et de Médecine de 1933.

Prof. Logo de Carvalho
De la Faculté de Médecine de Lisbonne.

Relation des documents présentés.

- Doc. I - Logo Houis - Diagnostic des tumeurs cérébrales et épaveurs de l'encéphalographie artérielle. Paris, 1931.
Doc. II - Logo Houis - La localisation des tumeurs cérébrales par l'encéphalographie artérielle. Rapport présenté au

- Congrès Neurologique International de Berna (1932).
- Doc. III - Eugen Soula - Considérations anatomiques sur la papille sylvienne vu à la radiographie chez le vivant. Archiv de Anatomia, Lisboa, 1928.
- Doc. IV - Eugen Soula, Almeida Lima et Almeida Lima - La radiocardiographie et la topographie crânio-encéphalique. Extrait du Journal de radiologie et d'électrologie, tom. XII, no 2, 1928 (Paris).
- Doc. V - Eugen Soula - Aspects anatomiques, physiologiques et cliniques de l'arteriographie cérébrale. Nouvelle technique par le Thorotrast. Revue Médicale de la Suisse Romande, LII^e année, no 4, 25 mai 1932 (Genève).
- Doc. VI - Eugen Soula - Histopatologia neurológica e arteriografica dum volumoso tumor de lobo frontal esquerdo. Résumé en Français. Hygie, serie I, no 1, janeiro de 1932 (Lisbonne).
- Doc. VII - Eugen Soula et Almeida Lima - La histopatologia neurológica e arteriografica en el diagnóstico de los meningiomas y fibromas cerebrales. A proposito de dos nuevos casos. Anales de Medicina Interna, tomo I, no 4 (Madrid), 1932.
- Doc. VIII - Eugen Soula - L'encéphalographie artérielle - Journal de Médecine de Bordeaux et de la Région du Sud-Ouest, 1932 année, 25 novembre 1932, no 25 (Bordeaux).
- Doc. IX - Eugen Soula, Amancio Pinto and Almeida Lima - Arterial Encephalography and its value in the diagnosis of brain tumors. Gynecology and obstetrics, vol. LIII, August, 1931 (Chicago).
- Doc. X - Eugen Soula, Conceição d'Alves et Conceição d'Oliveira - Aspect à l'hydrocœle encéphalographique des anévrysmes artériels du cerveau dans le sillon de la carotide interne. Revue Neurologique, tomo 41, Août 1932 (Paris).
- Doc. XI - Eugen Soula et Almeida Lima - Paraplégie et anérogénitescence précoce dans un cas d'hydrocéphalie congénitale avec ce du arête épais. Aspect en "patte d'araignée" de la circulation artérielle cérébrale des hydrocéphaliques. Revue Neurologique, tomo I, no 4, avril 1932 (Paris).

- Doc. XII - Egas Moniz, Lopo de Carvalho et Almeida Lima - La viabilité des vaisseaux pulmonaires aux rayons X par injection dans l'oreillette droite, de fortes solutions d'iodure de sodium. Bulletin de l'Académie de Médecine, séance du 14 avril 1931, tome CV, no 14.
- Doc. XIII - Egas Moniz, Lopo de Carvalho et Almeida Lima - Angiopneumographie. La Presse Médicale, no 55 du juillet 1931 (Paris).
- Doc. XIV - Egas Moniz, Lopo de Carvalho et Almeida Lima - Sur la sensibilité des veines du cou et de l'oreillette droite. Comptes-rendus des séances de la Société de biologie, tome CVII, pag. 83.
- Doc. XV - Egas Moniz, Lopo de Carvalho et Almeida Lima - La circulation veineuse du cou et la décharge veineuse de l'encéphale. Comptes-rendus des séances de la Société de biologie, tome VII, pag. 84.
- Doc. XVI - Egas Moniz, Lopo de Carvalho et Almeida Lima - Le sondage des veines et la pression dans les troncs veineux de l'homme. Comptes-rendus des séances de la Société de biologie, T. CVII, pg. 1175.
- Doc. XVII - Egas Moniz, Lopo de Carvalho and Almeida Lima - Sur des aspects der Angiopneumographie - Beiträge zur Klinik der Tuberculose, Berlin, 1931, pg. 78.
- Doc. XVIII - Lopo de Carvalho, Egas Moniz et Almeida Lima - L'angiopneumographie et son application dans la tuberculose pulmonaire. Presse Médicale, no 56, du 13 juillet 1932.
- Doc. XIX - Egas Moniz et Lopo de Carvalho - A viabilidade dos vasos pulmonares (Angiopneumografia). Livros Médicos, vol. II, pg. 431. Maio de 1932.
- Doc. XX - Lopo de Carvalho, Egas Moniz et Almeida Lima - La viabilité des vaisseaux pulmonaires (Angiopneumographie). Journal de Radiologie et d'Electrologie, tome XVI, No 10, octobre 1932.
- Doc. XXI - Egas Moniz, et Almeida Lima - 6 prova encefalografica por injeções livres na carotida interna e na carotida

primária. "A Medicina Contemporânea, No 26, de 28 de Junho de 1931.

- Doc. XXII - Egas Moniz, Amândio Pinto e Almeida Lima - Resultados do emprego do thorostrast na prova de encefalografia arterial. Résumé en français. A Medicina Contemporânea, No 45 de 8 de Novembro de 1931.
- Doc. XXIII - Egas Moniz, Amândio Pinto et Almeida Lima - Le thorostrast dans l'encéphalographie artérielle. Revue Neurologique, No 5, Novembre 1931.
- Doc. XXIV - Egas Moniz, Amândio Pinto und Almeida Lima - Die Wirkung des Thorostrast bei arterieller Encéphalographie. Zeitschrift für Neurologie, 4. Jahrgang (1932) Heft 2-90.
- Doc. XXV - Egas Moniz e Almeida Lima - Visibilidade das veias do cérebro pela prova encefalografica. Fiblografia normal. (Résumé en français). Lisboa Médica, vol. IX, pg. 201, março de 1932.
- Doc. XXVI - Egas Moniz, Abel Alves e D. Fernando de Almeida - Os seios venozos da dura-máter. Sua visibilidade aos raios X. (Résumé en français). Lisboa Médica, vol. IX, pg. 525. Junho de 1932.
- Doc. XXVII - Egas Moniz e D. Fernando de Almeida - Seio recto e seio longitudinal inferior (Résumé en français). Folia Anatomica Universitatis Cantabrigiense, vol. VII, 1932.
- Doc. XXVIII - Egas Moniz, Abel Alves et Fernando de Almeida - La visibilité des sinus de la Dura-mère par l'épreuve encéphalographique. Presse Médicale, No 80, du 5 octobre 1932.
- Doc. XXIX - Egas Moniz, Abel Alves e D. Fernando de Almeida - Visibilidade aos raios X das veias profundas do cérebro. (Résumé en français), Lisboa Médica, vol. IX, pg. 507, Julho de 1932.
- Doc. XXX - Egas Moniz et Almeida Lima - Fiblographie cérébrale. Essai de détermination de la vitesse du sang dans les capillaires du cerveau chez l'homme. Comptes-rendus des séances de la Société de biologie, tome CIX, pg. 1057.

1932 - 1933

Gr. IV.
15.

- LXXXI - Egas Moniz - Vantagens do método artério-flebográfico na
 estudo da velocidade da circulação do sangue no
 homem. A medicina Contemporânea, No 10, de 5 de
 Março de 1932.
- LXXXII - Egas Moniz - L'artério-phlébographie comme moyen de dé-
 terminer la vitesse de la circulation du cerveau,
 des méninges et des parties molles du crâne. Bulletin
 de l'Académie de Médecine, séance du 12 avril
 1932. Tome CVII, No 14.
- LXXXIII - Egas Moniz - Sur la vitesse du sang dans l'organisme.
 Détermination de la vitesse de la circulation dans
 le cerveau, les méninges et les parties molles de
 la tête crânienne par l'artério-phlébographie.
 Annales de Médecine, tome LXXXII, No 3, octobre 1932,
 pp. 193, Paris.
- LXXXIV - Egas Moniz - Aspectos radiográficos da circulação cere-
 bral. Sua importância clinica. (Résumé en français).
 Revista de Radiologia Clínica. Porto Alegre - Rio
 Grande do Sul - Brasil, ano I, agosto de 1932, pp.
 393.

Rio de Janeiro.

Início em 16 jan. 1933.

Sociedade Académica de l'Institut Royal Gêraldo.

Senhores membros,

E G A S M O N I Z

Em relação à artériografia cerebral et, pourrait-on dire, l'artério-
 graphie, un général, comme méthode d'exploration clinique. Les autres
 expérimentateurs ont, en effet, suivi sa technique. L'artériographie
 des membres, l'aortographie (Benton, Lewis et Caldwell) et dernièrement
 l'angiopneumographie, que Egas Moniz lui-même et ses collaborateurs
 ont obtenus, montrent l'attention qui a porté cette méthode.

Les travaux d'Egas Moniz ont été dirigés principalement dans le
 sens de la localisation des tumeurs cérébrales comme il l'a démontré
 dans plusieurs mémoires. Nous avons pu rassembler quelques-uns de
 ceux qu'il a publiés de 1927 à 1932. Vous trouverez ci-joint les tra-

par suivantes:

De l'année 1927:

- 1) Esas Kouis - L'encéphalographie artérielle, son importance dans la localisation des tumeurs cérébrales (Rev. Neur. no 1, juillet 1927).
- 2) Esas Kouis - A prova da encefalografia arterial (Lisboa Med. no 7, ano IV, 1927).
- 3) Esas Kouis - Considérations anatomiques sur le poquet sylvien vu à la radiographie chez le vivant (Arch. de anat. et anat., vol. XI, Lisboa, 1927).

De l'année 1928:

- 4) Esas Kouis - Tumeur cérébrale localisée par l'encéphalographie artérielle. Opération. (Rev. Neur. no 2, Février 1928).
- 5) Esas Kouis et Almeida Lima - L'encéphalographie artérielle et la diagnostic d'une tumeur de la partie antérieure du lobe temporal gauche. (L'Encéphale, no 3, 1928).
- 6) Esas Kouis et Almeida Lima - Accès épileptiques à aspect jacksonien hémoléséral, déterminés par l'injection d'iodure de sodium dans la carotide interne (Comptes rendus des séances de la Soc. de Biol., t. XXVIII, pg. 1916).
- 7) Esas Kouis - L'action spasmodique de l'iodé libre dans l'artère artérielle de la carotide interne (Rev. d'oto-neuro-ophth. 1928).
- 8) Esas Kouis - Le syndrome de la pseudo-hypertension crânienne artériocérébrale. (L'Encéphale, no 4, 1928).
- 9) Esas Kouis - Nouvelle technique de l'encéphalographie artérielle. (Presse Médicale, no 44, du 2 juin 1928).
- 10) Esas Kouis - Les méthodes radiologiques dans la localisation des tumeurs cérébrales. (Rev. Neur. no 1, juillet 1928).

De l'année 1929:

- 11) Esas Kouis, Augusto Pinto et Almeida Lima - L'épreuve de l'encéphalographie artérielle dans le diagnostic de quatre cas de tumeurs cérébrales opérées. (Presse Médicale, no 31, 1929).
- 12) Esas Kouis - Sur la circulation des méningées. (Comptes rendus des séances de la Soc. de Biol., tome CI, pg. 941).
- 13) Esas Kouis - Trois nouveaux cas de cure, au moins provisoire, du syndrome d'hypertension crânienne par les injections intracere-

1932 - 1933

Gr. IV.
17.

tidieuses d'iodure de sodium. (Rev. Neur. no 6, juin 1929).

1) Egas Moniz - L'artériographie cérébrale et l'hypertension crânienne. (Rev. Neur. no 5, juin 1929).

2) Egas Moniz - Artérielle Enzephalographie. (Klinische Wochenschrift, 11 Juni 1929).

De l'année 1930:

1) Egas Moniz, Amandio Pinto et Almeida Lima - Tumeur de la glande pinéale irriguée par un seul des groupes sylviens. Diagnostic par l'épreuve encéphalographique. (Rev. Neur. no 1, juillet 1930).

2) Egas Moniz - La palpation des carotides comme élément de diagnostic de l'artériosclérose cérébrale. (Rev. Neur. no 1, juillet 1930).

3) Egas Moniz, Amandio Pinto y Almeida Lima - Aspectos arteriograficos del cerebro en los casos de tumor del lóbulo frontal. (Rev. Med. de Barcelona, julio de 1930).

4) Egas Moniz - Considérations sur la pathogénie de l'hypertension crânienne. (L'Encéphale, tome XIV, no 10, décembre 1930).

De l'année 1931:

1) Egas Moniz - Reflexoes a proposito de dois casos de tumores do lobo frontal com prova encefalografica. (Acta Médica latina - Paris, mars-avril 1931).

2) Egas Moniz, Amandio Pinto, Luis Pacheco e Almeida Lima - Ablação dos dois terços anteriores do lobo temporal esquerdo num caso de tumor cerebral. Cura. (Lisboa Médica, no 7, ano VIII, 1931).

3) Egas Moniz, Amandio Pinto e Almeida Lima - Alguns casos de tumores cerebrais tornados visiveis pela prova encefalográfico. (Rev. d'Oto-neuro-oft. y de Cir. Neurologica, tome VI, Buenos Aires, agosto de 1931, no 8).

4) Egas Moniz - La encefalografia arterial. (Arch. de Neurobiologia, Madrid, no 5, 1931).

En 1931, Egas Moniz a publié un volume intitulé "Diagnostic de tumeurs cérébrales et épreuve de l'encéphalographie artérielle (1),

(1) Chez Masson & Cie., Paris. Volume de 512 pages et 225 figures originales.

dans lequel sont résumés la plupart de ses travaux publiés jusqu'à cette année. J'envoie les principaux résumés que l'auteur a utilisés comme base de cette étude à l'ensemble et qui paraissent de montrer l'orientation de ses expériences et la valeur du diagnostic de localisation des tumeurs intracranéennes.

Il a aussi publié la même année (1931) :

- 24) Rosa Moniz, Amândio Pinto e Almeida Lima - Diagnostic angiophalographique des tumeurs cérébrales par visibilité et déplacement des artères. (Bordeaux-Chirurgical, 11^e année, janvier 1931).
- 25) Rosa Moniz, Amândio Pinto, João Pacheco e Almeida Lima - Ablation des veines superficielles de lobe temporal supérieure sans casé de tumeur cérébrale. (Rev. (Linha Médica, no 7, ano VIII, 1931).
- 26) Rosa Moniz - La localisation des tumeurs cérébrales par l'angiophalographie artérielle. (Rapport présenté au Congrès Neurologique International de Berna, 1931).

Rosa Moniz a obtenu, avec ses collaborateurs (Lopo de Carvalho et Almeida Lima) l'angiopneumographie. Sur ce sujet il a publié plusieurs travaux (1930-1931); mais une fois la technique de la visibilité des vaisseaux pulmonaires précisée, Rosa Moniz s'est consacré de nouveau à l'étude de la circulation cérébrale.

Il a fait, à la fin de 1931, un remarquable progrès en adoptant le thiochrome comme moyen pour rendre visibles les artères du cerveau. Cette substance colloïdale du thorium, tout-à-fait inoffensive et insoluble dans le sang, a permis à Rosa Moniz de surprendre, avec la même injection, non seulement le réseau artériel du cerveau, mais aussi la circulation capillaire, la circulation veineuse (phlébographie) et celle des sinus veineux de la dure-mère.

J'envoie également quelques-uns des principaux travaux de cette nouvelle étape (1931-1932) :

- 27) Rosa Moniz, Amândio Pinto e Almeida Lima - Resultados do emprego do thiochrome no prova de angiografia arterial. (J. Medicina Contemporânea, 8 de nov. 1931).
- 28) Rosa Moniz, Amândio Pinto and Almeida Lima - Die Verände des Thiochromat bei arterieller Encephalographie (Anatomischer Anzeiger, 4 Jahrgang, 1932).

1932 - 1933

Gr. IV.
19.

- 28) Egas Moniz, Amândio Pinto et Almeida Lima - Le Microtract dans l'encéphalographie artérielle (Rev. Neur., no 5, Novembre 1931).
- 29) Egas Moniz e Almeida Lima - Visibilidade das veias do cérebro pela prova encéfalográfica (Lisboa Médica, vol. 5, março de 1932).
- 30) Egas Moniz, Abel Alves et D. Fernando de Almeida - La visibilité des sinus de la dure-mère (France Médicale, no 80, du 5 octobre 1932).
- 31) Egas Moniz, Abel Alves et D. Fernando de Almeida - Visibilidade dos raios X das veias profundas do cérebro (Lisboa Médica, vol. IX, julho de 1932).
- 32) Egas Moniz et D. Fernando de Almeida - Sein recto e sein longitudinal inferior. (Acta anatomica Universitatis Scientiarum, vol. VII, 1932).
- 33) Egas Moniz, Candeia d'Abreu et Guedes d'Oliveira - Aspect à l'épreuve encéfalographique des angiomes artériels du cerveau. (Rev. Neur., tome II, no 2, août 1932).
- 34) Egas Moniz - Sintomatologia neurológica e arteriográfica das volumosas tumor do lobo frontal esquerdo. (Luzia, Lisboa, no 1, 1932).
- 35) Egas Moniz y Almeida Lima - La sintomatologia neurológica en el diagnostico de los meningioblastomas y fibrosas cerebrales. (Anales de Medicina Interna, tomo I, no 4, Madrid, abril de 1932).

En se basant sur les études de la visibilité des artères et veines du cerveau, Egas Moniz a eu l'idée de la méthode artérioglyphographique pour mesurer la vitesse du sang. Il a constaté ce fait nouveau: la circulation dans le cerveau est faite dans un délai inférieur à 3 secondes, tandis que dans les méninges et dans les parties sales du crâne elle se fait beaucoup plus lentement. Vous trouverez, ci-joint, le résumé principal que l'auteur vient de publier sur ce sujet:

- 36) Egas Moniz - Sur la vitesse du sang dans l'organisme (Annales de Médecine, tome LXXXI, no 3, octobre 1932).

Egas Moniz a publié tout récemment un travail d'ensemble sur

l'angiographie cérébrale:

38) Rosa Hoxia - Nuevos aspectos de angiografía cerebral. (Rev. de Oto-neuro-oft. y de cirugía neurológica, Buenos Aires, no 10-11, tomo VII, 1932).

La méthode artério-phlébographique pour déterminer la vitesse du sang dans les divers organes a montré de nouveaux aspects de la physiologie de la circulation.

Pour terminer cette exposition, j'ajouterais les trois derniers travaux que j'ai reçus sur l'artériographie cérébrale publiés par d'autres auteurs:

39) Prof. Danning - L'encéphalographie artérielle (Travaux Médical) no 11, juin 1932).

40) Baltan de Saredia - Arteriografía cerebral, Salamanca 1932.

41) Amadio Pinto - Cirurgia das tumeurs intracranianas, Lisbon 1932.

Pour les raisons que nous venons d'exposer, appuyées dans les documents envoyés, je propose Rosa Hoxia pour le prix Nobel de Physiologie et de Médecine de 1933.

Lisbonne 10, Janvier 1933.

J.E.Salazar de Sousa.

Professeur à la Faculté de Médecine.

Président de la "Sociedade de Ciencias Médicas de Lisboa".

S: 12.

Lisbon den 22 okt. 1932.

Stockock, den 17. Oktober 1932.

An das Nobelprets-Komitee

Stockholm

Karolinska Institutet.

Hochgeehrte Herren Kollegen!

In Beantwortung Ihrer Anfrage, welchen Mediziner oder Physiologen ich für würdig erachte, mit dem Nobelpreis des Jahres 1933 auszeichnet zu werden, erlaube ich mir, Ihnen folgenden Vorschlag zu machen: Ich nenne Ihnen Herrn Professor Dr.

Ulrich Forstner

ordentlichen Professor der Neurologie an der Universität Breslau, als denjenigen medizinischen Forscher, der mir in erster Linie dieses

6.4 - Avaliação da candidatura de Egas Moniz em 1933

Hans Christian Jacobeaus

Como candidato ao Prémio Nobel de 1933 foi proposto o Professor Egas Moniz, Professor em Neurologia da Universidade de Lisboa, pela descoberta da “encephalographie artérielle”, pelos colegas da mesma universidade.

Os Professores Lopo de Carvalho e J.L. Salazar de Sousa.

Desde 1911 que Egas Moniz tem vindo a publicar uma série de trabalhos, na sua maioria sobre Neurologia. A sua descoberta da “encephalographie cerebrale” tem a data recente de 1927, e desde aí a publicação de trabalhos seus neste campo tem sido imponente. Esta descoberta tem também contribuído para aplicações práticas com métodos análogos em outras áreas.

Quase desde a descoberta dos raios X que estudos aprofundados sobre a anatomia do sistema sanguíneo têm sido efectuados, inicialmente através da injeção de substâncias de contraste no sistema arterial de cadáveres.

As primeiras tentativas de visualização a raios X dos vasos sanguíneos e do coração em ser vivo, parece ter sido efectuada na Alemanha, onde Frank e Alwens, em 1910, em ensaios em animais, usaram um óleo de bismuto injectado em vasos sanguíneos e no coração, enquanto estudavam os efeitos em ecrã de raios X. Quase na mesma altura investigações semelhantes foram efectuadas por Schepelmann, experimentando uma série de diferentes possibilidades na escolha da substância de contraste.

As primeiras tentativas de arteriografia no homem foram as de Sicard e Forestier em 1923, em que foram usadas injeções intra-arteriais de lipidol, e mais tarde as de Sicard e Hogueueau, que incluíam a carótida interna, o que provocou complicações sérias, levando a que se interrompessem os ensaios. Quase simultaneamente (1923), Hirsch e Berberich fizeram na Alemanha, com bastante sucesso, tentativas de injeção de sais de estrôncio e Jodipin (iodo e óleo de gergelim) nas artérias e veias periféricas dos membros, enquanto Barney Brooks, na América trabalhava com soluções com percentagens altas de iodeto de sódio (1924). O resultado de Barney Brooks foi, quanto a diagnóstico, muito bem sucedido. Podemos acrescentar ainda que Dünner (1923), através de uma injeção intravenosa de iodeto de sódio em grandes quantidades tentou representar os vasos do pulmão.

É contudo quando Egas Moniz em 1927 e anos seguintes cria a encefalografia arterial, que uma região vascular se torna sistematicamente, racionalmente e com verdadeiro sucesso estudada em uso clínico através da radiologia de contraste.

Moniz perfura, depois de preparada, a artéria carótida comum, introduz seguidamente com cuidado a agulha na carótida interna e injecta nela uma substância de contraste adequada, por intermédio da qual e através da exposição imediata aos raios X consegue visualizar em filme a rede cerebral de vasos da carótida de forma nítida e bonita.

Moniz esclarece na sua extensa monografia sobre a encefalografia arterial que a sua intenção foi, em parte, obter uma imagem de raios X das ramificações cerebrais da carótida interna através da injeção de substância opaca na carótida interna e nas suas ramificações cerebrais, e por outro lado aplicar, como outros já anteriormente tinham feito, injeções terapêuticas nas carótidas em casos de patologia cerebral.

Para começar Moniz praticou ensaios em animais sobre a opacidade e toxicidade de certos sais. Fez estudos sobre a punção da carótida e a propensão das diversas soluções de contraste para provocar reacções nos animais de laboratório quando injectadas na carótida em diferentes quantidades e concentrações. Só depois foram efectuadas tentativas no homem. Começa por utilizar sais de estrôncio mas acha mais tarde que o iodeto de sódio é mais adequado e chega por fim a um método específico: 7 a 8 cc de solução de iodeto de sódio a 25% para adulto, injectada com rapidez na carótida e com exposição simultânea aos raios X, dão uma imagem nítida das artérias cerebrais. O método tem sido utilizado a partir daí numa base mais alargada e em diferentes patologias. Obtêm-se magníficas imagens e a região vascular pode ser mapeada através dos raios X in vivo. Moniz descobre, como esperava, que a carótida interna e as suas ramificações têm uma imagem radiológica constante e específica, de grande utilidade. Normalmente não se obtém fluxo (de contraste n.t.) na rede cerebral da carótida contralateral, devido aparentemente, às relações dinâmicas circulatórias que são equivalentes bilateralmente. Este facto contribui vantajosamente para que a imagem seja mais simples, e fazendo a arteriografia cerebral de cada um dos lados separadamente, permite comparar ambos os arteriogramas, o que mostrou ser de grande valor. A carótida interna faz ao entrar no crânio uma curva dupla, que vista lateralmente tem uma configuração característica, baptizada por Moniz de “le siphon carotidien” (O sifão carotídeo). A artéria cerebral média com as artérias paralelas parietal posterior e temporal posterior formam um grupo de vasos sanguíneos extenso, que no sentido anteroposterior corre ligeiramente para cima e depois mais horizontalmente. A este grupo de vasos sanguíneos chama Moniz de eixo arterial do cérebro com o nome “le groupe sulvien” (grupo sulviano). Depois de descobrir e ter aprendido a evitar alguns pequenos acidentes técnicos, Moniz consegue observar também a importante artéria cerebral anterior, com as ramificações corpo caloso em imagem lateral. A artéria cerebral posterior só é todavia visualizada em contraste em ocasiões excepcionais, sobretudo quando tem origem na carótida interna e não como é normal na artéria vertebral. Como Moniz admitiu, verificou-se agora que os tumores intracranianos deslocam os diferentes vasos sanguíneos e grupos de vasos sanguíneos, ou de outras maneiras modificam os seus percursos e aspecto. Um grupo de vasos sanguíneos pode sofrer pressão, ou os seus diferentes vasos serem afastados uns dos outros o que o leva a rebentar. Assim através da observação da imagem dos vasos sanguíneos pode-se apurar o efeito

mecânico de eventuais tumores e chegar a um diagnóstico tópico. Moniz mostrou isto e formulou um método que lhe permitiu enumerar os característicos sintomas arteriográficos para a localização de tumores em diversas zonas do cérebro. Os vasos sanguíneos dos próprios tumores podem ser por vezes visualizados como uma mancha difusa ou como uma rede de vasos sanguíneos mais ou menos desenvolvida ou rudimentar ou ainda como combinações ou formas mistas.

A partir destas observações é possível chegar a um diagnóstico localizado. É uma ambição de Moniz de que através da arteriografia se possa chegar não somente à localização do tumor mas também à definição da sua espécie e das suas características. O que ele já conseguiu em alguns casos. Já diagnosticou meningioma, glioma, angioma e quisto.

As injeções de iodeto de sódio também mostraram ter por vezes um efeito terapêutico. Observou-se que os sintomas de aumento da pressão cerebral diminuíram; as dores de cabeça desapareceram e os edemas das papilas regrediram. Isto também se verificou em casos de tumores cerebrais, mas aí os efeitos foram evidentemente passageiros. Em alguns casos as melhoras do doente mantiveram-se; Moniz induziu que nesses casos existia meningite serosa. Partindo destas observações, Moniz formula uma teoria própria sobre o aumento da pressão intracraniana em casos de tumores cerebrais.

Mas por outro lado as injeções de iodeto de sódio levaram a sérios acidentes e 2 casos, dos cerca de 350 casos de injeções de iodeto de sódio, foram letais. Os sintomas menos sérios foram dores de cabeça e dores no olho, ouvido e dentes do mesmo lado. Os acidentes graves manifestaram-se em verdadeiros ataques epiléticos ou de tipo epilético. Também se constataram alguns casos de hemiplegia que regrediram ao fim de 3 a 4 dias /...observámos na sequência da injeção intracarotídea algumas raras hemiplegias que regrediram três ou quatro dias depois. Mais frequentemente observámos curtas crises epiléticas depois da injeção da solução iodada.../ Ambos os casos letais tiveram a ver com placas arterioscleróticas. A arteriosclerose foi por isso considerada como contra-indicação. Com um tratamento profilático de luminal a frequência da epilepsia diminuiu ao fim de algum tempo.

Tem sido alegado (Löhr e Jacobi 1933), que o método de injeções de iodeto de sódio, introduzido e utilizado por Moniz para proceder à arteriografia cerebral, não ganhou adeptos e que só o próprio Moniz o utilizou, isto devido às complicações e acidentes acima descritos. Moniz diz acerca disto (1932): As experiências com a arteriografia arterial debateram-se com certas dificuldades para poderem ser admitidas como práticas de uso corrente. Receava-se perfurar a carótida e sobretudo injectar o iodeto de sódio para obter a opacidade das artérias.

Sentiu-se por isso a necessidade de encontrar uma substância opaca de contraste mais inofensiva do que a até aqui usada solução de iodeto de sódio. Moniz experimentou injeções de abrodil, mas estas causaram as mesmas complicações que o iodeto de sódio.

Só a partir da introdução de thorotrast em 1931 é que uma nova era começa para a angiografia. O thorotrast, solução Heyden 1073 a, é uma solução coloidal de dióxido de thorium a 25%. É ligeiramente radioactivo. O thorotrast

pode, sem qualquer efeito negativo, sem dor ou alterações histológicas verificadas, ser injectado intra-arterialmente. Possui uma opacidade considerável. Uma desvantagem técnica está na sua viscosidade, relativamente elevada. Também não existem dúvidas sobre as suas vantagens imediatas. Mas o dióxido de thorium não é metabolizado pelo organismo, ficando armazenado no sistema retículo-endotelial. Considerando também a sua radioactividade não podemos ainda tirar conclusões sobre as possíveis complicações tardias causadas pelo thorotrast nos doentes. Se injectarmos em animais doses elevadas de thorotrast os animais morrerão em pouco tempo.

Egas Moniz adoptou com magnífico sucesso o thorotrast para o seu método de encefalografia e usa normalmente cerca de 10 cc. Na Alemanha Löhr e Jacobi (ao mesmo tempo que Moniz) introduziram e desenvolveram a arteriografia cerebral através de thorotrast.

A insegurança atrás mencionada quanto aos eventuais riscos tardios do uso de thorotrast teve como consequência uma atitude de prudência quanto à dose adequada.

Quanto à exposição aos raios X, concluiu-se que tem de ser simultânea com a injeção. Imediatamente após a injeção o contraste já deixou as artérias e chegou aos vasos capilares, sistema venoso ou sinos. Moniz teve em consideração este facto e desenvolveu este projecto numa outra direcção. Ele e o seu colaborador Caldas construíram um “carrossel radiológico”, o qual (segundo a notícia na Presse medicale de 12 de Julho de 1933) funciona bem. Durante o efeito de uma única injeção de 12 a 16 cc de thorotrast produziu uma sequência de imagens em filme. Moniz fez assim exames completos, considerando que observou tanto as veias como os sinos, o que nalguns casos teve algum significado no diagnóstico do tumor. Conseguiu também observar as veias profundas do cérebro, Veia de Galeno e outras. Egas Moniz procurou ainda com este método medir a velocidade da corrente sanguínea no cérebro, o que do ponto de vista fisiológico deu resultados verdadeiramente interessantes. Pensava-se que o sangue corria aproximadamente à mesma velocidade em todo o organismo. Através destes exames parece provável que a circulação sanguínea no cérebro seja bastante mais rápida, em 3-4 segundos, enquanto a circulação por exemplo num pé leva 20 segundos. Ele também descobriu que o sangue passa por órgãos e tecidos à mesma distância do cérebro a diferentes velocidades. A velocidade da corrente sanguínea no cérebro é 2 a 3 vezes maior do que, por exemplo, nas meninges e nos tecidos que cobrem o crânio.

Estas observações parecem-me muitíssimo interessantes, mas são tão recentes que é necessário esperar observações comprovativas.

A introdução do método de thorotrast levou a que a arteriografia cerebral passasse a ser feita noutros lugares, e estima-se agora que o número de encefalografias arteriais praticado seja bastante elevado. Moniz praticou até à presente data cerca de 600 arteriografias cerebrais, das quais cerca de 400 com thorotrast. Löhr e Jacobi dizem, num vasto trabalho publicado este ano, ter experiência de cerca de 250 injeções de thorotrast nos vasos sanguíneos do cérebro. Dizem não ter tido um único caso de complicações de espécie alguma. Porém é do meu conhecimento que em outro local houve um caso mortal de trombose cerebral na sequência de uma arteriografia cerebral com thorotrast, em

que se considerou que a injeção de thorotrast pode ter causado uma embolia primária. Ao ser feita a punção da artéria foi aspirado sangue que provocou a formação de um coágulo. Por isso, desde este caso, tomam-se precauções precisas ao praticar arteriografias cerebrais para que o sangue não entre na seringa, e desde então também não houve mais nenhum caso de acidente.

Moniz, Pinto e Alves comunicaram recentemente terem feito uma arteriografia ao cerebelo e a outros órgãos da fossa craniana posterior. Os ditos investigadores hesitaram inicialmente em injectar substâncias opacas na artéria vertebral por recearem complicação bulbar. Depois de terem observado seis casos, em seiscentas arteriografias cerebrais, de fluxo para as artérias da fossa craniana posterior sem acidentes, desenvolveram um método para indirectamente obter contraste na artéria vertebral através de uma punção na artéria subclavia. Assim introduz-se desta maneira, na minha opinião, a angiografia cerebelosa que completa a angiografia cerebral.

A encefalografia de Egas Moniz também se mostrou frutuosa para experiências análogas de arteriografia noutras regiões vasculares.

Em colaboração com Lopo de Carvalho e Almeida Lima, Moniz, através de uma punção nas veias cubitais e da introdução de um cateter na aurícula direita do coração e injeção de solução de iodeto de sódio saturado, conseguiu uma bonita imagem dos vasos sanguíneos pulmonares, uma “angiopneumografia”. Conseguindo assim comprovar, o que já se suspeitava, que a imagem do hilo numa radiografia é essencialmente constituída por vasos sanguíneos. Também foi possível provar a má circulação no pulmão atingido pelo pneumotorax. Mas de resto não se obtiveram resultados práticos valiosos. Em conjunto com outros colaboradores, Moniz desenvolveu em 1929 a “aortografia”, com injeção da substância de contraste directamente na aorta, o que permitiu obter uma imagem radiológica e estudar sobretudo os vasos sanguíneos abdominais (*L'arteriographie viscerale/arteriografia visceral*). Uma extensa monografia “*arteriographie des membres e de l'aorte abdominale*”, foi publicada em 1929 por R. Santos e colaboradores, que inclui imagens muito perfeitas das artérias das vísceras em condições normais e patológicas, assim como das artérias dos rins. Finalmente, gostaria de referir neste contexto os ensaios do meu assistente Dr. Rousthóis em animais, que conseguiu em coelhos, imagens nítidas das artérias coronárias ao raios X, através da introdução de um cateter da artéria carótida até ao bulbo aórtico injectando de seguida thorotrast. Electrocardiogramas obtidos simultaneamente mostraram resultados interessantes relativamente ao efeito da substância de contraste na actividade cardíaca. Finalmente, também foram realizadas arteriografias dos membros em casos patológicos, estudos que, pelo menos em parte, se realizaram antes da encefalografia arterial de Moniz. Como se vê, aperfeiçoa-se este método um pouco por todo o organismo, donde se espera a continuação do desenvolvimento da imagiologia dos vasos sanguíneos, e cujo impulso, temos de reconhecer, partiu da encefalografia de Moniz.

Egas Moniz definiu e estudou o problema do exame arteriográfico do cérebro com as melhores intenções e reconhecido empenho. A sua prioridade parece-me evidente e, que eu saiba, nunca foi contestada. Também o método do iodeto de sódio, na minha opinião, atingiu um ponto em que a sua utilidade

clínica como meio de diagnóstico de tumores cerebrais, mesmo tratando-se de casos raros, foi plenamente demonstrada. A evolução para o thorotrast tornou o método actualmente praticamente inofensivo e deu-lhe uma posição segura. A sua utilidade é concreta e evidente, apesar de ainda não existir material suficiente para lhe dar uma expressão numérica de maior dimensão. Para um neurocirurgião a arteriografia cerebral mostrou ter grande valor e contribuiu para os actuais avanços diagnósticos nesta área.

Uma comparação com o método da ventriculografia cerebral de Dandy é inevitável. O método de Moniz parece menos arriscado do que o de Dandy, mas este último é ainda o que mostra mais possibilidades diagnósticas.

Moniz procurou dar à encefalografia arterial algumas das vantagens especiais da ventriculografia através do “aspect en diagonale” (aspecto em diagonal) dos raios X. Ultimamente foram realizadas tentativas bem sucedidas de combinar estes dois métodos de exame (Löhr e Jacobi).

O método de Moniz foi utilizado no hospital Serafimer pelo Doc. Olivecrona, que comprovou ser um bom método complementar de diagnóstico paralelamente à ventriculografia. Até à data já foram realizados cerca de 30 a 40 exames, nalguns casos com utilidade prática no diagnóstico, embora este esteja sem dúvida atrás da ventriculografia. Na realidade, só nos casos em que se considerou que a ventriculografia era particularmente arriscada, como em casos de coma ou em casos de elevada tensão arterial, é que foi preferida a encefalografia.

Sobre a atribuição do prémio Nobel a Egas Moniz, pela sua descoberta e utilização da encefalografia arterial, o meu parecer é o seguinte:

Primeiro avalia-se a prioridade e a originalidade. Quanto a isso penso não haver nenhuma observação a fazer contra Egas Moniz.

A seguir vem a questão se a descoberta tem a importância que se exige para lhe ser atribuída o prémio Nobel. Se em relação a isto se avaliarem sobretudo os benefícios práticos, nomeadamente a utilidade prática da encefalografia em diagnóstico, temos de considerar que a ventriculografia de Dandy tem sido quanto a diagnóstico muito mais útil. Parece-me impossível neste contexto conceder o prémio a Moniz, sem que Dandy também o receba. A ventriculografia é na minha opinião um método mais antigo e uma descoberta tão independente e original como a arteriografia. Como este não foi proposto, não pode ser discutida a eventual partilha do prémio pelos dois, o que me pareceria atraente.

Pode-se ainda dizer que a encefalografia de Moniz trouxe do ponto de vista científico valiosos exames a outras regiões vasculares. Mas nessas áreas existem vários antecessores de Moniz. As tentativas de medir a velocidade da corrente sanguínea nos vários órgãos com este método podem vir a ter grande significado fisiológico, e podem no futuro ser alvo de apreciação para o prémio Nobel. As suas investigações são contudo ainda tão recentes que é necessário primeiro esperar para ver em que medida investigações posteriores irão

confirmar e desenvolver os seus resultados. Têm também de ser avaliadas por especialistas em fisiologia. Por tudo aquilo que ficou exposto tenho que concluir que devemos deixar Egas Moniz para apreciação futura, e que por agora não lhe deve ser atribuído o prémio Nobel, mas que o seu trabalho deve ser seguido com atenção, visto não ser improvável que venha a ter um tal significado em breve, que o seu autor possa seriamente ser considerado para este prémio.

Estocolmo em Agosto de 1933.

H. C. Jacobaeus.

6.5. Processo de nomeação de 1937

Qud. III:10

1937.

Sekret Handling.

Betänkande angående

E g a s M o n i z

av

H. Olivecrona.

1936-1937

Gr. IV.
120.

- b. Early in developing operations for cancer of the tongue, cheek, and jaws.
- c. Brought to popular medical attention the two-stage exteriorization operation for carcinoma of the colon.

4. Aneurysm.

Advocated and used surgical treatment of arterio-venous aneurysms.

5. Urinary tract.

- a. Successfully implanted the ureter into the sigmoid (adaptation of the experimental method of Coffey) in the human patient for congenital exstrophy of the bladder, and advocated and practiced this now generally accepted plan of operation.
- b. Developed the transperitoneal operation to open the bladder for the removal of tumors from the bladder.

6. Rectum.

Devised a combined abdomino-perineal one-stage operation for resection of rectum.

7. Knee joint.

Introduced the anterior transverse open operation for suppuration of the knee joint in cases of the type in which amputation had previously been practiced.

8. Bunion.

Introduced a method of operation for bunion now generally adopted.

9. Varicose veins.

Introduced an easy method of vein strippings, one of the early procedures of surgical treatment of varicose veins.

N:o 59.

Inkom den 6 jan. 1937.

Lisbonne le 29 Décembre 1936.

Monsieur le Président du Comité Nobel de Physiologie et
de Médecine, S t o c k h o l m .

Monsieur le Président

J'ai l'honneur de vous présenter M. le prof. Dr.

E g a s M o n i z

comme candidat pour le prix Nobel de physiologie et de médecine de

1936-1937

Gr. IV.
121.

1937. C'est pour moi un vrai plaisir de rendre hommage à M. le professeur Egas Moniz dont les découvertes ont contribué d'une façon vraiment remarquable pour le diagnostique et le traitement de certaines maladies dont le diagnostique était presque impossible et dont la médecine ne possédait pas de ressources pour leur traitement. Ses découvertes sont les plus importantes de la médecine et méritent la consécration scientifique qui représente le prix Nobel. Je vais vous présenter un court résumé de mon opinion sur les travaux les plus importants de Monsieur le Prof. Egas Moniz, notamment ceux qui se rapportent à ses découvertes. C'est pour moi un vrai plaisir de vous présenter les considérations qui suivent, parce que ça me donne de l'occasion de rendre justice à Monsieur le Prof. Egas Moniz, qui est un des savants les plus distingués de la médecine de ces derniers temps, et je rends cet hommage justement quand je finis ma carrière de professeur, car je viens d'atteindre l'âge qui m'oblige à prendre ma retraite.

Monsieur le professeur Egas Moniz a découvert à 1927 l'artériographie clinique. C'est lui le premier qui a vu une circulation en marche. Au debut, il employait l'iodure de sodium comme liquide de contraste en injection intra-artérielle. Cette solution iodurée est encore employée dans l'artériographie des membres et dans l'aortographie que d'autres médecins portugais (Reynaldo dos Santos, Lamas et Caldas) ont particulièrement étudiée à 1929. Ils ont écrit dans leur première communication: "C'est la technique de Egas Moniz que nous avons suivie dès les premières artériographies que nous avons faites et, si la première tentative a été tout-de-suite un succès, nous le devons à la technique réglée par lui et de laquelle nous nous sommes essentiellement servis jusqu'aujourd'hui".

Egas Moniz a aussi obtenu avec Lopo de Carvalho et Almeida Lima, et encore avec l'iodure de sodium, l'angipneumographie. Seulement dans ce cas la concentration de ce sel a été bien plus élevée.

Egas Moniz n'a pas voulu disperser ses efforts. Il a trouvé que l'angiographie cérébrale devait être la plus importante et qu'il avait devant lui un grand chemin à parcourir. Il l'a eu, en effet, On est déjà avancé dans la dixième année de sa découverte et tous les ans il nous a apporté de nouveaux renseignements sur l'anatomie des vaisseaux cérébraux; sur la physiologie normale et pathologique

1936-1937

Gr. IV.
122.

de la circulation cérébrale; sur la localisation des tumeurs intracraniennees, soit par la déviation des artères, soit par leur circulation propre; sur le diagnostic anatomique des tumeurs, déduite de leur circulation; sur les veines du cerveau et des sinus de la dure-mère; sur leur déviation dans les cas pathologiques; sur la capacité des capillaires cérébrales; sur la vitesse de la circulation cérébrale et de celle de la face et des tissus mous de la tête et leur remarquable différence, jusqu'ici non soupçonnée; sur la valeur de la barrière capillaire; sur le diagnostic des angiomes et anévrismes cérébraux dont l'importance clinique est d'une fondamentale valeur; sur l'angiographie de la fosse postérieure obtenue de forme très ingénieuse; sur la circulation du cerveau dans les hydrocéphalies congénitales, etc. etc.

Il faut lire les deux volumes que Egas Moniz a publiés chez Masson, le premier à 1931 sur l'Epreuve de l'Encéphalographie artérielle (artériographie cérébrale) et le second, à 1934, sur l'Angiographie cérébrale. Ce dernier volume a été la continuation des travaux angiographiques de l'auteur après la substitution, faite par lui, à 1931, de l'iodeure de sodium par le thorotrast. Celui-ci a donné la possibilité de faire la phlébographie et d'étudier toutes les questions en rapport avec la circulation artéro-veineuse du cerveau.

L'angiographie cérébrale est aujourd'hui adoptée dans les grandes cliniques neuro-chirurgicales comme méthode indispensable de diagnostic.

Depuis 1934, Egas Moniz a continué ces travaux et le Rapport présenté cette année (1936) à la Société de Neurologie (doc. no 1) résume tous les progrès obtenus.

A la fin de 1935, Monsieur le Professeur Egas Moniz a initié de nouveaux travaux dans une nouvelle orientation. En faisant une très développée étude sur les fonctions des lobes préfrontaux et en mettant en jeu les phénomènes organiques en liaison avec les manifestations psychiques, il a créé une théorie organiciste sur l'activité mentale qui l'a conduit à faire des tentatives opératoires pour obtenir la guérison de certaines psychoses, tentatives suivies de résultats encourageants. Tout cela a été relaté par

1936-1937

Gr. IV.
123.

Egas Moniz dans un autre volume publié aussi chez Masson "Tentatives opératoires dans le traitement de certaines psychoses -1936", dans lequel l'auteur rend compte, avec grande impartialité, de tout ce qu'il a fait et des résultats qu'il a obtenus, La clinique psychiatrique a, certainement, profité de cette nouvelle méthode thérapeutique. Mais cela n'est pas tout. Egas Moniz s'exprime dans le livre (pg.54) de cette manière:

"Encore un autre aspect: les tentatives opératoires seront faites dans le sens d'un traitement dont nous avons précisé les conditions; mais elles pourront être aussi utiles à la détermination des relations des zones d'activité mentale et de certaines portions du cortex frontal avec les connexions qui lui sont liées.

"Cette perspective dépasse la clinique, mais, dans le cas où les résultats obtenus par ces tentatives seraient concluants, on pourrait aboutir à des constatations physiologiques pour l'avancement de la psychiatrie".

Dernièrement (novembre de 1936), les Drs. Freeman et Watts de cas opérés par eux à Washington, à la Southern Med.Association des U.S.A., ont présenté les résultats ^(résultats) concordants avec ceux obtenus par Egas Moniz.

Dans la séance de cette importante Société Nord Américaine le point de vue de l'Auteur exprimé dans les phrases que nous venons de transcrire de son volume, a été aussi entrevu par le Professeur Adolf Meyer. Il est, en effet, d'exceptionnelle importance.

Dernièrement, dans la Séance de l'Académie des Sciences de Lisbonne (17 Décembre), Egas Moniz a fait une communication au cours de laquelle il a dit avoir déjà opéré 49 cas. Aujourd'hui il se sert d'un leucotome à lame. Il fait six coupes dans chaque lobe préfrontal, trois antéro-externes et trois antéro-internes. Aucun décès, aucun ennui. La symptomatologie préfrontale vérifiée dans les premiers cas, surtout dans la première phase d'injections d'alcool, a presque disparu avec l'usage du leucotome à lame ^u coupante. Cette symptomatologie est, du reste, toujours très fugace. Les malades n'ont jamais présenté des troubles physiques ou mentaux qui puissent contribuer à l'aggravation de leur état antérieur, ce que nous considérons de la plus grande importance.

Sur les résultats, Egas Moniz a dit dans cette dernière com-

1936-1937

Gr. IV.
124.

munication qu'ils ne sont pas les mêmes chez tous les malades et que, dans les psychoses anciennes, on n'obtient, en général, que des améliorations souvent passagères. Ce n'est que dans les cas récents (de 1 à 3 ans d'évolution) qu'on a obtenu les meilleurs résultats et quelques uns ont été notés, même chez quelques malades dans lesquels on avait fait le diagnostic de schizophrénie. Egas Moniz a présenté trois cas de guérison dans cette séance, un desquels chez une malade asylée il y avait plus de 5 années. Parfois, les améliorations ne surviennent pas immédiatement à la suite de l'opération, mais après 2 ou 3 mois. Egas Moniz a dit, cependant, qu'il ne s'occuperait que plus tard de cet aspect du problème.

Un des malades a été présenté à la séance. Il avait passé un an et demi à l'Asyle et maintenant il a repris sa vie commerciale comme autrefois. Nous ne désirons pas exposer ici les idées théoriques sur lesquelles l'auteur s'était appuyé pour arriver à cette nouvelle acquisition que nous considérons de la plus haute importance et qui est la plus grande originalité. Jusqu'ici personne n'avait pensé à guérir les psychoses par un procédé opératoire; personne n'a aussi donné à la substance blanche du verveau où passent les cylindres-axes de cellules nerveuses, l'importance que Egas Moniz lui a attribuée. Nous envoyons ci-joint un résumé de ces doctrines publiées dans l'Encéphale du mois de Juin passé (doc.no 2) et encore un autre résumé (en portugais) de la communication que Egas Moniz a faite à l'Academia das Ciências de Lisboa (Doc.no 3), qui paraîtra, sur son prochain bulletin.

Veuillez agréer, Monsieur le Président, l'hommage de ma considération la plus distinguée

Manuel António Moreira Júnior

Prof. Dr. Manuel António Moreira Júnior - Professeur ordinaire d'Obstétrique à la Faculté de Médecine - Directeur de la Maternité de Santa Barbara - Chirurgien des Hôpitaux - Membre effectif de l'Académie des Sciences de Lisbonne - Ancien Député et Ministre d'Etat.

1936-1937

Gr. IV.
125.

N:o 60.

Inkom den 6 jan. 1937

Lisbonne le 28 Décembre 1936.

Monsieur le Président du Comité Nobel de Physiologie
et de Médecine

S t o c k h o l m .

Monsieur le Président.

En réponse à l'aimable invitation que vous m'avez fait l'honneur de m'adresser par votre lettre de septembre dernier, je vous envoie ma proposition pour le prix Nobel de physiologie et de médecine de 1937. Le candidat que j'ai l'honneur de vous proposer - et je crois avoir accompli toutes les prescriptions des Statuts de la Fondation Nobel qui vous m'avez adressés - c'est M. le Prof. Docteur

E g a s M o n i z

professeur de neurologie à la Faculté de Médecine de Lisbonne, Président de l'Académie des Sciences de Lisbonne, membre de nombreuses académies scientifiques étrangères, ancien doyen de la Faculté de Médecine, député et Ministre d'Etat, dont les travaux scientifiques sont vraiment remarquables et très nombreux et dont les découvertes réalisées dans les derniers temps au sujet de la création de l'angiographie et du traitement opératoire/quelques psychoses, sont des plus importantes de la médecine et de la chirurgie modernes et que ont eu déjà et en auront le plus grand retentissement pour les bienfaits qu'elles apportent pour le diagnostic et le traitement de certaines maladies. Je me permets, dans l'exposition que je vais vous présenter, d'appeller votre attention sur ces sujets-là et je vous prie aussi de bien vouloir consacrer votre critique savante aux travaux que je vous adresse.

Nous diviserons les plus importants travaux originaux de Egas Moniz en deux catégories.

Première catégorie: création de l'angiographie clinique en général et en particulier de l'angiographie cérébrale qui est venue apporter de nouvelles notions anatomiques, cliniques et physiologiques.

I.

1) L'anatomie des vaisseaux du cerveau a été mis en évidence par

1936-1937

Gr. IV.
126.

leur visibilité sur l'homme et d'importants renseignements en ont résulté. L'anatomie du cadavre est parfois en effet, assez différente de celle existant dans la vie. Les notions du siphon carotidien, du groupe sylvien, de la communicante postérieure et cérébrale postérieure, du tronc basilaire, etc. ont été acceptées partout. On pourra dire le même des sinus droit et longitudinal inférieur qui forment une courbe régulière, donnant le dessin d'un sinus unique. L'ampoule de Galien, dont la forme, chez le vivant, est bien différente de celle qu'on avait trouvé sur le cadavre, est un très important affluent de ce sinus et indique le point qui sépare les deux sinus, droit et longitudinal inférieur, d'après les notions classiques. Les formes des veines de Galien et de la veine basilaire ont été justement déterminées. Par ces vaisseaux ont été aussi précisées les positions de certains organes dont ces vaisseaux sont satellites.

2) Localisation des tumeurs cérébrales.

a) Le diagnostic de la localisation des tumeurs cérébrales est fait par la déviation des artères et souvent par leur circulation propre. Plus que cela, l'angiographie cérébrale a précisé le diagnostic anatomique de certaines tumeurs très irriguées, telles que méningiomes, glioblastomes, quelques astrocytomes très vascularisés.

D'autre part, l'angiographie indique l'origine cérébrale, meningée ou des temporales superficielle, de la circulation des méningiomes; et encore les variations de leur circulation, d'après la situation intracrânienne de ces tumeurs.

b) Les angiomes et les anéurismes cérébraux que jusqu'ici on ne pouvait diagnostiquer que dans de très rares cas, sont vus, diagnostiqués et localisés d'une manière parfaite.

On a pu déterminer si les angiomes sont artériels ou artérioveineux.

Cela a eu une grande importance pratique, parce que ces troubles vasculaires ont un traitement tout-à-fait différent des tumeurs cérébrales.

c) C'est encore par l'angiographie cérébrale qu'on a fait le diagnostic des thromboses artérielles de la carotide interne et de quelques-unes des artères cérébrales.

1936-1937

Gr. IV.
127.

3) La physiologie a été enrichi de nouvelles notions par l'angiographie cérébrale. Celle-ci est venue montrer, par l'étude de séries radiographiques tirées de seconde en seconde après l'introduction du thorotrast dans la carotide primitive, carotide interne et carotide externe, que la vitesse de la circulation du sang dans le cerveau des individus normaux se fait en 2 seconds environ, tandis que la circulations des régions irriguées par la carotide externe: face, tissus mous peri-craniens, méninges, n'arrive à la phase capillaire que 5 à 6 secondes après l'introduction du liquide dans la carotide primitive ou externe. Ces constatations sont des plus importantes si l'on note que ces régions sont à la même distance du coeur.

L'angiographie est venue démontrer que chaque organe a sa vitesse de circulation du sang et que cette vitesse dépend de la barrière capillaire, différente d'organe à organe.

Les deux volumes publiés, chez Masson, sur ce sujet et qui accompagnent cette rapide exposition (doc.nr 1 et 2) montrent l'extension que l'angiographie cérébrale a pris comme méthode d'exploration clinique et physiologique et que tous les progrès sont dus à son auteur.

Cela a été un travail de dix ans, très rigoureusement et soigneusement conduit chez les animaux, sur le cadavre et chez l'homme, avec une remarquable persistance.

L'angiographie cérébrale constitue aujourd'hui un vaste et indispensable chapitre, surtout dans les domaines de la pathologie encéphalique et de la physiologie.

II.

La seconde catégorie de travaux de Egas Moniz date de 1935 et ils sont dirigés dans un sens tout-à-fait différent: "traitement opératoire de quelques psychoses".

Nous ne voulons pas répéter ici les conceptions théoriques qui sont exposées dans le volume que cet auteur a publié, chez Masson, l'année dernière (Doc.no 3), conceptions vraiment originales et dirigées dans une orientations organiciste sur la vie psychique. Le plus important, cependant, c'est que, par la "leucotomie pré-frontale", ainsi a été nommée la nouvelle opération, on a déjà ob-

1936-1937

Gr. IV.
128.

tenu un nombre très élevé de cures, mêmes chez certains malades auxquels on a fait le diagnostic de schizophrénie.

Personne n'a jamais tenté le traitement opératoire des psychoses, nul n'a pensé à l'influence que la substance blanche des lobes préfrontaux peut jouer dans la vie psychique. Cela représente une nouvelle route dont on a beaucoup à attendre.

Pour l'auteur, la vie psychique dépend de l'intervention de tout le cerveau. Les cellules sont liées par des connexions (cylindraxes et prolongements protoplasmiques) qui ne sont pas fixes dans la vie psychique normale. Au contraire, chez les aliénés ces connexions restent fixes pour longtemps: D'elles dérive la physiologie permanente des idées fixes, des délires, de certaines hallucinations, etc.

La vie psychique a dans les lobes préfrontaux une grande station concentratrice. Comme d'un autre côté ces lobes n'ont pas des fonctions organiques appréciables, c'est à cet endroit que l'auteur est venu couper les connexions et altérer la structure connective des aliénés. Et cela a réussi, car beaucoup de ces malades ont, après la leucotomie préfrontale, récupéré leur activité normale.

Ce qui est étonnant c'est que ces malades, après la guérison, n'ont pas manifesté des déficits dans leurs facultés mentales.

Même quand l'opération n'a produit qu'une amélioration incomplète ou nulle, elle n'a jamais aggravé l'état du malade opéré.

Du reste l'opération n'offre aucun danger quand elle est pratiquée par un neurochirurgien. L'auteur n'a jamais eu d'ennuis.

Nous joignons quelques publications parues depuis 1933 et qui complètent ce que nous venons d'exposer et une liste des principaux travaux de l'auteur et de ses titres.

A propos de la leucotomie préfrontale:

Les docteurs Walter Freeman et Watts, de Washington, ont présenté à la séance de Novembre de la "Southern Medical Association", réalisée à Baltimore, le résultat de la leucotomie préfrontale chez les premiers six malades qu'ils ont opérés. Ils se sont référés aux opérations faites auparavant sur les deux lobes frontaux pour enlever des tumeurs. Sur une de ces opérations, celle de Dandy avec observation psychiatrique de Richard Brickner Egas Moniz

1936-1937

Gr. IV.
130.

surtout dans le champ psychique à celui des animaux, même de l'ordre le plus élevé. Adolf Meyer a, en effet, apprécié la valeur de la leucotomie préfrontale avec une remarquable clairvoyance.

A Egas Moniz nous devons un grand travail original, presque complet, sur l'angiographie cérébrale qui a rendu de grands services en clinique et prêté de notables renseignements sur plusieurs questions anatomiques et physiologiques liées à la circulation du cerveau. Aussi important que ce travail est la découverte de la leucotomie préfrontale, pleine de promesses pour la clinique et pour l'étude de la physiologie du cerveau humain.

Je vous prie, Monsieur le Président, de bien vouloir agréer l'expression de ma plus haute considération.

Prof, Dr. Joao Alberto Pereira d'Azevedo Neves
Professeur ordinaire de médecine légale à la Faculté de Médecine et Directeur de l'Institut de Médecine Légale de Lisbonne. Recteur de l'Université Technique de Lisbonne. Membre effectif de l'Académie des Sciences de Lisbonne. Ancien doyen de la Faculté de Médecine. Ancien député et ancien Ministre d'Etat. Ancien Président de la Société des Sciences Médicales de Lisbonne. Membre du Sénat de la Deutsch-Ibero-Amerikanische Ärzte Akademie et d'autres sociétés scientifiques étrangères.

N:o 56.

Inkom den 4 jan. 1937.

Till Karolinska Institutets Nobelkommitté.

Till efterkommande av erhållen inbjudan får undertecknad härmed till erhållande av 1937 års Nobelpris i fysiologi och medicin värdsamt föreslå professorerna i hygien vid universitetet i Freiburg i/B. Geheimrat

P a u l U h l e n h u t h

för hans upptäckter i fråga om kemoterapi.

Uhlenhuths tillträde som chef för Reichsgesundheitsamts bakteriologiska avdelning sammanföll med tiden för kemoterapiens användning inom medicinen. 1903 hade Laveran och Mesnil funnit, att arseniksyrkighet hade en viss inverkan på trypanosominfektion hos mus. Följande år upptäckte Thomas och Breini den trypanozoida ver-

6.6 - Avaliação da candidatura de Egas Moniz em 1937

Herbert Olivecrona

O professor Egas Moniz, proposto como candidato ao Prémio Nobel de 1937 em Medicina e Fisiologia, foi objecto em 1933 de uma apreciação particular.

No seu relatório o professor Jacobaeus fez uma descrição do historial do desenvolvimento da angiografia e constata a esse propósito que embora alguns investigadores, em particular Barney Brooks, tenham realizado tentativas com relativo sucesso de estudos radiológicos de contraste das artérias dos membros in vivo, Moniz é contudo o primeiro que “sistematicamente, racionalmente e com sucesso comprovado realizou um estudo radiológico de contraste de uma região vascular para fins clínicos”.

Nos primeiros anos Moniz usou como substância de contraste uma solução de iodeto de sódio a 25%, da qual se injectavam 7 a 8 cc na carótida interna. Foi possível com este método obter boas imagens das artérias do cérebro pertencentes à região vascular da carótida interna, sendo a maior parte das observações fundamentalmente novas, em resultado da arteriografia cerebral, provenientes desse período. Nomeadamente, entre outras, os estudos fundamentais da normal anatomia das artérias cerebrais in vivo e das transformações típicas desenvolvidas em consequência de tumores nos hemisférios cerebrais.

Uma observação fisiológica importante e interessante provém também desse período, nomeadamente o magnífico equilíbrio hidrodinâmico existente entre as diferentes regiões vasculares do cérebro. Verificou-se assim que apesar das abundantes ligações existentes entre ambas as carótidas e a artéria vertebral só vamos encontrar a substância de contraste, em condições normais, nas ramificações da carótida do lado injectado. Nem as ramificações da carótida contralateral e ainda menos as ramificações da artéria vertebral se enchem de substância opaca. Este equilíbrio hidrodinâmico é perturbado se a substância for injectada ao mesmo tempo que a carótida é estrangulada directamente abaixo do local da injeção. A pressão elevada que se estabelece na carótida do outro lado leva a que o sangue aflua do lado não injectado principalmente à artéria cerebral anterior, que por isso não se enche de contraste ao utilizar esta técnica de injeção. A principal conclusão a que se chega proveniente destas observações é que a solução deve ser sempre injectada na corrente sanguínea normal.

Verificou-se contudo que uma injeção tão fortemente hipertónica da solução de iodeto de sódio na artéria carótida provocava complicações graves, entre outras, ataques epilépticos a seguir à injeção e até casos letais em consequência desta. Só quando se encontrou na suspensão coloidal de dióxido de thorium (thorotrast) uma substância de contraste mais adequada é que a angiografia cerebral se

desenvolveu num método de utilidade clínica. O thorotrast foi introduzido em primeiro lugar por Moniz, embora Löhr, quase ao mesmo tempo e independentemente dele, tenha tido a mesma ideia. Quanto ao thorotrast verificou-se que a injeção intra-arterial desta substância parece ser praticamente inofensiva. Parece contudo que em casos raros pode haver uma acumulação de thorium, e Northfield e Russel descreveram recentemente alguns casos em que partículas de thorium foram comprovadamente encontradas no cérebro depois de dissecado. Eu próprio já observei um caso semelhante. Certas circunstâncias levam a pensar que se tratou de um erro de fabrico a razão que levou a essa acumulação, que de qualquer modo é raro acontecer. Quanto aos eventuais possíveis riscos tardios da injeção de thorotrast, não é possível ainda pronunciarmo-nos com segurança sobre se o efeito radioactivo do armazenamento de quantidades de thorium como as aqui utilizadas no sistema retículo-endotelial terá alguma importância. De qualquer forma não existem até agora relatos de complicações tardias do uso de thorium. Parece podermos assim considerar as injeções de thorotrast em quantidades menores que 30 cc como praticamente inofensivas.

O thorotrast tem para além da sua inocuidade uma outra qualidade que permitiu o desenvolvimento posterior da angiografia. Mantém-se nos vasos sanguíneos e pode por isso, ao contrário das soluções de sais halogénicos que deixam imediatamente o circuito vascular, ser fotografado também durante a passagem pelas veias. Logo a seguir à introdução do thorotrast Moniz conseguiu realizar com sucesso flebogramas. Usando um dos aparelhos construídos por Caldas, que permite uma troca rápida de filme radiológico, também conseguiu obter uma imagem radiológica das diferentes fases da circulação cerebral.

Por altura da apreciação de Jacobaeus, já Moniz tinha juntamente com Pinto e Alves realizado tentativas de arteriografia da artéria vertebral. Estes conseguiram, também através da injeção da artéria subclávia, pelo menos algumas vezes, obter arteriogramas de utilidade. O método é contudo pouco seguro, complicado e demasiadas vezes com pouco sucesso para ser considerado de utilidade clínica.

No hospital Serafimer foi criado um método de injeção directa na artéria vertebral depois de preparada que oferece boas imagens com um grau elevado de segurança, mas o método é demasiado complicado para concorrer com a ventriculografia e não tem praticamente utilidade senão em casos especiais, como por exemplo, desconfiando-se de um aneurisma da artéria vertebral.

O que aconteceu de novo desde a apreciação de Jacobaeus é acima de tudo a flebografia e as observações sobre o aspecto dos angiogramas nos casos de diferentes tumores cerebrais. O flebograma tem dado o seu maior contributo no diagnóstico diferencial de tumores cerebrais. É realmente verdade que Moniz teve sucesso em reproduzir a Veia cerebral grande e o seno recto, o que possibilitou o diagnóstico de certos tumores do tronco cerebral e tumores da lâmina quadrigémina, uma região onde a arteriografia não tinha antes alguma utilidade porque o fluxo das artérias aqui existentes vem da artéria vertebral. Mas por enquanto a angiografia no que diz respeito a diagnósticos tópicos de tumores nesta região é ainda de menor valor que a ventriculografia.

O diagnóstico diferencial de tumores cerebrais através da angiografia ainda se encontra numa fase inicial. Moniz descreveu angiogramas típicos de abscessos e quistos gliomatosos que se caracterizam ambos por uma região arredondada completamente livre de vasos sanguíneos. As imagens são completamente patognomónicas dessas transformações, mas não permitem um diagnóstico diferenciado entre elas. Também alguns meningeomas apresentam imagens típicas para o diagnóstico diferencial, Tönnis descreveu uma imagem patognomónica de alguns glioblastomas. As imagens arteriográficas de mal formações vasculares foram estudadas sobretudo pela investigação realizada no Hospital Serafimer.

Quanto ao valor prático das descobertas de Moniz no campo da angiografia estou praticamente de acordo com a opinião do professor Jacobaeus. Para um diagnóstico tónico o método é de menor utilidade que a ventriculografia, sobretudo com respeito aos tumores no terceiro ventrículo, lâmina quadrigémina, tronco cerebral e cerebello. É menos perigoso que a ventriculografia e pode talvez ser usado em mais situações do que esta. Quanto ao diagnóstico diferencial é mais útil em certos casos do que a ventriculografia, Torna-se assim um complemento indispensável desta, sobretudo no que diz respeito aos tumores vasculares e mal formações vasculares. Ainda não foram esgotadas as suas possibilidades para o diagnóstico diferencial, e é muito provável que novas experiências tornem possível um diagnóstico diferencial pré-operatório num número maior de casos do que até aqui.

A descoberta de Moniz deu-nos um novo método de diagnóstico dos tumores cerebrais que, sobretudo no que diz respeito à determinação da espécie do tumor, se mostrou de grande utilidade prática. Contudo, sou de opinião que precisamos de mais experiências comprovativas antes de decidir definitivamente sobre o valor do método para o diagnóstico diferencial dos tumores cerebrais, e por isso penso que Moniz não deve, por enquanto, ser considerado candidato ao prémio. De acordo com Jacobaeus sou da opinião que não é possível conceder o prémio a Moniz sem que Dandy também o receba. A sua descoberta da ventriculografia tem, sem dúvida, maior significado prático do que a descoberta de Moniz.

Båstad, 12 de Agosto de 1937

H. Olivecrona.

6.7. Processo de nomeação de 1944

1943 - 1944

Gr. IV.

N:o 11

1.

Inkom den 5 jan. 1944.

Bruxelles, le 27 décembre 1943.

A Messieurs les Membres
du Comité Nobel de Physiologie et de Médecine
Stockholm

Messieurs,

En réponse à votre lettre m'invitant à vous proposer un candidat pour le prix Nobel de Physiologie et de Médecine de 1944, j'ai l'honneur de vous soumettre le nom de Monsieur le Docteur

R e n é L e r i c h e

Professeur au Collège de France, à Paris, pour l'ensemble de ses travaux sur la Chirurgie du système nerveux végétatif.

Je suis très sensible à l'honneur que vous me faites en me demandant mon opinion pour l'attribution du prix Nobel et vous prie à agréer, Messieurs, l'assurance de ma considération la plus distinguée.

A. Hustin

Professeur de Chirurgie à l'Université
de Bruxelles.

N:o 12

Inkom den 7 jan. 1944.

Washington, D.C. December 1, 1943.

Nobel-Committee for Physiology and Medicine
The Royal Caroline Medical Institute.

Dear Sirs:

I respectfully nominate Professor

E g a s M o n i z

of Lisbon for the Nobel prize in medicine, because of his fundamental contribution to the surgical treatment of functional mental disorders. Professor Egas Moniz has written me in the past few months that he has retired because of age, and he is probably also suffering the after-effects of a murderous attack by a paranoiac patient shortly before the war started.

Under separate cover I am forwarding for your consideration his monograph published in 1936, which has been the guide to our own

1943 - 1944

Gr. IV.

2.

researches, as indicated in the accompanying monograph called "Psychosurgery" by Watts and myself. Professor Egas Moniz' claims of improvement in psychotic behavior following operation on the frontal lobes are well substantiated. It is also shown by the enclosed tables indicating our own experience with the surgical treatment of mental disorders, and by reports coming to me of similar success from many clinics in this country and in Canada, from South America, Hawaii and from New Zealand.

In my opinion, it is difficult to over-estimate the profound effect that psychosurgery will have upon the health, happiness and peace of mind of thousands upon thousands of mentally tortured individuals. I would respectfully refer to a symposium on the subject that appears in the April, 1943 number of the Journal of Mental Science.

In closing this letter to the Committee I have a favor to ask. The Committee will notice that there is an inscription in the Freeman and Watts monograph to Doctor Gösta Rylander. Nearly two years ago I attempted to send this volume to Doctor Rylander, whose own researches on the functions of the frontal lobes are of extreme importance, but because of censorship and closing of the mails was unable to do so. If the Committee will perform this favor for me I shall be doubly grateful.

Respectfully yours

Walter Freeman, M.D.

N:o 13.

Inkom den 7 jan. 1944.

Stockholm den 5 januari 1944.

Till Sekreteraren i Karolinska Institutets Nobelkommitté

Herr Professorn G. Liljestrand, Stockholm.

Enligt telegrafiskt meddelande från beskickningen i Washington föreslår professor Rooth därstädes, på begäran från Karolinska Institutet, att professor

Arthur Tatum

vid Wisconsin Universitetet måtte erhålla nobelpriset i medicin 1944 för upptäckten av användningen av arsenoxid. Motiveringen

1944.

Qud. III: 2

Sekret Handling.

Betänkande angående

A n t o n i o E g a s M o n i z

av

Erik Essen-Möller.

6.8 Avaliação da candidatura de Egas Moniz em 1944

Erik Essen-Möller

Como finalização da tarefa que me foi confiada, tenho a honra de aqui apresentar o meu parecer com os documentos que se seguem sobre o método de tratamento de psicoses através de operação cirúrgica introduzido pelo professor em Neurologia na Universidade de Lisboa, Egas Moniz.

Moniz foi proposto como candidato ao prémio Nobel pelo professor em Neurologia na Universidade de Washington Walter Freeman pela descoberta deste método (“...”). Moniz foi anteriormente proposto em 1928, 1933 e 1937 para este prémio, então pela sua descoberta da arteriografia cerebral.

Para a apreciação do actual assunto tive como referência a obra fundamental de Moniz “Tentativas operatórias no tratamento das psicoses”, Paris 1936; também o trabalho mais vasto de Freeman e Watts “Psicocirurgia” Washington 1942; um resumo global “Leucotomia pré-frontal” de Fleeming na “Recent Progress in Psychiatry”, 1944 e ainda uma série de recentes artigos publicados em revistas científicas de diversos autores tais como: Rizatto, e colaboradores, Rees, Ström-Olsen e colaboradores, Dax e colaboradores, Golla, Mc Kissock e outros. Uma parte destes artigos inclui-se no “Simpósio sobre a leucotomia pré-frontal” referido por Freeman no seu texto de candidatura. Contudo não me chegaram à mão as tabelas igualmente referidas no texto.

A operação de Moniz consiste em destruir partes da substância branca do cérebro (centro semioval) por forma a que partes dos lobos frontais de ambos os lados, que ficam em frente dos centros que comandam as reacções aferentes globais do corpo e dos olhos, sejam isolados quase completamente das outras regiões cerebrais.

A operação tem o nome de leucotomia pré-frontal.

Moniz defende como introdução, que o desenvolvimento dos lobos frontais dos macacos, e também certos ensaios em animais e por fim observações em casos de destruição ou de remoção cirúrgica dos lobos frontais por causa da existência de tumores ou outras causas no homem, dão a indicação uníssona de que os lobos frontais têm um significado importante para as funções mentais superiores, porquanto as sínteses psíquicas em grande parte se processam aí. Moniz defende também que os lobos frontais trabalham conjuntamente como uma unidade funcional e que um lobo frontal pode ser substituído pelo outro sem perda de funções. A remoção de ambos os lobos frontais provoca contudo alterações psíquicas profundas, embora sem que se apague toda a actividade psíquica.

Moniz desenvolve ainda a sua ideia sobre as chamadas psicoses funcionais, isto é, psicoses em que não foi possível comprovar até à data presente

uma causa patológica-anatómica no cérebro – sobretudo esquizofrenias e diferentes géneros de psicoses afectivas. Moniz acredita que os pensamentos doentios e as fantasias que dominam a vida psíquica dos pacientes com essas psicoses têm origem no facto das ligações entre certos grupos de células no cérebro serem anormalmente rígidas, anormalmente acessíveis. Por causa disto os processos nervosos e os correspondentes processos psíquicos iriam, mais facilmente do que seria normal, movimentar-se nessas vias, reproduzir-se repetidamente aí, e pela sua frequência anormalmente elevada, iriam dominar sobre todos os outros processos. Os pensamentos tornar-se-iam “ideias fixas”, obsessões. Moniz considera que o motivo desta obsessão patológica reside em alterações biológicas, efeitos tóxicos endógenos ou exógenos. Ele concebe ainda as vias de associação patologicamente acessíveis como sendo de certo modo definidas anatomicamente e de grande extensão. Deveria ser por isso possível destruí-las e assim libertar o paciente da sua actividade cerebral doentia, processo pelo qual a actividade psíquica normal residual, que tinha sido por assim dizer reprimida, seria reposta. Segundo Moniz as vias que devem sobretudo ser destruídas são as ligações dos lobos frontais, visto estes, pelo que foi dito anteriormente, terem um papel tão relevante nas funções mentais superiores. Em teoria seria pensável em vez das vias, destruir as regiões corticais e os núcleos celulares, mas dessa forma estar-se-ia provavelmente a trabalhar mais ao acaso. As vias de associação são de preferir. Escolhendo-as ter-se-ia também maiores possibilidades de variar o método enquanto este se encontrasse numa fase experimental.

Depois de uma fase introdutória e experimental em cadáveres, Moniz escolhe com a ajuda do seu colega psiquiatra uma série de doentes com psicoses crónicas funcionais, no sentido atrás referido, e com mau prognóstico. (No entanto parece que os casos foram por vezes escolhidos segundo outros princípios. Assim, operaram uma esquizofrenia com uma fase maníaca aguda inicial, apenas 16 dias depois do início da psicose e 7 dias depois do internamento na clínica.) As operações foram realizadas sob anestesia geral (com avertin). O neurocirurgião injectou, seguindo as instruções de Moniz, uma solução alcoólica em diferentes direcções pré-definidas, a determinadas profundidades na substância branca, por uma perfuração localizada a 3 cm da linha mediana num plano frontal 3 cm à frente do trago (N.T. imediatamente à frente da abertura do meato acústico externo). Este método é ainda usado ocasionalmente. Mais tarde Moniz passou contudo a fazer incisões circulares ou semi-circulares nos mesmos lugares, com um chamado leucótomo, um utensílio cortante em forma de anel, que é introduzido protegido por um cateter. A operação é executada dos dois lados. O número de incisões de cada lado era inicialmente um ou dois, mas achou-se posteriormente que deveriam ser quatro, uma incisão externa e outra interna a duas profundidades diferentes. Assim uma grande parte da substância branca poderia desta forma ser alcançada.

O trabalho fundamental de Moniz relata cerca de 20 operações semelhantes, realizadas nos finais de 1935 e começo de 1936. Três desses casos foram operados duas vezes ao longo do período de observação, visto o resultado da primeira operação ter sido considerado pouco satisfatório devido ao facto da técnica não estar ainda aperfeiçoada.

O tempo de observação pós-operatório foi de dois meses e meio num caso e nos 19 restantes menos de dois meses, dos quais em 8 casos menos de meio mês.

O resumo dos resultados psiquiátricos ao fim do tempo de observação foi o seguinte: 7 recuperados clinicamente ou socialmente, 7 com melhoras acentuadas e 6 sem melhoras. Os casos em que não se observaram melhoras compreendiam 5 esquizofrenias e uma mania, enquanto os melhorados e os recuperados eram 7 melancolias de diferentes tipos, 3 síndromes de ansiedade (das quais 1 comprovadamente de etiologia orgânica), 3 manias e duas esquizofrenias. – Das contabilizadas sem melhoras, 2 casos foram considerados recuperados ou melhorados no fim do período de observação, mas as melhoras aconteceram tarde demais para ser considerado um resultado da operação.

As melhoras atingidas compreendiam sobretudo os sintomas afectivos e motores. A ansiedade dos pacientes e a agitação foram reduzidas ou regrediram, eventualmente as fantasias de carácter esquizofrénico constatadas anteriormente não regrediram mas perderam o seu carácter afectivo e o significado para o paciente.

Não aconteceu nenhum caso fatal. Sintomas neurológicos, sobretudo distúrbios de bexiga, apareceram em alguns casos, mas regrediram rapidamente. Verificaram-se imediatamente após a operação desorientação, problemas de carácter catatónico, falta de iniciativa e dificuldades de contacto, mas em regra esses fenómenos desapareceram mais tarde. Em um ou outro caso constatou-se “infantilidade”, cleptomania ou outros sintomas. Moniz não dá muito valor a essas observações. Defeitos intelectuais num sentido mais restrito não foram observados.

Moniz discute se esses resultados na sua opinião favoráveis, que não podiam razoavelmente ser considerados ocasionais, dependiam de alguma forma de um efeito de choque, mas rejeita essa consideração visto os casos operados duas vezes terem mostrado as mais consideráveis melhoras depois da segunda operação e não depois da primeira, como seria então de esperar.

Ao olhar para todo o trabalho de Moniz, podemos em primeiro lugar pôr em causa se a teoria sobre a natureza das psicoses abordadas, que deu origem à operação, está bem fundamentada. Entre outras, podemos questionar se a hipótese de localizar fundamentalmente a principal actividade patológica nos lobos frontais está certa e se em vez disso não será o tronco cerebral que tem o principal papel; o facto de terem sido constatadas melhoras depois da operação à parte frontal do cérebro não prova muito (segundo até o próprio Moniz). Da mesma forma questionamo-nos perante o raciocínio básico de que a actividade patológica dependerá de uma rigidez anormal de certas vias ou de uma acessibilidade patológica nessas. Basta recordar a hipótese, completamente contrária e pelo menos biologicamente tão plausível, de Sjöbrings que defende que o aumento da actividade e intensidade neural e dos processos psíquicos dependeriam de uma crescente resistência, uma acessibilidade diminuída por isso.

Se passarmos por cima das bases teóricas e tentarmos avaliar o valor prático do método, a ideia com que ficamos do trabalho de Moniz é que realmente alguns estados de instabilidade afectiva e psicomotora melhoraram

logo a seguir à operação, e que essas melhoras não se podem remeter somente a uma tendência de regressão espontânea. Contudo, não é possível tirar qualquer conclusão sobre se as melhoras foram mais do que temporárias, visto os períodos de observação depois das operações terem sido espantosamente curtos.

Também as complicações, que poderíamos esperar estar relacionadas com as operações, parecem-me terem sido insuficientemente esclarecidas no trabalho de Moniz. Sobretudo a comparação com trabalhos posteriores sugere esta reflexão. Rylander observou, como sabemos, depois da extirpação dos lobos frontais, por motivos de tumores e de outras causas, alterações psíquicas profundas e bastante persistentes, em praticamente todos os pacientes por ele observados, e isto mesmo, apenas depois de um dos lobos frontais ter sido retirado. Maiores transformações seriam de esperar nos casos de Moniz em que ambos os lados foram operados, mesmo tratando-se de leucotomias e não de extirpações. De facto, os sucessores de Moniz têm mais a dizer a esse respeito. Moniz parece ter-se concentrado nas melhoras dos sintomas psíquicos, e de resto não pôde no espaço das poucas semanas de observação pós-operatória ter reunido observações mais aprofundadas.

Apesar de tudo, como já foi sugerido aqui, o método relatado por Moniz foi experimentado em diversos lugares, sobretudo em Itália, Estados Unidos e Inglaterra. Da literatura existente pelo menos 700 operações, talvez muitas mais, foram realizadas nos anos seguintes. O tempo de observação é em muitos casos bastante longo. Para além disto muitos trabalhos com base em ensaios em animais foram realizados, provavelmente inspirados no método de Moniz. Existem também trabalhos de dissecação no homem; e tanto esses como os ensaios em animais mostram que a operação implica uma atrofia do núcleo dorsomedial do tálamo, enquanto que o córtex nos lobos frontais parece poder ficar intacto.

A mortalidade é calculada por Fleming em cerca de 3 ½ %, dos quais mais de metade dos casos aconteceram na sequência de hemorragias provocadas pela operação.

A técnica nas incisões, que de resto geralmente já não se realiza de cima para baixo mas sim dos lados, tem por isso que fazer especial atenção a que apenas a substância branca seja tocada pelo leucótomo e não os vasos sanguíneos no fundo das circunvoluções do cérebro.

A operação é hoje em dia realizada na maior parte das vezes sob anestesia local. Esse facto tem dado ocasião a observações interessantes sobre a reacção do doente durante a própria operação. Em especial observou-se várias vezes que a tensão do doente desaparecia subitamente, momento no qual o próprio doente sentia ele próprio um alívio subjectivo repentino. Freeman, que dedicou especial atenção a estudar estes fenómenos, é da opinião que estes relaxamentos súbitos acontecem quando o último quadrante da substância branca no último hemisfério é cortado, independentemente do lado e independentemente da ordem em que as quatro incisões são feitas em cada um dos hemisférios.

Depois da operação acabada o doente apresenta desorientação, que costuma regredir completamente ao fim de uma ou duas semanas. Freeman é da opinião que esta desorientação acontece com mais nitidez e mais prolongadamente, quanto mais atrás as incisões foram feitas (o limite posterior é

estabelecido de modo a que o corno anterior do ventrículo lateral não seja aberto). Se as incisões forem feitas mais à frente o doente não sofrerá de desorientação, mas o efeito terapêutico nesse caso é insignificante. A desorientação pós-operatória torna-se assim um sintoma bem-vindo, segundo Freeman, que assinala que a operação terá sucesso quando o estado de consciência normalizar. Devemos neste contexto referir que um autor (Mc Kissock) nalguns casos psiquiátricos prefere numa primeira séance fazer um corte mais pequeno bastante à frente, na esperança de poder evitar efeitos menos desejados, e só sendo necessário é que realiza uma segunda operação mais completa, no caso de os efeitos terapêuticos da primeira terem sido insuficientes.

Como consequência da operação verificam-se regularmente, como já foi relatado por Moniz, sintomas neurológicos, sobretudo distúrbios de bexiga. Ataques epilépticos em 6 a 7 % dos casos. Entre os sintomas psíquicos não desejados nota-se uma apatia e ou incontinência emocional, também as reacções dos doentes se tornam demasiado rápidas, reagem sem pensar e mostram uma dificuldade nítida em manter actuais simultaneamente diferentes conceitos, fazer sínteses e encontrar soluções. A euforia, de certo modo desejada, é por vezes associada a demasiada agitação e tagarelice. Por outro lado, em outros casos, verifica-se uma incómoda apatia e indolência.

Todos esses sintomas costumam de um modo geral regredir ou pelo menos melhorar bastante. Exige-se um treino prolongado pós-operatório do doente, e verificam-se melhoras mesmo ao fim de anos. Contudo às vezes os sintomas permanecem, em especial a dificuldade do doente prever que consequências terão os seus actos ou comentários. O doente irá comportar-se irresponsavelmente de uma forma constante, entrar em conflito com o próximo, etc. Um autor fala do fenómeno como “a surgically induced childhood”. Dois doentes mostraram uma constante hostilidade e agressividade muito incomodativa para as pessoas à sua volta. Por outro lado os testes de inteligência e provas semelhantes são normalmente realizados com sucesso.

As consequências favoráveis e desejadas da operação concentram-se, em conformidade com o que Moniz já tinha observado, no manifesto e total relaxamento da tensão e angústia. Os doentes deixam de se interessar por si próprios, as ideias hipocondríacas desaparecem, deixam de se queixar, tornando-se extrovertidos. Também isto pode ser considerado, como alguém observou, um estado infantil ou puerilidade induzida por cirurgia. Sobretudo podemos plausivelmente presumir que o desaparecimento dos incómodos sintomas originais e o aparecimento de novos sintomas são reciprocamente da mesma natureza. Naturalmente, para o estudo das funções dos lobos frontais, pode dizer-se que as operações tiveram um grande significado.

A natureza do grande alívio observado no quadro clínico oferece uma indicação sobre que doentes mais se prestam à operação. São independentemente do diagnóstico, aqueles que sofrem de tensão, angústia, insegurança e que de uma forma exagerada e hipocondríaca são obcecados por si próprios. Pelo contrário deve ser evitado tanto quanto possível, segundo Freeman, operar doentes que mostrem obstinação ou características semelhantes, visto parecer que são casos desta natureza que depois da operação mostraram especialmente a acima relatada perturbadora agressividade.

Alguns resultados numéricos devem ser aqui mencionados. Freeman sustenta que dos seus 170 casos operados nos últimos 6 anos antes da publicação, mais de metade estavam “usefully occupied”. Dos 35 casos de Fleming, 26 estavam socializados ou “largely recovered” ao fim de 0 a 2 ½ anos. Agrupando por diagnósticos, segundo a compilação de resultados feita por Fleming dos resultados de vários autores, mostra que de 184 esquizofrenias 39% tinham regredido ou melhorado muito, o mesmo acontecendo em 62% de 171 depressões e 53% de 77 psicoses de outras espécies. Dos restantes casos, cerca de metade tinha melhorado insignificadamente, metade não tinha melhorado de todo.

Podemos perguntar-nos evidentemente se as melhoras não teriam acontecido espontaneamente mesmo se os doentes não tivessem sido operados. É difícil fazer uma comparação quantitativa como esta se a queremos fiável, tomando em consideração os elementos da avaliação psiquiátrica antes e depois da operação, a duração da doença e o tempo de observação. Contudo os casos operados eram evidentemente em grande parte psicoses crónicas com mau prognóstico, visto que geralmente de início ninguém ousava operar outros casos. Assim considerando, os resultados talvez se possam considerar bons. Os resultados apresentados por Fleming de um autor, Carse, que depois da operação pôde dar alta a 10 de 22 doentes esquizofrénicos crónicos, parecem incontestavelmente e surpreendentemente favoráveis.

Perguntamo-nos se outros métodos de tratamento, menos intervenientes não poderiam dar resultados da mesma forma favoráveis. Como se sabe as opiniões estão ainda bastante divididas sobre o valor permanente dos métodos de insulina, cardiazol e electrochoques, quando se compara com casos não tratados e durante o mesmo tempo de observação e tomando em conta as recidivas. Que esses métodos têm um certo efeito parece ser incontestável, mesmo sendo por ventura menor do que se esperava quando da sua introdução. Mesmo se supusermos, com maior ou menor grau de veracidade, que a frequência de melhoras depois de tratamento cirúrgico está ao mesmo nível que os tratamentos de insulina e de electrochoques parece contudo ser possível que a operação tenha resultados mais permanentes e menos recaídas. É verdade que os choques eléctricos podem ser repetidos sempre que necessário. Contudo há diversos casos relatados, em que o tratamento de choques mostrou não ter resultados mas uma posterior leucotomia trouxe melhoras. Mas tudo isto é difícil de julgar no seu valor real; não seria de admirar se houvesse casos que não tivessem sido melhorados pela operação mas por uma cura de insulina!

Sinto a falta sobretudo de uma comparação exaustiva, sistemática, de um material de leucotomias bem acompanhadas com um material correspondente tratado por outros métodos.

Dos dados que tive ao meu dispor tenho, não obstante, que reconhecer ter ficado com a impressão de que a operação talvez tenha realmente certas vantagens em relação a outras formas de tratamento. Em compensação traz também incontestavelmente mais consequências desfavoráveis, como as acima descritas. A intervenção cirúrgica é e será sempre uma operação mutilante. A questão é então se as desvantagens são compensadas pelas vantagens. Na literatura parece ser essa a opinião geral. Tomando em conta que a crítica talvez

não tenha ainda tido tempo de se fazer ouvir. Freeman declara na sua proposta ao Comité Nobel: “Professor Egas Moniz’s claims of improvement in psychotic behaviour following operation on the frontal lobes are well substantiated”...”In my opinion, it is difficult to over-estimate the profound effect that psychosurgery will have upon the health, happiness and peace of mind of thousands upon thousands of mentally tortured individuals”.

Numa apreciação geral, podemos provavelmente em primeiro lugar tomar nota do alívio subjectivo para o doente que a operação parece tantas vezes trazer. A seguir temos que tomar em consideração que vários dos doentes operados se tornaram mais fáceis de tratar dentro ou mesmo fora do hospital e que nalguns casos puderam voltar a trabalhar. Pelo menos o primeiro facto mencionado parece justificar a operação em doentes crónicos e subjectivamente atormentados, nos casos em que outros métodos foram experimentados mas sem o efeito desejado. Em casos assim parece justificar-se que se tomem certos riscos.

Resta agora tomar posição quanto à proposta da concessão do prémio. Quanto à prioridade parece não haver hesitação; eu fundamento-me quanto a esse assunto no historial detalhado apresentado por Freeman. É verdade que Burckhardt já em 1890 comunicou publicamente tentativas de excisão de diferentes regiões do córtex cerebral com o objectivo de melhorar estados psicóticos, tentativas que não levaram ao resultado desejado. É verdade que também Puusepp e Ody independentemente um do outro e antes de Moniz, mutilaram as fibras de conexão ou extirparam um dos lobos frontais, mas por um lado essas operações também não mostraram resultados, por outro lado publicaram depois do trabalho de Moniz e na sequência deste. No caso do método actual de operação dupla, a única que deu resultados mais evidentes, parece a prioridade de Moniz ser incontestável. Outro aspecto é as reflexões teóricas que levaram Moniz ao seu método parecerem tão vagas, e o material do próprio Moniz por causa do acompanhamento curto e relativamente superficial a seguir às intervenções cirúrgicas não chegar para convencer. É na verdade apenas ao longo do estudo dos trabalhos publicados pelos seus sucessores que compreendemos que o método algo heróico é merecedor de uma atenção mais séria. Por outro lado, se o método for laureado, não será outro que não Moniz a merecê-lo.

Para quem não conhece de perto a praxis do Comité na avaliação é apropriado recordar a decisão deste respeitante a outros métodos terapêuticos dentro da psiquiatria, que já foram objecto de apreciação particular. O tratamento da Malária contra a paralisia geral (N.T. O plasmódio da Malária era utilizado para o tratamento da sífilis, uma infecção provocada pela espiroqueta. A febre elevadíssima atingida pela malária inactivava a espiroqueta, mantendo no entanto as lesões irreversíveis entretanto instauradas) que sociabilizou um número não insignificante de doentes mas que de resto mantém as várias sequelas, foi no seu tempo laureado, os novos métodos de tratamento de insulina e electrochoques não o foram. Talvez experiências futuras venham justificar a equiparação do método de Moniz, quanto ao seu valor e utilidade terapêutica, com o de Wagner von Jaureg; por agora deve contudo ser remetido para a categoria dos métodos insuficientemente comprovados.

Em resumo posso então dizer que na verdade não sou capaz de negar ao método de Moniz de tratamento cirúrgico de psicoses um eventual valor, mas parecendo-me necessária uma melhor comprovação dos seus resultados, não posso no presente recomendar Moniz por esta sua descoberta para a conquista deste prêmio.

Lund, 29 de Agosto de 1944.

Erik Essen-Möller

6.9. Processo de nomeação de 1949

1948 - 1949

Gr. IV
43.

Gregg's discovery has had a profound effect on various fields of medicine: ophthalmology, otology, cardiology, obstetrics, pediatrics, and public health. In the field of prevention this discovery opens the door to incalculable benefits to mankind, benefits which are already under way.

I am submitting under separate cover a review of the literature. There is a later review by me which is now in press and which I shall forward as soon as I have a reprint. This does not include a recent article from Denmark⁴ which appeared too late for inclusion in my paper. (⁴Bardram, M. and Broendstrup, P.: Maternal Rubella during Pregnancy as Cause of Congenital Cataract and Other Congenital Malformations. Acta Ophthalmologica, 25:353-368, 1947).

Sincerely yours
Conrad Wesselhoeft

N:o 37

Inkom den 27 dec. 1948
Sao Paulo december, 17, 1948

To Mr. H. Bergstrand
Chairman of the Nobel Committee for
Physiology and Medicine of the Royal Caroline Medical Institute.

Taking in the best consideration your letter of September 1948, inviting me to nominate a candidate for the Nobel Prize for Physiology and Medicine in 1949, I have the honour to indicate Professor

Egas Moniz

from Portugal who has been devoted to find new methods of diagnostic and treatment of nervous disease.

His work "Diagnostic des tumeurs cerebrales et 6-preuve de l'encephalographie arterielle" is a new method to show the localisation of the brain's tumour and to recognize several

1948 - 1949

Gr. IV
44.

vascular diseases of the brain.

His book "Die Cerebrale Arteriographie und Phlebographie" explains everything. Starting with the knowledge of the frontal lobe he proposed the cerebral leucotomia.

He published also "Tentatives opératoires dans le traitement de certains psychoses."

In the United States the cerebral leucotomia has been used after the explanation of the method through the book "Psychosurgery", of Freeman and Watts.

With my best wishes

Ernesto de Sousa Campos.

N:o 53

Inkon den 14 jan. 1949.

S. Paulo, January 6th, 1949.

The Nobel-Committee of the Royal Caroline Institute
Stockholm, Sweden.

Dear Sirs:

May I thank you for the honour you conferred to me by inviting me to nominate a candidate for the Nobel Prize for Physiology and Medicine in 1949.

My candidate for that prize is Professor

E g e s M e n i z

of the Medical School of Lisbon, Portugal. I have been informed that some of my colleagues in this Faculty of Medicine of the University of S. Paulo have also appointed professor Meniz as their candidate for the Nobel Prize and that they have sent^{to} you detailed information regarding his scientific work. So I feel unnecessary further information concerning the important contributions which have been brought to science by my candidate, chiefly in regard the diagnoses of brain tumors by means of his technique of arterial encephalography and, more recently, by his

1948 - 1949

Gr. IV
45.

important contribution in the field of psychosurgery.

I am quite convinced that professor Moniz deserves the honour of the Nobel Prize by his brilliant contributions to medical science.

I take this opportunity to present you my cordial greetings for the New Year.

Sincerely yours

Jaysa Regallo Pereira

N:o 61

Incom den 17 Jan. 1949

Aux honorables Membres du Comité Nobel
de Physiologie et Médecine.

Messieurs,

Ayant reçu l'honneur de votre invitation à me prononcer sur le nom du candidat au prix Nobel de Physiologie et de Médecine de 1949, je propose le Professeur

E g a s M o n i z

de la Faculté de Médecine de Lisbonne.

Ma proposition est basée sur les deux importantes découvertes dont Egas Moniz a enrichi la science médicale, l'angiographie cérébrale et la leucotomie préfrontale, qui développées pendant vingt ans par le labeur incessant de leur créateur ont peu à peu gagné l'adhésion générale des cliniciens et reçu la consécration des individualités les plus renommées dans le domaine de la neurologie et de psychiatrie. Le fait a eu récemment une éclatante démonstration par la réunion à Lisbonne, en hommage au Maître, de deux congrès internationaux: la réunion de la Société de Neurochirurgiens britanniques au mois d'Avril 1947 et la première Conférence Internationale de Psychochirurgie au mois d'Août 1948.

1948 - 1949

Gr. IV
46.Angiographie cérébrale.

Par l'angiographie cérébrale Egas Moniz, en injectant dans la carotide une substance opaque aux rayons X, a rendu visible l'arbre circulatoire du cerveau. La comparaison rigoureuse des images radiographiques avec les faits anatomiques lui a permis en premier lieu de nous faire connaître l'anatomie radiologique cérébrale normale au point de vue des artères et des sinus, et montrer que sa méthode donne de la situation réelle de quelques vaisseaux sur le vivant (sinus droit, sinus longitudinal inférieur, ampoule de Galien) une notion bien plus exacte que les dissections anatomiques classiques. Pour certaines formations il a créé une nomenclature adéquate qui a été adoptée par tous les neurologistes.

En second lieu, au moyen de films successifs obtenus à des intervalles de secondes pendant que la même portion de substance injectée dans la carotide circule dans le réseau vasculaire, il a mesuré la vitesse de la circulation dans le cerveau et découvert que celle-ci est beaucoup plus rapide que celle du crâne et des parties molles de la tête.

Mais surtout, et ceci a été le but essentiel qui l'a amené à concevoir sa méthode, Egas Moniz a réussi à préciser le diagnostic des tumeurs cérébrales et ceci non seulement en ce qui concerne leur localisation, mais dans la détermination de l'espèce néoplasique. En effet, dans un grand nombre de cas, la déviation des vaisseaux et d'autre part l'apparition d'une image vasculaire de néoformation bien limitée montrent la situation exacte de la tumeur et en même temps l'aspect radiographique du réseau néoformé permet de faire le diagnostic de l'espèce.

Pour les tumeurs vasculaires, angiomes artériels, angiomes artério-veineux et les anévrismes, la méthode est pour ainsi dire spécifique, un grand nombre de ces formations ne pouvant même pas être soupçonnées avant son emploi. Le diagnos-

1948 - 1949

Gr. IV
47.

tie préalable précis de l'espèce néoplasique et la connaissance de l'irrigation de la tumeur, dérivé en quelques cas des branches de la carotide externe (médulloblastomes), rend les plus grands services à la neurochirurgie en établissant certaines contre-indications opératoires (glioblastomes) et en réglant d'avance quelques détails de technique en vue d'éviter l'hémorragie.

La localisation des hématomas sous-duraux a aussi été facilitée au moyen de la méthode angiographique qui par la déviation des vaisseaux, enregistrée aussi bien dans l'artériogramme latéral que dans l'antéro-postérieur, montre et la situation de l'épanchement et son extension.

La valeur de l'angiographie de Egas Moniz a été reconnue par les neuro-chirurgiens du monde entier qui grâce à son innocuité l'utilisent dans leurs cliniques et qui ont publié de nombreux travaux sur les résultats obtenus. La bibliographie étrangère sur ce sujet atteint à présent des centaines d'articles signés par des neurologistes et neuro-chirurgiens les plus connus. L'acquisition de la méthode comme moyen de diagnostic a été consacrée par l'inclusion dans le célèbre Handbuch der Neurologie, de Foerster et Bumke, d'une monographie intitulée: Die cerebralen Arteriographie und Phlebographie, volume de 413 pages et 324 figures, édité par Julius Springer, Berlin 1940, et rédigé par Egas Moniz à l'invitation du Professeur Otfried Foerster, de Breslau.

La technique de l'artériographie de Moniz a aussi été appliquée par des investigateurs portugais avec succès à d'autres régions du corps. L'arteriographie, qui rend visibles les vaisseaux des viscères abdominaux, et l'artériographie des membres ont été instituées par H. Santos à partir de 1929 et n'ont cessé de se perfectionner et développer. Des recherches sur la circulation pulmonaire par l'angiopneumographie, inaugurée par Egas Moniz, lui même, avec Lopo de Carvalho et

Almeida Lima, ont fourni également des résultats intéressants. L'école portugaise a encore adapté la méthode de Moniz à l'étude des lymphatiques, la lymphographie (H. Monteiro et collaborateurs).

De cette manière la conception de Moniz ne s'est pas confinée à la neurologie, qu'elle a d'ailleurs enrichie d'importantes conquêtes anatomiques, physiologiques, cliniques et thérapeutiques; elle s'est étendue à d'autres domaines de la médecine et a atteint une portée très générale, ce qui lui confère le titre d'une remarquable découverte.

Leucotomie préfrontale.

Par la leucotomie préfrontale Egas Moniz a essayé de modifier l'évolution de certaines psychoses au moyen de la section plus ou moins étendue des faisceaux de fibres nerveuses contenus dans la substance blanche du lobe frontal.

Par cette conception audacieuse, ayant été, comme le dit le Prof. Walter Freeman, de Washington, dans son livre "Psychosurgery", l'auteur "who first conceived and executed a valid operation for mental disorders" il a créé la psychochirurgie.

Son idée conductrice, que la pratique clinique a montré être juste, a été d'améliorer des états pathologiques caractérisés par des idées fixes extrêmement pénibles et devant lesquelles la thérapeutique psychiatrique était impuissante: Les états obsessionnels et la mélancolie chronique.

Les premiers résultats communiqués à l'Académie de Médecine de Paris en 1936 ont gagné rapidement beaucoup d'adeptes à la nouvelle orientation thérapeutique, d'abord en Italie et aux Etats Unis (1937), ensuite en Espagne, en Angleterre, en Suède et aux pays de l'Amérique Latine, et à présent dans tous les pays d'Europe et d'Amérique et quelques-uns d'Asie. L'année 1947 marque l'épogée de la leucotomie de Moniz par la décision prise en Amérique de réunir à Lisbonne la Conférence

1948 - 1949

Or. IV
49.

Internationale de Psychochirurgie déjà citée et qui a eu lieu avec la représentation de 27 pays.

Avec le temps, aussi bien aux mains de Egas Moniz et ses collaborateurs qu'à celles des partisans de sa méthode, les indications cliniques de la leucotomie se sont élargies dans une considérable mesure, en premier lieu à la schizophrénie, ensuite aux oligophréniques erectiques, à certains cas de psychopathie, voir même de tendances criminelles. En dehors de la psychiatrie la leucotomie uni ou bilatérale s'est montrée efficace dans le traitement de la douleur insupportable, et autrement inaccessible à toute thérapeutique (cas de cancer, membre phantôme, etc.).

La technique primitive pratiquée au moyen du "leucotome" imaginé par Egas Moniz a reçu plusieurs modifications, quelques-unes plus mutilantes de la substance blanche, comme la lobotomie de Freeman (Washington) ou celle de Almeida Lima (Lisbonne), d'autres plus restreintes, ayant en vue limiter la section à certains faisceaux de fibres dont l'élimination ferait disparaître les symptômes psychiques dominants dans le cas clinique considéré (leucotomie sélective des auteurs argentins). Cependant un certain nombre de psychiatres reste fidèle à la leucotomie primitive.

Le nombre d'opérations réalisées jusqu'à présent dépasse le nombre de 8.000, quelques neurochirurgiens comptant dans leur actif des séries importantes, ce qui permet déjà d'avoir une opinion personnelle valable sur les résultats thérapeutiques acquis. L'ensemble de ceux-ci, étudié à la Conférence Internationale de Lisbonne, a donné un pourcentage global de 30 % de cas de guérison ou amélioration considérable, 30 % de résultats médiocres et 40 % de cas sans modification symptomatique.

De pair avec ses avantages thérapeutiques la leucotomie, comme toute opération susceptible d'interrompre des voies con-

1948 - 1949

Gr. IV
50.

ductrices nerveuses, a joué un rôle expérimental de haute valeur en contribuant à éclaircir la physiologie cérébrale.

Les constatations de Moniz et ses collaborateurs, confirmées et développées par d'autres auteurs, ont révélé, à côté de connexions des lobes frontaux avec certaines aires corticales et noyaux thalamiques, le rapport indistinctible des lobes frontal et orbitaire avec quelques fonctions de la personnalité et ses altérations pathologiques et ont apporté un progrès réel au problème toujours passionnant de la base anatomique des fonctions psychiques. La conscience des ces conquêtes a mené le Comité organisateur du Congrès International de Psychiatrie qui va avoir lieu à Paris en 1950 à donner la préférence, parmi plusieurs autres sujets proposés pour l'anatomie et la physiologie, au thème suivant: "Anatomie et physiologie cérébrales à la lumière de la lobotomie".

On peut donc affirmer que l'idée de la leucotomie préfrontale a été véritablement créatrice.

A mon avis, le Professeur Egas Moniz par ses deux conceptions fécondes, l'angiographie cérébrale et la leucotomie préfrontale, a ouvert de nouvelles voies à la physiologie et à la médecine, a contribué largement au progrès de la science et au bienfait de l'Humanité et s'est ainsi montré digne de la pensée du grand Nobel en instituant le prix qui porte son nom glorieux.

Lisbonne, le 8 Janvier 1949

A. J. Pereira Flores

Professeur de Neurologie à la Faculté de Médecine

P. S. Par le même courrier j'ai l'honneur d'envoyer 4 volumes justificatifs:

- L'Angiographie cérébrale - Paris, 1934.
- Tentatives opératoires dans le traitement de certaines psychoses - Paris, 1936.
- Ultima lição - Bibliografia - Lisbonne, 1944.

1948 - 1949

Gr. IV
51.

- A Expansão da angiografia e da leucotomia préfrontal
de Egas Moniz - Liebonne, 1944.

N:º 63

Incom den 19 Jan. 1949.

Aux Honorables membres du Comité Nobel de Physiologie
et Médecins.

Messieurs,

J'ai l'honneur de répondre à votre invitation me priant
de ne prononcer sur le nom du candidat au prix Nobel de Physio-
logie et de Médecine de 1949, en proposant le Professeur

E g a s M o n i z

de la Faculté de Médecine de Lisbonne.

Egas Moniz est l'auteur de deux très importantes décou-
vertes de la science médicale, dans le domaine de la neurolo-
gie et de la psychiatrie: l'angiographie cérébrale et la
leucotomie préfrontale. Conçues, réalisées et développées de-
puis une vingtaine d'années, les découvertes n'ont acquis
toute leur importance que dans ces derniers temps. En effet,
non seulement les travaux scientifiques, qui les traitent, et
en montrant l'importance se sont accumulés dans ces dernières
années, mais deux Congrès internationaux se sont réunis spé-
cialement à Lisbonne, en hommage au Professeur Egas Moniz et
pour étudier ses découvertes médicales: la réunion de la so-
ciété de Neurochirurgiens britannique au mois d'avril 1947
et la première Conférence Internationale de Psychochirurgie au
mois d'août 1948.

Angiographie cérébrale.

Egas Moniz le premier a réussi à rendre visibles dans
le vivant les vaisseaux cérébraux, en injectant dans l'artère
carotide une substance opaque aux Rayons X.

Il a fait de rigoureuses études expérimentales, établi
la technique, il en a fait l'application à la clinique et il y

en a tiré des enseignements très importants, pour le diagnostic, la pathologie, la thérapeutique et la physiologie cérébrales.

Ces travaux ont été confirmés par de nombreux neurologistes et neuro-chirurgiens de tous les pays. Sur ce sujet, la bibliographie compte déjà plusieurs centaines de publications dans toutes les langues. En septembre 1948, on en a fait un rapport au Congrès de Neuro-chirurgie de Freiburg-i-B. La plupart des conclusions obtenues par l'angiographie ont été, cependant, établies par Egas Moniz et ses collaborateurs.

Nousons, comme plus importants, les faits suivants:

- a) la création de l'anatomie radiologique des artères, des veines, des sinus cérébraux; de l'anatomie vivante, qui donne des notions quelquefois plus exactes sur la situation, la forme, les variations et les anastomoses de différents vaisseaux (sinus droit, ampoule de Galien, siphon carotidien, etc.)
- b) nouvelle méthode d'étude physiologique de la circulation cérébrale chez l'homme. Au moyen de films successifs, obtenus à de très courts intervalles pendant la même injection de substance opaque dans la carotide, on suit la circulation depuis les artères jusqu'aux veines et sinus; on a ainsi démontré que la vitesse de la circulation dans le cerveau (carotide interne) est beaucoup plus rapide que celle du crâne et des parties molles de la tête (carotide externe).
- c) nouvelle méthode de diagnostic des lésions cérébrales - le but principal de l'angiographie, qui a poussé Egas Moniz à la concevoir. Elle donne des indications très utiles pour le diagnostic des néoformations intracraniales surtout des tumeurs, des hématomes et des abcès ainsi que des lésions vasculaires (tromboses, artérites, etc.) Par la déviation des vaisseaux de leur place normale elle montre la localisation des tumeurs, et souvent aussi leur espèce anatomo-pathologique, spécialement les anévrysmes, les angiomes artériels et arté-

rio-veineux.

- d) renseignements sur la pathologie circulatoire de certaines affections vasculaires, maladie de Bérger, thromboses, etc.
- e) indications opératoires: le diagnostic de l'espèce tumorale et des détails de son irrigation interne et relations circulatoires externes, par exemple dans les méningiomes, il facilite la technique chirurgicale, diminue les dangers d'hémorragie et permet d'établir certaines contre-indications pour l'opération par exemple dans les glioblastomes.

L'angiographie ne s'est pas seulement montré comme une technique mais comme une nouvelle méthode d'étude anatomo-physiologique de la circulation chez l'homme vivant, sain et malade, permettant la démonstration rigoureuse des vaisseaux et de leur état fonctionnel. La méthode s'est révélée très féconde dans l'étude du cerveau et dans les autres organes, dont la pathologie de la circulation a aussi une très grande importance.

Egas Moniz lui-même, avec les investigateurs portugais Lopo de Carvalho et A. Lima on créé la radiologie de la circulation pulmonaire l'angio-pneumographie. D'autres portugais aussi, Reinaldo dos Santos et ses collaborateurs ont visualisé par l'aurographie, les artères abdominales, et fait de très importantes recherches sur l'artériographie et phlébographie des membres; Hernani Monteiro et ses collaborateurs, finalement, ont fait l'étude des vaisseaux lymphatiques - la lymphographie, par la même méthode.

L'angiographie est devenue de ce fait une très importante méthode d'étude statique et dynamique de la physiologie et pathologie circulatoire et générale de plusieurs organes, le cerveau, les reins, les poumons ainsi que de tout l'appareil circulatoire.

Leucotomie préfrontale.

La découverte du traitement chirurgical de certaines

psychoses est un fait remarquable à plusieurs titres. Elle montre toute l'originalité et la capacité de prévision scientifique de Egas Moniz.

Du point de vue pratique, on peut déjà compter aujourd'hui plusieurs centaines de malades, autrefois inguérissables, qui, après l'opération de la leucotomie préfrontale, ont repris la vie sociale sans souffrances pour eux et pour les autres.

Du point de vue théorique, cette méthode a des conséquences très importantes pour la connaissance du cerveau et de ses fonctions et elle est devenue un sujet de grand intérêt scientifique pour la neurologie, la psychiatrie et la psychologie; elle a été traitée dans des centaines de travaux et discutée dans plusieurs Congrès comme le Congrès International de Psychologie d'Edinbourg en 1948, le Congrès de Psychiastes allemands à Marburg en 1948 et le Congrès de Lisbonne, déjà cité.

Egas Moniz est parti de la connaissance des fonctions du lobe frontal dans la physiologie animale et la pathologie humaine et a conçu en 1936 son opération dans le but de modifier les fonctions cérébrales anormales de certains malades avec des réactions psychopathologiques fixées et résistant à toutes les autres thérapeutiques, comme les anxieux, obsessionnels, hypochondriaques, etc.

Avec un instrument de son invention, le leucotome, il coupait un grand nombre de faisceaux blancs du centre ovale du lobe frontal. Les résultats cliniques ont confirmé, dans un grand nombre de cas, l'utilité de l'opération et la justesse de son idée, qui était de modifier favorablement par des lésions cérébrales localisées les symptômes psychotiques.

La méthode, accueillie d'abord avec une grande réserve, a été successivement adoptée dans d'autres pays, principalement en Italie, aux Etats Unis d'Amérique et au Brésil, en 1937,

1948 - 1949

Gr. IV.
55.

ensuite en Espagne, En Angleterre, En Suède et à présent, dans presque tous les pays du monde.

À la technique originelle de Egas Moniz, se sont ajoutées plusieurs autres, la lobotomie de Freeman et Watts, celle de Poppen, Almeida Lima, des coupes localisées de certains faisceaux (leuotomie sélective), d'extirpation de certaines surfaces corticales localisées (topectomie) l'électro-coagulation de noyaux profonds (talamotomie), des coups sous-corticaux, etc.

La poussée initiale de toute cette activité psychochirurgicale revient indiscutablement à Egas Moniz.

La mortalité opératoire déscend progressivement avec l'expérience (de 5 à 1 %); des équipes neuro-chirurgicales spécialisées s'organisent dans les asiles et hôpitaux.

Avec l'expérience thérapeutique d'Egas Moniz, et de ses collaborateurs et de plusieurs psychiatres d'autres pays, les indications de la leuotomie se sont mieux précisées et élargies à d'autres maladies, à la schizophrénie, aux oligophrénies érotiques, à certaines psycho-nevroses chroniques, aux psychopathies.

En dépit du résultat d'autres méthodes thérapeutiques, la leuotomie maintient son importance et son utilité, surtout dans les cas chroniques résistants à toutes les méthodes de traitement conservateur, dans les cas de rechutes successives avec inadaptation sociale, dans les cas de difficultés hospitalières insurmontables, etc.

Les malades opérés, condamnés d'ailleurs à la vie infirme dans des asiles ou à l'infirmité chronique, récupèrent approximativement pour 1/3 des cas, une vie plus adaptée, plus heureuse et plus humaine.

L'objection de possibles manque de personnalité, consécutive à l'intervention chirurgicale n'a pas de valeur en rapport de toute ces cas, qui étaient sans solution aucune

avant l'opération.

Comme dans toute la chirurgie, on est obligé de bien établir les indications opératoires et ce n'est pas le moindre bénéfice pour la pratique psychiatrique de l'opération: elle a stimulé le goût et le besoin de l'étude approfondie des malades dans les salles et mis à l'épreuve la responsabilité du psychiatre. Dans ce sens, elle a contribué énormément pour la grande activité thérapeutique, sans cesse renouvelée, de la psychiatrie moderne.

En dehors de la psychiatrie, la leucotomie s'est aussi montrée efficace dans le traitement des douleurs insupportables et résistantes à toutes thérapeutiques, dans des cas de cancer, membre fantôme, etc.

Comme dans toute intervention chirurgicale, qui interrompt des voies conductrices nerveuses, la leucotomie a une grande valeur comme base d'expérience sur la physiologie normale et pathologique du cerveau.

Aussitôt après ses premières opérations, Egas MONIZ a montré toute l'étendue des observations faites chez les malades opérés, pour la connaissance des fonctions cérébrales; d'autres investigateurs portugais ont étudié la pathophysiologie des symptômes psychotiques chez les malades leucotomisés; anathomo-pathologistes, physiologistes et cliniciens de plusieurs pays, surtout en Amérique du Nord, Suède et Angleterre ont fait des recherches extrêmement importantes sur l'anatomie et la physiologie du lobe frontal après la leucotomie. Le sujet est en pleine étude, et a été choisi comme thème d'anatomie et physiologie pour le Congrès International de Psychiatrie à Paris en 1950, de préférence à d'autres sujets, comme l'anatomie pathologique des psychoses et l'électroencéphalographie.

À l'heure actuelle, on peut déjà considérer comme remarquables les résultats obtenus sur l'anatomie des faisceaux

du lobe frontal et ses rapports avec les noyaux du thalamus et de certaines surfaces corticales, sur la physiologie du lobe frontal, dans ses relations avec les formations sous-corticales et surtout le rapport des lobes frontaux et orbitaires avec certains troubles psychopathologiques et quelques fonctions de la personnalité.

La conception de la leucotomie a ainsi été vraiment féconde dans le domaine de la pratique, où elle représente un des plus brillants exemples de chirurgie physiologique et dans les domaines de la recherche scientifique, où elle nous mène des problèmes de l'anatomie, aux questions les plus difficiles de psychologie, en posant, sur de nouvelles bases, le problème des fondements organiques de la personnalité et de la vie psychique.

En proposant le nom du Professeur Egas Moniz au prix Nobel de Physiologie et de Médecine, à cause des grands services rendus à la Science et à l'Humanité, par ses découvertes de l'angiographie et la leucotomie préfrontale, nous croyons correspondre à la pensée féconde de son glorieux fondateur, Alfred Bernard Nobel.

Lisbonne, le 12 janvier 1949.

Henrique de Barahona Fernandes - Professeur de
Psychiatrie de la Faculté de Médecine de Lisbonne.

N:o 67

Inkom den 20 jan. 1949.

Dem sehr geehrten Nobelkomitee für Physiologie und Medizin
Königl. Karolinisches Medico-Chirurgisches Institut.

Für den Nobelpreis in Medizin schlage ich den Namen des
Professors

E g a s M o n i z

aus Portugal, vor, der neue Methoden zur Diagnose und Behand-

1948 - 1949

Gr. IV.
58.

lung nervöser Krankheiten eingeführt hat.

Im Jahre 1931 veröffentlichte Prof. Moniz, unter dem Titel "Diagnostic des tumeurs cérébrales et épreuve de l'encephalographie artérielle", eine wertvolle Arbeit die mit grossen Enthusiasmus in der ganzen Welt aufgenommen wurde. Mit seiner Methode gelang es Egas Moniz die Gefässverteilung des Gehirns, die cerebrale Irrigation der nervösen Zentren am Lebenden zu demonstrieren, und ermöglichte damit nicht nur die Lokalisation der Gehirntumoren, sondern auch die Erkennung und Diagnose verschiedener vasculärer Leiden des Gehirns.

Etwas später veröffentlichte er ein neues Buch, in deutscher Sprache: "Die Cerebrale Arteriographie und Phlebographie" und beschäftigte sich dann mit therapeutischen und chirurgischen Problemen der Gehirnerkrankheiten. Geleitet durch neue Anschauungen bezüglich der Physiopathologie der Frontallappen, rief Egas Moniz die cerebrale Leukotomie, eine neue chirurgische Methode die sich bald über die ganze medizinische Welt verbreitete.

Unter dem Titel "Tentatives opératoires dans le traitement de certaines psychoses", sammelte er seine Beobachtungen und die mit seinem neuen Verfahren der Behandlung von Gehirnerkrankheiten erhaltenen Resultate. Dieses Verfahren wurde von fast allen Psychiatern der Welt angenommen. In U.S.A. wurde die cerebrale Leukotomie weitgehend angewandt, besonders nach ihrer Verbreitung durch das Buch "Psychosurgery" von Freeman und Watts.

Nach alledem erscheint uns Prof. Egas Moniz würdig, den Nobelpreis zu erhalten, als eine wohl verdiente Belohnung am Ende eines Lebens das er vollständig dem Studium und der Arbeit widmete, und das neue Entdeckungen und therapeutische Möglichkeiten für Krankheiten die bis forthin als fast unheilbar galten, mit sich brachte.

R. Locchi
Professor der Anatomie

1948 - 1949

Gr. IV
59.

N:o 68

Inkom den 21 jan. 1949.

Lisbonne, le 10 janvier 1949.

Monsieur le Président du
Comité Nobel de Physiologie et de Médecine
Stockholm.

Monsieur le Président,

En réponse à votre lettre confidentielle du 1^{er} octobre
dernier, j'ai l'honneur de recommander la candidature du Pro-
fesseur

Egas Moniz

de la Faculté de Médecine de Lisbonne, pour le Prix Nobel de
Physiologie et de Médecine en 1949 pour la découverte et la
mise en valeur de l'angiographie cérébrale comme méthode
diagnostique, et pour la découverte des effets de la section
des fibres nerveuses du lobe frontal dans certaines psychoses
(leuocotomie préfrontale).

Les observations du Professeur Moniz datent de plusieurs
années, mais la diffusion assez récente des méthodes de l'an-
giographie cérébrale et celle plus récente encore des méthodes
chirurgicales appliquées au traitement des psychoses peut jus-
tifier l'actualité de la candidature susindiquée.

Les premières tentatives de Egas Moniz de rendre visibles
dans les radiographies les vaisseaux du cerveau datent d'il
y a 25 ans environ, mais ce n'est qu'après un travail con-
sidérable de l'auteur, conduit sans défaillance et avec un
remarquable esprit de synthèse, pendant des années consécu-
tives, que l'angiographie cérébrale a pris l'allure d'une mé-
thode diagnostique systématisée, grâce à laquelle le diagnos-
tic de la localisation et même, dans certains cas, de la struc-
ture probable de beaucoup de lésions anatomiques de l'encé-
phale et de ses enveloppes et vaisseaux, a été rendu possible
in vivo. Il en découle que cette méthode diagnostique est à la

base de beaucoup des progrès récents de la chirurgie des centres nerveux, et qu'elle est devenue une des routines essentielles dans les méthodes de travail des neuro-chirurgiens.

En ce qui concerne la "leucotomie préfrontale" on peut émettre une certaine réserve sur la légitimité d'une méthode thérapeutique basée sur la mutilation irréversible de la substance nerveuse, et même rester un peu perplexe devant la hardiesse que représente la simple conception d'une telle intervention.

Mais, devant le fait accompli, il faut reconnaître que les opérations princeps de Egas Moniz ont eu dans le monde entier une vaste répercussion et que les quelques milliers d'interventions réalisées jusqu'à maintenant montrent que dans beaucoup de cas d'angoisse, d'obsessions et de malaises chroniques devenus intolérables et apparemment sans espoir de rémission, la mutilation des centres nerveux auxquels dépendent certains côtés plus ou moins importants de la personnalité représentent la chance ultime de rendre à ces malades mentaux un minimum de calme et d'adaptabilité à la vie en société. Quel que soit l'avenir de la "psychochirurgie", la leucotomie préfrontale, telle que Egas Moniz l'a conçue et pratiquée, représente la première tentative réussie de modifier chirurgicalement l'évolution d'une psychose et il en reste d'ores et déjà comme acquis définitif une connaissance de l'anatomie et de la physiologie des centres les plus évolués du cerveau humain, qui n'aurait jamais été acquise si quelqu'un n'avait pas pris la responsabilité d'inaugurer cette thérapeutique en quelque sorte désespérée.

De même que l'ovariectomie presque aveugle des débuts, a été le précurseur d'une grande chirurgie abdominale, que les progrès des connaissances physiologiques et des moyens de lutte contre l'infection rendent de plus en plus conservatrices, il est tout à fait concevable que la leucotomie préfrontale de Egas Moniz, en démontrant la possibilité d'agir

1948 - 1949

Gr. IV
61.

sélectivement sur les localisations anatomiques, desquelles dépendent certains côtés du sensorium, de l'affectivité et de la conscience, marque les débuts d'une thérapeutique des maladies mentales basée sur la modification, soit chirurgicale soit autre, de régions localisées du cerveau, à la place des traitements globaux (pharmacothérapie, psychothérapie, choc divers, etc.) qui sont les armes principales dont dispose la thérapeutique psychiatrique au moment actuel.

J'ai appris par mes collègues de la spécialité neuro-psychiatriques et qui ont également appuyé la candidature du Professeur Moniz, qu'ils ont envoyé au Comité Nobel de Physiologie et de Médecine, quelques ouvrages de ce Professeur, et comme il ne m'est pas possible d'en obtenir d'autres exemplaires, je ne permets donc d'en référer à ces sources - comme documentation à l'appui de la suggestion que je ne suis permis de faire ci-dessus.

Je suis heureux que me soit offerte l'occasion de vous présenter, Monsieur le Président, aussi qu'à vos honorables collègues du Comité Nobel, l'expression de mes sentiments les meilleurs et les plus dévoués.

J. A. M. de Loureiro

N:o 79

Inkom den 25 Jan. 1949

Aux Honorables Membres du Comité Nobel de
Physiologie et Médecine.

Messieurs,

En vous remerciant l'honneur de m'avoir choisi pour proposer le nom du candidat au prix Nobel de Physiologie et de Médecine pour l'année de 1949, j'indique le nom du Professeur

E g a s M o n i z

1948 - 1949

Gr. IV
62.

de la Faculté de Médecine de Lisbonne, pour ses deux travaux dont la portée et la valeur sont de renommée mondiale: L'angiographie cérébrale et la leucotomie préfrontale.

Le premier travail, datant déjà d'une vingtaine d'années, a été d'une importance capitale pour la localisation des tumeurs du cerveau, indications opératoires, degré de malignité, précautions et dangers d'hémorragie et en plus a permis d'approfondir nos connaissances sur l'anatomie vasculaire, vitesses de circulation du cerveau au point de vue de la physiologie et de la physiopathologie. Sa répercussion ne fait que s'accroître chaque année et a déterminé la publication de nombreux travaux en Portugal comme dans tout les autres pays où la valeur de la méthode a été universellement reconnue. La découverte du Prof. Moniz a inspiré l'angiographie et l'artériographie des membres, remarquables travaux du Prof. Reynaldo dos Santos de Lisbonne et l'étude de la circulation pulmonaire du Prof. Lopo de Carvalho dans lequel le Prof. Moniz a collaboré lui-même. Quelques années après l'artériographie cérébrale, Egas Moniz a étudié et imaginé la leucotomie préfrontale, opération destinée à guérir, à améliorer des situations psychiques incurables, par la section plus ou moins étendue des faisceaux et connexions nerveuses contenues dans la substance blanche des lobes frontaux.

Cette opération, après les premiers tâtonnements a su gagner elle aussi un intérêt mondial: on compte aujourd'hui plus de 8.000 interventions de ce genre: les techniques ont été modifiées (lobotomie de Freeman de Washington, celle d'Almeida Lima de Lisbonne) mais l'idée fondamentale reste toujours celle de son auteur qu'a, pour ainsi dire, créé la pierre basilaire de la psychochirurgie.

L'importance des deux découvertes de Moniz a été marquée par les Congrès Internationaux récemment réunis à Lisbonne - la réunion de la Société des Neurochirurgiens britanniques

1948 - 1949

Gr. IV
63.

au mois d'avril de 1947 et la première Conférence internationale de Psychochirurgie au mois d'août de 1948.

Ces deux Congrès ont été vraiment apothéotiques, pour le Prof. Egas Moniz, pour la Faculté de Lisbonne et pour notre pays.

Les volumes justificatifs de notre proposition vous seront envoyés par le Professeur de Neurologie de notre Faculté, (Dr. Pereira Flores).

Lisbonne le 18 Janvier 1949

Leopardo de Sousa Castro Freire de la
Faculté de Lisbonne - Professeur de
Pédiatrie.

N:o 83

Inkom den 27 Jan. 1949

København N Januar 25, 1949.

Nobelkomiteen for fysiologi och medicin
Karolinska Institutet
Stockholm.

I besvarelse af komiteens skrivelse skal jeg herved
tillade mig at bringe Professor

E g a s M o n i z

Lisabon, i forslag til Nobelprisen i fysiologi og medicin
for 1949.

Son motivering skal anføres, at Egas Moniz som den
første angav den frontale leucotomi som behandling af visse
psykoser, og dermed åbnede op et felt, som først de senere
års forskning har vist betydningen af, selv om den definitive
vurdering af opdagelsens fulde rækkevidde endnu ikke kan fin-
de sted. Det er dog allerede nu klart, at indførelsen af ope-
rative indgreb på frontalhjerne såvel terapeutisk som vidæn-
skabeligt har været spøgsgørende og formentlig må kunne kva-
lificere Moniz til at komme i betragtning ved uddelingen af

1948 - 1949

Gr. IV
64.

Nobelprisen i fysiologi og medicin.

Opdagelsen blev gjort 1935, publiceret 1936, men dens revolutionsrende betydning kan først siges at være realiseret i 1940'erne. Ved den første internationale kongres for psyko-kirurgi - med hvilket navn menes det lægelige forskningsfelt, som er blevet tilgængeligt ved Moniz's opdagelse - meddeltes resultaterne af 10.000 sådanne indgreb og det kan vel siges, at opdagelsens internationale anerkendelse først er sket de senere år. Til gengæld synes det nu klart, at disse operationer også kan have betydning på andre felter end rene psykoser - således anvendes de nu ret almindeligt i smertekirurgien. At graderede indgreb i fremtiden vil kunne få betydning for studiet af hjernens fysiologi synes ligeledes sikkert.

Ang. litteratur til emnet ser jeg mig ikke i stand til at sende separat, men Moniz's arbejder vil sikkert være komiteen bekendt.

Deres ærbødige

E. Busch

Professor, Dr. med.

N:o 90

Inkom den 29 jan. 1949

Lisboa le 23 janvier 1949.

Comité Nobel de Physiologie et de Médecine
Comité Nobel de l'Institut Royal Serelin
Stockholm.

Monsieur le Président,

Très honoré d'avoir été appelé à faire une proposition pour le Prix Nobel de Physiologie et de Médecine pour 1940 et en vous présentant mes remerciements pour ce très grand honneur, je viens vous proposer, pour ce prix, le Professeur Dr.

E g a s M o n i z

1948 - 1949

Gr. IV
65.

ancien professeur de neurologie à la Faculté de Médecine de L'Université de Lisbonne.

Le Professeur Egas Moniz a créé la méthode de l'angiographie radiologique sous la forme de l'artériographie appliqués au diagnostic des tumeurs cérébrales. Cette découverte lui a permis de faire avancer nos connaissances en matière d'anatomie des vaisseaux cérébraux et de leur physiologie, en spécial les problèmes de la vitesse de la circulation cérébrale. La découverte du Professeur Moniz a reçu d'autres applications qui ont fait de l'artériographie une méthode générale, surtout aux mains des Professeurs Reynaldo dos Santos (aortographie, artériographie des membres), Lopo de Carvalho (artériographie pulmonaire, Cid dos Santos (phlébographie). Elle est maintenant devenue classique et ses applications ne cessent de l'étendre.

On doit aussi au Professeur Egas Moniz l'invention de la psychochirurgie, découverte plus récente, mais qui a provoqué le plus vif intérêt, un congrès international consacré à son étude s'étant réuni à Lisbonne en août dernier, sur la proposition du neuro-chirurgien américain Freeman.

Voici les raisons sur lesquelles est basée la proposition que j'ai l'honneur de vous soumettre.

Veillez agréer, Monsieur le Président, l'expression de mes sentiments de haute considération.

A. Celestino da Costa

N:º 1

Inkon den 3 febr. 1948.

Comité Nobel de Physiologie et de Médecine.

Je me permets de proposer comme candidat pour le prix Nobel de physiologie et de médecine de 1948 le neurologue français

A n d r é T h o m a s

1949.

Avd. III.

Behandlingen av inkomma förslag.

B. Särskild prövning.

1949.

| | | | | |
|-----|--|--------------------|---|------------------------|
| 1. | Betänkande angående | <u>F.M. Burnet</u> | av S. Gard | 4 sid. |
| 2. | " | " | <u>W.M. Clark</u> | " H. Theorell 12 " |
| 3. | " | " | <u>H. Davis</u> | " G.G. Bernhard 16 " |
| 4. | " | " | <u>R. Granit</u> och <u>H.K. Hartline</u> | " U.S.v. Euler 16 " |
| 5. | " | " | <u>R. Granit</u> och <u>H.K. Hartline</u> | " S. Gasser 3 " |
| 6. | " | " | <u>W.E. Hess</u> | " T. Zottarman 14 " |
| 7. | " | " | <u>H.A. Krebs,</u> <u>C.H. Werkman</u> och <u>H.G. Wood</u> | " E. Hammarsten 17 " |
| 8. | " | " | <u>R.L. de N6</u> | " G.G. Bernhard 29 " |
| 9. | " | " | <u>E.W. Gregg</u> | " T. Sjögren 4 " |
| 10. | " | " | <u>L. Michaelis</u> | " H. Theorell 12 " |
| 11. | " | " | <u>A.E. Monig</u> | " H. Olivecrona 12 " |
| 12. | " | " | <u>R.A. Peters</u> | " G. Liljestränd 23 " |
| 13. | " | " | <u>R. Selye</u> | " U.S.v. Euler 10 " |
| 14. | " | " | <u>S.A. Sakman</u> | " A. Lichtenstein 28 " |
| 15. | Nobelkommitténs förslag till prisutdelning | | | 4 " |
| 16. | Bil. A. | <u>F.L. Burnet</u> | av S. Gard | 2 " |
| 17. | Bil. B. | <u>R. Granit</u> | " E. Jorpes | 9 " |
| 18. | Bil. C. | <u>R. Granit</u> | " G.G. Bernhard | 9 " |

Michaelis, Leonor, doktor vid The Rockefeller Institute for medical research i New York, föreslagen
Gr.II.

av A.Szent-Györgyi, Nobelpristagare i fysiologi och medicin 1937. Åberopar arbeten rörande anfoters kolloiders elektriska laddning, pH:s roll för enzymatiska processer, enzymsubstrat-affinitet, magnetiska egenskaper hos fria semikinonradikaler, aktiveringsenergi och framför allt rörande monovalent oxidation. Föresändelse n:o 26;

av E.O.Ball, professor i biokemi, Boston. Åberopar arbeten rörande oxidationsreduktionsjämvikter och rörande mätning av pH. Föreslagen jämte W.M.Clark. Föresändelse n:o 29;

av O.Loewi, Nobelpristagare i fysiologi och medicin 1936. Åberopar arbeten rörande monovalent oxidation. Föreslagen jämte flera andra. Föresändelse n:o 32.

Mietzsch, F., doktor i Tyskland (närmare uppgifter saknas) föreslagen
Gr.II.

(jämte flera andra)

av O.Krayer, professor i farmakologi, Boston. Åberopar arbeten rörande atebria. Föresändelse n:o 73.

Moniz, Egas Antonio, professor i neurologi i Lissabon, föreslagen
Gr.IV.

av E.de Souza Campos, professor i bakteriologi, São Paulo. Åberopar arbeten rörande diagnostik och behandling av nervsjukdomar (hjärnangiografi, leukotoni). Föresändelse n:o 37;

av J.R.Pereira, professor i farmakologi, São Paulo. Motiv som föregående. Föresändelse n:o 53;

av A.J.Pereira Flores, professor i neurologi, Lissabon. Motiv som föregående. Föresändelse n:o 61;

12.

- av H.de Barchons Fernandes, professor i Psykiatri, Lissabon. Motiv som föregående. Försändelse n:o 63;
- av R.Locchi, professor i anatomi, São Paulo. Motiv som föregående. Försändelse n:o 67;
- av J.A.M.de Loureiro, professor i Lissabon. Motiv som föregående. Försändelse n:o 68;
- av L.de Sousa Castro Freire, professor i pediatrik, Lissabon. Motiv som föregående. Försändelse n:o 79;
- av E.Busch, professor i neurokirurgi, Köpenhamn. Motiv som föregående. Försändelse n:o 83;
- av A.C.da Costa, professor i histologi, Lissabon. Motiv som föregående. Försändelse n:o 90.
- Papanicolaou, George Nicholas, professor i anatomi i New York, förelägen
- Gr.III.
- av M.C.Foot, professor i anatomi, New York. Åberöper arbeten rörande artologiska tidigdiagnos av cancer, särskilt i kvinnliga genitalie och i urinvägarna. Försändelse n:o 17;
- av C.E.Farr, professor i kirurgi, New York. Motiv som föregående. Försändelse n:o 23;
- av B.S.Walker, professor i biokemi, Boston. Motiv som föregående. Försändelse n:o 44;
- av J.C.Hiney, professor i anatomi, New York. Motiv som föregående. Försändelse n:o 49;
- av E.L.Nelson, professor i farmakologi, Boston. Motiv som föregående. Försändelse n:o 59;
- av D.L.Selding, professor i hygien, Boston. Motiv som föregående. Försändelse n:o 64;
- av W.S.Ladd, professor i medicin, New York. Motiv som föregående. Försändelse n:o 93.

1949.

Avd. III: 11

Sekret Handling.

Betänkande angående

Antonio Egas Moniz

av

H. Olivecrona.

6.10 - Avaliação da candidatura de Egas Moniz em 1949

Herbert Olivecrona

Com a devolução dos documentos dou aqui o parecer que me foi pedido sobre o professor António Egas Moniz, que foi proposto por diversas pessoas para este prémio, em parte pelos seus trabalhos sobre a angiografia cerebral, e em parte pela leucotomia pré-frontal como método de tratamento de certas psicoses.

A angiografia cerebral, que foi descoberta e em grande parte desenvolvida por Egas Moniz, constitui sem dúvida uma contribuição científica significativa. A angiografia é usada diariamente num grande número de clínicas neurológicas e neurocirúrgicas em todo o mundo, e mostrou ser um método de diagnóstico praticamente indispensável, sobretudo no diagnóstico diferencial pré-operatório de tumores cerebrais, diagnóstico de mal formações vasculares, aneurismas e hematomas e outras patologias cerebrais. Atendendo a que a ventriculografia com a qual a angiografia mais de perto se pode comparar quanto à sua importância não foi galardoada, e que tanto o Comité Nobel como o colégio até agora se mostraram negativos a todas as propostas de galardoar os métodos de diagnóstico radiológico de contraste, parece-me consequente que não se considere a atribuição do prémio a Moniz pela descoberta da angiografia.

Sobre a descoberta de Moniz da leucotomia pré-frontal como método de tratamento de certas psicoses, foi dado um parecer em 1944 pelo professor Erik Essen-Möller. Este declarou que “no presente não podia recomendar Moniz como candidato ao Prémio pela sua descoberta”. A opinião negativa de Essen-Möller quanto à concessão ou não do prémio é motivada pela insuficiente comprovação que o método até essa altura tinha tido, uma circunstância que evidentemente tem bastante importância porque há razões para considerar a base teórica muito insegura, e praticamente não verificada de forma convincente pelas observações de Moniz ao seu material operatório. Contudo, desde essa altura, o desenvolvimento tem sido rápido e muita literatura médica que em 1944, por causa da guerra, não era acessível na Suécia, está agora à mão. Além disso foi publicada literatura particularmente rica que inclui muitas centenas de casos. No ano passado houve em Lisboa o primeiro congresso dedicado à Psicocirurgia, no qual foram apresentados resultados de cerca de 10 000 leucotomias, e não haverá dificuldade hoje em dia em encontrar material suficiente para permitir formar uma opinião sobre o significado prático da leucotomia.

O enquadramento teórico que levou Moniz a introduzir a leucotomia pré-frontal como método de tratamento de certas psicoses foi detalhadamente tratado por Essen-Möller no seu relatório de 1944, visto isso, será suficiente aqui fazer referência a esse relatório. Apesar do nosso conhecimento sobre as funções dos

lobos frontais, e em especial sobre o seu significado para as funções mentais superiores, ter sido enriquecido pelas experiências feitas ao longo dos milhares de leucotomias realizadas, temos que constatar que o mecanismo das alterações da mente do doente pós-leucotomia ainda não está clarificado. Observações feitas em pessoas leucotomizadas comprovaram o que já se sabia anteriormente sobre a importância dos lobos frontais e das suas ligações com as restantes partes do cérebro para a vida mental das pessoas psicologicamente sãs, sobretudo através da observação das leucotomias realizadas por motivos de dores crónicas em indivíduos psicologicamente sãos. Também se verificou que Moniz, no geral, tinha razão na sua suposição de que a leucotomia ao eliminar os estados de tensão afectiva que dominam o panorama patológico de certas psicoses, repunha as funções mentais normais, ou os restos destas que pudessem existir ao fim de um prolongado estado de doença psíquica. O mecanismo dessas alterações, geralmente muito profundas, na mente de um doente está ainda por esclarecer, mas podemos esperar que a continuação das investigações, em especial as leucotomias diferenciais, a excisão de certas e determinadas zonas corticais nos lobos frontais ou o seu isolamento funcional feito através de intervenções locais limitadas na substância branca directamente abaixo deste, a pouco e pouco esclarecerá esses fenómenos até agora obscuros.

O método que Moniz inicialmente usou para mutilar as ligações dos lobos frontais com o restante cérebro, nomeadamente injeções de álcool na substância branca ou mutilação mecânica das vias de ligação através de um instrumento especial, foi sujeito posteriormente a significativas modificações. Freeman e Watts melhoraram o método original de Moniz, de mutilar mecanicamente as ligações dos lobos frontais com o resto do cérebro a partir de uma pequena perfuração. Leyerly introduziu o chamado método aberto que consistia em realizar um corte de osso bilateral, que possibilitava a realização da intervenção sob controlo visual. Assim chegou-se ao que se pode chamar de uma leucotomia padronizada, na qual a substância branca é dividida num plano frontal situado imediatamente à frente dos ventrículos laterais, sendo a maior parte dos lobos frontais isolada das suas ligações com as restantes partes do cérebro. Aqui, tornou-se evidente que o efeito é alterado substancialmente dependendo do plano em que a divisão das vias de associação dos lobos frontais acontece. Quanto mais para trás esse plano ficar localizado, mais profundas serão as alterações de personalidade que permanecem depois do efeito de choque imediato diminuir e o estado de saúde estabilizar. A influência sobre os estados de tensão afectiva, que justificaram a intervenção, será mais evidente se o corte for localizado mais atrás. Por outro lado as alterações de personalidade permanentes assim como a influência nos estados de tensão afectiva serão menos nítidos se o corte for localizado mais à frente. A operação pode, por outras palavras, ser realizada mais ou menos radicalmente, e o cirurgião tem na sua mão a possibilidade de alterar o efeito desejado segundo o grau e as características do quadro patológico do doente. Como foi mencionado anteriormente, têm realmente sido realizadas nos últimos anos leucotomias parciais ou segundo o termo usual, leucotomias diferenciais. A razão destas é evidentemente o desejo de alcançar a eliminação dos estados de tensão afectiva que recomendam a intervenção, mantendo tanto quanto possível a personalidade normal ou pré-

mórbida do doente. A mesma intenção está na origem das intervenções chamadas girectomias ou topectomias, nas quais se retiram os campos corticais de Brodman n^{os} 9 e 10.

Em resumo, sobre o desenvolvimento depois de 1944 pode dizer-se que a leucotomia se tornou um método de operação padronizado, e como tal, encontrou um vasto campo prático de aplicação, e que a investigação agora, para além da definição das indicações e da avaliação dos resultados a longo prazo da leucotomia padrão, se concentra na diferenciação da leucotomia para ir ao encontro de diferentes necessidades, com o objectivo de alcançar um resultado clinicamente satisfatório com um mínimo de alteração de personalidade.

O material a que podemos recorrer hoje em dia para fazer uma avaliação dos resultados da leucotomia é muito abundante, mas também muito heterogéneo, dependendo de como foi recolhido, das indicações clínicas, realização técnica, critérios de avaliação de resultados, tempo de observação, etc., razão pela qual não vale a pena tentar obter dados quantitativos com base em todos os casos publicados como fundamento de uma avaliação dos resultados. Podemos conseguir uma expressão mais fiável do valor do método, avaliando os resultados de uma ou de várias séries mais vastas, em que as indicações, os critérios de avaliação de resultados e a realização técnica sejam mais uniformes. O material para uma tal avaliação encontra-se disponível na literatura e será abordado mais detalhadamente a seguir.

Uma contribuição importante para a avaliação da importância da leucotomia vem do “The Connecticut Lobotomy Committee” (The Frontal Lobes, 1948, Williams and Wilkins Baltimore), que publicou os resultados de 200 casos uniformemente avaliados e bem acompanhados. A maioria dos casos, 163, eram esquizofrenias, um grupo de doenças em que a leucotomia não oferece da mesma maneira esperança de tão bons resultados, como nas psicoses degenerativas, perturbações obsessivas, etc., mas que devido ao seu mau prognóstico, à sua frequência e sobretudo pelo seu peso social, tem de se considerar valioso para a avaliação do valor da leucotomia como método de tratamento. O resto do material compreende psicoses maníaco-depressivas, psicoses degenerativas, doentes obsessivos e outras patologias semelhantes. Como as esquizofrenias compunham o maior e simultaneamente o grupo de prognóstico mais reservado há razão para olhar para este grupo com cuidado.

Dos doentes esquizofrénicos, 94 % estavam doentes há mais de dois anos e 90% tinham sido internados em hospital psiquiátrico há mais de um ano. A média do tempo de internamento era de 5 anos. Muitos tinham sido tratados com electrochoques em uma ou várias formas, nos restantes o quadro clínico era tal que se considerou que este tratamento não teria qualquer efeito. Para avaliação dos resultados das operações usaram-se os seguintes critérios:

Sem sintomas: livre de sintomas subjectivos, recuperado socialmente, capaz de viver em sua casa em condições normais, capacidade de trabalho e de subsistência iguais às que tinha antes do início da doença.

Muito melhorado: sintomas subjectivos e objectivos não desapareceram completamente, boa adaptação ao ambiente em casa ou no hospital, razoável capacidade de trabalho, embora não ao nível da fase pré-mórbida.

Medianamente melhorado: melhoras acentuadas dos sintomas, fáceis de cuidar, melhor adaptação ao meio e ao trabalho. Neste grupo encontrava-se um número de casos difíceis de cuidar que depois da operação puderam participar em actividades recreativas e terapia ocupacional, ou executar tarefas simples no hospital.

Pouco melhorado: nenhuma melhoria na adaptação ao meio e ao trabalho, mais fácil de cuidar do que anteriormente mas ainda com necessidade de vigilância cuidadosa. Estes pacientes ficaram geralmente livres de tendências agressivas ou destrutivas, recusa de alimentação ou tendências suicidas.

Sem melhoras ou pior: nenhuma alteração do estado de saúde, pioras significa exacerbação de tendências já existentes e não tratáveis.

Com estes critérios, constatou-se que um ano depois da operação 10 % dos casos não tinham melhorado ou tinham piorado, 25 % tinham melhorado pouco, 27 % tinham melhorado medianamente, 30 % tinham melhorado muito e 8 % estavam recuperados ou sem sintomas. Da investigação sobressaiu ainda que aqueles que ao fim de três meses depois da operação não tinham mostrado tendência para melhorar ou pertenciam ao grupo pouco melhorado, também não mostravam melhoras mais tarde, enquanto que por outro lado os pacientes que pertenciam aos grupos medianamente melhorado e muito melhorado mostravam melhoras significativas no mesmo intervalo de tempo, e o grupo recuperado ou sem sintomas subiu de 2 % para 8 % e o grupo muito melhorado de 22 % para 30 %.

Dos operados, 90 % estavam a ser tratados em enfermarias fechadas ou enfermarias para doentes agitados, um ano depois da operação ainda se mantinham nessas enfermarias 47 % dos operados, enquanto que 49 % tinham tido alta para casa e 4 % estavam em enfermarias abertas. Um ano depois da operação 60 % dos operados trabalhavam, dos quais 20 % trabalhavam a tempo inteiro. Os doentes não esquizofrénicos mostraram, como se podia esperar, ainda melhores resultados. Desses, 53 % tinham tido alta e 64 % trabalhavam, 29 % a tempo inteiro e no mesmo tipo de ocupação que antes da doença.

Para dar uma imagem mais concreta da influência da leucotomia nos diversos sintomas que são comuns nas esquizofrenias, reproduzo a tabela 35 do trabalho anteriormente referido.

Desta tabela transparece que os sintomas mais perturbadores para o paciente e para o próximo, a angústia, a depressão, a impulsividade, a agressividade e as tendências destrutivas, desapareceram em cerca de 75 % dos casos operados. Transparece também do estudo, que deste material, na sua totalidade composto por casos de prognóstico desfavorável e refractários quanto a outras terapias, cerca de 2/3 tinham melhorado substancialmente a ponto de poderem ser tratados em casa ou transferidos para enfermarias calmas. Apesar da recuperação social só ter sido alcançada num grupo relativamente pequeno, compreende-se facilmente que significa um enorme alívio no problema do tratamento poder enviar para casa ou transferir para enfermarias calmas 2/3 desses casos tão difíceis de cuidar.

Mais heterogéneo, com critérios mais diversos na avaliação de resultados e em parte também acompanhado com menos cuidado, é o material publicado

pelo Board of Control for England and Wales 1947. Este material compreende 1000 leucotomias e é composto por 599 esquizofrenias e 250 maníaco-depressivos, sendo os restantes casos diversas patologias psíquicas que estavam a ser tratadas em hospitais psiquiátricos. O tamanho da amostra justifica a sua referência aqui, ainda que resumidamente e assumindo que constitui uma prova menos fiável do que o trabalho de Connecticut atrás referido. De todos os casos operados tiveram alta como recuperados 24,8 %, como melhorados 10,5 % (9 % destes dois grupos sofreram recidivas), 32,3 % melhoraram mas continuavam no hospital psiquiátrico, 25 % não tinham melhorado, 1 % estavam piores e 3 % tinham morrido em consequência da operação. Olhando para o grupo de esquizofrenias, 16,2 % tiveram alta como recuperados, 9,8 % como melhorados (11,5 % destes sofreram recidivas), 36,2 % tinham melhorado mas continuavam internados no hospital psiquiátrico, 32 % não tinham tido alteração e 1 % estavam piores. O resultado quanto às esquizofrenias é um pouco pior do que no material de Connecticut, provavelmente porque cerca de metade do material compreendia psicoses degenerativas com um período de internamento superior a 5 anos. A investigação comprovou também o que se esperava, que o resultado é muito pior nos casos degenerativos do que nos casos recentes. Dos que tinham sido tratados durante 2 anos no hospital psiquiátrico antes da operação, receberam alta como recuperados ou muito melhorados cerca de metade, enquanto que entre os que tinham sido tratados mais de 10 anos o número correspondente foi de 9 %. Deve ser talvez acrescentado que a maioria dos casos operados compreendia patologias resistentes a qualquer outro tipo de terapia ou casos em que as tentativas nesse campo foram consideradas inúteis.

No geral, os resultados terapêuticos nas estatísticas acima referidas coincidem, e a coincidência dos resultados é também boa quanto ao restante material publicado. Existem variações evidentemente, dependendo das diferenças na composição do material operado. A hipótese de Moniz de que seria possível eliminar os estados de ansiedade emocional através da leucotomia foi comprovada de forma flagrante. O resultado é, por conseguinte, geralmente melhor em patologias dominadas por estados de ansiedade afectiva, em que a personalidade por trás da fachada emocional está intacta. Assim é em casos de síndromas de ansiedade graves, neuroses obsessivas e depressões com agitação. Nas esquizofrenias o resultado não é tão bom, certamente porque se processa uma deterioração da personalidade. Mas também aqui se verifica que são as formas de esquizofrenia em que os estados de tensão são uma parte dominante do quadro clínico, as que melhor reagem à leucotomia. Os resultados são por conseguinte melhores nas formas paranóicas, um pouco piores nos estados catatónicos e piores ainda nas formas hebefrénicas.

Para avaliar o valor de uma intervenção cirúrgica é necessário também abordar as suas desvantagens. Como em qualquer intervenção cirúrgica existe aqui uma certa mortalidade. Esta varia evidentemente, mas com bom preceito técnico e necessária experiência do cirurgião pode ser calculada entre 1 e 2 %. A conta da operação não fica assim agravada por uma percentagem de mortalidade muito elevada. Incontinência, desorientação e sonolência durante os primeiros tempos pós-operatórios podem propiciar o aparecimento de complicações, mas são no geral de menor importância e costumam regredir no espaço de algumas

semanas. Podem aparecer distúrbios vegetativos, sobretudo se o corte for localizado muito atrás.

De maior importância é a alteração de personalidade que acontece após a leucotomia, mais perceptível em indivíduos psicologicamente normais leucotomizados como tratamento de estados de dor crónica. Essas alterações psíquicas são quase imperceptíveis, mas uma exploração psíquica detalhada, feita entre outros por Rylander, mostra que existem alterações de personalidade. Um certo aplanamento emocional, falta de tacto, e também, no plano intelectual, perda de capacidade criativa, são as alterações mais salientadas. Não é raro a família queixar-se de que o paciente se tornou uma pessoa completamente diferente. Estas alterações são evidentemente de segundo plano quando se trata de psicoses graves e de estados patológicos tais que transformam a existência do paciente num inferno insuportável, mas impõem evidentemente ao médico certas restrições relacionadas com as indicações, sobretudo nos casos em que a mente do paciente está intacta. Também é possível, ou até mesmo provável, que as leucotomias diferenciais e as excisões corticais limitadas, que no presente são alvo de experiências em grande escala, possam vir a resultar em intervenções cirúrgicas que não impliquem risco de alterações de personalidade pós-operatória.

Observaram-se ataques epiléticos em cerca de 8 a 10 % dos pacientes leucotomizados. Trataram-se exclusivamente de casos ligeiros de epilepsia que se controlaram sem dificuldade com medicamentos adequados.

Em resumo pode dizer-se sobre as complicações das leucotomias e os seus efeitos secundários desfavoráveis, que são de menor significado em casos de patologias graves que invalidam o paciente, mas que a indicação deve ser sujeita a reflexão cuidada quando a invalidez do paciente é relativa, e sobretudo quando a mente do paciente está intacta.

Para além do tratamento de psicoses, a leucotomia tem sido usada nos últimos anos como forma de tratamento da dor crónica, sobretudo em casos de tumores malignos, mas também em estados de dor de outra natureza como o síndrome talâmico, nevralgias provocadas pelo vírus herpes zoster, crises de tabes, dores fantasmas pós-amputações e outros estados dolorosos em que outras diligências menos intervenientes não puderam ser tomadas ou não surtiram o efeito desejado. A ideia de tratamento da dor através de leucotomia não veio de Moniz mas sim de Freeman e Watts, embora a ideia fundamental seja a mesma do uso da leucotomia para tratamento da psicose, nomeadamente a eliminação da tensão emocional que se segue a cada experiência de dor intensa. A consciência da dor propriamente dita não é afectada pela leucotomia, visto esta não atingir as vias sensoriais ou os centros da dor, enquanto que a vivência subjectiva da dor é alterada profundamente. É verdade que o paciente sente dor como antes, mas experiencia essa dor de forma diferente ao ser retirada a componente afectiva. Se perguntarmos a uma pessoa leucotomizada se tem dores, ela responde quase sempre afirmativamente, mas ao mesmo tempo mostra-se satisfeito e dá-nos a impressão de que não se preocupa com isso. Os narcóticos que antes da operação eram consumidos em grandes quantidades podem ser dispensados, o sono e o apetite mantêm-se inalterados. Existe hoje em dia uma grande experiência sobre a leucotomia realizada como tratamento da dor. Podemos contabilizar que 2/3

dos casos operados ficam completamente livres de dores, na medida em que não se queixam espontaneamente de dores, os narcóticos são dispensados completamente e o sono fica inalterado. Da restante terça parte a maioria teve melhoras consideráveis, os narcóticos diminuíram em quantidade mas não foram retirados completamente, e num pequeno grupo o estado manteve-se inalterado. As leucotomias unilaterais são um pouco menos eficientes, assim como as topectomias e as leucotomias diferenciais, mas têm a vantagem de deixar a personalidade do paciente praticamente intacta, o que evidentemente é de grande significado para esses pacientes, que regra geral são psiquicamente normais. Este aspecto tem um significado menor quando o estado doloroso é provocado por tumores malignos e a expectativa de vida é curta.

Do que foi dito anteriormente parece comprovar-se que a leucotomia significa um avanço científico de grande significado, pela qual um número grande de psicoses, refractárias a outro tipo de tratamento ou com várias recidivas a seguir a tratamento de choques ou outro, puderam ser socialmente recuperadas ou de tal forma melhoradas que passaram a ser cuidadas em casa ou em enfermarias calmas. Uma das provas do grande significado terapêutico da leucotomia é a enorme procura deste tratamento que existe nos hospitais psiquiátricos do nosso país, e que ultrapassa em muito a capacidade que as nossas clínicas neurocirúrgicas podem prestar. Também como tratamento cirúrgico da dor a leucotomia parece ter um valor consistente.

Chegada a altura de tomar uma posição quanto à concessão do prémio, temos evidentemente que abordar a prioridade. Em conformidade com Essen-Möller, também eu julgo não haver dúvidas sobre a prioridade de Moniz.

Os fundamentos teóricos que serviram de ponto de partida a Moniz foram também em grande parte comprovados pelas experiências, apesar dos mecanismos das alterações profundas da vida mental que tomam lugar depois de uma leucotomia não terem sido ainda esclarecidos.

Em resumo, quero aqui expressar a minha opinião de que a descoberta da leucotomia por Moniz é uma contribuição de excepcionalmente grande significado prático e de interesse teórico significativo, razão pela qual julgo preencher bem os requisitos dos estatutos do prémio. A descoberta tem já 13 anos, mas é natural que um método de tratamento tenha de ser comprovado durante alguns anos antes de se poder calcular com segurança o seu valor. A descoberta de Moniz enfrentou de início uma grande desconfiança e o método começou a ser usado em grande escala somente vários anos depois de ter sido tornado público, razão pela qual só em anos recentes se publicou material suficiente que servisse de base à sua avaliação.

Estocolmo, 3 de Setembro de 1949.

H. Olivecrona

6.11 SINTESE: Anos das nomeações, identidades dos nomeadores e motivos invocados

